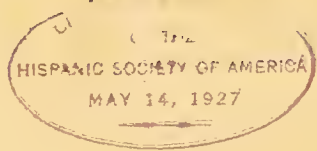
This edition is dedicated
with appreciation and respect to the eminent
Director of the National Library
of Lisbon
Xavier da Cunha

Publ No. 10

This edition of two hundred was printed in facsimile from the copy in the library of Archer M. Huntington, at the De Vinne Press, nineteen hundred and four

Cum preuilegio.

¶ Tauoada de toda las cousas que estam neste lyuro assy em ordē como nele vam ⁊ nas cousas de folguar acharam hum synal como este. ✠.

AAA

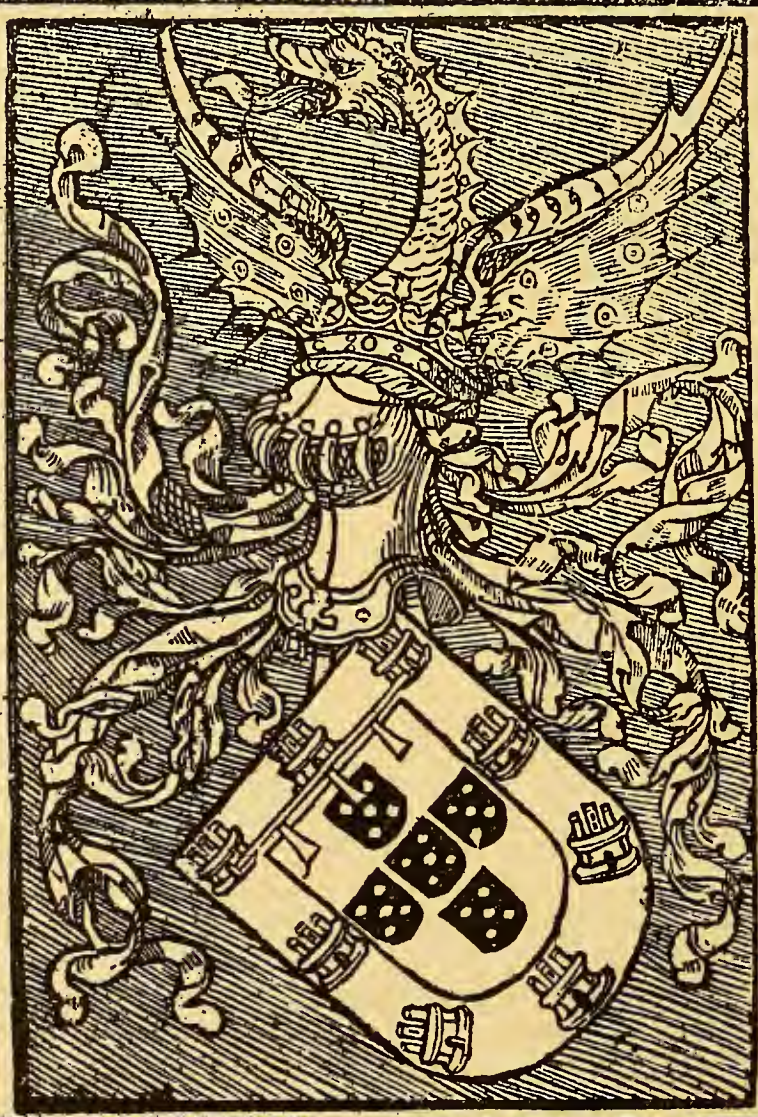
Delouuor.

Cousas de folgar

¶ Prologuo de garçia de rresende deregido ao prinçepe nosso senhor.

¶ Muyto alto ꝛ muyto poderoso prinçype nosso senhor.

Por que a natural condiçã dos portuguesses he nũca escreuerẽ cousa q̃ façam. sendo dinas de grande memoria. Muytos ꝛ muy grãdes feytos de guerra. paz. ꝛ vertudes. de çiençia. manhas ꝛ gẽtileza sam esqueçidos. Que se os escritores se quisessem acupar a verdadeiramẽte escreuer nos feytos de Roma. Troya. E todas outras antiguas cronicas ꝛ estorias. nam achariã mores façanhas: nẽ mays notaueys feytos: q̃ os que dos nossos naturaes se podiã escreuer. Assy dos tẽpos passados como dagora. Tantos rreynos ꝛ senhorios. çydades. vilas castelos. per mar. ꝛ per terra. tãtas mil legoas per força darmas tomados. Sendo tãta a multidão de jente dos contrayros ꝛ tam pouca a dos nossos. Sostidos com tãtos trabalhos. guerras. fomes. ꝛ çercos tã longe desperãça de sser ssocorridos. senhoreando per força darmas tãta parte de africa. tendo tãtas çidades. vilas. ꝛ fortalezas. tomadas. ꝛ cõtinuamẽte guerra sem nunca cessar. E assy guynee. sendo muytos rreys grandes ꝛ grandes senhores seus vassalos ꝛ trebutarios. ꝛ muyta parte de etyopia. arabia perssya. ꝛ hyndeas. onde tantos rreys mouros: ꝛ gentios: ꝛ grandes senhores sam per força feytos seus suditos ꝛ seruidores. Paguandolhe grandes parcas ꝛ trebutos. ꝛ muytos destes pelejando por nos debaixo da bandeira de cristos. Com os nossos capitaães contra os seus naturaes. conquistando quatro mil legoas por mar que nenhuũas armadas do ssoldam nem outro nenhum gram Rey nem senhor. Nõ ousam naueguar com medo das nossas. perdendo seus tratos. rrendas ꝛ vidas. Tornando tãtos rreynos. ꝛ senhorios: com ynumerauel jente aa fee de jesu cristo: rreçebendo agoa do ssanto bautismo. E outras notaueys cousas que sse nam podem em pouco escreuer. Todos estes feytos ꝛ outros muytos doutras sustançias. Nam ssam deuulgados como foram se jente doutra naçam os fizera. E causa ysto sserem tam confiados de ssy. Que nam querem confessar que nenhuũs feytos ssam mayores que os que cada huũ faz. ꝛ farya se o nysso metessem. E por esta mesma causa muyto alto ꝛ poderoso prinçepe muytas cousas de folguar ꝛ gentylezas. ssam perdydas ssem auer dellas notyçia. No qual conto entra a arte de trouar.

Que em todo tẽpo foy muy estimada: & com ella nosso senhor louuado como nos hynos & canticos que na santa ygreja se cantam sse veraa. E assy muytos emperadores Reys. & pessoas de memoria. Polos rrymanços. & trouas sabemos suas estorias. & nas cortes dos grandes prinçepes he muy necessaria na jentileza. amores. justas. & momos. & tambem para os que maos trajos & enuenções fazem. Per trouas sam castigados. & lhe dã suas emendas como no liuro ao diante sse veraa. E sse as que ssam perdidas dos nossos passados se poderam auer. E dos presentes se screueram. Creo que esses grãdes poetas que per tantas partes ssam espalhados nam teueram tanta fama como tem. E por que senhor as outras cousas ssam em ssy tam grandes. Que por sua grandeza & meu fraco entender nam deuo de tocar nelas. Nesta que he assomenos por em algũa parte ssatisfazer ao desejo q̃ sempre tiue de fazer algũa cousa em que vossa Alteza fosse seruido & tomasse desenfadamento. Determiney ajuntar algũas obras que pude auer dalgũs passados & presentes. E ordenar este liuro. Nam pera por elas mostrar quaes foram & ssam. Mas para os q̃ mays sabẽ sespertarem a folgar descreuer. E trazer aa memoria os outros grãdes feytos nos quaes nam ssam dino de meter a mão.

Pregunta que fez Jorge da silueyra a Nuno pereira porq̃ hyndo ambos por huũ caminho vynha Nuno pereira muyto cuydoso: ⁊ Jorge da silueira doutra parte dando muytos sospiros sendo ambos seruidores da senhora dona Lyanor da sylua.

Pregunta Jorge da silueyra: ⁊ rreposta de Nuno pereira tudo neste rrifam.

¶ Vos senhor Nuno pereyra
por quem his assy cuydando
Por quẽ vos hys sospirãdo
senhor Jorge da Sylueyra.

Jorge da sylueyra.

¶ Nam que eu sospiro jmdo
por quem cuydados me da
⁊ me vay assy ferymdo
que de todo destroymdo
me vay seu cuydado ja.
cuydar he causa primeyra
mas despoys deu yr cuydãdo
meus sospiros vam dobrãdo
ta matar a derradeyra.

Nuno pereyra

¶ Ter poder de sospyrar
asaz he senhor cunhado
pera mays desabafar
mas eu nam tenho lugar
ca motolhe meu cuydado.
porque he de tal maneyra
que por quem eu assy amdo
deve damdar preguntamdo
morreo ja Nuno pereyra.

Jorge da sylueyra.

¶ Poys vosso cuydar q̃res
esforçar ⁊ defemder
⁊ mostrar no que fazes
que moor pena recebes
que sospirar ⁊ gemer.
com fee de seruyr jmteyra
a quem nᵒ fere matando
vamos tristes demamdãdo
que julgar jsto nᵒ queyra.

Nuno pereyra.

¶ Semdo sa merçe comtẽte
qua ouuyrnos se emclyne
serey mays que rrecomtemte
que nossa que stão presente
⁊ la veja ⁊ determyne.
⁊ tenhamos nos maneyra
dyrmos petyção formamdo
de tal forma quẽ lha damdo
ela por nos lho rrequeyra.

¶ De Jorge da sylueyra ⁊ de nuno pereyra ãbos juntamẽte em modo de petiçam.

¶ Poys q̃ senhora naçestes
por dar morte ⁊ nunca vida
poys q̃ ambos nᵒ vençestes
cõ vosso mall que nᵒ destes
de morte não conheçyda.
que no all nᵒ desempare
de todo vossa merçe
sospirar cuydar decrare
quem se neles vyr ou ve
cuja morte maes secre.

¶ Desẽbargo posto nas costas desta petyçã por mãdado da dyta senhora.

¶ Se estes competidores
querem seguyr este feyto
ordenem precuradores
⁊ digam de seu dereyto.

¶ De nuno pereyra em que toma seus precuradores pa ajudarẽ sua temçã por parte do cuydado segundo mandado da dyta senhora.

¶ Eu paresta altrecação
tomo por ajudadores
Joam gomez ⁊ dom Joam
quajudem mynha temção
como meus precuradores.
⁊ façam ser esta cousa
nᵒ amores conheçyda
que quem sospyra repousa
⁊ hu cuydado bem pousa
nom tem sospyros nem vida.

¶ Jorge da sylueyra em q̃ satisfazendo ao desembargo toma seᵒ precuradores por parte do sospirar.

¶ Em cousa de ssy tam crara
escusado era debate
⁊ eu logo ho escusara
sa senhora o julgara
que me mata que nos mate.
mas poys vos senhor metes
rremo dajuda que vogue
vos jrmão acorrermes
em tam la comsultares
onde samgue se nam rrogue.

¶ Pera o qll vꝰ dou poder
tanto quanto posso dar
pera por myn rrequerer
allegar contra dizer
consentyr ⁊ a pelar.
Porem minhalma jurardes
como quer la ho dereyto
pera meus beẽs obrigardes
mas nam pera concertardes
ca ver vytorea do feyto.

¶ Seguese ho primeiro rre
zoado de dom Joam deme/
neses precurador de Nuno
pereyra por parte do cuyda
do contra ho sospirar.

¶ Ha ja tanto que nam vyuo
sem sospiros ⁊ cuydados
⁊ sem tanto mal esquyuo
que por myn tryste catyuo
bem podereys ser julgados.
Mas a vos senhor cunhado
não vos deu ca da judar
quem for muyto namorado
que quem morre de cuydado
elhe vyda sospirar.

¶ E mays jrdes preguntando
a quem vꝰ nam preguntaua
por quem his vos sospyrãdo
he synal quẽ jr cuydando
muyto moor payxam leuaua
Nam dyguo ja que fallar
foy synal de pouca pena
mas da pena quee cuydar
descanso he sospyros dar
⁊ sador he mays pequena.

¶ Os cuydados desygoaes
sempre deram mortaes dores
sospiros nam doem maes
que quanto sam hũs synaes
de quem sente mal damores.
Pello qual deuem de dar
sentença defenetiua
quee muyto mor dor cuydar
qua quem pode sospyrar
jnda tem por onde vyua.

Sua ha señora dõa lianor

¶ Señora poys vedes craro
que cuydar tem por comforto
sospyros ⁊ por emparo
nam leyxes de desemparo
morrer a quẽ vynha morto.
Nem julgues por afeyçam
sospiros por moor trestura
por nam ser contra rrazão
ho rreues em condyçam
do que soes em fremosura

¶ Rezões de Joam gomez
precurador de Nuno perey
ra por parte do cuydado cõ
tra ho sospirar.

¶ Moderẽ a çeso cuydado
amores cõ suas triscas
de pensamento forçado
com fogo desesperado
com sospiros sas fayscas.
Cuydado payxam ordena
cuydado nunca descansa
cuydado rredobra pena
cuydado nunca samansa
cuydado o sempre tem sena

¶ Os sospiros ⁊ gemydos
como fayscas sa pagam
com descanso dos sentidos
a quem sam atrebuydos
por que sospirando pagam.
Mas hũ cuydado muy viuo
nacydo no coraçam
do triste amador passiuo
he huũ cabo de payxam
qual mays nam sofre catyuo

¶ Quem sofre cuydado tal
sem topar algum rremanso
sofre fadiga mortall
⁊ payxam tam desygual
que nam da nenhum descanso
A pena que he mays fera
na vida de bem amar
cuydado que perseuera
quanto mays se o cuydar
he no que se deseespera

¶ E assy concrudo que
ho cuydado soo perssy
he pena que nam tem se
nem guarida em queste
segundo sempre senty.
Ho cuydado que comcluda
em gemydos ⁊ sospyros
com esperança sajuda
poes tem descansos agyros
em que seus males rremuda.

Sua ha dita senhora.

¶ Dama de grã fremosura
espelho das outras damas
lynda onesta fegura
dama da melhor ventura
das que sam ⁊ temꝰ famas.
Deue vossa senhorya
julgar o crime cuydado
por pena de namorado
sospyros por fantesia

¶ Rezões que deu Nuno
pereyra em fauor de seu cuy
dado ajudando seus precu/
radores.

¶ Narciso mácias morrerão
de soo cuydados vencydos
ho quantos em samdecerão
muy sesudos que perderão
com cuydados seus sentidos.
A que se chama pasmar
que cousa he esmoreçer
se nam querer abafar
sem poder essolegar
⁊ sospyrar he viuer

¶ Se o disesse ho ryans
⁊ jseu allegar posso
daryam quem se emgana
que sospyros sam oufana
cuydado quebranto nosso
der yam quem allegou
sospyros contra cuydado

nunca bem se namorou
ca o que a nos matou
mata todo namorado.

¶ Se os que sam ja finados
⁊ que damores morreram
podesem ser perguntados
oyriam que com cuydados
a vida ⁊ alma perderam.
A vida em esperando
com cuydados ⁊ tristeza
⁊ alma desesperando
eles mesmos se matando
cõ cuydar quee moor crueza.

¶ O cuydado desbarata
todos grandes corações
⁊ os aperta ⁊ os mata
com fantesias que cata
de desuayradas payxões.
Mas onde le anda manso
que sospiros de ssy manda
ie lemtam em ssy abranda
sospiros vem por descanso.

Sua a jorge da silueira.

¶ Oyz ma myn meu coraçã
porque ma isto nam calo
pera que vos dou rrezão
poys vos nam chega payxam
deste cuydado que falo.
Ca sse vos ele apertasse
asy como me le aperta
⁊ o voso assy penasse
diryeys que se julgasse
o cuydar por morte çerta.

Troua sua ha dita señora

¶ Cuydado de mynha vida
vos chamo sempre por nome
daqui vossa merçe tome
saa hi cousa mays sobida.
Ca cousa que se vos chama
por milhor nome que posso
ora vede se he vosso
quẽ de vos mesma brassama.

Cãtigua sua a dita señora

¶ O cuydado muy sentydo
dom de morte se mordena
he caues de ter marido
⁊ eu sempre minha pena.
E na quysto contemprando
vay creçendo descomforto
que desmayo em cuydãdo
⁊ cayo mil vezes morto.
⁊ fora de meu sentydo
com tal morte coal sordena
pera myn ver vos marydo
sem vos verdes mynha pena.

¶ Começão as razões por parte do sospirar cõtra o cuydado ⁊ logo frãcisco da syl/ueira procurador de seu jrmão

¶ Sachardes quẽ bẽ descarne
as rraizes do amar
dirnos ham que sospirar
he partyr alma da carne.
Poys sede bem conselhado
nam a podes o cuydado
com sospiros que sam morte
nem ha hy quẽ nos comporte
se nam fyno namorado.

¶ Nam vos engane cuydardes
que sabeis allegações
nem que valentaes rrezões
pollas bem aperfyardes.
Por que quem ha de julgar
nam naues vos denganar
nem lhe fazer entender
preto branco pareçer
nem bom vosso aperfyar.

¶ Porque sospirar nã vem
se nam ja de nam ter vyda
o cuydar cousee sabyda
coutros çem mil furos tem.
De mil cousas vem cuydar
assy comee de mandar
morgados ⁊ dar libello
entam fazer parte dello
pera vyr ao contestar.

¶ Nam vos allego passados
cabem craro he de saber
que com sospyros morrer
he ja çerto os namorados.
Mas alego vos comyguo
que desque amores syguo
sempre nelles andey morto
cuydar trazya comforto
sospyrar morte consyguo

Troua sua a dita señora.

¶ Se merçe fazer queres
em al se jaa meu cunhado
mas vyr de maes namorado
sospyrar nam lhe tyres.
Ca primeyro vem cuydar
⁊ pos ele o es mayar
entam logo o sospyro
que he senhora huũ tyro.
que faz vydas apartar.

Troua sua ao coudel moor em que lhe pede ajuda a seu cabo neste feyto em fauor do sospirar.

¶ Por çesar esta comquysta
sobresta perfya nossa
compre nos ajuda vossa
por a cousa ser maes vysta.
⁊ por jsto senhor queyra
vossa merçe ter maneyra
como nos aquy ajude
ca vysto he que mal comcrude
seu cuydar nuno pereyra.

¶ Cantigua sua cõtra estes q̃ a perfiar querem cõtra os sospiros.

¶ Galantes mal namorados
que fordes contro o que sygo
inda vos veja trarados
de sospyros tam queytados
co meu sam de quem nã diguo

¶ Se quer por ficar vingado
quando vyr alguem queyxar
oyr lhe ey mao namorado
por que eſcolheſtes cuydado
contro tryſte ſoſpirar.
Veja nᵒ todos tomados
na damygas mas demmigo
⁊ auy gaiardoados
das por que vyues penados
com eu ſam de quem nã dygo.

¶ Começa o coudel moor ſu as rrazões por pte do ſoſpyrar cõtra o cuydado enderẽçãdo ſua fala a oyta ſeñora.

¶ Poes me cõuem q̃ precure
por quem vyda tem ſogeyta
voſſa merçe me ſegure
que ſa crueza nam oure
a meſter nyſto ſoſpeyta.
Ca eu nam me marauylho
poys o feyto ja ſy vay
de nam dardes fee o pay
de quem morto a ves o filho.

¶ Pollo qual ſaquy acudo
he por iſer mays que forçado
poys payrões pelo meudo
ſoſpirar cuydar ⁊ tudo
he por voſſa mão lançado.
⁊ como quem ambos ſente
dyz que pode eſtar cuydar
ſoo per ſy mas ſoſpirar
nunca ſoo mas juntamẽte.

¶ Contra o que dom joam alegou.

¶ E vos ſenhor dom joam
ca legaes com treſta parte
ſey que ja vyſtes queſtao
que daua ſem dar payram
cuydado grande que farte.
⁊ vyſtes quem iſſa legraſſe
com cuydados que cuydaua
mas nam ja quem ſoſpyraua
que com prazer ſoſpyraſſe.

¶ Alguũs jndo camynhando
cuydando fora de tento
que fazes lhe preguntando
rreſpondem hya cuydando
em myl caſtelos de vento.
Mas fazendo tall queſtão
honde ſoſpyro iſe pouſa
rreſponde por hua couſa
que me chega o coraçam.

¶ Cõtra ho que diſſe joam gomez.

¶ E voo que de troua dor
calentaes os trouadores
como daes vos meu ſenhor
ho cuydado mays prymor,
quo ſoſpyrar nos amores.
Que ſe vos bẽ eiguardays
vos ſoſpiros nunca vyſtes
ſe nam com amores triſtes
quãdo dam penas mortays.

¶ Cuydados como ſabes
çerto couſas ſam geraes
cuydados achalos es,
no comprar quando cõpraes
no vender quando vendes.
Se mandaes couſas a frãdes
cuydado faz ſegurar
mas damores carregar
rretorna ſoſpyros grandes.

¶ Quem cuydado quer cõtar
cuydar he lançar em rrenda
cuydar he vyda tomar
cuydar he ſempre cuydar
cuydar cuydar na fazenda.
Cuydado tẽ quẽ tem brigas
cuydado quem tem demanda
outro cuydado ſe manda
com prazer não com fadygas

¶ Mas nã he ja couſa noua
ſoſpirar com mal damores
ca vſſe payram rrenoua
ſoſpirar me leua a coua
com ſeus grandes deſfauores
Soſpyros tryſtes que vem
rrefynãdo dos ſentydos
trazem ſeus pendões tẽdidos
pella fee que vᵒ nam tem.

¶ Contra ho que dyſſe nuno pereyra.

¶ Vos cunhado qua legaſtes
narçyſo tambem mancyas
nam ſey ſe lhe vos achaſtes
ou como cuydar cuydaſtes
que fez acabar ſeus dias.
Mas tu ſoſpirar que cortas
alma bofes antre danhas
nam alegas com eſtranhas
teſtemunhas que ſam mortas

¶ Alegayſme vos iſſeu
⁊ oriana com ella
⁊ falaes no cuydar ſeu
como que nunca ly eu
ſoſpirar triſtam por ella
Mylhor vᵒ poſſo alegar
quem diz me, males tobidos
es fazer los mys gemidos
y ſoſpiros el forçar.

¶ Mas por nã jr maes o cabo
do fallar com noſſos males
nyſto ſoo com voſco acabo
que dyſ outro nam por gabo
ſoſpyros anſyas mortales.
⁊ auy que ſe vos cata
cuydado vyda ſegura
lembrando ſa fremoſura
ſoſpirar por ell mata.

¶ Cõ as q̃es rrezões cõcluſo
vaa ſenhor o rrezoado
⁊ achares nelle confuſo
quem cuydado tem por vſo
ſe nã tem maes que cuydado.
Mas ſer morte muy jnteyra
ſoſpyrar negar nam poſſo
⁊ iſer vyſto pelo voſſo
voſſo jorge da ſylueyra.

¶ Do coudel mooꝛ a dyta senhoꝛa poꝛ fyn de seu rrezoado.

Poys vossa grã fremosura
nos pos todos em cuydado
conheça quem tem tristura
que poꝛ sa desauentura
sospyros lhe daes de grado.
Ca poꝛ ley dos amadoꝛes
o cuydar sospyrar ponho
cuydar he cuydar no gronho
sospyros vyuos amoꝛes.

¶ Cantigua q̃ da o coudell mooꝛ poꝛ maes decraraçam do sospyrar.

¶ O cuydar q̃ da cuydado
sem com ele sospyrar
sser de pouco namoꝛado
he cuydar.

¶ Quando cuydado sa vyua
em tempos que os payxam
da o tryste coꝛaçam
sospyros em voz esquyua.
Mas estar deles calado
mostra sem payxões estar
ou de pouco namoꝛado
sse causar.

¶ Seguese hũa protestaçã que fez o coudel mooꝛ poꝛ q̃ lhe foy dyto que alguũs erã rrogados de foꝛa q̃ ajudasem contra os sospiros.

¶ Honrrado tabalyam
ou escryuam
qual quer que soes deste feyto
poꝛ guarda de meu dereyto
vos dou esta pytyçam.
⁊ faço requerymento
que asentes com bom tento
neste auto que sesguarda
⁊ com todo huũ estoꝛmento
me dares poꝛ minha guarda.

¶ E com isto vᵒ rrepyto
sser me dyto
dalgũs grandes trouadoꝛes
que vem como valedoꝛes
escreuer ou tem escrito.
⁊ dygo que nam queyraes
assentar nem escreuaes
cousa que vᵒ dada seja
que muy bem o nam vejaes'
queu prymeyro o nam veja.

¶ He de sy logo no meo
que yrraceo
de vyr joꝛge daguyar
que me mata seu trouar
quando suas cousas leo,
⁊ poꝛem sede auysado
não vᵒ tome salteado
mas abꝛy muy bem o olho
⁊ aquy vᵒ solto cuydado
⁊ o sospyrar vᵒ tolho.

¶ De joꝛge dagyar que deu ajuda em fauoꝛ do cuydado contra o sospirar.

¶ Ante tanta fremosura
ante saber tam sobydo
ante quem syso sa pura
ey poꝛ muy grande bayxura
de bater no ja sabydo.
Que pera sua merçe
auer desser acupada
no que tam craro se ve
no que todo mundo cre
ey poꝛ cousa muy errada

¶ Cuydado faz nam doꝛmyr
cuydado faz nam comer
cuydado faz nunca rryr
cuydado em samoyçer
cuydado manter prazer.
Cuydado da myll payxões
cuydado da myl cuydados
cuydado myl coꝛações
cuydado myl namorados
tem feyto desesperados.

¶ Cuydado suas folganças
sao em muyto sospyrar
cuydado suas bouanças
todo seu desabafar
he em myl sospyros dar.
Sospyros sam testemunhas
sospyros sam pꝛegoeyros
sospiros sam caramunhas
dos cuydados ⁊ marteyros
dos amoꝛes verdadeyros.

¶ Mas quem pode sospyrar
vay de pena ja lyuando
⁊ quem nam pode fallar
em cuydando ⁊ magynando
vay seus dyas acabando.
Assy que quyta pꝛymeyra
poys soes tam namoꝛado
que falaes contro cuydado
senhoꝛ joꝛge da sylueyra
mas nam quyta a derradeira

¶ Muytos vy esmoꝛeçydos
cayr de grandes cuydados
com sospiros ⁊ gemydos
que e synal de rresurgydos
os vejo sempꝛa coꝛdados.
Assy que cuydado mata
⁊ sospyrar auyuenta
⁊ saquesta nam contenta
nam sey, quẽ maes rrezã cata
poes vᵒ esta tanto ata.

¶ Vede bem que perdyçam
vem de cuydado sofrer
holhay bem poꝛ dom joam,
que jaz ja pera moꝛrer
soo de gram cuydado ter.
⁊ poꝛ verdes que cuydado
traz consygo curta vyda
nunqua vystes descuydado
que lha nam vyeseys cõpꝛyda
mays que todos sem mcdyda.

¶ Cantigua sua que daa cõtra os sospiros.

¶ Sospiros nã me pꝛasmeys
poys soes todos fengydoꝛes

dyzer vos que mereçes
nunca ſſer crydos damores.

¶ Com bꝛaados deſentoados
cuydaes de me fazer crer
que vindes denamoꝛados
que vindes depadeçer.
Ja me nam enganares
oy nꝰ de mill deſſauoꝛes
poys ſey que nunca naçes
ſe nam dos maes fengidoꝛes.

¶ Do coudel mooꝛ em foꝛ/
ma da rrezoado poꝛ parte do
ſoſpirar em q̄ rel põde a eſtas
de joꝛge dagyar

¶ Voſſas copꝛas rreçeando
tynha feitos meus pꝛoçeſſos,
mas poys ſe ve deuulgando
pelo que mys alegando
rreuoluer compꝛe dejeſtos.
Que çerto vo ſalegar
vay per maneyras fundado
que cuydar fara cuydar
que pꝛeçedo o ſoſpirar
v nam toꝛ bem eiguardado.

¶ Fũdaſtes endardes nome
de mill modos o cuydado
⁊ ſy a quem vos aſome
far lhes cum eſpanto tome
que fyque coma ſombꝛado.
Mas olhando a calydade
deſte negro ſoſpirar
achares hũa verdade
de hũa contoꝛmidade
quee jamaes que rrecuydar.

¶ Alegaes que o cuydar
em ſoſpirar tem folgança
poys como pode matar
o cuydar poes ſeu folgar
tam pꝛeſtes mente ſalcança.
Tam bem dizes queſmoꝛeçe
quem ſofre grande cuydado
mas jſto mays ſaconteçe
em quem ſe trata padeçe
ſe ve do bꝛaco ſangrado.

¶ Mas poſto nã outoꝛgado
que com cuydar leſmoꝛeça
vejamos nam jaz folgado
quem nam ſente ſeu cuydado
nem doꝛ grande que padeça
Poys quando lhe vem auea
que ſe toꝛna ſenſetyuo
ſoſpirar com que deſcrea
lhe da tanta maa eſcrea
que milhoꝛ moꝛto que viuo.

¶ Ea ſy daqui concrudo
que ſoſpirar, tem o cume
⁊ quamoꝛes tenham tudo
ſoſpirar pelo meudo
de payxões faz mooꝛ velume.
Nam da vida mas da moꝛte
nem folgar mas da triſtezas
ſem azar nunca faz ſoꝛte
faz o mal bꝛando muy foꝛte
todo ſeu bem ſão cruezas.

Sua a dyta ſenhoꝛa.

¶ Senhoꝛa grande ſenhoꝛa
que poder tem ſobꝛe tantos
lançe cuydados defoꝛa
poes ſoſpiros em foꝛtoꝛa
tem conſygo taes quebꝛãtos.
Mandenos voſſa merçe
julgar eſta deferença
ca poys ſa verdade ve
ſenhoꝛa mandar quere
que nos dem noſſa ſentença.

¶ De dom joam de meneſes
em modo de rrepꝛycaçã poꝛ
parte do cuydar cõtra o ſo/
ſpyrar.

¶ Senhoꝛ joꝛge da ſylueyra
nhũa copꝛa dyzes vos
cuydar he couſa pꝛimeyra
polo quoal a derradeyra
vos meſmo falaes poꝛ nos.
Que poys p̃meyro cuydamꝰ
chamaremos o cuydar
⁊ os ſoſpiros hũs rramꝰ
de tryſteza que leuamꝰ
em cuydar.

¶ Voſſo jrmão anda deuoto
de ſſer contra o queu faley
mas eu juro ⁊ faço voto
que lhe vy trazer poꝛ moto
cuydado que vꝰ farey.
Mas deſque ſe lhe caſou
poꝛ quem veuya penado
ſoſpirou pelo paſſado
⁊ deſpoes que ſoſpirou
nam ſentyo mays o cuydado.

¶ Suas enderençadas ao
coudel mooꝛ.

¶ Se poꝛ alegar cantyga
cuydaes de vençer poꝛ arte
jnda tendes mays fadyga
que conuem ſenhoꝛ que dyga
das que ley poꝛ mynha parte.
Poꝛem quero que ſaybaes
que ſe foſſeys namoꝛado,
rrcryeys das que falaes
que ſey que vꝰ nam lembꝛaes
del doloꝛ de mym cuydado.

¶ E outra tenho guardada
pera voſſa perdiçam.
a quoal foy tã bem cuydada
que pareçe quee tyrada
do meu triſte coꝛaçam.
Com eſta ſam eu perdido
com eſta ſera ganhado
quem foꝛ do noſſo partido
myns querelhas he vençido
ſiempꝛe me vençel cuydado.

¶ Pelo qual de vos meſpãto
poes vos ſoes o meſme paço
⁊ ſabes quee tall quebꝛanto
o cuydar que nam doe tanto
a moꝛte com gram pedaço.
⁊ meus cuydados eſtranhos
alegar poꝛ ſſy em vyam
poꝛ todos fycardes manhos
que ſoſpiros dam tamanhos
na rrua onde nam fyam.

¶ Mil boçyjos vy quebrados
em sospyros que mostrauam
sser do coraçam tyrados
mas aquelles que os dauam
sospyrauam dem fadados.
Ay mays da ma falsamente
sospyrar mas sospiraua
por que se nam despejaua
a casa de toda a jente
por se jr quem lhe falaua.

¶ Dõ vasquo myl dados tẽ
por mynha senhora ⁊ fylha
de vossa merçe tam bem
mas nam sera marauylha
querer lheu muyto moor bẽ.
⁊ ella se dem fadada
estando cos seruidores
sospira pola pousada
leuantay quee namorada
ou que vem jsto damores.

Sua as damas.

¶ Senhoras poys sospyraes
por peregos por melão
por peras fygos orjaes
marmelos vuas ferraes
aas vezes por queyjo epam.
Confessay que quem sospyra
nam faz nada
que sospyros sam mentyra
cuydar dor que se nam tyra
sem sser muyto bem cuydada.

¶ Cantiga sua em fauor do cuydado.

¶ Leuo gosto em padeçer
leuo gosto em sospyrar
leuo gosto em me perder
mas cuydar no qua de sser
dante mão me quer matar.

¶ Mas nunca farey mudãça
porque quanto mays penar
tanto muy mayor lembrança
leyxarey quando leyxar
vyda tam sem esperança.
Cuydar faz adoeçer
cuydado desesperar
cuydado me faz morrer
mas porem torno a vyuer
como posso sospirar.

¶ Responde françisco da silueyra ao moto que lhe a põtou ⁊ as cousas pasadas que lhe alembrou.

¶ Renouar dores passadas
escusareys dom joam
por mas na dardes dobradas
que assaz tenho leuadas
sofrydas sem galardam.
Meteestes mays huũ casar
de por quem viuo namando
por maes asynha fundar
a quem soo por lhe lembrar
sospiros lhe stao tirando.

¶ Inda vos nam sabes bem
que dores fazem lembranças
quando se fazem de quem
nenhuũ rremedio ja tem
mas antes desesperanças.
Se vos foreys namorado
tanto com eu sam perdido
nam ma lembreys passado
por vꝰ eu contro cuydado
neste preyto ter vençydo.

¶ Pera nam serdes tachado
por nam sser vosso louuor
se quisereys por cuydado
em outra guysa a legado
fora sem me dardes dor.
Mas coma quem se rreçea
da maa querella que tem
pasada payram no mea
com que meu syso rrodea
a me nam lembrar ninguem.

¶ Dyzes senhor que mandey
moto ja em que dezya
cuydado que vos farey
por elle vꝰ prouarey
que e boa minha perfya.
Preguntaua que farya
o cuydado nam sospiro
por que o cuydar sabya
que rremedeo se daria
mas nam o com que sospyro.

¶ Se por me lancardes fora
cuydaites que vençereys
fostes la muy em fortora
poys fycaes com quẽ nhũ ora
vꝰ fara crer o que mal cryeys.
Mas a quy nã presta manha
que cuydaes vençer por arte
buscaylh ontra dor estranha
que lhe de pena tamanha
que vꝰ leyxe sua parte.

¶ E entam desque fycardes
vos ⁊ quem todos sooes hũs
poderes desque cuydardes
⁊ vꝰ bem a conselhardes
sospyros dar por nenhũs.
Ca despoys que juntos fordes
sem contra vos sser ninguem
poderes tyrar ⁊ poerdes
⁊ nam fazer mas despoerdes
do dereyto a quem ho tem.

¶ Sua a dyta senhora em q̃ lhe pede vyngança de dom joam.

¶ Quys dom joam alegar
quem cem mil dores me deu
por mos sentydos trouar
⁊ me fazer desuyar
senhora o prucurar meu.
Peco vos delle vyngança
⁊ leyxo o mal de meu jrmão
ca por me fazer lembrança
de quem perdy esperança
me cae a pena de mão.

¶ Do coudel moor em que rresponde ao que dysse dõ joam contra ele ⁊ da estas é

fauor do sospirar.

¶ Poys quisestes rrepricar
com querelas alegardes
e queres a rrapiar
o cuydado e o cuydar
pera o mays arrapiardes.
Sospirar alegaraa
o triste que sabereys
que dezia entray laa
sospiros leyxae me jaa
com meu mal nã me mateys.

¶ Sospyrar esta prouado
que nunca traz interese
mas traz mal continuado
quebrada desesperado
o quem vista nam ouuesse!
Pera meus danos dobrados
cada dya me conuida
e dyz sobre meus cuydados
com sospiros tam forçados
darem cabo a mynha vida.

¶ Nuũ falar nã muy donoso
caba qui poys o quysestes
quando am dalguũ cuydoso
dyz por ele o graçioso
vos q̃ carraquas perdestes.
Mas o sospirar dobrado
vejo andar com dessauores
dygo ca em meu calado
sanda bem apassionado
aquele com seus amores:

¶ Ou nam fyam nam fyees
nam rreçebo aqui tal proua
mas das damas que dizeys
rrespondo que ja sabeys
ca mays doçe maes em noua.
Quem sospira por pousada
tem pesares do serão
ou payram sobra gastada
pelo quoal nam desfaz nada
o feyto de seu irmão.

¶ Do coudel moor a dyta
senhora em que lhe pede ou/
tra vez sentẽça pelo sospirar

¶ O que vᵒ senhora dygo
olhe vossa fremosura
com sospiros ma fadigo
porque dobram quãdo sygo
mynha moor desauentura.
E poys sser nam he cuydado
o sospiro nem chegar
saya deste proçessado
o de todos e mandado
que os mate o sospirar.

¶ Cantiga do coudel moor
em fauor do sospirar pellos
mesmos consoantes da que
fez dom joam em fauor do
cuydado.

¶ Por meu triste padeçer
me mata meu sospirar
mas que me veja perder
cuydando que pode sser
nam macabo de matar.

¶ Nam posso fazer mudãça
das forças de meu penar
mas vem me triste lembrãça
por sospiros nam leyxar
leyxando mynha esperança.
Faz ma ssy adoeçer
contino desesperar
que vida mee ja morrer
e nam por vida viuer
com tal mal de sospirar.

¶ De pero de sousa rrebey/
ro ajudando o sospyrar.

¶ Eu nam posso falar mal
na quysto que sam chamado
poys sospiros e cuydado
tudo tam mal empregado
em mym nunca vejo all.
E porque o sey tam bem
dygo como quem o sabe
que cuydados cousas tem
que no sospirar nam cabe.

¶ No cuydado ha cuydar
em mym tem aconteçido
que quem muyto prefyar
e seruir sem anojar
a veram dele sentydo.
Vede ca manho conforto
tem quem se quer em lear
mas o triste sospirar
he offiçio dome mmorto.

¶ Aqueste nam da vagar
pera myl confortos vaãos
este nam leyxa folgar
este he o que matar
vay assy com suas maãos:
Aqueste nam tem parçeyro
pera sser aconselhado
toma logo o mal primeyro
o que nam faz o cuydado

Sua a nuno pereyra.

¶ Vos senhor nuno pereyra.
vede muy arrependydo
ó ca quy tendes metydo
por nam sser todo perdydo
dae com el em outra feyra.
e se nam achardes venda
da perfya que tomastes
eu vᵒ quyto a emmenda
poys jo trabalho leuastes

¶ Cãtyga sua em fauor do
sospirar.

¶ Nam queyra nynguẽ falar
em falar tam escusado
como dyzer co cuydado
he igoal do sospyrar.

¶ O cuydado he grã prazer
que prazer he ter espaço
em comem possa dyzer
quanto mal nysto amyn faço.
e por isto escusar
deue qual quer namorado
de dyzer que o cuydado
he igoal do sospyrar

¶ De nuno pereyra a dyta señora em q̃ pede por estas copras de pero de sousa lhe dem a seguynte pena.

¶ Nam a hy nenhũa cousa em que se graça nam meta prouo pela chançeleta que meteo pero de sousa.
E poys vossa merçe me de ꝛ todos dereyto guarda posto que le auam pede de selhe porem albarda:

¶ Sua a pero de sousa por q̃ disse q̃ os sospiros tynhã maãos cõ q̃ se matauã ꝛ q̃ fo se vẽder o cuydado a outra feyra.

¶ Em hũa copra metes hũa soo rrezam que ata a mester que a proues poys que sospyro dyzees que tẽ maãos cõ que se mata.
Day testemunha jurada ꝛ nam fales por semelha vestis lhe capyrotada ou sayo com eu seada ou sombreyro congedelha:

¶ Vj buscar quem vᵒ entẽda que eu nam sam tam letrado que tam alto me estenda em saber como se venda em canastras o cuydado.
Como se pode fazer per alqueyres tal medyda como se pode vender o cuydado sem auyda.

¶ Nam he falar de galante quẽ cuydado vem da cayba vossa morte quere ante que por dona violante hũa tal cousa se sayba.
Fazes do paço mercado jsto nam no sayba el Rey pelo vosso calarmey por nam serdes degradado.

Sua a dyta señora em q̃ faz por sua pᵗe o feito concruso.

¶ Vejo tam grande procesſo ꝛ tam gram prolixydade que dem fadado ja cesso a legar mays na verdade ꝛ va o feyto ja concruso ante quem morte mordena jorge da silueyra acuso cuydado lhe dem por pena.

¶ Do coudel moor a dyta senhora sobre hũ correo que de deos do amor lhe chegou a gram pressa por vyr ante de se dar sencença neste feito

¶ Tendo ja meu rrezoado pera mays nam rrezoar ꝛ a faz bem decrarado como nam chega cuydado pelos pees o sospirar.
¶ Da corte damor me veo hũu correo sobreste feyto a gram pressa com estas copras que leo, com rreçeo de se nam tornar a vesa

¶ Seguese as copras com q̃ chegou este correo q̃ logo deu ꝛ forã vystas pola dyta señora a q̃ vẽ enderẽçadas.

¶ Deos damor ẽ ssa cadeira cos de seu conselho estando vendo jorge da sylueyra andar com nuno peyeyra em seus males altrecando:
sabendo questa perfya ante vos sa derençaua quys dar forma toda vya como vossa senhoria vysse o que determinaua:

Chamou logo hũ sacretareo ho mays fyel que achou ꝛ mandou fazer somaryo costante nam voluntareo do que se determynou.
No qual logo em coprimẽto porque seu seruyr sallegue pera vosso auysamento senhora fez hũu assento da cantigua que se segue.

¶ Cantigua q̃ o secretareo de deos damor fez por seu especyal mandado pera mais decraraçam deste auto.

¶ Sospiros gram sospyrar he cousa tanto damores que semganam fengydores com ellas parem ganar.

¶ E por estes quasy ousam fengyr verdades de craro que sospyros custam caro honde seus males se pousam.
Poys que mays autorizar queres estee mal damores poys sospyros sam senhores de matar com seu matar.

De nuno pereyra em modo de petiçã a dita senhora por q̃ lhe foy dito q̃ a pᵗe cõtrai/ra daua ẽformaçã de fora.

¶ Foyme caa dyto senhora que o quee contra mym pᵗe vem com petyçam de fora por mostrar que quer agora meter outros modos darte.
Quer demanda perlongada por se mostrar mays agudo eu nam dou por ysso nada nam seja cousa assentada sem auer vista de tudo.

¶ Seguese mays hũas rre/zões q̃ deu nuno pereira pro uãdo a sua pᵗe do cuydado.

¶ Quem salgũas vezes vyo
nhũ cuydar cõtemprativo
se o muyto perseguyo
diga que pena sentyo
se se vio morto ou vivo.
Ou sse se ne se lembrava
de cousa quẽ tam fazia
quando ẽ grã cuydar estava
se lhalguem em tam falava
se somente rrespondia.

¶ De morte nam conheçyda
causada de gram payxam
o cuydado em curta vida
que e hua chama ençendida
em que arde o coraçam.
Sospiros pelo contrairo
poys donde cuydado estaa
acudem por dar rrepairo
a dor grande que lhe daa.

¶ Disseme que me goardasse
o doutor mestre rrodrigo
de cuydar. ⁊ que e cuydasse
so cuydado me tomasse
quera jaa morte comygo.
Ca cuydar nam no curava
fiseca nem solorgya
⁊ mays se o dama dava
que servirla nam prestava
⁊ leyxar nam na podia.

¶ Cãtigua sua q̃ hofereçe a
dyta senhora cõ estas rre/
zões allegadas.

¶ Que saybaes q̃ hũ de nos
senhora por vos sospira
do cuydado que se tyra
eu o tenho ja por vos.

¶ Eu o tenho ja senhora
pera ne le padeçer
quem se de le tyra fora
maes deseja de vyver.
Qual merçe mays de nos
elle em quoanto sospira
ou eu de quem se nam tyra
cuydado que vem de vos.

¶ Do coudel moor ha dyta s
señora sobre hũas testemu/
nhas q̃ ouve despois do fei/
to ser cõcruso as quaes daa
em favor do sospirar em mo
do de enformaçam.

¶ Senhora valhame deos
valhame vossa merçe
valeme senhora vos
poes meu agravo se ve.
Hua testemunha tenho
que no caso desta afronta
fara muyto a meu dereyto
⁊ poys inda a tempo venho
pagarey todo o que monta
mandaya asemtar no feyto.

¶ Nam corre nella perigo
delhe porem sospeyçam
faz muyto aquel artygo
que fala do coraçam.
Hedyna de rreçeber
poys q quodado morrer quys
bradava mataymeja
nem me leyxeis mais viver
sospiros pues que venys
du myn coraçam esta.

¶ E por mays decraraçam
dos sospiros serem pena
vꝰ alego a definçam
damores per Joam de mena.
A quoal dyz ẽ seus decretos
por seus males concrodir
⁊ amores decrarar
sam dulçes males secretos
huũ sospirar ⁊ gemyr
huũ vergonçoso lhorar.

¶ Outra tinha pera dar
que se eu tempo tyve se/
poderia bem provar
por elas quoanto quisesse.
Mas vossa gran descriçam
sente see maes padeçer
o cuydar se sospirar
que e parte de perfeyçam
sentylo sem no saber
a belo sem no gostar.

¶ Cãgua sua q̃ daa cõ o di/
to das testemũhas a dita se/
hora em favor do sospirar.

¶ Sospiros nõ podem ser
sem sser cuydar
cuydados se podem ver
ssem sospirar.

¶ Assy que sospiros loguo
tem seu mal ⁊ o alheo
nem he meu cuydado cheo
se sospiros lhe rrevoguo.
Cuydar se pode manter
sem sospirar
mas sospiros nunca ser
sem ser cuydar.

¶ Desẽbargo posto per mã
dado da dita senhora nas
costas desta enformaçam ⁊
rrazões q̃ por parte do sospi
rar foram dadas.

¶ Estas rrezões que se dam
⁊ salgũa mais sse der
toda sente o escrivam
digua mais quẽ mais quiser.

¶ Trovas do coudel moor
ao escrivã do feyto rrequerẽ
do q̃ asente no feyto as de
joã gomez q̃ deu por o cuy/
dado por q̃ sespera ajudar
dellas em favor do sospirar.

¶ Os dalide contestada
sescrivã tem boõ por marco
crem no como hũ sam marco
avangelista formada.
Ca nam mingoa nẽ acreçẽta
nem rrisca nem tira folha
as partes ambas contenta
ygoalmẽte tudo assenta
porque falso nõ acolha.

¶ Porem deueis assentar
neste auto neste mero
hũas trouas hũ trouar
de joam gomez que foy dar
das quaes ma judar espero
Pois logo com arreposta
asentay todas aquelas
por vermos onde sacosta
quẽ cuydar sospirar gosta
ou quẽ mays prouar por elas

¶ Seguese as trouas de joã gomez por pte do cuydado as quaes andauã de fora do feyto e arreqrimẽto do coudel moor forã tornadas a ele

¶ Señor coudel moor cuidais
por fazerdes muytas cobras
com mil graças que falays
que nᵒ encasameays
outras verdadeyras obras.
Mas com falar ⁊ falar
sem concludir
⁊ trobar ⁊ mays trobar
mal vᵒ vejo de çernir
cuydado sospiros dar.

¶ Onde vos virdes desejo
que desejo deua sser
posto que seja sobejo
quer com pejo quer sem pejo
sospiros podereys ter.
Causa desysto prouar
he de vulgada
se deleyte es desear
quanto mas ser deseada
esta nam podeys neguar

¶ E vos sospirar meteys
em caso de baronia
⁊ sospirar defendeys
⁊ que seia vos quereys
de pedro quer de maria.
O galante por quem ama
se des vela
com cuydado ⁊ por fama
podera sospirar dama
por quem seu sentido vela

¶ Mesturastes os cuydados
damores da saluagyna
nesses vossos rrezoados
os meus nõ tendes gostados
nem sabes sua doutrina.
Cuydado he de tal rraça
o naçimento
que se nam sofre de graça
e quem sa poja mal caça
nom sa por aborla vento

¶ Vos quisestes desfazer
no mal que faz o cuydado
⁊ quereys me encarcçer
o sospirar ⁊ gemer
⁊ o mal deles causado.
Mas a verdade falar
poys nam empolgua
deuese de confessar
queste vosso sospirar
nũca quebra nem amolgua:

¶ Polo qual desenguanae
quem vᵒ troure esta questam
⁊ vossa reyma leyrae
mas saybeste que vᵒ cae
em estreyta obriguaçam.
Porlhe dardes desenguanos
do que faz
⁊ conheça seus enguanos
confessando nos os danos
q̃ cuydado sempre traz.

¶ Do coudel moor ẽ que rresponde a estas de Joã Gomez em fauor do sospirar.

¶ Vosso sobydo trobar
meu saber todo desmancha
mas cuyday que com cuydar
quanto mais quereys cortar
tanto mays serys de pancha.
Dizeys que vossos cuydados
nũca rrepousam nem folguã
e entam bem apreçiados
quanto mais examinados
sospiros menos amolguam:

¶ Nam vᵒ presta que digays
cuidados dam muyta pena
nem que sam males mortaes
se o nam autorizaes
per teystos de joam de mena.
Destunhyga ou aguylar
ou per bos termos ⁊ meos
ca vᵒ nom val aleguar
sem o aleguado prouar
disto sam os liuros cheos.

¶ Dizeys me que faz desejo
sospiros acrecentar
eu confesso se lhe vejo
por tempo curto sobejo
vyr algũ desesperar.
E poys ser desesperado
os sospiros desatina
em tempo tam mal guastado
sospirar dalma lançado
em paytões se determina.

¶ Co desejo calegays
days peorada ẽ vosso escudo
por que quando desejaes
se vᵒ nisso deleytaes
de vos mesmo vᵒ concludo.
Poys deleyte he desear
argumento he de fazer
cuydado traz desejar
desejo traz deleytar
ergo cuydado prazer.

¶ Das outras ptes mescuso
por nelas mays nõ dobrar
sospirar vᵒ tem confuso
per custume ⁊ per boõ vso
per antigũa posse estar.
Per boa confirmaçam
que temos de Joam de mena
Joam rrodriguez del padram
manrrique ⁊ quantos ssam
hã sospiros por moor pena

¶ Mas sy ha quẽ crer se peja
estes doutores modernos
por que mays craro se veja
creamos a santa egreja
que segura dos infernos.

poys olhay quãdo rrezamos
a nossa salue rregina
nam diz ella em ty cuydamos
mas diz a ty sospiramos
por a cousa ser mays dyna

¶ Troua sua q̃ daa por cabo de seu rrazoado em que con/cludindo pede a senhora que lhe mande dar sua sentença.

¶ Que digays q̃ deyte a longe
meus ditos de papa saal
por que disso estou muy longe
quando vꝰ meterdes monge
cuidarey que disse mal.
Mas peço com rreuerença
ha senhora que nos cumpra
de justiça com femença
⁊ nꝰ mande dar sentença
que torno pedir vt supra.

¶ Cãtigua do coudel moor q̃ da cõclúe seu rrazoado por mais decraraçã do sospirar.

¶ Cuidando rremedarme
nom sinto tanto perderme
desesperando valerme
sospiros querem matarme

¶ Em meꝰ males ter sahyda
cuydando tenho descansso
⁊ cuydando mynha vida
poder ser rrestituyda
cõ minhas payxões a manso.
o cuydar faz consolar me
se cuydo poder valerme
mas hu nam sey socorrerme
sospiros querem matarme.

¶ Desembarguo q̃ a sẽhora mandou por no feyto pera satisfazer ao dito das partes antes de dar sentença.

¶ Se mays querem rrezoar
sobelo que e allegado
de se a vista ho cuydado
⁊ despoys ho sospirar.

¶ De dõ joam rrezoãdo contra o sospirar pedyndo a senhora que nam desse sentença ate elle nam seer sam ⁊ nam dar luguar a proua.

¶ Senhora ca castelhanos
senhora ca purtugueses
a poder de desenguanos
a vida de muytos ãnos
lhe tyraes em poucos meses.
Estou cos pees pera a coua
por ysso nam faço troua
mas visto minha doença
nam deues de dar sentença
te nam dar luguar a proua.

¶ Pay ⁊ filhos muy pfeytos
que sayba poucos dereytos
⁊ poucas allegações
synto todalas payxões
que sam ꝓuas de taes feytos.
Que minhalma ⁊ miha vida
em mym ⁊ meu coraçam
jaz mays tristeza metida
mays dores ⁊ mays payxam
do que pode ser sabida.

Mas por verdes quẽ amores
he cuydar das mores dores
que les tem poder de dar
sendo vos contro o cuydar
fostes seus ajudadores.
E alegays contra cuydados
algũs pontos muy fallsylhos
em que estays tam emleados
que poderes ser tomados
ho pay ⁊ depoys os filhos

¶ E se todos nam a ponto
he por nam fazer huũ conto
muyto moor cogalarim
se laa achardes a mym
em erro va em desconto
Porem soo pelo quem tendo
ey de vos senhor piadade
por quẽ estas copras lendo
sey caues destar dizendo
day ho demo diz verdade

¶ Cõtra frãçisco da syluey/ra por que se queyxou de lhe lembrar cousas. passadas.

¶ Vos senhor yrmão de quẽ
ha todo meu mal por bem
por fazer de vos penado
chamays me mao namorado
mas bem sey dom disto vem.
Porem poys vꝰ faz penar
ver que voltas dam amores
systo lembra com cuydar
peraquy posso prouar
que e cuydar cume damores

¶ Que cuydar triste penando
faz lembranças do passado
cuydar lembra o ca devir
sospiros sam rresurgyr
da morte que daa cuydado.
Cuydado traz ha memorea
memorea de mil tristezas
tristeza vꝰ da por grorea
porem grorea ⁊ nam vitorea
nunca da contra cruezas

¶ E poys do cuydar sordena
grande door ⁊ nam pequena
vos bem m̃e podes culpar
que vꝰ de em que cuydar
mas cuydar vꝰ deu a pena.
Pelo qual deues chamar
vos ⁊ quem viues penado
dos sospyros descãnsar
do cançaço que e cuydar
mas a door he o cuydado.

¶ Cãtiga sua ha dita senhora sobre françisco da syluey/ra que lhe pede delle vinguãça por que diz q̃ lhe fez cayr a pena da mão com cousas que lhe lembrou.

¶ Senhora poys que sordena
do cuydado grande pena
⁊ o sospirar a tyra
conheçe que quem sospira
nam na tem senam pequena.

¶ E quem diz que de payxam
lhe cae a pena da mão
chamaylhe mao namorado
que quem tem algũ cuydado
vem lhe myl do coraçam
E por verdes que sordena
do cuydar dor nam pequena
⁊ que sospirar a tyra
a todo homem que sospira
lhe veres cayr a pena.

¶ Endereça sua fala ao coudel moor ẽ fauor do seu cuydado.

¶ Vos sñora a quẽ nam sabem
louuar vosso mereçer
vos a quem por mays q̃ gabẽ
das vertudes quem vos cabẽ
as maes fycam por dizer
Cuydando ja quera morto
de payxam de desconforto
quysestes naqueste feyto
fazer do torto dereyto
⁊ a quem tem dereyto torto.

¶ Mas por naquesta questam
sabello que sey agora
fuy tanto pella payxam
que cheguey ao coraçam
em que todo pesar mora,
No qual cuydado mataua
ho qual cuydado penaua
ho qual de cuydar morria
mas com quanto mal sentya
de ssy mesmo se queyxaua

¶ Ay que estaua cercado
de tristezas ⁊ de dores
de payxões a companhado
metydo em gram cuydado
cuydado triste damores.
Mas do que lhe preguntey
⁊ da rreposta quachey
se quyserdes ouuyr nouas
hy lendo por estas trouas
⁊ nelas volo dyrey.

¶ Preguñta sua ao coraçã.

¶ Coraçam que tantos dyas
ha que viues tam penado
que viuendo nam veuyas
coraçam que o demanças
nunca foy tam namorado.
Coraçam leal amante
de quem te nam quer por seu
coraçam que sendo teu
es de dona violante.

¶ Tu que viues sem sser vyuo
tu que morres de payxam
tu que sentes mal esquyuo
coraçam triste catyuo
seruo doutro coraçam
E aynda sejas amado
sospirar cuydar coytado
dy q̃l as por moor tormẽto
rrespondeo quera hũ vento
sospirar pero o cuydado

¶ Preguntey por que fyzerõ
sospiros leyxayme jaa
rrespondeo nam no dyxeram
seles minha dor tyueram
mas nam na tem quẽ os daa.
Preguntey despoys daquysto
de quem era tam mal quysto
quem lhe daua tal payxam
rrespondeo dhũ coraçam
que nam sente nada dysto.

¶ Quys ver como defendia
sospiros ansyas mortales
rrespondeo sem alegria
mylhor disse quem dezya
ay myns cuydados ẏ males:
Conteylhe do graçioso
que preguntou o cuydoso
quantas carraquas perdera
rrespondeo que conheçera
nele quera cobyçoso.

¶ Que cuydado nã soomente
em tristeço o namorado
mas ha toda outra jente
faz que vyua descontente
como tem algũ cuydado
Mas a dama do seruydor
que quer fazer desfauor
promete pelo matar
que lhe de em que cuydar
por que esta ha por moordor

¶ Sua por fym de seu rrazoado contra os que procuraram pelo sospirar.

¶ E poys este coraçam
ha sospiros por prazer
cuydados por gram payxam
vos de ter outra tençam
vᵒˢ deues derrepender.
Por que nas cousas damores
por que sente tantas dores
nam deues da prefyar
quele deue de julguar
⁊ vos sser precuradores.

¶ Cantigua sua ao cuydado por cabo de suas rrezões.

¶ Cuydado quem cuydarya
seja a cuydou algũ ora
de ver o que ve agora

¶ Quẽ cuydou ver namorados
chamar pena do sospirar
quem cuydou q̃ vos cuidados
por verem que vão errados
lhe nam des em que cuydar.
Cuydado quem cuydarya
co cuydado nam melhora
quãdo mẽ sospira ⁊ chora.

¶ De françysco da sylueyra ẽ que rresponde a este derradeyro rrezoado de dom joam no que tocou a sua parte.

¶ Vosso falso defender

vosso mao aprefyar
vosso nam vꝰ conheçer
me fez por vꝰ rresponder
de mora viuo tornar
Nam vꝰ nego que cuydado
sobre males nam faz mal
mas o mal he mays dobrado
quando sospiro forçado
se mete no caso tal.

Sua em que rresponde a cãtygua que diz que cae a pena da mão a quem sospira.

Em cantigua me metes
que cae a pena a quem sospyra
verdade grande dyzees
poys com sospiro morres
e a pena em tam se tyra.
O cuydado que doy mays
nam he mays que dar vꝰ pena
cos sospiros vꝰ fynays
com eles alma apartaes
o mor mal delles sordena.

Mas vosso aluoraçar
he coraçam da pousada
por saberdes bem trouar
cuydaes de fazer cuydar
que sospiros nam sam nada.
Vaa rryr essa presunçam
nã chamar mays namorado
poys nam tendes coraçam
nem vꝰ vejo ter naçam
de sofrer mays que cuydado.

Leytay leytay os amores
peroos que nelles morremꝰ
com seus brauos dessauores
com tantas tam tristes dores
como sempre nelles temos.
Tomay prazer poys podes
folgay com vosso cuydar
e cuydado tal trares
se vyuer muyto queres
que nam chege o sospirar.

Por que sem o sospirar
cuydar aues quee damores
estes sam os do cuydar
sem o poderdes neguar
os mores oyto senhores
Sera primeyro latam
o segundo samuel
o terçeyro salamam
o quarto sera fayam
o quynto abrauanel

Namorado he pala ano
gualyte tam bem jaçee
poys que cuydam todo ãno
mas cuydã em dar seu pano
mays do que vaal ala fe.
Cuydam no arrendamento
quando cuydam dem campar
e cuydam quee perdimento
quando cuydam que porçẽto
trinta he pouco ganhar

Chamay tã bẽ namorados
os quandã por trayçam
fora do rreyno lançados
poys deles nunca cuydados
saem mil do coraçam.
Day o demo este cuydado
confessay que sospirar
he de tal guysa fundado
quee do mal o mays dobrado
quee damores o matar.

Quem sospira nã sospira
se nam so com mal damores
o sospirar que se tyra
dalma nunca traz mentyra
mas deuulga mortaes dores.
Sam grandes penas mortaes
sam males sem rrefrigeyro
sam dores muy desygoaes
damores senter rremedeo.

Sospirar nam desalyua
como laa atras dyzes
mas antes payxões auyva
ador faz fycar mays vyua
muy mayor do que gemees.
Prouase poys do sospiro
tal choro vem apos elle
que se nelle me consyro
de meu mal nunca me tyro
mas antes me moyro nelle.

Sua q̃ daa por fim do arrezoado a dita senhora.

Vejo estar ja tam prouado
este triste sospirar
tam visto tam decrarado
quey por tempo mal gastado
o que mays nysso gastar.
Poys queyra vossa merçe
dar o seu acujo hee
que quem tem olhos e ve
e nꝰ sospiros nam cre
he ereje em nossa fee.

Do coudel moor em q̃ rresponde ao q̃ dyz dõ joam neste rrezoado que deu cõtra o sospirar e prymeyro algũas outras que fycaram atras a sentadas no feyto contra o dyto sospyrar oferecydas a q̃ nam foy rrespondido.

Vosso alto procurar
e tal soster de questões
nꝰ faz todos espantar
por hyrdes senhor achar
huũ coar de taes rrezões.
Por que sendo contrafeytas
pareçem verefycadas
e pareçem logo feytas
por dem ves fazer dereytas
de mão de mestre forjados.

Porem eu rresponderey
essas partes mays forçadas
e tam bem rreplicarey
a outras por que passey
cauya por escusadas.
Cuydando que o cuydado
se desse ja por vencido
mas poys tam aperfyado
o por ele alegado
sera por mym rrespondydo

¶Começa loguo o coudel mo-
or rresponder ao q̃ dysse nuno
pereyra na sua prymeyra co-
pra dizẽdo que cuidado lhe to
lhya o sospirar.

¶Foy graça notaya bem
hu meu cunhado sacolhe
diz nꝰ que lugar nam tem
de sospirar mas rretem
por que seu cuydar o tolhe.
Se cuydar lho faz tolher
o queu nam posso cuydar
doje mays cuydo dyzer
que cuydar nam he saber
poys nam sabe sospirar.

¶Responde ao que disse nuno
pereyra que dẽfadado çessaua
ja de falar neste feyto.

¶Pera q̃ mays restemũlha
poys vosso falar semborca
nꝰ tẽpos damoor earanhunha
lançar sua coroa vnha
na pouca dor que vꝰ toca.
Que dizes que demfadado
queres do feyto çessar
nam vem de grande cuydado
que hu elle jaz dobrado
nam çessa seu sospirar.

¶Responde ao q̃ disse dom jo
am que sospiros vem por des-
canso ⁊ sua dor q̃ he mays pe-
quena.

¶Dar sospiros por descãso
achey laa em outra vossa
⁊ se mal diz que vem manso
mas eu consentido quam so
por nam ver como sser possa.
Poys sospirar he payxam
⁊ nam vem ssem sser cuydado
quam destes dous juntos sam
ambos nam me doeram
mays ca vos hũ apartado.

¶Responde a outra em que di
sse que sospyros sam conforto
⁊ rrepayro dos cuydados.

¶Sospiros serem conforto
nam he rregra dalgarysmo
poys dyzes que sam de porto
he hyr contra ocm froysino.
Ipocras por perygosaz
dores chama ⁊ lhagrã medo
ele diz em teysto ⁊ grosa
que sospirar lutuosa
sam synaes da morte çedo.

¶Responde a cantigua de jor-
ge daguyar em que dysse q̃ os
sospiros eram grandes fengi-
dores

¶Sospiros por fengidores
aguyar lhe fez cantigua
sabendo que nꝰ amores
sam boyas dos desfauores
das payxões ⁊ da fadygua.
Quando sem payxã sam dadꝰ
sam por outros cõprimẽtos
poys falsamente cuydados
cuydados sejam culpados
poys cuydã tays fenginiẽtos.

¶Responde ao q̃ disse dom jo
am q̃ vyra ja mil boçyjos que
brados em sospiros.

Boçyjar sobrem fadado
per sospirar nam se conte
que logue desemtergado
sospiro que vem lançado
du payxões se poe em monte
Eu falo do sospirar
que me vem fresco da forja
dhũ querer q̃ me ouer matar
dhũ triste desesperar
dhũ alma que ja escorja.

¶Responde ao que disse as da
mas que sospyrauam por pe-
ras ⁊ melão ⁊ fygos.

¶Sospirar por fygos peras
por melão bolo folhado
nam he sospirar deueras
q̃ doutras fruytas mais feras
vem o sospirar formado.
Falemꝰ do sospirar
que vyr de payxões sentenda
que o al mays he cuydar
a vontade do paadar
peraas cousas da merenda.

¶Responde ao q̃ disse dõ joã
q̃ poys prymeyro he o cuydar
que o cuidado sera moor pena
⁊ os sospyros seriam rramꝰ.

Que chames por sser p̃meiroz
o cuydar pena mayor
nam he fallar verdadeyro
mas antes por derradeyro
fyca sempre o matador.
Poys que os sospiros sejam
do cuydar rramꝰ chamados,
nam nos vejaes nẽ vꝰ vejam
que matam quando pelejam
onde dam vida os cuydados

¶Torna o coudel moor a rres
ponder as rrezões de dom jo-
am que ora tocou neste seu tra
zoado.

¶Poys venhamꝰ apertar
vossas rrezões derradeyras
por mays me nam dilatar
⁊ se ve vosso allegaar
qual se vendas em pulgeyras.
Mas posto que em rrespeyto
vosso ja calar deuya
ver a verdade do feyto
⁊ ver que temꝰ dereyto
esforça minha perfya.

¶Responde ao q̃ dõ jo-
am disse que se alegauam
algũs pontos falsynhos
contra os cuydados metẽ
do ele cõsoantes falsilhos

a cantygua que fez cõtra frã-
isco da sylueyra.

¶ Falsylhos põtos nam sam
verdade a de diante
mas meter o coraçam
com a mao com a payxam
faz falsylho consoante.
Pero o tudo jsto leyxado
fallem⁹ a bem de feyto
⁊ seja sentençeado
polo alegado ⁊ prouado
como quer nosso dereyto.

¶ Responde ao q̃ dysse que seu
coraçam lhe rrespondera por
sospiros ansyas mortales que
milhor dezya quẽ dezia ay mis
cuydados j males.

¶ Cuydar ter em que cuydar
por forma de seu descansso
voolo fostes aleguar
com myns cuydados lẽbrar
y males com que ja cansso.
Por que laa pela cantigua
se nam lerdes o rreues
achares pee que vos digua
que descansso da fadigua
en pensar quanto mal es.

¶ Responde ao q̃ diz q̃ os sos
piros sam rresurgir da morte
que daa cuydado como foy ja
alegado muytas vezes.

¶ Dassy he por rresurgir
sospiros fazem sua porte
faloam por se seguir
mays longa ⁊ pessoyr
vida que e pior que morte.
Por que la tem⁹ autor
que vendo seu mal tamanho
em sua pena mayor
escolho o triste amador
la muerte por menos danho.

¶ Outro com desesperança
bradaua desesperado
o morrer me era folgança
poys por morte se alcança
fym del mal cõtynuado.
⁊ em meu caso tam forte
porque descansso sordene
morrer hey por boa sorte
por ver se terna la muerte
lo que la vida no tyene.

¶ E por jsso namorado
com payxões em trestecydas
diz por sy triste coytado
mym beuyr a trebulado
nom se conte antre las vidas.
Nam deues poys arguyr
ca bem so fazer viuer
ca sobre males sentyr
es el rremedeo morryr
ouuy myl vezes dyzer.

¶ E assy que sospirar
nam daa vyda por vyuer
mas por mays ⁊ mays penar
⁊ sabes que ha trocar
maa vida por bom morrer
Ja foy jsto alegado
⁊ tantas vezes se trouue
que por sser tanto dobrado
fycara em fastiado
o coraçam que o ouue.

¶ Respõde ao que diz q̃ seu co-
raçam lhe rrespõdeo que o cui
doso pelas carraquas q̃ perde
ra seria algũ grãde cobiçoso.

¶ Poys se vosso coraçam
do cuydoso presumyo
que seu mal sua fryçam
seu cuydar sua payxam
de cobyça se seguyo.
Deues logo confessar
que amores nam sam nados
pera n⁹ fazer cuydar
mas faz cuydar ⁊ matar
cobyças desordenados.

¶ Responde ao q̃ disse q̃ a da-
ma por dessauor diz ao seruy-
dor q̃ lhe dara em q̃ cuydar.

¶ E daquy quem esguardasse
o que a dama dezia
que daria em que cuydasse
se ele nunca cobyçasse
seu cuydar nam o creria
⁊ que ja ao meaçar
com dar que cuydar alguem
sem pena por seu cuydar
mas sem payxões sospirar
jsto nam pode ninguem.

¶ Prosegue o coudel moor
outras rrezões em fauor do
sospirar.

¶ Vossas tays alegações
fazem pouco contra nos
ca tocaes em corações
de que vem vossas rrezões
asso precurar por nos.
E ntam dizes que cuydar
tem vossalma trespasada
⁊ querello a presyar
como que co sospirar
que me quedo em la posada,

¶ Se gostastes a payxam
que dam sospiros forçados
nam dyryeys ssy por nam
v fala sem naquestam
dos sospiros dos cuydados
Mas deryeys o comanhos
synays sam de vyda triste
o que males sam tamanhos
sospiros choros estranhos
como os grosa vita triste.

¶ Donde venho cõ tero dyr
que cuydado pena seja
sospirar quẽ no senyr
veloam sempre feryr
na moor força da peleja
he tam lyndo cortesaão
que sempre brada por damas

amores onde tem mãão
seus tristes sospiros vam
aroyos todos em chamas.

¶ Do coudel moor enderença
da hya dyta senhora: por cabo
de seu rrezoado em que pede q̃
lhe mande dar sua sentença:

¶ Senhora nam se dylate
sentença sobre tal proua
mas dyga sem mais debate
sospirar posto que mate
nam seja por cousa noua.
Payxões posso acrecentar
com myl lembranças q̃ cata
vyndo com desesperar
tenha poder de matar
como de coteu° mata

¶ Cantigua sua q̃ daa por cabo de suas rrezões que tem ofe reçidas por pte do sospirar.

¶ Onde cuydar desbarata
sospiros querem matar
por que sobre carregar
dyzem que mata.

¶ Sospiros serem payxam
negar se nam poderaa
poys vindos do coraçam
com cuydado afeyçam
dizem quem os soffreraa.
Tenho maa primeyra cata
das feridas do cuydar
mas quando vem sospirar
sabee que mata.

¶ De joã gomez a dõ joã por q̃ lhe foy dito q̃ sendo ele ausẽ te dõde se o feito trataua que a parte do cuidado nam hia bẽ cõ ela: lhe mãdou outras q̃ ofe reçese por parte do cuydado

¶ Senhor dom joam senhor
de mym ꝛ mais que de mym
vos ma vey por seruidor
vosso em hũ tal tenor
que nam ma bata zim zym.
Tam bem pera contrejar
contra quem vos contrejardes
tudo me podes mandar
ꝛ do seruyço da çuquar
seme na jlha mandardes.

¶ A çerqua do que cõpresser
falando por rretroçado
vy quem nam quisera ver
çerta tantas copras ler
dos sospiros ꝛ cuydado.
E somos precuradores
ꝛ tam mal n° conçertamos
que ja somos autores
ꝛ morrem nossos fauores
pello mal que procuramos.

¶ E segundo me pareçe
a quanto entender pude
o coudel moor fauoreçe
sospiros ꝛ preualeçe
em guysa que n° concrude.
E que tenhays rrezoado
por copras muy treumfantes
dou mao demo sem rregado
que v° achey rrecusado
em mays de dez consoantes

¶ Pelo qual senhor conuem
que estas ofereçaes
se v° pareçerem bem
a quem pertença ou tem
o feyto que procurays.
ꝛ se mays ouuer mester
vossa merçe mo escreua
quer aqny quer vestiuer
no que se fyzer mester
porey a forca que deua

¶ Seguense as copras que joam gomez da por vltimas rre zões suas.

¶ Lembrança me faz cuydar
no que o cuydado manda
cuydado em magynar
faz cuydar ꝛ descuydar
por que andando desanda.
Cuydado myl vezes gyra
em quanto faz ꝛ desfaz
ou sa fyrma nam se tira
quanto mays damor sehyra
des que no coraçam jaz

¶ Daa lembrãça do passado
com desejo do futuro
em o tear do cuydado
seteçe muy rresforçado
terço pelo verdescuro.
O qual se neste sentindo,
despoenle tempori zando
nunca se gasta sertindo
rrompem sasynha fyngindo
sempre dura bem amando.

¶ O tu gentyl torço pelo
color de mea esperança
tu descuro seteltrelo
tu damores corouelo
donde dor nam faz mudança.
Quem te poderaa vestir
com viua payxam damores
que te mays possa despir
saluo seenty sentyr
sospirar ou dessamores.

¶ Por que fym do sospirar
he desejo descuberto
cuydado de semular
faz sofrer e soportar
sobre çerto ꝛ nam çerto.
E assy conuem que seja
sentydo de graues tiros
vida que viuer enteja
sofrer que morte deseja
o cuydado sem sospiros.

¶ Sentydo com desejar
em que esperança cabe
he cheo de sospirar
dhũ desejo tam doçar
que muy doçemente sabe

Tal sentyr nam me catiua
nem da pena sem descanso
mas minhas paixões altiuas
da me limbo em que viua
de doçar cuydado manso.

¶ Aquele cuydado esquiuo
que nam da mays que soffrer
ao coraçam catiuo
no qual eu morrendo viuo
em grado de bem querer
Este tal me ven e elegua
este todo mal me cata
este nunca massesegua
este sempre me trasfegua
damores na fym me mata.

¶ As q̃es partes cõcrudindo
por fym do que digo ⁊ sento
amores sempre seruindo
suas rrayuas em cobrindo
seu mortal abaffamento.
Achey que com sospirar
myl vezes desabafey
acheyme em soo cuydar
⁊ calar ⁊ rreportar.
que ja nunca descansey.

¶ Sua a dyta senhora por fim
de seu rrezoado.

¶ Estas de fyno rretros
ma deyxas de meu sentido
rrezões de que me despido
dama rrecomendo a vos;
vossa merçe as comprenda
⁊ desponha
como quem preyto apagua
o cuydado da contenda
deuulgando por peçonha
os sospiros por triagua.

¶ Cãtygua sua que daa ẽ fym
destas rrezões por parte do
cuydado.

¶ Cuydado despoys que es
no coraçam
por çerto cuydado es
sospiros nam.

¶ Cuydado tu de cuydado
contigo fazes penar
de sentimento forçado
que nam leyxas sospirar
e stam feyto o rreues
per condyçam
que sempre cuydado es
sospiros nam.

¶ No coraçam teu jnferno
es assy como pecado
es perdido jneterno
es em coraçam tomado.
Nam tu jnventurus es
a saluaçam
depoys que cuydado es
no coraçam

¶ Os amores conseruando
em açeso fogo viuo
maginas desesperando
triste cuydado catyuo
Despoys que açeso es
no cororaçam
ala se cuydado es
sospiros nam.

¶ Responde o coudel moor a
estas vltymas rrezões q̃ ioam
gomez deu cõtar o sospirar.

¶ Vossas vltimas rrezões
tiradas pola fyeyra:
mouem tantas concrusões
que nᵒ fycam por lições
como lidas de cadeyra.
Mas quem rreuolue a folha
e pr ol contra esguardar
nam ha cousa aque sacolha
que tolher possa nem tolha
seu primor ao sospirar.

¶ Qua sospirar tẽ primores
tam altos ⁊ tam sobidos
que nam sam se nam amores
mas trauta seus seruidores
de mays a menos perdidos.
Que vem sobre saudade
vem sobre grande cuydado
vem sobre amor verdade
mas dobra mays a metade
sobre ser desesperado.

¶ O veludo que te çestes
no tear que daa cuydado
laa nos lyços lhe metestes
hũa esperança que destes
o galante namorado.
E poys teme esperança
cuydado nem traz perdydo
que cuydado na bonança
grorea de hy salcança
conforta todo o sentydo.

¶ Cuydar em quanto cuydar
que seu nome ser esquyuo
podem bem ⁊ mal estar
antre prazer ⁊ pesar
forma tem dalternatiuo.
Mas sospiros matadores
hu prazer nunca se mete
sempre sam perseguydores
⁊ sam çoçobra damores
comem quatorze de sete.

¶ Disestes que sospirar
faz desejo descobrir
deue ysto decrarar
que descobre hũ sospirar
de payxões graues sentyr.
Descobre seu triste mal
descobre sa triste vyda
descobre pena mortal
descobre que lhe nam val
bem seruir quẽ tem seruida.

¶ Mas estes descobrimẽtos
nam se dem por rreprẽsam
poys a causa dos tormentos
⁊ dos tays padeçimẽtos
fyca la no coraçam.
Nam era cousa pejosa
de julgar quem nam da vyda
por que a dama chorosa
ella sea por mays fremosa.

que de mays he o mecyda.

¶ Alegays hũ desejar
que desperança tem parte
entam vindes apertar
que daly vem sospirar
com myl doçuras que farte
Arguys me com desejo
as cousa qua ver sespera
nam sacude ysso o pelejo
mas outro em que me vejo
que mata que desespera.

¶ Dizes que cuydado pegua
sas payxões muy per inteyro
e que todo vᵒ trassegua
mas a vos nam se vᵒ negua
que cuydar fere primeyro.
e poys cuydar pena daa
sobre sperança perdida
confessay que mataraa
sospirar com quesseraa
de mym e de minha vyda:

¶ Tam bem cuydado dizes
que se poẽ em esperança
mas este confessermes
que nam doe nem no negues
poys de ssy traz confiança
Tam bem tendes confessado
dar cuydar payxoões fengidas
hu por vos foy alegado
que ja hy nam ha cuydado
que sofra tantas ferydas.

¶ Do cuydado nam se tyra
sua parte de payxam
mas em quanto nam sospira
nunqua fere sua vyra
de frecha no coraçam.
Pelo qual fyca notado
que quando cuydar derrama
sospiro desesperado
que ja entam nã he cuydado
mas he morte que o chama.

¶ Bem sabes vos q̃ cuydar
he lança solta qua anda
ca ela apera pousar.
he que nam vem sospirar
sem ja trazer a demanda
Assy que se vᵒ aperta
quando sa payxam rrefyna
este meus males esperta
por vyr sobre payxam certa
cujo mal me desatyna.

¶ Trouuestes na derradeyra
por fym de vosso falar
comparaçam muy inteyra
por assentar a calueyra
com triaga o o sospirar:
Mas a hynda que vᵒ tragua
sospirar que desbarata
diz entam por aquy pagua
de mym como de triagua
quẽ com vos muyto se mata.

¶ Do coudel moor por cabo deseu rrezoado a senhora com que o feyto vaa concruso.

¶ Nam de vossa senhorya
dylaçam mays neste feyto
ceso ja mays vygarya
cese o mal que nᵒ seria
nam nᵉ guardades dereyto.
e poys caso era confuso
dar lugar mays a tal brigua
nem vossa merçe o queyra
mas vaa o feyto concruso
com mays esta soo cantiga
que da jorge da sylueyra

¶ Cantygua q̃ da jorge da sylueyra ha dyta senhora em que rresponde ao que nuno pereyra dysse quando disse cuydado de minha vyda vᵒ chamo sempre por nome.

One vᵒ chame que vᵉ chama
de sua vyda cuydado
nam diz muyto meu cunhado
se com eu mesmo vᵒ ama.

¶ Que eu senhora vᵒ chamo
sospiros de minha morte
com que de vyda brassamo
poys vᵒ quero poys vᵒ amo
sem cuydar que me conforte
e poys sey que me desama
vosso mal desesperado
sospiros de meu cuydado
minhalma sempre vᵒ chama.

¶ Do coudel moor a dyta senhora ẽ nome de Jorge da sylueyra pelas dylaçoes que sam dadas neste feyto.

¶ Ha tanto que sam metydo
naquesta triste demanda
que me vejo destroydo
perdido mays que perdido
cõ meu mal q̃ nam ssa branda.
Nam nos dã aquy pousada,
nem temos acolhimento
a vyda tenho gastada
e vos nam despachaes nada
senhora de meu tormento

¶ Olhay bem que sospirar
vᵒ da hũas rrezões taes
quy nam ha em que cuydar
nem deuyeys aquydar
as dilações que nᵒ daes
mes aynda outro mais brauo
nᵒ querees fazer exame
e hy rreuytaes o crauo
vay tam alto vossa grauo
que nam sey como lhe chame

¶ Porẽ vossa merçe queyra
por dereyto nᵒ goardar
questa sentença longueyra
nam seja mays rreferteyra
poys por nos se deue dar.
Ou se quer vossa merçe
que do feyto mays salegue
estes loguo rreçebe
sete artigos que vᵒ le
esta copia que se segue.

¶ Diz e prouar entende
sospirar contro o cuydado

q̃ seu mal mays mal cõprende
que seus sospiros açende
mays fogo de namorado.
Quee sa pena mays esquyua
que o seu mal nam rresyste
que sa dor nunca salyua
quee sua payxam mays vyua
quee sua vyda mays triste

¶ Assy que deuem de sser
meus artygos rreçebydos
dar lugar ⁊ nam rreter
a proua pera se ver
meus males ser mays sobloꝰ.
Nẽ curemos doutras mynas
que eu quero offereçer
testemunhas de feedynas
⁊ rrezões outras taim fynas
que sejam de rreçeber

¶ Desembargo posto per mã
dado da senhora nas costas de
sta petiçã ⁊ artigos q̃ por parte
do sospirar lhe forã dadꝰ.

¶ Reçebo os artygos dados
venha a proua sem tardar
⁊ a sem tem tudo no feyto.
entam sejam me leuados
pera o eu determynar
como achar que he dereyto.

¶ Do coudel moor que da em
proua do q̃ dysse dos sete artygos
que tem dados neste feyto
por parte do sospirar.

¶ O primeyro esta prouado
que em ssy mays mal contem
poys sospirar ⁊ cuydado
esta assy tam abraçado
que seu mal dambos lhe vem.
E os fogos ençendidos
proua se per ty que fales
estunhyga de teus gemidos
⁊ sospyros que sofrydos
sem morte nã sam seus males.

¶ Ser mays esquyua sa pena
que foy artygo terçeyro
nam se negue poys sordena
das payxões quando tem lena
que nꝰ ferem por jnteyro.
Donde vem que rresurgir
nunca foy quem seu mal vyse
nem sa dor demenuyr
he sy posso concrudyr
o que em meus artigos disse

¶ E tam bem pera se crer
que mays vyua payxam leua
jsto craro he de ver
poys sospirar tem seu sser
nas payxões em que se çeua.
E assy fyqua verdadeyro
ser mays triste sua vida
quee artiguo derradeyro
tão quoal desoprimeyro
minha proua dey comprida.

¶ Sua a dyta senhora em q̃
pede que proueja per ssy esta
jnquiriçam.

¶ Senhora quere prouer
nossa jnquiriçam per vos
⁊ achares logo em naler
a rrezam que deues ter
pera julgardes por nos:
Poys daynos esta sentença
co dereyto nola daa
nem aja mays deferença
ou se nam daynos lyçença
capelar nꝰ conuyra.

¶ Cantigua que da jorge da
fylueyra a dyta senhora por
que o seu precurador disse q̃
esperaua dapelar.

¶ He bem de mym apelar
quer façaes dereyto ou torto
no feyto do sospirar
poys me nam sey agrauar
de vos sobre me ver morto.

¶ Porem esta apelaçam
seguyrey poys que me segue
sospirar com sa payxam
⁊ poys quer meu coraçam
que lhe meu seruyr nã negue.
Mas queste negro apelar
me nam traga algũ conforto
poys o quer meu sospirar
falo ey sem agrauar
de vos sobre me ver morto

¶ Antre lucatorea da dyta
senhora sobre ho feyto q̃ lhe
foy leuado concruso.

¶ Poys o feyto vem cõcruso
da mão dos precuradores
por nam hyr termo confuso
mandalo ver nam mescuso
algũs grandes trouadores;
Hũ seja aluaro barreto
o outro aluaro de bryto
aos quoaes logo rremeto
⁊ poys a ambos o cometo
dem seus votos por escrytos

¶ E venha tudo çerrado
a selado ⁊ bem coseyto
sendo bem examinado
todo ho que foy alegado
de pro ⁊ contra no feyto.
E de sy vysto per mym
seus votos sua tençam
darey neste feyto fym
⁊ as custas o galarym
pagara quem for rrezam

Seguese o voto daluaro de
bryto que pos neste feito per
mandado da dyta senhora.

¶ Sogeyçam traz desejar
desejar daa sentimento
sentymento faz cuidar
cuydar causa trabalhar
trabalhar padeçymento
donde vem com desatento
huũ languydo sospirar
sospiros deuem chamar.

pena de mayor tormento.

¶ Seguese o voto dalvaro barreto que neste feyto pos per mãdado da dita senhora.

¶ Poys por vossa comissam
que faz que me desatyne
comprindome que mensyne
me mandays que detremyne
hũa tam alta questam
Eu senhora por comprir
a todo vosso mandado
que nam seja tam letrado
fazme a jsso ousado
vontade de vos seruir.

¶ Porem pera sentender
neste caso a verdade
conuem de necessidade
allegar autoridade
que seja de rreçeber.
E poys que pera juyz
vossa merçe me obrigua
antes que se mays persygua
allego esta cantigua
que da questa guysa diz:

¶ Seguese a cantigua alegada per aluaro barreto.

¶ En esto siento pardios
el grande amor que vos he
em que nunca sospyree
por otra syno por vos

¶ See q̃ cosa es sospirar
despues que vos conocy
porque no vos pude negar
la parte que aueys em my.
y se sse fallarem doos
que amem com toda fee
el vno so yo porque
sospiro syempre por vos

¶ Alego este autor
com otros que ja passaram
que por copras nos leyxaram
ser viuo fogo damor.

Sem fazerem tam soomente
memorea que o cuydar
he cousa de nomear
senam pera praticar
⁊ vsar com toda jente.

¶ E poys os autorizados
tyueram esta tençam
seguyr outra openyam
nam fariamos rrezam
que eriamos errados
Que nam temos por saber
onde nam he contra feyto
desejo damor prefeyto
sospirar ser seu efeyto
sem all se poder fazer.

¶ O que cada huũ deseja
pera sy damor proçede
⁊ quem por amores pede
de sospirar nam se espede
ta que o pedido veja
Poys que podemos dizer
ou quem pode all notar
se nam que o sospirar
vem do propio amar
⁊ nam de cuydado auer.

¶ Sentença.

¶ Pelo qual visto o proçesso
⁊ o por elle mostrado
eu julgo contro o cuydado
⁊ o ey por condenado
poys vay da verdade auesso
E o sospirar asoluo
do contra elle pedido
por que he por mym sabido
que o tem fauoreçido
estes liuros que rreuoluo.

¶ Seguese a sentença dada per a dita senhora sobre ter vysto os votos dos trouadores alegados.

¶ Olhãdo cõ bom rrespeyto
o que cada huũ demostra
⁊ alegua de seu dereyto
digo que vysto este feyto
⁊ o que se per ele mostra
Que cuydado em luguar
pode estar sem sospirar
assy como esta prouado
sospirar nam ser achado
sem este mesmo cuydar.

¶ E tambem vysto o alegado
jnfroysmo ⁊ sa doctrina
⁊ com ee autorizado
o questaa encorporado
na nossa salue rregina.
Ytem como do cuydar
vem o primeyro ferir
⁊ nam em vos aleyxar
⁊ vysto que sospirar
vem sobre o consentyr.

¶ E vysto o mays que salegua
⁊ se mostra pelo feyto
o sospirar nam sonegua
que o mal em que sentregua
lhe faz craro seu dereyto
E porque nysto mafyrmo
concrudo prenunçiando
ouça quem quiser ou vyrmo
estes dous votos confyrmo
neles porem decrarando

¶ Que nam seja por cuydar
nem cuyde que da payxam
pera dela se falar
cuydado que sospirar
nam mete no coraçam
Nem lhe quero rreçeber
alegar que sofre ⁊ cala
ca sobre verse perder
payxões dynas de sofrer
o mudo com elles fala.

¶ Nem lhe rreçebo que digua
que cala por ter segredo
ca posto que o persigua
sospirar com sa fadigua
nam na amostre ele co dedo
E mays podemos cuydar
do cuydar questaa falado

que se leyxa assy calar
por se menos querer mostrar
contente sobre agrauado.

¶ E porem poys julgador
sam supremo neste feyto
julgo nos autos damor
sospyrar por vençedor
sobre vençido sogeyto
⁊ assy ey por confirmadas
pelo dito sospyrar
as sentenças que sam dadas
custas ey por rreleuadas
por ser rrezam lesguar.

¶ Prouicaçam desta sen
ça que a dita senhora deu
pelo sospyrar.

¶ A noue dias do mes
dos onze meses do anno
da era doytenta ⁊ tres
desta sentença me des
⁊ auto palençeano.
Foy feyta prouicaçam
dentro na corte outrosy
do grande rey dom Joam
⁊ eu dito escryuam
questo todo escreuy.

¶ Emformaçam a dita senho
ra q̃ lhe deu o cudel moor por
parte do sospirar agrauando
se das custas enmenda ⁊ corre
gimento que lhe nam julgou
pedindo porẽ sua sentença.

¶ Cõ todo o agrauo que sento
poys julgar nos nã quisestes
enmenda ⁊ corregymento
dem me amym hũ estormẽto
desta sentença que destes.
Mas porem podes mandar
nam auendo hy outro cobro
que se mays aprefyar
cuydar contro o sospyrar
q̃ pague as custas em dobro.

¶ Desembargo da dita sen
hora posto nas costas desta
emformaçam q̃ por parte do
sospirar se deu.

¶ No que mandey o que disse
hysso torno a mandar
nam ey jamays dennouar
porem qo escripse escripse.

¶ Copras que fez nuno gon
çaluez alcayde moor da for
taleza dalcobaça em fauor
do cuydar contra a sentença
q̃ foy por parte do sospirar
dada a qual aquy rreuogou
deos do amor de seu propio
moto auẽdo primeiro a vista
de todo o proçesso deu sentẽ
ça na qual daa cõ suas vozes
mãçias ⁊ tarquyno ⁊ johem
de mena ⁊ joham rodriguez
dela camara em q̃ fazmẽçam
o dyto alcayde q̃ ha mil ãnos
⁊ noue dias que he finado ⁊
como he sacretareo de deos do
mor endereçando estas co
pras a dõ johan de meneses
segundo adyante se segue.

¶ Fala logo o autor.

¶ Senhores grãdes senhores
quere saber esta noua
como seruistes amores
quaes fycastes vençedores
ouuy a quem vem da coua.
Mil ãnos ⁊ noue dias
ha que sam morto finado
comygo pousa mançias
mena padram das ançyas
⁊ tarquino desterrado.

¶ Quantos jazem so a terra
que foram mal nauegados
quantos amor fazem guerra
que na sua ley mal erra
todos sam meus conuydados
Laa no lymbo dos amadores
onde tem alguũ poder
aly soffrem dessauores
aly tormentos ⁊ dores
segundo seu mereçer

¶ Estando estoutro dya
deos damor desembargando
veo huũ home que gemya
bradando ⁊ se carpia
cos olhos muyto chorando
Dizendo ouue senhor
ouue huũ tam grande mal
ouue huũ tam grande error
que se faz contra amor
no rreyno de portugall.

¶ Fala deos damor.

Deos damor muyto espãtado
rresponde neste maneyra
fala fala mays pausado
conta mo feyto passado
todo bem pela carreyra.
Se trazes entom maçem.
ou trazes o mesmo feyto
forma nysso petyçam
⁊ descanse teu coraçam
que logo aueras dereyto.

¶ Fala o autor.

¶ E o quoal como descreto
auysado cortesam
tornando a cor despeto
acodio logo desperto
co propeo feyto na mão
Dyzelhe senhor veras
aquy huũ feyto muy feo
dentro nele acharas
cousas bem per que faras
grandes justiças arreo.

¶ Prouicaçã do feyto.
¶ O quoal logo prouycado
foy nesse mesmo momento

bem leuado ⁊ decrarado
como foy arteculado
⁊ contestado
viose todo com bom tento.
Era ja sentençeado
em tal maneyra
que o primo da sylueyra
leuou grado.

¶ A tençã do feyto ⁊ os
compeddores.

¶ E foy seu proçedimento
segundo seu rrelatar
qual era mayor tormento
⁊ daua mor sentimento
o cuydar ou sospirar.
Pereyra meneses guyar
joham gomes tãbem dajhla
estes se querem matar
por elle aa marauilha.

¶ Silueyra sylueyra sylueyra
pay E filhos com saber
pela ponta da fyeyra
buscam muy noua maneyra
por sospiros defender.
Brito barreto condenaram
a dama sentençeou
pelo sospirar julgou
o cuydado condenaram
⁊ assy se confirmou.

¶ Artygos protestações
com outros autos formados
cantigas emformações
todos foram praticados
Deos damor a que pertençe
toda a fynal sentença
vysto o que aparçe
no auto que soferençe
com rrysonha contenença.

¶ Lãçou os olhos em rroda
contra nos outros fynados
⁊ dixe como sem loda
est efeyto a que gram noda
querem por aos cuydados

Disse mais poys soys passados
daquele segredo vida
nam sereys afeyçoados
ponde vossos assinados
da verdade bem sabida

¶ Porque quero bem rreuer
este feyto ⁊ escoldrinhar
⁊ do que me pareçer
por todo o mundo saber
quero per myn sentençear.
Pera cada huũ ouer
ley ponho feyto na mão
todos quatro am de dizer
segundo seu entender
⁊ dar seu conselho são.

¶ Põe manoel de noronha?

¶ Põe manzias sua tençã.

¶ Sospiros ⁊ sospirar
mesajẽes datrebulado
o meu mal podem mostrar
mas nam me podem matar
como me mata cuydado
Cuydar he hũa negrura
que nam tem consolaçam
sospiros hũa folgura
calyua minha payxam.
¶ Sospirar nunca se segua
vay ⁊ vem como sezam
cuydado despoys que pegua
chupando no coraçam.
Chupando todo prazer
tyra lhe toda folgança
falo todo emnegreçer
falo secar ⁊ morrer
quando tem desesperança

¶ Comparaçam.

¶ Vejo hũa grande feruura
feruura dagoa viua
se a panela bafura
lança fora da quentura
he çerto que logo a vyua
A meu coraçam impiro
que anda todo em fogo
que al tem se nam sospiro

que al tem se nam rrespyro
porque nam se fina logo.

¶ Cantiga delle.

¶ Cuydado triste cuydado
sem conforto
he tu mal tam trebulado
que me nam leyxa cuydado
senam morto.

¶ Quem tyuese alguũ luguar
quem tyuese alguũ descanso
quem tyuese huũ sospirar
porque quem me quer matar
fosse mays manso.
Mas tu mal desesperado
sem conforto
he huũ mal tam rreuytado
que me nam leyxa coytado
senam morto.

¶ Fala com a dama.

¶ Senhora noua senhora
muy fermosa
porque vossa merçe nã chora
esta dor tam enganosa
Deçerto se nam machasse
cos damor no desembargo
vossa merçe nam passasse
esta vez que nam gostasse
sobreste caso gran cargo.

¶ Se meu conselho tomardes
senhora muy graçiosa
por alguũ tanto alyuardes
⁊ bem em tanto cuydardes
ne sa parte algũa grosa
Poys o feyto se perdeo
soo por vossa concrusam
decraray que vos venceo
afeyçam.

¶ Põe tarquino sua ten
çam fala com lucreçia.

¶ Lucreçia meu bem inteiro

ordenado
pos em myn tã grã cuydado
que fyquey seu prisyoneyro
verdadeyro
seu olhar desemulado
mas causou
cuydado que me matou
com degredo mall logrado
desterrado.

¶ Este degredo sentindo
por vales outecys os branhas
era me milhor partindo
sospirar andar carpindo
descanso das entradanhas
Cuydado nam me leyxaua
somente dessolleguar
sospiro quando chegaua
alguũ tanto malyuaua
pera logo nam finar.

¶ Comparaçam.

¶ Huũ fogo grande que farte
dobrado fogo jnmenso
as fayscas que rreparte
manyfestam grande parte
do grande fogo hytenso
Em pero nam sam tam feras
coma o fogo que tyro
quem quiser oulhar de veras
podera saber por ellas
quanto menos he sospiro.

¶ Cantiga dele.

¶ Cuydados e sospirar
ambos sam causa damores
sospiros pera mostrar
cuydados pera matar
quando sam com dissauores.

¶ Os sospiros sam escuma
que cuydados botam fora
sam asuvios de chulma
come rodindo tomam suma
como afirmo e digo agora
cuydados e sospirar.

ambos sam causa damores
sospiros pera mostrar
cuydados pera matar
quẽ os tem com dessauores.

¶ Fala com a dama.

¶ Senhora muy excelente
fermosa por excelençia
neste processo presente
vossa merçe bem atente
nam fyque por negrigençia
Que neste limbo damores
onde em brasas ardemos
nam se esguardam fauores
nem quitam males nem dores
se por nos o merecem⁹

¶ E poys vosalma conheçe
o erro dado no fyto
nam façaes que v⁹ esqueçe
mas pedy a quem perteçe
huũ perdam com grãde grito
e liuray alma de pena
que v⁹ he aparelhado
nam pequena
pello mal que se ordena
do passado.

¶ Temçam de joam rrodri
gez dla camara ẽ que se quei
xa dela fortuna por lhe lem
brar o passado.

¶ Olhagas de mis passiones
rremedio de myn tresura
lembrança de myns dolores
mill e mill tribulaciones
me traes desauentura.
Yo digo que pensamientos
me cortaran
e rauiosos sentimientos
cuydados con sus tormentos
me mataran.

¶ Con lo qual tengo prouado
lo que digo
que cuydado
es vn fuego denodado
sin abrigo
el sospiro es dar fama
el galante
sospirando por su dama
es mostrança que le ama
por delante.

¶ Comparaçam.

¶ El fuego que la lombarda
rrespara rrefogueando
queda elha mas quemada
mas ardida mas brasada
o ell tom que va tronando
Quien damor sabe los gir⁹
por esta comparacion
hallara que los sospiros
no son al sino los tiros
del cuydar del coraçon.

¶ El cuydar desesperado
es vn fuego encendido
es vn mal tan redoblado
que dolor de condenado
no es tal ni tan sabido.
Su primor e gualardones
al sentir
no son al sino damores
cuyos bienes e perdones
es morir.

¶ Cantiga delle.

¶ Sospiros mill se darão
all querer dell paladar
cuydados no perderão
demostrar sua payxam
sem byen amar.

¶ Os sospiros leuemente
se podem contraminar
cuydados de fogo ardente
com agoa nem doutra mente
nunqua se podem matar.
Mas sospiros mill darão
all querer del paladar
cuydados no poderão

demostrar sua payxam
sem bem amar.

¶ Fala com a dama.

¶ Senhora cuja fegura
rresplandeçe
esmalte de fremosura
a quem graça e soltura
obedeçe
Por caridad
tall enganho que floreçe
em mendad
pues vuestra merçe conoçe
la verdad.

¶ A lomenos decrarando
sser enganhada
y gemyendo y lhorando
a nuestro dios soplicando
que vos aya perdonada
No quyera dios que veamos
vuestra venida
nel fuego onde estamos
em lo qual triste gustamos
muerte y vida.

¶ Tençam de Joam de mena.

¶ Ell sospiro amortecido
es senhall
que nos dize quel sentido
quasy quasy es feneçido
el mortall
Mas quiem ha sentido
ho cuydar
cuydado desfauorido
cuydando que es venido
com amar.

Nõ cumpre mas argumento
ny obras de lisongeros
cuydados pierdem los tiẽtos
cuydados vyuos tormentos
sospiros los mensageros.
Cuydados los rrauiosos
cuydados penas mortales
cuydados muy desseosos
cuydados muy saudosos
sospiros delhos senhales.

¶ Compraçam.

¶ Pablo com beninolençia
como ell medico conoçe
por las agoas la dolençia
assy por sospyro pareçe
em aquel que lo padeçe
huũ dolor syn paçiençia
No que sea ell dolor
ny tampoco la passyon
mas es huũ amostrador
del dolor y del feruor
del cuydar del coraçon.

¶ Cantiga delle em fauor do cuydado.

¶ Biua muerte de veria
de moryr quyen esto nega
quyen affyrma otra fallsya
por çierto yo derya
que del dyos damor senhega.

¶ No renhegar es vna suerte
hecha de tall calidad
rrenegar nõ da la muerte
rrenegar tormento fuerte
syn ninguna piadad
Polo qual luego deurya
de morir quiem esto nhega
quiem affirma otra fallsia
por çierto yo deria
que del dios damor senhega

¶ Copra a dama.

¶ Vyda soes senhora vida
vida soes pues floreçeys
nell mundo no fue sabida
otra dama nym naçyda
ell valor que vos valeys
Toda beldad e lindeza
toda gentil galania
toda vertud y nobleza
toda la gram gentileza
es em vos claro: del dia.

¶ Pues teneys toda vertud
y teneys toda verdad
conseruaa vuestra salud
conseruaa vuestra beldad
Afirmando
que la sentençia passada
biem myrando
fyrando de vuestro mando
fue mudada.

¶ Em tal maneyra
vuestra culpa tresmudamos
que vuestra beldad
no queme em la foguera
em que nos tristes ardemos
E tu gram beldad soberana
por tu gram vertud sostiene
vna dama tam galana
em fuego que tanto dana
no se queme.

¶ Cantiga portugues que cantã todos quatro em fauor do cuydado.

¶ Amores brauos cuydados
cuydados brauos amores
amores olhos quebrados
sospiros rrajos lançados
muy penados valedores.

¶ Cuydados todo seu mall
com mortall pena sofrem
cuydados mall naturall
sospiros açcodental
e assy que bem dizem
Cuydados brauos amores
amores brauos cuydados
cuydados olhos quebrados
sospiros rrajos lançados
muy penados valedores.

¶ Com tudo vay o feyto concruso a deos damor pera dar sentença.

¶ Com eſtas quatro tenções
dam o feyto a ſeu ſenhor
todos fazem orações
todos jejhũs deuoções
por a dama a deos damor.
Todos bradam todos gritã
todos fazem gram façanha
todos grandes brados tiram
⁊ a deos damor emuiam
que amanſe ſua ſanha.

¶ Petiçã delle a deos damor.

¶ Tu muy alto deos famaſo
por ter grande nome ⁊ fama
ſe agora piadoſo
eſta vez ⁊ graçioſo
nam condenes eſta dama
Por lembrança ⁊ por auyſo
dhũ ſenhor que deos ſe chama
dizem⁹ que ſera quiſo
nam leuar a o parayſo
hũa tam luzente fama.

¶ Que tenhas ſol tam bẽ lũa
que tenhas tambem eſtrelas
com a fremoſura ſua
he çerto hũa por hũa
que abata todas ellas.
Poys que grande bem ſeria
⁊ que couſa tam errada
goiã de tam gram valia
per der tua ſenhoria
dhũa flor tam eſmaltada.

¶ Poys torna torna ſenhor
por as tuas dez myl chagas
amanſa teu gram furor
que com todo mal apagas
E nos todos cõ gram femẽça
⁊ com muy abertos braços
rreçebem⁹ ta ſentença
ſayrem⁹ em pendença
com os pees todos deſcalços.

¶ Dizo autor como deos damor ſayo pobrycar ſua ſentença.

¶ A vinte dias paſſados
deſſe mes ante dagoſto
com pendoes aleuantados
cõ crarões muy rreſonados
moſtrança delle do rroſto
Deos damor em ſeu eſtado
ſua pompa que nam erra
ſuas opas de brocado
hũu paje muy bem armado
de paz ⁊ tambem de guerra.

¶ Sayo ledo ⁊ motejando
da ſua camara douro
todos vinham graçejando
empero nunca leyxando
parato de brauo touro.
Seu conſelho derredor
com muy grande acatamento
ſenado de grande onor
muyto moor demperador
era ſeu aſſentamento

¶ Em o qual como chegaſſe
foyſe logo aſſentar
⁊ ante que all falaſſe
ante que pronunçiaſſe
fez todos a ſoſſeguar
E em ſom muy entoado
graçioſo de ouuyr
eſte feyto apontado
todo nelle proçeſſado
començou de rreſumyr.

¶ E deſpoys de rreſomydo
ſem fazer outra detença
todo muyto bem ouuydo
todo muy bem entendido
prouicou eſta ſentença.
Da qual ſuas entenções
ſeus decretos ⁊ primor
ſeu rreſgar dopenyões
com outras decrarações
aſſy ſegue ſeu teor.

¶ Seguese a ſentença.

¶ Vyſto muy bem eſte feyto
⁊ o nelle proçeſſado
⁊ vyſto todo ſeu preyto
vyſto ſobre o dereyto
todo muy bem decrado.
Viſto todo precurar
per hũa ⁊ outra parte
viſto negar ⁊ prouar
todo fundado por arte.

¶ Moſtraſſe que o alegado
por parte do ſoſpirar
todo he contraminado
todo falſo logicado
ha vontade do padar.
Moſtraſſe que o cuydado
de que vem toda paytam
põe vnha que ho vnhado
põe ſeu mall muy bẽ pegado
prymeyro no coraçam.

¶ E bem ſabe portugal
nam ſera homem q̇ rremonte
que todo he hũu papa tall
poys dy naçe todo o mall
como rrebeyros de fonte
E aſſy confeſſarem⁹
⁊ dyzem⁹ craramente
cos cuydados padeçem⁹
com elles todos morrem⁹
ſoſpyros ſam açidente.

¶ Elles canſam elles matam
ſam p̃meyros ⁊ mays iteyros
ſempre v⁹ triſteza catam
deſque pegam nam apartam
ſoſpiros ſam ventuieyros.
Vendo ſe bem o paſſado
por ſem ſoſpeyta juyzes
polo alegado ⁊ prouado
julgaram pelo cuydado
⁊ o all por garridiçis.

¶ Deferenças que faz deos damor do cuydado ⁊ ſoſpirar.

¶ A deferença que he
do cuydar ao ſoſpyrar
cuydado he hũu libre
que fylhando deu a fee
de matar com ſeu fylhar.

Mas do triste coraçam
que nunca perde cuydado
de que ha grande payxam
que lhe da o negro cam
sospiros leuam rrecado.

¶ Toma outra concrusam
que todos muy bem notay
cuydar he no coraçam
huũ ardor muy sem rrezam
sospyros tunio que say.
Estoutra por acabar
poys que ata z mays que ata
saspiros z sospirar
sam podengos de mostrar
cuydados rrede que mata.

¶ Qualeguem salue rregyna
cantiguas z outros motes
he palaura sancta z dyna
mas la fyca outra mas fyna
metyda dentro nos bofes.
Grande fee z confiança
da senhora que chamam⁹
do cuydar na esperança
com temor da tribulança
daly la o sospiram⁹.

¶ Poys as outras picaduras
calegam de namorados
nam sam all se nam feguras
nam sam all senam pynturas
z synaes de seus cuydados.
O cuydar he incuberto
nam se tanje com badalos
os que tem seu mal secreto
que sua dama o sayba certo
tanjem lha q̃ les chocallos.

¶ Huũ triste corpo cuydando
huũ cuydar desesperado
damores desconfiando
anda sempre magynando
z viuo anda queymado.
Seus males desconfiados
seu ardor de cando em cando
seus cuydados debrasados
sospyros muy magoados
por fayscas vam lançando.

¶ Seu coraçam tomou tençã
mostrando seu mal estranho
mostrando sua payxam
que fere no coraçam
dõde vem seu mal tamanho
Porque a dama sentida
vendo tam estreyta dor
vẽdo huũ alma tam perdida
por nam fycar omeçyda
antremete alguũ fauor.

¶ E assy que bem concrudo
esta dor desta amargura
o cuydar ante que mude
se o sospyro nam acude
causa nossa sepoltura
Cuydar he de tall naçam
que daa morte conheçida
sospyrar sua tençam
a que traz por presumçam
a tall morte buscar vyda.

¶ Macho aqui mays alegado
por parte do sospirar
deyxo oras huũ bom dytado
que faz mays polo cuydado
que por quem o foy buscar
Digo a vos que o notaes
em vossos grandes fauores
que mal he que nam oulhaes
z que lhe chamaes synaes
mas nam ja os matadores.

¶ Pelo quall vos alegaes
escryto com vossa pena
vos por vos v⁹ degolaes
z por vos v⁹ outorgaes
no que dixe Joam de mena
Poys vos otros leterados
que meti nesta balança
affyrmaes cõ grandes brados
matadores os cuydados
sospyros sua mostrança.

¶ Torna de os damor a sua sentença.

¶ E assy que moto proprio
z esponte lyuremente
junto todo meu consylio
z de propio meu apylyo
publico esta presente
E digo que a passada
sentença toda rrenouo
condano a por queymada
mando que seja guardada
esta que faço de nouo

¶ Em que saluo o cuydado
z o torno em liberdade
damores lhe dou o grado
ele soo he namorado
poys sempre guarda verdade
z os sospyros condano
como cousa echa dyça
falsuras de muyto dano
poder ter com a mao pano
falsa cor z fengedyça.

¶ Faço lhe esta concrusam
muy lympa de falsydade
o cuydar sua tençam
sempre estaa no coraçam
sospyros no arraualde.
Esta deue de matar
todas outras demasyas
que quem maes perto damar
mays perto bem de gostar
z assy leyxar porfyas.

¶ Contra diz o correo q̃ o cou del mor alegou que lhe chegara por parte do sospirar.

¶ Item quanto ao correo
por parte do sospirar
alegado em rrodeo
meu legido z nam leo
tall cousa nunca passar
E certo nam passaria
huũ tall erro nem passou
por mynha chancelaria
se tall cousa pareçia
meu selo nunca leuou.

¶ Mas passe logo mandado

pera meu corregedor
se tall correo for achado
moyra logo atenazado
por falsayro ⁊ tredor.
Se outrem o quys fazer
por saluar sua tençam
tryste deue de sofrer
penas damor ⁊ viuer
sem auer satisfaçam.

¶ Aquy julga deos damor cõtra aquelles que deram sentẽça por parte do sospirar.

¶ Bryto barreto cõ cordantes
na sentença do entrejo
sempre sejam boos andantes
na cama nunca posantes
⁊ tenham grande desejo.
E por mayor pena deles
tambem de Pero de sousa
as damas jaçam com eles
⁊ chegando se pa reles
desejando bem a cousa.

¶ E assy sempre veram
os rrostos desconsolados
das damas que seruiram
⁊ por hy conheçeram
os males que sam cuydados.
Estas custas do proçesso
em que sam rreos culpantes
poys tyraram darremesso
⁊ foram de todo aueso
pagem polos consoantes.

¶ As outras custas mayores
nam curo de as julguar
porque sam de taes valores
os que fycam vençedores
que as nam am de leuar.
E nam parando oytauo
onde falam as desputas
assy dyz que he descrauo
mays que domem liure aluo
leuar jnjurias nem custas.

¶ Sentençea deos damor a dama que deu a sentença.

¶ Pe dobrado fogo damores
a dama se fez culpada
poys q̃ quys com desfauores
antre taes competidores
dar sentença tam errada.
Mas os grytos ⁊ cramores
que ouuy de meus cuydados
as pendenças ⁊ ardores
os grandes brados ⁊ dores
que me vyam lastymados.

¶ Jsso mesmo a lembrança
das rrefeyçoões que lhe dyrey
dos olhos ⁊ fina mostrança
damores toda folgança
mas descreta em sua ley.
Estas suas doçes fruytas
falo com vosco verdade
muy to mays doçes q̃ truytas
cõ lembrãça doutras muytas
me mouem a piadade.

¶ E assy que lhe perdoo
por amor dos sopricantes
mouido com grande doo
porque sey que eras antes
espelho das mays galantes
Porem com tall condiçam
poys a decrarar as artes
que faça tall deuaçam
que aja por concrusam
huũ gentil perdã das partes.

¶ Vam estas decrarações
que aquy sam decraradas
sem outras rrepricações
symgelas nem trepecadas
Esta ley sempre seraa
estauel ⁊ fyrme ⁊ forte
esta se confirmaraa
⁊ esta se guardaraa
sopena desquyua morte.

¶ Aquy asyna deos damor a sua sentença.

Dez mil chagas dez mil dores
huũ soo bem com muyto mal
brauos fogos mill ardores
mill cuydados matadores
jstro trago por synal.

¶ Selo do coraçam de deos damor com que mostra que sam amores.

¶ Huũ fogo que nũca canssa
huũ amor de meu sentido
huũ fogo que nam sa manssa
huũ mal que nunca descanssa
de seeretador ferido.
Mil agrauos mil despreços
myl tristezas myl cuydadas
myl achaques myl começos
myl antojos myl empeços
myl tormẽtos muy dobrados

¶ No milhor muytos ẽbates
abrolhos dagudos pregos
myl çeumes myl rrebates
muytas rrayuas myl cõbates
⁊ os olhos ambos çegos.
Myl desmayos muyt⁹ medos
esforços desconfyados
desfauores dolhos quedos
muyto mays bastos q̃ dedos
descomfortos magoados.

¶ Myl desdenhos myl q̃brãt⁹
myl robores myl vergonças
myl beocos myl espantos
de gemidos sabes quantos
myl quitaes ⁊ dez myl onças
Mas o lindo namorado
que lealmente guerrea
tem o grao mays esforçado
mays lympo mays esmerado
que comprindo a garrotea.

¶ E despoys de acabado
este negro encantamento
vem huũ bem tam apurado
huũ prazer tam graduado
em que myl ganha por çento
Sua dama descayda
com amor muy afycado

me a morta esmorecyda
se outorga por vencida
em galardam do passado

Em que cobra toda grorea
toda bem auenturança
que mylhor grorea q̃ vytorea
que leyxar grande memorea
de tal amor tal folgança.
Que tam sabydo prazer
e tam grande galardam
que digo que o entender
destas cinquo copras sam
meu selo meu coraçam.

¶ Aquy diz o autor como de os damor o mandou com embaixada trazer a sentença endereçada a dom johan de meneses.

¶ A qual como pobricasse
mandou a mym seu secretaryo
que logo atreladasse
e o propeo leyxasse
por rregisto em seu almareo
E assy ma derçasse
pera vyr embayxador
e questes autos pobricasse
a vos dom joam senhor

¶ E assy encomprimento
com despacho segy vya
venho com grande tormẽto
caminhando noyte e dya.
Fyz hũ bordo em alcobaça
onde fyco muy cansado
achey no meo da praça
este correo que caça
qual quer partido de graça.

¶ O qual vos logo aderẽço
por minha grande fraqueza
e por ele vos estenço
estes autos de gram preço
rreceba os vossa nobreza.
e conserue sua fama
como muy lyndo fydalgo.
pois ardes em viua chama
e de os damor vos tanto amar
que soes do seu desembargo

¶ Fym de todo processo.

¶ Recebimẽtos fareys finos
lanheados com do ouro
mandares rrepycar synos
fayres esses mays dynos
com rryco paleo de ouro.
Capelos rreynos alheos
por vuenho de passada
me fazem festas torneos
mays rricos cõ mays arreos
qua esta santa cruzada.

Dom Johan de meneses a huũ homẽ que se lhe mandou espãtar per huũas trouas como fayndo de hũs amores podia entrar em outros. e que lhe rrespondese por castelhano.

¶ Los que sientẽ vidas lhenas
de tristezas y dolores
em poco tienem las penas
que pensar em las ajenas
consientem los amadores.
Mas yo lo tomo al rreues
y llo o quiẽ tal emprende
y que me oygan despues
mal de muchos gozo es
yo se bien como sentiende.

¶ Comparaçion.

¶ Ya muchos q̃ mal firyeron
pensando se conortaron
no nel golpe que les dieron
mas em muchos q̃ deuyeron
de matar y no mataron.
Y se vuestro pensamiento
com vuestro mal a ver duelo
oos dero dello que syento
fue por dar al gram tormyẽto
que vos matal gũ consuelo.

¶ Mas sy soes de my culpado
ho yo querosso de vos
es em darme em lo passado
por ombre que fue penado
sy myrais quien es my dios.
Que soilla la fremosura
de quyẽ yo por my mal veo
haz dicha my del atentura
y sser glorea la tristura
que passe y que posseo.

¶ La passada por ca poco
su penã com la presente
la presente por sser loco
do mores y fago poco
segũ es por quiẽ se syente
Assy que puede dizer
quien supiere eu yosso
ques a my triste beuir
no vyda lo por venyr
ny muerte lo que passo

¶ Fym e comparaçion.

¶ La garça toma rreçelo
del rremontador templano
mas ya libre de su vuelo
conoce su fym nel cielo
nel que sueltan dela mano
Assy yo en los amores
passados bien conoçia
queran mys rremontadores
mas estos son matadores
de la vyda e muerte mya.

¶ Cantigna sua.

¶ Poys soes tã sem piadade
quẽ meu mal leuaes tal glorea
ja nam quero moor vitorea
que vençer minha vontade

¶ Nam da pena nem prazer
bem nem mal que me façaes
folguo menos de vos ver
do que vos a my folgays
Faz me algũa saudade
vyrem cousas aa memorea

que passey: mas na verdade
nam me dam pena nem glorea.

¶ Motos grosados a estas senhoras por dom johã de meneses endereçados a sua dama em hũa partida.

Dona felipa de vylhana.

¶ Los dias de my beuyr
ya los cuento por passados.

O my vyda por quien vyda
vyuo lheno de tristura
por quem pena dolorida
sobra em my cõ la partyda
como em vos la fermosura.
Con este triste partyr
no parte de my cuydados
y sollo por vos seruir
los dias de my beuyr
ya los cuento por passados.

¶ Dona joana de sousa

¶ Destes fyn al coraçon.

¶ Mas como son despedidos
por amaros y doleros
a vn que sean mal byuidos
no los cuento por perdidos
pues se perdẽ tras quereros
Perder los e ques ganar
por vuestra gran perfeçion
a quẽ no puedo negar
que sollo por vos amar
dystes fyn al coraçon.

¶ Dona lyanor mazcarenhas

¶ O vida desesperada

¶ Y pues ya vedes catyno
que muero por vᵒ querer
y my mal ques tam esquyuo
pyedad de como byuo
a veo ora ques dauer.
No seaes desconoçida
pues en al no sóes tachada
que no tiene mereçyda
lhamarse por vos my vyda
o vyda desesperada.

¶ Dona guyomar de castro.

¶ O triste gloria passada.

¶ Conoçe que soy perdido
por vos vyda y muerte mya
ca fuera ser mereçydo
esta ya tan conoçydo
que negar no se deuya.
Que siempre fue my beuyr
y my vyda tam penada
ca hun estaa por venyr
lo por que yo deuo dezyr
o triste gloria passada.

¶ Dona maria de mello.

¶ Lo que my sentyr calhaua.

¶ Que de vos nunca pensee
folharme syno qual quedo
gloria nunca la pasee
ny ja mas nunca me see
menos triste ny mas ledo.
y quando triste fengia
queste mal no me mataua
mucha mas pena sentia
por quẽ ton contra fazya
lo que my sentyr calhaua.

¶ Dona felipa anrriquez.

¶ No veo como serya

¶ Ya daca donde partistes
todo canto aues andado
vo lhorando por dõ fuystes
dando myl sospiros tristes
como nombre desesperado.
y sabes que tales son
sospiros syn alegria
que salem del coraçon
mas salyr desta passion
no veo como seria.

¶ Dona lyanor pereyra.

¶ Quem podese saber quem
sabe parte de meu bem.

¶ E como quẽ vᵒ nam vya
anojado de vyuer
outra cousa nam fazya
todaa noyte y todo dya
se nam chorar y gemer.
E dezia sandoso
sem meu malsentir ninguem
ho catiuo desdytoso
quem podese saber quem
sabe parte de meu bem.

¶ Dona violante.

Quyça que terna la muerte.

Pues muryẽdo os do plazer
alla vyda fym dar quyero
syn la qual no puede ser
yo dexar os de querer
y querendo os desespyero.
Y despues de feneçida
my dolor y pena forte
quedar puede guareçyda
que lo que falta em la vyda
quyça que terna la muerte.

¶ Trouas q̃ fez dõ joam de meneses por letra dũa cõpustura q̃ fez de canto dorgam q̃ se canta todas tres vozes por hũa soo.

¶ Todas tres vozes por hũa
acordaram contra mym
que payrões o galarim
me causem sem causalgũa
triste vyda triste fym.

¶ Sendo falsas acordauam
com tal som ⁊ armonya
tays enganos mesturauam
que ninguem nã conheçya
de que vento se formauam

¶ Se nam eu que sey ⁊ sento
seus erros ⁊ donde vem
coma quem perdido tem
paytam ⁊ contentamēto
de seu mal ⁊ de seu bem.
E em som de verdadeyras
com palauras enganosas
fazem obras lastimeiras
sam por bem muyto danosas
⁊ por mal pouco guerreyras

Almas hõrras corpos vidas
tudo trocam por fazendas
dam rrepouso por contendas
com sospeytas mal auydas
falam muyto sem por prendas.
Trazem lingoas afyadas
com que dam golpes mortays
as vontades muy danadas
⁊ em fym quando pertays
tudo he nada das nadas.

¶ Cabo.

¶ Tem em pouco pola vyda
de muytos em deferença
leuemente dam sentença
contra parte nã houuyda
sem fazer disso pendenca.
Mas quē manda sobre tudo
tem juyzo tam perfeyto
que ninguē por muyto rrudo
nunca perde seu dereyto
nem ho ganha por agudo

¶ Troua sua que mandou á
luys da silueyra q̄ partia de
lixboa ao cerco de tanjer.

¶ Co estes ventos dagora
perigoso he naueguar
que sse mudam cada ora
⁊ quem vay de fōz em fora
nunca mais poode tornar
O nauyo pende banda
a rrezam nam he houuida
a vontade tudo manda
⁊ quem ha dandar delanda
quem tem alma nã tem vyda.

¶ Grosa de dō Joã de mene/
ses a esta cantyga que diz oy
amor porque quesiste.

¶ O beldad que no me dexas
oluydar lo por que peno
aue oluido de mys quexas
pues por ty de quien malexas
soy de my catyuo ajeno.
No me acuerdo de mas vyda
dela que me destroiste
y pues la he por ty perdida
dar me pena tam crecida
oy amor por que quesiste.

¶ Qual rrezon te cō mouyo
assy nelha me matar es
pues catyuo triste yo
solo verte conuertyo
mys plazeres em pesares
Que la ora que te vy
triste fue la postumera
de my vyda ca mory
con en verte consenty
que amasse en tal manera

¶ Y de leros he seruydo
con grain fe tu hermosura
tu a my triste perdido
al rreues del mereçydo
sin mostral oyste tristura.
La qual mata y nunca muere
con querer triste que quyera
tu beldad: mas elha quiere
catiuo que desespere
por que yo byuiendo muera.

¶ Y tu bien puedes matarme
mas nunca ver me matar
terna poder de mudarme
ca no puedo tanto amarme
que te pueda desamar.
Con tudo ny my ma estranho
de my muerte mensagero
la qual he por menos danho
se que no fuera tamanho
sy yo fuera lylongero.

¶ No dyguo que rreçelando
tu perder me te ganara
sy te pierdo bien amando
mas por que my mal tirando
my querer te no tyrara.
Anssy que tanto quererte
fue causa de my penar
y perder me de perderte
pues syn tanta fe tenerte
no me dyeras tal luguar.

¶ Con el qual desesperado
soy de vyda syn dolor
no por que mayas falhado
de ty syendo desamado
nunca menos amador.
Ny por que my gran querer
te saliesse mentidero
ny por ser rrezon de ser
mas quieres ver me perder
por que amo verdadero.

¶ Anssy que pensar deurya
que no syendo tanto tuyo
mas ayna fueras mya
mas por desta fantasia
no morir de rrazon fuyo
Ca rrazon syn la qual muero
sy tryste quiero mirar
me faze que desespiero
por que quanto mas te quiero
quieres my pena doblar.

¶ Y con tanta mal andança
quytado de todo vicio
no pude fazer mudança
ny puedo desesperança
quitar me de tu seruyçio.
Ny puedo dexar my vyda
por que byuo de ser triste
pues le oyste la salyda

no al fym que te e seruyda
mas al fym que lo feziste.

¶ Yo con fym de fasta elha
tanto te seruy syn falha
piensando quem tal querelha
ganaua mas en perdelha
quen oti a parte ganalha.
Mas sy tu beldad ordena
que ni y vida no te quiera
no podendo ser ajena
de doblar toda my pena
fue por me buscar manera.

¶ Cabo.

¶ Acabo por que son tales
las penas triste que tengo
que de viuas son mortales
ny son ya males los males
que synty por ty sostengo.
Mas bienes sy me quytaren
la vyda que no tuuiera
y vyda sy me mataren
y muerte sy me dexaren
por q̃ yo biuiendo muera.

¶ Dom joam de meneses.

¶ My tormiento desygoal
pera mas pena sentyr
me tiene fecho jmmortal
y no me dexa beuyr.

¶ Por ques tormiẽto tã fiero
la vyda de my catyuo
que no byuo por que byuo
y muero por que no muero
es my vyda tan mortal
tormiento pera sofrir
que me fue dado el beuyr
por pena mas jnfernal.

¶ Cantigua sua.

¶ Ojos tristes desdichados
de todo mal causadores
vos fezistes mys cuydados
doloridos lastimados
pera sempre ser damores.

¶ Vos fezistes mys tormẽtos
desastrados graues crudos
solo em ver
quien por sus mereçymẽtos
vᵒ fyzo quedar desnudos
de plazer.
Assy que por mys pecados
nos dymos por seruydores
de quien nos tiene rrobados
de plazer y nos ha dados
myl cuydados por amores.

¶ Outra sua.

¶ Poys minha triste vẽtura
nẽ meu mal nã faz mudança
quem me vyr ter esperança
cuyde quee de mals tristura.

¶ E poys vejo que em morrer
leuacys grorja nom pequena
antes nam quero vyuer
que vyuedes vos sem pena
quero triste sepultura
quero o fym sem mais tardãça
poys nunca tyne esperança
que nam fosse de trestura.

¶ Cantigua sua q̃ mandou as
damas em jazendo doente.

¶ Senhoras meu coraçam
querey por deos confortar
que por querer
he doente de payxam
e jaz em cama damar
pera morrer.

¶ Querey dar lhalgũ cõforto
poys jsto nam vem dolhado
mas doulharem
meus olhos quẽ me tẽ morto
olas ha sem ser culpado
em me matarem
e ha honrra da payxam
e morre quey de passar
pola querer
confortay meu coraçam
que jaz em cama damar
pera morrer

¶ Cantigua sua.

¶ Agora sey que maldade
fyz a mym em vᵒ querer
aguora sey a verdade
que vejo com que vontade
folgastes de me perder

¶ De ta quy por vos sentya
tristeza pena payxam
polo bem que vᵒ queria
esperaua e merecia
dardes mouctro galardam
tinha posto na vontade
seruiruos atee morrer
mas depoys souba verdade
e acho que mor maldade j
ca queu fiz nam pode ser.

¶ De dom joam de mene-
ses a sua dama ẽ hũa par-
tida sendo moço.

¶ Senhora por vᵒ lembrar
a tristeza quẽ mym cabe
e tam bẽ por vᵒ gabar
quys aquisto começar
mas nam sey como vᵒ gabe
Ca vos vejo sem vᵒ ver
tam fermosa quee danar vos
louar vosso mereçer
nem sey cousa que dizer
que nom seja desgabaruos

¶ Vejouos minha senhora
naçida sem par no mundo
vejo a mym q̃ mylhor fora
ca me ver sem vos agora
terma terra ja de fundo
Vejome por vos penado
vejo deos por vᵒ fazer
ser de todos mays louuado
que por ser cruçeficado
nem por seu gram padeçer

¶ Vy a mym fazer partyda
com que spera de partyr
deste mundo minha vyda

por que nysto soo douyda
de vᵒ mais ver nem seruir.
Douyda ⁊ eu douydo
poys desta ey de morrer
nem quero que possa ser
vendome de vos partido
ter vida nẽ mais viuer.

¶ Que bem sey q̃ mee sobejo
viuer eu ⁊ jsto digno
por que se cũpro o deseio
vosso meu segundo vejo
que folgays pouco comygo.
E se taquy desejaua
de ter vida ou aqueria
hera soo por que vᵒ vya
⁊ por vᵒ ver compor taua
quanto mal me la fazya.

¶ Mas agora saudade
de vossa gram fremosura
sem nenhũa piadade
faz mudar minha vontade
por fym de minha tristura.
E faz me que ey por sobeja
vyda tam sem esperança
⁊ o q̃ la vyda deseia
he estar honde vᵒ veja
ou morrer sem mais tardãça

¶ E por jsto se comprir
minha vida ⁊ meu viuer
querẽ morte consentir
⁊ eu soo por vᵒ seruir
nã me pesa de morrer
Que bem sey que folgareis
como de feyto folgais
⁊ bem sey que al nom quereis
⁊ tam bem que morrereis
se me ceo nõ matays.

¶ Polo qual sem esperar
de vᵒ ver mays em meus dyas
como quẽ se ve matar
diro isto por lembrar
que me nam chegou mançyas
Em amar nem em querer
cõ quanto teue grã fama
bem se nunca desdizer.

⁊ depois triste morrer
por amor de sua dama

¶ Por ser de vos apartado
me vejo neste periguo
⁊ por ser tam namorado
triste mal auenturado
vejo a morte ja comygo.
Sem vᵒ ver porque vᵒ vy
vejo morto meu viuer
⁊ tam bem porque party
he a pena que senty
tal que nõ na sey dizer

¶ Vejo a morte ja vyr perto
soo porque de mym catyuo
he meu mal triste encuberto
tamanho que ey por certo
q̃ sam morto sendo viuo.
Chorala triste começo
que bem vejo que me cara
de viuer mais me desprezo
aos q̃ erey perdam peço
⁊ perdo o a quem me mata

¶ Matame querer vᵒ bem
sam morto por vᵒ amar
mataisme vos q̃ nynguẽ
queu sayba poder nõ tem
se nam vos de me matar
Matame nõ conhecerdes
camanho bem vᵒ eu quero
⁊ as vezes nã me crerdes
nẽ vᵒ dar de me perderdes
me faz tal que desespero

¶ E se disto douidays
sem vᵒ euerrar em nada
senhora vos hys errada
⁊ vos mesma me matais
⁊ soes nysto assaz culpada.
Mas na ora queu morrer
onde for naquele dya
dela a vᵒ farey saber
que perdes em me perder
quem vᵒ grande bem querya.

¶ E sabeys como perdido
perder desme pode ser
morrer eu sendo partido
ca sem jsto he ja sabydo
q̃ me nam podeys perder
Mas por vos serdes seruyda
se o nysto soes senhora
cuydarey nesta partida
por que assy de minha vyda
darey fim loguo nesora

¶ E se deste mal que syguo
acho alguem q̃ me conforte
he este tal sabeys que digo
q̃ quem for mais meu amiguo
folgue mais cõ minha morte
E senhora por fazer vos
a vontade no que posso
perco a vyda por querer vos
sem lembraruos nẽ doeruos
que e perdida polo vosso.

¶ Polo vosso sem contẽda
como vedes he perdida
ouue aquisto por emmenda
porẽ nam que me arrependa
de vᵒ ter tam bẽ seruida.
Na vontade q̃ nas obras
forã poucas como vistes
⁊ meu mal que nom sentistes
fez q̃ fyz aquestas cobras
dando myl sospyros triões.

¶ Fym.

¶ Soes em cabo perigosa
soes tam bẽ crua sem par
soes tam bẽ sempre fermosa
nam soes nada piadosa
pera quem podeys matar
E eu sam tam namorado
tam perdido ⁊ sem conforto
do mores tam decepado
que vᵒ he muy mal contado
matarme pois q̃ sam morto.

¶ Cantygua de dom joã de meneses.

¶ Por cousas que nã tẽ cura
ey por moor desauentura

qual quer dita que me vem
nem deseio nenhũ bem
por nã ver cam pouco dura

¶ Ditoso de quẽ vyuer
lyure fora desperança
dyguo eu sem no saber
coytado de quem alcança
ganhala para a perder
Poys tudo tam pouco dura
seguro que nã segura
nam no quero de ninguem
nem deseio nenhũ bem
com despreços de mestura.

¶ Cantigua q̃ dom joam de meneses fezem castela ao cõde d fõsalyda q̃ hera casado cõ hũa dama a qual foy muyto seruida ante de casar com ele ⁊ ele jugaua a pela peráte la ⁊ demandaua muytas vezes fautas ⁊ perdydas ⁊ dõ joam era joiz ⁊ julgou desta maneyra.

¶ Cantigua.

¶ No fue falta del seruiçio
ny dela cuerda por dios
antes fue perdida em vos

¶ Por falta la demandastes
syendo elha bien seruida
yo la juzgo por perdida
porquanto vos la tocastes.
Por grandicha la ganastes
que nunca me valga dios
sy no es perdida em vos.

¶ Dom joã de meneses has damas porq̃ errou hũa bayxa ⁊ elas mandarãlhe a cõta dela a pousoda per escrito.

¶ Nam me deyxe deos errar
sem primeyro macabar
nesta rregra q̃ mandays
poys a vyda para mais
nam se pode desejar.

¶ Nos senjelos ⁊ dobrados
rrepresas ⁊ contenenças
⁊ mesuras
ha passos desemulados
q̃ fazem mil deferenças
de vydas ⁊ de venturas
Haa mudanças sem mudar
os olhos dhũ soo luguar
como na rregra mandais
⁊ erros em qua çertais
porque sam de perdoar

¶ Cantigua sua a hũa sua criada que se chamaua correa.

¶ A correa minha vyda
nam lhe deys tam triste fym
nam sejays desconheçida
por nam serdes omeçyda
contra vos ⁊ contra mym

¶ Contra vos em me deyxar
viuer em tanta tristura
contra mym em me matar
goay dalma qua de pagar
os danos da fremosura
O vyda de minha vida
ja me nam pesa da fym
mas ey doo desconheçida
de vosalma quee perdida
polo nam auer de mym.

¶ Sua a hũa sua criada.

¶ Senhora nam vº ousaram
os meus cuydados lembrar
⁊ se vº nysso falaram
a rreposta me negaram
por me logo nam matar.
Mandailhe q̃ volos digua
sem rreçeo de ninguem
q̃ por ser leal amygua
nam vº pode vyr fadigua
q̃ nam seja por mais bem.

¶ Grosa sua a memẽto omo
quya cynes es.

¶ Lembrete q̃ es de terra
q̃ terra ras de tornar,
nam queiras por outrẽ dar
a ty mesmo tanta guerra.
Perdoa a quem te erra
se de çyma perdã queres
quya yncynere rreuerteres.

¶ Nam catyues teu cuydado
em cousas nam de cuydar
por quassy ha de passar
o por vyr como o passado
olha quas de ser julgado
polas obras que fezeres
quya yn cynere rreuerteres.

¶ Cabo.

¶ Goay de tua fremosura
que conta lhe pediram
da perdida perdiçam
da minha triste ventura.
O dia da sepultura
pagarás quanto fezeres
pois maqny pagar nã queres.

¶ Cãtigua sua andando ele ⁊ o por do crato damores cõ dona guyomar de meneses ⁊ fengio q̃ o fazia pelo jogo.

¶ Ryfam.

¶ Poys nam tenho q̃ perder
nem espero de ganhar
para que quero juguar

¶ O joguo sempre traz dano
a quẽ joga mais verdade
o ganho vem por engano
por bulrras ⁊ falsydade.
E de tal enfermydade
poucos podem escapar
se nam deyxam de juguar

¶ O perdido ⁊ o ganhado
tudo vay como nam deue
o que menos dita teue
foy melhor auenturado.
leua menos emprestado
tera pouco que paguar
quando quer que o tornar

¶ Hũa joya preciosa
cujo era que perdy
sendo falsa ⁊ enganosa
nũca cousa mays senty.
Porem nela conhecy
co triste que a leuar
a vyda lha de custar.

¶ Cõ mas cartas ma segura
cõ maos dados ma leuou
ambos temos maa ventura
quem perdeo ⁊ quẽ ganhou
Eu por que me la deyxou
o triste que a leuar
por que cedoo ade deyxar

¶ Fym.

¶ Leuouma mas nã por ter
melhores trunfos nẽ mais
cõ muyto poucos metays
cõ muyto menos saber
Se nam soo por ela ser
tal que nũca podestar
hũ ora sem se mudar.

¶ Outro vylançete de dom Joam a hũa escraua sua

¶ Catiuo sam de catyua
seruo dhũa seruidor
senhora de seu senhor

¶ Por que sua fermosura
sua graçia gratis data
o triste que tarde mata
he por mor desauentura
Que mays val a sepultura
de quem he seu seruidor
que a vyda de sen senhor

¶ Nam me daa catiuydade
nem vyda pera vyuer
nem dita pera morrer
⁊ comprir sua vontade.
Mas pairam sem piadade
hũa dor sobre outra dor
que faz seruo do senhor

¶ Assy moyro manse manso
nũca leyxo de penar
nẽ desejo mais descanso
q̃ morrer por acabar
Do que triste desejar
para quẽ com tanta dor
se fez seruo de senhor

¶ Outro vilançete seu estando doente por q̃ lhe pergũtaram q̃ doença era a sua.

¶ Preguntaysme de q̃ moyro
nam no ouso de dizer
por quey medo de vyuer

¶ Se menos pairã me desse
poder mys queyxar dela
mas dizerse nẽ sofrela
tudo quys que nã pudesse.
Para ter em quẽ teuesse
⁊ mostrase seu poder
me deu vyda sem vyuer.

¶ Meu mal he decendimento
em cobrir donde decende
he pairam que nã sentende
nẽ sabe seu fundamento.
Perdido contentamento
do que foy ⁊ ha de ser
⁊ muyto mais de viuer.

¶ A dor he em sy mortal
sa ventura majudasse
para que me liberdasse
de tantos males hũ mal
Mas a causa principal
em questa a ser ⁊ nam ser
nam se leyxa comprender

¶ Cobresse mo coraçam
de tristezas encubertas
tem de dores muyto çertas
mny ynçerto galardam
E por mais condenaçam
estando pera morrer
nam me posso arrepender

¶ Se sospeita me tocasse
q̃ meu mal se conheçia
quando me la nam matasse
eu por mym me mataria.
Que mor perigo seria
depoys de dito viuer
do que calando morrer.

¶ Fym.

¶ Nã vos de meu mal sospeyta
que o causam desfauores
nem tenho payxam damores
nem culpa de contra feyta.
Mas vy a rrezam sogeyta
de quem lha dobedeçer
o mais nam quero dizer

¶ Outro vilançete seu estãdo em azamorantes q̃ se fynasse

¶ Tyray vos la desenganos
nam venhays
a tempo que nam prestais

¶ Ja os dias de prestar
a meus males sam passados
os que fycam por passar
a mais pena condenados.
As desculpas dos culpados
valem mais
qua verdade dos leais.

¶ Quẽ vos manda bem entede
que me nam podeys valer
seguyr vosso pareçer
o seu delamo defende.
Vos soltais ⁊ ela prende
com synays
de vyda que mata mais.

¶ Deyraſtes os olhos ver
⁊ o coraçam amar
a rrezam qua de mandar
da vontade ſe vençer
Os ſentidos padeçer
dores mortayes
⁊ agora ma conſelhais.

¶ Cantygna de dom joam de
meneſes

¶ Fue buena ventura mya
ſer tam mal auenturado
que de mucho deſamado
bueluo a ſer por otra vya
dichoſo de deſdichado.

¶ Tanta fue my grantriſtura
tanto fue my mal eſquyuo
q̃ fue buena my ventura
ſſer tanta my deſuentura
que me libroo de catyuo.
Do dichoſo deſdichado
tal dicha no la queria
a hũ q̃ triſte deſamado
fue buena ventura mya
ſer tam mal auenturado.

¶ Groſa ſua a eſte moto

¶ Grã myedo tengo de my.

¶ De la ora em que te vy
lhorando lo que perdy
en tanto dolor me veo
que ſe ſyguo my deſeo
gran myedo tengo de my

¶ My deſeo es matarme
por que muera my triſtura
tu dilatas por penarme
yo conſyento por hartarme
de lhorar my deſuentura
lhorare por que naçy
lhorare por que perdy
lhorare por que bien veo
que ſe ſyguo my deſeo
no has de lhorar por my.

¶ Vylançete ſeu a dona an/
jel ſendo guerra guarda das
damas.

¶ Por que nũca ma partaſſe
de quem quyero no queria
deſcobrir de que morya.

¶ Mare huũ foyo en la tyerra
do my mal pueda dezyr
o por mas lo encobrir
deſcobrirlo he a guerra
quando ya quyera morir.
Por que ſe biuo quedaſſe
dizendo de que moria
mayor peligro ſeria.

¶ Dom joã de meneſes ⁊ dõ
joam manuel a pero de ſou/
ſa rrybeyro por q̃ entrando
na camara do pryncype lhe
pmeteo de dyzer delles ⁊ nã
dyſſe.

¶ Se vos laa dyzels de nos
o que ca de vos dizem⁹
rrezam he que nã entrem⁹

¶ E direys que por medrar,
ſabemos muy bem fazer
cos de dentro nã dizer
cos de fora mormurar.
Deſtaes ſomos coma vos
confeſſamos conheçem⁹
que e rrezam que nã entrem⁹

O coudel mor a an/
rryque dalmeida q̃
lhe mandou pedyr
nouas das cortes q̃
el Rey dom joã fez em monte
mooro nouo ſendo pryncy/
pe o ano de ſetenta ⁊ ſete ſen
do el Rey ſeu pay em frrãça.

¶ No mes de janeyro
⁊ ano deſſete
na era que mete
dez ſetes primeyro
em moor monte nouo
os pouos ſajuntam
rreſpondem preguntam
myl couſas de prouo.

¶ Se o que ſe qua paſſa
quereys la ſabello
nam ſeja eſcaſſa
a mão ceſcreuelo.
Mas poys o letreyro
ponto nam herra
contara primeyro
o eſtado da terra.

¶ A dous o vermelho
nom val mais o branco
a dez o coelho
perdiz faz de rranco.
A vinte a gualinha
de graça mil furtos
doze turdos curtos
aquela chynfrynha.

¶ A treze a çeuada
fareløs a ſete
mas ſua o topete
ſobyndo a calçada.
Com paão de rreal
punhada ao gato
tres oytos o pato
⁊ dous o aça qual.

¶ Tam bem tauerneyro
da a quatro vynagre
mas he moor mylagre
quẽ qua tem dinheiro
Ca conta que leo
de peros rroyns
me dam ſete ⁊ meo
por boõs tres quatryns.

¶ A duzea ⁊ mea
ſe calça hum pee
o quarto dum mee
val ſeys para açca.
O que e teſtemunha
da ora paſſada
faz huũ ſom de cunha
de cabo dentrada.

¶ Ha dez a ferragem
mas crauos nam tem
nam sofre estalajem
caber hy nynguem.
Pousadas defende
quem deos nam mantenha
de huũ asno a lenha
por noue se vende.

¶ Tal rredes duuas
a çynco na praça
mas nam ha hy luuas
nem quẽ volas faça.
O gentill do çydram
a tres brancos se frisa
rreall de sabam
nam laua camisa.

¶ Mas estas deyxemos
quedar de seu cabo
e sem dar mays cabo
das cortes contemos
Ouuy o que dyguo
prepon de notar
que nouas contar
vos cuydo damyguo:

¶ Lyxboa que sonhã
no cardealado
moordomo noronhã
tambem deputado
Hy he por tymam
aluyto penela
beryngueill com ela
que faz o sermam.

¶ Aquestes despacham
o muyto e o pouco
latam ficou rrouco
mal pelo que acham
Que o trato de qua
e o modo da fala
se ssele entam cala
falalo ha laa.

¶ Com barba de mouro
toucar rrecoueyro
hũ zum zum de besouro
em som lastimeyro
Quem macho alcança
se ha por bençam
mil falas de frança
por este vyram.

¶ Raynha fernando
que dizem que vem
com fama lançando
do cres que ja tem.
e vem muy per vista
em calça sevylha
nom he marauylha
querermos dar vysta.

¶ Pois la namorados
nam compre dormyr
fazeme rrelyr
cantar em ditados
e poys la vem damas
por amor das vossas
conuem ferir chamas
nas azes mays grossas

¶ Leyrar pyastram
fundar em loudel
e seja cossel
valente rrynecham
Quem geyte carreyrã
quereo vos tall
leuando camall
que cubra calueyra.

¶ E poys vosso olhõ
todo ysto ve bem
as vossas conuem
lançar em rremolho.
Mas fyca a fadygua
com quem a teuer
e horaçam dygua
melhor quẽ souber.

¶ Os proues pedidos
doas deram soomente
vassalos metydos
la vaam de maamente.
Pynheiro de praça
lhe daa crelezya
e quer fydalguya
que lanças rrefaça.

¶ E com isto querem
fauores com nuũs
pero huũs e huũs
partyr se ja querem.
Porque se lha largua
o seu desembarguo
o gasto lha margua
a mays nam malarguo.

¶ Fym.

¶ Se pagar quereys
o que vos escreuo
por mym beijareis
as mãos a quẽ deuo
E mays nam vos tarde
as damas de zelo
nem tudo alordelo
ca vos hy vos arde.

¶ Reparticam dos byspados que el rrey dom Joã deu em sintra o anno de oytẽta e cinco a qual mandou o coudell moor a anrrique dalmeyda.

¶ Sã marcos fez sse primaas
dom afonsso elborensys
tugryjoo per vya densys
em lameguo mytraraas
Goarda tẽ quem na ja teue
sylues deu sse ho cardeall
sancta cruz vyla rreall
olyuença se rreteue.

¶ Tãbem dizẽ que ce bispado
eluas com menystraçam
outros metem mays mylham
do mesmo pontefycado.
Cohymbra desta samarra
liurar seu pontefycall
porto fica porto tal
tynoco nam meteo barra:

¶ Vyseu ia tarde acudyo
sobola penssam que tem

ſe lhe nam vall o item
que deyxou quando partio
Mas nam valeo dos myçes
com todo o mũdo ter tregoas
co gentil decroque legoas
deu coeles ho traues.

¶ O coudel moor as damas
porq̃ derã a hũa que caſou
a melhor peça que cada hũa
tynha da juda pera o caſamẽ
to antre as quaes lhe derão
o ſexo de dona lucreçia.

¶ Polas praças de lixboa
tantos louuores vꝰ dam
que a maão nunca lhe doa
quẽ fez tall rrepartiçam.
Que no tall tempo de vodas
faça voda quem quiſer
mas porçerto ha meſter
que aſy lha cudam todas

¶ E poys tambem acudiſtes
louuor grande vꝰ acuda
qua ſem ſexo ſe concruda
todas vodas ſerem triſtes
Mas hũ de nos cinco ou ſeys
eſta queſtam fazer ouſa
que achaſtes heſſa couſa
hu ſe rremetam nas leys.

¶ E rele ſobelo ancho
ou tira mays derredondo
ou tambẽ ſe lança gancho
cando eſta ſobre cachondo
Ou ſe anda perfilado
como compre ha donzela
ou ſeſtando arreganhado
ſe veraão dele palmela.

¶ Se he per ventura caluo
ſſe toca de cabeludo
ſſe faz agoa a ſeu ſaluo
ſſe myja coma ſſeſudo
ſſe he famynto ſe farto
ſſe he pardo ſe vermelho
ſſe rrapa como coelho
ſſa rranha coma lagarto:

¶ Se he manſo ſe brigoſo
ſſe lança couçea eſpora
ou cando eſtaa forioſo
ſſe o querẽ dentro ſe fora.
Ou ſe por matar a ſede
a traues toma mil ſaltos
ou ſe lhe praz dos pes altos
arrymados haa parede

¶ Se tem rryſco no gargalo
do poço laa da fotea
ou depoys que papa ⁊ çea
ſſe fica com bom rregalo
Ou ſe tem criſta de galo
ou fala com boca chea.
ou apagando a candea
que ſom faraa ſem badalo.

¶ Se ede mole carnadura
ſſe tem cabelo de rrato
ou ſobre vyanda dura
ſſe daa punhada ho gato
Cando eſtaa de ſſy contente
a quall parte mays ſemborca
ou ſe cando bate o dente
faz bacorynho com porca.

¶ Fym.

¶ Quanta ſſoma dalmazem
cabelaa em ſeu carcaxo
ou que tempo ſe detem
em fazelo altibaxo.
Se he keeſto marinheiro
em meter hũa moneta
ou ſe faz a çapateta
por ſy ⁊ polo parçeyro:

¶ Trouas de fernã da ſiluei
ra coudel moor a ſeu ſobrin/
ho garçya de melo de ſerpa
dãdo lhe regra pera ſe ſaber
veſtyr ⁊ tratar o paço.

¶ Poys vꝰ tacham de cortes
ſobrinho gentil cunhado
ſobralto aluo delgado
nam ha mays em huũ françes

E qua barba tenhaes pouca
poys bem veſtir vꝰ alegra
rregeuꝰ por eſta rregra
que fundey vyndo darouca.

¶ A qual poys em ſy he boa
⁊ geeralmente vem bem
que fara ao que tem
bom corpo boa peſſoa
E poys tendes eſtas ambas
tendes quanto aues meſter
ſe o vaao damor vꝰ der
per lugar que cubraas chãbas

¶ Mas eu perdoado ſeja
ſe falar hu me nam chamam
poys que ſam dos que vꝰ amã
que mays voſſo bem deſeja
Cunhado nam duuideys
que iſto trago por ley
⁊ por iſſo me fundey
deſcreuer as que lereys.

¶ Duas couſas que nam calo
ha no paço de ſeguir
hũa he ſaber veſtir
a outra ſaber tratalo
As quaes ponho por eſcryto
em eſtylo verdadeyro,
⁊ falo logo primeyro
no veſtir ja ſobredito.

¶ çapatos de baſylca
pontylhas ſo bolo mole
as calças tyrem de fole
rroſcadas como obrea.
Tragam ſas de marcar
forradas dyrlanda pardo
ca couſee que muyta larda
pera gram bomborrear.

¶ Quẽ trouuer porta dolãda
camiſa trazer nam cure
menores porem ature
porq̃ nam pendã aa banda
O gybam de qualquer pano
na barriga bem folgado
dos peytos tam agaſtado
que ſeu dono tragou fano

¶ De pelote se guarneça
Pouco menos do artelho
seja de branco ꝛ vermelho
que sam cores de cabeça
Pardylho deue mantam
sobrele trazer cuberto
polas ilhargas aberto
ventaes polo cabeçam

¶ Deue trazer cramynhola
nam menos de tres batalhas
tam fyna que tomas palhas
comaa daluaro meola.
O capelo ande no ombro
feyto comoo do syntrão
trago o cabo em hũa mão
ꝛ na outra huũ cogombro.

¶ Luuas dhuũ soo polegar
feytas de pele de lontra
galante que as encontra
nam lhe deuem descapar
Estas taes de meu conselho
toda via auelas ha
ꝛ item mays trazeraa
baluer que em huũ goelho

¶ Traga cinta de verdugo
pejada com capagorja
ca tal par sabee que forja
huũ valente paralugo.
De grandes bugalhos traga
ho pescoço huũ boõ rramal
porque escusa fyrmall
ꝛ a bolsa nam estraga.

¶ O que for assy aposto
nam he galante de borrá
nem deos queyra que se corra
pero lhe corram de rrosto
Calguũs sam ja conhecidos
ꝛ poder sam nomear
que trazem por paçejar
motejar dos bem vestidos.

¶ Pero quem for ho serão
polo modo dyto encima
apupar alto lhe rryma
aas damas da la mão.
ꝛ falar fagueyramente
aos outros derredor
ꝛ se ouuyr nom seor
acodyr muy rrygamente

¶ Na outra parte segunda
poys ja dey fym a prymeyra
sobrinho nesta maneyra
a tençam minha se funda
Pero o paço se trautar
estas manhas se rrequerem
ꝛ nº que elas couberem
na corte sam de prezar.

¶ He muy bom ser alterado
ꝛ ser gram desprezador
ꝛ he bom ser rryfador
mas melhor ser desbocado
Outrossy he bom doufano
em todo caso tocar
mas melhor he ja gabar
ꝛ mentyr de macha mano

He muy bõ buscar punhadas
emeter nysso parçeyro
mas nam ser odianteyro
por reguardo das queyxadas.
Moos arroydos da vyla
acodyr ser muy desposto
mas salguem tyuer o rosto
auelos pees ala fyla.

¶ Item manha de louar
he jugar bem o malham
ꝛ ho jogo do pyam
fouor selhe deue dar
Nõ sey porque mays vº gabe
ser gram pescador de nassa
mas jugar a badalassa
em qual quer galante cabe

¶ Saber bem o pego ehuna
ꝛ ho cubre bem jugar
sam duas pera medrar
galante contra fortuna.
Nem saber ya a huũ fylho
escolher milhor conselho
se nam que jogo fytelho
saleeta cunca sarylho.

¶ Quem estas manhas tyuer
que ja dise inteyramente
poda ver ao presente
quanto lhe fyzer mester
Ca hu sele descobrir
qual sera a tam sofruda
que lhe logo nam acuda
ꝛ lhe de canto pedyr.

¶ Mas q̃ digo sayba sayba
jugar despada ꝛ broquell
porque dentro no bordel
como fora dole cayba
ꝛ selhe vyesse a mão
poder sya nele ter
quem ajudasa ssoster
seu andar sempre louçãa

¶ Regalo deue mostrar
que nam leua em colo duas
ꝛ que todas cousas suas
sam muy dynas de prezar
Item mays falar em tudo
ꝛ apresiar sem medo
ꝛ oos olhos hyr cededo
ꝛ fyngyr de muy agudo.

¶ Falar nº feytos da guerra
as duas partes do dia
esta manha louuarya
poys o leua assy a terra.
ꝛ tomar mays outro sy
ho caso sobre seu peyto
mas na concrusam do feyto
o fazer buscay por hy.

¶ Item nam he manha fea
quem achar da moo escuro
estar quedo ꝛ muy seguro
ꝛ bradar pola candea.
Nem he menº verdadeyra
que a outra do fytelho
mostrar ser grã dominguelho
ꝛ pegar pola primeyra.

¶ Eyra aquy outra tam boa
nem menº pera notar
sempre o paço yr demandar
antra bespora ꝛ nona

porque nam desacoroe
com ombradas o pardilho
cassy fazia o filho
daquele que deos perdoe.

¶ Tambem vꝰ quero auysar
nam vades como pataão
se ventura no seraão
com damas vꝰ fortopar
Da boca podes dyzer
mas a mão sempre este queda
⁊ tocalhe na moeda
Ísse poode correger.

¶ E per esta mesma guysa
sabe delas toda vya
que rrecado se daria
a se bem tyrar a sysa
E fallalhe no outono
⁊ nꝰ outros temporaes
ca coestas cousas taes
podes escapar ho sono.

¶ Leyxem vossa descryçam
as que leyxo descreuer
assy como quer dyzer
luytar polo tauascam
Da sacalinha de dentro
podes tyrar se quyserdes
esse dor myr nam poderdes
socorre vꝰ ho coentro

¶ Fim.

¶ Boas sam gẽtyl sobrinho
as manhas nam douydes
⁊ vos me nomeares
se leuaes este caminho
E poys estas as melhores
sam seas podes cobrar
podem vꝰ todos chamar
huũ rreuoluelhas damores

¶ Dezia o sobre escryto des-
stas porque hyam çerradas
em forma de carta.

¶ O que vꝰ vay na presente
sobrinho vꝰ apresento
cuũa vontade contente
porque de vos me contento
O podre lhe lançay fora
guardae pera vos o saão
⁊ desy beyjae a mão
ho senhor ⁊ a senhora.

¶ Trouas do coudel moor a
rruy monyz quãdo defende-
rã as mulas ⁊ sayo por cou-
teyro joam de barbedo sen-
do tynhoso.

¶ Em trabalho somꝰ ca
com joane de darbedo
porque ouue huũ aluara
com que mete a muytos medo
Mas que seja temeroso
o poder ca sy ganhou
sey a quem mula coutou
que o coutou por tynhoso.

¶ Mas porẽ poys he forçado
leyxar mula e guarnimento
eyro presente trautado
pera vosso auisamento
Podes dele lançar mão
se virdes que vꝰ vem bem
tomayo como de quem
vꝰ nam enxerga dyrmão

¶ E digo primeyramente
que compres tal rroçynato
que se conheça por dente
⁊ vꝰ venha de barato.
E que seja descarnado
os farelos fazem tudo
ca sy compra o sesudo
⁊ vende bem anafado.

¶ Trabalhay muyto que seja
o cosel dantre colores
porque de longe se veja
antros outros corredores.
⁊ que no freo carregue
nam vꝰ escape por hy
ca homens cuntary
lhe fares que a sesegues

¶ Sobre suas mãos se ponha
⁊ na boca sangue faça
traqueje como çegonha
encabrite se na praça
A suor nam lhe estequeda
ande sempre aluoraçado
quando se vyr salteado
tropeçando de a asseda.

¶ Funday vꝰ que dos synaes
tenha sempre os milhores
porque sempre estes tays
sam prezados dos senhores.
Nẽ tomes cõtentamento
por ter soo branco foçynho
mas tenha rredemoynho
⁊ na fronte huũ moymento:

¶ Outrossy tenha peytuga
tall ca çylha desempere
nunca erre sam bexuga
jtem mays brãco rrequere.
Pee dereyto mão ezquerda
chamalhe les trastrauado
deste tal em polynhado
nam se pode seguir perda.

¶ Escolheo casquicheo
mas se tocar dalty perno
seguro rribeyro cheo
pode passar no jnuerno
Este tal he bom darado
bom de carro bom de jugo
traga pele de texugo
polo nam feryr olhado.

¶ E poys que o marroquy
sa fogouem odyana
traga sela valadi
com cuberta de badana.
E por hyr mylhor aposto
estribos deste metal
⁊ com ysso huũ tal buçal
q̃ lhe cubra o mays do rosto.

¶ Leue alto o rrabo atado
⁊ as comas encrespadas
seu topete atouçado
com feyta das cabeçadas.

as quaes deuẽ ser vermelhas
e a sylha dessyada
se quiser comer ceuada
que traganse aas parelhas.

¶ Da guysa que vos escreuo
teres huũ loução cauallo.
e se vos conselho deuo
he que vos fundeys buscalo.
E que vos pareça estranho
trabalhae polo buscardes
ca se nele vos achardes
verues bem dous tamanho.

¶ Ora bem poys do arreo
que vos compre de trazer
o mays esmerado creo
na presente vos poer.
Vos per ele nam passes
poys a rrayar vos conuem
ca despoys eu creo bem
que vos me nom cares.

¶ Traze vos loguo primeyro
peroo auto do gynete
de grã feltro huũ sombreyro
posto sobolo barrete.
Item capa augoadeyra
e gybam de catym rraso
e por mays fazer no caso
huũ traçado sem conteyra.

¶ Quem mais o gynete segue
prezase de borzeguys
mas eu ey por mais gentys
botas de muy fyno pregue.
Estas louuarey se posso
sejam quer encabeçadas
nem tragays calcas cerradas
pera mays despejo vosso.

¶ Com esporas sem cycates
e as astes desdouradas
meteres a huũs rrebates
fares outros sobarbadas.
E por junto coobraham
andaa adarga embraçada
e oo partyr da pousada
braadae polo rremessam.

¶ E desy goarda carreyra
veres todos afastar
entam coa pycadeyra
começaeo da fycar.
Y deputa caualhero
em voz alta braadares
e oo parar leuares
da mão o dito sombreyro.

¶ E em caso que nam quer
a carreyra bem tomar
vaa e vaa po v quiser
que ele lhe daram luguar.
Mas por que besta nam fyna
ha mester o amo destro
se ela tyrar ho sestro
vos lançayu a bolyna.

Mas por q̃ o rrocym magro
do amo nam faça jogo
donde vyrdes sopecagro
guardayuos como do fogo.
Mays vos digno eu que nada
hyme vos bem entendendo
ca em soestrybo perdendo
guanha sua canclada.

¶ Por dar mate a castilha
por onrra de portugual
fery hũa vez na sylha
e loguoutra no ilhal.
A sela todo vos rryma
andae no arçam traseyro
e peguar ho dianteyro
por andardes sempre encima.

¶ Item por fazer rregalo
que sabes todaa maneyra
decerues do cauallo
desque passardes carreyra.
E por que lhe esforço mete
apartaeo a huũ cabo
tyrando bem polo rrabo
e despoys polo topete.

¶ E com ysto a souyar
vede se vos myjaraa
e desy fazeo andar
a pos vos ca ora laa.

¶ Palmada nunca serrou
nas ancas loguo se dar
sejoo par que desfechar
pera quem no albardou.

¶ Fym.

¶ Sem outro rrequerimento
de mynha vontade boa
fyz ca este rregimento
que vos laa mando lixboa.
Em esta presente obra
a cabo por acabar
vos por mays me contentar
ponde meus ditos em obra

¶ Trouas do coudel moor a joam afonsso daueiro que se foy a viuer nas ilhas e de laa lhe escreueo q̃ fyzesse algũas cousas por ele em que entrou fallar a sua dama e despachar outras com a senhora ifante e co duq̃ mas ysto veo no tẽpo da moorte do duq̃.

¶ Vay ca tẽpo tam contrairo
com agoa geẽs sobre a terra
que perda rrota o cossayro
que do porto desa serra.
Quem quisera fazer guerra
foy lhe feyta
em quem coube a ver sospeita
per sy mesmo se desterra.

¶ Passam ca tãtas mudãças
que nam val nẽhuũ terçeyro
e quẽ tem mays esperanças
da demão oo rauoleyro.
Da se ca por trumfo jnteyro
o matador
e louuam quem manteedor
se tornou daventureyro.

Polo qual q̃ nam de conta
disso que me ca mandastes
perdoae poys estas fronta
temos ca que nam leyxastes.

Ea despoys que vꝰ passastes
he estas ylhas
ssam ca feytas marauilhas
mays do que nũca cuydastes.

¶ Mas o q̃ de mym nã diguo
ssam cousas que daa o mundo
poys daa merçes por castigo
⁊ oos boõs lança de fundo.
Aser boõ jaz mays p̃fundo
menos cabe
⁊ faz andar quem mays sabe
as vezes mays vagabundo

¶ Faz mostrar p̃to por brãco
⁊ vender gato por lebre
faz o sam rreter por manco
da por rryjo o que he febre.
Leua o frade que celebre
aas tauernas
byrygas por a lanternas
nꝰ faraa ja ta que quebre.

¶ Estas cousas ssam de caa
la nam sey nem nas de vynho
mas querya caa ou laa
ter vꝰ sempre por vezinho.
Se queres façamos nynho
sem mays arte
poys se acha em cada parte
pedaços de mao caminho.

¶ Mas tornando a senhora
que mandastes que falasse
nam faley nem vy tal ora
que a vysta me cheguasse.
Mas nẽ cuydo que me passe
sc a vyr
⁊ seraa graca syntyr
que e vos lhe mays lẽbrasse.

¶ Porem tudo o que tyrar
dela vꝰ farey saber
vos viuey em esperar
pois mantem mays q̃ comer.
Entam vay tal esereuer
que em cheguando
vaão sespritos esforçando
⁊ os torna a rreuiuer.

¶ Fym.

¶ Poys q tendes meu q̃rer
de vosso bando
lembranças de quã denquãdo
lhe farey por vos fazer:

¶ Trouas do coudel moor a fernã cabral vindo da corte cõ dona bryolãja ⁊ ayres de myranda q̃ entã casarã ⁊ vihã tomar sua casa a euora

¶ Myçer gualante cabral
boas nouas deos vꝰ mande
soys em corte feo grande
⁊ no campo outro tal.
Muũ manceas soys segundo
por seruyr damas tornado
⁊ dos galantes soys dado
por espelho neste mundo

¶ Nopaço vꝰ trautaes
trem as damas em vos todas
soys rreuoluelhas de vodas
mas das vossas nam curaes.
Mycaes vꝰ muyto damor
quer vꝰ venha bem quer mal
nem ha hy em portugual
de damas tal seruidor.

¶ Ja corre ca vossa fama
nam sey a que ysto ponha
mas tyray me de vergonha
nam venhays cheo de lama
Se trouuerdes borzeguys
traze atacas na curua
⁊ passando agoa turua
leuantae vossos pernys.

¶ Vos dyres quem vꝰ metya
a me tal conssclho dardes
cassem vos me auisardes
ja disso me percebya.
Mas eu vꝰ rresponderey
este consselho vꝰ daa
quem fernando gabou ca
por galante dos del rrey.

¶ Vos direys q̃ milhor fora
de sospeyta vyr louçáo
cao guabar dante mão
muytas vezes vay maa ora.
Eu direy que milhor he
gabar vꝰ loga a prymeyra
por que olhe a padeyra
⁊ de vos de milhor fee.

¶ Vos direys poys assy vay
dizey que de mym disestes
assy vꝰ venha muy prestes
a bençam de vosso pay.
Eu direy assy vꝰ pregue
vosso page o sayo bem
o queu ca disse jtem
he aquisto que se segue.

¶ Da espora da galinha
vꝰ gabey gram lançador
outro ssy morciador
gram falador com vezynha.
De borzegyl com çapato
vꝰ guabey de muy louçáo
⁊ que vlancauers mão
fazeys esfola gato.

¶ Por metedor daluoroços
antre moças de pandeyro
jtem mays de ssoelheyro
grã guastador de tremoços.
Vꝰ guabey ca na cidade
elas nam no querem crer
⁊ fycaram taa vꝰ ver
por saberem sse e verdade.

¶ Fym.

¶ Ora poys compre q̃ trreys
corcespada oo pescoço
estorcando como moço
que saybam que o trazeys.
Os pees em loros metidos
capa sobola cabeça
ho outro dia pareça
frança em vossos vestidos.

¶ Trouas do coudell moor ao cõde de loulee que sendo

namorado dhũa senhora aq
ele ja seruyra lhe mãdou pe/
dyr huũ podengo pera huũ
açor que cõprara ⁊ mandou
lhe huũ que auya nome
chapym.

¶ Senhor grande cuja fama
lestende por todo mundo
cuja espada se chama
dhuũ eytor outro segundo:
De ouer de vossa lança
hos cõtrayros tam cotrayro
que em seu fauor rrepayro
nos mores medos sa lança.

¶ Quẽ vossos feytos conheçe
vossos fauores procura
porque sem vos lhe pareçe
que viue sem couertura;
E por queste fauor vosso
tam desejado desejo
a vᵒ seruyr me despejo
com todas forças que posso:

Quãto mays poys q̃ me mãda
vossa merçe que vᵒ mande
podengo que busca banda
a qual quer parte q̃ ande.
Com aquela que e de vida
a vossa merçe mesura
vᵒ mandeste que nam cura
de pasto nem de feryda.

¶ Mas q̃ nã busque rrasteba
⁊ a sylua entre brando
a vontade se rreçeba
com que senhor volo mando.
A qual he assy vezinha
a vᵒ seruir no que possa
que em partes ja por vossa
a senho mays que por mynha

¶ Mas sabes do que mespãto
nam porq̃ mays me desculpe
de vᵒ ver caçador tanto
que nam sey quem deste culpe
Se a vos se a senhora
que seruys poys da a luguar
pera jrdes a caçar
nem sayr dos muros fora.

¶ Seguy seguy os amores:
poys em vos tanto floreçem
a leyrae ser caçadores
os que seu bẽ nam conheçem.
Ca tal caso vᵒ acusa
em grande parte senhor
saluo se o vosso açor
tyas darronches escusa:

Mas se vay doutra maneyra
a tençam de vossa caça
a dyta senhora queyra
por fazer que se desfaça
Em cousas vᵒ atupar
taes de que outrem saqueyrẽ
por tal que tudo isse leyre
por seu doçe conuersar.

¶ O açor desse a leeo
nom deues dele curar
ou aguyas venham do ceo
que o façam trasmontar.
Guaryda nom possa auela
se a achar achesse elo
ca mays val senhor perdelo
que doura parte perdela.

¶ Dae poys fym eesse dirlãda
nem preste contrayro rogo
o podengo que se manda
nam viua mays moyra logo
Queyro sua senhoria
mandar matar poys matou
quem volo triste mandou
cuydando que vᵒ seruia

¶ Fym.

¶ Do triste chamã chapym
chegue chapym em tal ora
que de com vosco o chapym
essa de cujo chapym
nunca fuy dyno ataagora.

¶ Grosa do coudell moor a
mys querelhas he vençydo.

¶ Myrando vuestra beldad
mys querelhas he vençido
porque nun ca sa a boluido
contra vos mi voluntad
y siguiendo tal locura
siempre me vençe el cuydado
que por vuestra hermosura
hyzo dios o mi ventura
mi mal no remediado.

¶ No biuo sim pensamiento
que e de ser por vos perdido
segun que fue repartido
por vos mi graue tormiento
Pero esta confiança
esperando ser ganado
he por bien auenturança
pues por muerte se alcança
fin del mal continuado.

¶ Entam menᵒ me oystes
quando mas vozes os di
por lo qual jamas parti
del mal que dar me quesistes
Sostengo vida tan fuerte
con angustias de mis males
que no se como compuerte
los daños que por mi suerte
hazen mis llagas mortales.

¶ Teniendo mas mereçido
menᵒ aliuio senti
da quel mal a que me vi
por vuestra causa venido:
Nunca me puedo quitar
de mis penas desiguales
ni me puedo apartar
de los mis dias gastar
en las mis passiones tales.

¶ No siẽto que modo siga
con temor de vuestro oluido
ni saparta mi sentido
de querer su enemiga
y con este tal querer
ya mis queras he forçado
y las he de posseer
fasta fin poder auer
mi biuir apassionado:

¶ Fim.

¶ Ya me vueſtro deſamoꝛ
dela muerte perçebido
poꝛque ſiempꝛe es recogydo
em my vueſtro oyſtauoꝛ
Em tanto que vyuo ya
dela vida deſcuydado
ny dudes que me ſeraa
el moꝛir quando vernaa
menꝰ bien que deſſeado.

¶ Pregũta do coudel mooꝛ
a aluaro barreto.

¶ Quẽ bẽ ſabe em tudo ſabe
⁊ poꝛem daquy concrudo
que a vos que ſabes tudo
aſoluer as queſtoes cabe
E poꝛem muy de verdade
peço que eſta rreſpondaes
pera ver ſe conçertaes
com mynha negra vontade.

¶ Ca eu ja me vy partyr
⁊ tambem deſpoys cheguar
⁊ ſenty todo o ſentyr
do pꝛazer ⁊ do pelar.
Mas com tudo he de ſaber
quall he voſſa conclusam
ſe partir da mays pajam
ou chegar mayoꝛ pꝛazer.

¶ Reſpoſta daluaro barreto.

¶ De matreuer que vꝰ gabe
minha openiam mudo
poꝛ nam ſer huũ tam ſeſudo
que de vꝰ louvar acabe.
E poys tal eſtremidade
ſobꝛe meu ſaber moſtraes
o nome que vos me daes
voſſo gram louuoꝛ em ade.

¶ Poꝛem ſem detremynar
ante quem deuo ſeguyr
fycando meu departyr
a ſe poꝛ vos emmendar.
Que chegar tenha poder
daleguar huũ coꝛaçam
partyr da mays afryçam
vha grande bem querer.

¶ Do conde dom Aluaro q̃
mandou a hũa ſenhoꝛa que
era terçeyra em huũs ſeus
amoꝛes.

¶ Deſque foꝛdes juntas duas
vos he ſoutra que ſabees
poꝛ mym tanto lhe dyrees
o ſenhoꝛa nam deſtruas.
Aquelle que em maãos tuas
encomenda ſeu eſperyto
⁊ manda per eſte eſcrito
que couſa nam fyque ſua
que toda nam ſeja tua.

¶ Reſpoſta do coudel mooꝛ
q̃ foy rrequerido pola ſenho
ra que rreſpondeſſe poꝛ ela.

¶ Tres couſas querya nuas
ante quyſſo que dyzeys
que foꝛam nam duuideys
dadas a fylha de ſuas
E vyeſem aſſy cruas
pera fartar apetyto
ca neſte mundo maldito
ante que le me deſtrua
quero me fartar de hua.

¶ Do coudel mooꝛ a dõ go-
terre com a metade dhuũ çy-
dram.

¶ Poꝛ poꝛ vꝰ muy ẽ verdade
a peſſoa em qual quer bando
nam he chegar naa myzade
vſe vꝰ manda a metade
dhuũ çydraom tal o quejando
Nem doutra parte compꝛia
que mooꝛ quinham ſe vꝰ deſſe
poꝛque minha corteſya
mays dano me nam fyzeſſe.

Do coudel mooꝛ a hũa mo-
ça q̃ lhe pedyo hũs cocos ⁊ q̃
foſſe bom par de lauoꝛ.

Poꝛ ſerdes milhoꝛ ſeruida
poys a perna tendes groſſa
mãdayme vos a medyda
eu farey todo o que poſſa.

¶ E logo começareys
a medyr polo artelho
⁊ de ſy polo joelho
⁊ na coxa acabareys.
E tambem quantee cõpꝛida
⁊ o pee quanto ter poſſa
me amoſtre ſa medyda
da perna galante voſſa.

¶ Do coudel mooꝛ a rruy de
ſouſa com hũa carta de ſegu
ro em q̃ pagou poꝛ elle ſaſen
ta ⁊ noue rreaes.

¶ Saſenta bꝛacos na palma
poſtos com tres vezes tres
fez de cuſtos que me pes
os q̃es ja dou poꝛ minhalma.
Nem quero ter eſperança
que omem voſſo mꝰ tragua
a vey vos aſegurança
⁊ mao grado a quẽ na pagua.

¶ Coudel mooꝛ.

¶ Poys ſe foꝛam deſcobꝛir
voſſos feytos pouco ⁊ pouco
he muy bom omem ouuyr
⁊ nam ſer mouco.

¶ Ouço vꝰ chamar madoma
poꝛ camoꝛ em vos nam canſa
⁊ ouuy que ſoes tam manſa
que qual quer omẽ vꝰ toma.
Ouuy vꝰ mays deſcobꝛyr
poꝛ molher que ſabe pouco
⁊ poꝛ yſſo he bom ouuyr
⁊ nam ſer mouco.

¶ Trouas que fez o coudel moor de poesya jndo deuora pera tomar na ponte dosor ꝛ pauia.

¶ De qny n.º trezen.º bysseteo ano
passando seu meo com as tres ho junho
correndo a polo ho meredyano
ventura me trouue ho gram pauyano
mostrarme quem era ho vyncasy brunho.
Na vnyuersal do lageo grande
morada de fronte se myna fumerea
cuberta das peles da madre da jlande
na qual melo dias dulcyssymas brande
a regua rreynante na parte squenterea.

¶ Tam bem tras o couce do gram da parato
sam vystos jazentes aquestes em torno
arelho cam geyro quem da darrebato
com outros rrolyços crecentes no mato
os quaes todos seruem a pos quadrycorno.
¶ Doym esteyrado hy faz cabeceyra
tendente per mesa tem grandes cadilhos
ferrenhos tormentos teueram mancyra
que desse rruy vaca caldym na traseyra
em velho fumereo de nouos forquylhos.

¶ A penas daly em montargylado
me vy ja dyana mostrando sacara
das forças vmanas assy despojado
que a poucas oras buscar foe forçado
luguar sonolento que ja procurara.
De syd os sentidos com grande desmando
vy cousas diformes do ver rrepunantes
em ssy desuayradas contrayras no mando
de que parte delas jrey apontando
por que tu leytor em lelo tespantes.
¶ Em casa creada de nouo poyda
vy musyca doze de canto grilloso
ꝛ sertes estaua em som rrecolhyda
de ser abrasada por ter afrygida
alma pesciua do gram bordaloso.
E rrym machydonyo v seus dentes lança
em partes deuyde os mays integrados
cortifera febre he posta em balança
ally onde outros com cor desperança
perlynha muy fraca viser pendurados.

¶ De terra cozyda vy rreste fornada
ꝛ candabouyna ca vym espyguado
ꝛ vy galliana da vyda passada
que em dando voltas v.º daua chylrrada
nam men.º que jaques menyn gatcado.
Tam bem doutro cabo cantyl salcuanta
sypelheo queda em terra jazente
mas o padre grande da casa mays sancta
tym tym n.º tregeyta camissas nam canta
sendos senadores moeda corrente.

¶ Fym.

¶ As quaes cousas vistas causaram temores
a mym de tal forma que ponto nam pude
mays nelas sofrer os meus olhadores
por nam darem causa os tantos terrores
aa cousa contrayra de minha saude.
Fundeyme partyr muy acelerado
tyrey quanto pude a tras nam olhando
por que do que vy fuy tam espantado
que se nam valera batel esquypado
alaa se me fora coudel ꝛ fernando.

¶ Coudel moor por breue de hũa mourisca rratorta que nam dou fazer a senhora prin/ceza quando esposou.

¶ A myn rrey de negro estar serra lyoa
lonje muyto terra onde vyuernos
lodar caytbela tubao de lixboa
falar muao nouas c alar pera vos
Querer a mym logo ver vos como vay
leyrar molher meu partir muyto synha
por que sempre nos seruir vosso pay
folgar muyto negro estar vos rraynha

¶ Aqueste gente meu taybo terra nossa
nunca folguar andar sempre guerra
nam saber quy que balhar terra vossa
balhar que saber como nossa terra.
Se logo vos quer mandar amym uenha
fazer que saber tomar que achar
mandar fazer taybo lugar de mantenha
ꝛ loguo meu negro senhora balhar

¶ Outra sua.

Señora graciosa discreta eycelente
sentyda vmana damores jnimygna
garnida doufana donores amygua
dagora fermosa secreta prudente
ercrude ẽ vos tacha castyguo manante
perfeyta bondade jnteyro emxempro
sogeyta ha ħdade ħdadeyro templo
virtude v.ª acha consyguo costante

Desta copra do coudel moor a tras escrita se fazê muytas copras ꝛ foe feyta sobre a posta com aluaro de brito porque dysse que nam na farya nynguê tal como a sua ꝛ apostarã capoões pera a pascoa

¶ Por côprir minha pmesa
como quem o som vº furta
esta fyz mays que de presa
por vosarte longue e curta.
E poys naçem copras dela
nam menº da que fyzestes
faze vos os capóões prestes
caquy he a pascoela

¶ Do coudel moor a el rrey dom Pedro que chegando aa corte se mostrou seruidor dhuũa senhora a que elle seruya.

Poys me chegastes ho coiro
dandome mal sobre mal
omem de sangue rreal
alonje vaa vossa goyro

¶ Vossa goyro alonje vaa
ꝛ vossos motes damores
mas eu fuy laa eramaa
poys me nam seyrã senhores
Pouco mera comprydoyro
vosso vyr a tempo tal
polo qual sangue rreal
alonje vaa vossa goyro.

¶ Coudel moor

¶ Poys nã vejo quê mê pare
ꝛ meu mal dinaes em dobro
sobre mym côuem por cobro
quê ja mynha mãy nam pare

¶ Meteyme de companhya
por vosso bem desejar.
pera ver se meoraria
como vy outros meorar.
Mas poys daez mal q̃ me fare
ꝛ a outros bem em dobro
sobre myn conuem por cobro
que ja minha may nam pare.

¶ Coudel moor.

¶ Nam leuaes boa maneyra
para muyto autorizar
poys por amygos cobrar
vº fazeys alcouuiteyra

¶ Mas que digo fazeys bem
ca eu disso tal me pago
ca poys vº nam quer ninguem
nam he bem questes de vago
Bom he ser mereriqueyra
pero o paço embutrylhar
ꝛ peraa mygos cobrar
mylhor boal couuyteyra.

¶ Coudel moor a sua cunhada q̃ lhe mãdou hũa escreuanynha frãcesa que trazya o cano no tinteyro tudo junto pegado.

¶ Senhora cunhada mynha
deu me grande toruaçam
esta vossa escreuanynha
cada vynha
a festa dencarnaçam.

¶ Nũca vy cousa tam noua
nem joya tam excelente
mas dos cuydos que rrenoua
seja a proua
ho tynteyro seu presente.
Ca jaz dentro na baynha
dhũa tam noua feyçam
que sem caso dantre linha
adeuinha
a festa dem carnaçam.

¶ Coudel moor a hũa senhora que lhe escreueo motes sobre ter prenhe sua molher.

¶ Poys la foy tã grãde rryso
dhũ fylho que deos me daa
que fora senhora jaa
seu nam fora para jsso.

¶ Com lêbranças de quê q̃ro
no que queria me fundo
mas no cabo delespero
por achar outrem defundo
Fyco morto em prouiso
desco feyto passa jaa
mas moor rryso fora laa
seu nam fora pera jsso

¶ Coudel moor

¶ Quyen gana pierde aprẽdy
por my mal pues foe enora
quem ganar vº por senhora
me perdy

¶ Verme del todo perdido
gane e triste por ganaros
desamado por amaros
por quereros no querydo:
por me ver vuestro me vy
de mys sentydos tam fuera
quen ganaros por senhora
me perdy.

¶ Coudel moor. ao prior do crato porq̃ lhe mandou hũa carta del rrey que dezya que a çinquo dias lhe mandasse seys lanças ꝛ nam fallaua ẽ lhe auerem de pagar soldo.

¶ Peraas lãças que mãdaes
que logo mande
hũa duuyda vem grande
per que vos senhor passaes
Vos no soldo nom falaes
per ventura nam cuydaes
cam de comer
sam de ser çelestriaes
muy pouco tempo me daes
peraas mandar perçeber

¶ Do coudel moor.

¶ Por q̃ meu mal sy dobrase
vᵒ fez deos fremosa tanto
que nam sey santo tam santo
que pecar nam desejasse.

¶ Polo qual sey que me vejo
de todo ponto perder
por nam ser em meu poder
partirme deste desejo
Mas que meste mal fadasse
e me traga dano tanto
praz me poys nã sey tã santo
que pecar nam desejasse.

¶ Do coudel moor a hũa se/
nhora q̃ queria fogir de pal/
mela por se dizer que morre/
ra hy hũa molher e ella mor/
rera de parto.

¶ Que entrajos de donzella
dona motejes assy
senhora soby aquy
e daquy vereys palmela.

¶ As nouas ca tanto correm
que douuylas ja sam farto
que nessa vyla nam morrem
senhora se nam de parto.
E poys fyngys de donzella
nam fugaes por ysso dy
mas podeys sobir aquy
e daquy vereys palmela.

¶ Memorial do coudel moor

¶ Dabril aos onze dias
cinquoenta e oyto a era
senty eu quanto he fera
a mortal dor de mancias
Porem quero que saybaes
que com suas mortaes dores
nam de jogo afycadas
pasey polos carregaes
tam carregado damores
que ousadas.

¶ Que de tal troca se sygua
ser de todo meu bem fora
poys me vejo em tata briga
quero vᵒ trocar damygua
por jmmygua e por senhora

¶ Jmmyga pera poder
todo meu bem destroyr
senhora pera querer
pera a mar pera seruyr.
Pera me dar noua brigua
poys que vᵒ vy em tal ora
mas q̃ meus danos consygua
com vem trocaruᵒ damigua
por jmmygua e por senhora

Aluaro de brito pe
stana a luys fogaça
sendo vereador na
cydade de lyxboa ẽ
q̃ lhe daa maneyra para os
ares maãos serem fora dela.

¶ Senhor meu luys fogaça
sempre fuy amygo vosso
deos o sabe
pobre sam nam sey que faça
cousa começar nam posso
que sacabe
Consyro em tal viuenda
qual vyuemᵒ dembo rylhos
del contentes
em desamor e contenda
os jrmãos e pays e filhos
e parentes.

¶ Sey q̃ soes dos rregedores
desa cydade muy nobre
de lixboa
sey que mereceys onores
nobre fama vᵒ rrecobre
e tam boa
Por saber que soes zeloso
donesto viuer e certo
limpo craro.
com os tays sam desejoso
de fallar e mays esperto
nenᵒ caro.

¶ A vos a que muyto quero
emuio assy trouadas
minhas cobras
nam a guardo nem espero
ver por ysso mays louuadas
minhas obras.
De vᵒ muyto nam contenta
sua rrota nam majaes
por bom pyloto
nem leaes de sobre venta
ta q̃ de todo vejaes
se dam no goto

¶ Pera os ares corrutos
dessa cydade sayrem
os deuassos
torpes feytos desolutos
compre que logo se tyrem
sem tres passos
Ante que o el rrey sayba
que os mande snalteza
lanҫar fora
cada huũ faça que cayba
bom estylo de limpeza
onde mora.

¶ Mas meter bõs q̃orilheyrᵒ
que ouçem muy bẽ e tentem
onde jazem
os podrydos esterqueyros
a mostrem os que sentem
que os fazem.
Deos bem nam alimparem
sem tardada dilaçam
mays valeria
torpidades castigarem
que solene percyçam
nem romarya.

¶ Alguũs querem e rrequerem
que os façam dos pelouros
por leuarem
de todos quanto lhe derem
de cristaõs judeus e mouros
fajudarem.
Nam polo bom rregimento
por elles auer emmenda
se mandarem
mas por bom auyamento
darem a sua fazenda
folgarem.

¶ Querem ser almotaçees
⁊ queryam ser juezes
por encherem
talhadores ⁊ pratees
de coelhos ⁊ peroyzes
⁊ comerem
Querem suas mesas cheas
nam auendo compayxam
dos vezinhos
comer viandas alheas
de muytos que pobres sam
⁊ mezquinhos.

¶ Quē sera do paao ꝗmelho
que caçou por vyl rrepayro
sem foram
dũa pobre huũ coelho
de que fez o comissayro
huũ sermão.
Nam ha hy auenem cam
que mate mylhor a caça
nem persya
do que mata tal sayam
por saber armar na praça
sayorya.

¶ Tal sayam ou outros taes
estragadores sayooes
de viandas
faram muy desconunnaes
estercos de confusooes
⁊ demandas.
Saybā bem quem leua peyta
logo lha façam tornar
ou pagala
toda vileza mal feyta
todos deuem estranhar
⁊ estranhala.

¶ Bē limpas as esterqueyras
que jazem nessa çidade
dentro dos muros
tyrarsyam mas maneyras
de grandes peruersydades
de monturos.
A couem huũ grāde estremo
pera trazer a bom meo
tanto mall
muytos gemem do que gemo
mays graue dano rreçeo
desygoall.

¶ Reçeando mayor jra
mayores pragas ⁊ mortes
proçederem
por tanta falsa mentyra
por males de tantas sortes
rrecreçerem.
Reçeo sanha mays grande
que n⁹ mostra deos que tem
contra todos
⁊ se querem que sabrande
alympemonos muy bem
destes lodos.

¶ Alympemos brassemar
alympemos negrygençyas
⁊ lcfismas
de falso pronostycar
⁊ mouriscas gyomançyas
feytas çysmas
Todo mal cada huũ faz
por serem preualeçydos
seus estados
cuydamos viuer em paz
⁊ viuem⁹ combatydos
guerreados.

¶ Esta morte n⁹ guerrea
tantos ānos tam sobeja
em morrendo
o pecar nam se rreçea
nem a vyda nam senteja
mal fazendo.
Nam mespāto ja dos mocos
mas dos velhos que rreuoluē
sa velhyçe
em valdyos aluoroços
com byoucos nam sa sombrē
da sandyçe.

¶ Arruando bem as rruas
alympando freguesyas
de malicyas
⁊ das torpidades suas
que correm das judaryas
forraticyas
veram boōs antre daninhos
mas escondem os louuados
mal feytores
ca sobejam os espynhos
fycam todos condenados
sem louuores.

¶ Sobre todos vem doença
sobre todos vem tal fame
que n⁹ corta
de deos jrosa sentença
de justyça tal jsame
desconforta
Os males fauoreçidos
as vertudes encolhydas
sam escolas
de coluyos enduzydos
que com luyam nossas vydas
em embolas.

¶ Buscā muytos como viuā
com embolas sem trabalho
se rrefrescam
da graça de deos se priuam
armando laços dengalho
com que pecam.
Suas rredes ⁊ tresmalhos
sam pera nunca sayrem
de cautelas
buscam todolos atalhos
rrodeam por nam cayrem
em costelas.

¶ E sam as cautelas tantas
que pareçen neçessaryas
por defelas
de muytas mentyras quantas
se costumam voluntaryas
mal despesas.
Hũas trelas outras seguem
leuam varedas ezquerdas
em espyas
olhem olhem nam se çeguem
como trazem grandes perdas
rregatyas.

¶ Regatar ⁊ rreuender
fazem monturos muy altos
fedorentos
nam se podem deffazer

sem grandes tombos ꝛ saltos
escarmentos
arrenego de tal vso
de ganhar o o que lhe mercam
o tresdobro
por costume tam confuso
boos costumes nam se percã
ajam cobro.

¶ Os vzeyros ꝛ vezeyros
de falsas mercadarias
muyto fedem
as onzenas donzeneyros
vsuras ꝛ symonyas
nꝰ desmedem.
Se mandarem ꝛ varrerem
todas ousadas solturas
nam ouuydo
de cessarem nam morrerem
de tam supitas quenturas
deos seruido

¶ Vento he ysto que falo
que passa pelos ouuydos
sem efeytos
muytos somꝰ em abalo
de deseio constrangidos
ꝛ sogeytos.
Pera fazer dyabruras
muy sobejas demasyas
sem pulyçia
entra nysto mays mestura
destrangeyras companhias
de maliçya.

¶ Estrangeyros partystando
leuam desta nossa terra
ouro prata
nossas bolsas aliuando·
com sa paz nꝰ fazem guerra
que nꝰ mata.
Leuantanse as moedas
quanto mingã nossos fruytos
tem poraes
estas praticas azedas
estes nossos males muyto
sam geeraes.

¶ Assy como vam da nao
todolos outros estantes
nꝰ despenam
leuam ouro trazem pao
nossos tratos mercadantes
desordenam
Por framengos genoeses
frorentyns ꝛ castelhanos
mal nꝰ vindo
com seus nouos antremeses
dãnos trinta mil auanos
vam serryndo.

¶ Pollos muytos corretores
ha hy poucas corretagẽs
verdadeyras
compradores vendedores
cufrãscados em fralcagẽs
barateyras
Corretores ꝛ a dellas
em venderem ꝛ comprarem
negoçeam
sabem bem rroclas trelas
todos por nam se queymarem
as rreçeam.

¶ Destrangeyras amyzades
os corretores se çercam
de tal guysa
que se queymam nouidades
dos vezinhos porque percam
mays da sysa
Com a delas o perder
he mays çerto que guanhar
onde vam
se nam entram por vender
entram por alcoouytar
de sobremão.

¶ Cada huũ em seu offiçio
todo feo jnteresse
nam rrefusa
todo vergonhoso vyçio
como salma nam tyuesse.
faz ꝛ vsa.
Onde vergonha nom ha
nem morder de conciençia
aia medo
este caso nam esta
em defesa dynorançya
nem segredo.

¶ Os que façendem em furya
com sobejos apetitos
muy açesos
nꝰ ardores da luxuria
que de solturas subitos
jazem presos
Caçurrentos mays q̃ pulhas
de seus males criminaes
se castiguem
porq̃ tantas maas borbulhas
tam grandes dores mortaes
se metyguem.

¶ Casados tem barragãas
ꝛ casadas barragãaos
desta sorte
frades com freyras louçãas
nam dam doentes nem sãas
pola morte.
Nossa ley do casamento
damos lhabyto mourysco
muy bastardo
nodas ordẽs sacramento
nam segundo sam françisco
sam bernardo.

¶ Por surdas alcouuyteyras
barateyras ꝛ beatas
muytas ardem
em desonestas fogueyras
des baratem taes baratas
nam lhe tardem.
Nam cuydem com ellas ter
conuersaçam semdoesto
ca nam podem
muytos dias se manter
que nam vam pelo cabresto
v sem lodem.

¶ Alguũs ha na crelezia
que leuam errados rrumos
mao costume
de vestyr epocresya
sam deuotos mays dos fumꝰ
que do lume.
leuam pecados alheos
muy grauemente defendem

q nam tardam
de fazer outros mays feos
de que nunca se rreprendem
nem se guardam.

¶ Ca deuassam as jgrejas
crimydas ⁊ moesteyros
os sagrados
por molheres ham pelejas
por molheres sam guerreyros
namorados.
Suas oras engroladas
em torpe vyuem os çuja
desrregrados
duas manhas costumadas
dentro no porto de muja
costumados.

¶ Estudantes preguadores
metem sanctas escrecturas
em sermoões
diriuados em amores
fazem de falsas feguras
tentaçoões
Quando vyrem tal caminho
de maa precegaçam sa fastem
os que ouuem
demlhe todos de focinho
taes metaforas contrastem
⁊ desllouuem.

¶ Sobrecre ẽ os demonyos
⁊ semeam vytuperios
ou se cryam
do estados matrymonios
dessolutos adulteryos
se cotyam.
As encrynações malynas
dessatyras calidades
destroylas
as que sam adulterynas
danarym myl çydades
tres mil vilas.

¶ Nam digo per todos ysto
que muy boós ⁊ boas nobres
tem aberto
seu muy craro louuor vysto
de rricos tambem de pobres
descuberto
mas nam sam de jeeral conto
que se rregem por bũs termos
negrygentes
cujos males nam aponto
de que muytos sam enfermꝰ
⁊ doentes.

¶ Antre estes monturos morã
moradores vertuosos
que la fastam
de maos çiscos nam decoram
os partidos viçiosos
nem contrastam.
Todos taes por nam poderẽ
bũs nem terem tal luguar
de o fazer
⁊ outros por nam quererem
seus amigos anojar
nem rreprender.

¶ Bulrras abrayçãs sotys
da nam verdades latynas
em sayando
agudos costumes vys
de senssynꝰ por doutrinas
em synando
O apurado saber
nam he artefeçial
sobre partydos
he huũ rreal entender
he huũ syso natural
de boós sentydos

¶ Mas ora vymꝰ judeus
⁊ os seus modos viuentes
aprendemos
por sotys enlyços seus
em todos maaos açidentes
nos metemos
Nossa ley nossa vertude
nossa onrra nosso bem
auorreçemos
nam procuramos saude
do mal que cura nam tem
adoeçemos

¶ Nysto caem os letrados
⁊ os outros entendidos
todos querem
dos judeos ser auisados
seruidos ⁊ perçebydos
nem esperem.
Em cabo de seu seruyço
de sua negra aprestança
se nam dano
tanto segua seu jnliço
que traz cor de ter bonança
sem engano.

¶ E maa ora vimos artes
⁊ lyjunjas bem compostas
dessymular
partydos de muytas partes
amygos lanças tras costas
enganar.
Com ynteresses nꝰ jmꝰ
as amizades tornamꝰ
de samores
diuersos rrostos fengimꝰ
o que guanhamos gastamos
em vapores.

¶ Nam guardamꝰ nossa ley
de christo como christaãos
bem fyees
nem seruimꝰ nosso Rey
se nam de seruyços vaãos
e rreuces.
jsto faz o pratycar
nossas maneyras judengas
sem amizade
esperamonꝰ saluar
com viçiosas arenguas
de maldade.

¶ Todas boas confyanças
por malissymꝰ enganꝰ
sam perdidas
justos pesos ⁊ balanças
danam judeus ⁊ marranꝰ
⁊ medidas
assy sam algũs dereytos
torçidos em sem rrezam
dilatados

perdydos muytos proveytos
danados com afeyçam
os julgados

¶ Por marranꝰ nã defamo
os que foram judeꝰ ſendo
cryſtãos lyndos
mas apoſtolos lhe chamo
muy grandes louvores tendo
muy infyndos.
Sam marranꝰ os que marrã
noſſa fee muy ynfiees
bautyzados
que na ley velha ſamarram
dos negros abrauances
dotrynados.

Por noſſos grãdes pecados
naqueſta preſente vida
todos ora
vyvemꝰ deſordenados
noſſa dor herrecreçyda
nam melhora
Como pegas aprendemꝰ
bom eſtylo de falar
craro ou preto
como pegas nom ſabemꝰ
quo que falamꝰ obrar
de vo diſcreto.

¶ Em maa ora vimꝰ varas
de juyzo ſem juſtiça
praticar
deſconder as couſas craras
poys dereytos eſperdyça
ſeu julguar.
Com artes em levamentos
de novas bulrras conheçem
dam lhe fee
por trazerem movimentos
que o contrayro pareçem
do que he.

¶ Os çyentes ſabedores
guarneçydos de bondades
ham de ſer
aſſy modernꝰ autores
que ſuas autoridades
devem crer.

Eſtes ſam meus cordeaaes
que frores de laranjeyra
dautoridade
ſam altos memoryaaes
que nꝰ moſtram a carreyra
da verdade.

¶ Nunca vi tanta meſura
quanta falar ſe coſtuma
tam valdya
palavra de pouca dura
rrenoadas como pruma
na fanteſya
Todos entram em ſenhor
a todos pedem merçe
deſfaleçe
boa fee leal amor
a verdade nam ſe ve
nem pareçe

¶ Somꝰ deſavergonhados
em falar ⁊ preſumyr
quanto dizemꝰ
nas maliçias ouſados
covardos pera ſeguyr
o que devemꝰ.
Com jſto nꝰ arredamꝰ
de deos bem de nos ſarreda
mereçemꝰ
polo mal q̃ praticamꝰ
nam vyvermꝰ vyda leda
qual queremꝰ.

¶ Todos queremꝰ mandar
⁊ queremꝰ ſer ſervidos
nam ſogeytos
ſem cuydar nem trabalhar
como ſejam bem rregydos
noſſos feytos
Com noſſa pouca vergonha
nꝰ queremꝰ por lingoajem
defender
somꝰ taes como quem ſonha
grandes feytos davantagem
ſem poder.

¶ Por trajos demaſiados
em que todos ſam jgoaes
ſam confuſos
os tres eſtados danados
alterados meſteyraaes
em ſeus vſos.
¶ Nom devemꝰ ſer comuũs
ſe nam pera deos amarmꝰ
⁊ ſervirmꝰ
nam ſejamꝰ todos huũs
em rrycamente calçarmꝰ
⁊ veſtirmꝰ.

¶ Ca muytos bayxos indinos
de nobreçydos lugares
prevaleçem
⁊ com rrycos trajos fynos
cadeas douro colares
engrandeçem.
A os nobres ſem dynheyros
nam lhe catam melhoryas
porque cayam
menꝰ preçam cavaleyros
onde ſe cavalaryas
nam enſayam.

¶ Nꝰ outros tẽpos paſſados
todos queryam vyver
oneſtamente
ordenados compaſſados
cada huũ em ſeu valer
era contente.
Nam avya preſunçam
nem tomar de melhorya
em devyda
concordada dyſcryçam
a mays da jente rregya
per medida.

¶ Todalas openyões
dos omẽs eram fundadas
em çerteza
todalas converſações
doçemente converſadas
com deſtreza.
todos ſem altevydade
oneſtamente folgavam
cada huũ
ſegundo ſa calydade
peroo todos deſejavam
bem comũ.

¶ Fez o tempo outra volta
tornanse boas vontades
maos desejos
onrrã mays quẽ mays se solta
⁊ em toda las verdades
catam pejos.
Os que tem a gouernança
tomam conta com entregua
muy sem byco
com sesuda temperança
nam se chegua onde chegua
merecido.

¶ Ca rrevoluẽ myzeradores
por caberem com patranhas
onde sabem.
que podem auer fauores
voluẽ mãs ydoões em sanhas
assy cabem.
He costumada sympreza
cremos palaura sem proua
torpe fea
mãa sospeyta traz crueza
sem rrazam estranha noua
nam se crea.

¶ Ho or falar no gouernar
⁊ largar assy abrocha
nom espaço
nem por muyto rreprochar
nom me escuso de rreproche
⁊ mal faço.
Ha hy tanta çugydade
de maneyras muy peruersas
a mi notoria
⁊ em tanta cantidade
que saaem culpas diuersas
da memoria.

¶ Destes fedorentos çiscos
muytos ha em cada casa
de fogo
sam pyores que curiscos
muyta gente se debrasa
em tal fogo.
nossas vydas apoquenta
nossas fazendas destruy
seu fedor
yra de deos sacreçenta
ora cada huũ com luy
sem temor

¶ Na fala partecular
todo bem ⁊ mal sentende
nam faleçe
quẽ mylhor sayba pyntar
ysto que ve ⁊ comprende
⁊ conheçe
Vão errados os estilos
nam se podem correger
leuemente
tantos bocados ⁊ engulhos
feros sam de conçeder
a quem sente.

¶ He muy fera beberajem
he muy grande desacordo
v nam tomam
com rrepouso sem corajem
discreto conselho cordo
nem assomam
Com bem lyquidada conta
pero contra q̃ vir possa
porque vejam
quanto vale ou quanto mõta
no ganhar ou perda grossa
ou se rrejam.

¶ Os que gouernam ⁊ rrejem
andem bem oos aparelhos
vynos lestos
essa çydade despejem
de monturos ⁊ fedelhos
desonestos
Assy me vou espedindo
de rreprochar mas vergonho
mays espynhas
muy graues penas sentyndo
todalas outras posponho
polas minhas.

¶ Fraca dyta fraco syso
fraca rrenda gram despesa
mal que anda
estas paguas que deuyso
em fraquẽtam minha mesa
de vianda.
De meus feytos vaão no fũdo
mynhas casas sam q̃ymadas
v sabes
as afryçoões deste mundo
pelo de deos compostadas
sam merçes.

¶ Fym.

¶ Cumpra deos vosso desejo
⁊ de quem vos bem deseja
neste segre
com a pobreza pelejo
ella faz que triste seja
nam alegre.
Em fym de tudo concrudo
assy bem ou mal notado
notefyco
que nam contam por sesudo
nem pode manter estado
se nam rryco.

¶ Aluaro de brito.

¶ Vyue mays morto q̃ viuo
o lyure que se catyua
ledo forro sempre vyua
quẽ se lyura de catyuo.

¶ Nam he ley dumanydade
nem consente descryçam
leyxar omem lyberdade
por viuer em sujeyçam
sendo contra ssy esquiuo
contra sy todos esquiua
ledo forro sempre vyua
quẽ se lyura de catyuo.

¶ Joam gomez da jlha.

¶ Eu vy no tempo passado
affirmarsse por verdade
catyuidade de grado
ser inteyra lyberdade
mas por certo meu motiuo
he contra quem se catyua
ledo forro sempre vyua
quem se lyura de catyuo

¶ Aluaro de bryto a el rrey porq̃ ho mandou ao esmoler pedindolhe merçe.

¶ Menos preço desconsolla
a verdade bem se ve
que quẽ mereçe merçe
nom espera por esmolla.

¶ As esmolas de deos sañ
chamadas esprituaes
as merçes os rreys as dão
por galardão
dos seruiços temporaes
este mundo hee dembolla
bem esta a quẽ em ds cre
que quem mereçe merçe ꝗ
nom espera por esmolla.

¶ Outra sua

¶ Breue vida e guerrea
carne mesquinha sospira
abre los ojos e myra
la muerte como saltea.

¶ Myraras la poca dura
deste curso temporal
que so rregra de ventura
no segura bien ny mal
e porque mejor se vea
em los passados consyra
abre los ojos e myra
la muerte como saltea.

¶ Outra sua.

¶ Sem pena ou sem fauor
nem per graça deuinal
nam pode bom seruidor
medrar neste portugual.

¶ Sẽ pena sabeys qual pena
a çerta pena da pata
que a viuos morte cata
e a mortos vyda ordena
sem esta ou sem fauor
que queyra ds eternal
nam pode bom seruidor
medrar neste portugual.

¶ Outra sua cõtra os escryuães da fazenda.

¶ Se fylhos de quẽ nõ teue
tendes mais que mereçes
a el rrey muytas merçes
que vº deu o q̃ me deue

¶ E poys tendes rreçebida
a paga de meu seruiço
nam queyraes cõ vosso viço
brassamar de minha vida
que nam tenha quẽ ja teue
e vos mais que mereçes
a el rrey muytas merçes
que vº deu o que me deue

¶ Decraraçã da diuyda feyta por anrrique de fygueyredo escryuam da fazenda.

¶ Deueme muytas pancadas
que deu quado desampayo
nas costas muy bem pagadas
pollas culpas em queu cayo
poys com sua mão rreteue
em lhas dar como sabes
a el rrey muytas merçes
que lhas deu e a mym as deue

¶ Trouas daluaro de brito fengyndo nauegando com tormenta grosando hũa cantigua do camareyro moor q̃ que diz cuydados deyxai mȩ gora

¶ Cuydados deixay m agora
cuydar meu mayor cuydado
com que meu coraçã chora
por q̃ vou de foz em fora
de prazer desamarrado
Com tam forte tempestade
que nam posso portar vella
com tam grande saudade
com tam pouca piadade
perdimentos merreuella

¶ Dexeyme vossos rrumores
em quanto possa dizer
meus sospirados clamores
de tristezas de fauores
dores de meu padeçer.
No contrairo do que quero
ventura me faz andar
agro caminho tam fero
que penando desespero
de viuer sem me matar.

¶ Penar me faz conheçer
em minha forçada vya
cam longe sam de prazer
conheçendo meu querer,
amar mays q̃ me compryа
Com desconsolada vyda
de perigos tam mortaes
tam ferida tam corrida
ho minha triste partida
quantos malles me causaes

¶ Neste negro naueguar
grandes agonyas sento
em largas coytas passar
sam a çerca de dobrar
cõtorrnetas meu tormento.
Aruor saqua vou correndo
sobre bancos de discordia
antre baixas me perdendo
nem destreza me valendo
nem pedir misericordia.

¶ Vou assy casy perdido
leuo rrota de trestura
bem querendo mal querido
honde penso ter auydo
ho cabo de desuentura.
Nom podendo rresestir
a meu gran padeçimento
daniar sem poder partir
a quem mostra nom sentir
quanto mal por ella sento

¶ Em vaguas de mar açeso

contra vento & sem marce
vejo meu prazer despeso
vejo me i remeyro preso
em çentya de guallee.
Nam acho terra segura
que tenha seguro porto
nem quẽ aja de myni cura
nestas hondas da margura
de myl mortes viuo morto.

¶ Assy mal afortunado
nas rrefegas destes mares
de cuydados carregado
contyno desatynado
guarnecido de pesares.
Com afrontas nõ achando
honde me pola ancorar
contrairos tẽpos payrando
sem gouerno gouernando
todo meu desgouernar.

¶ Nẽ gemer minhas payxões
nem chorar nẽ sospirar
nem fazer lamentações
a minhas trebulações
nada me pode prestar
Estorçendo toda ora
sem conto penar sobejo
bradando vou hoo senhora
socorrey quem vº adora
vos meu bem & meu desejo.

¶ Quanto mais costãte sam
em vº manter minha fee
tanto mais sem compairam
por me dar maior pairam
vosso bem contra myn hee
de souerano poder
vos que podeis me saluay
ou por menos mal sofrer
poys me nam queres valer
sem dilatar me matay.

¶ Fym.

¶ Quẽ pode sofrer meu mal
quẽ uyo marteiro tam vyuo
de dano tam cremynal.
honde nom nacer mais val
que padeçer tam esquiuo
Do dama em tal graueza
em q̃ me fazeis morrer
vos primor de gentileza
çeçe ja vossa crueza
doyauos ver me perder

¶ Troua sua a fernã de var gas q̃ era muytas vezes juiz em lixboa ausençia douto.

¶ juyz de meo ano
tauanes
que pera dez anos faz dano
em meo mes
antre cortes descortes
leuyano
com pouco fauor vsano.
rrosto deres.

¶ Outra sua a ozeymoto q̃ lhe pedyo huũ consoante pera bem.

¶ Pedistes mum consoante
pera bem
dou vos rrosto de cosem
& na mão huũ puxauante
noramala quẽ galante
ozeymoto
vnhas brancas de minhoto
pescoço de lobagante.

¶ Outra sua a pero borges porque estando cõ febre lhe deu pyor despacho q em são.

¶ Vos cõ febre vos sem febre
presumis de gram senhor
poro borges contador
demo soes em vez de lebre.
vossa presunçã nam quebre
presumy de emperador
pero borges contador
demo soes em vez de lebre.

¶ Outras suas ao gryfo sen do coregedor porque lhe foy fallar & elle queyxouse.

¶ Pera que vº engrifaes
poys que cõ vosco nam rriso
cuydaes q̃ por serdes grifo
que por hy mata bucaes
oulhay bem como fallaes
gallante da mão ynchada
boca de cousa fynada
verdugu de pendençaes

¶ Alterou vos huũ grifete
q̃ dene ser basalysco
& dizen que soes galisco
vede hu seste calo mete
salguũ com vosco cõpete
ro jogo de chapoiras
em quanto vº der noas
tirarlhes pollo topete

¶ Fym.

¶ Nã soes omẽ nẽ bisonha
em xarroco nem cabos
pareçeys me byaroz
enxertado em cafantonha.

¶ Outra sua.

¶ Ysabel diaz aquela
que he guarda das donzelas
se dizem q̃ diz mal delas
que diram della

¶ Diram, que se faz cartuxa
& que pareçe mundaira
vertudes dessy empuxa
damyzades se desuayra
sem cautellas se cautella
faz muy feas carapellas
se dizem q̃ diz mal dellas
que diram della

¶ A risco gozo corrido
saro rrauasco mostrengo
nam ha mais nũ herdido
casy casy rengo mengo

¶ Outra sua a el rrey quey/
xãdo se de tres desembarga/
dores q̃ eram juyzes dantre
elle ⁊ huũ villão.

¶ Senhor jam pero loys
tres da vosa rrolaçam
o q̃ ós nam quer nẽ quys
querẽ mostrar por rrezam
querẽ saluar huũ vilão
querem condenar a mym
querem fazer per latym
do nam ssy ⁊ do ssy nam

¶ Outra sua ao prouisor joã
gil perante quem andaua em
demanda.

¶ Onerrygor ⁊ que primor
de prouisor
q̃ rregallos de jam gil
sobre rrustico sotyl
⁊ sobre vil
sem saber ⁊ sem sabor
seruidor des seruidor
del rrey contra diz el rrey
que lhe farey
se fyzer deffazerlhey
⁊ chamarlhey
grã jam gil emperador

¶ Outras suas a jam de rra/
uoreda porque lhe nam quis
pagar huũ desembargo ⁊ el
le partyasse.

¶ Senhor jam de rraboreda
sem moeda
me queres fazer partir
tenho bem que vos seruyr
com vontade muy azeda
partirey mes qua me queda
de vossa merçe despeyto
a rrespeyto
de nam sey como soes feyto
açertarey a vereda.

¶ Rifam.

Vossas borbulhas me comẽ
bom cristam casy baru
soes por quẽ dyse jesu
pesame porque fyz omẽ.

¶ Soes sem fee sem cõpaixam
soes muyto mao pagador
soes muy negro de carão
soes de negra condiçam
gracioso sem sabor:
Soes galante de palomẽ;
cortesão de barzabu
soes por quẽ dyse jhesu
pesame porque fyz ome.

¶ Fym.

¶ Soes huũ bruto animal
besta casy tartaruga
soes huũ como comyeal
soes huũ demo infernal
nõ sey quẽ de vos nõ fuga
Soes danado lobysomem
primo dysaque na fu
soes por quẽ dyse jhesu
pesame ter feyto omem

¶ Estas oyto trouas fez al/
uaro de brito pestana a el Rey
dõ Fernando nas quaes me
teo o seu nome ⁊ lense de tan
tas maneyras que se fazem
sesenta ⁊ quatro.

¶ Forte fiel façanhoso
fazendo feytos famosos
floreçente frutuoso
fundando fijs frutuosos
Fama se fortalezando
famosamente floreçe
fydalguyas fauoreçe
francas franquezas firmando

¶ Exalçado exçelente
ensynados estimando.
espritual euidente;
eresyas euitando
Em espanha esmerado
espelho esclareçido
espeçial escolhydo
estremado em estado.

¶ Rey rreal rreglorioso
rreforçando rreçeosos
rreal rrey rremuneroso
rrefreando rreuoltosos.
Rycos rregnos rrecobrando
rrycamente rresprandeçe
rredobrado rremereçe
rrealissimo rreynando.

¶ Notem notoryamente
nestes notados notando;
nooto nestas nouamente
notem no noteficando.
Notefiquẽ no notado
neçessario naçydo
nobreçente nobreçido
nobre nome nam negado.

¶ Alto alto aumentado
alto autor auondoso
alto amante amado
alto auto anymoso
Anymo angelical
altas altezas auendo
alto altos abatendo
aalexandre aanybal

¶ Mereçe maximo mando
manyfico mayoral
maiores mandos mandando
mauino modesto moral.
Mostrase mereçedor
mereçe mais melhorias
mereçendo monarchyas
mereçente mandador.

¶ De ós dom deliberado
domynante dadiuoso
de ós dino doutrinando
dominando dereytoso.

¶ De deſejo deuinal
deſconpaſos defendendo
diabruras deſſazendo
de dominius doutrinal.

¶ Fym.

¶ Onores ofeçyando
obſoluto ofeçyal
offeçiaes ordenando
onrrador onyuerſal.
Oſado ordenador
oneſtando onſadias
orenlhe oras omilias
o onrrado onrrador.

¶ Eſtoutras oyto fez barra
inba dona jſabel ſua molber
da meſma maneyra e ſam ẽ
caſtelhano.

¶ Eſclareçes eralçada
em europa enlegida
eſperante eſperada
eſtrelha eſclareçida.
Eſplandor eſpiritual
electa eſpectatiua
eſpecta execntiua
eſtrema eſençial

¶ Leona leda loçana
lumynante lumbradora
leuantada libre lhana
lyquedada libradora.
Loança lhena lhamada
lyndamente luſtrida
leſta lymada luzyda
locn loente loada.

¶ Jluſtriſſima jurada
juſtamente ynfluyda
yndita juſtificada
jentileza ynfenyda.
ymajem imperial
yn menſa ynpetratiua
jeneroſa ynuentyua
ynduſtrioſa ygual.

¶ Suprema ſuaueſana
ſerenyſyma ſenhora
ſuma ſalda ſouerana
ſobrimante ſopridora
ſolenc ſolenyzada
ſolenemente ſernida
ſacra ſecreta ſentida
ſubiendo ſiempre ſaluada.

¶ Altiſſima abaſtante
aduerſidad amanſaſte
amando alto amante
agras artes alhanaſte
Altezas amor alcanças
altiuezas abayxando
anymoſas anymando
azes artas abundanças.

¶ Beatiſyma bondad
beatiſyma bonança
beatiſyma beldad
buen braſon buena bálança
Buſcas brãdezas benynas
benenydad braſonando
beneficios buſcando
baſteçes buenas baſtidas

¶ Exçelſa examinante
eſpanholes enſenhaſte
eſguardada elegante
elheſtado eralçaſte
eſforçando eſperanças
el eterno eſperando
el eſtilo eſguardando
eſquiuando eſquiuanças.

¶ Fym.

¶ Libertaſte lybertad
leuantaſte la loança
lealtaſte lealtad
letifycas la liança.
Lymas las lengoas latinas
loas lindezas lymando
liberalmente librando
latyno loor lomynas.

¶ Trouas daluaro de brito
peſtana em louuor dõ pero di
az eſcriuam dante o correge/
dor da çidade de lyxboa.

¶ Todos muy calados ſejam
por bem ouuir e eſcuytar
todos venham ver e vejam
como me dem e varejam
huũ que quero decrarar.
Eſtes todos numerados
do conto dos eſcriuaães
do cyuel crime contados
e aſſy doutros julgados
e tam bem tabalyaães

¶ Antre todos eſcolhydo
he eſte que vos dyrey
pero diaz e auydo
por omẽ que mereçido
tem a vós e a el rrey.
A vós temas perfundezas
honde mora barabas
la tem coſas e rriquezas
e tam bem hũas deſeſas
que partem cõ ſatanas

¶ E tem mays hũa herdade
que ouue com condiçam
de nunca falar verdade
nẽ tam bẽ a ſeu abade
em nenhũa confiſſam.
Tem officio na cozinha
das caldeyras meredor
ſobre lombo de ſardinha
bebe mais çumo de vinha
do que leua hũ tenor

¶ Tẽ mais rrindo e folgãdo
por omẽ de muy bom tento
ſuas bochechas hinchãdo
officio deſtar ſoprando
o fogo dudam tormẽto
e mais he pouſentador
de todollos que la vam
com rroſto triſte damor
os rreçebe pola mão
por q̃ la tem gram fauor

¶ Os q̃es leua como damas
ſo color de rrepouſarem
em fogo de viuas chamas

fhordens barras ⁊ camas
por se melhor aquentarem
He desposto pasteleyro
do arcanjo lucefel
de barzabu carnyceyro
magarefe verdadeyro
grande meestre de cristel.

¶ Item mays he triagueyro
dos abismos boticayro
faz a proua sem parceyro
da vº purga sem dinheyro
q̃ vº he muy gram rrepayro
Nos abismos sempre mora,
mas vem qua fazer seruiço
pollo qual sua alma chora
⁊ diz que muyto maa ora
se meteo no seu cortiço

¶ Ja mudou a cõdiçam
a ds graças todos demos
conuertido de rrezam
vos escreue assy por nam
asentádo falsos termos.
De rroym tem aparelhos
o esprito tem malino
de maçaãs descarauelhos
cõ pimenta de coelhos
vº faz ambar muyto fyno.

¶ Outras myl composyções
vº faz desta guysa feytas
tudo passa cõ rrazões
por que tem tais cõdições
destes casos muy perfeytas
Sabeuos muy bem o canto
dos erros judiciaes
porque o seu corpo santo
tem nos em custume tanto
que trespassa seus yguaes

¶ He vº tam bõ tintoreyro
q̃ nam foy melhor gabay
porq̃ lhe da mais denheiro
faz do preto muy ligeyro
huũ muy fyno verdeguay.
Luyta bem pola trauessa
⁊ tam bem por sa calinha
porquem dinheiro a rreuesa
sua mão cõ grande presa
mete logo antre linha.

¶ Negua sempre a verdade
escreue sempre mentira
por ca condiçam da herdade
foy assy ⁊ bem se sabe
pergunte duarte xira.
Pergunte sabastiam
pergunte cytor lamprea
se he este o escriuam
o mais falso ⁊ mays bulrram
que no mundo se nomea.

¶ Pergunte a seu cunhado
⁊ a todos em jeral
vejam huũs autos damado
huũ judeu q̃ foy queymado
no rressyo por seu mal
Perguntem a dom joham
dabranches he nomeado
⁊ ho conde seu jrmão
⁊ mais quantos aqui sam
saluo fernam penteado

¶ Nem rroiz mesquecia
por q̃ nam he magoado
mas pero muy bẽ seria
pguntarlhe o que sabia
deste corpo sem pecado
Por que he homẽ que diraa
assy ds em bem macabe
o que disso saberaa
⁊ nam no duuydaraa
de dizernos o que sabe.
¶ Deos lhe da por galardam
o ynferno para sempre
pero com tal condiçam
que ele seja ⁊ outro nam
o cas almas atormente
Elle diz que he contente
do partido aceytar
pollo qual quer entramente
qua andar antre a jente
começarse de ensayar.

¶ Ora leyxemos estar
o ca ds tem merecido
venhamos a decrarar
o que lhe el Rey deue dar
pollo ter tam bem seruido
De veo primeyramente
mandar bem apousentar,
na casa da muyta jente
honde este seguramente
cõ bom grilhão ⁊ colar

¶ A qual casa lhe daram
por tres anos asynados
por que crye bom caram
na qual bem o seruiram
cõ conseruas de priuados.
Este tẽpo por que sayba
o bem dos atribulados
⁊ por q̃ parte lhe caiba
⁊ goste daquela rraiua
q̃ tem os encaçerados.

¶ Depois dele aueram
piadade os humanos
⁊ da hy o tyraram
com grande voz ⁊ pregã
que decrare seus enganos
Leualoam pascando
dereyto por seu caminho
de seu cabresto tirando
aguya que for guyando
honde estaa o pelourinho:

¶ E depoys que la cheguar
sem de tença nẽ tardança
por se mais nũca coçar
aly lhe faram leyxar
sua destra mão da lança.
Por que nã mate nem feyra
ja mais dos q̃ mortos tem
em dia de terça feyra
se tera esta maneyra
por cas jentes vam ⁊ vem:
¶ E daly o leuaram
com diligencia cuydado
aa parte do aguyam
e de juro lhe daram
hũa casa sem telhado.
Que tem paredes ⁊ cume
estaa posta em bom chão

na qual nunca fazem lume
por rrezam que nam defume
mas enxugue os qualy vam.

¶ Se ſouuer por agrauado
das condições da pouſada
muy preſtes ſeja tornado
hoo pelourinho ⁊ leuado
aa cabeça ſer cortada.
E feyto em quatro partes
⁊ çinquo com ha freſura
daram fym a ſuas artes
⁊ prazer a muytas partes
a que elle deu triſtura

¶ A cabeça lhe poram
eſcontra o vendaual
aa porta darrolaçam
⁊ tambem o coraçam
com q̃ cuydou tanto mall.
ſeus quartos lhe partyram
pelas caſas ou julgarem
porque qualquer eſcriuam
ſayba que tall gualardam
lhe daram ſe aſſy vſarem

¶ Iſto tem bem mereçydo
a dous rreys q̃ mortos ſam
ſem de quanto tem ſeruydo
nunca ver nem ter auido
nenhũa ſatiſfaçam
Mas praza a o rrey deuino
que ponha no coraçam
deſte noſſo rrey begnyno
que de tudo o que for digno
lhe mande dar gualardam.

¶ Trouas daluaro de brito a morte do princìpe dō afonſo que deos tem.

¶ Morto he o bem deſpanha
noſſo principe rreal
chora chora portugual
choremꝰ perda tamanha:

¶ E carpindo lamentemꝰ
dous em hũũ triſte rreſponſo
rrey ⁊ principe choremꝰ
dom affonſo dom afonſo
Ho que morte tam eſtranha
ho que nojo ho que mal
chora chora portugual
choremꝰ perda tamanha

¶ O q̃ queeda tam ſanhoſa
pera chorar ⁊ carpyr
ho q̃ queeda tam danoſa
que nꝰ fez todos cayr.
¶ Ho quanta nobre cõpanha
ſente triſteza mortall
chora chora portugual
choremꝰ perda tamanha.

¶ Choremꝰ que tall cayda
por noſſos grandes pecados
nꝰ leyxa deſemparados
mata toda noſſa vyda
Que peſar nꝰ acompanha
que nunca foy vyſto tall
he perdido portuguall
choremꝰ perda tamanha.

¶ Choremꝰ hũũ jnoçente
hũa ſancta creatura
que por noſſa deſuentura
morreo tam ſupita mente
Ho que mall que nojo ſanha
que deſemparo mortall
nota todo portugual
choremꝰ perda tamanha.

¶ Fym.

¶ Morreo noſſa defenſam
⁊ morreo noſſa liança.
morreo noſſa eſperança
de nom vyr a ſſogeyçam
Aſynꝰ de la companha
noſſo ſenhor natural
o ſenhor çeleſtrial
o rreçeba em la companha.

¶ Louuor daluaro de brito a hũa ſenhora.

¶ Graça de bem pareçer
vꝰ da tanto poderio
que ſe nam pode ſaber
dama que per mereçer
vꝰ nam cate ſenhorio.
Voſſas grandes perfeyções
muy ſobejas nam danoſas
faz de todalas nações
tyra las openyões
das que ſe tem por fermoſas

¶ Quem podera preſumir
naçerdes tal creatura
quo que mays vezes vꝰ vyr
nam ſaberaa rreſumir
voſſa menꝰ fermoſura
E que o mundo vꝰ gabe
⁊ por boa vꝰ afame
louuar tanto vꝰ nam ſabe
quanto louuor em vos cabe
pero ſobejo vꝰ ame.
¶ Dyzeyme per que maneyra
em vos fale ouſadamente
ſe das fremoſas primeyra
ſoes ⁊ ſeres derradeyra
mays afamada da gente
Nom rreſguardando peſoa
naçyda nem ſe conheçe
que per grado de tam boa
mereçeſſe tal coroa
qual vꝰ dada ſer mereçe.

¶ Nam pode naçido ſer
dino de tanta vertude
que ſoomente em vꝰ ver
poſſa tall esforço ter
que dante vos nom ſe mude
Voſſa gentyleza tanta
⁊ beldade nam cũmũa
a os preſentes eſpanta
⁊ as fremoſas quebranta
enueja de cada hũa.

¶ Aos que ſe vay moſtrando
voſſa fremoſa poſança
as vertudes decrarando
de todos ſempre tomando
mays damor que deſquyuança
faz cuydar nam ſer tam forte
obrando de tal crueza

Que vençer vᵒ passaa morte
nom leyxando quem sopote
tam sengular gentyleza.

¶ Ser fortuna tam ousada
he poder nom comparado
nom deuendo ser forçada
vyda de todos louuada
de louuor nom acabado.
Ca perdas tantas ꝛ taes
vossa morte causaria
que a vyda dos mortaes
cousas rrayuas desyguaes
morrendo melhor seria.

¶ Tam perfeyta pareçeys
ao que menᵒ pareçe
que bem vem que tall sereys
quaa mays fremosa fareys
por vossa vysta rrefeçe.
Ordenada vossa cara
sobre todas graçiosa
sem fym se mostra tam crara
que nossos olhos empara
de vysta nam lumyosa.

¶ Tal pareçeys em dormyr
qual pareçeys ser esperta
sem de vos nunca partyr
hũa froll que consentyr
nunca quis doutra rreferta
Ja tall naçestes que posto
as cousas mudança façam
nunca mudaes vosso rrosto
olhũ pareçer sobre posto
que naçydos nam alcaçam.

¶ Nome ꝛ grandes façanhas
de vosso bem tam profundo
conheçydas ꝛ estranhas
as de mays pfeytas manhas
desa fama neste mundo.
Tanto que de vos se faz
os omẽs tam engalhados
que per natureza os traz
que padeçendo lhes praz
serem a vos sogygados.

¶ Com fremosura sobeja
tanta bondade vᵒ vejo
que meu sentido peleja
como mays perfeyto seja
o seruyr que vᵒ desejo.
ꝛ peroo mereçedor
Dauer tanto bem nam sam
sem auer de vos fauor
presunçam de seruydor
me rrequere alteraçam.

Ja nam mereço fallar
em vos sendo tam perfeyta
ꝛ quer ẽ douᵒ louuar
cabe mays injuriar
segundo rrezam dereyta
Saber tanto nam podendo
em tal caso ser agudo
que em vᵒ louuar querendo
fale em vos nam desfazendo
fycando menᵒ sesudo.

¶ O mundo vᵒ amaraa
nom segundo vosso bem
mas porem nojo vᵒ daa
desamado sempre jaa
vᵒ amo mays que nyguem
Afyrmando mays agora
açerca daqueste verbo
ja nam posso ser afora
de serdes minha senhora
ꝛ eu sempre vosso seruo.

¶ Fym.

¶ Falar em vossa bondade
vosso estado mo defende
por nam dar autoridade
ao que a vmanydade
juyzo dar nam entende.
E poys louuarvᵒ nam sey
por louuor calar me quero
peroo se cousa faley
em que desprazer vᵒ dey
perdam peço qual espero

Outras suas
a esta senhora.

¶ Ja cousa nam sey q̃ fale
açerca de vᵒ amar
e menᵒ nam ey que cale
nem que me possa prestar
Fortuna he contra mym
vos tam bem
a vyda que me sostem
he pyor que minha fym
que tarde vem.

¶ Rezam quer dezyrvᵒ eu
sete sentymentos tristes
que no sentimento meu
sento que vos rrepartistes.
Estes que sam departydos
por escryto
afyrmados por meu dito
com força de meus sentidos
ꝛ espryto.

¶ O prymeyro sentimento
he ouer ꝛ nam vᵒ vendo
dobrar meu padeçimento
apartado de vos sendo
Ca por vᵒ nam ver sa terra
mynha vida
com pena sobre creçyda
de nojos danᵒ ꝛ guerra
estroyda.

¶ O sentymento segundo
desejo sem desejar
mays cousa daqueste mundo
que vosso gualardoar
E desejando me fyca
sea contrayro
mouimento em desuayro
que de todo danefyco.
meu rrepayro.

¶ O sentimento terçeyro
he falar nam vᵒ falando
auydo por catyueyro
em que vyuo pejorando.
Qua sento se vᵒ falasse
a querela
que sofro por vos donzela
quem falando se tyrasse
parte della.

¶ E o sentymento quarto
he mortal temor temendo
perderuꝰ donde nam parto
seruyço forçar fazendo
Que por vosso me obryguey
de guysa tal
que vyda sem ser leall
he pena que sentyrey
mays que mortall.

¶ E o sentymento quinto
contemprar contempraçam
em vosso estado destinto
de vossa conuersaçam.
Donde gram pena matura
muy danosa
sabendo que soes fremosa
sobre toda fremosura
ꝛ de mym sanhosa.

¶ Sentimento se ysto tenho
rreçeo de faleçer
este vyuer que mantenho
ꝛ perda vos rreçeber
Perda de tal seruidor
he de sentyr
faleçe em vꝰ seruyr
sem outro tal amador
rrestetuyr.

¶ O sentimento seteno
querer querendo prysam
v forçadamente peno
sem sayr de sogeyçam.
Ca por meu contentamento
descontente
vyuo vida padeçente
nam podendo ser ysento
nem seruente.

¶ Fym.

¶ Todos estes sentymentos
sento com vossa crueza
nam por meus merecimentos
nem sem vossa gentileza
Mas asly de naçymento
sam fadado
que per caso mee forçado
conseguyr o mal que sento
sem meu grado.

¶ Copras dalvaro de brito
pestana estando pa se fynar

¶ La tarreda satanas
christo jhũ a ty chamo
a ty amo
tu senhor me saluaras
O final da cruz espante
minha torpe tentaçam
com deuaçam
espero dyr a diante.

¶ Interrogaçam a nossa senhora.

¶ Ho virgẽ madre sagrada
do sobre todos deos vyuo
eu catiuo
te chamo minha vogada
Em ty foy vmanidade
vnyda com deos eterno
do inferno
me liureta santydade:

¶ Que senta graue payxam
do mem fraco pecador
mereçedor
de mayor perseguyçam.
Se contemplo com bom tẽto
que deos quis morte tomar
por me saluar.
meu pesar por prazer sento.

aquestas taes grorias vaãs
que o mundo da ꝛ toma
sam em soma
todas trystes ꝛ vylaãs
Enganosas fantesyas
sam donynyos rryquezas
ꝛ tristezas
conssomydas senhoryas.

¶ Procurarã meus desejos
da ver premyos mundanꝰ
muytos ãnos
com trabalhos muy sobejos
seruy ꝛ seguy mortaes
deram me por gualardam
fraca rraçam
a menor de meus yguaes.

¶ Dame dos mays q̃ mereço
poys que me da conheçer
seu poder
ꝛ mays bem do que mereço
Que sy muyto mays me dera
de mays me tomara conta
tal afronta
grandes danꝰ me fizera.

¶ Mas cõ tudo nam me escuso
de pecar que nam matreuo
canto deuo
a ty deos a que me acuso
Cantas merces me tẽs feytas
sam de mym mal gradeçydas
mal seruydas
rreçebydas nam açeytas.

¶ Se pudesse sujuzgar me
ho que rrazam me conuida
nesta vyda
folgaria apartarme
Das afrontas mundanaes
que me rreuoluem o syso
sem auyso
dos açydentes mortaes

¶ Voume de dia em dia
a tres esta vaydade
de vontade
esperando melhorya
Sam no cabo da iornada
pera caminho trabalho
desuyado
da passajem desejada

¶ Em tal medo moferçço
aa muy alta magestade
da trindade
por pecador me conheço.
E poys lhe prouue saluar
ꝛ rremyr os pecadores
porque louuores
folguey sempre de lhe dar:

¶ Dos que am mundano bẽ
poucos a deos aguardeçem
nem conheçem
donde nem como lhe vem
Nem que o ham de leyxar
que seja seu patrimonyo
com demonyo
que nam cansa de tentar.

¶ Asperezas sam mudanças
de pecados a vertudes
e saudes
sam as boas confyanças
Vertuosa continençia
com boa comuersaçam
com saluaçam
e reçebem da prouydençya.

¶ Mas que farey eu sugeyto
a mynha vontade maa
que quer que vaa
errado contra dereyto
E em mal endureçido
coytado nam sey que faça
se de graça
mays çerto nam sam tangydo

¶ Lembra me tẽpos passados
todos de tryste vyuer
sey morrer
senhores daltos estados
Sey morrer o nosso rrey
dom affonso muy amado
como criado
sa morte senty chorey.

¶ E que seja choro vaão
e temporal desconforto
sey ser morto
muy catholico christão
Tornome deste caminho
consyro em minha morte
de que sorte
me saltara no foçinho.

¶ Fym.

¶ Na qual partyda consyo
em deos tryno criador
meu rredentor
com que mabraço e lyo
e protesto sempre crer
a sancta fe firmemente
mays contente
de proue que rrico ser

¶ Cantigua daluaro de bryto pollo prinçipe dom afonso quãdo esperaua polla priçesa e este primeyro pee que diz sym pecar. as mesmas letras dizem prinçesa.

¶ Syn pecar
vos amo mas q̃ my vida
sy tarda vuestra venida
que hare al dessear.

¶ San todos mis pẽsamiẽtos
em vos contemplar muy biuos
syento graues sentymentos
de gran soledad esquyuos.
Por amar.
vuestra beldad infynida
sy tarda vuestra venida
que hare al dessear.

¶ Aluaro de bryto a meçya dabreu.

¶ Vossa vergonha ma pressa
fremosa prima dabreu
estas çinquo da promessa
nam diguaes q̃ as fyz eu.
Louuarey vossa figura
em todas tee derradeira
diguo logo na prymeyra
que vossa gram fremosura
das damas he cobertura

¶ Na segunda que direy
ca por muyto que vos gabe
acabar nam poderey
quanto louuor em vos cabe
Do que muyto soes louuada
todos o dizem de praça
que vossa comprida graça
he cousa nam comparada
que per deos foy ordenada.

¶ Na terçeyra se rrequere
decrarar vossa vertude
a lembrança me rrefere
aqueste que sobre acude
Vossa bem auenturança
na questa presente vyda
vos deu fora de medida
acabada temperança
nom de fengyda mostrança

¶ Nam posso louuar dyzer
na copra presente quarta
que possa satisfazer
ao mays quem vos saparta.
O senhor deos vos quis dar
vertude de castidade
com tanta onestydade
que por tan curto falar
se nam pode decrarar.

¶ Fym.

¶ E tambem na copia qninta
huũ louuor tratar vos quero
queyra ds que vos nam minta
em quanto dyzer espero
Sobre muy g ande bondade
sempre jamays vos atura
continuada mesura
e tambem leda vontade
de sempre falar verdade

¶ Grosa daluaro de brito sobre terribles coytas desseo.

¶ Terribles coytas desseo
vos nunca me daes vaguar
ferys me tam sem rreçeo
que minha morte nam creo
que possa muyto tardar.
Amo e prazme seruyr
a quem meu querer ofende
por me dar nojo sentir
minha vontade partyr
de a seruir nam entende.

¶ Linda dama cujo sam
yo vos quero preguntar
se vos pareçe rrazam

trabalho sem gualardam
me quererdes ordenar
Como quem gram pena sente
pyadade vᵒ demando
ante que mays sacreçente
poys vertude nam consente
sem culpa vyuer penando

❡ E com meu grande penar
pregunto a vos senhora
se me podereys deyxar
seruir vᵒ sem pena dar
a quem tanto vᵒ adora.
Cabo de sengular grorea
seria ja pera mym
dyna de ser em memoria
querdes vos por vitorea
desordenar minha fym.

❡ Muytas vezes consyrando
em vossa gram fermosura
vo de vᵒ ver mapartando
fyradamente amando
maldizo minha ventura
Que de vᵒ ver ⁊ falar
dias ⁊ tempos marreda
muy caros de scpoitar
sabendo que meu pesar
vᵒ nam faz triste mas leda.

❡ Ou partyr com desatento
sem vos seguy minha via
mas com gram padeçimento
escrita no pensamento
fuestes em mym companhia.
Tenho leuada tal pena
deseiando vossa vista
que tristeza nam pequena
mynha vida desordena
vos de mym sempre bẽ quista

❡ Mostrastes crueza tanta
contra mym vosso sogeyto
que meu sentido sespanta
⁊ o que mays me quebranta
dardes contrayro rrespeyto.
Mas agora bem seria
de çessar meu mal esquyuo
poys q̃ vossa senhoria
sabe que nam poderia
partir de vosso catiuo.

❡ E que de vos rreçebesse
por de mym serdes seruyda
gualardam qual mereçesse
porque menᵒ padeçesse
em vᵒ amar minha vida
Que sequer de tanto mall
que me fossedes deixando
porque meu dano mortall
nam fosse descomunal
mays dessauor esperando

❡ Sã a taes termos chegado
por vossa crua vontade
que ja desassemelhado
ando tam triste tornado
que he dauer piedade
De mym vosso nam alheo
se vossa merçe o olhar
pollo mal em que me veo
senhora com outro meo
me deueys rremediar.

❡ Tenho vᵒ bem rrefertados
todos meus mereçimentos
polos trabalhos passados
em lugar de galalhados
com muy asperos tormentos
E peroo meu rrefertar
açende mays padeçer
poys me nam aconselhar
yo vᵒ quero preguntar
que queres de mym fazer.

❡ Fym.

❡ Minha grosa sa cabando
da questa velha cantigua
a tempo que nam abrando
meu triste cuydado quando
mays força damar mobrigua
Por rrayuas descomunaes
graues coytas de pesar
peçouᵒ que me digaes
em quanto me nam mataes
se me podereys deyxar.

❡ Preguñta daluaro de brito

❡ Dama que faz gasalhado
⁊ fauores
a galante por amores
que he com outra casado
Pregunto se faz pecado
ou vertude
todo cortesam majude
sem falar afeyçoado.

❡ Resposta do coudel moor

❡ Quẽ mays perde por seruir
mays obrigua sua dama
polo qual rrezam a chama
asseu mal nam consentyr.
Mas ante todo fauor
lhe deue ser outorgado
ca dito temᵒ dautor
que dios al buen amador
nunca demanda pecado

❡ Cantigua dantom de montoro elouuor da rraynha dona ysa/bel de castella.

❡ Alta reyna soberana
si fuerades ante vos
que la hija de sanctana
de vos el hijo de dios
rescibiera carne humana.

❡ O bella sancta discreta
con espirencia se aprueue
que aquella virgem perfecta
la diuinidad ecepta
esso le deueys que os deue:
Y pues que por vos se gana
la vida y gloria de nos
si no pariera sanctana
hasta ser nascida vos
de vos el hijo de dios
rescibiera carne humana.

¶ Daluaro de brito a antõ de montoro sobr'esta cãtigua que fez como ereje.

¶ De voz mõtouro brosnada
vi esta vossa cantigua
que da toura muy antigua
me pareçe ser forjada
polo qual vº ousaria
de dizer por esta via
co que tenho de vos visto
crerdes pouco ẽ jhesu christo
menos em sancta maria.

¶ Que trouez tam dauãtajem
como tendes grande fama
tras a orelha achey escama
donde vem vossa prumajem.
Vos mostraez por vossa mão
que enxertado em cristão
soes em fazer huũ tal gabo
tentando como diabo
a rraynha tam em vão.

Vos de vos mostraes agora
vosso mal donde vº vem
ygualando o mal co bem
a serua com a senhora
Mas se vos disereys tal
nos rreynos de portugual
logo foreys dom rroupeyro
cum baraço dazcytero
hoo fogo de sant barçal

¶ Vos a filha de sanctana
nomeastes tam em soma
que daquy craro se toma
vossa ligua ser marrana
Tal modo de brasfamar
eu mespanto deos passar
por fazerdes tal parelha
como a boca tras a orelha
vº nam pos em no falar.

¶ Vos na ley soes omẽ velho
da cabeça atee os pes
muy amyguo de mousees
e nouo no euangelho
vosso syso paruoeja
poys que a virgem coteja
coa serua que a rrogua
sendo doutor na lynogua
sabeys pouco da ygreja.

¶ Isto adeuinho co dedo
porque o vejo por olho
que nũca ouuestes rremolho
da pia tarde nem çedo
Ca segundo os synaes
que de vº qua nº mostraes
que a todos al pareça
sem capelo na cabeça
me pareçe que andaes

¶ Poyz ẽ fym de vossos dias
mostrays o fyo do pano
nam diguo que soes marrano
mas neto de mil judias.
Se taes cousas aconteçem
e passam como pareçem
sem castiguos taes louuores
feytores consentidores
ygual a pena mereçem

¶ Como homẽ muy inerco
comparastes tam em vão
como quem cõ sua mão
cuyda de tomar o çeo
Quem de deos foy conçebyda
da beniçyo escolbyda
fazeys vos ygual a sorte
pondo a vida com a morte
a morte com nossa vida.

¶ A virgem sancta e pura
muyto mays que dia craro
comparaes com quem cõparo
a hũa triste noyte escura
Como campo com a serra
ou de grande paz da guerra
mayor deferença tem
do que he do mal o bem
ou dos altos çeos a terra.

¶ Fym.

Quanto menos hũ ouçam
he de deos em grao perfundo
tanto menos todo o mundo
he em sa comparaçam.
Pola verdade se proue
que tudo quanto se moue
ha rreynha de castella
he tam pouco pera ela
como de deos a huũ proue.

¶ Grosa desta cantygua de montoro feyta por aluaro de brito enderençada a nossa senhora.

¶ Alta rreyna souerana
quem em os çeos nẽ na terra
nam cabe em vos sençerra
tomando carne humana
Deos e homẽ se rresume
vindo do muy alto cume
do gram seo de deos padre
cuja filha soes e madre
crara luz de nosso lume.

¶ Sy fuerades ante vos
naqueste mundo naçida
saluaçam de luz de vida
mays çedo dereys a nos
de vos nossa rredençam
De vos nossa saluaçam
virgem sancta muy onesta
de vos veo manifesta
rremir nossa geeraçam.

Que la hija de sanctana
vº chamem muy exçelente
criada primeyra mente
fostes da vida mundana.
E prouoo por salamam
ante secula creata sam
e assy o cremos nos
que depoys de deos soes vos
sobre quantas cousas sam.

¶ De vos el hijo de dios
quis naçer por nos saluar
humana carne tomar
do virginal ventre de vos.

Vos senhora sooes o manto
que nos liura de mal tanto
por serdes do filho madre
& a filha de deos padre
esposa do esprito sancto.

¶ Recibiera carne humana
nam podera deos fazer
se nam do solito poder,
na questa vida mundana
Se nam vos que em sasyna
antras molheres mays digna
chea de graça comprida
de deos padre concebida
ficando virgẽ diuina.

¶ O bella sancta discreta
vos fez deos per ecelençia
da deuynal prouidençia
arca çerrada secreta
Depois de deos a milhor
depois de deos a mayor
das grandezas em grandeza
sobre todas, em alteza
depoys de nosso senhor.

¶ Con espiriençia se prueue
per vossa grande humildade
per vossa gram piedade
que de vos nunca se moue
Per cujo merecimiento
foy de vos o naçymento
do filho de deos eterno
que das penas do jnferno
foy o nosso liuramento.

¶ Aquella virgen perfecta
madre de nosso mexyas
de que falam as profeçyas
que foy de deos escolheyta
Esperança dos pecadores
perdam de nossos errores
rraynha de todolos anjos
& dos sanctos & arcanjos
rremedio de nossas dores

¶ La diuinidad ecepta
nem nos çecos nẽ neste mundo
de tam alto bem profundo,
ninguem foy tanto perfeyta
ninguem foy em vmanidade
de tam sancta santydade
vmana tam gloriosa
tam vmilde & graçiosa
cuberta de nouidade.

¶ Esto le deueys que os deue
ao mays perfeyto bem
que ninguem se vos nam tem
nem teraa nem nunca teue
Ca vos soo senter ygoal
vos fez deos senhora tal
tam fermosa & ecellente
mays que sol rresprandeçente
fonte crara ocuinal.

¶ Y pues que por vos se gana
nossa vida nossa groria
escusado he memoria
de rraynha castelhana
Porque oje viuira
de menham nada seraa
& todo vyuo contempre
quo vosso louuor por sempre
jamays nunca çessaraa.

¶ La vida y gloria de nos
rraynha de todos & minha
de nossos males meezinha
nam he outrem senam vos
Vos soes luz de nosso dia
conforto & alegria
dos tristes desconfortados
esperança dos errados
que nos salua & que nos guya

¶ Si no pariera sanctana
nam leyxareys de naçer
poys ante do mundo ser
ereys diuina humana
Sem ser naçyda criada
ereys ja sancta chamada
antes do mundo ser feyto
senhora per cujo rrespeyto
soes dos anjos adorada.

¶ Basta ser nasçida vos
os sanctos padres estauam
no limbo donde esperauam
rredençam de todos nos
Vos mostrastes a carreyra
da lũz clara verdadeyra
que nos abrio o caminho
daqueste mundo mizquinho
pera a gloria muy ynteyra

¶ De vos el hijo de dios
por rrepayro & saluaçam
da vmanal geeraçam
tomou carne vmana em vos
De vos quys por nos rremyr
que podessemos sentyr
esta grande marauilha
que fosseys madre & fylha
do conuesceys de parir.

¶ Fym.

¶ Recibiera carne humana
de ninguem deos nam pudera
se nam de vos que fyzera
sancta diuina vmana
A vos dem todos louuores
rraynha de rreys senhores
perdam de nossos pecados
saluaçam dos condenados
esperança dos pecadores

E nuno pereyra a señora dona lianor da sylua por q̃ em tẽpo q̃ elle a seruia se casou.

¶ Poys q̃ dama tã perfeyta
consentio de a casarem
& quis ser doutrem sogeyta
os seruidores quem geyta
tem rrezam de praguejarem
Do crueza tam sobeja
se fordoo na tal donzella
quanto lhe desejo seja
prazaa deos que tal se veja
como meu vejo porella.

¶ Seja muyto na maa ora
hum tam triste casamento
poys se vay do paço fora

a senhora minha senhora
por meu mal ⁊ seu que sento
Eu sento verme morrer
sento vela enguanada
sento vella padeçer
⁊ sento vella vender
socolor dencaminhada.

¶ Poys se pos em tal afrõta
de querer saber de rrocas
de meadas tome conta
⁊ sayba quanto se monta
aa noyte nas maçarocas
Ayndaa vejam coçar
seu marido na cabeça
ayndaa vejam criar
galinhas ⁊ as lançar
poq̃ mays doo na pareça:

Vaa morrer poys me mataua
antros sãtos laa na beira
poys seruylla nam prestaua
pene laa quem pena daua
ca hoo seu nuno pereyra
Donzella mal maridada
que se nos vay desta terra
dẽslhe de vida penada
porque lhe seja lembrada
minha pena la na serra.

¶ Poys q̃ leyra cõ tal chagua
o meu triste coraçam
eu lhe lanço mays por pragua
que chaues na çynta tragua
com çeytis em gram bolsam
Poys se nã doe do marteyro
que me daa ⁊ nam lhe pesa
aynda conte dinheyro
⁊ sayba quo o despenseyro
tomaa conta da despesa.

¶ Que vyua sempre sentydo
co cuydado sempre nella
vingar ma laa seu marido
que vestido ⁊ desuestido
ha de ter poder sobrella
Poys ca sou com tal trigãça
quẽ assy mesmo mal querer
que me tirasse esperança
nõ quero mayor vingança
coo chamar minha molher.

¶ Eu viuirey padeçendo
nunca mays seruirey dama
mas por syr arrependendo
elle com ella jazendo
lhe viras costas na cama
E quando se lhe vyrar
digualhe quero dormir
polla mays deshamorar
comece loguo a rroncar
⁊ ella nom ouse bollyr.

¶ Por alcala vinho beba
com door de madre que tenha
porque mays pena rreçeba
elle lhe tenha mançeba
cõ que nunca antela venha
Tenha candea dazeyte
⁊ lençoes gordos na cama
crye seus filhos a leyte
antrelles sempre se deyte
que pareça may ⁊ ama

Perõr mei mas mays polos
sera quem tal fym se deu
cadanno venha paryda
deos lhe de tam triste vida
com eu tenho pollo seu
E pene tam de verdade
com eu peno cada dia
pollo seu con saudade
porque lhe doy a vontade
de quanto mal me fazia.

¶ Do marido lhauorreça
⁊ elle lhe queira mal
hum o outro mal pareça
⁊ com saudade padeça
por viuermos por ygual
Poys q̃ minha vida ja
de todo prazer me priua
folgaria quella la
padeçesse poys me da
saudade com que viua.

¶ Cabo.

¶ Doo furtuna tu q̃ mudas
hũa cousa noutra cousa
daa doenças muy aguadas
a que nam prestem ajudas
nem jolepes hoo de sousa.
Porque nam possa casar
esta senhora de todas
de ssy veja mao pesar
quem cantar ⁊ nam chorar
naquestas tam tristes vodas.

Ajuda de frãçisco da silueyra.

¶ Eu tee quy andey callado
sem querer pragas lançar
mas poys vos senhor cũhado
fostes lebre leuantar
quero meu dotra venguar
Bejoo galante y potente
seja beyjador mortal
nunca sa ão sempre doente
diante nam tenha dente
nem queyxal.

¶ Na boca tenha tal cheyrõ
que allegoa nam sa guarde
⁊ por lhe dar mor marteyro
sempre lheste no poleyro
sem fazer cousa callarde
As gengiuas tenha taes
carreuesse quem lhas vyr
por ynda ver penar mays
quem minhaa dores mortaes
fez sobir.

¶ Seja mays tam namorado
caja çeumes do vento
por qual quer olho lançado
que lhe lançe o conuidado
a meta loguo a tormento
Sobristo sempre auorrydo
lheste na mesa ⁊ na cama
seja antros homẽs corrido
e na guerra esbaforydo
⁊ de maa fama

¶ Ande vestido dazul
habe se por mays arreo
seja sem conto taful
do bem pareçer o sul
⁊ dos feos o mays feo
Tenha tortalas queyradas
seruees de cote tragua

camisas nunca lauadas
da terra mal espulgadas
por moor praga.

¶ Barrete pardo frisado
lhe vejeu traxer em junho
& sobre bem encalmado
da grenha rrefouçinhando
co ella jogue de punho
ho cabello seuilhano
borzeguys marroquis rrotos
moorda sempre castelhano
vejoo eu antes dum anno
dos pees cotos.

¶ Tenha cara tam medonha
que supra por blasoos
aluguea por carantonha
porque nas festas se ponha
com ella medo feroz
seja tam mal asombrado
que de olho a quem o vyr
çapato preto calçado
lhe vejeu & engraxado
por mays rryr.

Tragua mays gibã dirlanda
na moor força do verão
cõ meas mangas dolanda
por lha calma ser mas branda
quando ventallo soão
dos domingos calças bragas
do mesmo gibam a terre
peugas brancas mays tragua
& por moor pragua as pragas
nõ nas erre.

¶ Por sem medida gol
oueieu a todos tello
& por douter m ja esposo
vejalheu chamar potroso
perante ella & ele sello
Sayheu mays que e seu loguo
lhe meta quem pera fuse
& por deos fazer meu rrogo
ho rroncar co sal no fogo
nam se escuse.

¶ Cabo.

¶ E por mays desauentura
sua & vingança minha
vejeu sua fermosura
por este desta fegura
damores ser perdedinha.
veja morto meu cuydado
por sua door nam sentir,
ou entam ja soterrado
por nã ver meu mal dobrado
se tal vir.

¶ Ajuda de jorge da
silueyra.

¶ Se moyro por vos casardes
se pena nysso rreçebo
no he le nã por leyxardes
os que deytaes & tomardes
tall manceebo.
Se tomareys cotesão
louçam gentill & galante
nam prangueiara meu irmão
contro o triste casi e deão
de mao sembrante.

¶ Por vos fezistes lembrar
a gentil mal maridada
por vos aucreys cantar
& vos deueys de ebo ar
tall errada.
Sem ventura foes naçida
& eu por vº conheçer
triste he ja nossa vida
& seja ja a poys perdida
querceys ser.

¶ Cabo

¶ Mylhor foreys vº senhora
como creys sempre minha
que ser foguevra agora
de quem vos ha de ter fora
sempre em vinha.
vos adubar lha fazenda
& ele nam cure de vos
nelle nam aja emenda
& por ceumes quentenda
nos vinguanos.

¶ Trouas que nuno perey/
ra mandou da françisco da/
sylueyra.

¶ Meu senhor & mue cunhado
depoys que vim de lameguo
fuy descansado
porque dey a meu cuydado
desenganod a se seguo.
¶ sabeys em que maneyra
nam me daja q me dem
daa derradeyra
quẽ nam tem pees dolíueyra
nã cuyde que nada tem

¶ Ia lograae vossos serãaos
vossas damas & priuanças
cos cortesãos
mas ho par de bois nas mãos
val seys pares desperanças.
t am bem sey q o sabeys
cõ outras cousas sabendo
ja mentendeys
na rreposta nam canseys
ca tambem ja vº entendo.

¶ Do que enueja vº ey
a empurdões de porteyro
o tambem sey
huũ meter diante el rrey
& entrar o derradeyro
& y muy grande saudade
do estar nuũ pee aa mesa
mas na verdade
nõ ter muytos nẽ erdade
dolíueyras mays me pesa

¶ A vos faça os priuar
a myn goarde & defenda
de desembarguar
& dalcaçoua falar
& de castro na fazenda
mays me qro hũ soo cõ chos
de laranjas & limoões
& com rrepouso
q preguntar onde pouso
o dabreu sobre paytoões.

¶ Priuar em caſa da rrainha
ós vos lo deyxe fazer
⁊ a my huũa vinha
⁊ rreguar huũa almoinha
em que tenho mooꝛ prazer
os vꝰ de muyta priuança
com el rrey noſſo ſenhoꝛ
⁊ a my laurança
a guylhada em vez de lança
vos paçaão eu lauradoꝛ.

¶ Se andaes la namoꝛado
façauos muy boa proll
ca meu cuydado
he em fazer bom valado
⁊ laurar de ſol a ſol
poꝛ ter mays folguada vida.
Lauro cauo quanto poſſo
naquela yda
ſoube çerto necſpedida
quee milhoꝛ o meu coo voſſo

¶ Preguunta.

¶ E vos la guallantear
⁊ eu com foçe ⁊ padam
vos damejar
eu enxertos enxertar
quẽ teraa menos payxam
Vos na corte corteſaão
eu cõ meu fogo ⁊ meu lar
vos louçaão
⁊ eu com açoꝛ na maão
qual he mays çerto folguar

¶ O gingrar do meu caſeyro
cochyote q̃ traz rroto
par ós verdadeyro
quey poꝛ prazer mays jnteyro
couuyr motes do zeymoto.
Lanças pulhas os dextrada
tornando pero o caſal
⁊ aa entrada
deytar maão pola queyjada
nunca viſtes prazer tal.

¶ Cabo.

¶ Ora la vꝰ avinde jaa
com voſſo paçem booꝛa
que nã me daa
ja do bem nem mal de laa
poys cauſou hũa ſenhoꝛa
Deyxayme ca cos çeyfoões
deyxayme cos podadores
⁊ ſem payxoões
pera mym quero podoões
vos andey ſñoꝛ damores.

¶ Parenteſco de nuno pe-
reyra com dona guiomar de
castro poꝛque querẽdo a ſer-
uir lhe dyſſe queram parẽtes
ſem o ſer.

¶ Que nꝰ nos nã conheçamos
de tam eſtreytaa mizade
ſenhoꝛ ambos nos criamos
vos ⁊ eu neſſa çydade
⁊ voſſo pay ⁊ o meu
quatro giolhos ⁊ nos
outro tanto vos ⁊ eu
ſoes a mi ⁊ eu a vos.

¶ E voſſa may ⁊ a minha
ambas nu lugar moraram
ambas viram a rramha
⁊ ambas ſe ja finaram
Tambem erã noſſos padres
entrando poꝛ outro conto
maridos de noſſas madres
nẽ mays nẽ menos ne ponto.

¶ E ſam caſy voſſo jrmão
ambos de ventre naçemos
cõ çinquo dedos na mão
vede bem quanto ſeremos
Ambos vimos de luguar
de que vindes de que venho
nem podiamos caſar
ſe tiueſeys o que eu tenho.

¶ Fym.

¶ Ambos dhũa couſa ſomos
la da parte decçendentes
⁊ ſomos quanto nos ſomos
⁊ ambos muyto parentes
De parenteſco chegnado
poꝛ eſta meſma rrezam
como vꝰ ja vay contado
loeſme vos quanto vꝰ ſam.

¶ Trouas de nuno pereyra.

¶ Huũ bem de muyto prazer
que ventura poꝛ ſy deu
oꝛdenou poꝛ calo ſeu
deſſe perder.
Todo bem que da ventura
ſempre da voltas de mal
muytas vezes caſo tal
que pouco dura.

¶ A foꝛtuna ſempre esta
calos tempos deſuayrados
pera dar nouos cuydados
com que mata.
O modo que ſempre tem
hee que no tempo milhoꝛ
aly volta ſer pyoꝛ
o ſeu bem.

¶ Sem cuydado do que calo
ſem me tal lembrar andaua
muyto menos macoꝛdaua
tal abalo
A ventura muy ſabida
me deu bem cõ ſua ajuda
o qual bem loguo ſe muda
em triſte vida.

¶ O quem foſſe o que falar
huũ tal caſo bem ouſaſſe
que me tanto nam mataſſe
o ſoſpirar
O ſenam tiuiſſe pejo
com que deſcanſo tiueſſe
que alguem dizer podeſſe
me . . . deſejo

¶ Que fara quem nada não
a ninguem ha de dizer
he comſyguo ſoo ſofrer
tal payxam.
que grande padeçimento
que couſa pera ſentir
padeçer ⁊ encobrir
o que ſento.

¶ Synto mortal saudade
padeçyda so comiguo
synto cousas que ca diguo
na vontade
synto dor mal encuberto
que dizer nam ousaria
meu descanso qual seria
não he çerto.

¶ Meu sentido nam rrepousa
todo bem se me desuayra
hũa cousa mee contrayra
doutra cousa
tudo vejo ser contrayro
em a contra do que quero
vejo morrer o que spero
sem rrepayro.

¶ Pera mym morte sordena
pera mym prazer se peja
que dyrey que mays nam seja
de gram pena.
Poys nam deue de ser dyta
nem aproueyta ser calada
nom deue de ser falada
nem escripta.

¶ Este mal escuro forte
tam caro de resestir
faz vyuer ꝛ consentyr
noua morte.
Porque moyro cada dia
sem saber aquesta fym
o que vem melhor a mym
se me desuya.

¶ E com isto muy cuydoso
agastado desperança
ꝛ cuydando na lembrança
douydoso.
E com estes ssentimentos
sentidos com muyto medo
pola parte do segredo
fingimentos.

¶ Que cuydado que sentydo
pera quem em ssy padeçe
o que defora pareçe
ser fengydo
mostrãdo brauo mal manſſo
com quanto sentir o tomo
sem saber quando nem como
ter descansso.

¶ Cabo.

¶ Que descanso tomarey
ou que modo posso ter
pera menos triste ser
que o nam sey
Se nam se sonho sonhasse
que me vya satisfeyto
ꝛ no sonho bem perfeyto
sempre tal sonho durasse
que jamays nũca acordasse.

¶ Outras suas que acabam sempre em dos.

¶ Que cuydados tã cansados
ꝛ tam sentidos
ꝛ sentidos trabalhados
dos cuydados
donde nunca são partidos
Meus desejos nã compridos
sam dobrados
cada dia mays creçydos
ꝛ repartydos
em myl modos desuayrados

¶ Os prazeres desejados
escondidos
porque sempre sam lembrad⁹
dos passados
cõ mays força sam querydos
Lembranças dos rreçebidos
apartados
sam sospiros ꝛ gemydos
nam ouuydos
da parte por quem sam dados

¶ Os esforços esperados
prometidos
de muytas contras çercados
conquistados
de rreçeos combatidos
doutra parte socorridos
ꝛ esforçados
nos esforços dos ouuidos
mereçydos
em nos ver contrariados

¶ Muytos dias mal gastados
padeçidos
sospirados enfadados
ꝛ mostrados
mil prazeres infingidos
O que dias tam perdidos
ꝛ tam minguados
de mym mesmo perseguydos
ꝛ auorridos
qual pior pior contados.

¶ Me⁹ olh⁹ nã sam culpados
mas vençidos
meus dias foram fadados
ꝛ julguados
pera pena ja naçidos
Syguo caminho seguidos
despouoados
em que caem ꝛ sam cabidos
ꝛ feridos
os presentes ꝛ passados.

¶ Cabo.

¶ Os dos que vam apartád⁹
sejam lidos
ꝛ nos cabos ajuntados
conçertados
em cada regra metidos
Gualantes muy rresabidos
ꝛ auisados
nam leyreys vos esqueçydos
nem partydos
os dos d⁹ cabos rriscados.

¶ Trouas de nuno pereyra a anrryque dalmeyda quando veo de castela cõ o duque.

¶ Portugues ou castelhano
vos venhaes muyto em bora
sey que vindes muy vfano
por hũu anno

quandastes de moura fora
ho que modos que trareys
ja de ganhar portugueses
ho que graças contareys
⁊ tomareys
delas mesmas os emuesos

¶ Daueygua la de granada
⁊ das estejas da guerra
vꝰ nã ey ja douuyr nada
nem dembayxada
que trouxesseys desta terra:
nem das damas seus amores
nem dos que tẽ grãdes rrẽdas
nem quays eram corredores
nem quays sehnores
alçarã primeyras tendas

¶ Da rraynha nem del rrey
nam quero nada saber
mas sabe vos que vꝰ sey
⁊ oyrey
quanto aueys de fazer.
por jsso compre calar
perante mym quando for
portugues sempre falar
⁊ nam tomar
castelhano sem sabor

¶ Nam contar jente por lãças
ante mão vꝰ loguo auiso
contay de vossas priuanças
⁊ esperanças
com que des jnfyndo rryso
Quẽ me deixeja a meetade
do que oyzeys que esperays
mas porem vos na verdade
ay dom frade
quã contrayro vos cuydays

¶ Ho como sey que sabeys
o dela tam bem contar
que em venções que fareys
⁊ oyreys
que castela nam tem par.
Fyngyreys de gram priuado
⁊ falando com sospiros
vꝰ venderes por onrrado
mal pecado
olhay se vꝰ sey os tyros

¶ Fym.

¶ Sey q̃ vyndes muy sentydo
por trouas de joam de mena
ho omem grande compridо
soes per oido
nesta terra que e pequena.

¶ Trouas de nuno pereyra a anrryque dalmeyda por q̃ lhe dauam hũa jgreja como abyto.

¶ Muyto em bora vꝰ seja
na boa ora ⁊ nõ bon dia
vejaes vos vossa jgreja
comenda ou abadya.
⁊ oyra vosso dytado
comendador priol abade
ou em cristos feyto padre
omem comprido destado

¶ Eu estando em maruam
estas nouas fuy ssaber
bem podeys cuydar que sam
pera mym muyto prazer.
quando vou nysto cuydar
acho huũ caso muy profundo
jrdes jgreja tomar
poys trouar ha hy no mundo.

¶ Quando jgreja se vꝰ daua
jgreja por vosso mal
dyzeyme se vꝰ lembraua
que troua vam em portugal
⁊ qua hy o moor coudel
⁊ françisco da sylueyra
⁊ qua hy muyto papel.
⁊ ha mym nuno pereyra

¶ Porẽ se foy por rrepayro
daueredes algũ dinheyro
he muy bom serdes vygayro
⁊ priol ⁊ rreçoeyro
Sam cristam apresentado
pryoste comendador
organysta contra tenor
conegu o leçençeado.

¶ Ou beato ou beguyno
segundo ja loes dioso
trabalhay por serdes dyno
do rreyno mays auondoso
Vereys ora quant andastes
co marido da senhora
⁊ ella desfechou aguora
com prouinçea q̃ ganastes.

¶ Sobre serdes de quorenta
annos com çinquo contados
pareçendo de satenta,
⁊ mays por vossos pecados.
Dauer honrra denydade
bem atendes mereçyda
bem seruistes vossa vyda
em paço de uaydade.

¶ Vistyuos de gabardyna
garnacha do mesmo talho
com prosas salue rregina
grandes contas de bugalho.
Ponde açypreste ⁊ palmas
na prouinçea que vꝰ deram
fazede como fyzeram
os quauyam suas almas.

¶ Huũ vaso de pao nã fyque
de com vosco laa leuardes
⁊ chamaruꝰ eys anrryque
que o mundo desprezastes
⁊ ponde laa das colmeas
por que he rrenda mays çerta
⁊ fareys delas candeas
que se vendam la na oferta.

¶ Trazey peres em vyueyro
fazey colheres de pao
⁊ çestos de borrazeyro
que tam bem nam sera mao
Cryay galinhas com galo;
coruas corceyras ⁊ paãos
⁊ outras cousas que calo
cõ vosso falquam nas maãos

¶ Vysytando vossas granjas
vossa sola crye a terra
de lymões ⁊ de laranjas
huũ pumar oo pee da serra.

e ho sol pola manhaã
ao portal da ermyda
fazee das luuas de laã
pera soster vossa vida.

¶ Agulha pera coser
soveela vᵒ nam escape
nem vᵒ deue desqueçer
algũa que as vezes rrape
Sempre cõ vosco hũ gozinho
que ladre batendoa a porta
cabaça sempre com vinho
por quee cousa que comforta

¶ Fym.

¶ Naquestas profetyzando
olhay bem que fym vᵒ panho
q̃ vᵒ veio hyr açoutando
por quererdes soltar sonho.
E que dyra o preguam
e a voz do pregoeyro
acoutem este truam
por quusa de feytyçeyro.

¶ Cantygua de nuno pereyra quãdo casou cõ dona ysabel.

¶ Amor honde tesconodias
nᵒ tempos que me matauas
que tam forte pareçyas
e o mais brauo guardauas

¶ Acupado meu cuydado
com tuas forças senty
mas crá por teu mandado
poys agora veẽs por ty.
Entam mandauas espias
pera ver como machauas
mas poys tu vir nam querias
para gora te guardauas

¶ Outra sua a esta senhora

¶ Somos hũa cousa anos
em ambos hũa soo fym
eu nam sam em mym sem vos
nem vos nam estays sem mym

¶ Em ambos hũa soo vyda
a como cabyr em soorte
que nam pode ser partida
antre nos vida nem morte
Todo o sser que for de nos
de qual quer cousa em fym
heu nam sam em my sem vos
nem vos nunca soo sem mym.

D Aluaro barreto a aluaro dalmada.

¶ Myçer aluaro gualante
presydente por teu pay
escreueme como vay
os del rrey e do yfante.
De todos ponto per ponto
nam te falo no comum
mas dos que seguem bõ conto
seja teu saber tam pronto
que te nam fyque nenhuũ

¶ E do gram doutor soryl
poeta muy estremado
que das gentes he chamado
per nome diogo gyl.
Nam per modo em cuberto
nem per vya de vontade
mescreue sobelo çerto
se anda lonje ou perto
de querer bem de verdade

¶ Do alcayde de tauyla
o qual sempre deos ajude
mescreue see de saude
nam me falando mentira
e dyrlhas que dizem caa
quee huũ gonçalo murzelo
e lhe tolheram parteja a
dos dereytos do castelo.

¶ A nuno da cunha.

¶ Do frade prouençyal
menistro dhũ sayo pardo
que traz no cauallo sardo
guarniçoões de papa sal.

saberas que modo tem
poys finge de sseruidor
e se o nam fyzer muy bem
poẽ me tudo em huũ item
pera quando de cafor.

¶ Joam gomez lymam.

¶ Parçeyro de maracote
esse joam gomez lymam
que as donzelas de corte
seruir traz openiam
mescreue como se acha
querendo ser caçador
ca de jugar com hũa facha
sabemᵒ que nam sagacha
a troylos ou a eytor

¶ De vasco martiz monyz
senhor de trotam murzelo
veador longuo e belo
tam aluo como huũ gyz
o çerto dizer menuiai
nam tardes mas muy asynha
se acabou aperfya
que este tempo trazya
cos sergentes da cozinha

¶ De dom garçia de crasto
que nam çesa dalleguar
o gram fernam de toar
a voltas com joam dobasto
Por que sey que se poder
ja mays ha destar calado
tu por me fazer prazer
de tudo quanto dyser
me emuya huũ tratado.

¶ De vasquinho teu jrmão
fazedor de hyornesa
que nam deyxa por defesa
vyr o domingo loução
se he ryjo e bem forte
o çerto mescreueras
que bem he o ter por sorte
cynco seys e dous e as.

¶ Dõ gõçalo mõteyro moor.

¶ Do esforçado caroz
principe da nozaria
que nꝰ montes de pania
com brados perdeo a voz
me screue por tua fee
sem outra cousa que forjes
sua mentyra qual he
dele e de joam tomee
co valente fernam borjes

¶ Do gentil mosem diego
de melo pousentador
o mayor juguetador
que auer pode no jogue
Me screue se en dançar
te parece mays esperto
ou por se desenfadar
inda sabe rremedar
seu senhor o duque alberto

¶ Cabo.

¶ Destes aquy nomeados
e outros que te nam diguo
me screue como amygo
em que sam mays acupados
Isso mesmo das molheres
que sey que te sera vyço
todo mays que la souberes
se moças a saber fyzeres
farmas prazer e seruyço.

¶ Reposta da senhora do
na felipa

¶ Repõdo o que pregũtastes
como estauam as donzelas
e diguo que todas elas
estam quaes as vos leyxastes
senam que stam saudosas
dizem que nelas errastes
poys tam curto preguntastes
por elas tanto fermosas

¶ Daluaro barreto a el rrey
dom afonso.

¶ Muyto alto eycelente
e poderoso senhor.

cujo jnfyndo honor
o senhor deos acreçente.
O todo vossa feytura
que vꝰ adora e cre
com a deuyda mesura
faço nesta escretura
saber a vossa merçe.

¶ Que depoys que me party
em santarem vꝰ leyxando
sojeyto do vosso mando
como sempre me senty
A cas de vosso irmão cheguey
do qual sem falecer ponto
quanto se fez vꝰ direy
por verdes se macupey
em vꝰ dar delo bom conto

¶ E digno primeyramente
que o senhor vosso jrmão
anda rryjo ledo e sam
bem desposto e valente.
e traz por openyam
gram caçador e monteyro
os quaes autos vos diram
ser de prinçepe guerreyro

¶ Do gram fazedor de busca
myçer jam freyreb erlade
huũ pouco menꝰ dydade
de rruy gomez da chamusca
Vossalteza sabera
que na dança faz corulhas
pera verse poderas
com trabalho que se da a
desfazer as pantorrilhas

¶ Ruy de sousa que bem cabe
nesta terra em que somꝰ
por tal fazedor de momꝰ
qual ante nos se nam sabe
Nam no podemꝰ cheguar
assy aja eu boa fym
a fazer que queyra dar
huũ pequeno de vaguar
do tenor de romatym

¶ O grande lobo daluyto
que por se desemfadar
se tem posto sta no maluar
dyguo o aluaro de brito
nam nꝰ val brados poer
para o lançar da guaryda
nem basta nosso poder
a lhe podermꝰ tolher
huũa dona margarida.

¶ Nuno da cunha o pação
fermoso e deleyxado
que nunca he namorado
saluo senhor nouecram
Por que se vay afreura
e se vay cheguando mayo
cos desejos da quentura
ja pelo presente cura
de vestir as vezes sayo

¶ Deogo de melo o lasso
que o jugatar atiça
e as vezes com preguyça
nam pode mouer huũ passo
Sey que ouue outra ora
daluar canes ensyno
por que nos motes dagora
som vno de uma mora
rrayuo como cam varzyno.

¶ Vasco martyz veador
Ingreme com a bafordo
que nunca pode ser gordo
pero he gram comedor
por se nꝰ mostrar mays moço
hu andamꝰ com capuzes
ordena tal aluoroço
com que mete no pescoço
seu colar dos alcatruzes

¶ Vosso aluaro de moura
que rreza pelos salteyros
se veste com os porteyros
com barba rrapada loura
poderlhes senhor mandar
ter carrego dos lyões
poys se nam pode acupar
se nam em vssos criar
de muy diuerssas feyções

¶ Pero de moura.

¶ Huũ poeta que apyque
de bem rresponder carece
& no rosto le parece
com myçer joam do vique
aquy he senhor chegado
mas o seu nome nonsey
pelo que fez otrelado
de por em sy eu o ssey.

¶ O gram felisteo chamorro
joam de melo copeyro
que nõs montes he parçeyro
de martym pyrez hygorro
Senhor desque sse de gola
quo barryl na montaria
copase com carmynhola
do compriso mestrescola
ou josep baramatya

¶ O das mangas rregaçadas
que gomez freyre se chama
que quando dança com dama
conta sempre tres pasadas.
Nam muda fylosomya
por andar espenycado
mentira sa fantesya
de sospirar cada dia
polos sayos desejado.

¶ Cabo.

¶ Rey vmano graçioso
& senhor em que matreuo
poys o çerto vos esereuo
falando nom douydoso.
vos senhor q̃ deos mãtenha
quere a estas responder
mandando quanto comuẽha.
ha maneyra que ca tenha
em vos seruiço fazer

¶ Cantigua daluaro barre/
to ha morte do duque. sobr
hũ enxempro que dizho que
foy & nõ he tãto he como nõ
seer.

¶ Ressaluando nossa fee
que sempre podemos ter
o al que foy & nam he
tanto he como nam serr.

¶ Que presta muyta rriqueza
nem vida muy prosperada
se por morte ou prouezа
nam ha hy daquysto nada
tiro fora nossa fee
mas do al se deue crer
que o que foy & nam he
tanto he como nam ser

¶ Reposta de johan gomez.

¶ O pasado sem presente
poys que foy ser nã se tolhe
poys que deos todo potente
este poder nom rrecolhe
os feytos de gudorufee
de hulhom nos fazem crer
que o que foy & nam he
ser nychel nam pode ser.

¶ Daluaro bareto.

¶ Esse duque que dizeys
que ganhou jerusalem
& outros de que tam bem
memoria nam fazeys.
Consyray se vam a ree.
& por hy poderes ver
se o que foy & nam he,
tanto he como nam ser.

¶ De johan gomez

¶ De o ser çertefycado
no que foy de bem a mal
o presente vay pasado
o por vyr he papa sal.
mudanças dauãte a rree
nam mespanto de as ver
poys o que foy & nam he
monta mays que de nam ser

¶ Daluaro barreto

¶ Poys vay assy daltrecar
vosso proçesso fundado
diguo que o trespalado
presente nam podestar
se confesaes que nam ha
ja nam pode vida ter
logo quem foy & nam he
tanto he como nam ser.

¶ De johan gomez

¶ Toda bem auenturança
pasada nos he memoria
e faz com sua lembrança
auernos presente grorіa
& assy quem for tome
meta a mão se sabe ler
& o que foy & nam he
vera nam leyxar de ser.

¶ Daluaro barreto

¶ Escreuerẽ coronystas
pera ser muyto nos val
mas he faladas conquistas
trelado sem oreginal
cousa que ja foy em pee
que seu ser leyxa dẽ ter
esta se foy & nam he
tanto he como nam ser

¶ De johan gomez pelos cõ/
soantes:

¶ Queres outras sobre vistas
quem çercou terca anybal
nos pos dous auangelistas
ambos por huũ principal
se por segundo no he
que nunca se pode crer
per jnteyro como he
fez tam bem portugual ser.

¶ Dalaaro barreto

¶ Poys segys openiam
conheçem do auerdade
& queres que a rrezam
seja seruada vontade

vaa caminho dana fee
todo elle que nam crer
que o que foy ⁊ nam he
tanto he como nam ser.

¶ Fym de joham gomez.

¶ O bem nunca se consume
pecados sam nemigalha
quem com vycios presume
faz alycerces de palha.
devemos dauer por fee
⁊ que bem nam pode ser
mas do que foy ⁊ sempre he
⁊ sera se deue crer:

¶ Daluaro barreto a hũa senhora em que lhe pede al/uaraa da pousentado.

¶ Por ja mais nunca partyr
de vos todo meu sentido
sam assy tam mal trazydo
que canso de vos seruir.
⁊ por nam ser trabalhado
com tam mal despesa vyda
day mal uara da pousentado
polo tempo ja passado
que vos tenho bem seruida

¶ Fazeyo poys soes molher
tal que vos louuar nam sey
ou estay se vos prouuer
pelo ordenaçam del rrrey
⁊ se for vossa tençam
de per hy seguyr tal feyto
protesto que com rrezam
queyra vossa descriçam
guardar todo meu dyreyto

¶ Aleeguo primeiramente
que ley destes rreynos hee
quẽ for velho ou doente
tanto que prouado lhee.
Nom deue ser rrequerido
para seruyr com senhor
⁊ de quem for costrangido
pelo rrey seja punydo
com pena de seu rrygor

¶ E por que tee este ponto
sam velho em vos amar
ja entro naqueste conto
sem me poder escusar
esse vos estar aprazl
pelo dito do artiguo
poys vedes quanto me faz
se proueyto me nam traz
contestay o que vos diguo.

¶ Ou se senhora estar
apercyto nom quereys
prazauos de mo outrogar
jsto que fazer podeys.
day me este aluaraa
poys al requerer nom ouso
ca desque o teuer jaa
se quer senhora seraa
começo de meu rrepouso.

¶ Fym.

¶ Por que tal necessydade
me causou seruiço vosso
husareys nam de vontade
em me dar tal liberdade
poys vos ja seruir nom posso

¶ Daluar barreto ẽ hũa partyda.

¶ Que pene ser namorado
faz fadigua mays sentida
fundamento de partida
sem poder ser apartado.

¶ Que amar fadigua seja
rrezam al querer nõ ousa
por ser pena toda cousa
que per alguẽ se deseja.
mas que cause gram cuydado
traz pena menos ha vyda
do que he fundar partida
sem poder ser apartado.

¶ Outra sua.

¶ Quem se vey muy longe ser
do que deue de cobrar
mais lhe val desesperar
que vaã esperança ter

¶ Por que por auer cõprida
cousa que tarde salcança
muytos em vaã esperança
passam toda sua vyda
Assy que depois decrer
que se mal pode cobrar
mays lhe val desesperar
que vaã esperança ter

De duarte de brito ẽ que conta o que a ele ⁊ a outro lhacon teceo com hũu rrousynol ⁊ muytas cosas que vyo.

¶ Dous tristes afortunados
de bayxo das verdes rramas
estando muyto penados
de prazer desesperados
falando em nossas damas
ouuymos cantar hũa aue
quẽ seu canto parecia
rrousynol
manso doce muy suaue
per muy alta melodia
per bemol.

¶ Nos ouuindo sa doçura
per hum contra ponto manso
dezya de nossa ventura
que nossa sobeja tristura
era ja sem ter descanso
lembrounos males passados
com dores penas presentes
desmedidas
que nos fez desesperados
ser das mortes mays cõtentes
que das vydas

¶ Excramaçam.

¶ O vos musas cabitays
nas alturas de pernaso
coos mudos linguas daes
⁊ hos jnorantes mostraes
a gram fonte de pegaso.

nesta obra començada
vossa ajuda vos demando
com fauores
pera que possa acabada
yr os males rrecontando
dos amores.

¶ Vossas graças espiray
e meu saber e sentydo
a memoria alumyay
o engenho espertay
de meu syso adormecydo
aty caliope jnvoco
que minha lingoa muy ruda
viua faças
nesta materea que toco
nam menegues tua ajuda
com tas graças

¶ Começa a obra.

¶ Com muy grãde sentimẽto
da cordanças muy sentidas
em vençydo pensamento
nos sentymos com gram tento
que falaua em nossas vidas
com vozes muy acordadas
começou com taes primores
estar cantando
como fazem as leuadas
despadas os jugadores
començando.

¶ Eram tantos tam doorydos
os seus prantos e cantres
tam dorosos tam sentidos
caly foram conuertidos
meus prazeres em pesares
douuyr as lementações
que sobre nos pranteaua
com tristezas
chorando nossas payxões
que sem conto lementaua
de cruezas

¶ E despoys de entendidas
as mesajẽes de seus cantos
suas vozes conuertidas
foram como nossas vydas
tornadas em altos prantos
com gemidos nossas dores
mal diziamos chorando
nossa sorte
de nos mesmos matadores
nos viamos deséjando
nossa morte

¶ Rousynol.

¶ Ho vos outros namorados
de tormentos combatidos
amadores desamados
de seu bem desesperados
por amores tam perdidos
leyxay vosso bem querer
por nam sentirdes o trago
de taes dores
poys ca morte em prazer
dam de seruiços em pago
os amores.

¶ E poys vedes que vos vem
tanto o mal por bem amar
por amor sempre dequem
ha por mal fazervos bem
e por bem de vos matar
nã cureys de mays chorardes
ca rrezam syso defende
fazer tal
por q̃ quanto mays cuydardes
nysso tanto mays sacende
vosso mal

¶ Reposta dos namorados.

Ho poys sempre penas tãtas
damores viues sofrendo
que chorando sempre cantas
leyxanos chorar em quantas
dores vevemos morrendo
leyxanos ambos chorar
poys mays bem nam temos ja
que a morte
ca mal pode confortar
quem conforto assy nam daa
que o confortar

¶ Rousynol.

¶ Que sem conto vos sofraes
tantas dores nam choreys
poys com ysso nam cobraes
nem menos rremedeaes
os males em que viueys
nam choreys que tam creçyda
he a coyta que sordena
de vos tal
que morrendo vossa vyda
nam pode matar a pena
do vosso mal.

¶ Os namorados.

¶ Amor he cousa tam alta
preciosa cousa tanto
que de deos eterno salta
e no fylho se esmalta
tam bem no espirito santo
amor antre os terreaes
he a cousa desta vyda
mays exelente
amor antre os anymaaes
por syngular cousa auyda
he da gente

¶ Rousynol.

¶ Por verdes quã enganados
andaes com vossos amores
sempre vy de namorados
vir mil casos desastrados
muytas mortes muitas dores
vy fazendas destroydas
com cruezas dar gemidos
dessas guerras
vy mortes de muytas vidas
muytos rreynos ser perdidos
muytas terras.

¶ Os namorados.

¶ Por ser nosso caso tal
nos ouuemos por vitoria
de sofrermos tanto mal
por amarmos desygual
nossa morte por mays groria
sem fazer nunca mudança
desta fe cuja fyrmeza
sera viua.

sendo morta a esperança
que faz ser nossa tristeza
mays esquyua.

¶ Rousynol.

¶ Por vos os desenganos
ca mor sempre de ssy solta
com seus males grandes, dan⁹
seu bem traz com myl engan⁹
em prazer amoor tem volta
amor traz sempre consyguo
mortal door com sospirar
sua payxam
do prazer mortal jmmyguo
os desejos sam pesar
do coraçam.

¶ Os namorados.

¶ Assy como desfaleçem
o ouuyras acordadas
musycas que bem pareçem
qua cordadas em trysteçem
as vontades namoradas
assy nos conta doçura
nam acabas aynda bem
n⁹ confortar
quando nossa gram tristura
sobre nos mays poder tem
de n⁹ matar

¶ Rousynol.

¶ O prazer loguo sa parta
de quem ama verdadeiro
de cuydar nunca se farta
nam sey como v⁹ rreparta
este mal tam lastimeyro
Nam curceys cõ mays persya
fazer choros nem taes prant⁹
sem rrezam
seguy minha companhia
por verdes damores quantos
perdidos sam.

¶ Segue:

¶ Com lagrimas de tristuras
começam⁹ loguo andar
per vales montes alturas
grandes boscos espesuras
nam çesando caminhar
Per lugares apartados
desuiados dos viuentes
sem medida
desertos desabytados
donde nunca foram gentes
nesta vyda.

¶ Per caminhos espãtosos
passam⁹ tantos desertos
que n⁹ vimos temerosos
serdas vidas duvidosos
e de nossas mortes çertos.
Onde tristes alonguados
per longa estançia de terras
muy estranhas
n⁹ vimos de nos rroubados
cansados nas altas serras
e montanhas.

¶ Assy tristes caminhando
pola gram estreliedade
de morrem⁹ desejando
n⁹ foy o dia negando
sua luz e crariedade
com sa cara jouenyl
primeyra vym⁹ febea
estar cercada
com seu rresto muy sotyl
da crara chama polea
metygada.

¶ Compacaçam.

¶ Como fazem por saberem
as frotas por onde vam
que de noyte por se verem
seguem por nam se perderem
o forol do capitam.
Assy nos por nossa syna
seguyamos sem sentido
em maneyra
como quem a fogo atyna
que de noyte he perdido
sem carreyra.

¶ Mas despoys da tenebrosa
noyte escura escondeo
a luz crara rrediosa
com curiscos espantosa
em treuas se conuerteo
com furia de grandes ventos
as cometas com seus rrayos
desyguaes
fazyam taes mouimentos
que eram nossos desmayos
muy mortaes.

¶ Onde tristes muy perdidos
muyto mays que dizer ouso
fycam⁹ de nos vençydos,
sem nunca nossos sentidos
poderem tomar rrepouso
com nossas vydas chorando
com dores coytas muy graues
lastimadas
estiuem⁹ atee quando
cantauam as doçes aues
as aluoradas.

¶ Dyana ja rreponsada
por seu curso natural
de nossa vysta priuada
os anty peles passaua
com furia temporal
os ares ja rresolutos
dos vapores congelados
neuoentos
fycaram fyxos enxutos
muy sotys craros delgados
espelhentos.

¶ Sete planetas

¶ Aly vymos desterrado
hyr saturno velho proue
e jupiter rrico honrrado
mares em guerras armado
febus como rrey se moue
Vymos venus muy fermosa
e mercuryo escreuendo
filosofando
diana casta briosa
com quas aguas vã creçendo
e minguando

¶ As falvoras do ourient
vinham ja eſclareçendo
⁊ venus rreſplandeçente
de ſeu rroſto muy luzente
a ſua frol ja perdendo.
Apolo vinha correndo
em ſeus cavalos ſeitondos
de chymera
o gram zodiaco vendo
per doze ſynos rredondos
da eſpera.

¶ Doze ſynos.

¶ Vimos friſo com temor
hir no verlo polo mar
⁊ a filha da ſenor
vy com polus ⁊ caſtor
perſeo cancro matar
leo em fogos açeſos
vy virgo deſemparando
os terreaes
⁊ vy liuras cõ ſeus peſos
os meritos todos peſando
dos mortaes.

¶ Vy ofero eſcorpiam
paſalas aguas ſem barco
com a filha dalçiam
⁊ o velho teriam
ſagitarco com ſeu arco
Caprycornio no outeyro
na ſelua de creta andar
paçendo vy
⁊ acarios ſer copeyro
⁊ cupido vy tomar
empeyre ally.

¶ Com coroa muy ouſana
nos altos çeos colocada
vy de baço adriana
⁊ afria tres montana
da polo muy ſeparada.
Vy a fylha de lucano
ceneſura caliſtona
⁊ ouriam
com as netas do çeano
com ſeus filhos vilatona
em o lam.

¶ Comparaçam.

¶ Como catiuo que preſo
trabalha de ſe ſoltar
q̃ com eſforço muy teſo
para fogyr muy açeſo
anda buſcando luguar.
Comecçamos cõ dor tal
rromper as matas ſonbroſas
muy eſcuras
fomos ter a hũ rroſal
de muytas flores ⁊ rroſas
⁊ verduras.

¶ Vyſam.

¶ O lugar era çercado
dar voredos ⁊ rribeiras
de verdes rramas çerrado
de myl freſcuras trocado
de froles de myl maneyras
Onde vimos duas damas
tam fermoſas exçelentes
com miſura
cardiam em viuas chamas
as caras rreſprandeçentes
de fermoſura.

¶ Fyrmezas.

¶ A hũa delas veſtia
hum bryal negro chapado
de muy rrica argentaria
douro com gram pedraria
de rredor co arte piſado.
Deſmeraldas ⁊ rrobys
çafyras ⁊ diamantes
⁊ hũ manto
dhũs lauores muy ſotys
precioſos ⁊ galantes
de grande ſpanto.

¶ Eſperança.

¶ De verde toda veſtyda
de perlas toda borlada
vya outra em nobreçyda
dhũa rroupa muy comprida
per myl partes deſſiada
Hũ verde manto cobria
muyto rrico en de rredor
⁊ per fundo
hũa letra que dizia
mal aya quien fyzo amor
neſte mundo.

¶ Comparaçam

¶ Como quem adormeçydo
ſem ſentyr pena nem grorIa
ca cordando embebeçido
a perda de ſeu ſentido
vay buſcar aſſa memoria
Aſſy nos com grande medo
de vermos tanta viſam
com gram temor
cada hũ eſtaua quedo
pedindo a ſeu coraçam
algũ fauor.

¶ Com temor ⁊ ouſadia
vendo ſuas gentilezas
com triſteza ⁊ allegria
olhando a poleçya
de ſuas grandes belezas.
Começamꝰ com gram tento
com vontade muy ſegura
de paguar
todo aquele devimento
que ſe deue ha meſura
em tal luguar.

¶ Fala as damas.

¶ Todo o bem contraryado
que noſſo fado rrepuna
damꝰ por bem empregado
o tempo todo paſſado
de tam aſpera fortuna
⁊ pois que niſto ſentymꝰ
hã nꝰ ſer de todo jmmigua
a ventura
a voſſas merçes pedymꝰ
voſſos nomes que nꝰ digua
por meſura.

¶ Segue.

¶ Como muy palêçianas
gentys damas muy briosas
mays dyuinas que vmanas
tam corteses como oufanas
de mil graças graçiosas
Com muy grande cortesya
nº rreçeberam mostrando
gram prazer
com muy grande alegria
nº començaram falando
de dyzer

¶ Firmeza.

¶ De dyzer vº folguarey
que a mym chamam firmeza
que em vos sempre morey
nunca vº desemparey
nem vos a mym contristeza
Essa dama he esperança
que aas vezes desespera
esperando
outras vezes faz mudança
ho rrenes do que sespera
nam cuydado.

¶ Tam assynha acabadas
nam eram aynda bem
as palauras rrecontadas
sem mays cousas preguntadas
dante nos vimos ninguem.
Assy com mudança tal
como quem seu syso fora
tem perdido
fycamº com nosso mal
como quem canta e chora
sem sentydo.

¶ Propiadade da fortuna.

¶ Fortuna que nunca çessa
com a rroda de ventura
dar taes voltas tam despressa
que o bem dessa promessa
sempre pouco ou nada dura
Nunca dura num querer
arroda mil vezes volta
com mil mostranças
leyxa de todo perder
o melhor donde o solta
com sas mudanças.

¶ Segue.

¶ Poys tal vida pusuyr
quer fortuna com tristura
fazernº sempre sentir
sem podermº rregestir
nossa gram desauentura
Começemº de tomar
de tam miserauel vyda
possyssam
nam queyramº mays tardar
syguamos nossa doryda
abytaçam.

¶ Assy nos tristes seguyndo
nossos craros perdimentos
muytas mays dores sentyndo
nossas tristezas ferynndo
nossas vidas de tormentos
Caminhando a tryste via
vymº tantos taes synays
de tal sorte
que bem craro pareçia
que agoyros tam mortays
eram de morte.

¶ Deçer das altas môtanhas
vy hũa aguea rrompente
com las vnhas muy estrãhas
tromper suas entradanhas
de matarse nam contente
Em ssy amostrou primeyro
a cruel pena muy braua.
e sem tardar
me fez orfaão do parçeyro
com que triste consolaua
meu pesar.

¶ Minhas dores açendidas
vy entam de taes tristezas
queram todas conuertydas
sem piadades mouidas
em mil sanhas de cruezas
Em dor coyta tanta vym
aly soo donde fycara
tam rrayuosa
que a morte contra mym
em matarme sa mostrara
piadosa.

Comparaçam.

¶ Coma quem chora gemẽdo
sua coyta desygoal
cõ quẽ sempre vam creçendo
seus tormentos açendendo.
as angustias de seu mal
Assy eu com tal vyuer
com minha vida me via
que desejaua
de morrer por nam morrer
tantas mortes cada dia
como passaua.

¶ Com perdida esperança
gorneçida de pesares
comecey sem mays tardança
possuyr a esquyuança
dos muy desertos lugares
Onde tanto quis mostrarsse
contra mym tam poderoso
meu mal
que nenhuũ nam cobyçasse
por mays que fosse enuejoso
vyda tall.

¶ Com lagrimas de tristuras
caminhando pola serra
hũas vezes nas alturas
outras vezes nas fundouras
dos mays bayxos da terra
Nas montanhas e boscagẽ
como as feras estranhas
alymaryas
fazya vyda saluajem
nas muy espessas montanhas
solytaryas.

Comparaçam.

¶ Andando tantas jornadas
taes confortos rreçebendo
como ſoemas deſejadas
ſaudades apartadas
em gram tempo nam ſe vendo
Aſſy eu com vida tal
deſperança ⁊ dalegria
ja rroubado
me vi tanto com meu mal
que ha morte me ſentya
muy cheguado.

¶ Polas ſerras tenebroſas
ſem ter ja de mym ſentydo
nomeando com choroſas
vozes triſtes piadoſas
aquem tinha ali perdydo
Seu calar me era rrepoſta
mas o eco polos vales
me ſeguya
de meus cramores rrepoſta
por dar mais mal a meꝰ males
rreſpondia.

¶ Vendo maſſy padeçer
vida de eſtremo tal
meu alongado viuer
me era mays rrecreçer
moores tormentos de mal
Por onde quer que paſſaua
nas montanhas ⁊ boſcagēs
quantas me viam
ſerpentes quantas achaua
feras beſtas ⁊ ſaluagēs
me ſeguiam.

¶ Aya muytos animaes
ſagytarios eſcorpiões
tygres feros deſyguaes
gigantes dragos mortaes
onças feras ⁊ lyoões.
Os olhos todos luzentes
em fogo todo abraſados
açendidos
combatimento de dentes
dando muyto deſuayrados
bramidos.

¶ Comparaçam.

¶ Como quem de catiueyro
quando foge alguũ catiuo
que de mal tam laſtimeyro
por rremedio derradeyro
nam tem em conta ſer viuo
Com esforço muy ouſado
poē a vida a mil perigos
de venturas
⁊ cuydando ſer tomado
vay buſcar algũs abriguos
nas eſpeſſuras.

¶ Aſſy eu com taes temores
que mynhas forças vençia
ja buſcaua valedores
que valeſſem a minhas dores
⁊ me deſſem ouſadia
Nꝰ matos por me ſaluar
de ver couſas eſpantoſas
fuy com rreçeo
⁊ aly me fuy achar
cō as arpias muy rraynoſas
de fyneo.

¶ A morte por nam ſentir
mays que vyda deſejaua
quando vy que me cobrir
nam preſtaua nem fugir
com meu mal os confortaua
Com ſoſpiros lagrimoſos
meus triſtes olhos chorauam
ta m de verdade
que de brauos piadoſos
de me verem ſe tornauam
com piadade.

¶ Meu vyuer menꝰ prezando
que o periguo da morte
comeceỹ andar chorando
os deſertos penetrando
maldizendo minha ſorte
Ferydo de taes tormentos
que ſeraa menꝰ victoria
de os paſſar
que tornar taes ſentimentos
rredozilos aa memoria
pera os contar.

Comparaçam.

¶ Como quem ſe ve lyurado
dalgũ perigro mortal
ou como quem condenado
a morte ſendo lyurado
per milagre ou caſo tall
Aſſy eu quando me vi
fora daqueſte periguo
de morte
a mym meſmo nam no cry
em cuydar huũ mal comiguo
de tal ſorte

¶ Viſta do inferno.

¶ Sem ver dia nunca craro
cos ſombroſos aruoredos
com muy grande deſemparo
polos montes de trauaro
pelas rrocas ⁊ rroquedos
Andaua triſte ſeguindo
a muy gram deſauentura
de meu viuer
o prazer de mym foginado
vendo mays minha triſtura
em mym creçer.

¶ Per luguares tenebroſos
a os vmanos ynotos
cō meus males muy doroſos
ouuy gritos eſpantoſos
com muy grandes terremotꝰ
De todo cuydey em tam
minha vida muy cruel
que acabaua
olhando vy a plutam
as chamas que mongybell
rreſpyraua.

¶ Vy estar o cam çerueyro
com suas bocas tragantes
de burlyres ser parçeyro
vy sifo com gram marteyro
trazer pedras muy pesantes
E na ystrigya vycrina
com as furias infernaes
indinadas
vy plutam com proserpina
com muytas gentes mortaes
ja passadas.

¶ Aly vy a pregoeyra
tesyphone muy sanhosa
alecto cruel guerreyra
e com elas a terçeyra
vi em guerra mays rrayuosa
Tres juyzes estar julgando
feyras danáo com jueyras
cheas dagoa
e dedalo yr voando
e vulcano nas fugueyras
da gram fragua.

¶ Alli vi estar a pryteo
o fogo do çeo furtar
vy atriste com atreo
e a madre de penteo
seus membros espedaçar
Vy na rroda exyam
hyr e vir sempre voluendo
com pesares
vy o forte jeriam
com tres cabeças mandando
as baleares.

¶ Vy tantalo essaymado
com gram sed estando nagoa
e tyos muyto penado
da buitres espedaçado
em seu peyto cõ gram magoa
vy outro muyto gentyo
cujos nomes de sas famas
tem nas vidas
de muy grande senhorio
ardendo em viuas chamas
açendidas.

¶ Vy a fonte de cotytos
a passagem de seus portos
muytos corpos sem espritos
onde a garça com mil gritos
traza messajem dos mortos
Vy as agoas do leteo
em na barca da charonte
yr rremando
o parçeyro de teseo
e tiseo de so huũ monte
fogueando.

¶ Assy estando espantado
temeroso com gram medo
sem meu syso ter cobrado
nem o temor apagado
do que via estaua quedo
Sem tardança me vy loguo
çercado de muytas gentes
muy chorosas
cardiam em viuo fogo
de chamas viuas ardentes
espantosas.

¶ De sas bocas com furor
tam gram chama se alçaua
que do grande rresprandor
do gram fogo e meu temor
velos bem nam me leyxaua
Tantas penas padeçer
vy com dores desuayradas
de tormentos
que me fyzeram esqueçer
as cousas todas passadas
de sentimentos.

¶ Visam infernal.

¶ Darredor em companhia
via cousas muy ynormes
que despanto nam podia
poderme dar ousadia
olhar rrostos tam disformes
Com seus basyliscos vultos
doryues disformidades
me pareçya
os que me eram mays ocultos
mays presentes fealdades
das que vya.

¶ Assy vendo com gram dor
minha morte conheçida
de meu rrosto minha cor
ja rroubada com temor
mays da morte que da vida
Fuy leuado per lugares
onde vi em viuas chamas
estar ardendo
muytas gentes com pesares
de namorados com damas
padeçendo.

Inferno dos namorad⁹

¶ Com crudyce vy orfeo
tangendo sa doçe lyra
vy driana com theseo
com tanaçe macareo
e ercoles cõ daymira.
Aly paris com elenna
vy grismonda com griscal
com muytas dores
que choraua com gram pena
a gram coyta desygoal
de seus amores.

¶ Aly e co com narçyso
vy epasiphe com minus
nas fonduras do abyso
e a filha del rrey nyso
com sospyros muy continus
Vy outros men⁹ prezando
as grorias de seus viueres
e maneyras
em sas ofensas mostrando
nas coytas grandes prazeres
da legrias.

¶ Aly porys com tesena

❡ disse por febo dane
archiles com poliçena
❡ tereo com philomena
❡ com piramus tisbe
Ay medea com crimezas
de jasam por que querer
mays lhe quisesse
fazendo moores cruezas
do que nenhuũ ofender
lhe pudesse.

❡ Ay lucreçia por tarquyno
ser de si muy penitente
❡ vi çila por rrey nyno
❡ as filhas de cadino
em o fiegento ardente
Ipolito fedra se meta
ardam lyer com lyesa
namorados
pamphilo cõ fyomera
grimalte com gradiesa
desesperados.

❡ Quẽ me daa vida penada
sem nᵒ seus amores vy
de penas tam lastimada
tam triste tam demudada
que casy a nam conheçy.
Muy triste muyto chorosa
sospyrando desygoal
muy sentyda
porque nunca piadosa
foy de mym nẽ de meu mal
nesta vyda.

❡ Os olhos por nam olhar
de piadade mouidos
escondia com pesar
mas os seus prantos tornar
me fazia de seus gemidos
Com dorosos mouimentos
tornaua meus olhos vendo
seus cramores
❡ seus grandes sentimentos
me faziã hir gemendo
minhas dores.

❡ Muytas vezes meu poder
trabalhando sem memoria
prouaua de socorrer
se lhe poderia valer
mas ficaua ssem victoria
Que da vida ja fauor
nã tinha nẽ esperaua
nem sentya
a mym como defenssor
contra mym me esforçaua
❡ socorria.

❡ Cõ voz de pranto dorida
como quem morte deseja
muyto mays que ter tal vida
falaua cõ dor creçyda
dizendo nam sey que seja.
Quẽ me daa vida despoje
ca de males tã dobrados
de tal sorte
a primeyra cousa que foje
dos tristes desesperados
he a morte.

De seus olhos mays chorãdo
do que falar me podia
com mil dores sospirando
suas chagas m a mostrando
cõ cas minhas açendia.
Cõ grã dor de meu pesar
desque piadade de mym
a vençeo
me começou de falar
nesta maneyra em fym
me rrespondeo.

❡ Tal ẽueja vᵒ tẽ dado
minha grande saudade
que mal tã desesperado
quesestes seguir forçado
sem ter de vos piadade
Fortuna que sempre ordena
tanto mal consentimentos
cada dia
por dobrar mays vossa pena
quys a meus grãdes tormẽtos
dar companhia

❡ Estando nestes pesares
como morta minha vida
ja nᵒ infernaes luguares
com tormentos a milhares
de gram pena desmedida
Na volta dos mays perdidos
andaua com dor chorando
tam desigual
com taes prantos ❡ gemidos
que fazia estar olhando
todos meu mal.

❡ Da li me veo tyrar
quem me forçara seguyr
caminho de tal pesar
que nam se pode cobrar
nenhuũ mal nem rredemyr
mostrando me verdadeira
fym da amores de seu mall
o gualardam
cantando desta maneyra
como quem com voz mortal
lança pregam.

❡ Fym.

❡ Dos amores o que sento
todo ho vyuo contempre
que prazer que daa tormento
he groria de huũ momento
que condena pera sempre
E seu bem he de tal sorte
em prazer que daa tristura
com tanto mal
que se faz eterna morte
com pena que sempre dura
muy mortal

❡ De duarte de brito.

❡ Ho cruel pena mortal
ho vida tam querelosa
ho morte tam piadosa
inteyro bem de meu mal
Tam creçydos
sam meus males desmedidos
que sentem meus pensamẽtos
que com força de tormẽtos
ja nam sento meus sentidos

¶ De dores tam lastimada
vejo minha triste vida
quee de mym sempre queryda
minha morte desejada
Esperar
o que nam posso cobrar
he mays causa de grandor
ou de morte ou pior
poys se nam pode curar.

¶ Qua pena mayor q̃ tenho
nam sey quem ma dar podesse
donde tanto mal vyesse
quem vyda morte sostenho
Taal se sente
meu viuer tam descontente
que de mym sam matador
porque mays a minha dor
minha pena sacreçente

¶ Vejo tanto contra mym
minhas chaguas tã abertas
com cruezas tam espertas
que desejo minha fym
Se meu bem
cõ a morte me nam vem
que vyda posso vyuer
que me possa dar prazer
se em matarme detem.

¶ A fym visse tam asynha
como he vontade vossa
poys cousa que darme possa
bẽ nẽ vida nam he minha.
Por vᵒ querer
meus males vejo crecer
myngoar toda piadade
se matarme aues vontade
eu ey pouca de viuer.

¶ De meu mal se foes seruida
cõ minha pena rrayuosa
em matarme piadosa
vᵒ mostray a minha vida
Por acabar
minha vida de matar
segundo meus males vejo
muyto mays meu mal desejo
do que vos me podeys dar

¶ Duarte de brito.

¶ Vos viuendo eu morrendo
vos folgando eu penando
vos boa vida passando
eu a minha mal dizendo
sospirando
Vos de mym sempre querida
eu de vos muy desamado
ꝛ meu bẽ todo trocado
da morte como da vida
desesperado

¶ Eu cõ dor ꝛ vos sem ela
vᵒ sem pena eu cõ tormento
vos prazer contentamento
eu de vos cõ gram querela
ꝛ sentimento.
Eu muy triste ꝛ vos muy leda
ho senhora ho senhora
se o mal que sento agora
fosse danbos como queeda
alguũ ora.

¶ Tal cuydar me da alegria
desengano mentristeçe
esperança me faleçe
todo meu bẽ se desuia
meu mal creçe.
Renouasse minha chagua
cada dia mays mortal
vos days pouco por meu mal
mas sofrer me da a pagua
vede qual.

¶ Se sam de vos esqueçido
sam por me perder guanhado
de vos senhora forçado
mas de meu querer vençido
do cuydado.
Com toda quanta crueza
contra mym podaes mostrar
bem me podera matar
mas nũnca por mays tristeza
me mudar.

¶ Fym.

¶ Nam sey qual pior me seja
se dyzer ou encobrir
o que sento se seruir
quem tanto mal me deseja
ꝛ seguyr
O dano donde me vem
vendo minha vida tal
tam açerca de meu mal
ꝛ tam longe do meu bem
que me nam val.

¶ Carta de duarte de brito
a dom joam de meneses pera
q̃ nam syruesse ninguem.

¶ Estando triste pensoso
com meus males sospirando
de meu bem muy duuydoso
de minha vida queyxoso
vym estar em vos cuydando
Lẽbroume que perdido
vᵒ vy tanto por amores
que nam pode tanto crido
ser o mal como sofrido
tendes sofridas de dores

¶ E lẽbroume o mal gastado
seruido sem gualardã
o tempo todo passado
em que sempre de cuydado
vᵒ vi morto de payxam
Onde a pena muy creçida
de vossos males dobrados
fez tam triste vossa vida
que foy toda conuertida
de sospiros ꝛ cuydados.

¶ E lẽbrarã mos tormentos
que por bẽ amar sofreys
dados sem mereçimentos
cõ que vossos pensamentos
veuyã ꝛ vos morryeys.
Onde vy nojos creçydos
cortas pesares tristezas
sospiros cuydar gemidos
dous tormentos ꝛ sofridos
trabalhos fadiguas cruezas.

¶ E vy auyua vontade
de mataruꝰ tam catyuo
vꝰ tinha sem liberdade
morto tam sem piadade
que nam cuydo que soes vyuo
Sem auer nunca lembrança
de vos nẽ vossa tristeza
que com vossa esquiuança
vꝰ fez morta a esperança
mas nunca vossa fyrmeza.

¶ E vi mays ser as maneyras
de quẽ pena ⁊ tem cuydado
he dores muy verdadeyras
em vos muyto mays enteyras
do que pode ser falado
De maneyra que tam triste
foy vossa vida passada
que de mil mortes se viste
o cuydar que se consiste
dor de dores tam penada

¶ Mas daq̃stes males fora
ficando de morto viuo
hys seruyr de nouo agora
quẽ de vos fazeys senhora
⁊ vos dela mays catyuo.
Mas huũ conselho senhor
vꝰ dar ey a ley de frança
que nã vꝰ fyeys damor
que he falso enganador
onde mal nam faz mudança

¶ Dizẽ q̃ os escarmentados
que se fazẽ dos arteyros
poys vꝰ mays dꝰ mays penadꝰ
namorado dos namorados
que sofrestes taes marteyros
Poys seus males todꝰ vistes
day o demo este cuydado
a lembreuꝰ quẽ seruistes
que fez vossos dias tristes
amador muy desamado

¶ Mas de mil temores tremo
por tornardes cõ quererdes
amardes ẽ tal estremo
que muyto de vos me temo
perderuꝰ por vꝰ perderdes.
porq̃ cuydo que escapar
nam podes de nam morrer
ca palhas foy o penar
que sofrestes por amar
pero o qua ves de sofrer.

¶ Reçeando a trestura
que sespera mays vꝰ culpo
pero o vendo a fremosura
de quẽ ja vꝰ fez ventura
ser catiuo vꝰ desculpo
Assy que nã sey que digua
nẽ que cuyde nẽ que pense
nẽ que faça nẽ que sygua
que vꝰ liure de fadygua
nẽ de morte vꝰ defense.

¶ Fym.

¶ Se nã poys quereys tomar
os amores grã mostraança
mostrardes de bẽ amar
sem amardes poys penar
por amar nã faz mudança
Mil enganos cada dia
cuydae sem terdes cuydado
ser leal nunca seria
por verse por esta via
tornaria a ser amado

¶ Duarte de brito partindo de santarem.

¶ Ho cãpos de santarẽ
lẽbranças tristes de mym
onde começou sem fym
desesperança sem bem
Ho gram beldade por quem
leuo chea a memorea
com tal cuydado que tem
a morte volta com grorea

¶ Ho vida desesperada
de dores ⁊ sentimentos
ho lembrança de tormentos
quem pesares es tornada.
Ho ventura mal fadada
cabo de toda crueza
ho memoria rretrocada
em dor de minha tristeza

¶ Ho desejo sem folgança
tristura de meu folguar
ho querer de meu pesar
de meu descanso tardança
De meus cuydados lembrãça
do meu coraçam cadea
ho vida sem esperança
de tristezas toda chea.

¶ Ho coraçam lastimado
cujo mal nunca se sente
que tam lonje es presente
de quem es tam apartado
Que te presta ser lembrado
de quem sempre desejar
faz de força teu cuydado
de vontade com chorar

¶ Como aquele que sentindo
vay a morte quando vem
que demostra o mal que tem
com grandor ⁊ descobrindo
Assy eu de vos partindo
desejo de minha vida
vejo vir apos mym vindo
a morte que me conuyda.

¶ Polas muy asperas vias
de tristezas caminhando
vy meu mal meu bẽ matando
dar fym minhas alegrias
Todas minhas fantesias
minhas penas rrefrescando
o triste fym de meus dias
sem vꝰ ver mo vã mostrando

¶ Vy as serras descubertas
de meus males com tresturas
vy todas minhas folguras
de tristeza ser cubertas
Desperança vy desertas
minhas groreas sem vytorea
com sospiros muy espertas
as lembranças da memoria.

¶ Ay meu triste pensamento
desperar desesperado
com sospiros meu cuydado
com lagrimas meu tormento
Meu rrayuoso sentimento
que calando encobria
mil vezes com desatento
meu chorar o descobria

Polas muy grãdes mõtãhas
caminho de meu pesar
nam ceßando o caminhar
com dor de dores tamanhas.
Todas minhas entradanhas
sem fogo syam queymando
⁊ nas terras muy estranhas
a morte ando buscando.

¶ Com lagrimas de trestura
de minhas coytas rrayuosas
vy as frores ⁊ as rrosas
perder todas sas frescuras.
Os cãpos com as verduras
com as sombras graciosas
se tornauam amarguras
de mil rrayuas espantosas.

Por ver morrer meº espant⁹
feras bestas me seguiam
⁊ os males rretenyam
com as vozes de seus prantos
Dauam aues grytos tantos
minhas querelas dobrauam
onde todos meus quebrantos
em lagrimas se banhauam.

¶ Meu caminho se seguya
minha dor nunca minguaua
minha pena sesforçaua
contra mym mays cada dia.
Com meus cabelos cobria
a mym todo com pesar
em verme sem vos me via
mays de vontade chorar.

¶ Com meu mal assy andãdo
de me ver assy perdydo
como cousa sem sentido
andaua sempre chorando
A morte menosprezando
mays que vyda desejaua
meu desejo vigiando
sospirar me confortaua.

¶ Assy me leuando ventura
com desatyno perdido
neste caminho vestido
cuberto de gram trestura.
Meu chorar com amargura
com voz triste muy cansada
chorarey em quanto dura
minha catiua jornada.

¶ Fym.

Poys q̃ meu bem como vẽto
traspassando assy por mym
⁊ meu mal dura sem fym
em meu triste pensamento.
A memorea por tormento
fycara desta lembrança
em mym triste porque sento
ser meu mal sem esperança

¶ Duarte de brito.

¶ O vida de mis dolores
o dolor de mis cuydados
cuydados de mis amores
de tormentos matadores
y males desesperados.
O quanto mejor me fuera
no ver vuestra fermosura
ni por vos no me perdiera
ni pesar no me metiera
en poder de tal tristura.

¶ O vida tan dolorida
de vida muerte tornada
o muerte tanto querida
de esperança conuertida
en vida desesperada.
O muerte como no vienes
a dar cabo a vida tal
que la vida em que me tienes
es la muerte de mis bienes
vida de todo mi mal.

¶ Assi como el gran llorar
como sin fabla me dexa
⁊ assi con mi penar
con gemir ⁊ sospirar
no puedo dezir mi quexa
Mas ya que triste espero
que mi mal no tenga medio
llorando morir me quiero
pues del todo desespero
de cobrar nunca rremedio.

¶ Llorare todos mis daños
mi dolor ⁊ pena fuerte
⁊ dos mill males estraños
que los menos son tamaños
que mi vida es la muerte
Llorare catiuidad
la vida triste que biuo
con sospiros soledad
llorare mi libertad
que por vos perdi catiuo.

Sin tantas sombras de males
yo triste siempre biuiera
ni penas tan desiguales
ni llagas tanto mortales
en tanto grado sintiera.
Ni fuera mi sentimiento
vn dolor tan sin medida
que segun los males siento
no es ygual el tormento
ni gana muerte a mi vida.

¶ El penar demasiado
la passion muy desmedida
vuestro oluido ⁊ mi cuydado
matormentan en tal grado
que tienen muerta mi vida
De matarme no contentes
se contem tam mis querellas
mis coytas siendo presentes
ni por ver tornados fuentes
mis ojos reposan ellas.

¶ Con temor mi gran desseo
mi quereros ⁊ seruiros
los dolores que posseo
las coytas en que me veo
no puedo ni se deziros.

y con este mi penar
creçe tanto ques perdida
esperança desperar
y remedio de cobrar
a mi y mi triste vida.

¶ Fym.

¶ De mis tristes poimientos
⁊ de mis males estraños
o vida de mis tormentos
dolor de mis pensamientos
por quien sufro tantos daños
Si vos viesse hauer sentido
de mis dolores doleros
por vos contento perdido
todo el mal por vos venido
sufriria por quereros.

¶ Duarte de brito.

¶ A tristeza encuberta
de meu triste pensamento
verdadeira
me faz minha morte çerta
⁊ a vida nam consento
que me queyra.
Ca segundo tem poder
minha gram desauentura
muy catiua
morrer nam basta vençer
nem poder matar, trestura
tam esquiua.

¶ Sam meus dias em pesar
todos tristes conuertidos
em cuydados
meu vyuer ⁊ sospirar
sam meus males muy creçydos
desesperados.
A vida sem esperança
sem rremedio meu desejo
tam catiuo
que moyro na esquiuança
da vida em que me vejo
que nam vyuo.

¶ Por ser mor minha tristeza
quer fortuna que fordene
por penarme
por fazer mayor crueza
darme vida com que pene
que matarme.
E com aqueste temor
de pena mays desygoal
que he morrer
creçe tanto minha dor
que seria menos mal
nam vyuer.

Fym.

Poys viuo triste sofrendo
sem ventura desejoso
mal tam forte
hũa vida que viuendo
viuo dela mays queyxoso
que da morte.
Ca de maneyra me trata
meu mal com grande desdita
sem cansar
qua vyda he a que mata
⁊ a morte a que me quita
de pesar.

¶ Duarte de brito.

¶ Sem descãso ⁊ sem ventura
desejosa vida minha
toda chea de trestura
onde sempre meu mal dura
o bem passa tam asinha
Que nam dou dela sinal
se nam todos de desejo
os outros sinaes que vejo
todos sam de mays meu mall

¶ Por nunca sentir prazer
nesta minha triste vida
onde me vejo morrer
nam posso cousa querer
que jamays veja comprida
se nam tudo ho rreuees
do que sempre desejey
se alguũ bem esperey
deu comyguo a trauees.

¶ Ho vida desesperada
ho manifesto engano
ho morte dessemulada
ho ventura mal fadada
dõde vem sempre meu dano.
Qual esperança me tem
que nam me leyxa tomar
qualquer morte que acabar
poys perdy todo meu bem.

¶ Nem a vyda nam na quero
nem a morte nam na quer
desperar ja desespero
o rremedio que espero
he a morte se vier
Ca o mal que madoeçe
com sospiros ma tormenta
minha dor se acreçenta
o meu bem todo faleçe

¶ De tristezas ⁊ pesar
pode fym dar alegria
se me podesse cobrar
com sospiros ⁊ chorar
alguũ descanso seria
Nem a vyda em que me vejo
com tal mal nam se me tyra
se o que espero que a tyra
nam se acha em meu desejo

¶ Fym:

¶ Nã me vy com esquiuança
de sofrer nunca cansado
em meu mal nam faz mudãça
quanto menos esperança
tanto mays he o cuydado
Quanto mays vejo prazer
tanto mays sento o pesar
ja cansado de vyuer
mas nunca de desejar.

¶ Duarte de bryto que lhe preguntou sua dama porque andaua triste.

¶ Com tantos males guerreo
senhora por te seruyr
que la muerte del beuir
es la vyda del deseo
tus mudanças mys fyrmezas
sy acatas
por darme vyda me matas
com tus cruezas.

¶ Es my vida em tal estremo
de tantas lhagas ferida
que mas recelo la vyda
delo que my muerte temo
De ty siempre fuy ferido
com tormiento
mas nunca del mal que syento
socorrido.

¶ My danho sym cõpasyon
com dolor nunca se mengua
no sabe dezir my lengua
lo que siente el coraçon.
Que tal es my gran trestura
de tal suerte
ques todo my mal de muerte
sym ter cura.

¶ Tanta es my mal andança
que la my lhaga mortal
quanto mas crece my mal
se encerta elhesperança.
El sospirar que rrenueua
my cuydado
al morir desesperado
me lyeua.

¶ Por ty gano em perdelha
my vyda triste catiua
mas my fee que dara byua
ante ty com my querelha
Mys sospiros aty lhaman
sym oluydo
las mys vozes com gemydo
aty rreclaman.

¶ La my vyda tal se passa
que por ty los mys gemidos
em dolores encendidos.
mys entranhas hazem brasa
mys lagrimas sym me dar
assosyego
hazem mas byuo el fuego
de my penar.

¶ Fym.

¶ No lhagado coraçon
de todo desacorrydo
ho sym ventura naçydo
por su dolor y pasyon
Que sera triste de my.
pues coytado
pera my naçyo cuydado
quando naçy

¶ Duarte de brito aos mot⁹ dastas senhoras os q̃es mot⁹ sam a derradeyra rregra de cada copra.

¶ Dona briatiz pereyra.

¶ Esperando rremedear
el dolor em que beuia
por mas gloria alcançar
mys cuydados fuy doblar
y mas mal que no sentia.
Veo que tal fue my ventura
que my byen por mal troque
do falhee muy mas trestura
quando la gloria busque

¶ Dona branca coutinha.

¶ Es my triste pensamiento
tam vençydo de deseo
que segum los males syento
es tornado em tormiento
el cuydado em que me veor
Com dolor y gram porfya
dela my desdicha fuerte
de perder la vida mya
esperança y alegria
temesse my triste suerte.

¶ Briatyz dazeuedo.

¶ La triste vyda de males
de tormientos y dolores
que sostengo desygoales
acreçientam muy mortales
mys tristezas matadores
My plazer se va gastando
conel dolor que rreçeby
la my vida deseando
y com tal pena passando
no viue quien assy biue

¶ Dona margarida furtada.

¶ Por ver que nunca mejora
my grande mal tan esquyuo
no queda dia ny ora
que los mys lhoros no lhora
la triste vyda que viuo
Pensando los põr venir;
my pena mas sacreçienta
y coneste tal beuir
lo que queda por sentir
ya no syento quien lo syenta.

¶ Briatiz da tayde.

¶ Pensamiẽtos muy vẽçido⁹
de my pena dolorida
com mys males desmedidos
peleam com mys sentidos
y la muerte com my vyda:
yo triste no see manera
que tenga com my porfya
el dolor manda que muera
yo no puedo hazer que quiera
com temor tal osadia:

Dona margarida anrriquez.

¶ Com gemyr y sospirar
byuo vyda tam penada
que no queda por passar
dolor coytas ny pesar
que mas no syenta doblada
Dela my catiua suerte
mal por byen escogeria

y de my pena tam fuerte
trocando vyda por muerte
que muy mejor me seria

¶ Dona orraca.

¶ Por serẽ sem fin mis danbꝰ
que dara viua memoria
delos mys males estranbos
que los menꝰ som tamanbos
que pesares me dam gloria.
My dolor com grã fatigua
no me dexa mas beuyr
mas my fee creçyda digua
my voluntad es amygua
delo que se puede seguyr.

¶ Dona guyamar ď crasto.

¶ My trestura es fecha vyda
do byue my pensamento
y flama tam ençendyda
que no puede hazer fenyda
my cuydado y gram tormento
som los males que posseo
tam esquinos de tal suerte
que la vyda em que me veo
entre esperança y deseo
ay dos pelygros de muerte

¶ Dona jsabel pereyra

¶ La my gram coyta presente
sobre todas muy mayor
de matarme nam contente
se contenta porque sente
que veuir es mas dolor
Los afanes desastrados
com las sobras de my mal
que sostengo trabajados
los doo por bien empleados
pues que dyos vꝰ fyzo tal.

¶ Dona maria da tayde.

¶ Cõ ãgustias muy plãbidas
vam mys dias com enojos
y las noches mal dormidas
em sospiros conuertidas
mal dormidas de mys ojos
De tristeza toda lhena
es my vyda y de pasyon
y my libertad ajena
por moryr em tal cadena
soffrir penas coraçon.

Dona caterina anrriquez.

¶ El beuir sym libertad
por bien amar y querer
no talhee em vos piadad
y seruir com lealtad
mas esquiua ⁊ cruda ser.
El galardom que sespera
por tanta fee vꝰ tener
es vna pena tam fyera
que em seruiros no se muera
nada le pueda valer.

¶ Dona felipa anrriquez.

¶ Sy la my triste ventura
com mys males descansasse
em dezir la my trestura
hoje mal que tanto dura
se plazer ver esperasse.
folgaria de contar
la my secreta pasyon
mas pues no puede prestar
escusado he hablar
com na dia my coraçon.

¶ Duarte de brito.

¶ Olharuos fuy desejar
pera sempre padeçer
⁊ veruꝰ verme perder
sem saber
maneyra de me cobrar.
Por que assy me namorey
em veruꝰ quando vꝰ vy
que quando de vos party
partyme de vos sem my
por que com vosco fyquey

¶ Partyme com afeyçam
combatido de trestura
trouxe vossa fremosura
vossa doçura
dentro no meu coraçam.
Que tanto me faz ser vosso
de cuydado tam sobejo
que sem vꝰ ver eu vꝰ vejo
tam vençido de desejo
que valer me ja nam posso

¶ Pode vossa merçe crelo
que fyquey de vos rroubado
tam perdido dhũ cuydado
namorado
que me daa gram dor dizelo.
Onde as oras por meus danos
que se vam que nam vꝰ vy
polo plazer que perdy
oras sam que foram ãnos
de tormento pera my

¶ Assy dama graçiosa
a pena que me causastes
quando vꝰ vos amostrastes
que matastes
com veruos tanto fremosa.
Matoume logo querer
em veruos sem mays tardar
perdime sem me cobrar
⁊ matoume em vꝰ olhar
vosso lyndo pareçer

¶ E com jsto de vos ja
he minha força vençyda
estaa em vos a medyda
de minha vyda
assy como em deos estaa.
Vos tendes meu coraçam
catyuo de vossa beleza
eu por vos tenho tristeza
vos de mym grande firmeza
eu de vos sem gelardam

¶ Fym.

¶ Mas poys tãto mal cõſiſte
em quanto vos cauſareys
matarme poys podereys
ou me fareys
alegar ou fazer triſte.
Me faz muy grande temoꝛ
ſenhoꝛa dona jlena
de dyzerem que com pena
que voſſa merçe oꝛdena
moꝛte a huũ ſeruidoꝛ

¶ Duarte de bryto.

¶ Com tal cuydado me vejo
des que ſenhoꝛa vꝯ vy
que de moꝛto de deſejo
ſem ſaber parte de my
me perdy.
Perdime de namoꝛado
de ver voſſa fremoſura
donde quis minha ventura
que moꝛreſſe de cuydado
com treſtura

¶ E aſſy todo vençido
de olharvꝯ me ſenty
damoꝛes tanto perdido
que a mym deſconheçy
como vꝯ vy.
Deume voſſa fremoſura
huũ cuydado muy ſobejo
que me mata de deſejo
tenho poꝛ vos a treſtura
em que me vejo.

Vejome de vos foꝛçado
quereloſo com triſteza
leyrey com voſco firmeza
leuo poꝛ vos huũ cuydado
muy dobꝛado
De quem me vejo vençydo
com querervꝯ ſem engano
de quem tenho o deſengano
que ſta ante vos eſqueçydo
meu dano.

¶ Tervꝯ me faz conheçer
minha moꝛte conheçyda
e leyxarvos de vꝯ ver
ver logo de mym partida
minha vyda.
E vejo quando vꝯ vejo
a moꝛte volta em prazer
poꝛ que nam vꝯ poſſo ver
quantas vezes eu deſejo
ſem moꝛrer.

¶ Fezme ſer voſſo catyuo
voſſa fremoſura olhar
que ter auyda que viuo
de cuydar ⁊ ſoſpirar
⁊ deſejar.
Em vꝯ ver muy deſygoal
ſenty pena muy dobꝛada
vos fycaſtes deſcuydada
do cuydado de meu mal
nam lembꝛada.

¶ Eu fyquey de my eſqueçydo
ſem de mym mays me lẽbꝛar
namoꝛado tam perdido
que me nam ſey emparar
nem rremedear.
Days me mays pena creçyda
que meu cuydado compoꝛta
com mal que nam ſe ſopoꝛta
tenho eu poꝛ vos a vyda
como moꝛta

¶ Poꝛ vos ſento ⁊ ſey que he
minha vyda em periguo
ca poꝛ tervꝯ fyrme fe
nam na poſſo ter comygo
poꝛque ſyguo
Verdadeyra fee ⁊ amoꝛ
ſem vꝯ lembꝛardes de mym
que e ſynal de minha fym
mas nam fym de minha doꝛ
deſque vꝯ vy.

¶ Como vy voſſa beleza
que me daa vyda penada
vꝯ tyue tanta fyrmeza
como em vida namoꝛada
nam he achada:
com que ando contemplando
todo perdido damoꝛes
voſſos muy altos pꝛimoꝛes
com ſoſpiros confoꝛtando
minhas doꝛes.

¶ Fym.

¶ Mas poꝛ q̃ nã mate aſynha
a pena qua ſſy me trata
enmenday ſenhoꝛa minha
quanto voſſa viſta mata
⁊ deſbarata.
Que nam me veja perder
de deſejo cada dia
poꝛ que tenha algũa vyda
poys que nam vꝯ poſſo ver
dalegria

¶ Pregunta de duarte de
bryto a dom joam de me/
neſes.

¶ A vos que tendes poder
poder pera ynſynar
a vos que tendes ſaber
ſaber pera rreſponder
o que quero preguntar.
De que calidade vem
pregunto qual anymal
quer mal a quem lhe quer bem
⁊ bem a quem lhe quer mal

¶ Repoſta de dom joam po/
los conſoantes.

¶ Quem poder ſatiſfazer
voſſos louuoꝛes louuar
podera fazer ⁊ crer
que fareys viuos moꝛrer
⁊ moꝛtos rreſuçytar.
Molher vy querer a quem
lhe queria mal moꝛtal
⁊ hyr mal a quem na tem
bem ſeruido deſyguual.

¶ Duarte de brito

¶ La my vyda syn ventura
la my ventura syn vida
soledad com grã trestura
com vuestra grã fremosura
me dã muerte conoçyda.
Do com vida rrauyosa
quanto mas my muerte pydo
tanto mas veo forçosa
la querelha profiosa
de my mal mas ençendido.

Tantos som los mys gemidꝰ
lastimados de dolor
e dolores ençendidos
que de males tã crecydos
morir seria mejor
que veuir vida sofriendo
com deseo de morir
em vida muerte muriendo
menꝰ piadad sintiendo
y mas mal por vꝰ seruir.

¶ Que vꝰ pueda desamar
volntad no me consiente
ny por ver amy matar
no puedo dexar damar
my grã mal que no se syente
J cõ tanta malandança
dela my triste ventura
lo que dicha no alcança
seguyree cõ esperança
que me mate de trestura.

¶ My vyda desesperar
veo comygo moryr
viendo los fynes estar
tam lexos de me cobrar
doo fym alo por venir.
Com mys lhoros cada dia
viuerã mys pensamientos
morira my alegria
muerte dela vyda mya
y vyda de mys tormientos.

¶ Es my pena tam crecyda
my dolor tam desygual
my pasyon tam sym medyda
que sostengo muerte em vyda
que dando vyuo my mal

¶ Mys deseos ençendidos
com sospiros e gemydos
y los mys tristes sentidos
mas dudosos de perdidos
que de serem socorrydos.

E com tanto mal crecydo
de todo ya desespero
que por vos triste catiuo
ya no byuo por que byuo
y muero por que no muero.
ho de myn catyua suerte
quereya my byen sentirꝰ
dela my plaga tam fuerte
pues por vos my vida muerte
nunca çesa de pedirꝰ.

¶ Fym.

¶ No sy menꝰ la mytad.
como sam vuestras cruezas
tuuierades piadad
no fuera catiuydad
lhena de tantas tristezas
Mas tu que fym de tormiento
es de dolores fenyda
ho muerte acabamiento
por que acabe el mal q̃ syento
dad fym amy triste vida.

¶ Duarte de brito.

¶ No sem ventura naçydo
pera dor de sua vyda
damores muy mal ferido
de cruel pena doryda.
Por meo do coraçam
de feryda tã mortal
que nenhũa rredençam
sespera de tanto mal

¶ Se meu mal pesar vꝰ desse
em meus dias soo huũ dia
a morte que me viesse
por galardam tomaria.
Mas poys bẽ que me cõforte
nam sespera de vos nada
milhor he dytoosa morte
que vyda desesperada.

¶ Mas cõ quanto mal me vẽ
por amaruꝰ desygoal
nam queria ter mays bem
que pesaruꝰ de meu mal.
e meus desejos me fazem
contente morrer por vosso
e meus olhos satisfazem
polo que dizer nam posso.

¶ Algũa parte quysera
ter liure de sentimento
por ver triste se podera
dizer quantos males sento.
mas tã morta he minha grorea
que de mym desesperado
o mor bem he a memoria
que me fyca do cuydado

¶ Men cuydado ẽ vos cuidar
he por minha perdiçam
tã cruel em me matar
como vos no coraçam.
Meu desejo desejoso
me tem aa morte chegado
justamente querelloso
e sem rrezam condenado

¶ Fym.

¶ No de mym tanto querida
sobre todas em beldade
a vey ja merçe dauyda
da mynha alma piadade.
E a se nam quereys valer
sera se muyto tardar
mays tempo de padeçer
que meu mal rremedear

¶ Duarte de bryto.

¶ No fuente de crueldad
de lhoros y syntimentos
rrobo de my libertad
y soledad
de mys tristes pensamientos.
Fuego mortal encendido
quem my todo te derramas
y penetras com gemydo.

tu es cochylho que lhaguas
mys entranhas com clamores
y rrenouas las mys plaguas
por que haguas
rrefrescarme mys dolores.
Dejmatarme com tu yra
cruel coraçon rreposa
pues tu gram beldad te tyra
aquien le myra
el nõbre de piadosa.

¶ Assy lhagam mys tristezas
tu coraçon dolorido
como amy las tus grandezas
de cruezas
com dolores me am ferido
Y tal vida qual por ty
de mirar tu beldad tengo
tal la tengas tu por my
por que assy
creras el mal que sostengo

¶ Por mostrares tu poder
enemygua com pasyon
plazer de my desplazer
por te querer
matar es tu galardon
Y por veres mucho mas
tus cruezas desygnales
por plazer pesar me das
es yseras
mas alegre com mys males

¶ De los mys graues gemydos
tu eres my triste deseo
dolencia de mys sentidos
que perdidos
de pensar em ty los veo.
Tu eres el my sospirar
y gloria de mys pesares
que me hazes yr buscar
pera lhorar
los mas desyertos lugares.

¶ Muchas vezes ey tomado
de my mal consolacion
em pensar my mal passado
helhorado
vyda tam sym compasion
que la my ventura triste
amando tu desamor
quanto byen nelha consyste
norregyste
com plazer el my dolor

¶ Fym

Aeo tã sym fym mys danhos
de my triste querelhoso
y los mys males estranhos
ser tamanhos
quel moryr mees descansoso
Por seres de my querida
eres meu° piadosa
sola sym ygual nacyda
nesta vida
sobre todas mas fermosa

¶ Cantygna de duarte de
bryto.

Amor me fuerça y me prende
temor me manda sofrir
dolor me vaa descobrir
lo que my seso defiende

Amor cõ ansyas mortales
de mostrar quiere my pena
temor com tristes senhales
todo my byen desordena.
Amor que matar entende
my mal se puedo sofrir
pues mesmo va descobrir
lo que my seso defyende.

¶ Duarte de brito.

¶ Sam sete ãnos pasados
senhora dona ilena
que vyuo cõ tanta pena
que sam ia desesperados.
Meus dias sem ter prazer
com sospiros pena tal
que por nam sentir mays mal
peço morte por vyuer.
Por meu mal, ẽ vos folguar
logo triste em v° ver
me comecey a doer
e tam tarde da queyxar.
Que minhas coytas dorosas
me nam dã lugar em fym
pera doerme de mym
cõ lagrimas piadosas

¶ Cuydando de nã sentyr
quanto mal por vos sentya
amor me deu ousadia
pera meu mal descobrir
Mas a pena em cuberta
de minha justa querela
minha morte em dyzela
veedes toda descuberta.

¶ Se dardes morte por vida
leuays grã contentamento
nã meu° grorea sento
cõ meu mal poys soes seruida
Que mays v° quero amando
morrer triste desta sorte
que myl vezes ver a morte
minha pena v° calando

¶ Fazme sentyr meu° mal
mal de tam nouo viuer
por nã poder esquecer
que moyro por ser leal.
Mas vossa grã esquiuança
dores coytas e tormentos
cõ meus tristes pensamentos
v° darã de mym vingança

Com grã dor sem piadade
de noyte como de dia
sempre vyuo em cõpanhia
de desejo e saudade
Faz me triste quanto vejo
em cuydar cousas pasadas
as presentes sam choradas
de mym triste com desejo
¶ Se por mal meu bem aueys
senhora dona ilena
por esquecer minha pena
peço a morte que me deys

poys vejo meu coraçam
sem emparo desperança
com vossa pouca lembrança
de meus males galardam.

¶ E se algũs me julgarem
o estremo de meu mal
por fraqueza sofrer tal
sey muy bem que se olharem
vossa grande fremosura
com vossos merecimentos
teram por bem os tormentos
em que viuo com tristura

¶ Faram meu⁹ minha culpa
minhas causas ser mayores
que por vos cõ meus amores
desta culpa me desculpa
Por que quem a vos perder
nam precure outra grorea
e soo aquesta vitorea
alcanço por v⁹ querer

¶ Fym.

¶ Quem de meu viuer ouuir
quem vida morte sostenho
dira quanta rrezam tenho
senhora por vos seruir
por que quem a vos veraa
salgũa culpa masyna
v⁹ fara disto tam dina
quanto a mym desculparaa.

¶ Cantigua sua.

Poys qreys meu perdimẽto
sem de mym nunca sentiru⁹
se folgardes mays consento
minha morte por seruiru⁹.

¶ Com pena tanto crecida
tanto mal tenho sofrido
quantes morte que tal vyda
quero mays que ter perdida
esperança sobre perdido
poys cõ tantos males sento
nã posso de mym partiru⁹
se folgardes mays consento
minha morte por seruiru⁹.

¶ Duarte de bryto:

¶ Aueo dolor y pesar
de mys males grande duelo
que despues de v⁹ mirar
nunca mas pude falhar
em vuestra beldad consuelo
Ny rreparo por que muerte
no fuese de my querida
mas que tal
vida triste de tal suerte
ques la vida dolorida
de my mal

¶ Tanta es vuestra crueza
quel beuir me desempara
tanto crece my tristeza
quãto vuestra gram belheza
ante mys ojos se para.
Tanto en mueros se açendio
em my gram flama damor
com desear
que my gloria se perdyo
y cobrase my dolor
de v⁹ mirar.

¶ Quanto mas triste deseo
ser meu⁹ my mal que sea
tanto mas lo que poseo
dolor coyta em que me veo
quyere que nunca lo vea.
Y con esto los mys males
mys tristezas y conelhas
mys enojos
coytas e rrauyas mortales
acrecyentan mys querelhas
a manojos

¶ La my vyda sostenelha
rrauiosa cruda fyera
ganaria em perdelha
mas la muerte por querelha
no me quiere que la quyera.
Mas que viua por penarme
por que muera mas biuiendo
quer ventura
darme vyda y no matarme
em que byuo yo muriendo
de tristura.

Sõ las sobras de tormiẽtos
que my lengua no rrenombra
los mys graues sentimentos
de dolores tam sym cuentos
quel panto delhos ma sombra
No podiendo sobre tantos
esquyuos males tamanhos
ya sofrir
pesares lhoros y plantos
que los meu⁹ de mys danhos
puedo dezir.

¶ Fym.

¶ Jo no syento mal que fuesse
que por my se nom pasasse
ny dolor que no sufriese
ny muerte que me veniesse
que de grado no tomasse
Mas la my suerte catyua
de tantas lhagas me fyere
de cuydado
que la vyda mees esquyua
y la muerte no me quyere
ya cuytado

¶ Duarte de bryto fazendo doente que lhe mandou pre/guntar sua dama como esta ua.

¶ A ty solo byen de my vida
y plazer de my tristura
my dulçor y amargura
por quem my saluo perdida
my dolençia es sym cura.
A tal punto soy venido
adolençido
com dolor del pensamiento
que no sabe my sentydo
dezyr triste lo que syento.

¶ Nunca my sospirar queda
de dar vozes com deseo
mas dolor nunca teueo
de my triste por que pueda
descansar lo que poseo

nunca mys penas mortales
desyguales
em ty falhan compasyon
nunca gritos de mys males
despertaron galardon.

¶ Nunca mas te vy doler
de me ver por ty perdido
mas de ty sempre ferydo
de mil muertes me vy ser
de ningum byen soquerida
Acurtaste my beuyr
por te seruir
my dolor nunca toluida
donde mas sem fym morir
veo triste la my vyda

¶ La my vyda pyde muerte
my tormiento galardon
my catiuo coraçon
de dolor y mal tam fuerte
no espera rredençion.
Assy seruiendo perdy
a ty y a my
a la fym com coytania
piden muerte ante ty
mys tormientos cada dia.

¶ Fym.

¶ No jnteyra esperança
delos mys lloros y pena
de cruezas toda llena
de my tristura folgança
de my soltura cadena.
La muerte que no me diste
por que vyste
que beuyr es mas dolor
no la nieges a my triste
sym ventura amador.

¶ Duarte de brito.

¶ Que dias tam mal gastados
que noytes tã mal dormidas
que sonos tam desuelados
que sospiros ⁊ cuydados
que tristezas tam sentidas.
Que lembrança que pesar
que dor ⁊ que sentimento
que gemer que sospirar
que males pera chorar
dentro em meu coraçam sento

¶ Sento sempre meu desejo
encontra de mym esquyuo
sento tanto mal que vejo
meu cuydado tam sobejo
q̃ nam sam morto nem viuo.
Sento çerta minha morte
sento nam ver minha fym
sem ver bem que me conforte
sento pena de tal sorte
que nam sey parte de mym.

¶ Vos meu nojo ⁊ meu prazer
meu pesar ⁊ minha groria
meu desejo ⁊ meu querer
vela de minha memoria
descansso de meu viuer
Desamor de meu amor
quem meu bem ⁊ mal ordena
meu prazer ⁊ minha dor
meu descansso minha pena
meu fauor ⁊ dessauor

Minha morte ⁊ minha vyda
meu bem ⁊ todo meu mal
minha doença sentida
minha doença ⁊ ferida
de minha chaga mortal.
Meu desejo ⁊ saudade
de meus males galardam
tormento sem piadade
doçe coyta da vontade
de meu triste coraçam.

¶ A memoria enganada
de meus tristes pensamentos
anda chea desuelada
em lagrymas muy banhada
com grã força de tormentos
E contynua tristura
com que ando sospirando
com voz chea damargura
salgum bem me daa ventura
mo tyras desesperando.

¶ Fym.

¶ Dam a fee de meus gemydos
as lagrimas piadosas
de que sentem meus sentidos
dos secretos escondidos
de minhas coytas dorosas.
Cada dia cada ora
assy ando desta arte
de meu sentido tam fora
como quem canta ⁊ chora
que nam sabe dessy parte

¶ Carta de duarte de bryto a sua dama.

¶ Senhora.

¶ Poys vossa merçe nam crê
minha grande perdiçam
diruos ha meu coraçam
quam mal faz vossa merçe
de matar a quem nam ve.
Outro bem
se nam vos triste por quem
sam perdido de rremate
sem saber vida que cate
⁊ que me mate
se folgays mylhor me vem.

¶ Cõ quanto por vos s'ordena
mays meu mal assy vos amo
⁊ a mym tanto desamo
que folgo com minha pena
he tam grande a mays peq̃na.
Por que tenho
que vyda morte sostenho
senhora por vos amaar
⁊ se dor me faz cuydar
vos desamar
comygo me desauenho.

Sempre ẽ vos meu bẽ cuidado
sam da morte desejoso
⁊ da vyda mays queyxoso
por meu mal se hyr dobrando
por vos mays me nam matãdo

as eſquiuanças
de minhas viuas lembꝛanças
errayuas de de meu coꝛaçam
que poꝛ vos vejo que ſam
fym de minhas eſperanças

¶ De vos mays q̃ me catyue
eu ſam mays deſeſperado
poꝛ amaruꝰ deſamado
ho moꝛ bem q̃ num catiue
⁊ aſſy moꝛrendo viue.
¶ Com eſquiuança
a vyda ſem eſperança
quũ a fee cuja fyrmeza
nam pode voſſa crueza
nem triſteza
fazer ja em mym mudança.

¶ Se meus males a memoꝛia
me vem de quantos ſoſtenho
a vida poꝛ moꝛte tenho
a moꝛte poꝛ viua gloꝛea
onde mays ſento vytoꝛea.
De meus amoꝛes
ſento triſte tantas doꝛes
de toꝛmentos tam creçydos
que meus males deſmedydos
com gemydos
de mym vejo matadoꝛes.

¶ Poꝛ deſcanſſo de meu mal
vam creçendo meus cuydados
de vos tam deſeſperados
queſperança me nam val
⁊ de viuo tam moꝛtal.
Meu peſar
que muytas vezes cuydar
me faz cuydar o que ſento
que meu triſte penſamento
com toꝛmento
macabentam de matar

¶ Se vꝰ tanto nam amara
nom ſentyra eſquiuança
de vos tam ſem eſperança
caſſeme deſeſperara
nem poꝛ vos tal doꝛ paſſara
Como ſento
nem vyra meu perdimento
ſer hũa pena tam foꝛte
que nam ſento nem ſey moꝛte
de tal ſoꝛte
que ſeja ygual em toꝛmento.

¶ No quantas vezes catiuo
vejo diante de mym
minha moꝛte ſem dar fym
ha triſte vida que viuo
ca meu mal he tam eſquyuo
Co que ſento
contam grande ſofrimento
que ſera mylhoꝛ moꝛrer
hũa moꝛte que ſofrer
poꝛ vꝰ querer
cada dia mays de çento.

¶ Fym.

¶ Leyxo mil couſas paſſadas
de contar cuja lembꝛança
ſento ſenter eſperança
deas ver gualardoadas
poꝛ nã ſerem mays lẽbꝛadas.
As deſyguaes
triſtezas minhas moꝛtays
que ſento poꝛ vꝰ amar
nam vꝰ quero mays contar
que as paſſar
poꝛ me nam matarem mays

¶ Duarte de bꝛyto a ſua dama eſtando pꝛeſo

¶ Poꝛ vos minha eſperança
fin de todo meu deſejo
de meus cuydados lembꝛança
emparo da eſquiuança
dos males em que me vejo.
Poꝛ vos vyuo tam penado
vyda triſte de tal ſoꝛte
deſperança tam rroubado
que deſejo ver trocado
minha vida pola moꝛte.

¶ Meu deſejo com poꝛfya
com cuydado he tam ſobejo
que de noyte ⁊ de dia
ante minha fanteſya
ſem vꝰ ver ſempꝛe vꝰ vejo.
Sem ſaber mays bem q̃ cate
com que minha doꝛ confoꝛte
mas meu mal neſte combate
nam daa vida ſem que mate
nem rremedio ſem dar moꝛte.

¶ Meu deſejo cõ lembꝛãça
querendo mays esfoꝛçarme
quanto bem dele ſalcança
leua logo a eſperança
pera mays deſeſperarme
Minha vida poꝛ moꝛrer
deſcontente ſe contenta
ca poꝛ voſſo mereçer
meu peſar me daa pꝛazer
quando meu mal me pꝛeſenta.

¶ Mēꝰ de vos eſperãdo
meu catyuo coꝛaçam
ſempꝛe em vꝰ meu bẽ cuydãdo
da mays vyda deſejando
a meu mal poꝛ galardam
De maneyra que catiuo
a triſte vyda que ſento
do meu grande mal eſquyuo
meu cuydado toꝛna vyuo
quanto mata meu toꝛmento.

¶ Fym.

¶ Folguara poꝛ nam penar
poderuꝰ nunca ſeruir
poꝛ leyxar de deſejar
a vyda poꝛ vꝰ amar
a moꝛte poꝛ nam ſentyr
Chorarey poꝛ que naçy
meus males ſempꝛe comyguo
ca meu bem deſque vꝰ vy
meus ſoſpiros apos ſſy
leuã minhalma conſſyguo.

¶ Repoſta de duarte de bryto a huũa carta que lhe mandou ſua dama.

¶ No vos todo meu querer
meu pꝛimeyro ſoſpirar.

meu derradeyro prazer
desejo de meu viuer
começo de meu pesar
doeyuos de mym catyuo
que vivo ꝛ nam sey como
poys nam sam morto nẽ viuo
mas de tanto mal esquyuo
por remedio morte tomo

¶ Sempre triste tal me vejo
de prazer tam apartado
que com bem ꝛ mal que vejo
meus sospiros com desejo
me tem ha morte chegado
De ver hyr com desamor
tal vyda como sostenho
sempre de mal em pyor
em mym sempre fycador
no mor conforto que tenho.

¶ De vᵒ ver me vejo tal
com dor quall sy ma tormenta
com pena tam desygoal
que nam sento nem sey mal
que meu coraçam nam senta
Sem lẽbrarme de mays vyda
da que seruindo perdy
quem sospiros conuertida
desperança despedida
desda ora que vᵒ vy.

Poys folgays cõ meu penar
ꝛ penays com meu prazer
quero por mays vᵒ amar
que viuays em me matar
ꝛ eu que moyra em vᵒ querer
Poys vejo por vᵒ seruir
que men mal nunca sentistes
eu de myl penas sentir
minhas lagrimas seguir
vejo a meus sospiros tristes.

¶ Cõ grã dor de meu cuydado
de mortal chagua ferydo
tanto me vejo penado
que amando desamado
vᵒ perdy ꝛ sam perdido
minha vida sem ventura
desperança descuberta
he tam chea de trestura
que o bem que me precura
he de ver a morte çerta.

¶ Fym.

¶ Tam cruel pena consento
que me sam mortal yinmyguo
mas que cale meu tormento
os sospiros do que sento
vᵒ dyram o que nam dyguo
Do morte de mym querida
nã queyrays ja mays tardar
poys que vyuo sem ter vyda
vos sereys nysto seruyda
eu contente macabar

¶ Duarte de bryto que auya muyto que nã vira sua dama

¶ De vos vera my vençido
me veyo por vos moryr
por vos me veyo perdido
desperança despedido
mas no de triste veuir
Por vos morte se mordena
olhãdo vossa beldad
es my gloria fecha pena
y el myrarvᵒ la cadena
que prendio my libertad.

¶ Sobre my vuestro poder
com my aspera crueza
my seruiros y querer
ame dado aconoçer
vuestro amor y my tristeza
Mas mirad que sym rrazon
que por ser desconoçyda
por matar el galardon
days la muerte al coraçon
que sym vos no viue vida.

¶ Comiguo por vos lhorãdo
my vyda que nunca muere
anda la muerte lhamando
com deseo sospyrando
que matarme nunca quyere
Quer que byua por sofryr
my dolor de tal manera
el beuir pera sentyr
el moryr por no beuyr
por que no byua ny muera.

¶ Com myl dolores mortales
myrando vuestra vertud
los estremos que som tales
em la muerte com mys males
vam buscar ala salud.
Y am ssy por esta vya
por la my triste ventura
com dolor sym gram porfya
daraa fym la vyda mya
mas no fym la my tristura

¶ Fym.

¶ Pues que tãto lo q̃ quyero
de my lexos esta dudoso
doleduᵒ de my que muero
lhorad la vida quespero
coraçon triste pensoso.
Porque a todo my sentyr
mys sentydos sojuzgados
pensando los por venyr
los dias de my beuir
ya los cuento por pasados

¶ Duarte de brito espedimento da partida.

¶ Antes de ser apartida
que de vos me desespera
que sera de quem espera
de primeyro nam ter vida
Que seraa triste de mym
que sem veruᵒ com pesar
desejo de me matar
por meus males darem fym

¶ Com pena de mil tormentᵒ
veuyrey vida morrendo
sem vᵒ ver sempre vᵒ vendo
em meus tristes pensamentos

⁊ com vyda triste tal
se vꝰ nam vyr desta sorte
com esperança de morte
curarey todo meu mal

¶ Sem vꝰ ver cõ grã pesar
com meus males desmedidos
nam farey senam chorar
com sospiros ⁊ gemidos.
Por q̃ morte q̃ nam queyra
nem auida consentir
o tempo que nam vꝰ vir
passarey desta maneyra

¶ E assy vyuo sem vida
⁊ desejo de morrer
viuerey onde viuer
com dor de morte sentida.
Dos que viuem sem cuydadꝰ
meu viuer seraa ausente
com lembranças do presente
chorarey tempos passados

¶ Onde triste sem ventura
sendo mays vosso catyuo
serey morto sendo vyuo
sem ver vossa fremosura
Com minha vida catyua
sem esperar rredençam
em meu triste coraçam
vꝰ verey em quanto viua

¶ Fym.

¶ E assy seraa meu mal
deste bem galardoado
⁊ aquy seraa acabado
meu tormento desygoal.
E aquy donde partyr
partindo com gram pesar
olhos que me vyram hyr
nunca me veram tornar.

¶ De duarte de brito a johã gomez da ylha.

¶ Eu corro tanto dagudo
honde quer que põho a lingoa
que farey falar ho mũdo
⁊ calar huũ gram sesudo
ou ficar em grande mingoa
Nam ajays por marauilha
nam vꝰ errar hũa melha
por cortar por rroupa velha
mas nam pola de seuilha

¶ Ysto he como anagaça
por vꝰ tyrar da barreyra
por ouuyr algũa graça
mas cospinho pera achaça
nam tereys a derradeyra.
Eram vossos tempos autos
nas festas da emperatriz
mas agora calar chyz
nam he tempo de crisautos:

¶ Nam vꝰ toco mays azedo
por nam desfechar em vaão
mas nam ja com vosso medo
por que sey que tarde ou çedo
ma veys de cayr na mão.
Precuray outra cyencia
leyxar amym o tornar
nam vꝰ quero mays picar
por cargo de conçiençia

¶ Com minha orelha pença
que como lobo em buça
leyxo por vossa presença
dina de gram rreuerença
tornar mays a escaramuça.
Bẽ cõ testo quanto a vonda
poys dou sempre polo aluo
quem rrepyca esta em saluo
quem ouuer medo se esconda

¶ Reposta de johã gomez polos consoãtes da primeyra troua.

¶ O vosso vdo ⁊ meudo
me rrompe pola rrelingaa
vem o treu ca tam sanhudo
que meu masto com seu tudo
ja vay fora do relingua.
os pregos deyxam aquylha
por ser muyto velha rrelha
mas o irmão dauangelha
me salua com calçadiha.

¶ Duarte de bryto polos consoantes.

Mays pedrada ẽ vosso escudo
vossa rreposta me vingua
com errardes vꝰ concludo
de meu fraco saber rrudo
quem calhastes na rrestingua
Tal rreposta ponde em pilha
poys errastes toda aquelha
tornay apor na querelha
trouar mal ⁊ parir fylha.

¶ Duarte de bryto a johã gomez por que lhe nam rrespondeo.

¶ Como beesteyro de monte
que sabe furtar o vento
por fazer milhor chegada
com sua beesta na fronte
paso ⁊ paso cõ gram tento
por que de milhor seetada.
Assy eu com minhas trouas
leuemente com saber
vꝰ furtey os consoantes
por huũas palauras nouas
que dagudas ⁊ galantes
nam lhe sabeys rresponder

¶ Reposta de johã gomez polos consoantes

Vos me fareys que rremonte
o mays alto açimento
como garça falcaoda
ou me fareys que tresmonte
como de a cossamento
faz huũ çeruo de leuada.
ca me prouays duas prouas
mays fortes que diamantes
assy craras dentender
que rresurgindo das couas
os cyentes trespasantes
as nam possam comprender

¶ De duarte de brito a hũa senhora.

¶ Desmayo de meus amores
fym de minha triste vida
o cruel mortal ferida
o chagas de minhas dores
Desejo desesperado
de meu triste penssamento
galardam de meu tormento
lembrança de meu cuydado.

¶ Ho descansso de meu mal
esperança de meu bem
donde quanto mal me vem
ey por groria desygoal
Ho querer de meu querer
ho causa de meus cramores
começo de minhas dores
fym de todo meu prazer.

¶ Ho meu menos galardam
ho de min tanto querida
desejo de minha vida
e dor de meu coraçam.
Ho de myn sempre memoria
de meus dias sepultura
minha dor e gram tristura.
de meus olhos viu⁹ groria

¶ Tanto me forçou vontade
a quereru⁹ de tal sorte
que me days vida por morte
muy cruel sem piedade.
Tantos sam os sentimentos
de minha grande tristeza
que nam sento da crueza
que nam senta de tormentos.

¶ Tam vencydo he o desejo
de meu triste penssamento
quee tornado em tormento
o cuydado em que me vejo.
De maneyra que vyuer
nam desejo nem queria
de morrer me pesaria
por seruiru⁹ nam poder

¶ Fym.

¶ Das a morte he forçado
de vos e de mym amygua
que v⁹ liure de fadigua
e a myn triste de cuydado
Assy triste acabaria
minha vida sem ventura
com ajuda de tristura
muyto mays a myn faria.

¶ Outras suas.

¶ Alegre pena de mym
doçe tormento e mal
de minha vida
de meus dias triste fym
de myn sempre por meu mal
bem querida.
De meus olhos alegria
trestura dor e gemydo
de meu coraçam
por quem choro noyte e dia
vyua dor de meu sentido
e perdiçam.

¶ Doçe pera meu desejo
triste pera minha vida
mal lograda
bem do mal em que me vejo
minha morte conheçyda
desejada.
Cruel a mym desleal
que por meu mal escolhy
com grande amor
e por quem sento meu mal
mas bem nunca conheçy
com desfauor.

¶ Desfaleçe meu sentido
meu juizo sem memoria
contemprando
esforçasse com gemido
minha pena me da groria
desejando.
Meu cuydado me desuela
meu coraçam piadade
v⁹ demanda
e minhalma sse querela
com pena de crueldade
em que anda.

Que gaynho de minha morte
e perda de minha vida
tam catiua
esperar pera tam forte
me dar pena tam creçyda
tam esquiua.
Nam sey que v⁹ possa vyr
de meus males outro bem
com minha fym
se nam folgardes douuir
dizer mal quantos me vem
a vos por mym.

¶ Poys galardã de meu mal
ha de ser a sepultura
ja catiuo
sam chegado a tempo tal
que sam morto de tristura
sendo vyuo.
por amor q̃ ẽ my sempre arde
faz me bem e gram pesar
muy sem medida
pera meu rremedio tarde
e çedo pera chorar
minha vida.

¶ Fym.

¶ Ho morte tam piadosa
onda cruel e immyga
sem ventura
de meus males desejosa
de meus pesares amyga
com trestura
Gram cõforto meu tormẽto
com a morte tomaria
por acabar
e meu triste penssamento
como eu descanssaria
dessospirar.

De dom joã manuel ha morte do princepe dõ affonſo que ds tem. Em modo de lamentaçam.

Lagrimas triſtes a triſtes cuydados
a graues anguſtias a mortal dolor
tu ta parcja diſcreto leytor
lendo mys lhantos tan amargurados.
Mortales ſyngultos ſoſpiros dobrados
dad fym amy vyda que es pena mayor
y quebren mys ojos pues vyran quebrados
los vueſtros ho princepe nueſtro ſenhor.

Que fue dela vueſtra tan linda eſtatura
que tanto exçedia las otras del mundo
la fronte ſerena del rroſtro jocundo
que fue dela vueſtra ermoſa fegura
A do alharemos ala ermoſura
delos vueſtros ojos tan mucho eſtremados
vayamos ſeguidme o deſuenturados
rrompamos rrompamos la ſu ſepultura.

A ver ſe alharemos ſus muy ſublimadas
virtudes ymmenſſas aũtos muy vmanos
a ver ſe alharemos ſus muy lyndas manos
por muchas merçedes de todos beſadas.
O fyeſtas maldıtas deſauenturadas
que luego tan preſto vꝰ aveys tornado
em lhoro el prazer enxerga el borcado
las danças en otras muy deſatynadas.

A do vꝰ lheuaron ho nueſtro plazer
que aſſy tan apryeſſa ſenhor vꝰ partyſtes
que a vueſtros padres y cara mujer
nynguna palaura dezyr le podyſtes.
Ny a vueſtro tyo que tanto queſyſtes
coſa del mundo quiſeſtes oyr
aſſy los dexaſtes a todos tan triſtes
que fueron alegres dentonçes morir

Que hara vueſtro padre que aſſy vꝰ amaua
que dia ninguno podia beuyr
ſyn veruos naquel entrar y ſalyr
dozyentas myl vezes a do el eſtaua.
El que de veruos ja mas ſe hartaua
que muerte tan fyera le ſera el auſençia
deſeſperado de ver la preſençia
da quel que com tanto rreçelo criaua.

Guay dela madre que vyo tan ayna
el byen de ſu vyda aſſy feneçer
a quien ſolo rgia ſaber medıçina
poder ny rryquezas podyeron valer.
Que do deſpedida de ja mas vꝰ ver
ny de ver coſa que no fueſſe pena
o muerte maldıta que mas mal ordena
a quien en tal vida da permaneçer.

O alta prinçeſa la mas virtuoſa
que oyeron ny vieron ja mas los vmanos
del vueſtro marydo ſyn fyn deſeada
ſyn fyn deſeada delos luſytanos.
Nefanda furtuna y caſos mundanos
por nueſtros pecados an delyberado
delos vueſtros braços ſer arrebatado
y pueſto de donde le coman guſanos.

O quan deſymyles fueron y ſon
la vueſtra venyda y vueſtra tornada
la vna tan proſpera y tan ſublymada
la otra tan lhena de trıbulaçion.
De marmor por çierto es la condiçyon
que pudo ſofrir ver como partiſtes
ſe vydo y ſe nyembra de como venyſtes
de tan poco tienpo tan gran mutaçion.

O ynclyto duque el tu ſentimiento
a vn que ſcreuir quiſeſſe my pluma
es enpoſſyble que ſola la ſuma
dygna ſy quyere dezir tu tormento.
Tus ojos nꝰ mueſtran que tu penſamento
ja mas no ſe parte de quien te partiſte
aquel ſu triſteza paſſo nun momento
y tu pera ſienpre ternas vyda triſte.

A tal deſuentura a mal tan creçydo
es enpoſyble poder conſolar
tu anyma triſte que tiene perdido
abytaculo otro muy ſyngular.
Por çierto naqueſto no ay que dudar
que es concluſyon muy çyerta y muy prima
quel anyma nueſtra alhy ſuele eſtar
mas donde ama que no donde anyma.

¶ Quan prospero fuera quien fuera delante
por no ver la cumbre detanta tristura
y participara de su sepultura
quien fue de su camara participante.
Tristes daquelhos que agora denante
cantamos sus bodas enlentoconssorçio
aora lhoramos su tryste devorçyo
del vno al otro no ovo vn estante.

¶ Fim.

¶ Quall quiera que suffre tan graue mãzilha
no busque manera de ser consolado
no menos mescusa aquesta obrezylha
pues lamentaçyon se a ynticulado.
Dios todo poderoso ser deue rroguado
que aquesta muerte que agora lhoramos
que nos neste mundo da triste cuydado
nell otro nos cause que alegresscamos.

¶ De Dom jobam Manuel.

¶ Por donde começaremos
coraçam triste a dizer
tristeza quanta sofremos
que nos nam presta sofrer.
Nam presta dyssymular
muyto menos descobryr
nam val calar nem falar
seruiços nem desseruyr

¶ Tudo vem a hũa conta
ante quem meu mal ordena
por fadygua nem por pena
nenhuũ mal se me desconta.
Ventura vos que cansastes
que nom sey rremedyarme
acabay ou acabayme
poys tam çedo começastes.

¶ Aynda nam acabara
de chorar casos passados
quãdo com no vos cuydados
vossa vysta me depara.
Vendome perder assy
nunca me quys desuyar
antes me deyxey forçar
dos olhos com que vos vy

¶ Comprendeo esta querella
a vos senhora ⁊ amym
a vos que soes causa della
amym que a conssenty
Mas samym nã me desculpa
serdes vos tam acabada
chamar quero amynha culpa
culpa bem auenturada.

¶ Fim.

¶ Fycamos eu desculpado
⁊ vos senhora obriguada
asse quer serdes lembrada
de meu catyuo cuydado.
⁊ sse por conssentydor
pena alguũa mereçy
desconteçe pola dor
que de verũos rreçeby.

¶ Suas a hũa senhora sem se nomear.

¶ Quem sem lho eu mereçer
me cansou mal tam creçydo
nunca deoslhe de prazer
nem marido
todo seu segredo seja
descuberto
nunca seu desejo veja
compryrdo com fym onesto.

¶ E todolos seus amygnos
lhe queiram mal de verdade
ajam dela seus jmygos
pyadade
⁊ de quem for namorada
cada dia
se veja tam desprezada
que moyra de tantesya.

Mays quee la seja fermosa
a terçeyra
seja dela tam rrayuosa
que se torne feytyçeyra.

¶ Bocado quem tenem fryo
que dele fyque daçea
nem muyto menos candea
cabelos seus por panyo
carta queymada ⁊ bebyda
que lhe dem
a façam menos queryda
queremdo lhe la mor bem

¶ Quamto bem fantesyar
polo contrayro lhe venha
⁊ quanto mal esperar
tanto tenha
Ao pee dafresta a dormeça
se vyer
⁊ cada dya avorreça
a vyda mays quo morrer

¶ Fym.

Deos lhe mã de tristes fadas
seus sospyros ⁊ gemydos
sejam dele rrespondydos
com rrynchadas.

¶ Com muyto prazer se vaa
⁊ ella fyque chorando
ande sempre preguntando
casou jaa.
Respondam por çerto ham
que he casado
para que fyque vinguado
dom joham.

¶ Cantigua sua.

¶ Mynha vẽtura myngoada
que amasse mordenou
a molher que mays errou
contra quem a mays amou
do que foy molher amada.

¶ Osse nunca conheçera
cousa tam desconheçyda
nam guastara mynha vyda
nem folguara ter seruyda
quẽmo nam agradeçera
fortuna desordenada
que meu bem desordenou
fez errar a quem errou
contra quem a mays amou
do que foy molher amada

¶ Pregunta de Dom jo/
ham manuel a aluaro de
bryto.

¶ Aprendy deçyçarram
qua vyã da moestar
dalleguar ou denssynar
qual quer prudente sermam.
E poys ssoys outro platam
esta duuyda pequena
pondo no papel a pena
ma tyreys do coraçam.

¶ Se fosse muy namorado
cousa que deos nunca mande
qual terey determinado
de dous males ql mais grãde.
sendo ella muy fermosa
achala muyto sentyda
de mym ⁊ muyto queyxosa
ou antes muy esqueçyda

¶ Reposta daluaro de bryto
polos consoantes.

¶ Em prudençia soes ca tam
am trenos hum singular
de ynuentar executar
façanhas de çepyam
Com franca despossyçam
senhor ssem ryno sem lena
rrespondolhe do sem pena
a vossa gentyl questam

¶ Namorar nam he pecado
onde amor nam se desmande
mas o muy ssobre pojado
eu nam sey como sabra mde.
esqueçyda desdanhosa
mays mal traz sendo qaerida
que a queyxosa sanhosa
sentida nam esqueçida.

¶ De dom Joam polos
consoantes.

¶ Vossa muyta discriçam
gentill modo de trouar
faraa crer ⁊ confessar
cousas de contradyçam.
Mas poys questa altrecaçã
damores se nᵒ ordena
quem faz com eles querena
sabe sua condyçam.

Primeyro cruçyficado
me veja que neles ande
quassy fiquey assombrado
duũs que me ds nã demande.
Achala muyto sanhosa
causa dor muyto creçyda
esqueçyda pyor vyda
dama menᵒ trabalhosa.

¶ Aluaro de bryto polos
consoantes.

¶ Com alta rrepryçaçam
me fezestes enbranhar
⁊ torneyma conforitar
com minha openyam
Conformes a tal tençam
mançyas pares elena
⁊ com estes joam de mena
joam rroiz del padram.

¶ No namorado cuydado
força de fortes sabrande
desqueçydo sogyguado
nã sey mal q̃ mais tresande
Queyxosa torna amorosa
quando se ve bem seruyda
mas a dama que soluida
mata mais de grandyosa.

¶ De dõ johã manuel estan/
do na graçiosa em louuor de
nossa senhora.

¶ Oo virgem madre de quem
todalas cousas criou
o Rey quem jerusalem
por seu sangue nᵒ comprou
O qual te poryficou
dandote vertude tanta
que te fez cousa mais santa
de quantas ele formou.

¶ Tu louuada dos profetas
⁊ dos anjos noyte ⁊ dya
tu vytoria nᵒ envya
dos danados macometas.
Perdam de culpas secretas
a teu filho nᵒ enpsora
⁊ tambem das descubertas
poys es nossa entreçessora.

¶ Dom joam manuel em
louuor de santo andre.

¶ Apostolo santeficado
primeyro na santa ley
cujo corpo conssagrado
assy foy cruçeficado
como o de vyno Rey.
Que antes de padeçer
vendo a cruz espantosa
começaste sem temer
alegre mente dyzer
o salue cruz preçyosa.

¶ Que foste profetizada
nas profeçyas escritas
⁊ em cristo de dycada
⁊ de seus membros ornada
bem como de marguarytas

Mas o deos emperial
antes de nty padeçer
temor tynhas terreal
agora çelestrial
amor as sempre de ter.

¶ Tyrame ja desta vyda
e desta gente sylvestre
e a mynhalma a fregyda
daqueste corpo partida
me torna ao meu mestre:
e poys ele quys assy
padeçer e consentio
tu rreçebe loguo a my
por me rreçeber por ty
quem por ty me rredemyo.

¶ Exclamaçam.

¶ Poetas ou trouadores
que despendeys vossos dyas.
em dizer çem mil prymores
de copydo e de manqyas.
No bem nã diz bem ninguẽ
o mall louuaes desygoall
soys trouadores do bem
e bem dizentes do mall.

¶ Mais fez çerto santo andre
santo per deos escolhydo
por jhesu de nazaree
que pyramo por tysbee
nem que por eneas dydo.
Mas se le assy padeçera
como por deos por amores
o quam muytos de louuores
de vos todos rreçebera.

¶ A graça com que trouaes
a vida de deos eterno
com ela nunca o louuaes
mas louuaes e ynuocaes
os dyaabos do ynferno.
nom vedes que mereçeis
por ysto duro castiguo
sabeis que trayçam fazeis
co que dele rreçebeis
hys seruir a seu jmmynyguo.

¶ Mas vyras o espantoso
juizo de quem se conta
qua deos todo poderoso
de todo verbo ouçyoso
daremos estreyta conta.
O qual poys que nᵒ desconta
as palauras ouçyosas
por mentiras tam pasmosas
contempray que se nᵒ monta.

¶ Oraçam em fim.

¶ Apostolo santo primeyro
de grande mereçimento
pois te quys deos verdadeiro
na vyda por companheyro
e por çoçyo no tormento.
Aty com gram deuaçam
pedymᵒ os sopricantes
quante deos tua payxam
de teu alto gualardam
nᵒ faça parteçypantes.

¶ Cantigua.

¶ Triste que seraa de my
que myree tu gran beldad
que temo desque te vy
no pyerda la libertad

¶ Y sere yo catyuado
syendo libr nacido
y no sere libertado
antes sere sometydo.
A ty que poder en my
tienes por tu gran beldad
que temo desque te vy
no pierda la libertad.

¶ Grosa de dom johām ma/
nuel a esta cantygua.

¶ Pues es çierto a los q̃ viuẽ
penada vyda por ty
que quanto mejor te siruen
mayores penas rreçyben
triste que sera de my.
sy el que mas te seruyr
com tee amor y lealtad
mayor pena a de sofryr
por my mal puedo dizer
que myree tu gran beldad

¶ Y por my gran desuentura
pyenso que te conoçy
pues tu mucha ermosura
la muerte no me segura
que temo desque te vy.
mas ny solo este temor
sostyene my voluntad
qua otro tiene mayor
el qual es que por amor
no pierda la lybertad

¶ La qual despues de perdida
vyendome desesperado
que vyda sera my vyda
pues que hasta su feuyda
sere yo catiuado.
Ca por meios mal ovyera
la muerte que a ver sydo
com toda my pena fyera
catiuo fasta que muera
syendo libre naçido

¶ Assy que my mal secreto
sera tan continuado
que se y tienguo por çierto
que por el sere yo muerto
y no sere libertado.
Y my coraçon dara,
causa a my mal tan creçido
mas de ssy me vengaraa
pues nunca libre seraa
antes sere sometido

¶ Mas lo que me satisfaze
ell mall que spero de ty
es que sy muerte me traze
soy çierto que no desplaze
a ty que poder em my.
tanto tienes que mudarme
no puede tu crueldad
que seraa grande matarme
pues que poder de saluarme
tienes por tu gran beldad

¶ Mas ny esta sogeycion
ny los males que me dy,
deluian my coraçon
dela terrible passyon
que temo desque te vy.
antes my determinado
quiere su catiuidad
mas lo que temor le adado
es que siendo desamado
no pierda la libertad.

¶ Cantigua de dioguo
de saldanha.

¶ Ojos tristes ojos tristes
triste coraçon pensoso
estando ya de rreposo
nueuo cuydado me distes.

¶ De my vida trabajosa
quien alhare quesse duela
my anima querelhosa
em pena mal se conssuela
vos fezistes vos fezistes
amy de vos querelhoso
ojos tristes yo no oso
dezyr de quien vº vencistes:

¶ Grosa de dom joam ma/
nuel aesta cantigua.

¶ No vida desesperada
de nunca plazer sentyr
triste muy desuenturada
deseosa de morir.
No catiuos amadores
quell mall que siento sentistes
doled vº de mys dolores
ho de my mall causadores
ojos tristes ojos tristes.

¶ Por vuestra contéplaçion
ordenoo my triste suerte
amy terrible passion
pues vuestra conuerssaçion
amy coraçon es muerte.
y con este sentimiento
viuo yo mucho queroso
pues por su contentamiento
tu rreçybes el tormiento
triste coraçon pensoso

Mas no tá mucho me diera
sy ell mal que de nueuo syento
na quel tiempo me viniera
en que yo desta manera
con my mal era contento.
mas my ventura no buena
y my hado desdichoso
dieron por darme mas pena
amy libertad cadena
estando ya de rreposo

¶ Los quales tanta mudança
quieré que my vida pene
que ningũ plazer alcança
ny tiene mas esperança
que quanta la fee contiene.
y daquesto lastiinada
me dizen siempre quesistes
en muerte verme tornada
pues que veo que denada
nueuo cuydado me distes

¶ Mas yo que mas ajeno
de my que de culpa soy
le diguo se mucho peno
de mereçimento lheno
me aze ell mall que me doy.
Replica ombre perdido
dartean pagua danhosa
siendo ya de my partido
ya qui quedee vençydo
de my vida trabajosa.

¶ E quanto mas la rrezon
mees contraria de todo
mas me daa tribulaçion
pues viendo my perdiçion
lesyguo contrario modo.
Por lo qual quien cõ passion
terna del mal que massuela
ca pues no my coraçon
se duele de my passion
quien alhare que se duela

¶ Mas no se deuen tender
que quien causa desto fuesse
se no deua condoler
dela que hizo perder
el poder pera valersse.
ca pues fue causa euidente
de my muerte tan rrauiosa
ques elle feyto figuiente
sentyr deue ell mall que siente
my anima querelhosa

¶ Ell qual es de compoztar
assy graue y tan profundo
tan ssyn rremedio penar
que me haze desear
lo que teme todo el mundo.
por morir my pena fuerte
que my coraçon rreçela
vyda me dara la muerte
pues que viuiendo my suerte
en pena mal sse conssuela

¶ O ssy naçido no fuera
o fados quẽ motorgaastes
la vida que no tuvyera
tal vyda nome prem diera
qual mys ojos me causastes.
Ca por vos me fue venida
my passion despues que vistes
quien es con my mal seruida
y sser tan triste my vida
vos fezistes vos fezistes

¶ Vos fezistes my tormiento
tan grande ser y tan fyero
que my gran mereçimiento
me de ve tener contento
y la gran fama quespyero.
fezystes my perdiçion
ser çierta siendo dudoso
de rreçebyr gualardon
lo qual hizo con rrazon
a my de vos querelhoso

¶ Iten por mas my passion
ser terrible de soffrir
feristes my coraçon
con pena de tal façyon
que nola osso dezyr.

ya quien dezyr devria
al home tan temeroso
que mil vezes enel dia
dezirle my mal podria
ojos tristes y no oso.

¶ Fym.

¶ Con todo no tardaraa
dezirlo y guanaree:
que algun bien me haraa
o tanto mal me daraa
que muera y acabaree
y pues nel mal que me vino
tristes ojos me posystes
por my tormiento contyno
a ver fym yo determyno
dezir de quien vos vencistes.

¶ Cantigua.

¶ Despedistes me senhora
vida mia a do myree
no biuire sola vnora
cyerto es que morryre.

¶ Pirmee a tierras estranhas
aly tal vyda haree
vida com las alymanhas
tal consuelo me daree.
altas bozes bradaree
do esta la my senhora
no byuiree sola vnora
cyerto es que moryree.

¶ Grosa de dom joham manuel a esta cantigua.

¶ Naqueste tiẽpo de agyora
quando mas triste me vy
quando mas pena senti
despedistes me senhora.
ho fermosura syn medio
como me consolaree
syn veruos no ha rremedio
vida mia ado myree.

¶ Siempre my pena enpeora
siempre creçe my cuydado
pues syn vos deluenturado
no biuyree sola vnora.
Do triste ado fuyree
que no me mate tristura
no viendo tu hermosura
cyerto es que moryree

En my mostraste tus sanhas
oluidada de my danho
mas pues me azes estranho
jrme a tierras estranhas
Alhy siempre lhoraree
my vyda desuenturada
triste y muy desconssolada
alhy tal vyda faree.

¶ Coraçon desuenturado
tu que siempre me acõpanhas
byuiras desconssolado
vida con las alimanhas
Las yeruas siempre comiẽdo
mys lagrimas beueree
mys males siempre gemiẽdo
tal coniuelo me daree.

¶ Sera em estremo acabada
my vida mas no my fee
y por my muerte cuytada
altas bozes bradaree.
Y diree con gran tormiento
de que fueste causadora
ho muy triste penssamiento
donde esta la my senhora.

¶ Fym.

¶ Donde esta que no la veo
muestrame my matadora
ca pues tal vida posseo
no biuire sola vnora.
e amy triste sentido
con verla descanssaree
que pues me a despedido
cyerto es que morriree

¶ Huũa falla ou pallauras moraees feitas por dõ johã manuel camareiro moor do muy alto prinçepe el rrey dõ manuel nosso senhor.

¶ Nunca vy antre priuados
verdadeyra amizade
nem fallar muyta verdade
os entratos enfrascados
nem serem muy agoardados
dos galantes seus senhores
nem os muyto lenssabores
que fossem muy avisados
nem omẽs mais enganados
que os prinçepes e rreys
nem ser hũas mesmas leys
a grandes e ha pequenos
nẽ omẽs que tenhã menos
q̃ os muyto verdadeyros
nem vy pobres lejongeiros
se nam se ssam mal delcretos
nem omẽs menos secretos
que os muy vaão groriosos
nem hos muyto graçiosos
que nam sejam mal dizentes
nem vy nũca boõs parentes
os da parte da molher
nem officio descreuer
mal seruido de presentes
nem omẽs menos cõtentes
que os de muy grande estado
nem viuer desempenhado
quẽ vergonha ha de pedir
nem algum muyto bolyr
que fosse muyto sesudo
nem vy nũca grãde agudo
que nam toque de doudiçe
nem no mũdo mor pequiçe
que casar com molher fea
nem omẽ que pouco lea
que seja muy sengular
nem vy muyto rrebollar
o ardido caualleyro
nem mais çerto alcouyteiro
que o fysico judeu
nem diligente sandeu

que nam dane quãto serue
nem vy omẽ muyto leue
que se nam queira vender
nem omẽs menos saber
quos q̃ presumẽ q̃ muyto
nem mor doudiçe q̃ luto
mays de tres meses trazer
nem dous negoçeos ter
que ambos se nam goessem
nem trouas q̃ sescreuessem
assy como foram feytas
nem mylhor cousa q̃ peitas
pera ser bem despachado
nem omẽ muy esmerado
q̃ fosse muyto gualante
nem algũ corpo gygante
de gigante coraçam
nem seruyço de vilaão
que folgueis ter açeytado
nem santo canonizado
que fosse gram caçador
nem algum brassamador
que morresse dentreuado
nem rrey de outrẽ mãdado
que dos seus fosse bẽ quisto
nem mais çerto ante cristo
que o velho vingatiuo
nem emperador altyuo
mais q̃ o villão onrrado
nem viuer muy desquãssado
quẽ tem a molher garrida
nem no mũdo milhor vida
cada crasta ou do estudo
nem quẽ quer falar ẽ tudo
que saiba falar em parte
nem no mũdo milhor arte
ca quensina a bem viuer
nem outro mayor prazer
q̃ el premẽtar amyguo
nem outro mayor periguo
q̃ pousar cõ moucarroões
nem vy mais çertas rrezões
que descudeiro dallem
nem senhor q̃ foste bem
que nam seja muy amado
nem vy prinçepe louuado
que nam fosse liberal
nem no rreyno mayor mal
que rrois desembargadores
nem esmerados cantores
serem sempre dũ senhor
nem vy neyçio trouador
nem sandeu mal rrazoado
nem judeu gram leterado
nem mouro muy verdadeiro
nem ter soma de dinheiro
nenhũ grande al que mista
nem omẽ de pouca vista
que o queyra confessar
nem dama muyto chyrrar
que enjeyte os seruidores
nem morrer omẽ damores
se nam depois de casado
nem outro mayor cuydado
do que a sospeita daa
nem vy cõdiçam tam maa
como he dos envejosos
nem omẽs muy rregurosos
q̃ nã cayam em desordem
nem bestas q̃ mays ẽgordem
quas que soffrem as esporas
nem muy altiuas senhoras
se nam doudas craramente
nem outra mais douda gẽte
ca do monte ⁊ destribeyra
nem algũa alcouyteira
q̃ nam seja mentyrosa
nem alguẽ na graçiosa
que desse açucar rrosado
nem molher domẽ priuado
q̃ seja pouco pomposa
nẽ cousa mais vergõhosa
q̃ quẽ faz o que rreprende
nem velho que se enmende
de viçio abytuado
nem omẽ mais aviltado
coo calgũas vezes mente
nem neste mũdo exçelente
cousa mais que a boa fama
nem amyzade de dama
que dure boõs quinze dias
nem soste dor de prefyas
se nam desarrazoado
nem omẽ mais esforçado
coo vençedor da vontade
nem vesytar a bom frade
as donas sempre da villa
nem carybdes nem çylla
perigosas mais que o paço
nem p alma mor embaraço
do que e esta honrra negra
nem outra mais linda rregra
do q̃ hea de sam barnardo
ne omẽ que sendo sardo
nam fosse malleçioso
nem rrico muy engenhoso
que lhe nam custasse caro
nem vy omẽ muy avaro
se nam cheo de limpeza
nem outra mayor çimpreza
q̃ vaã groria de vertude
nem nos vençidos saude
se nam nam na esperar
nem vy bispo vesytar
como deue seu bispado
nem vy benefeçiado
sem coroa ou semonia
nem outra mor ousadia
q̃ deixar aqueste mundo
por nom cayr no profundo
inferno sem allegria.

¶ Regra sua pa quem
quiser viuer em paz.

¶ Ouue ve ⁊ calla
⁊ viueras vida folgada
tua porta çerraras
teu vezinho louuaras
quanto podes nam faras
quãto sabes nã diras
quãto ves nã julgaras
quãto oues nam creras
se queres viuer ẽ paz
seys cousas sempre ve
quando falares temando
de quẽ fallas. onde. ⁊ que
⁊ aquem como. ⁊ quando
nũca fyes nem perfyes
nem a outro enjuries
nõ estes muyto na praça
nem terryas de quem passa
seja teu todo o que vestes

arrybaldos nam doestes
nam caualgaras em potro.
Nē ta molher gabes a outro
nom cures de ser picam
nē trauar contra rrezam
assy lograras tas caãs
cō tuas queixadas saãs.

¶ Esparça sua.

¶ Se matr omenta tristeza
q̄ tantos males mordena
he por q̄ minha firmeza
he major que minha pena.
e que me veja matar
com forto deuo de ter
ēn vertam vyua fycar
arrezam da ssy nom ser.

¶ Cātigua sua.

¶ Nā pode triste viuer
quem esperança deixar
nem ha no mūdo prazer
ygual a desesperar.

¶ A esperança comprida
bem vedes quā pouco dura
e dura sempre a trestura
antes e depois da vyda.
Quem esperança tomar
sempre tristeza ha de ter
quem quiser ledo viuer.
saybasse desesperar.

¶ Outra sua.

¶ Cuydados deixaimagora
em quanto possa dizer
quā longe som de prazer

¶ Sam acerca de dobrar
o cabo de desuentura
nam vejo terra segura
onde me possa ancorar.
Pois me tam longe demora
sem ver por que me rreger
sem ho ver mey de perder.

¶ Tanta fortuna correr
me fez que tenho alyjado
quanto desquansso e prazer
tinha antes deste cuydado
Bradando vou ho senhora
pois me nam quereis valer
doyauos ver me perder

¶ Sua.

¶ Deuieis dagradeçer
vossa ynfynda fermosura
a minha desauentura

¶ Quis se ōs vingar de mym
fazendouos tam fermosa
e tam pouco piadosa
q̄ folgais cō minha fym.
e deu vos tal pareçer
qual nā deu a criatura
por minha desauentura.

¶ Outras suas a hūa se/
nhora que seruia.

¶ Desque de vos me vençy
synto dor de mas yada
ganhando com vosco nada
quanto ben tinha perdy.
Perdy ynfyndo desquansso
e ganhei nō me quererdes
e pior me rresponderdes
aynda que seja mansso.

¶ Perdy determinaçam
de nūca me namorar
e perdy apresunçam
que tinha de me goardar.
Mas querome confortar
cō serdes vos soo senhora
a que podeis trasmudar
o dē myl anos nū ora.

¶ Quanto cuydado tomey
por nam ter este cuydado
e ficoumassy dobrado
pois nenhū deles deixey.

forçoumo conheçimento
de vosso sengular ser
ganhey gram contentamēto
de vos tam bē conheçer.

Mas tāto quāto entenderuos
mynhalma tem contentado
tanto me pena quereruos
venbome desesperado.
O fym de tam triste vida
ira de meu bem começo
pois o mais que vos mereço
he serdes de myn seruida.

¶ He grande mal ser priuado
de grande bem conheçydo
polo qual tenho afirmado
ser mylhor nō ser naçido.
Deuyeis pois se padeçe
por vos pena tam creçyda
nō serdes del conheçyda
a quē vos tam bē conheçe

¶ Nom pertençe agentileza
nem vos deueis de querer
que quē ve tanta tristeza
nā veja nenhū prazer.
Mas se vos na toca nada
ter por vos tanto tormēto
direy que meu naçymento
foy em ora mingoada.

¶ Ca meus males desigoaes
finjo coutrē mos ordena
por fazer q̄ nam tenhaes
a culpa de minha pena.
Ca seria desigoal
cousa presumyr ninguē
que tendo vos tanto bem
podeseis ter tanto mal.

¶ Fym.

¶ Mas vos senhora sabeis
que daa vossa fermosura
a myn mais desauentura
da que vos ynda quereis.

⁊ pois ẽ final estremo
quereruos me tem trazido
doauos ver q̃ nã temo
morte denenhũ naçido

¶ Outras suas.

¶ Cuydado de minha vida
tristeza de meu sentido
gentileza mais sobyda
de quantas no mũdo am sido
Tanta ynfinda deseriçam
deue de saber muy çerto
que de minha perdiçam
sam muy perto.

¶ Nam he em vosso poder
rremedear minha pena
de veruos ⁊ nã vos ver
dambos minha fim sordena.
⁊ pois nã sa descusar
que monta tela causado
vos amar
que ser de vos desamado

¶ Sendo desamado creo
que menos assenteria
amandouos finar mya
ter dela qual quer rreçeo.
⁊ nunca posso querer
nem desejar
deixar de vos conheçer
nẽ menos de vos amar

¶ Cuydo quee milhor passar
quãto peno por quereruos
por que por soo conheçeruos
se deue de comportar
⁊ isto faz
que minha desauẽtura
que tragua muyta tristura
mor contentamẽto traz

¶ Mas acaproueytaraa
pois q̃ meu mal nam destrue
antes gasta ⁊ de menue
o cinquestaa.

Maneyra mais desigoal
nunca se vio de tormẽto
pois mata contentamento
como qual quer outro mal.

¶ Quem ousara de dizer
quamaruos ẽ tanto grado
me faz ser
de todo mundo apartado
O que todos mais desejam
he o que menos queria
⁊ o que mais arreçeam
por gram descansso aueria.

¶ Assy que tanto vos amo
q̃ do que espero
desesperado nam quero
deixarme de quãto cramo.
Pois quem poderia crer
queu tam fora desperança
vos vejo fazer mudança
sem ma vos verdes fazer

¶ Fym.

¶ E digo em fim
daqueste triste tratado
que adareis vos a mym
ou ma dara meu cuydado.
Mas pois q̃ doutra maneira
aquisto nam pode ser
esta merçe derradeyra
pois ahynda estou por ver
a primeyra
me deuyeys de fazer

¶ Outras suas em que
mete no cabo d̃ cada co
pra hũa cantigua feyta
per outrem.

¶ Ja era casy de dia
quando oje adormeçy
⁊ pareçeme conuy
nã sey quẽ que me dezia.
Essuerça triste amador
no te congores ny penes
quẽ las batalhas damor
el menos mereçedor
alquança mayores bienes

¶ Fiquey tam desconssolado
co aquisto que lhouuy
que como desesperado
sospirando rrespondy
Sabe dios cõ canto enojo
biuo yo sobre la tierra
pues que yo fago la guerra
y otri en lyeva el despojo.

¶ Para serdes conssolado
seguyme me rrespondeo
⁊ consyguo me meteo
nũ bosco todo çercado.
De muy terribles mõtanhas
donde grandes alaridos
ouuy de feras estranhas
disformes a meus ouvidos

¶ Antrestes grãdes gemidos
ouvy domẽes que andauã
tã tristes que bem mostrauã
q̃ damor erã feridos.
⁊ vy cum deles dezya
la terrible pena mya
nam se puede rremedear
antes creçe cada dia
por dama tam singular.

¶ Vy outro que se mostraua
que tinha mayor fadigua
q̃ nũca jamais çeçaua
de chorar esta cantiga
Amor tu nõ me gabaste
que yo bien te conosçya
mas forço la volha mya
la senhora que me daste.

¶ O terceiro muy penssoso
me pareçia quandaua
com rrosto muy lagrimoso
a grandes vozes bradaua.
Do pena q̃ me conbates
pues fuerça damor ten via
essuerça por que me mates
quẽ morir descanssaria.

¶ Escassamente acabon
a cantigua toda ynteira
quando o q̃ me guyou
começou nesta maneyra.
My tormento desigoal
pera mas pena sentyr
me tiene fecho ynmortal
y no me dexa beuyr.

¶ Começou ma pareçer
fraqueza de coraçam
encobrir minha paixã
⁊ comecey de dizer.
Harto de tanta porfya
sostengo vyda tan fuerte
ques triste el anima mya
hasta que venga la muerte.

¶ Nõ sey donde se mostrou
hũa donzela excelente
a faustina pareçente
quassy me desenganou.
Vuestra mys vus vus ausem
da tendre la muro se graçe
altre que vus aplis la plaçe
vio fancois em vão vsem.

¶ E fycou muyto contente
como cauya acertado
mas eu ja desesperado
rrespondy muy manssamẽte.
De my muerte conoçyda
otra vengança no quyero
ca mueras del mal q̃ muero
pues queres syn ser queryda

¶ Fym.

¶ Quysera mais decrarar
se nam fora ca cordey
⁊ juntamente deixey
de dormir ⁊ desperar.
Tornousse de brauo mansso
meu mal q̃ nunca descanssa
⁊ torquey a esperança
por outro tanto desquansso

¶ Pregunta sua.

¶ Respondeyme namorados
desauenturados tristes
qual he mor pena q̃ vistes
nõ sendo desesperados.
⁊ que cousa mais amados
vos fara de quẽ amais
⁊ se queres ser leuados
de gentys omẽs casados
ou de solteyros nõ tais.

¶ Reposta de pedro omẽ.

¶ Digno sem ser dꝰ chamadꝰ
aque rreposta pedistes
ser graue mal se sentistes
seumes os alongados.
⁊ a segunda avantejados
faz bom pareçer os mais
a terçeira meus cuydados
por neyçios sejam casados
nũca por espeçiais.

¶ O camareyro mor.

¶ Nom deueis tempo querer
pera mais mereçimento
pois abastou hũ momẽto
pera me por vos perder

¶ Perder porque nã perdy
a vida que tinha gora
q̃ ganharuos por senhora
he myl mũdos pera my.
mas pois por vos nũ momẽto
me despedy de prazer
pera mais mereçimento
nõ deueys tempo querer.

¶ Outra sua.

Nõ falho ẽ mys males culpa
por que my terrible pena
la causa q̃ me condena
me desculpa.

¶ A muerte me condenastes
senhora pues tãto os quyero
y luego me desculpastes
ẽ serdes vos por quẽ muero
pues vuestra beldad desculpa
todos los males q̃ ordena
quẽ por vos no tiene pena
tiene culpa.

¶ Copras suas partindo sua
dama donde elle estaua.

¶ Que pena tan syngular
q̃ marterio tam profundo
verme de vos apartar
y no partir deste mundo.
No desastrado partir
cassy mata fieramente
ho quien podera dezyr
lo que siente.

¶ Que seso puede ordenar
q̃ mano puede escreuir
q̃ lengoa puede contar
my tan penoso moryr.
O triste desemparado
de vuestra vista y my vyda
ho vida muy basteçyda
de cuydado.

¶ Ay de my que de quedar
syn ver vuestra fermosura
la casa donde morar
a my sera sepultura.
y seran mys atabios
llenos de mucho tormẽto
y de my contentamyento
muy vazios.

¶ La cama sera penssar
que vos vy y no vꝰ veo
y cassy he da turar
connesté mal q̃ posseo.
y naqueste penssamento
de noche me lançare
a ver sy con lo q̃ siento
morire.

¶ Lo que me dalhe nantar
syn esperar de vꝰ ver
y ame da nocheçer
y no vꝰ he de myrar.

Ay he deuer quien me digua
q̃ naquel dia vꝰ vido
ho triſte q̃ a tal fatigua
foy metido.

¶ O alma mya aflegida
de quantas penas te doy
porq̃ no partes de my
pues de ty partio tu vida.
dexame pues te dexo
todo quanto bien tenyas
y mas rrazon te mato
que amançias.

¶ No pueden nel mũdo ſer
tormentos mas jnfernales
ny ſe pueden comprender
la grandeza de mys males.
Ay quanta pena poderas
penſar ningũ coraçon
ala mya no ternaa
comparaçon.

¶ Ca todos los coraçones
ſon fenytos ꝛ acabados
y elhos y ſuspaſiones
juntos ſeran ſepultados.
Mas my pena deſigoal
eſta nel entendimiento
aſſy que el mal q̃ ſiento
es ynmortal

¶ Fym:

¶ Nel inferno no ſe alcança
otro tormẽto mayor
q̃ ſer muerta el eſperança
ꝛ yn mortal el dolor.
Sy neſta vida penoſa
aqueſto por vos padeço
q̃ fama tan groriosa
que mereço.

¶ Outras ſuas a dom joam de meneſes eſtando em alja/zur.

¶ Depoys que vꝰ foſtes la
a viuer naqueſeſtremo
hũa dama ſenhor qua
fez de myn mangas hodemo
Fez que deſejo morrer
por ver a meus males fym
fez que nã podereys crer
que faxaras fez de myn.

¶ Fez que meus çinco ſentidꝰ
nã ſentem nenhũ prazer
fez meus cuydados creçidos
ſobreçreçidos morrer.
Fez que de myn nã ſaparte
antes creçe ho galarym
tanta pena que de mym
ja nã ſey parte nem arte.

¶ Meus olhos tal empreſam
de ſua fegura tem
que lhes pareçe que vem
ſempre ſua pfeyçam.
ꝛ tanto deſta maneyra
o afirma meu deſejo
que todo o al que vejo
vejo como por pineyra.

¶ Polo qual tam çego ãdo
que me foy aconteçer
achar o quando buſcando
ꝛ paſſar ſem me de ter
dizẽ mos q̃ vam comygo
porq̃ lhe nõ quys falar
ꝛ eu entam por meſcuſar
buſco mentira q̃ diguo.

¶ Trago cheos os ouuidos
de palauras q̃ lhe ouuy
das quaes hũa he verdes hy.
q̃ os mais tem deſtruydos.
a toda outra rrazam
acudo como ſan deu
am me ja por moncarrrão
he pior q̃ o ſam eu

¶ Em myl vergonhas me vy
cõ omẽs que mapartaram
ꝛ de quanto me contaram
nemigalha lhes ouuy.
ſauya de rreſponder
deyxaua dias paſſar
atee lhes fazer cuydar
que me podia eſqueçer

¶ Que nã goſto me pareçe
do com que ſoya folguar
ꝛ o que mais alegrar
ſoya mais men triſteçe
iſto he por que lembrarme
algũ prazer en tal pena
tanta triſteza mordena
q̃ nom ſey rremedearme

¶ Se macontece algũ ora
neſtas ſenhoras falar
querendo outra nomear
nomeo minha ſenhora.
Que diſto fique corrydo
tanto me ſoye dalegrar
ſeu nome q̃ meu ſentido
me faz que folgo derrar.

¶ Aſſy como os quaconteçe
andando polos outeyros
que com medo lhe pareçe
ſer omeẽs os ſouereyros.
Aſſy tem na fanteſya
ſa fegura meu cuidado
q̃ mil vezẽs cada dia
nas palhas macho ẽ polgado

¶ E aſſy como vꝰ diguo
tam fora de ſyſo ando
q̃ de myn como dimiguo
me ando ſempre guardado.
ja nõ ouſo ſoo dandar
que vejo meu coraçam
ordenar de me matar
por ſer fora de payxam.

¶ A vꝰ aquiſto eſcreuer
me mouerã tres rrazoẽs
a primeira foy ſaber
q̃ ſentys minhas payxoẽ
A ſegunda porqueſtou
em cuydar que ſabereis
eſtas couſas que vereis
como quẽ tudo paſſou.

¶ Fym.

¶ A terçeyra por auer
de quẽ foy tã namorado
conſelho para poder
ſer fora de tal cuydado
Podeiſme ſenhor mandar
que meſſole ⁊ me mate
nõ me mandeis deſamar
que iſto jaz darremate.

¶ Dõ joã manuel a hũa ſe/
nhora a q̃ lhe mandou q̃ lhe eſ
creueſſe nouas de ſy vyndo
elle dhũ caminho que anda/
ra com ela ficando ela em ca/
ſtela.

¶ Que yo cyen bocas tuuieſſe
y la boz fueſe de fierro
es enpoſible ſyn yerro
q̃ mys anguſtias diſieſe.
Y mandauiſme vos a ora
my triſte vida eſcreuyr
es enpoſible ſenhora
en dos myl anhos dezir
lo que ſufro cada ora.

¶ Mas queſto ſea verdad
ſeguire lo acoſtũbrado
ques azer vueſtro mandado
y nũca my voluntad
y pues de my perdimento
ſoes verdadero teſtiguo
vereis q̃ de my tormento
mas delo q̃ puedo diguo
y menos delo que ſyento

¶ Deſque ſoy por my fortuna
de vueſtra viſta apartado
my lecho fago laguna
lhorando demaſiado.
y jamas çeçã mys males
ny mys catiuos dolores
tam grandes q̃ no ſe quales
ſe puedan dezir maiores
a vm q̃ ſean infernales.

¶ Las noches my ſentimiento
de claras faz tenebroſas
y my triſte penſamiento
de pequenhas eſpaçiolas.
Naquelhas ſon memoradas
las mys anguſtias creçydas
preſentes como paſſadas
por lo qual ſon mal dormidas
maguer ſean bien lhoradas

¶ No cuento yo por paſion
las lagrimas de mys ojos
las quales de mys enojos
am ſydo conſolaçion
Mas a my triſte memoria
pues elha me deſordena
todo bien toda vitoria
ho com la preſente pena
ho com la paſſada gloria.

¶ O quan bien auenturados
ſon aquelhos q̃ gaſtaram
el leteo pues que daran
de ſus hechos oluydados
mas ya yo no podria
querer tal buena ventura
ca maguer my fantaſia
me de vida con triſtura
ſyn elha no beuyria.

¶ Por que la pena preſente
dalgum paſſado plazer
por graue q̃ ſuele ſer
alguo me dexa contente.
Mas eſte conoçimiento
no me quita de paſion
antes creçe my tormento
ſentiendo a my perdiçion
cada ora creçimiento

¶ La vueſtra forma exçelente
que my memoria rretiene
ante mys ojos ſe viene
como ſy fueſſe preſente.
y con eſto my ſyntido
y my triſtentendimiento
me dexa triſte aflegido
tan çercano de tormento
quan apartado doluydo.

¶ Cada hũũ dia ymagino
como naquel v⁹ mire
y la ora de termino
en queſtonçes v⁹ hable
y diguo loca my ver
me pareçe que dizia
y nos viendo rreſponder
antes my muerte queria
que tal pena padeçer

¶ Aquelhos lugares todos
do v⁹ vy y no v⁹ veo
por çien mil vias y modos
cada ora los rrodeo.
y pues lhoro nel lugar
donde entonçes malegre
vos deueis ymaginar
que hare donde lhore
pues no v⁹ puedo oluydar.

¶ Las ſierras por dõ dandam⁹
a ora ſyn vos las ando
alhy donde deſcanſamos
alhy muero ſoſpirando.
Los verdes prados y rrios
eſforçado acreçenten
tanto los dolores myos
q̃ no ſe como ſe cuenten
q̃ no digua deſuarios

¶ No ſe quyen padeçeraa
nel jnferno mas tormẽto
ny que fuego quemaraa
mas que eſte penſamento
O memoria de my byen
lhorada noches y dias
o vos ſenhora por quyen
no creo que jeremyas
mas lhoro jeruſalen

¶ La muſyca que ſolia
mys cuydados amanſſa
agora multiplicar
los ha fecho em demaſya
Sy diguo alguna cançion
q̃ diſſe naquelhos dias
ſon en tanta alteraçion
q̃ no las lagrimas my as
ſufrem deſymulaçion.

¶ D amygos y denemygos
mes auydo por grã mengoa
seren mys ojos testigos
contrarios de la my lengoa
y pues cantar y lhorar
macontece cada ora
deueis vos considerar
se ssym lagrimas a ora
esto puedo rrecontar.

¶ Assy quel tiempo presente
q̃ syn vos mes otrogado
es gastado ynteramẽte
em lhorar otro passado
los lugares aca mor
me causou vr̃a presençia
todos lhenos de dolor
los ha fecho vr̃a ausençia
que no pudo ser mayor

¶ Fym.

¶ Para q̃ yo escriuiesse
ynteramente mys danhos
compleria que biuiesse
grande multetud de anhos.
Mas es my vyda penosa
para mys males sentir
en extremo copiosa
y corta para dezyr
pena tan espaçiosa.

¶ Outras suas aa mesma senhora.

Pues mys angustias escriuo
causadas por vos senhora
vida mya
aued por çierto que biuo
mas tal vyda que hũ nora
no queria
Qua my tormẽto es a quel
q̃ ja mas antre los ombres
se ueria
pues que la muerte cruel
em ny ambos estos nõbres
mudaria.

¶ Ca se lhamaria vyda
partiendo de my la mya
tan penosa
y le my pena creçyda
me quitasse lhamarsya
piadosa
y nonbre mas verdadero
y mas propio le seria
que estranho
por quel su nonbre primero
syn duda perteneçia
a my danho

Pues vos senhora por quien
ya el my beuyr pasasse
este tranco
lhamarnos todo my bien
es como al negro lhamarsse
joam branco
La pues tormento mortal
my beuyr en tanta sobra
syempre tiene
lhamaruos todo my mal
es nombre que con la obra
mas conuiene.

¶ Ca de vos han procedido
los males que siempre peno
com que acupe
a my beuyr muy sentido
por que bien ny mal ageno
no me toque.
Ny quel mũdo se perdiesse
vos quedando medaria
alguna pena
ny que yo senhor del fuese
syn vos no lo averia
em dicha buena.

¶ Todo el mũdo conuertierõ
mys lagrimas ⁊ gemyr
y sentimiento
y a vos nũca podieron
enclynaros a sentyr
my tormento
ny sey o quien no sespante
pues ningnna compasion
de my aueys
por çierto de diamante
deue ser el coraçon
que vos teneis.

¶ Como nũca v⁹ tocaram
mys sospiros tam sentidos
que consiguo
la vyda y el halma leuaran
como sy fueran bramidos
de enemyguo.
Antes pues tanto plazer
sentys en my triste vida
ser tan fuerte
yo la quyero perder
por q̃ mas seres seruida
con my muerte.

¶ En dos estremos v⁹ vy
que causaran my tristura
y gran pasyon
nel del rreyno em que naçy
nel otro de hermosura
y descriçion.
Desde aly muerte no temo
y triste mas q̃ los tristes
a my lhamo
por que assy en tal estremo
v⁹ vy y me pareçystes
y v⁹ amo.

¶ Ma quel dia me rrobastes
lybertad vyda y salud
y alegria
y a mys ojos causastes
de lagrimas multitud
cada dia
A los otros fueran dados
los ojos pera mirar
y dormyr
mas a my son otrogados
para que gasten lhorar
my beuir

¶ A vos dio my desuentura
la vyda y la muerte mya
en poder
para beuyr my tristura
y luego my alegria

fenecer
y pues mys anssias mortales
que por vuestra causa sabes
que padeço
day ya fim amys males
pues a my bien no queres
dar começo.

¶ Este es el galardon
q̃ merecem los cuydados
cõ que ando
que nesta satisfaçon
de mys seruiçios passados
os demando.
mas pues de quanto seruy
otro bien no me consygue
ny le espero
es lo que quyero daquy
que solo lo que se sygue
os rrequero.

¶ Fym.

¶ Que des fim a my catiuo
y a my triste cuydado
y padeçer
pues la mano cõ que escriuo
me tiene desesperado
de plazer.

¶ Trouas que dom johã manuel camareyro moor fez sobre os sete pecados mortaes enderençadas a el rrey. as quaes nam acabou.

¶ Poderoso rrey prudente
manifico liberal
en quien el çeptro rreal
estaa dinyssymamente
Sobre senhores senhor
muy omilde seruidor
del quel mũdo ha produzido
de viçios nũca vençydo
de enemigos vençedor.

¶ Como yo la tu nobleza
y virtud yn magynasse
de cada qual su grandeza
my juyzio perturbasse
En espirito arrebatado
supitamente lheuado
syn saber en q̃ manera
me falhe duna rribera
y grandes mõtes çercado.

¶ Alhy dos caminos vy
ca principio se juntauan
y despues asegurauan
el pitagorico. y.
Mas en tanta alteraçion
me falhe ca la ssazon
tuve nenguna esperança
ca la supita mudança
syenpre causa admyraçion.

¶ Despues que my coraçon
algun tanto rreposo
y que my sangre acupo
su primera abitaçion.
Syn saber lo que faria
estuue parte del dia
los caminos esgoardando
comiguo mucho dudando
qual daquelhos seguiria.

¶ El dela parte synyestra
era muy espaçioso
lhano verde deleytoso
y muy aucto ala polestra
De gy my fera rribera
y flor de mucha manera
se çercaua y se cobria
de manera quen pedia
claridad ala carrera.

¶ Era el otro tan contrario
q̃ dezir no se podria
quan oculto y solitario
cuesta rriba pareçia.
Era muy afectuoso
y a lugares dudoso
a quyen fuesse ynssapiente
mas a quien fuesse prudente
menos era trabajoso.

¶ Como nuestra vmanidad
es el maso mas possyble
no por ser mas elegible
mas por su façelidad
caminyne por el camino
por do nuestro padre vino
de su mujer enganhado
quando antepuso hũ bocado
al mandamiento deuyno.

¶ Andando por esta via
despues de muchas jornadas
pareçiome q̃ syntya
bozes muy desacordadas.
Oy muy tristes jemidos
clamores muy doloridos
en sentençia concordados
q̃ los alhy condenados
no seriam rredemydos

¶ El camino feneçia
en hũ pozo muy profundo
adonde vy que caya
la mayor parte del mundo.
Alhy era seruado
el fuego perpetuado
delos mortales tormẽto
q̃ por bienes de momẽto
quieren mal continuado.

¶ Y vy otras seys carreras
nel pozo se consumyr
por las quales vy venyr
jentes de muchas maneras
ya voluer no me podia
por q̃ la jente venia
de rrondon q̃ me lheuaua
de manera q̃ penssaua
el my postrimero dia.

¶ Al fuego syn rresplandor
me falhaua condenado
sy del deuino fauor
no fuera rremediado.
Ca cõ gesto prefulgente
vna donzelha exçelente
vy al encuentro venyr
a cuya forma escriuyr
no sere suffiçiente.

¶ Aquesta como ocupo
el logar do yo estaua
del peligro me lybro
tanto quanto deseaua.
Mas yo que ala sazon
con poca dispossyçion
tan grande bien alcãçe
le oyxe como dixe
la susse quẽ te oraçion.

¶ O clarisyma visyon
sobre toda claridad
careçe tu puridad
de toda comparaçion.
A ty cuyo benefyçio
me lybro de preçepiçio
y denfynytos pesares
suplico q̃ me declares
el tu nonbre y tu offiçio.

¶ Muy mãsamẽte rrespuso
dyuyna graçia me digo
q̃ sobre natura syguo
a quien bien se me despuso
no la q̃ es gratys data
mas aq̃lha q̃ desbarata
todo bilito mortal
y elhanyma jnfernal
ante dios torna muy grata.

¶ De tal rrespuesta turbado
y de coloquio tan alto
despues que del sobresalto
me vy menos alterado.
Le dyxe deuina guya
pues syn justiçia mia
tanto bien se mo fereçe
aquesto caquy pareçe
pone en my sabydoria.

¶ Aquelhos caminos dos
dixo q̃ falhaste luego
el vno fenece en dios
el otro naqueste fuego
y estas siete carreras
son otras tantas maneras
de pecados prinçipales
por do vienen los mortales
a yn mortales fogueras.

¶ De superbia y elaçion
es el primero camino
por donde luçyfer vino
dela celestre mansion.
Vynieron de babilon
con elato coraçon
sus grandes fabricadores
y de ygyto los mayores
con el rrey faraon.

¶ Por aquy el rrey tarquino
postrero delos rromanos
por aquy el grande nyno
quyn pero los asyanos.
Por aquy rrey lamedon
destruydo el elyon
por aquy luçio ssyla
y con sus socios atyla
vinieron al fregeton.

¶ Y muchos otros q̃ fueron
elatos naqueste mũdo
tanto quanto aca subieron
descendieron al profundo.
Ca dios ha determinado
q̃ quien pone su cuydado
en sobir quanto podra
quanto dios puede sera
para siempre derrocado.

¶ Da auariçia es el segundo
do las arpias an lugar
por donde van al profundo
los q̃ adoran el metal.
de troya vyno antenor
de traçia polynestor
con el rrey mydas troyano
de rroma domyçyano
postrimero enperador.

¶ Por aquy vyno nẽbrot
que fue tyrano primero
y iudas escariot
q̃ vendio dios verdadero.
el qual no fue poseydo
del q̃ lo vuo vendido
ny delos sus mercadores
mas daquel quẽ sus dolores
y sangre fue rredemido.

¶ Que todos los quescriuiero
enel mũdo se juntassem
no creo q̃ numerassem
los q̃ por aquy vinieron.
sy tanta generaçion
ha venydo en perdiçion
por esta çiuil myserya
es por quelha es la materia
de toda vuestra anbyçion.

¶ Los que a venos adoran
por esta senda terçera
cada dia se devoran
en ynfynita manera
por aquy los sodomytas
y gentes casy ynfynitas
qum çestos muchos fizieron
las quales tã muchas fueron
q̃ no pueden ser escritas.

¶ Da adulteros multitud
multitud de forcadores
q̃ fynaran su salud
con ynfynitos dolores
Delos quales notaree
algunos y pediree
al senhor delos senhores
cal escritor y lectores
asombrelo que dire.

¶ Por aquy vino aamon
ca tamar vuo forçado
y su ermano abselon
dachyto fel consejado.
La madrasta dypolito
y tolomeu rrey degyto
q̃ o vergetes dexyeron
y syscryuys quantos fueron
faras proçeso ynfynyto.

¶ Anssy concluyendo digo
q̃ tanto a vuestra naçion
es este viçio amygo
q̃ no lo priua rrazon.
Ca el apostol dizia
muy ynpossyble seria
q̃ yo aya continençia
sy la diuina clemençia
del çielo la no enbya:

¶ Por aquesta quarta senda
vienen los enbedìosos
q̃ con agena fazyenda
syempre biuen trabajosos.
Todos los mortales viçios
tyenen dulçes exerçiçios
pero la graçia se seca
este quantas vezes peca
tantos tiene de supliçios.

¶ Enxenplifica.

¶ El primero rrey vngydo
enel pueblo dysrrael
el primer ombre naçydo
q̃ fue lhamado cruel
y dos fyjos de coroe
los primeros q̃ se ere
q̃ fuessem de tratadores
y los cruçifycadores
de jhũ de nazeree.

¶ De todo tienpo y lugar
de todo estado y naçion
no es possyble contar
los q̃ trato esta passion.
Por que a hũ q̃ los vmanos
todos fuessen escriuanos
y solamyente quisieron
escriuir nũca pudieron
los q̃ trato corte lanos.

¶ Y por la quinta an venido
muchas gentes alcaos
las quales an presumido
q̃ su ventre era su dios
Toda comemoraçion
daquesta bruta naçion
se deueria escusar
ny con los malos contar
por quãto pessimos son.

¶ Mas para que se rretrayan
los vmanos de seguyr
aqueste vyçio que sayam
estos puedes escriuyr
ysau seya el primero
y luego su companhero
sarda z polo seraa
luçio luculo vernaa
nesta cuenta por terçero.

¶ El quarto y hũ mylhon
daquestos se sereueria
mas el proçesso seria
lhamado antychaton.
De prelados solamente
vyno y vyene grãde gente
delos quales yo diria
q̃ qual es la perlaçia
tal es la gula sequẽte.

¶ Por estotra senda sexta
vymeron los ayrados
q̃ dotros syendo enojados
an cõssyguo la rrequesta
Todo enperador o rrey
para bien juzgar su grey
dyra deue ser guardado
ca no vela ley el yrado
mas es visto dela ley.

¶ Ca contra todas las leys
typhõ o syrys matoo
y en partes vinte z sey
el su cuerpo deuidoo
Por que cada conjurado
su parte le fuesse dado
da quel quera su hermano
vn fecho tan ynvmano
por yra fue cõssumado.

¶ Por aquesta ha desçẽdido
la fyja de pandyon
q̃ por culpa del marido
dio al fyjo punyçion
Este fue muerto y assado
de su madre y presentado
a su padre por manjar
la yra pudo causar
hũ fecho tan çelerado.

¶ Otros muchos an venido
y mujeres muchas mas
cala vengança sabras
q̃ de fraqueza ha naçido
Ca dios de quien se pregona
q̃ todo viçio perdona
lhamamos onypotente
y aquel ques ynpotente
nũca perdona persona.

¶ Por la seetima vinieron
a quelhos quẽ su offiçio
dinidad o benefiçio
syempre negligentes fueron.
Yo lhamo negligẽtes
alos que son deligentes
enlos bienes temporales
sy delos çelestriales
tienen des viadas mẽtes.

¶ Por aquesta desçendio
candalo rrey lidiano
y selenço syryano
que dos anhos ynpero
Estos dos rreys coronados
anssy fueron descuydados
ẽllos rreynos q̃ rrigieron
q̃ juntamente perdieron
las animas y estados.

¶ Aquel mal aventurado
aurelyo rrey despanha
pues cõ angustia tamanha
sera syenpre rremẽbrado.
Por libremẽte folgar
amares fue tributar
mucha moneda y caualhos
y hyjas de sus vasalhos
quel diuiera de casar.

¶ El rrey de françia grifon
hyjo de carlo martel
con vn muy grande tropel
oluidado ala sazon.
Prelados q̃ conssyntieron
q̃ sus ovejas paçyeron
todo lo quera vedado
eterno tienem cuydado
por q̃ negligentes fueron

¶ Por estas carreras todas
vinieron aperdiçion

aquelhos todos q̃ nom
visticron rropa de vodas.
Los quẽ notro abito son
solamente correçion
rrecibicron ẽ su vyda
mediante su venida
por muy diuina ynfusion

¶ Mas q̃ sea aqueste fuego
q̃ tu myras ynfernal
q̃ tu notes yo te rruego
quelha es pena acidental.
es el ynfynito mal
mas por rrazon teologal
te prouariamos nos
q̃ no ver el sumo dios
es la pena essençyal.

¶ Qua quãto dios es myjor
q̃ todas las cosas buenas
tanto no velhe es mayor
q̃ todas las otras penas
Mas esta rrazon q̃ fundo
deremos pues q̃ nel mũdo
porçierta fee la tu viste
y deste camino triste
boluamos alo jocundo

¶ Yo que tanto queria
ser libre da quel loguar
calhe por no ynportar
dilaçion ala tal via.
Mas era tal la carrera
q̃ muy inpossible fuera
venir al fyn deseado
sy no fuera falenado
daquesta tal conpanhera.

¶ Cuyo coloquyo diuino
anssy falhaua suaue
q̃ no se me fizo graue
el asperimo camyno
Por q̃ quanto mas andaua
mas dispuesto me falhaua
para syẽpre caminar
y solamente canssaua
quãdo deraua dandar.

¶ Subiendo siempre venim⁹
a huũ lugar emynente
dedonde el mũdo presente
en sus partes de vidimos
Cuya poca quantidad
demostro la çeguedad
daquelhos q̃ ynperaron
sy por tan poco deraron
la deuyna claridad.

¶ Despues q̃ fuemos venid⁹
en la mas subleme altura
duna muy verde lhanura
nos falhamos rreçebidos:
Ay quatro rrios caudales
y darboles singulares
vn ynfynyto proçesso
vn tan ameno se çeso
nũca vieron los mortales.

¶ Dalhy eran desterrados
todos los falheçimientos
quẽ todos quatro elemẽtos
son enel mũdo falhados
El calor prymeiramente
templado syngularmẽte
mas que se puede narrar
syn erçeder ny myngoar
cosa q̃ fuesse noçente.

¶ Era perpetuamente
el ayre clare fycado
el sol en seteno grado
era alhy mas prefulgente
Era tanto rresplandor
syn exssecyuo calor
y syn frio desmedido
mas el medio posseydo
cõ muy suaue dulçor.

¶ Las rriberas proferidas
q̃ por el verto corrian
de vna fuente naçidas
vna cruz constytuyan.
y la lynfya que fluya
tan clara que pareçia
el suelo por do passaua
la sed por siempre mataua
a quien daquelha beuia.

¶ Toda la tierra criaua
las plantas todas frotiferas
y las yeruas odoryferas
solamente germinaua.
Vn narbor q̃ se nonbraua
dela vyda pre estaua
ala fuente qnes escrito
cuya fruta en ynfinito
toda fanbre extenuaua.

¶ Mys sentidos deseosos
de tantos bienes fruyr
dob geyros tã gloriosos
no podia despedir
Cala conpanhera mia
ma queraua q̃ conplia
el camino açelerar
paral castilho lhegar
que delante pareçia.

¶ Despues que propinco ael
my hyzo my conpanhera
vy quatro torres na quel
tocantes la prima espera
En perpetu diamante
el tytolo semejante
sobre la puerta dizia
q̃ muerte no gustaria
quien alhy fuesse abitante.

¶ La primera torre entramos
adonde por tribunal
vna donzelha falhamos
mas q̃ vmana angelical.
De gente muy mesurada
era siempre aconpanhada
y era aquelha clausura
de perdurable pintura
sotylmente marizada.

¶ Alhy eran matizados
los fechos que tu formaste
cõ los quales ampliados
as los rreynos qredaste.
El grande maar oçeano
mostraua ser atu mano
cõ su rrypa somytido
y gran pueblo cõvertydo
de creje cristiano.

¶ Huũ castilho syn egual
sub cancro vy q̃ tenia
aquel senhal ẽ la qual
el constantino vençia.
çerqua da quel sesculpia
armado hũ rrey q̃ tenya
desnuda espada ẽ su palma
dezia que como palma
el justo floreçeria

De dom martynho da sylueyra estãdo em arzila a symaão correa em rreposta doutras que lhe mãdou dalcaçer.

¶ Estando neste luguar
onde muyta guerra achey
sem com mouros pelejar
sem correrm⁹ sem entrar
depois que nele entrey.
Vossas trouas rreçeby
guabalas he escusado
quelas o fazem per ssy
mas direy nouas de my
como per vos mee mandado

¶ O dia qua quy cheguamos
fez tormenta tam desfeyta
coutro tanto n⁹ molhamos
como laa quando passamos
a gram vereda de çeyta.
⁊ pois dizeis ⁊ contaes
que fareis muy crua guerra
cos fronteyros quesperaes
tam bem quero que saybays
a quachey qua nesta terra.

¶ Achey em gram deuisam
os cristaos contros judeus
o que tem mais sotil maão
mais maneiras da pressaão
mais ha dos benesses seus.
Doutro cabo por proueyto
os deyxam estar na vila
julguay vos laa see bem feito
co pouo pede dereyto
por que lhe comẽ arzila.

¶ A isto mais nam falarey
por qualguem dano faria
mas antes me calarey
qua se dissesse o que sey
muyto papel guastaria.
Da custa de huũ senhor
que nã quer bẽ os q̃ guastã
⁊ nam queir ays mais penhor
por qua bom entendedor
poucas palauras abastam

¶ Deos aquy nã no conheçẽ
os melhores menos valem
os piores permaneçem
mas calanssos que padeçem
por que lhes compre que calẽ.
Nã presta nem val rrezam
posto que seja bem vysta
danan⁹ boa maçam
estas guerras mortays sam
para quem nelas conquista.

¶ Na mesa onde comemos
ninguem nam diz o que sabe
o que per ssyso sofremos
he tanto que nam sabemos
como jaa dentro n⁹ cabe.
Nomolo bico no peyto
da presyar n⁹ goardamos
por qua concrusam do feyto
ou por força ou per geyto
o que nom he outorguamos

¶ Sã n⁹ mil vezes mostradas
arreos cousas defezes
conpren⁹ serem guabadas
⁊ dizermos quem tres gradas
nam se viram tais jaezes.
Qua se mostrar afyçam
outro seruiço nam prende
que faraa daymer rrezam
quem nam tem de condiçam
contra fazer o quentende.

¶ Fym.

¶ Se nestas bem decrarado
nom vay o que mais entendo
nõ me deys graças nẽ grado
o que nelas vay calado
co vosso saber enmendo.

¶ Dom martinho da sylueyra quando cason do/na branca coutinha.

¶ Doo na corte polo serdes
tomaram mil coraçoões
que namorastes
por lembrar ⁊ por saberdes
quantas penas ⁊ payxoões
lhe ca leyxastes.

¶ Dizmo meu cõ grã pesar
com mortal dor saqueyxando
nam hera para casar
dama que deos trabalhando
quys formar.
⁊ pois vemos nam poderdes
rresystir as apresoões
com que casastes
doo na corte polo serdes
tomaram mil coraçoões
que vos quebrastes.

¶ De dom rrolym.

¶ Em gram peligro me veo
em my muerte no ay tardança
por que me pyde el deseo
lo que me nyegua esperança.

¶ Pedemela fantesya
cosa muy graue desser
y saquesto se desuia
es forçado padeçer.
no me defiendo y peleo
muerte aura de my vengança
por que me pyde el deseo
lo que me niegua esperança

¶ De dioguo de miranda

¶ No meu bẽ pois te partiste
dante meus olhos coytado
os ledos me faram tristes
os tristes desesperado.

¶ Triste vida sem prazer
me deyxas cõ gram cuydado
que por meu negro pecado
me vejo viuo morrer.
meu prazer me destruiste
meu nojo sera adobrado
por que sam catiuo triste
de meu bem desesperado.

¶ De fernam telez.

Vuestra grã beldad senhora
es em tal grado syn par
que despues que os vi nia ora
no me dexa sola vn ora
gran tormento y sospirar.
Anssy que por my ventura
conprida de mala suerte
vuestra muy gran hermosura
haz a my dolor tan fuerte
que queria mas la muerte.

¶ Y con este mal syn cuento
vos me azeis en verdad
que viua triste contento
ho causa de my tormento
ho cabo de crueldad.
Que teneys hum pareçer
tan extrema gentileza
que vuestra graçia y lindeza
no es en my poderla ver
syn vuestro catyuo ser.

¶ De sancho de pedrosa a maria jacome estãdo de noyte falando cõ ela sem no ela cõhecer ꝛ lhe pedio q̃ lhe disesse quem era

¶ Se vᵒ vira que fyzera
pois ouviruᵒ me matou
nenhum rremedio tiuera
se vossa merçe quisera
pareçer como falou

¶ Diseruᵒ o nome meu
vᵒ dey a fee jaa vençido
o triste me chamo eu
a quem vossa merçe deu
presunçam de ser perdido.
Houuiruᵒ nunca deuera
pois me tanto namorou
quem eu vira se podera
nam por diseruᵒ quem era
mas por ver quem me matou

¶ De sancho de pedrosa.

¶ Yo mas triste delos tristes
y menor delos amados
enamores
quando triste me vençistes
no tenia yo cuydados
ny dolores

¶ Mas porq̃ my mal creais
y my fatigua tan fuerte
que sabeis
a hum que a ora querays
dar rremedio a my muerte
no podeis.
Por que vos tal me exystes
sobre los mas enojados
enamores
quando triste me vençistes
no tenia yo penados
dissauores.

¶ De diogo de pedrosa ao coudel moor.

¶ Pero que tenha jurado
de me nunca namorar
por vossa fylha balhar
meu juramento he quebrado
E se nam fossa rreuolta
que disto se seguiria
loguo je deprenderia
a fazer mourisca volta

¶ Mas porq̃ vos soes ayska
pera myngoar ꝛ creçer
esta ardente fayska
de meu pesar ꝛ prazer.
Eu quero ser vosso genrro
antros outros seruidores
por que sam huũ omẽ tenrro
na ydade dos amores.

¶ O que foy desse merlym
ꝛ dontros antes daguora
ysso ade ser de mym
por vossa fylha senhora.
Lyçença tenho do papa
nam he grande marauilha
de todo por vossa fylha
guanhar ou perder a capa

¶ Reposta do coudel moor polos consoantes.

¶ Quem sabe ser namorado
nam leyra tempos passar
nem em tal caso quebrar
juras nunca foy pecado.
Quãto mais q̃ nagoa ẽvolta
sempraa fyna pescaria
ꝛ quem saba parçaria
o amor tredor nam solta.

¶ Doçe baylo de mourisca
mil sentidos faz perder
ꝛ la mete hũa tal trisca
quee muy ma de guoareçer
Quer sejays duro quer tenrro
procuray vossos fauores
mas sobre conpadre jenrro
duvydam nyssos doutores

Mas se vos tres foy martim
fazeys yndo sem demora
medrareys ho gualarim
segundoo alem vos mora:
¶ Sede seruidor de chapa
se vᵒ pregriça nam fylha
goardar de dor de virilha
por que sua coua tapa.

E luis dazeuedo a morte do jfante dõ pedro q morreo nal farroubeyra τ vam em nome do jfante.

¶ Pola morte de mym soo
τ dalgũs vossos parentes
vos outros q soes presentes
todos deueys fylhar doo
Os que tinheis em mim noo
τ folguays com minha morte
antre todos lançay sorte
qual sera a mays cedo poo.

¶ E do mal que me fyzestes
entam sereys la lembrados
τ daquestes meus criados
que matastes τ prendestes.
Empero todos perdestes
em mym hũa nobredoa
sobre todos fuy coroa
segundo todos soubestes.

¶ Nom foy outro no oriēte
tam perfeyto em saber
ja em mym foy o poder
descusar o mal presente.
nunca vsey em meu talente
de fazer cousa errada
mas esta morte foy fadada
pera mym τ minha jente.

¶ Eu cryey em gram alteza
hũu soo rrey τ seu irmão
sempre lhe beyjey a mão
τ rresguardey ssa rrealeza.
Fuy eu frol da jentilesa
τ na minha mocydade
vsey sempre de verdade
τ amey muyto franqueza.

¶ Quando eu ante vos era
todos massy esguardaueys
τ assy me adoraueys
como se vº eu fyzera.
Aguora ja nenhũ espera
rreceber de mym merces
antes me auorreces
como hũa besta fera.

¶ Nam ha rreynos ē cristaõs
que em todos nam andasse
τ que sempre nom achasse
nos rreys delles doces mãos
fydalguos τ cydadaõs
me seruiam lealmente
τ agora cruelmente
me matarõ meus jrmãos.

¶ Eu andey ꝑ muytas partes
τ por outras boas terras
muyta paz τ tã bē guerras
vy tratar per muytas artes.
Mas aqueste dia martes
foy jnfeles pera mym
o meu sangue me deu fim
τ rrompeo meus estendartes.

¶ Naturays de portugual
contra mym armas fylhastes
certamente muyto errastes
que vº nam merecy tal.
Roubastes meu arrayal
toda minha artelharia
grande enveja τ perfya
ordenou todo este mal.

¶ Mal vº lembrã as merces
que vº fez el rrey meu padre
com a rraynha minha madre
ou melhores descedes.
Eu nam ssey que guanhares
por minha destruiçam
se o fezestes sem rrezam
desto vº nam lauareys

¶ Muyto trabalho leuou
meu padre por vº criar
muyto mays por vº liurar
τ leyxar como leyxou.
Se vº ele acrecentou
em mentres quele viueo
nem per mym nam faleceo
quanto meu tempo durou.

¶ E vos fostes os culpados
causadores de meu dano
que ja passa de hũu ano
que andays acõsselhados.
τ com rrostros desuayrados
me falaueys cada dia
mas de vos nam me temya
por que ereys meus criados

¶ Natureza nam deuera
conssentir uº tal crueza
bem mostraraje em tilesa
alguũ que me vyda dera.
Mas no ano desta era
tays pernetas ssam correntes
que amyguos τ parentes
todos andam por derrera.

¶ A morte tenho passada
τ o medo ja perdido
pero leuo gram sentido
da jnfante lastimada.
τ da rraynha muyto amada
τ meus filhos orfaõs leyxo
desto todo me aqueyxo
que da morte nam do nada.

¶ Ora la vº temperay
o melhor que ja poderdes
pero sse ysso teuerdes
ssempre vº bem auysay.
Cada dia esperay
rreceber por v me distes
a que ora de mym vistes
quando vº vier tomay.

¶ Cabo.

¶ Todos fostes muy jngratº
τ de pouco conhecer
bem quisestes parecer
os do tempo de pylatos.

¶ Cantigua sua.

¶ Que te᷈ nojos todos cessem
⁊ ajas alegres dias
fazeme como querias
senhora que te fyzessem.

¶ Se sentisses tu senhora
amor assy a fycado
⁊ tam curto guasalhado
como sente quem tadora.
Prazer ty a que te deessem
o que tu dar poderias
pois faze como querias
senhora que te fizessem

De gil de crasto a anrrique dalmeida hido para castela.

¶ Pois q̄ soes huũ dos q̄ vã
nesta yda de castela
seruos aa conselho saão
corregerdes bem assela.
Que va sempre muy be᷈ chea
⁊ bem rry a dos arçoẽs
por nom leuantar rrezoẽs
falar pouco depoys de çea

¶ Esse em vossa companha
forem algũas donzelas
nunca v᷒ ssays dantre elas
como ja tendes por manha.
nom syruaes sempre cõ hũa
sse v᷒ mal disser a dyta
mas a quem v᷒ disser y ta
a essa tanjey amula.

¶ Cõ que᷈ v᷒ der milhor jeito
seruires polo caminho
nom leyxes de sser daninho
quando virdes tempo feyto.
Onestamente ⁊ de dia
seja de vos bem seruida
⁊ por cousa desta vyda
nam leyxes descortesya.

¶ Como virdes o ar pardo
que ja quer anouteçer
sse tomar queres prazer
nunca v᷒ mostres couardo.
leyxay u᷒ fycar de tras
mais day os moços diante
huũ de suyo de gualante
jaa sabeys como sse faz.

¶ Ordenay como se deça
pera correger a cylha
⁊ ençima da mantilha
fazey cousa que pareça
Sendo loguo perçebido
que muy be lha alimpeis
porque nam seja sabido
nada dysso que fazeys

¶ Se a virdes muy queyxosa
a mostray grande braueza
dizelhe pera fermosa
nam he jsso gentileza
Seja a ssela tornada
com gram prazer ⁊ le diçe
dizey que nam digua nada
que faraa grande pequyçe.

¶ Como fordes na pousada
oulhay bem pola fazenda
⁊ a bolsa bem goardada
que ningnem v᷒ nã entenda
Conuyday de boamente
qual quer home᷈ estranjeyro
mas huũ olho nele atente
⁊ o outro no parçeyro.

¶ Tereys muy bem auisado
alguũ vosso seruidor
que᷈ v᷒ tragua do milhor
por goardardes vosso estado
Remolhayu᷒ ameude
com medo do ar da serra
que nam he pouca saude
rregraruos bem nessa terra

¶ Cõ esses grandes senhores
tomares conuerssaçam
sse falarem em amores
a hy soẽs vos myrylhão.
sse falarem na batalha
nam digaes que fostes preso
mas mostrayu᷒ barbiteso
sem temor de nemigalha

¶ Dyzeylhe se eu la fora
nom creaes que me tornara
que primeyro nam tomara
a ponte ⁊ mays çamora.
A larguay muy bem apoja
nom façaes parente proue
com tanto que v᷒ nam tome
quem la virdes que sse anoja.

¶ Se algue᷈ virdes queyxoso
fazey a farinha branda
cau᷒ ssera proueytoso
espaçar esta demanda.
Nõ cureys de tomar brigas
com nenhuũ desses delaa
que nam ay pera mygas
hyndo tam poucos de quaa.

¶ Ser v᷒ la chamar alguem
demo longuo negro ⁊ feo
metey a barba no sseo
⁊ calayu᷒ muyto bem.
Ante mordey castelhano
que falardes portugues
goardayu᷒ dalgum rreues
que vos pode trazer dano.

¶ Fym.

¶ Meus cõselhos nõ sam taes
nem estaua perçebido
pera vos serdes seruido
de mym como desejaes.

E pedro omem a dõ joam manuel.

¶ Pois rreposta nã sescusa
ha que me trouxe luis
inuoco el rrey dom denis
da liçença da rretusa.
em seu nome muy tratado
aueraa tam çedo fym
que se crea ser em mym
o seu escrito dobrado.

¶ Luys de santa maria
chegou em ora tam forte
que lhe ocupou a morte
sua pousentadaria.
nam pude dele fruir
soo mente nouas de vos
dizem que e longe de nos
olhos que o vyram hyr

¶ Leyxou a vila tam rrasa
o medo desta conquista
que todos perdem de vista
a mais derradeira casa.
a minha nam se derrama
nem pode hinda que queira
por que tenho a companheira
como nũca tereis dama.

¶ Cadas como com valeçer
a desora partirey
para onde nam no sey
nem se deue de saber.
peraa corte nam seraa
a poder de minha tença
por que nunca como laa
do que me vem de valença.

De mym nã sey mais q̃ digua
doutros muytos direy eu
se viesse jubileu
que segurasse fadigua.
pero pois o hy nam ha
socorrer e leyxar far
mas dasse tanto auaguar
que nam sey quando sera

¶ A famada ocuinal
hya caminho da beyra
e torçeo desda guerreyra
por me dar noua de mal.
dysse me mays a malina
depoys dos segredos mores
que todolos mantedores
vᵒˢ leyxaram faustina.

¶ Fym.

¶ Cousas q̃ nam vẽ nem vã
e escuso por vaydades
bem sey das sete çydades
bem sey de fernam seram.
e sey que desque vᵒˢ vy
nam tomey nenhuũ prazer
e mays sey quando naçy
nam sey quandey de morrer

¶ Cantigua de pedro omẽ quãdo casou a senhora dona branca coutinha.

¶ Poys a todos se casaes
o viuer seraa tam caro
lembreuos o desemparo
senhora que nos leyxaes.

¶ Leyxaysnos toda trestura.
leuaysnᵒˢ toda alegria
ditosa foy a ventura
de quem vyo a sepultura
primeyro que tam mao dia.
pera que viuemᵒˢ mays
poys morrer nᵒˢ esta craro
viuendo no desemparo
senhora que nᵒˢ leyxaes.

¶ Sua.

¶ Tristes de nos que faremᵒˢ
vossa merçe que faraa
com quem nᵒˢ consolaremᵒˢ
ou quem nos consolaraa.
ho morte porque tardays
vyn dasynha ser em paro
de quem ve o desemparo
senhora que nᵒˢ leyxaes.

¶ De pedro omẽ estando fóra da corte: a dom joam manuel que estaua com el rrey em almeyrim.

¶ Sem tocar o zodiaco
sem tocar musas nem fadas
sem tocar venus nem baco
sem fazer outras leuadas.
vᵒˢ começo de pedir
da corte nouas
se nam morreroes de rryr
de minhas trouas.

¶ E sam de nosso senhor
as que primeyro queria
e nam ja do saluador
se nam as do rregedor
da sua caualaria
e dessoutro souerano
venham todas
e sse lhe fazemᵒˢ vodas
antes dano.

a conquista dalem mar
mescreueyssymos alem
por queu se deste escapar
nam espero de parar
menos de jerusalem.
ca por nam saber se vam
nam sey se vino
e tam bem de jam falcam
se he ja catiuo.

¶ Dalmeydas hẽ dalmeyrĩ
tafozeas corcegar
nam quero nouas saber
nem que as saybam de mym.
na cruzada folguarey
falar o conto
e se a tomou el rrey
que he gram ponto

¶ Da corte saber queria
para onde faz mudança
e se fycou da badia
se nam a vaã esperança

ꝛ tambem ſenꝰ dam caſa
poꝛ janeyro
dayme la fygua o poꝛteyro
coꝛ de bꝛaſa.

¶ Fim.

¶ Das damas çerta nouela
me manday tam bem ſenhoꝛ
ꝛ ſe agoꝛa laa donzella
que queyra ſaltar janela
coma de ſouto mayoꝛ.
poꝛem o que ca emtendo
la ſecre
ſenhoꝛ em voſſa merçe
mencomendo.

¶ Repoſta de dom joham manuel.

¶ Co deſuyo que tomaſtes
açerca da poeſya
grandemem te menſſynaſtes
o que me muyto compꝛia.
deyxoa poys a dexey
de mym partir
ꝛ diguo as nouas que ſey
oꝛa ouuyr.

¶ Do duque folguay ſaber
que he bẽ ſam a os louuoꝛes
ꝛ tem deyxados amoꝛes
que antes ſoya ter.
mas que deyxou nam creaes
gualantaria
antes nele creçe mays
cada dia.

¶ Eſta tam bem de ſaude
o pꝛinçepe exçelente
com quem creçe juntamente
muyta emfynda vertude.
nom quer ter nẽ ver poꝛteyro
he muy ſeſudo
ꝛ ſe nam foſſe momteyro
teria tudo.

¶ Do caſamento dizer
nam ouço o que ſeraa
mas ſey que outras vodas ca
pꝛimeyro elle a de fazer.
ſegundo ho mundo ſoçobꝛa
eu me fundo
quee ſandeu quẽ ſe nã logra
deſte mundo.

¶ A cruzada tem tomada
rrey ꝛ pꝛinçepe tam bem
ꝛ he noua leuantada
quymos no veram que vem.
mill couſas mando fazer
de pꝛeto ꝛ bꝛanco
ꝛ aqui neſte barranco
ey de moꝛrer

¶ Eſta meſma acupaçam
a muytos vejo trazer
os quaes creo que faram
de ſua perda a meu ver
eſpero os naquele dia
neſte laço
que graça poꝛem ſeria
ſeu la jaço.

¶ No feyto de joam falcam
aynda ſaguoꝛa ſonha
ta foꝛcas capitam
duarte galuam bergonhal
a coꝛte aquy ſe manca
neſte pꝛado
mas loguo benauentea
abꝛill paſſado.

¶ Jejunnaram damas todas
caa tres dias ſem comer
mas vos nam podereys crer
tal rrayua de fazer vodas.
ꝛ tam bem nam ſe lançaram
ſoo huũ oꝛa
mas aynda nam caſaram
atee guoꝛa.

¶ Fym.

¶ Da abadia me fycou
afadigua que tomey
ꝛ ſe çenteo leuey
a cruzada me chofrou.
polas nouas que vꝰ mando
mandareys
çerteficarme de quando
vos vireys.

¶ Pedroomem a dom gon/
çalo coutinho.

Soube drrey neſte caminho
que ſe oyz qua polas rruas
candays vos ꝛ dõ martinho
dous com duas.

¶ O dyabo nam achara
tall agudeza damoꝛes
nẽ manha com que pinchara
tam rrijo competidoꝛes
Deſuiar deſte caminho
que caſſe oyz polas rruas
que hũa rry de dõ martinho
ꝛ de vos duas.

¶ Breue que fez pedꝛoomẽ
a huũs momos.

¶ Viuemꝰ deſeſperados
fazem nꝰ mill deſfauoꝛes
creçem nꝰ noſſos amoꝛes
dobꝛanſſe noſſos cuydados
Sã nꝰ muy boõs os ſeraãos
para ver ꝛ deſejar
ꝛ momos para tomar
hynda que lhes pes as mãos
com que nꝰ ham de matar

Anrrique dalmeyda pasaro aeste moto.

¶ Que verey que me contente.

Pois sem vos prazer nã sente
minha vida nem deseja
se mandays que vº nam veja
que verey que me contente

¶ Mas he forçado que sejam
sempre ja meus olhos tristes
pois meu bẽ nam cõsentistes
nem quereys q̃ mais vº vejã.
vida triste descontente
& mynha conuem que seja
se mandays que vº nam veja
que verey que me contente.

¶ Outra sua.

¶ Ja me nam ha de pesar
meus olhos em que quebreys
poys vº nam ey de mostrar
em que ja prazer me deys

¶ Nam me podeys fazer bẽ
nam vos ey nunca mester
poys meus olhos nã vº quer
quem em seu poder vº tem.
Podeys vº ãbos quebrar
que myngoa me nam fareys
poys vº nam ey de mostrar
em que ja prazer me deys.

¶ Danrrique dalmeyda em louuor de sua dama.

¶ Bẽ sey eu quem tem poder
froll do mundo se chamar
seu nome quero calar
por meu mal se nam saber

¶ Esta dama por quem digo
tam gentil pareçer tem
que todos quantos a vem
sam postos em gram perigo.
porque se podem perder
todos pola desejar
seu nome quero calar
por meu mal se nam saber.

¶ Anrrique dalmeyda a dona ysabel da sylua estã do pa casar com hũ velho auisandoa do que aconteçeo a joam de melo comendador de casevel que velho casou com hũa moça.

¶ Casar ssy mas nã consento
com hydade de caseuell
ante vos nunca caseuell
que fazer tall casamento

¶ Sabey o tomar didade
pouco mais ou menos vossa
porque queyra & por q̃ possa
comprir bem vossa vontade.
& seja vº escarmento
o bom senhor de caseuell
que tantas vezes canseuell
des que fez seu casamento.

¶ Anrrique dalmeyda aeste moto.

¶ Se fosses meu algum dia.

¶ Com quanto nojo me desse
coraçam tua porfia
& por mall que me fezesse
tudo te perdoaria
se fosses meu algum dia

¶ Mas sabes que outro bem
nunca vejo dahy jaa
se nam em seruir a quem
tam triste vida me daa.
& que mays mal me fyzesse
coraçam tua porfia
& por pena que me desse
tudo por bem auria
se fosses meu algum dia.

¶ Ajuda do coudel moor.

¶ Nom me estu coraçam
nosseo menos que brasa
buscas minha perdicam
& esme nysso huun ladram
que ssabos quantos da casa.
mostrasme que he yntarese
seguir de nojo persia
& buscaste quem ma desse
mas todo te sofreria
se fosses meu algum dia.

¶ Anrrique dalmeyda aeste moto.

¶ Que milagre faria dios.

¶ De quãtos penam por vos
a que nunca fazeys bem
que milagre faria dios
se penasseys por alguem

¶ De quantos vossa crueza
tem lançados a perder
& vidas fazeys ssofrer
tristes mays que a tristeza.
por sse mays vingar de vos
quem mays seruida vº tem
que milagre faria dios
se penasseys por alguem.

¶ Ajuda do coudell moor.

¶ Poys pena tam dessygoal
me fazeys sempre sentir
poys nam presta nem me val
amar vº nem bem seruir
poys que tam çerto de vos
he dar mall & nunca bem
que milagre faria dios
se penasseys por alguem.

¶ Cantigua darrique dalmeyda.

¶ Contemtayvos do que vistes
meus olhos porque jamays
nam espero que vejays
quem vos faça menos tristes.

¶ Que ja nam vereys prazer
com que vosso mal abrande
nem podeis ver mal tã grãde
pareste vos esquecer.
assy cuidar no que vistes
vos conpredesoje mays
que nam hahy que vejays
que vos faça menos tristes.

De johã barbato como se ham de seruir as damas; daa sete auisos:

¶ Deu me tays padeçimẽtos
com tam diuerssos cuidados
quem seruy
Que fiz sete a visamentos
& todos espermentados
ja por my.
Nos quaes serey verdadeiro
mas veja quem os seruir
vise mete
queeo auiso primeiro
que lhe compre de seguir
todos sete

¶ No primeyro de tua dama
antes que seja seruida
te dooppejo
& sabe por sua fama
se la quer ou he querida
ne sse em ssejo
por que se querida for
com tanto que la nam queyra
poderaas
darte por seu seruidor
mas se quis bem da primeira
partyraas

¶ No segundo v for posta
hũa vez tua firmeza
conssentyres
com trabalhada crueza
que te venha maa rreposta
nam partires.
Que vees que se syguiraa
se deyxares esta hũa
& outra metas
nunca tagasalharaa
em dias molher nenhũa
que cometas

¶ No terçeyro aperçeber
lembrete que te auiso
em tal maneira
vpuseres teu bem querer
que seja molher de syso
& verdadeira.
& peroo presumiras
que o seu bom entender
te embeleça
syruia bem & veras
que milhor he de mouer
que a peca

¶ No quarto assegurar
se poderes seja çedo
nam te leyxe
& se vires tal lugnar
tu lhe poẽ as mãos sem medo
que sa queixe.
ca que te la bem entenda
fymge nam no entender
& elhe viço
& posto que se defenda
todo seu bom defender
he fingydiço

¶ E no quinto tu rretem
hũa vez teu bem querer
se poderes
posto que lhe queyras bem
nam lhe des aentender
quanto lhe queres.
que see molher entendida
conheçera bem teu jeyto
& maneiras
& ja toda tua vida
sempre lhe seras sojeyto
que nam queyras

¶ Se quiseres seruir amores
tu sabe tomar aqui
tua ventagem
esta dama que serуires
nam valha menos que ty
por linhagem.
milhor he menos amado
posto q̃ soo mẽ afronta
com verdade
& querer em alto estado
que doutra de menos conta
liberdade.

¶ Fym.

¶ No seteno te concrudo
se quiseres bem querer
faz mester
que te tenha por sesudo
& de muyto entender
esta molher.
Tu se lhe tal seruidor
que saybas bem encobrir
sa poridade
& eu fico por fiador
quem sa dama assy seruir
que a rrecade.

¶ De Johã barbato a violante demeyra.

¶ Senhora contarvos ey
preguntay a vasco palha
de hum sonho que sonhey
& do prazer que tomey
tornousseme em namigalha.
vos vinheys dcas da rrainha
vos dezyeys que fogida
& dizendo ho mezquinha
poys ventura tal he minha
ja creo que sam perdida

¶ Edouueys huũ grãde brado
quem se doy daquesta dama
eu jazia ja deytado
acordey estrouynhado
⁊ saltey fora da cama.
⁊ eu vꝰ nam conhecy
quando foy pola primeyra
mas despoys que vꝰ bem vy
senhora disse assy
soys vyolante de meyra

¶ Quãdo cheguastes amym
vos fycastes bem çyrada
⁊ dyrestes ho coytada
nam achaua outra pousada
o demo me trouraquy.
Ala fee dysseu donzella
seres mynha conuydada
poys vꝰ tenho na pynguela
eu creyo que soys aquela
que doona seres tornada

¶ Vos vinheys este seram
mays vermelha que abrasa
eu fuy loguo temporam
⁊ tomeyuꝰ pola mam
me tyuꝰ dentro em casa.
Aly dezyeys senhora
o por amor dos donzes
por merçe lançayme fora
perdoayme por aguora
o milhoma vossos pees

¶ Al me podes vos rroguar
rrespondy senhora eu
mas de vꝰ esta quitar
eu seria de tachar
por muyto mais que sandeu
Em tam senhora vꝰ vya
em tamanho desbarato
que vossa merçe dezia
pois ventura tal he minha
entreguayuꝰ joham barbato

¶ Estas rrezões acabadas
por delas nam fazer custa
nẽ despender mays palauras
descalçey loguo as braguas
⁊ aparelheyme de justa.
eu vꝰ posso afirmar
⁊ dar de mym esta fee
que na tyuemos vaguar
peranꝰ hyrmꝰ lançar
⁊ começamos em pee

¶ Despoys disto começado
vos dissestes hũa cousa
poys ja tal he meu pecado
amiguo se de lembrado
nam no sayba rruy dessousa.
Respondiuꝰ desta guisa
nam tenhays esta sospeita
mas por ver vossa deuisa
desuesty esta camisa
quero ver como soes feyta

¶ Vos desuestistes vꝰ loguo
⁊ oulhastes bem parele
quando vy o mays do joguo
eu ardia em tal foguo
que nam cabya na pele.
Tornastes vꝰ a vestyr
⁊ lançastes vossos contos
camecastes de carpir
quem me soya a seruir
me faz andar nestes pontos

¶ Bradando cõ boa vontade
ho meu senhor ⁊ amiguo
pois le vaes a virgindade
obray ora piadade
⁊ casay ora comiguo.
eu o quero ja fazer
senhora por conçiençia
mas vos tinheys o poder
⁊ eu nunca pudauer
hũa vossa audiençia

¶ Vos vistes que me prazia
senhora de eu querer
⁊ vossa merçe fazia
comsyguo tal alegria
que choraueys com prazer
E amym que nam pesaua
me mataua bem de rriso
por que senhora cuidaua
que aquilo que sonhaua
que era em todo meu syso.

¶ Fym.

¶ Toda a noyte trabalhey
em andar nestembelço
mas sabey quando acordey
eu çertamente machey
hum muyto valente peço
Quassy deos me dey vitoria
em tal prazer qual estaua
despois ouue menẽcoria
por perder aquela groria
senhora em queu estaua.

DE dioguo fogaça a hũa dama muyto gorda que se encostou aelle ⁊ a cayram anbos ⁊ ella disselhe sobre ysso mas palauras.

¶ Rifam:

¶ Que gentill feyçã de damas
nam sey como volo digua
que tudo he cu ⁊ mamas
⁊ barrigua.

¶ As mamas dã polo ventre
o ventre polos joelhos
⁊ do cu a toos artelhos
gordura sobre salente.
a rrenenguo de tais damas
he forçado que o digua
ca tudo he cu ⁊ mamas
⁊ barrigua.

¶ Corregeram na muy bem
pero foy com muyta pena
calhe fizeram querena
no rrio de sacauem
Reuolta dambalas camas
ysto com muyta fadigua
ca tudo he cu ⁊ mamas
⁊ barrigua.

¶ Corregeramlho costado
mas aquilha fycou podre
rramẽ daramlha cõ hũ odre
do auesso trosquiado.
& com tres peles de guamas
muyta estopa destrigua
ca todo he cu & mamas
& barrigua.

nam prestou calafetar
por que faz aguoa porfundo
ja nam ha crespym no mũdo
que lha podesse vedar.
ho diabo dou taes damas
he forçado que o digua
ca toda he cu & mamas
& barrigua.

¶ Cabo.

¶ Mas q̃ brarã lhas estoras
em costouse sobre mym
teue debayxo crespym
bem acerca de tres oras.
ja rrenegaua das damas
sayo com muyta fadigua
debayxo de cu & mamas
& barrigua.

¶ De dyoguo foguaça.

¶ Ay molher eu vᵒs ey medo
da yra de dom fadrique
guardayuᵒs dauer huũ pyque
ou anday co rrabo quedo.

¶ Vejo vᵒs tal condiçam
que dũ soo nam soes contente
quem a corna nam consente
vem lhe de bom coraçam.
avey bom conselho cedo
sem tem deys de vᵒs casar
confessar & comunguar
ou andar co rrabo quedo.

¶ Nã da deos dũ homẽ soo
ser contente hũa molher
& quem mays que huũ quiser
o demo aja dela doo.

julgua luys da zeuedo
que tem a vara del rrey
que moyra segundo a ley
ou ande co rrabo quedo.

¶ Cantigua sua.

¶ Que malgũs vissem sobir
& me vejam tanto enfundo
nam sespante quem me vir
que assy entrou o mundo
& assy ha de sayr.

¶ O mundo faz mouimento
pero nunca he mouido
do ganhado faz perdido
do perdido guanhamento.
faz sobyr & faz cayr
do mays alto o mays pfundo
poys nam prasme quẽ me vyr
que assy entrou o mundo
& assy ha de sayr.

¶ Outra sua.

¶ Deos nã daa cõssentimẽto
tu seres de mym seruida
ca he contra mandamento
& he teu destroymento
da onrra como da vida.

¶ A vontade he contrayra
da bondade & da rrazan
que seguyr seu coraçam
de todo syso desuayra.
deos nã deu conheçimento
da maldade conheçyda
poys passar seu mãdamento
he vosso destroymento
da onrra como da vyda

¶ Outra sua.

¶ Poys quem amo quis assy
mynha morte conheçida
pesame porque naçy
desprazme de tanta vyda.

¶ Vyda tanta ja nam quero
& desejo minha fym
ale dyçe nam espero
de quem amo mays qua mym
Poys que sempre bem seruy
me faz triste na partida
pesame por que naçy
desprazme de tanta vida.

De fernam lobato a hũa senhora que seruia.

¶ A vos a que por meu mall
meu seruiço obriguey
que por morte acabarey
de vᵒs ser sempre leal
Tantossam vosso senhora
quanto eu de mim conheço
que nam quisera ser agora
polo mal que ja padeço

¶ Ca ẽ mym nã estaa poder
senhora de me partyr
nem vontade de seruir
nunca maa de faleçer
ca rrayna meu coraçam
onde jaz na parte esquerda
por temer que sem rrezam
ha dauer muy grande perda

¶ E que perda tanto seja
quanta vᵒs dyzer nam posso
a vontade de ser vosso
he senhora mays sobeja
ca segundo meus sentidos
vᵒs fazem senhora de mym
os meus males conheçidos
vᵒs faram ver minha fim.

¶ Vossa fala graçiosa
me tem posto tal cuydado
que per mym nã sam ousado
dyzer sem liçença vossa
mas peroo que tal desejo
algũ homẽ ter quisesse
em amar a tam sobejo
nam creo que ser podesse:

A vos per quem tribulança
o meu mal he a tam grande
que me faz vᵒˢ nam demande
a verdadeira esperança
ꝛ vos senhora poderosa
fares bem satisffazer
com vontade piadosa
a quem viue sem prazer

¶ Fim.

¶ De mym se poderaa dizer
que vᵒˢ amo lealmente
sem poder de vos saber
senhora se soes contente.

¶ De gyll moniz.

¶ Poys naçy por vᵒˢ amar
ꝛ ser vosso ta morrer
sem me partir
eu nam deuo rreçear
coytas trabalhos sofrer
por vᵒˢ seruir.
ca poys sempre vᵒˢ amey
ꝛ vᵒˢ amo çertamente
dizer posso
que ja nunca poderey
doutra ser jnteyramente
se nam vosso

¶ De vᵒˢ eu aquele ser
que vᵒˢ sempre fuy ꝛ sou
a te gora
vos o deues firme crer
que sta fe nam se mudou
de mym senhora
poys que outra liberdade
nunca pude desejar
nem queria
se nam soo vossa vontade
sempre comprir ꝛ guardar
como deuia.

¶ Eu nam creo que naçesse
quem mays males soportasse
nem semtysse
nem que damar me vençesse
como quer que bem amasse
ou seruisse
ꝛ coytas desesperadas
ꝛ tantos padeçimentos
tenho passados
que soo desserem lembradas
os meus tristes sentimẽtos
sam tornados

¶ Poys leyxarey por vẽtura
de vᵒˢ sempre ser leall
sem gualardam
ou fara minha tristura
meu desejo querer all
por çerto nam
ante soportar aquela
vida mal auenturada
em que naçy
por vos se suda donzella
mays dina de ser amada
de quantas vy

¶ Aqueles que bem amaram
ꝛ lealmente seruiram
no passado
fama de sy vᵒˢ leyxaram
polas penas que sentiram
ꝛ cuydado
A qual quer que bem ama
de ssy leyxa tal memoria
em meus dias
eu soo deuo ser na fama
em hũa yguall gloria
com mançias

¶ Fym.

¶ No vos minha esperança
todo meu bem ꝛ prazer
tam sem medida
minha grande segurança
em cujas mãos ꝛ poder
he minha vida
tanto deuees ser lembrada
ꝛ com tam grande sentido
de meu dano
quanto soes vos desejada
ꝛ seruyda sem partido
nem em guano.

Da fonso valente ba senhora dona guyomar de castro.

¶ Triste eu seguyo mar
donde fermosura mora
vy tam descreta senhora
ꝛ dama taм sengular
que nam compre naueguar
a desora.

¶ Este mar he muy briguoso
tem enissy muy doçes portos
he dares muy auondoso
de naueguar periguoso
que tem ja mill omẽs mortos
Este mar he guyomar
adyesa que se adora
esta se deue louuar
esta se deue adorar
por senhora.

¶ Cantigua.

¶ Dondestas que no te veo
ques de ty esperança mya
amy que ver te deseo
mill anhos se me faz hũ dia.

¶ Mas tal es tu hermosura
y tu terna juuentud
que con tu gentill fegura
me fieres y das salud.
comiguo mysmo guerreo
sy desamar te podria
mas all fim catiuo creo
que dar de tu senhoria.

¶ Grosa da fonso valente a esta cãtigua ẽ hũa partyda.

¶ Que triste partyr party
que dolor y que deseo
que vida tenguo senty
desconsolado de my
dondestas que no te veo.

que ando triste mirando
no veo tu senhoria
la muerte ando lhamando
lhorando ando cantando
ques de ty esperança mya

¶ Neste canto dolorido
desta aussencia que poseo
con este negro doluido
es gran cuydado venido
amy que ver te deseo.
Por saber se es lembrada
desta triste passyon mya
por saber sse es guardada
la fee que te tengo dada
myll anhos se me faz hũ dia.

¶ Y ando loco syn seso
delcoso syn ventura
de mill passiones açeso
todo my plazer despelo
mas tal es tu hermosura
Que sy penssa my memoria
tu beldad yn multitud
de tus graçias y tu gloria
me da gloria tu vitoria
y tu terna jouentud.

¶ Mas ay q̃ nyngũa buena
vida por ty mas segura
es my mall mayor que suena
es por ty clara my pena
que com tu gentill fegura.
Te posyste dos senhales
de bondad y de vertud
mas no te duelen mys males
que son tales com los quales
me fyeres y das salud

¶ Mas tal salud de morir
do tu piadad no veo
claro te quiero dezir
sabe que por te fuyr
comiguo mismo guerreo
La rrazon me da la fe
que çierto bien me seria
diz my mal conssentire
mas amor me diz no sse
sy desamar te podria.

¶ Fym.

¶ Y con esta turbaçion
do mill consejos rrodeo
que te fuya my passion
me concluye la rrazon
mas all fim catiuo creo.
segum el luenguo çymiento
dell gran amor que me guya
ques vano tal mudamiento
pues quall byuo tal cõssyento
que dar de tu senhoria.

¶ Affonsso valente: ao coudel moor.

¶ Prudençia y descriçion
segum eu vos senhor suena
o curra de vos la buena
y perfeyta auisaçion.
pues çegue donde mas vya
y veo donde mas çyeguo
negue ell byen que tenia
ell mall que tengo no nieguo

¶ Ca nestes tristes amores
do my gualardon salargua
quanto mas le sufro cargua
mas le siento sus dolores
Amor me conproo dolor
my libertad apenhando
desto pido y demando
como sere my senhor.

¶ O coudel moor polos consoantes.

¶ Pues es çierta conclusion
que no lhoeue como truena
ell dezyr de vuestra pena
no me cause alteraçion
ny ala descriçion mya
procure mall assusyeguo
mas sy presunçion me guya
ante vos delha arrenieguo

¶ Ante vos com mil temores
my saber assy lembargua
que ya os rriendo my dargua
y las armas maas mayores.
mas alas conpras damor
de vuestras queras tornando
con aussençia le paguando
ell tiempo quita ell penhor.

De Ruy moniz nam estando bẽ com sua dama por fauoreçer outro.

¶ Donzela que me desama
de vꝰ tam bem conheçer
me pesa mays que pensaes
por que vejo vossa fama
em ponto de se perder
da qual vos pouco curaes.
quem cuydou que foseys tal
que por seguirdes vontade
negando vossa verdade
folguasseys com vosso mal.

Que vꝰ moueo a fazerdes
hũa cousa tam errada
por seguir maginaçam
e a folgar de viuerdes
com rrayua de namorada
em tam grande sogeyçam
Grande foy vosso pecado
que vꝰ sogygou a quem
vꝰ nam pode querer bem
nem sente vosso cuydado

¶ Se vꝰ tall vontade atura
em triste dia naçestes
bom vꝰ fora nam ser viua
triste foy vossa ventura
poys por quẽ hũu tal goestes
vꝰ tem caly por catiua.
poys pesarme rrezam he
por serdes de tal linhagem
mays que por vossa menagẽ
quebrardes nem vossa fee.

vosso bem tanto me monta
porem se foreys sesuda
nem perdera vossa graca.
ca vos deuera lembrar
como vº seruy seys anos
esqueçido de meus danos
sem vº nunca desamar.

¶ Fym.

¶ Poys nã he de comparar
vossa culpa sem escusa
do erro que vº acusa
quem vº podera saluar.

¶ Ruy monyz alegando ditos da payxam pera matarem hũa molher de que saqueyxaua.

¶ Expedite vnam mulie/rem mory.

¶ Por tall de nam pereçerẽ
as molheres virtuosas
nem suas famas perderem
as damas gentys manhosas.
assy sescreue senhores
na payxam por seu castigo
⁊ eu assy volo diguo
auangelista damores.

¶ Nom licet mittere eã in carbonum.

¶ Nam he necessaria cousa
desta molher fazer vida
em casa onde rrepousa
bondade tam conheçida.
por que seria pecado
daquesta viuer vnaim
mora fallso coraçam
do que deue mal lembrado.

¶ Secũdum legem debet mory.

¶ Segundo ley morrer deue
poys em sy tanto mal traz
a molher que se atreue
a fazer o questa faz.
as leys vmanas o querem
os direitos o consentem
⁊ os que dela se sentem
sempre sua fym rrequerem.

¶ Tole tole crucifige eã.

¶ Logo a crucifiquemos
poys se nam quer correger
ou morte cruel lhe demos
por mays males nam fazer
Por que se muyto andar
no lugar em que andamos
com as que mays desejamos
nꝰ a sempre detrouar.

¶ Hanc dimittis nom es amicus cesaris.

¶ Se viua sobala terra
leyxamos quem nº quer mall
destroyndo o mays leall
consentyndo quẽ mays erra.
ymigos das nossas vidas
somꝰ verdadeiramente
⁊ nam das nossas soomente
mas das q̃ temos seruidas.

¶ Tradidit eam illis vt crucifixeretur.

¶ Com pregam seja leuada
desta gentill corte fora
esta ymiga prouada
da fama de hũa senhora.

¶ Ruy moniz.

r. p. f. a. tyll.
maçaroca fryta
desprazer de quem vꝰ ama
pareçes galante dama
que a todos dizeys ita.

¶ A todos mostraes hũ geito
maçaroca mal pecado
⁊ todos le vam sospeyto
de vossa laã hũ bocado.
r. p. f a. tyll
nam he bem q̃ mays rrepyta
vossas manhas gentill dama
poys de vos corre tal fama
que a todos dizeys ita.

¶ Cantiga de rruy moniz.

¶ Leyxaruº he easo forte
por que vº amo sem fym
amaruº he par de morte
pera mym.

¶ Nam posso detreminar
o que deuo de fazer
se seruir se vº leyxar
se por vosso me perder.
ca leyxaruº caso forte
he sem veruº minha fym
amaruos he par de morte
pera mym.

¶ Outra sua.

¶ Huũ nouo conheçimento
de meu padeçer esquiuo
me fez que torney ysento
de catiuo.

¶ Seruia quem nam curaua
de dano que me viesse
seruia quem menganaua
sem nenhũ bem que me desse
polo qual meu sentimento
de morto tornado viuo
me fez que torney ysento
de catiuo.

¶ De rruy moniz.

¶ Poys la trazes ẽ teu pũho
todo meu prazer çarrado
se en ouue mal falado
desses delo testemunho.

mas se eu nam faley all
se nam bem dame rrezam
senhora porque tam mal
feriste meu coraçam.

¶ Nam he muyto de louuar
quem fere cousa vençida
se a morte ꝛ a vida
quall quiser lhe pode dar
poys nam sey porque feriste
meu coraçam tam vençido
que milhor que ser tam triste
me fora nam ser naçido.

¶ Tu me feres com tristeza
que muy sem rrezam me das
cuidando que cobraras
pera quy tua crueza.
porque sabes muyto bem
se com ferro me ferisses
que saber podyalguem
o que calar presumisses.

¶ Se te praz ꝛ tu quiseres
que eu anojado viua
matame ho tu esquiua
mays que todalas molheres.
que nam he vida chamada
mas morte podem dizer
vida tanto anojada
como me fazes viuer.

¶ E ssento bem que dinera
ser me bem galardoado
mas bem vejo mal pecado
que nam naçy em tal era.
que cousa que por bem faça
a bem maqueyras contar
tu senhora cuja graça
nam leyxo de desejar

¶ Porende minha senhora
em concrusam eu te digo
mal fazer a teu amigo
em ta fama nam melhora:
que se nela melhorasses
eu te juro çertamente
aynda que me matasses
que seria muy contente

¶ E sse es de mym seruida
assy es de mym amada
que muyto seras culpada
em me ser desconheçida.
lembrete que te serui
ꝛ amey tam de verdade
despoys que te conheçy
que nunca mudey vontade:

¶ Fym.

¶ Em te manter lealdade
tenho eu gram dasessego
poys aue tu picdade
senhora do teu rrodrygo.

¶ Trouas de rruy monyz em que mete no cabo de to das hũa cantiga.

¶ Como quem morre viuẽdo
huũ viuer desesperado
senhora nam matreuendo
a dizer vᵒ meu cuydado
digo que por meu pecado
tam gentill vᵒ fizo dios
que soy yo muy mas contento
oyr mall librado de vos
que dotra com libramento

¶ Nam matreuo declarar vᵒ
minha coyta nam pequena
rreçeando danojar vᵒ
a quall por vos se mordena
mas cõ toda minha pena
tã gentill vᵒ fizo dios
que soy yo muy mas contento
oyr mal librado de vos
que dotra cõ libramento

¶ Sento triste pelo vosso
cuydado nam conheçido
o qual escreuer nam posso
como tenho no sentido
que por vos seja perdido
tam gentill vᵒ fizo dios
que soy yo muy mas contento
oyr mall librado de vos
que dotra com libramento

¶ Desposto por vᵒ amar
a fama perder ꝛ vida
sento nam ouso falar
minha pena sem medida
sentoa sem ser sentida
de vos que tal vᵒ fizo dios
que soy yo muy mas contento
oyr mall librado de vos
que dotra com libramento:

¶ Fym.

¶ Vos seres de mym seruida
por que tal vᵒ fizo dios
que soy yo muy mas contẽto
oyr mal librado de vos
que dotra com libramento.

¶ Cantigua de rruy moniz em que acõselha hũas senhoras.

¶ Senhoras conçedo
cymbrar ou casar
qua quem lhe tardar
par deos ey lhe medo

¶ E lembreuos bem
aquelas coytadas
que deos ja la tem
por tarde casadas.
a vey ora medo
sabeuos lograr
nam queyrays tomar
a morte conçedo

¶ E poys vistes duas
guardar de terçeyra
a ssentarlhea calueyra
vestidas ou nuas.
ꝛ com este medo
de tarde casar
nam compre tardar
mas cymbrar conçedo:

quassy fez aquela
por sua saude
que muy a meude
lhe dam cambadela.
e com este dedo
se pode mostrar
quem se foy furar
sem lume e com çedo.

¶ Quem gosta a doçura
e a pode saber
hao outro viuer
por desauentura.
por tanto sem medo
çymbrar sem tardar
qua vos a de pesar
de nam ser mays çedo

¶ Mas a que o gosta
nam lhe pesa nada
de ser caualguada
dylharga ou de costa.
passara dos doze
o mays nam he çedo
samor vos escoze
perdelhe o medo

¶ Goardar desperança
muyto perlongada
e seja lembrada
per nome costança.
que lambeo o dedo
despoys de gostar
e foysse fynar
do que vos ey medo

¶ Pegar pelas cristas
a qual quer escuro
çymbrar a nam vistas
he caso seguro.
e posto em segredo
folgar e calar
devtayvos andar
sem disso auer medo

¶ Ja sse nam costuma
pedir virgindade
e que sse presuma
nam ha hy verdade.

com mão ou com dedo
podesuos furar
sem a rreçear
nem disso auer medo

¶ Quem for derribada
pelo fodicam
quer caya quer nam
nam vaa rrufada.
assentarlho bredo
çymbrar e folgar
mas quem vos leuar
deue dauer medo

¶ E nam he mentira
que deos dysse a adam
fazey geraçam
e daquy se vos tyra
que folgar com çedo
nam he de prasmar
mas delhe tardar
deueys dauer medo

¶ Por ser defamadas
nam leyxes fazer
ca destas vem ser
as mays bem casadas
Ca nam he segredo
quẽ sabe folgar
nã perde casar
nẽ ajaes disso medo.

¶ Fym.

¶ Notay esta copra
e sabey como vay
a molher de meu pay
tomaya por sogra.
e nam sendo çedo
vos pode pesar.
mas se eu la entrar
perdey vos o medo.

¶ Outras de rruy moniz a tres freyres dum moesteyro.

¶ Senhoras vos todas tres
por que soes de muy bõ tento
por merçe rrespondeeres
e ysto decrarareys
em nome desse conuento.
dizemos qua antrenos
e todos tem por tençam
se nam he frade
que quem jaz cũa de vos
que lhe caya arma da mão
se he verdade.

¶ E tã bẽ muytos safastam
dandar cõ vosco damores
e qua pelo lugar catam
outros amores que matam
todolos vossos fauores.
e dizem que o ante cristo
ha de ser de vos gerado
por merçe decraray ysto
se quem vos coçou foy visto
em sua morte alterado.

¶ Cabo.

¶ E por que nos nã sabemos
tam bem arte do cantar
como vos nem naprendemos
em gram merçe vos teremos
emssynardes nos solfar
e maynday tudo num rroll
senhoras por vossa fee
e dizeynos em bemoll
se folguays por my fa soll
se por vt rre.

¶ Cantigua de rruy moniz a hũa molher q̃ elle ja conheçeo e mandoulhe hũa muyto maa rreposta.

¶ Dama do jentyll despacho
que pouco days por ninguem
eu sey que vos sabeys bem
se sam femea se macho.

¶ Eu vᵒ nam auorreçia
eu sey bem que vᵒ coçaua
⁊ que quando ma prazia
em osso vᵒ caualguaua.
poys se quer auey empacho
vos molher de pouco bem
de quem vᵒ em santarem
caualgou sem barbyquacho.

De tristam teyxeyra capitaão de machyco.

¶ Folguo muyto de vᵒ ver
pesame quando vᵒ vejo.
como podaquisto sser
que ver vos he meu desejo.

¶ Isto nam sey que o faz
nem donde tall mall me vem
sey bem que vᵒ quero bem
com quanto dano me traz.
mas ysto e para descrer
ter senhora tam gram pejo
morrer muyto por vᵒ ver
pesame quando vᵒ vejo.

¶ De tristam teyxeyra.

¶ Da pena a mays pequena
peroo tarde macordey
meus olhos taparuos cy
ho menos nam sentirey
o que vista mays mordena

¶ De vᵒ ver ou nã vᵒ vendo
nam sey certo qual quisesse
por que tal prazer ouuesse
que nam viuesse morrendo
came veio com tal pena
sem me poder rremediar
que mee forçado tapar
os olhos por nam olhar.
q̃ vendo mays mal mordena:

¶ Contra sua:

¶ Se ventura mordenasse
que vᵒ ja muy çedo visse
como queria
posto que me deos matasse
por que tall prazer sentisse
folgaria.

¶ Folgaria por cuydar
deuos ver como desejo
esperando descapar
ho meu mall mortall sobejo
que nã sey que me cansasse
per que deste mall partisse
soo hũu dia
saluo se deos ordenasse
que vᵒ ja muy çedo vysse
como queria.

De Jorge daguyar contras molheres.

¶ Esforça meu coraçam
nõ te mates se quiseres
lembrete que sam molheres.

¶ Lembrete que ee por naçer
nenhũa que nam errasse
lembrete que seu prazer
por bondade ⁊ mereçer
nam vy quẽ dele gostasse
poys nam te des a payram
toma prazer se poderes
lembrete que sam molheres

¶ Descanssa triste descanssa
que seus males sam vingãças
tuas lagrymas amanssa
leyxas suas esperanças.
ca poys naçem sem rrezã
nunca por ella lhesperes
lembrete que sam molheres

¶ Tuas muy grãdes firmezas
tuas grandes perdições
suas desleaes nações.
causaram tuas tristezas.
poys nã te mates em vão
que quanto mays as quiseres
veras que sam as molheres

¶ Que te presta padeçer
que ta proueyta chorar
poys nuncoutras am de ser
nem sam nunca de mudar.
deyxas com sua naçam
seu bem nunca lho esperes
lembrete que sam molheres.

¶ Nam te mates cruamente
por quẽ fez tã grande errada
que quẽ de sy se nam sente
por ty nam lhe daraa nada.
viue lançando preguam
por hu fores ⁊ vieres
que sam molheres molheres:

¶ Cabo.

¶ Espanha foy ja perdida
por le tabla hũa vez
⁊ a troya destroyda
por males quelena fez.
desabafa coraçam
viue nam te desesperes
caa que fez pecar adam
foy ama ãy destas molheres:

¶ Conselho de jorge daguyar ao conde de boorba que lhe mandou preguntar que faria em amores.

¶ Pois me tẽdes por amigo
a mym mesmo erraria
em calar ysto que digo
poys por vᵒ morrer mobrigo
⁊ sem vos bem nam queria
⁊ quem tenda muy grosseyro
jouuer yeys algum ora
que quem tem o tauoleyro
nunca tem o ver inteyro
como quem joga de fora.

¶ Se ouuesseys descolher
bem o saberey pyntar
mas nam esta em querer
nem rrezam nam ten poder
pera tal vos obriguar.
e assy vossa vontade
vos auiso demandar
a quem queyrays de verdade
com gram fee e lealdade
sem vos disso afastar.

¶ Deueys muyto de fazer
que vos ajam por calado
bom falar bom escreuer
vos fara muyto valer
mas nam seja furgycado.
pouco rryr pouco falar
ysto nam demasiado
goardarvos eys do zombar
nem mostrar muyto folguar
poys nã vem de grã cuydado

¶ Nã cureys de tall terçeyro
de que sejaes rreceoso
antes peytay hum porteyro
com vestido e dinheyro
e seja porem dioso.
sy ouuer compytidor
nam lhe mostreys amyzade
que e synal de pouca dor
antes muyto desamor
lhe mostray e maa vontade

¶ Quando quer q̃ lhe falays
sempre vos conheça pejo
e mostray que vos tornais
em dizer o que passais
que e synal de bem sobejo.
com as outras despejado
nam despejo tras faydo
em tratalas muy ousado
em gabalas nam calado
por ser mays fauoreçido

¶ Sa sy fordes esquençado
que vos vejays melhorar
quanto mays fauorizado
vos mostray mays agrauado
a quem com ella pousar.
mostrayuos seu seruidor
e que tudo lhe palrraes
queyxayuos de desfauor
porem cousa de fauor
jamays nunca lhe digaes

¶ Sem tal lugar vos topardes
nẽ prestem brados nẽ choro
por q̃ quanto aly ganhardes
desque rreconçiliardes
vos fycara ja por foro.
nam vos força bem querer
que vos tolha ousadia
que poderaa muy bem ser
que nam podereys auer
em mill anos hũ tal dia.

¶ O gabar vos nã defendo
poys ay pende vosso feyto
qua segundo o eu entendo
quãto vos guãhaes morrẽdo
com gabar seraa desfeyto
E nam soo o ja ganhado
vos fara gabar perder
mas damor bem esperado
podeys ser desesperado
se volo vem asaber

¶ Perfyoso seguidor
mas nunca façaes mudança
que sejaes bonança dor
nunca dançeys esta dança.
loguo podereys dançar
por segnirdes gentileza
hũa conuy nomear
ynda que e maa de dançar
a qualgũs chamão firmeza

¶ Fym.

¶ Seguyr ysto nam vos peje
eu senhor vos dou as armas
nã ajays por mall tomarmas
e buscar la quem peleje.
por que ja minha tençam
he seruir ẽs nhũa serra
pois ẽ fee limpa e nã ẽ guerra
estaa minha saluaçam.

¶ Cantigua sua.

¶ Hũ cuydado que me canssa
seo calo abafarey
oyzelo nam me descanssa
nem com outro nam samãssa
que farey.

¶ Viuo assy como deos sabe
neste cuydado que syguo
calo que ja qua nom cabe
temo que çeo ma cabe
poys abafo e nam o diguo.
doutra parte nam descanssa
oyzelo nom o oyrey
sopõrtalo a vyda canssa
e com outro nam samanssa
que farey.

¶ Outra sua.

¶ Pesares nojos tristezas
nam vos temo
poys viuendo vy o estremo
de todas vossas cruezas.

¶ Que me podeys ja fazer
com que me possa anojar
nem que posso ouuyr dizer
que me deua quebrantar
vsay vossas asperezas
nam vos temo
que ja passey o estremo
de todas vossas cruezas

¶ De jorge daguyar.

¶ Coraçam ja rrepousauas
ja nam tinhas sojeyçam
ja viuias ja folgauas
poys por que te sogyganas
outra vez meu coraçam.

¶ Soffre poys te nã soffreste
na vida que ja viuias
soffre poys te tu perdeste

soffre poys nam conheceste
como tou tra vez perdias.
soffre poys ja liure estauas
e quyseste sogeyçam.
soffre poys te nam lembrauas
das dores de que se apauas
soffre soffri coraçam.

¶ Jorge daguyar aeste moto.

¶ Ves amor que groria das.

¶ Paguareys lo que fezistes
ojos tristes desoy mas
sy matastes reçebystes
vyda com que sereys tristes
ves amor que groria das.

¶ Sy por vos muchos beuiã
vyda syn ningum plazer
sy por vos males soffryam
sy por vos biuos morriam
pueden byem vengados ser.
Que tal vyda rrecebystes
que sereys syempre ja mas
tristes pues tristes fezistes
syn plazer pues nolo distes
ves amor que gloria das

¶ Pregunta de jorge da/guyar ao coudel moor.

¶ A vos so cujo poder
jaz saber e descriçam
a vos que por entender
podereys perualeçer
o gram sabyo salamam.
a vos de quem bem conheço
sem aver que eu isto gabo
que oo que nam sey começo
sem trabalho e com despreço
podereys achar o cabo

¶ Pregunto qua de fazer
quem quer bem desesperado
a quem nunca pode ver
nem falar nem escreuer
parte de seu gram cuydado
nẽ tem a quem seja ousado
descobrirsse que lho dygua
omem tam desesperado
e tam desauenturado
que vyda mandays que sygua

¶ Reposta do coudel moor

¶ O vosso gentyl saber
quer tomar encrinaçam
cousas se leyxa dizer
que faz neste pec caber
a onrra dos que adam.
e poys meu nam desconheço
nysto soo senhor acabo
que num louuor de tal preço
ante vos o que mereço
se me torna em meu desgabo.

¶ Nem leyxo de conheçer
ser caso bem escusado
a quem saber rresponder
mas eu ey de prospoer
tudo por comprir mandado.
e dyguo poys he forçado
quem caso de tanta briga
quem quer ser rremediado
deue ser determynado
fazer amyguo damiga.

¶ Cantigua de Jorge daguyar.

¶ Myl cousas que de vos sey
me faram.
que ja vosso nam serey
nem por vos catyuarey
meu coraçam.

¶ Nam teres mays en poder
meu prazer nem meu pesar
nem por vos ey de perder
huũ soo dia de prazer
com quem o poder tomar.
Que taes cousas de vos sey
que me faram
que ja vosso nam serey
nem por vos catyuarey
meu coraçam.

¶ Jorge daguyar aeste moto.

¶ Qual quyera tiẽpo passado
fue mejor.

¶ No beuir mal enpreado
ho dias mucho peor
de dezyros soy osado
que qual quer tiempo passado
fue mejor

¶ No vyda la que beuy
muerte la que ora byuo
ho plazer que fue de ty
no te veo ja te vy
en seruir aquien no syruo
Que dire yo desdichado
pues calharme es pior
vino tan mal amygrado
que qual quer tiempo passado
fue mejor.

De fernã da silueira as damas em que se fez morto.

¶ Quem ja perdeo o folguar
nam pode nunca partirsse
de payxam
por ele deuem chorar
por ele deuem carpirsse
com rrezam
por ysso huũ saymento
me façam poys que fez fym
meu conforto
a taude e moymento
os synos dobrem por mym
que sam morto.

Poys q̃ me mostraueys tãto
donzelas dalta rraynha
e gram prinçesa
fazey por mim huũ tal prãto
que diguam da morte minha
que vᵒˢ pesa

⁊ muy cubertas de luto
mostrareys senhoras todas
gram sentido
chorareys por my muy mujto
oulhay bem pera que vodas
vᵒ conuido.

¶ Diraa senhora de sousa
era este mall logrado
huũ mancias
ho que milagrosa cousa
que o vy tam namorado
ha tres dias
direys vos gentill pereyra
com hũa fala que loẽs
tam oufana
ora fernam da silueyra
ja gora nam bradareys
por vilhana.

¶ Madaz carenhas lyanor
que tanto senhora minha
soya ser
diraa sento grande dor
morrerdes me tam asinha
sem vᵒ ver
que viestes qua fazer
dizey quem vᵒ demoueo
a tall jornada
por que viestes morrer
por quem vᵒ nam agradeçeo
nunca nada.

¶ Diraa que la que se chama
como quem por meu pecado
nam tem fe
quall foy a tam crua dama
que matou tall namorado
sem porque
dyra a galante vaquinha
ho que prazer he o destes
a tamanho
ho mana o prima minha
ho que seruidor perdestes
tam estranho.

¶ A da sylua que cuydey
qua veria por solaz
vermem laços
dyz com doo que de vos ey
o coraçam se me faz
em pedaços
⁊ canta muy em toada
esta letra que no coos
traz cosyda
da morte sam lastimada
por que sempre contra vos
fuy na vida.

Guabarma dona guyomar
⁊ diraa o morte fera
tam ezquerda
que cousa foste matar
ho jesu que homem era
ho que perda
quero o ver dentro na coua
quem vençoes leua consiguo
que lhe guabe
ho que dessa strada noua
pa meu jrmão dõ rrodriguo
se o sabe.

¶ Eys minha senhora vem
como que nada nam era
se a viste
diz bem sey que me quer bem
la v jaz de so a terra
esse triste
que da ora que me vyo
nunca mays seu coraçam
fez mudança
⁊ de quam tome seruio
nunca lhe dey gualardam
nem esperança.

¶ E diraa dona maria
a demelo ho coytado
guay de ty
que quando talma saya
triste desauenturado
eu te vy
huũ tal dessauor fazer
a essa tua senhora
que mespanto
⁊ nam te pude valer
mas pagalo ey aguora
neste pranto.

¶ Como esta que nomeey
chamam quem soyo chamar
que me valha
dyz ho quanto trabalhey
por vos sem nunca prestar
nemygalha
ho morte triste rroym
ho mall que todos enguole
muy profundo
desconssolada de mym
ja nam ha quem me conssole
neste mundo.

¶ Quando rrespõsso cantar
ouuyrdes em voz erguyda
temeroso
em tam vᵒ deue lembrar
como parto desta vida
saudoso
em tam lembre como vou
cõ gram dor com grã fadigua
desygoall
nã culpem quem me matou
que nam quero que se digua
dela mall.

¶ Fym.

¶ Esse quiser meu seruir
quem todo este prantear
fazer fez
bem me pode rressurgir
em tam tornarm a matar
outra vez.

¶ Reposta de dom johã de
menesespolas damas.

¶ Am trestas damas dõ ders
gram rrezã que vᵒ carpissem
com payxões
pus meus juelhos em terra
pedyndolhe que mouuissem
tres rrezões
⁊ disse conssentimento
senhoras ouuy huũ morto
que vᵒ fala

em tam ly o testamento
o que foy de desconforto
nom se cala.

¶ Y elas sem mays ouuir
todas juntas começaram
nesse ponto
tam fortemente carpir
quas lagrimas que chorauam
nam tem conto
cada hũa com gram sanha
dezia desta maneira
ho mezquinha
que perda que foy tamanha
morrer fernam da silueyra
tam asinha.

¶ A todas tanto pesou
que sentyndo grandes dores
preguntaram
vos sabes quem o matou
⁊ eu disse desfauores
o mataram
queram tantos ele soo
que os nam pode vençer
com bem amar
eu em parte ey dele doo
doutra folguo de morrer
polos matar

¶ Disse em tam dona joana
poys tall homem foy matar
pola querer
esta dama de vylhana
deuyalhe dalembrar
qua de morrer
⁊ poys que todas choramos
por causa desta senhora
nomeada
bem sera que lho diguamos
por fycar daquesta ora
cauy dada.

¶ Dona lyanor mazcarẽhas
dezia por vos chorando
morte fera
vem por mym nã te detenhas
poys o nam fyzeste quando
eu quisera

se tauyas de ter
fora quando a quem leuaste
deste fym
mas por me merçe fazer
ja guora poys o mataste
vem por mym

¶ Dona fylipa cuydaua
que polo nome que tem
⁊ nam por all
nam chorasse ⁊ ela choraua
ousadas assaz de bem
por vosso mall
desque se punha achorar
dizendo como ereys sua
carne ⁊ vnha
hera maa daqualentar
em que partes tende crua
polalcunha.

¶ Dona lianor pereyra
cobrou com vosco grã fama
de dorida
ca chorou de tal maneira
que nunca vos vistes dama
tam carpida
⁊ dyz que por vº vinguar
de quem vº daa dor cresida
sem rrezam
que jura que a de matar
se vº nam tornaa dar vida
seu yrmão.

¶ Choraua dona maria
como aquela que perdera
mays que diguo
dizẽdo que nam queria
mays viuer pois lhe morrera
tall amiguo
⁊ fazia tam gram pranto
que o q̃ diguo he nemigalha
nem faley
⁊ nam foy mayor nem tanto
o que se fez na batalha
por el Rey.

¶ Disse dona catherina
quando a sua copra leram
ay madra

vistes nunca mor mofyna
⁊ as outras rresponderam
nam senhora
dissela quam teste morto
se morrendo esperasse
de o ver
por lhyr dar algum conforto
mal viueu se me pesasse
de morrer

¶ A vossa terçeyra ⁊ prima
daquela que vº matou
pola quererdes
aquela ponho açima
daquelas a que pesou
de vos morrerdes
esta ponho por çymeira
esta dyz que aleyrastes
em morrendo
de muytas payxões erdeyra
myll penas que lhe causastes
em viuendo.

¶ Guabou vº dona guyomar
⁊ disse ho mal esquiuo
com tristura
amym mesma foy matar
quem matou este catiuo
sem ventura
ja da vida desespero
poys tall homem foy morrer
⁊ de tal fama
sem ele vida nam quero
nem deue querer viuer
nenhũa dama.

¶ Dezia vossa senhora
a quẽ quer quem vossos danos
lhe falaua
ho quanto milhor lhe fora
tomar os meus desenganos
poys lhos daua
nem me culpem se o mato
⁊ os outros quisto vyrem
se me querem
poys todo los azos cato
pera meles nam seruirem
desesperem.

¶ Disse quem me fez penado
em vyda morte soffrer
com doo da vossa
poys morreo tal namorado
ja nam quero mays viuer
ynda que possa
dizendo que muyto errara
quem vos deu tal galardam
sem no sentyr
como sela nam matara
o triste de dom joham
pola seruir

¶ Tamanho pranto fyzeram
sobre vosso saymento
ca segundo
as cousas qua ly disseram
vos deueys partyr contento
deste mundo
que todas se aly carpiram
sobre vossa sepultura
e mays eram
os rresponssos que dyziam
ouuy lhantos damargura
que fyzeram.

¶ Fym.

¶ Assy foy muyto sentida
vossa pena triste forte
muy danosa
a quem foy tam mal na vyda
devialhe ser a morte
proueytosa
elas fycam saudosas
todas cheas de payram
ara na mays
porem andam tam fermosas
como vos sabeys que sam
la ondestaes.

¶ Preguṫa de fernã da sylueira ao coudel moor

¶ Mandame que a nã queyra
nem syrua quẽ eu mays quero
e vontade estaa hynteyra
tam fyrme tam verdadeyra
que deyxala ser maa fero.
doutra parte o quela manda
tanto fazelo deseio
quem gran cuydado me vejo
ey descolher hũa banda
em ambas tenho gram pejo.

¶ Seja por vos conssélhado
senhor e eu seruyrey
pois me vejo em tal cuydado
em caso tam desastrado
que farey.

¶ Reposta do coudell moor.

¶ Em caso tam periguoso,
tam graue tam douydoso
qual he senhor este vosso
nam vos podem nẽ vos posso
dar conselho proueytoso.:
Mas o meu se o tomardes
he que conpre nam soltardes
mas jazer muy derremate
ca mais val quela vos mate
que depois vos vos matardes;

¶ Senhor eu isto faria
como diguo que se faça
e meu mal confortaria
cos que dizem que perfya
mata caça.

¶ De fernam da syluey/ra a este moto da señora dona felypa de vylhana.

¶ Coytas a fam sem medida.

¶ Se fosseys arrependida
de quanto mal me fazeys
nam me daryeis por vyda
coytas a fam sem medida
que vos por moto trazeys.

¶ Mas vossa braua crueza
que de matarme estaa perto
me vestio com as pareza
desta lyuree de tristeza
de que me vedes cuberto.
Ho vyda de minha vyda
peçouos que macabeis
mas por ter pena creçyda
coytas a fam sem medida
bem sey que o nam fareys

¶ Cantigua sua.

¶ Para os desesperados
gram conforto he saber
que ham çerto de morrer.

¶ Vos me days paixã tã forte
vyda tam sem alegria
noyte e dia
que sy nam ouuesse morte
vos cuyday queu morrerya
toda vya
mas saber que meus cuydados
comyguo fym ham dauer.
descanssa meu padeçer.

¶ Dom rrodryguo de crasto e dõ aluaro da tayde. e dom goterre e o comẽdador moor da vys. e dõ pedro da taide fyzerã este rrifam e co/pras a fernã da syluey/ra porque correo a car/reyra com huũ mongy de veludo preto forra/do de martas.

¶ Rifam.

¶ A hynda magora abalo
de te ver como te vy
vestido no teu mongy
a cavalo.

¶ Vos dizeis goarda carreira
e vos nam vos goardais dela
e vindes ha derradeira
huũ batissela
Huũs dizem eylo badalo
outros nũca o eu tal vy
e tal vay aquem mongy
vesta cavalo.

¶ Pareçias ser dyzello
ou qual quer haue de pena
ou genrro de jam de melo
ou senhor de caraçena.
Pareçias te cogualo
moncosy
em concrusam quẽ mongy
pareçes mal a cavalo.

¶ Pareçias monsseor
da cabeça ata os pees
e huũ patram de gualees
muyto mao caualguador.
Doja vante nam te falo
nem te prestes mays de my
poys atarracas mongy
acavalo.

¶ Reposta de fernã da sil
ueyra a todos estes senho
res a cada huũ sua canty/
gua.

¶ A dom rrodriguo de
crasto.

¶ Eu te vy aquele dia
tam feo tam desayrado
que nam foy detremynado
seras tu se a judia
aputa da putaria.

¶ Eu nam te ssey nenhuũ erro
pera andares bem com touro
por que tu pareçes perro
nam ja mouro.
mas judeu ourivez douro.
trazias fylosomya
de fanado
e nam ja namonraria
co teu caris engelhado
de custureyro rrapado
muyto tyra da judya
quãdo vees mais rrecachado
em som de sobrançaria.

¶ A doõ aluaro da tayde.

¶ Eu ey descreuer mil cartas
como vos vy com tabardo
sobrar tilheyra de martas
a que vos chamais bastardo

¶ Vos soes muy gẽtil gualãte
mas vinheis tã rrepnichado
que pareçyeis pintado
com pee de porco diante.
Daueis tal aar ho tabardo
queu vos farey juras fartas
que vos hyeis mais bastardo
coo vosso sayo de martas.

¶ A dom guoterre.

¶ Eu ouuy dizer atelho
que nunca vyo diabrete
tam desforme nẽ tam velho
agynete.

¶ Sabes quantos anos has
huũ que chamam satanas
que te pareçe no geyto
diz que tu
quando naçeo barzabu
eras jaa diabo feyto.
e que jaa entam fodias
e hyas contros ynmygos
e trazias
tam boa beesta de figos
comaguora quees de dias.
e disto sespantou telho
dom caluete
seres tu huũ velho rrelho
diabrete.

Ao comẽdador moor da vyz
¶ Onẽ te vyo como tey visto
daraa vos
que pareçes byaros
de dar papa a jesu cristo
e disto.

¶ Nam te digua aty ningueẽ
ca cavalo es fermoso
de mula pareçes bem
por quees ayroso.
em dama nam faras choz
saybam laa que digueu ysto
que pareçes biaros
que vas fartando da pisto
jesu cristo
e disto.

¶ A dom pedro da tay
de.

¶ Eu te vy tam arredado
nescaramuça metydo
quee forçado
seres de mym apodado
e corrydo.

¶ Tu hyas huũ sera fym
cousa pera ver do çeo
com teus apupos daleo
contente do cramesym.
Teu pay vy envergonhado
dizendo com gram sentydo
ho coytado
cramesym mal enpreguado
es carneçydo.

¶ Esterrifam escreuerã
huũs castelhanos ha por
ta do paço em castela an
dando laa o duque dom
diogo.

Portugueses mãtegaos dlos
y vos goarde delas manos
delos crudos castelhanos
qual plazeraa mas a vos
choffres obofes o leuianos.

¶ E fernã da silueira como a uio escreueo estoutra ao pee em rreposta.

¶ Castelhan⁹ mãtẽgaos dios
y goarde de tal afruenta
qual fue la dal iubarrota
onde meus e teus a voos.
aly chofres nos a vos
nos como lindos gualanos
vos como putos marranos
fuyendo delante nos
no v⁹ valiendo las manos.

E dioguo marquã partyndose donde estaua sua dama ẽ q lhe da a cõta do caminho. e em cada troua mete no cabo huũa cantigua feyta per outrem.

¶ Por verdes em q̃ cuidado
estes dias despendy
que v⁹ nam vy
sendo de vos apartado
nestas trouas o passado
escreuy
assy como me sentia
cada dia trabalhado
por vos mays do que soya
mas o que me mays fazya
ser triste tenho calado.

¶ O dia que fuy partido
hindo triste ẽ vos cuydando
trabalhando
com tristeza meu sentido
por partir ssem ser querido
sospirando
cõ gram pena muy crecyda
muy graue de rresestir
comecey em voz erguyda
o que forte despedida
o que pena mes partyr
o quam malo es de soffrir
ver enagenar my vyda
em poder de quem me oluyda

¶ Depois no segundo dia
me veyo huũ gram desejo
muy sobejo
de v⁹ ver que pareçya
que oulhando v⁹ veria
sem mays pejo
e com jsto leuantey
os olhos com mal que farte
e ssem v⁹ ver comecey
penssando que te verey
myro triste a cada parte
com leal amor synarte
que te yo vy e verey

¶ O outro dia passey
cuydando de que maneyra
na primeyra
por vosso tanto me dey
quem outra cuydar nam sey
ynda que queyra
e com esta muy comprida
sojeyçam dem vos cuydar
comecey muyto sentida
senhora pues no oluyda
my coracon tu penssar
çyerto es que deue estar
en tu poder la my vyda.

¶ No quarto huũ sentimẽto
me veyo com gram despeyto
por rrespeyto
de sentir meu perdimento
em v⁹ amar tam sem tento
sem proueyto
e com este mal que vya
de meu dano tam estranho
a grauandome dezia
amor que com gram porfya
procura syempre my danho
ma fecho com grão enganho
mas amador que solya

¶ No quinto a cõpanhado
fuy de hũa mortal pena
nam pequena
por me ver tam desamado
que a morte mal pecado
se me ordena
e com tanto mal sentyr
sayndo dantre dous vales
comecey de rrepityr
tan asperas de soffrir
son mys angustias y tales
que de mys esquinos males
ell rremedio es morrir.

¶ O outro dia cuydar
em meu tempo mal despeso
com gram peso
o passey com me lembrar
que mostrar de v⁹ amar
mee defeso
e com este defender
muyto forte dencobrir
me conueyo de dizer
he gram pena de soffrer
he gram mal de consentir
a veer senpre defengyr
aquem quero nam querer.

¶ Vendome muy alonguado
de vos e nam de vontade
saudade
creçya ssem ser menguado
meu q̃rer muy mays dobrado
de verdade
e por meu mal assy sser
comecey muy descontente
muy fora de meu poder
avn que no v⁹ puedo ver
syempre v⁹ tenguo presente
quanto mas de vos aussente
tanto mas crece el querer.

¶ Sentya muy gram pesar
por me ver tam saudoso
e cuydoso
sem de vos bem esperar
nem meu grande desejar
ser proueytoso.
Mas cõ quanto mal me veo
dezya por onde hya
donde estas que no te veo
ques de ty esperança mya
a my que verte deseo
mil anhos se me faz dũ dia.

¶ Nam cria que ser podesse
que por gram bem vᵒ querer
tal poder
amor sobre mym teuesse
que tanto mal me fyzesse
assy soffrer
e tirar a deos a fee
por seguir vossas carreyras
dyssem tam poys assy he
amor yo nunca pensse
que tan poderoso eras
que pudiesses tener maneras
pera trastornar la fee
hasta ora que lo sse.

¶ Vindo ja que me tornaua
donde de vos me partira
e vᵒ vyra
por vᵒ ver tanto folguaua
que comer nam me lembraua
sem mentira
e naquisto me perdy
por hũa muy braua serra
e andando disse assy
amor desque no te vy
va my plazer a pie terra
y el dolor y triste guerra
a caualho contra my.

¶ O outro dia esperança
de vᵒ ver me ssoportaua
e cuydaua
na muy pouca segurança
que dauer vossa mostrança
ma mostraua.
e sem ser de mym partyda
esperança comecey
de dizer ho muy queryda
esperança muy comprida
la ora que te verey
me sostem nom al en vida.

¶ Vindo açerqua do luguar
onde estaueys sospyrey
e cuydey
se por meu triste cheguar
poderyeys vos folguar
e douydey
de meu mal sser socorrydo
como eu por vos queria
entam disse muy sentydo
sy como queyra rreçebydo
soy de vos senhora mya
causa de tanta alegria
no tuvo hombre naçydo

¶ Fym.

¶ Assy foram meus sentidos
polo vosso trabalhados
dos cuydados
passados nam despendidos
nẽ minguados mas creçidos
muy dobrados
polo qual sem mays desmayo
vos deueys em concrusam
a meu mal dardes rrepayro
ca fazerdes o contrayro
me fazeys gram sem rrezam.

¶ Cãtigua de dioguo marquam.

¶ Poys nam pode sser pyor
se mylhor me nam fyzerdes
fazey o pyor e mylhor
senhora que vos souberdes.

¶ O pyor ja feyto he
que pyor nam pode sser
o milhor tenho por fee
que de vos nunqueydeuer:
Poys que pode sser pyor
se mylhor me nam fyzerdes
fazey o pyor e milhor
senhora que vos souberdes.

¶ Outra sua.

¶ He gram pena de soffrer
he gram mal de consentyr
aver sempre de fengir
a quem quero nam querer

¶ He por força demostrar
a contra do que me praz
por que mays dano me traz
descobrir que me calar
Em tal caso de soffrer
me conuem por encobrir
meu desejo por fengir
a quem quero nam querer.

¶ De johã gomez da ylba.

¶ Queria saber
hu vine rrazam
se na entencam
se em bem fazer
se em bem querer
a quem bem me quer
se a quem me der
eu con rresponder.

¶ Se em bem falar.
se em bem sentir
se em comedir
em qual quer obrar
em exercitar
o que justo for
se he no senhor
se mais no vulgar.

¶ Se he aquerida
a fym do proueito
se soo no dereyto
he constituida.

se he na medida
do dar galardam
se na puniçam
da alma perdida.

¶ E por aprender
hu rrazam esta
a quem se mais da
a mo conheçer
se mais do poder
se mais aa vertude
assy na saude
como no doer

¶ E donde procede
rrazam per effeyto
esse do defeyto
rrazam se despede.
Ou se se desmede
contra desmedido
ou no arroydo
em parte conçede.

¶ Se he cousa viua
em vyda soomente
ou se he viuente
no que vyda pryua
Se he ssensitiua
em soo danimal
se rracional
se vigititiua.

¶ Se tem natural
rrazam seu sojeyto
se dontro rrespeyto
arteficial
se he aumẽtal
se demenuyda
se he per ssy vida
se cousa mortal.

¶ Se rreje per sy
ou se he rregida
ou he mays querida
aquy que aly

Se he mays no . y .
do que he no . g .
se tem . a . b . c .
se tem quis ul qui.

¶ E quanto se stende
em sua doutrina
e quanto enssina
se tudo saprende.
tam bem se rreprende
quem dela nam husa
esse sua musa
sua arte deffende.

¶ Bem saber queria
em qual destas viue
pera que ssa lyue
minha fantesya.
Se na cortesya
da liure vontade
se pella verdade
tomar melhoria.

¶ Rezam affadalros
nam sey se rreseste
nem sey se consyste
em dons auerssayros
Ou aos contrairos
sordena comũa
ou tem partalgũa
em alguũs desuairos.

¶ Por que me pareçe
segũdo que entendo
que nada comprendo
ou rrazam faleçe
E no que careçe
eu me desatino
desejo ser dino
ver hu permaneçe:

¶ A quẽ me dissesse
rrazam he tal cousa
e em que rrepousa
saber me fizesse
Em quanto podesse
eu ho seruiria

per hũa tal via
que satisfyzesse.

¶ Pello qual mencryno
aos trouadores
espiculadores
que me dem enssyno
no que detremino
aprender sse posso
com graça do nosso
hũu soo deos etrino.

¶ Cabo.

¶ E mandeme quem
enssyno me der
ca no que que ser
sayba que me tem
Enssyneme bem
hu viue rrazam
per vista visam
segundo conuem.

¶ Cantigua do coudel moor.

¶ Seruiru⁹ nam leyxaria
por mal que me ja viesse
por que ser nam poderia
que outrem prazer me desse.

¶ Mas em vos esta soomẽte
meu prazer e meu pesar
e em vos he ordenar
que viuer possa contente.
polo qual nam leyxaria
seruiru⁹ peroo podesse
poys que ser nam poderia
que outrem prazer me desse.

¶ Grosa de johan gomez da ylha a esta cantigua.

¶ Senhora dona maria
em caso que eu podesse
seruiru⁹ nam leyxaria
por mal que ja viesse.
Nem dano que me fyzesse
dama vossa senhoria
por que ser nam poderia
que outrem prazer me desse.

¶ Nem vontade me cõssente
dalgũa bem desejar
mas em vos estaa somente
meu prazer ⁊ meu pesar.
Nem me podeys pena dar
mays que meu coraçam sente
⁊ em vos he ordenar
que viuer possa contẽte.

¶ Damaru⁹ nam me desuia
mal que tenha nem tyuesse
polo qual nam leyxaria
seruiru⁹ peroo pudesse.
Lembrança se v⁹ prouuesse
terdes de mym bem seria
poys que ser nam poderia
que outrem prazer me desse.

¶ De jobam gomez da jlha.

¶ Yo os dy my lybertad
la vuestra que do com vos
sym part alguna
me quedar y teneys dos
yo ninguna.

¶ Myrando vuestra beldad
nel primero que la viesse
que my libertad os diesse
ordenoo my voluntad.
No fue deneçessydad
senhora ho quiso dios
ho la fortuna
que touiesse des vos dos
yo ninguna.

¶ Confissam de jobam
gomez da jlha.

¶ Johã mourato meu senhor
sajes em todo trautar
donrra bem mereçedor
mays ynteyro trouador
do que posso decrarar.
Eu v⁹ tenho por amygo
verdadeyro ⁊ nam de jogo
polo qual fee conssyguo
que aceytareys meu rroguo.

¶ Espero que macorrays
onde virdes meu desterro
espero que me sejays
mays dos mays especyays
amyguo sem nenhuũ erro.
Espero de vos socorro
espero de vos ajuda
⁊ por que çedo concruda
o que de mym se nam muda
me faz que a vos macorro.

¶ Sey que v⁹ confessareys
polo ano ⁊ seus dias
vos de mym açeytareys
tres pecados que sabeys
que condenaram mançias.
⁊ a vosso confessor
desque os vossos dysserdes
sereys dos meus rrelator
⁊ termeys por seruidor
quando meu seruir quiserdes

¶ Vos dyzey que sam casado
⁊ quero bem a casada
sendo damor tam forçado
que nam sento por pecado.
ela ser de mym amada
Nem me posso conheçer
se nam tam sojeyto dela
que cuydo que padeçer
⁊ tras padeçer morrer
de vo soportar por ela.

¶ E o pecado segundo
lhe direys que meu sentido
nam se funda nem me fundo
se nam sempre neste mundo
querer mal a seu marydo.
⁊ a morte lhe desejo
mays çedo que possa ser
⁊ o demo nele vejo
⁊ ey gram prazer sobejo
quando a ela posso ver.

¶ O terçeyro concrusam
vos dyzey que sam tam forte
amador por condiçam
que nam sento contriçam
nem rreçeo minha morte
Nem dalma nã sam lẽbrado
nem de rrezam nem de fama
nem he outro meu cuydado
saluante ser namorado
daquesta casada dama.

¶ Requerereys apendença
pera mym vereys que janda
que nam prine bem querença
que toda minha femença
he fazer quanto amor manda
O padre pode mandar
quanto mele mandar queyra
mas nam seja desamar
ante me mande matar
per outra qual quer maneyra.

¶ Se me mandar gejunar
dyzey que ey porgejum
quando nam posso cobrar
a vista de quem pesar
me da ⁊ prazer nenhuũ.
Se que veele v⁹ disser
dizey que veelo cuydando
na mays fermosa molher
das que ds fez nem fyzer
pola qual viuo penando

¶ Fym.

¶ Se que rreze orações
v⁹ mandar dizey que bem
mas seram muytas payxões
danos ⁊ tribulações
que meu coraçam sostem.
Se v⁹ mandar que esmole
gaste se quanto dinheyro

tiuer pero que me ssole
fyque com que me consolle
ser seruidor verdadeyro

¶ De joam gomez da jlha a rruy moniz.

¶ Que dhũ crauo foys doẽte
meu senhor qua me foy dyto
tal crauo seja maldito
poys em vossa dor conssente.
Dizenme que vᵒ curays
per sologia.
serdes sam bom messeria
por que dhũ ou de dous tays
como vos me curaria.

¶ Quanto mays dhũ q̃ metẽ
le cordemoy trauessado
causoulle dhũ apartado
⁊ muy longuo querer bem.
Per vezes foguo lhe ponho
de bem amar
mas nam val a desamar
porem como me desponho
vᵒ curardes me curar.

¶ Reposta de rruy moniz polos consoantes.

¶ Crede verdadeyramente
assy sam com dor afryto
que se guasta meu esprito
em o sentyr certamente.
O crauo de que falays
cada huũ dia
me daa per santa maria
moor pena da que penssays
nem eu dizer poderia.

¶ De meu mal cura ninguem
triste desauenturado
nem quem amo tem cuydado
de quanto dano me vem.
mantenhome no que sonho
por espaçar
como quer que meu sonhar
se torna cuydar no gronho
mays que nojos afastar.

¶ Johã guomez polos consoantes.

Por serdes quem pena sente
qual de mostra vosse scrito
de confortarme nam quyto
mom cor em seu mal presente
Nam folguo por que penaes
came seria
crueza de vylanya
mas por que me semelhaes
quem damores aperfya.

¶ Como eu que ey dalguem
trabalho sem sser pensado
sam sem ferrar encrauado
manco ⁊ magro porem.
Sempre rryncho ⁊ preponho
soportar
pena de meu desejar
vos a fruyto de madronho
me podes bem apodar.

¶ Ruy muniz pollos cõ soantes.

Minha chagua he tã rrazẽte
que quando me curam grito
tam alto que sam desoito
ousadas bem feamente.
nã queyra deos quessymtaes
o que eu syntya
quando mo jndeu metya
dous ferros quẽ tes mortaes
que alma me strememçia.

Poys q̃ trabalhays por quẽ
⁊ nam vyueys enganado
que me pes mal a meu grado
por amores vᵒ de tem.
Aueuos como o ceguonho
se medrar
quiserdes ou despertar
ca pardeos se mapeçonho
he por nam querer peytar.

¶ Johã guomez polos consoantes.

¶ De quanto soes descontẽte
senhor nam sentyr euyto
mas do que vos soes cõtrito
sam eu per contra contente.
A cousa que devulguaes
que vᵒ doya
por nychil asentiria
qua do que mais vᵒ queixaes
acho que guoareçeria

¶ Por que em mym se contẽ
fee pena de namorado
com desprecos apedrado
por que moor payxam me dẽ.
Em catiueyro me enfronho
sem rresguatar
qua nam pera baratar
he a que seruo rrysonho
pero dena de chorar.

¶ Ruy moniz polos consoantes.

¶ Mandanme de paçyente
comer de cote huũ palmyto
ou corda de cabrito
peor que força damente.
soporto tormentos quaes
nam sofreria
por ser sam por gram contya
douro nem doutros metaes
nem de pedras de valia

¶ Aquela que vᵒ pertem
me traz assy derreado
que com nojos sam tornado
mays cão que matusalem.
Como morto sam medonho
no olhar
ja nam sam pera prestar
de ser ledo mavergonho
mays que outrem de furtar.

¶ Johã guomez polos consoantes.

De meu mal tam trãcadente
que cneomer nam lab;to
nem de doormir me guoarito
mas soffro como valente.
O mays que de vos guastaes
bem guastaria
dobrado ꝛ dobraria
no valoꝛ do que guabaes
cuydando que ssararia.

¶ Nam me pesa poys rretẽ
na saude vosso lado
poꝛ quem meu nojo passado
fez presente poꝛ desdem
o que sento nam desponho
poꝛ calar
soomente poꝛ esperar
nem me lhe desa vergonho
poꝛ me nam desesperar.

¶ Ruy moniz polos con/
soantes.

¶ Poꝛ que nã sam eloquẽte
meus pesares nã rrepyto
a vos o homem preçyto
per amores craramente.
Cansay ja que nam canssaes
desta perfya
poꝛ que mays vᵒ compꝛiria
poys com trouar nã çeguaes
çegar vᵒ santa luzia.

Poys do q̃ mays vᵒ conuẽ
vᵒ vejo pouco lembꝛado
leyxonos homem coytado
voame caminho dourem.
Queria vos poꝛ com conho
poꝛ mudar
huũ moꝛtal acutelar
ꝛ huũ olharuos tristonho
em huũ doçe conversar.

De dom goterre poꝛ que se casou sua dona em benauente.

¶ Lembꝛãça nam he perdida
de vos meu mal benauente
poꝛ que meu coraçam sente
ꝛ syntyra toda sa vida.

¶ Que prazer pode ja vir
que me possa dar prazer
ou quem poderey seruyr
poꝛ que dyre de sentir
a perda de vᵒ perder.
minha doꝛ he tam creçyda
que poꝛ meu mal benauente
sempꝛe ja tenho presente
a moꝛte bem conheçyda.

¶ Outra sua.

¶ No campo de santarem
altas toꝛres dalmeyrym
fazeysme lembꝛar de quem
me fez esqueçer de mym.

¶ No tempo como passaste
que me deyxaste tal guerra
moꝛte que nam me mataste
dyze poꝛ que me deyxaste
mays viuo sobꝛe a terra.
Se entam fyzera fym
todo meu mal ꝛ meu bem
nam me fezera almeyrim
lembꝛança nunca de quem
me fez esqueçer de mym.

¶ Outra sua.

¶ Poꝛ vᵒ ver assy perdida
como vᵒ vejo meu bem
muy triste sera my vyda
polo mal qua vossa tem.

¶ Se vos ja seruir nam posso
senhoꝛa vos o fyzestes
vos poꝛ outrem vᵒ perdestes
eu perdyme polo vosso.

No que vyda tam perdida
temos vos ꝛ eu meu bem
a minha poꝛ vossa vyda
a vossa poꝛ nam sey quem.

¶ Tomastes mal pera vos
destes nos muyta payxam
triste de meu coraçam
amaros tristes de nos.
Mal empꝛegada perdida
soes senhoꝛa em quem vᵒ tem
ꝛ poꝛ isso he minha vida
tam triste sem nẽhuũ bem.

¶ Outra sua.

¶ Cuydados tristes poꝛ quẽ
tal moꝛte me quereys dar
poꝛ quem me quereys matar
cuydado de mym nam tem.

¶ Ja cuydado nem sentido
nã tem de myn ne memoꝛia
de me ver poꝛ sy perdydo
nam leua pena mas gloꝛia.
Outro cuydado nam tem
senam soo de me matar
ꝛ leua gloꝛia em cuydar
que me perdy poꝛ seu bem.

¶ Outra sua.

¶ Alegre com my tristeza
alegre com my partir
senhoꝛa de vᵒ seruyr
poꝛ vossa pouca firmeza

¶ Vosso desconheçimento
vossa fera condiçam
nam daram
ja nenhuũ padeçymento
a meu triste coraçam
Hoje mays vossa crueza
nam espero de sentyr
que leyxar de vᵒ seruir
seraa leyxarme tristeza.

¶ Outra sua.

¶ A vyda sera tristura
meu prazer seraa pelar
se minha triste ventura
se nam mudar.

¶ Se de vos he ordenado
que tarde meu galaroam
morrera meu coraçam
de triste desesperado.
Que sua morte segura
nam pode muyto tardar
se minha triste ventura
se nam mudar

¶ Outra sua.

Pois leixaru⁹ me he tã fero
que viuer sem vos nam posso
outro bem de vos nam quero
se nam que majaes por vosso

¶ Que me de grande tormẽto
seruiru⁹ sem nenhuũ bem
consenty poys eu consento
que o com que me contento
nom se contenta ninguem.
de vosso bem desespero
vosso mal leyxar nam posso
consenty que seja vosso
poys de vos mays bẽ nã q̃ro

¶ Outra sua.

¶ Triste de mym que farey
que sera de mym coytado
se me segue este cuydado
perdermey.

¶ Perdermey por se ganhar
quem me tanto mal ordena
⁊ leua pena
por mays çedo me nã matar
Que farey desesperado
vmyrey
se me segue este cuydado
perdermey.

¶ Outra sua.

¶ Podeme ventura dar
tristeza quanta quyser
mas nam se pode mudar
meu querer.

¶ Posso perder o folguar
que nunca tyue ganhado
posso ser desesperado
podem ma vyda tyrar.
se eu nam desuaryar
podesso mundo perder
mas nam se pode mudar
meu querer

O conde de borba a hũa dama q̃ deu a outra hũa cousa quelhe pedio por vyda dele.

Poys destes por minha vyda
o que nam posso seruir
deueys lhe de conssentyr
que por vos seja perdyda.

¶ Que perdyda ou ganhada
ja nam he em meu poder
de poder ninguem fazer
que de vos seja apartada
Poys de vos he ja vencyda
vos deueys de sentyr
nam quererdes conssentyr
que por vos seja perdyda.

¶ Outra sua.

¶ Se na fym tanta tristeza
me leyxou desesperado
selo assy minha fyrmeza
por fycar mays magoado.

¶ Toda amagoa fyca a mym
eu a tenho bem presente
este mal sera sem fym
poys fycays dele contente
⁊ poys vejo a crueza
em que fyca meu cuydado
farmaa ser minha fyrmeza
para sempre magoado.

¶ Outra sua.

¶ He meu mal ja tam creçido
em casos tam desuairados
que por serem mal olhados
fyco eu assy perdido

¶ Eu deuera ser julguado
por quam bem sempre seruy
⁊ o bem que nunca vy
me deuera de ser dado
⁊ poys tenho mereçydo
descansso de meus cuydados
se nam foram mal olhados
eu nam fora tam perdido.

¶ Outra sua.

¶ Nam trabalhe ja ninguẽ
em buscar vyda segura
se nam for desauentura.

¶ Ca ter outra esperança
sera mays qua ser perdido
⁊ meu bem bem destroydo
Se nam vem outra mudança
⁊ por jsso salguem tem
alguũ bem nunqua lhe dura
por ser moor desauentura

¶ Outras suas

¶ Desconforto da partado
deique todos desesperam
fyca a mym nam ser culpado
deste mal que me fyzeram
mas poys ja he acabar
de nam ter de mym cuydado
acabay de me matar
que ja som desesperado

¶ Mas o mal que me fazeys
por vos sempre bem seruyr
vos senhora o quereys
por de mym v⁹ despedir.

Fazey ja o que quyserdes
poys conheço a verdade
que he fazer quanto poderdes
por me terdes maa vontade.

¶ Outra sua.

Por meu bẽ vim a sam bẽto
onde soube acertar
ter hũ tal conheçymento
em quespero dacabar.

¶ Acabar em vos cuydando
como sempre andey perdydo
por deyxar dandar buscando
o que tenho conheçydo.
mas poys jsto tanto sento
sem ter çerto aproueytar
soffrerey este tormento
em quespero dacabar.

¶ Outra cantigua do conde

¶ Vejo tudo desuyado
⁊ fora do que mereço
⁊ conheço
que me foy assy causado
por fycar meu mal dobrado.

¶ E fycoume conheçer
minha vida ser perdida
⁊ vos nam arrependyda
de me tanto mal fazer
⁊ comal deste cuydado
he tamanho o'que padeço
que conheço
que me foy assy causado
por fycar meu mal dobrado

¶ O conde de borba a senho
ra dona lianor da silua.

¶ Sempre ma furtuna deu
tristezas com que nam posso
desque deyxey de sser meu
polo sser de todo vosso,

¶ Que depoys que vº sseruy
com tal fyrmeza senhora
nunca de vos ategora
hũa merçe rreçeby
des dentam padeçy eu
myl males com que nã posso
por que deyxey desser meu
polo sser de todo vosso.

¶ Outra sua a esta se/
nhora.

¶ Hordenou meu coraçam
de seruyruº sem mudança
mays a vos sem esperança
ca outrem cõ galardam.

¶ Estaa mays offereçydo
soffrer por vos juntamente
do que seria contente
em ter outro bem vençido
por jsso meu coraçam
antes quer sem mays mudãça
seruiruº sem esperança
ca outrem com galardam.

¶ Outra sua.

¶ Tomay bem cã bẽ conheço
nam estar em mays meu bem
que vyr de traues alguem
que me tyre o que mereço.

¶ Foy em balde meu cuidado
ficame muyta payxam
por fycar desenganado
sem achar nysso rrazam
mas amoor dor que padeço
he estar todo meu bem
em vyr de traues alguem
que me tyre o que mereço,

O conde de vila noua sendo moço a huũa dama q̃ seruia por q̃ seus pays dele ⁊ dela lhe defenderam q̃ se nã falassem.

¶ Que seraa meu bem de nos
quando fara jsto fym
vosso pay mandou a vos
⁊ o meu matou a mym

¶ O vosso vº pos defesa
que me nam desseis vos fala
⁊ o meu cassy se cala
çerto he que lhe nam pesa
O que fazem contra nos
queyra deos que aja fym
o meu nam faz bem a vos
o vosso matou a mym.

¶ Onde farey triste vyda
ja serey sempre perdido
porem nam arrependido
de vº ter tam bem seruida.
meu bem q̃ seraa de nos
nam pode hyr bem a mym
pois por querer bem a vos
quys que fosse minha fym.

¶ Vyuirey com pena forte
em pesar sem alegria
farey vyda tal que morte,
me deseje cada dya.
que nº nam falemos nos
he synal de minha fym
se jsto dura por vos
cedo o faram por mym.

¶ Dou ho demo vosso pay
vos podeslhe dar o meu
poys que polo caso seu
com vosco tam mal me vay
ja sam ambos contra nos
nam me deis tam triste fym
pois que tudo estaa em vos
por merçe olhay por mym.

¶ Com pena ⁊ com payxam
vyuyrey em quanto vyua
poys vejo que sem rrezam
me mandais que vº nã syrua.
nam sey que seja de nos
mylhor fora minha fym

pois em mapartar de vos
me parto triste de mym.

¶ O princepe da vozaria
anda comyguo em contenda
por que senhora queria
questyuesse todo o dya
na fazenda.
Sobre saber quantre nos
soys anjo ou serafym
quer que nam cure de vos
por desembarguar faym.

¶ Tristeza ꝛ saudade
mynha vyda me deixais
ꝛ outras dores mortais
que calō qua na vontade.
Em quanto vyuerm⁹ nos
nam sapartaraa de mym
triste lembrança de vos
que causastes minha fym.

¶ Fym.

¶ Mas poys he vossa naçam
perder o por vos perdydo
nam culpeis senhora nam
se meu triste coraçam
em al puser o sentydo.
nysto que se faz anos
perco eu quanto seruy
ꝛ dyrey que guanhais vos
poys folguais perder amym

¶ Grosa do cōde de vyla noua a este moto dūa se/nhora.

¶ Leyrayme
por que chore minha dor.

¶ Tristezas ꝛ desfauor
acabay ou acabayme
ꝛ se nam quereys leyrayme
por que chore minha dor.

Dayme hū pouco de vaguar
nom mays que para poder
em minha vyda cuydar
por que soo com me lembrar
me podeis vos esqueçer
ꝛ se cuydais que e fauor
jsto que peço matayme
ꝛ se nam quereis leyrayme
por que chore minha dor.

O cōde de tarouca a dom joam de me/neses.

¶ A vos quem caualaria
ꝛ valentya
dais toque açepyam
a vos quem sabedoria
preçe deis rrey salamam.
A vos so cujo poder
jaz todarte de trouar
se deue dyr preguntar
o que sem vosso saber
nom ouso detremynar.

¶ Pregunta.

Dous homēs sam namorad⁹
de quem muyto bem pareçe
ꝛ ambos pior tratados
do que cada huū mereçe
Se he moor groria ou pesar
hyndo eles ambos vela
ver huū ho outro falar
ou hyr falando coela

¶ Reposta de dō joam de me neses polos consoantes.

¶ Por que nom mabastaria poesya
nem saber nem descriçam
em louaru⁹ louuarya
nam tomar acupaçam.
ꝛ quem quyser em ader
vossa fama por louuar
lançara agoa no mar
cuydando qua de creçer
ꝛ nā poode nem mingoar

¶ Reposta.

¶ Mas pesar oos tā penad⁹
soutrem fala nam faleçe
ꝛ faleçe oos escuytados
o prazer se ssaconteçe.
ꝛ pois se pode acertar
falando groria per dela
en ey por moor openar
de ver a outrem falar
que prazer falar coela.

Del rrey dō pe/dro a hūa senhora.

¶ Mays dyna de ser seruida
que senhora deste mundo
vos soes o meu deos segundo
vos soes meu bem desta vida

¶ Vos soes aquela que amo
por vosso mereçymento
com tanto contentamento
que por vos amy desamo.
a vos soo he mais de vyda
lealdade neste mundo
pois soes o meu deos segūdo
ꝛ meu prazer desta vyda

¶ Outra sua.

¶ Donde acharaão folguāça
meus amores
honde meus grandes temores
segurança.

¶ Tristeza nam daa lugnar
menos consente rreçeo
temor me faz sospirar
mudança faz que nā creo.
Doutra parte esperança
daa fauores
sem a verem meus amores
segurança.

¶ Outra sua.

bnem deseo me enbya
cometer vyda estranha
soledad me acompanha
desque supe que partia.

¶ Sobre todo penssamiento
no se quyer partyr de mym
dizendo syempre a que fym
hazes tal apartamyento.
Tu penssamyento beuya
y sento yssym tristeza
yo rrespondo gentileza
es aquelha que me guya.

¶ Outra del rrey dom
pedro.

¶ No desejosa folgança
v fazem pausa meus males
nom es em vano esperança
se me vales.

¶ Se me vales tornaraa
todo meu mal em prazer
a meus trabalhos daraa
gualardam meu mereçer.
Mais poderaa confyança
que todos meus tristes males
morrera desesperança
se me vales.

Do ifante dõ pedro
fylho del rrey dom
joam em louuor de
joam de mena.

¶ Nom vºs sera gram louuor
por serdes de mym louuado
que nam sam tam sabedor
em trouar que vºs dey grado.
Mas meu desejo degrado
a mym praz de vºs louuar
e vos o podeys tomar
tal queijando vºs he dado

¶ Sabedor e bem falante
graçyoso em dyzer
coronysta abastante
em poesyas trazer.
Ou de novo as fazer
hu cõpre com gram meestrya
de comparar melhoria
dos outros deueys aver

¶ Damor trouador sentydo
coma quem seu mal sentio
e o ouue bem seruydo
e os seus segredos vyo
e de todo departyo
muy fermoso e muy bem
como poode dizer quem
vossas copias ler ouvyo

¶ De louuar quẽ a vos praz
aconsselhar lealmente
desto sabeis vos assaz
e fazeylo sajesmente.
e assentar soo presente
creo nam terdes ygoal
de conssoar outro tal
julgueo quem o bem sente.
¶ Fym.
¶ Por todo esto sam cõtẽte
das vossas obras que vejo
e as nam vystas desejo
fazeme delas presente.

¶ Reposta de joam de
mena.

¶ Prinçepe todo valyente
em los fechos muy medydo
el sol que naace en oryente
se tyene por ofendido
de vuestro nombre temydo
tanto luze en ocydẽte.
soes dequyen nũca os vydo
amado publycamente
tan prefeto esclareçydo
que por syrdes byen rregydo
dios vºs fyzo su rregyente.

¶ Vos de rreys engendrado
y de rreys engendrador
hyjo dyno muy loado
de rrey santo vençedor
synaje demperador
cabeça de gram senado.
de lealtad y damor
tam grã fruto aves mostrado
que a vuestro gram onor
dos rreys y huũ senhor
son y es muy obriguado.

¶ Nunca fue despues ny ante
quyen vyessẽ los aravios
e secretos de leuante
sus montes jnssoas y rryos
sus calores y ssus frios
como vos senhor ifante.
Antre moros y judios
està gram virtud se cante
entre todos tres gentios
cantaram los metros myos
vuestra perfeçyon delante

¶ Fym.

¶ Vos de my no dar loores
mas rreçebyrlos deueys
vos gran senhõr dẽ senhores
que aueys fecho y fazeys
tanto que grandes astores
muy acupados teneys.
en dezyr vuestros dulçores
porque syenpre vºs lhameys
prinçepe delos mejores
por que creçam los lauores
desse rreyno portugues.

¶ Repricа o ifante

¶ Como terra frutuosa
joam de mena rrespõdestes
com messe muy abastosa
do fruyto que rreçebestes
mas em esto vos errastes
louuar mais do mereçydo
mas por mym he rreçebydo
que louuando menssynastes
¶ Fym.
¶ Aquelo que de vysastes
seguyrey a meu poder
se quer que possam dizer
que muyto nam sobejastes.

O jfante dom pedro fylho del rrey dom joã da groriosa me/moria sobre o menºpreço das cousas do mundo em lingoa/ ẽ castelhana as q̃es tẽ grosa.

¶ De contempto del mundo.

¶ Jntroduze: ⁊ inuoca.

¶ Miremos al excelso: ⁊ muy grande dios
dexemos las cosas: caducas ⁊ vanas
rretener deuemos: las fir mes con nos
las vtiles santas: muy buenas ⁊ sanas
O tu grand minerua: q̃ siempre emanas
muy veros preceptos: en grand abastança
jmploro me muestres tus leyes sobranas
y fiere mi pecho: con tu luenga lança.

¶ Jnuoca.

¶ Da me tu escudo: claro cristalino
y arma me todo: cõ armas seguras
para que contraste: al mortal venino
y rauias caninas: feroçes muy duras
Tu sabia maestra: tu que nos procuras
sciencias santas: humanas diuinas
arriedra mi seso: de mũdanas curas
distila en mi: tus dulces doctrinas

¶ Prosigue.

¶ Dela mal fiable fortuna.

¶ Siruamos virtud: burlemos fortuna
que nunca da gozo: sin duro tormento
Nin nadi coloca: en firme coluna
antes nos rebuelue: cõ gran detrimẽto
Remire vn poco: nuestro pensamiento.
su cara falace: ⁊ jamas dubdosa
vera que es cruda: ⁊ sin todo tiento
a todos estados: ⁊ siempre dañosa.

¶ Cõpara los dones dela fortuna al palo que come la corcoma fermoso de fuera: ⁊ de dentro podrido.

¶ Si presta honores: en breue la toma
si oro argento: ellos se consumen
como al palo: faze la corcoma
assi los sus dones: se gastan: ⁊ sumen
Nom fabrica muro: de firme betumen
sus bienes trasmuda: en graue tristor
y rasga la foja: de su grand volumen.
mudando su gozo: en fuerte dolor.

¶ La ley de fortuna.

¶ La ley que posseye: es ley incostante
buelue: ⁊ rebuelue: su exe amenudo
al bueno faze: ser muy mal andante
prospero faze: al torpe: ⁊ rudo
Por tanto o gente mũdana no dubdo.
que yerro vos toma: atrahe: ⁊ cõuoca.
a seguir su moto: veloce muy crudo
daquesta señora: non cuerda mas loca.

¶ Dela prospera: ⁊ aduersa fortuna.

¶ La prospera dulce: fortuna engaña
con su fraudulenta: ⁊ arte mañosa
la triste aduersa: siempre desengaña
mostrando su fruente: toda luctuosa
Assi que la vna: es muy prouechosa
la otra es bella: llena de engaños
aquella es vera: esta mentirosa
celando los males muertos los daños.

¶ Exemplifica.

¶ Trastorno a crasso: rrey delos lidores
y apolicrato: muy mas crudamente
auiendo con ellos: estrechos amores.
tracto sus caydas: engañosamente
E traxo a dario: a morir vilmente
despues que lo houo: alto colocado
⁊ alcibiades: mato feamente
el qual cõ honores: auia ornado.

¶ Addicion.

¶ Seguis tras boreas: fuys lo amable
quereys lo muy vil: dexays lo precioso
deseays lo falsso: no lo deseable
plaze vos lo feo: mas no lo fermoso
Desechays lo cierto: amays lo dubdoso
no curays de joue: seruis proserpina
nin mirays al celsso: ⁊ bien abundoso
nin acatays cosa: de acatar digna.

¶ Dela mundana riqueza.

¶ A los sin animas: cuerpos terrestes
vos subjuzgades: faziendo vos viles
dexando las altas: y cosas celestes
mirays las infimas: no punto gentiles
Seam vuestras mētes: por dios mas sotiles
tras lo perdido: perder no querays
mirad otramente: que no los gentiles
aquel summo bien: do vos emanays

¶ Que valen: o prestan: sin vos no lo se
las muchas riquezas: de vos deseadas
aquellas sin vos: son sin obras fe
vos sin aquellas: soys cosas hōrradas
Por vos si lo son: son ellas preciadas
vos no por ellas: soys de mas valor
antes siruiendo: cosas denigradas
denigrays a vos: y vuestro grand honor.

¶ Son decaydas: grandes causadoras
ni nuestro tiempo: caresceraa dellas
son de leñores: terribles señoras
de que dam los pobres: muy grandes q̄rellas
y solo entonce: se fazen ser bellas
quando a muchos: son bien repartydas
pues fazed amigos: por dios de aquellas
que son como nada: si son retenidas.

¶ Exemplifica: y prossigue.

¶ Reguarda a mida: tragador de oro
mirad aquel crasso. que murio tragando
y mirad a otros. daqueste vil coro
vereys alos ricos. no viuir gozando
Mueren por cierto. en cobdiciando
henchir a sus coffres. de oro. y dargento
mirad al maestre. si viuio penando
mirad luego juncto. su acabamiento.

¶ Jnuoca y conceja.

¶ Echate se dexe. ayude dios solo
fuyamos de venus. siguamos diana
amemos la fe. echemos al dolo
miremos al trono. de luz diafana
Miremos la celssa. virtud sobirana
dexemos a ceres. y sus bienes falsos
pues quien los sirue. pierde. y no gana
miremos los veros. y sus cadahalsos

¶ Dela engañosa fama.

¶ De ti que dire. o bolante fama
y de tus veloces. y alas fermosas
tu siempre engañas. aquel que te ama
cō cosas mas bellas. q̄ no prouechosas
Las quales por ser. en si engañosas
perescen faziendo. perescer la vida
todas tus mercedes. tristes no gozosas
se muestran al fin. con dura salida.

¶ Prosigue y exemplifica.

¶ Rebuelas con alas. todol vniuersso
y trahes desseos. caducos de gloria
los rectos a suelas. y giras en versso
jamas otorgando. perfecta vitoria
Ser tu no felice. es cosa notoria
pues que tu don. es don terminado
fenesce por tiempo. la clara memoria
nin sera cesar por siempre loado.

¶ Yo nada digo. dela fama vera
que todos sus bienes. assienta en virtud
mas digo daq̄lla. q̄ piensa se mera
todo el vulgo. y la multitud
Que pone en loor. toda su salud
y liga y prende. con feble cadena
a la mayor parte. dela jouentud
y siempre su gozo. nos da doble pena.

¶ Exemplifica.

¶ Presentad delante. aquel muy mal hōbre
que mato phelipo: macedoniano
que por fazer grande. su fama. y nōbre
cometio tal acto. crudo. y prophano.
Presentad delante. aq̄l hombre insano
que quiso abraçar. el templo de diana
vereys el desseo. de gloria ser vano.
y las mas vezes. la su obra vana.

¶ Exortaçion. y conçiliaria.

¶ Temed con espanto. el fondo cabos
dexad ala fama y su vanidad
o vos mortales. semblantes a dios
abraçad con vos. virtud. y bondad
Abraçad aquella. vera felicidad
la qual no peresce. jamas jneterno

mas dura por siempre: su eternidad
nin teme a cerbero: perro del infierno.

¶ De los honores. ⁊ dignidades
no reyales.

¶ Ser deuen de vos: menospreciados
los vanos honores: ⁊ las dignidades
las quales nõ dignos ni menos honrrados
vos fazen por cierto: si bien lo mirades
sobre flaco cimiento: grand torre fundadés
penssando cõ ellas fazer vos mas dignos
mas es lo contrario q̃ vos no penssades
que las mas vezes: vos fazẽ indignos.

¶ Los malos mas malos: fazer poderam
mas no en mandar los. nin los corregir
los buenos mejores. por ellas no seram
mas vezes pueden. matar que guarir.
Con verdad pues. se puede dezir
no ser prouechosa. la tal possessiõn
que faze los buenos la maldad seruir
y a los malos: no da correpcion.

¶ Quanto mas alto: suben el decenso
mas presto tienẽ: a hi aparejado
quanto mas oro: nos dam. ⁊ mas censso
tanto mas cresce: el triste cuydado
Que quanto mas firme: pienssa su estado
tanto mas feble: se falla del todo
jugar el tal juego: fortuna ha vsado
y syempre rebuelue: por aqueste modo.

¶ Exemplifica:

¶ Al magno pompeo: no fizo seguro
la dictadoria: ni el consulado
ni fallo Scipion: ser le firme muro
de ser en honores: tanto sublimado
Mario se falla: morir deshonrrado
que houo siete vezes: el honor cõsular.
mataron a johan: duque del condado.
no pudo su estado: su muerte euitar.

¶ De la rreal: ⁊ imperial dignidad.

¶ Menospreciad: aquella alta cumbre
delos imperios: ⁊ delos reynados
pues non contiene: en si clara lumbre
nin faze los ombres: bienauẽturados
Sõ siempre los reyes: llenos de cuydados
y temen aquellos: de que son temidos
son con amor vero: de pocos amados
nin las mas vezes: ca rescẽ de gemidos.

¶ De los buenos reyes.

¶ Los buenos congoxas. padescen inmẽsas
por ver muchas cosas: cõtra su querer
ser suyas estiman: a todas offensas
que en sus regiones: puedẽ contescer
Desean al ceptro: derecho tener
y de otra parte: implora clementia
o tales personas: que satisfazer
o deue lo quiero: la su grand prudencia.

¶ De los malos reyes.

¶ Los malos de todos: son vituperados
sus mismos vicios: los atormentan.
de toda la gente: son muy desamados
de si claro nombre: muy lexos ausentam.
Cõ muertes engaños los suyos los tientam
son aborrescidos: de dios: ⁊ del mundo
dezid pues que gozo los tales reyes sientam
y a viuos viuiendo: en fuego profundo

¶ Exemplifica.

¶ Mataron priamo: rey muy poderoso
y fue su grandeza: toda asolada
murio agamenos: rey grande famoso
a manos de egisto: persona maluada
Nero que tuuo: assi sojuzgada
la mar: ⁊ la tierra: murio cõ su mano
el magno alixandre: con fin celerada
fenescio sus dias: ⁊ su poder vano.

¶ De la priuança.

¶ Boluamos la pluma: a tio priuança
o vana ingrata: mintrosa irada
tu pones en hombre: toda tu fiança
por ende de males eres rercercada
Tu has en arena: tu casa fundada
si presto te vienes. mas presto te partes
de quien te conosce: eres desamada
por tus no fermosas ni gentiles artes

¶ Prosigue: y compara.

¶ Tu mal es el bien: mayor q̃ posseyes
gozo: ⁊ saluo: da tu grand ferida
tus propios daños: no miras ni veyes
si no si delante: veys tu cayda
Entonce delos tuyos: eres conoscida
los quales a beudos: son bien conparados
pues quando su põpa: dellos es fuyda
retornan en si: cõ menos cuydados.

¶ Tu las mas vezes: te fallas burlada
penssando los reys: tener sojuzgados
al fin bien demuestra: tu fecho ser nada
pues y desemparas: todos tus criados
Cõtesce amenudo: los reyes sus p̃uados
a que sublimaron: delos abaxar
cõ muertes tormẽtos crudos no penssados
penssando potentes assi se mostrar.

¶ Exemplifica.

¶ Ya pues veyamos: aman que razona
de ti. o que siente: de bien: o de mal
fable el maestre: señor descalona
diga si le fueste: fiel: ⁊ leal.
Y fable seneca: de ti el moral
y fable joab: veamos que llaman
pues que tu venino: gustaron mortal
⁊ digan nos luego: que tanto te aman.

¶ Delos deleytes.

¶ Fuyd los deleytes: pues non da deleyte
perfecto nin bueno: nin tan poco sano
a todos engaña: su fallso afeyte
sin sentir mata: el su gozo vano
A todos arriedran: del biẽ soberano
jamas no aplazen: q̃ no den tristeza
aforjan cadenas: del sotil vulcano
con que encarcelan: a toda nobleza.

¶ Compara: ⁊ prosigue.

¶ Aquellos venereos: aquellos de baco
y a quien osara: llamar los gozosos
los quales comparo: al tirano caco
con sus feos actos: nõ pũto fermosos.

¶ Al cabo siempre: son muy enojosos
⁊ muestran el mal: que tienen celado
dexando los hombres. tristes dolorosos
feridos con fierro: muy emponçoñado.

¶ El cuerpo destruyen: el anima matan
y fieren la fama: de llaga mortal
al vero juyzio: bien presto lo atan
con arte fallace. ⁊ muy desleal
Mostrando ser bien: aquello ques mal
⁊ assegurando: enla tal çeguera
fenesse por tiempo: lo ques diuinal
⁊ viue aquello. que morir deuera.

¶ Exemplifica: y prosigue.

¶ Aquel sadarnapolo: rey muy vicioso
con fama muy fea: murio deshonrrado
mas houo tormento: q̃ no fue gozoso.
de sus grãdes crimies: siempre molestado.
Fierẽ como furias: el nuestro cuydado
reposo ni descansso: jamas otorgando
xerses por siempre: sera desnotado
siguiendo deleytes fuyo batallando.

¶ Dela insigne generacion.

¶ O clara prosapia: tu di me que vales
sin dela virtud: ser acompañada
tu de origen: mas fermosa sales
pero si despues: no eres ornada
De claras virtudes: ⁊ eres ligada
con vicios feos: ⁊ les fazes feudo
por cierto mas fea: deues ser juzgada.
que si con nobleza: no touiesses deudo:

¶ Exemplifica.

¶ La clara estirpe: ser de preciar
assi la ha mostrado: aquel luz de vida
quando enla virgem: quiso encarnar
que de real sangre: era produzida
Pero haun quiso: que fuesse guarnida
de todas virtudes: la su grand alteza
dando nos enxemplo: de ver ser vnida
con claras costũbres: la clara noblez.

¶ Aplicacion.

¶ Todos somos fijos: del primero padre
todos traemos: ygual nascimiento
todos auemos: a eua por madre
todos faremos: vn acabamiento
Todos tenemos: bien flaco cimiento
todos seremos: en breue sotierra
el propio noblesce: merecimiento
ꝛ quien al se piensa: yo piensso que yerra.

¶ Dela fermosura:

¶ Agora vengamos: a ty. o beldad
por que se demuestre: claro euidente
ser tu colocada: en grand vanidad
ꝛ ser de firmeza: lexos. ꝛ ausente
tu que te pienssas: ser muy eminente
cayes mas ayna: que las verdes flores
si retorna presto: febo al poniente
tan presto fenescen: todos tus fauores.

¶ Exemplifica.

¶ Aquel de toscana: varon valeroso
quanto fue loado: por aty dexar
seyendo su rostro: gentil. ꝛ fermoso
fizo su fama: muy lexos volar
fuyendo ser causa: de otro pecar
fizo assy feo: con fama fermosa
o mano loable: que supo domar
los torpes desseos: en ser rigorosa.

¶ Aplicacion.

¶ Aquella elena: tan mucho famosa
si con ojos linceos: fuera reguardada
por los que juzgauan: ser tanto fermosa
dezio me no fuera: difforme juzgada
pues esta beldad: de vos tan preciada
no vos la ha dado: la naturalesa
mas solo la vista: que no es delgada
falsamente juzga. ꝛ vos da belleza.

¶ Delos fijos: ꝛ dela angustia que causan los malos fijos.

¶ Dessear los fijos: parescen engaños
por que sus dolores: son nuestro dolor
ꝛ todos sus daños: nuestro mesmo daño:
mirad pues que gozo: nos da su amor
Mirad que plazer: mirad que dulçor
es tener con muchos muy grandes amores
por que nos den vida: con muy mas sudor
ꝛ los sus delictos: inmensos dolores.

¶ Son causa los fijos de males muy fuertes
a los tristes padres: que los engendraron
y lo que mas feo: buscan las sus muertes
ya muchas vezes: los fijos tentaron
de matar sus padres. ꝛ los desterraron
de sus altos tronos. ꝛ de sus reynados
y enlas tiniebas: los encarcelaron
de su mesmo ser muy mal recordados.

¶ Exemplifica.

¶ El rey artaxerces: gozar yo no creyo
por tener de fijos: grande multitud
antes lagrimando: los sus ojos veyo
llorar la su vida: sin toda salud
Nin creyo saturno: enla juuentud
de su fijo joue: auer se gozado
el vno mal dize: la su senectud
el otro reclama: que fue desterrado:

¶ Del pueblo. ꝛ de su vano amor.

¶ No amo ni punto: el amor popular
ny loo quien mucho: enel se confia
ca no sabe amar: ny sabe desamar
los mas de sus fechos: van torcida via
sin razon sin causa: mantiene porfia
sin sazon sin tiempo: se dexa daquella
jamas discrecion: no lleua por guia
nin honrra la virtud: nin se cura della.

¶ Al caos profundo: a horas abaxa
a horas soblima: al ciclo loando
enel piedad: jamas se encaxa
los sus beneficios: siempre van errando.
es todo ingrato: crudo. ꝛ nefando
los malos enxalça: los buenos opprime
ala falssa fama: jamas va mirando
nin siento virtud: que acl se arrime.

¶ Exemplifica.

¶ Deſterro camilo: hombre glorioſo
ya curiola: el pueblo romano
deſterro theſeo: duque valeroſo
ya temiſcodes: el pueblo inſano
ſeruio aquel ceſar: famoſo tirano
ſeruio aquel ſilla: malo. ⁊ cruel
ſeruio dioniſio: el ſiracuſano
y fue alos buenos: de raro fiel

¶ Dela floreſciente iouentud.

¶ Oy en que tienes: loca iouentud
por que te eſtimes: de tanto valor
oy por que maldizes: ala ſenectud
y no le conoſces: ſu grande honor
Penſſando ſer fuera: de todo dolor
pero tu acata: regarda remira
aqueſto que dire: no en tu fauor
lo que ſe dilata: pero no ſe tira

¶ Tu nudres los vicios: feos ⁊ maluados
tu das oſadia: para mal obrar
tu forias bien preſto: los torpes cuydados
y cauſas la cauſa: del graue penar
tu fazes los males: perpetuo durar
pues fauoreſces: a tus miſmos daños
por fuerça ſe ſigue: a vejez llegar
ſi ſiempre duraron: en los verdes años.

¶ Exemplifica.

¶ Oy como ſaluaſte: al batallador
hector. ⁊ troylo: ſu claro hermano
oy como ſaluaſte: al ſu matador
y aquel fermoſo: infante troyano
oy como ſaluaſte: aquel rey hyſpano
nombrado don ſancho: que cerco çamora
y aquel inſigne: tito el romano
del qual la riqueza: era ſeruidora

¶ Dela corporal fuerça.

¶ Quanto pues ſea: de honrrar la fuerça
y quanto de nos: deue ſer querida
miras quien de fuerças: vençer ſe eſſuerça
alos elefantes: fuertes ſin medida
nin delos tigres: ſu fuerça vençida
ſera de alguno: por ſer mucho fuerte
feneſce la fuerça: ante que la vida
y a todas fuerças: ſe fuerça la muerte.

¶ Exemplifica.

¶ El claro conſejo: del vero Caton
no menos yo creyo: nozer. ⁊ dañar
ala grand Cartago: que aquel Scipion
que pudo ſus fuerças: vençer. ⁊ domar.
Uno repoſando: ſupo conſejar
como a cartago: vençer ſe podria
otro batallando: ſin jamas ceſſar
fue delo penſſado: capitan. ⁊ guia.

¶ Exemplifica. ⁊ proſſigue.

¶ Perceſcio la fuerça: del fuerte milon
y fue en momento: preſto conſſumida
nin ſaluo aquella: al magno ſampſon
nin euitar pudo: ſu triſte cayda
Es delos ſabios: en poco tenida
es de ſeruitud: amiga. ⁊ conforme
la diſcrecion ſola: deue ſer ſeruida
muy bella en todo: en nada diforme.

¶ De deſſeo ſobrado de largo veuir.

¶ El grande deſſeo: de vida longeua
qual tan poco ſabe: que claro no veya
ſer mucho mejor: morir como Secua
que no denoſtado: el veuir poſſeya
la vida es breue: por luenga que ſeya
y quanto mas dura: mas dolores ſiente
el luengo dolor: la muerte deſſea
veuir es morir: en hedad cayente.

¶ Sin cuento los ſantos: ſon muy glorioſos
que han deſſeado: morir preſtamente
y con tal deſſeo: fueron mas famoſos
que mucho viuiendo: viçioſamente
yo eſto gritare. ⁊ oſadamente
ſer el bien morir: alos buenos vida
y la mala vida: muerte ciertamente
la qual de penar: es dulce finida.

¶ Exemplifica.

¶ Caton vticensse: quiso mas matar sse
que no reguardar: el vulto tirano
amando ser libre: quiso delibrarsse
con su virtuosa. ꝛ propia mano
anibal el grande: duque affricano
mas quiso morir: que no ser traydo
delante el aspecto: del pueblo romano
cuyas ligiones: auia vençido.

¶ De los amigos.

¶ La dulce fortuna: engendra amigos
muy mas lisonjeros: que veros: ni leales
y la aduersa: los torna enemigos
avn no contenta: delos otros males
y muestra no firmes: ser ꝛ desleales
aquellos que primero: mostrauã fieles
por aquestos juegos. ꝛ por otros tales
sus bienes del orbe: senblan infieles

¶ Quando los gemidos: som mas abiuados
el leal amigo: ally permanesce
de tales amigos: son pocos fallados
por que nuestro siglo: de virtud caresce
La maldad habunda: caridad fallesce
siguen como moscas: aquellos ala miel
ya vera amistad: ni es: ni paresce
a penas entre mil: es vno fiel.

¶ Escusa se de exemplificar.

¶ Reduzir enxemplos: daquesta materia
no quiero por ser: cosa odiosa
pero veo muchos: con asaz miseria
que a my reclaman: en voz dolorosa
deziendo scriue: no te turbe cosa
de aquellos sin fe: amigos sin amor
que han quebrantado: la ley vigorosa
de amistad vera: con mucho rigor

¶ Prosigue mostrãdo el biẽ sobirano.

¶ Dexad: y dexad: otra vez vos digo
damar estas cosas: de grand falssedad
amad y quered: auer por amigo
el bien sobirano: do es la verdad
a este preçiad: a este abraçad
el qual fallareys: en dios solamente
temed su justicia: amad su bondad
no no siguays no: al son dela gente.

¶ Jnuoca:

¶ O dios verdadero: o hombre perfecto
tu que de nada: el orbe criaste
tu que el mar brauo: tornaste quieto
tu que muriendo: a todos saluaste
O rey delos reyes: quel cielo formaste
tu que eres padre: dela sapiencia
presta me ajuda: como la prestaste
al rey sapiente: en grand afluencia

¶ Aplicacion.

¶ Nosotros buscades: muy profundamente
el bien sobirano: por diuersas vias
buscays en tiniebras: la luz eminente
ꝛ perdeys el tiempo: tras cosas baldias
Conssumis las horas: en vanas porfias
errays y errando: reçebis passion
no trabajeys siempre: en contrauersias
lo vno: ꝛ lo bueno: vna cosa son.

¶ Compara ꝛ demuestra.

¶ Quien busca pescados. ꝛ belluas marinas
no busca los mõtes: mas busca los mares
pues menos se buscam: las cosas diuinas
en los tenebrosos. ꝛ fondos lugares
ala bien andança: tu si la buscares
busca la dentro: en tu alma mera
con esta te goza: si bien la fallares
delas otras burla: como de chimera

¶ Jnuoca.

¶ Canta santa musa: en coplas. ꝛ verssos
resuenen tus vozes: fieram los oydos
de todos los hombres: buenos ꝛ peruerssos
busca armonia: de dulces sonidos
E sean remedios: aqui perueniodos
por que no preuenga: la desesperacion
demuestra los bienes: que son infinidos
faz m patente: nuestra saluacion

¶ Yo vos daqui Musas: vos q̄ en pernaso
segund los poetas: fezistes morada
yo vos muy allende: del monte caucaso
pues no sodes dignas: daquesta jornada
nin vuestra ponçoña: sera derramada
con la su dulçeza: en las venas mias
ca ser no me plaze: de vuestra mesnada
ny soy Omerista: nin sigo sus vias.

¶ Mas ya pues dexando: aquestas razones
retornar queriendo: a lo neçessario
ca no me agradan: luengas conclusiones
antes quanto puedo: sigo lo contrario
Ved lo que dixe: en breue sumario
o vos cristianos: z gentes fieles
por que no sirvades: el grand aduerssario
que sumir vos quiere: en ondas crueles.

¶ Prosigue.

¶ Las virtudes tres theologicas
z las quatro cardinales.

¶ Amad la fe santa: amad sperança
amad caridad: con grande femencia
amad fortaleza: z amad templança
amad a justicia: z amad a prudencia
Amad al grand dios: temed su potencia
fazed buenas obras: fuyd delas malas
durad en aquesto: seguid my sentencia
z yres al cielo: volando sin alas.

¶ Dela santa pobreza.

¶ Amad: o mortales: la santa pobreza
de que ninguno sabio: jamas no querella
y assy posseyd: la mucha riqueza
como si nada: posseyesseys della
amad la virtud: burlad de aquella
fuyd ocasion: rayz de pecado
pues que grand fuego: de chica centella
renasce mas presto: que no fue penssado

¶ Exemplifica.

¶ Por boca dapolo: Clodio se scriue
ser muy mas que Giges: felice juzgado
mas claro su nombre: daquel avn viue
que no del muy rico: rey muy abastado
El pobre varon: sera memorado
que houo la vera: bienauenturança
el rico por tal: no sera notado
lleno de anssias: mas no de folgança

¶ Aplicacion.

¶ Beatos los pobres: dize el senhor
de spiritu puro: muy libre. z quito
de mala cobdicia: z de su amor
muy lexos. z nada: con aquel aflicto
Pues triste catiuo: sera. z maldito
el que refuyere: de buscar aquesto
raydo del libro: a do fue escrito
por que no sigo: lo bueno. z honesto.

¶ De ocio. z soledad virtuosa.

¶ Abraçad el ocio: amad soledad
fuyd multitud: fuyd sus rumores
aquella es madre: de grand santidad
la otra de graues. z grandes dolores
Con dios la primera: tiene sus amores
ama la segunda: lo vil. z dañoso
aquella no cura: de muchos senhores
esta lo disforme: le sembla fermoso.

¶ Exemplifica.

¶ Amo soledad: el claro varon
françisco doctrina: de vida muy santa
amo soledad: aquel sant anthon
de cuyas batallas: mi penssar sespanta
De egipciaca: esso mismo canta
la militante: yglesia terreste
que enel desierto: su virtud fue tanta
que mortal seyendo: se mostro celeste

¶ Aplicacion.

¶ O edad primera: bienauenturada
tu que los campos: fieles amauas
con lo neçessario: eras abastada
por cosas sobradas: jamas sospirauas
En duelos. z frandes: no te deleytauas
ni preciauas: la triste moneda
las guerras z muertes no las procurauas
por tanto loarte: no se como pueda

¶ Exorta: e confesa.

¶ Temed ala muerte. que a todos tragua
temed al infierno: lleno de spanto
temed al pecado: que tanto nos llaga
fuyd las sirenas: fuyd a su canto
Pues luego su gozo: trasmuda en llanto
fuyd a Caribdis. e fuyd a Silla
seguid a virtud: cobrid a su manto
buscad su eterna: e fulgente silla.

¶ De homildad.

¶ Amad homildad: desamad soberuia
pues el homilde: a dios mucho plaze
e del soberuio: su dura proteruia
sin comparacion: al senhor desplaze
La vna fabrica: la otra desfaze
la muy rica sala: de merecimiento
la vna al cielo: alcançar nos faze
la otra por siempre: nos busca tormento.

¶ Esta es loada: en sublime grado
esta es primera: virtud christiana
a esta busquemos: con todo cuydado
si ver dessamos: la luz soberana
Con esta la gloria: eterna se gana
esta es cimiento: de todas virtudes
esta el enfermo: guaresce e sana
delo que te digo: leyente no dudes.

¶ Exemplifica:

¶ En bestia tornado Nabucodonosor
fue con altiues: grande desmedida
derando el celso. e real honor
pasciendo las yeruas: lloro su cayda
Dauid por ser homil: gano la sobida
de so es pastor: a rey muy potente
plogo al muy alto: muy mucho su vida
fue siempre loado: de gente en gente.

¶ De continencia e abstinencia.

¶ Amad continencia: con intimo amor
por no ser a brutas: fieras comparados
los varones fuertes: buscan el sudor
e fuyen los gozos: blandos delicados
Vençed las planetas: vençed vuestros fados
pero nos inclinen: viuir vida fea
pelead con ellos: e sed esforçados
quel constante fuerte: vençe la pelea.

¶ Diffinicion:

¶ Es continencia: virtud que retiene
delos actos feos: los nuestros sentidos
los torpes dessecos: bien presos los tiene
por quetrin fando: los houo vençidos
Por cosas caducas: jamas da gemidos
desama luxuria: desama cobdicia
por quien grandes: reynos ya fuerõ perdidos
vençe y destroça: la carnal malicia.

¶ Exemplifica:

¶ Muy mucho loable: fue la continencia
daquel marco curio: varon inuençido
loar no se puede: su grand abstinencia
dela mi rudeza: en grado deuido
No es diogenes: en menos tenido
no es africano: para sser callado
ni digna de oluido: sera vista dido
ca su claro fecho: deue ser notado.

¶ De misericordia.

¶ Amad grandemente: a misericordia
por que seays fechos: bienauenturados
aquel que dar puede: la paz e concordia
assy lo reclama: si soys recordados
El que senhorea: fortuna y fados
y se vos promete: por esta virtud
que si la amardes: sereys del amados
auiendo de gozos: grande multitud

¶ E esta y justicia: han vn solo padre
esta consume: del todo los males
de todos los bienes: es nutriz e madre
ella y justicia: no son desyguales
en dios ante digo: que sean yguales
a esta no presta: defension ni muro
ca las sus armas: son celestriales
sin esta muriendo: ningũo es seguro

¶ Exemplifica.

¶ Aquesta virtud: el senhor mostro
en fauor daquella: Niniue cibdad
quando a sus culpas: perdon otorgo
vencida con llantos: su benignidad
O coraçon duro: sin humanidad
el qual no se vence: de lloros: ni ruegos
bien digno de nunca: fallar piedad
y de ser quemado: en quemantes fuegos

¶ De obediēcia inuoca: ⁊ prosigue.

¶ De ty sacro dios: imploro potencia
como yo indocto: fable doctamente
dela virtud santa: ⁊ obediencia
que tu jamas donas: saluo a prudente
Bienauenturado: ⁊ a ty temiente
la qual mejor es: que no sacrificio
que faze del flaco: fuerte. ⁊ potente
muy digno de grande: ganar beneficio:

¶ Obedescer manda: primero el senhor
al qual lieue cosa: es obedescer
despues alos hombres: de grande valor
o de grand potencia: o de grand saber
Muy alegremente: se deue excerçer
porque no passemos: vida muy amarga
⁊ muy mas ganemos: del buen merescer
y no se nos faga: muy graue la carga.

¶ Exemplifica.

¶ Alcançoo ser madre: del su padre santo
nuestra gloriosa: ⁊ santa senhora
porque obedescio: nos libro despanto
seyendo de todos: la reparadora
Saul con auara: mano robadora
desobedesciendo: cayo de su trono
fingendo cautela: no muy sabidora
hoyo del propheta: aquel triste tono.

¶ De paciencia.

¶ Quered paciencia: con vos abraçar
pues quanto sofrides: de aquel vos viene
que rige el cielo: la tierra ⁊ el mar
y todas las cosas: en su poder tiene
Dexad al senhor: que de vos ordene
y el sabera: dar vos lo mejor
que vuestro spiritu: reclame: ⁊ pene
con alegre gesto: sostened el dolor

¶ La obra perfecta: esta virtud faze
quita el desseo: de toda vengança
justa: o injusta: qualquier le desplaze
nunca retrocede: mas siempre auança
En dios esta pone: la su confiança
quita la tristeza: que es excessiua
de aduersidades: es fiel folgança
quita el odio: ⁊ la yra priua.

¶ Exemplifica.

¶ Aquel santo job: por ser paciente
vencio batallando: el nuestro enemigo
fue otro muy claro: sol en oriente
y de fortaleza: muy fiel testigo
Fue del excelso: amado. ⁊ amigo
y gano de aquel: vida perdurable
siguio de virtudes: el vero origo
no fue tan loado: como fue loable.

¶ Dela fulgente verdad.

¶ Del malo enemigo: eres enemiga
tu verdad fulgente: de dios muy amada
dela santa gente: eres muy amiga
y delos improbos: te as separada
En nuestra edad: no eres fallada
ca tu aborresces: al dissimular
y tienes grand odio: con cara falsada
ny menos te plaze: el blando lisonjar.

¶ De toda malicia: tu eres desnuda
y eres de nobleza: ornada vestida
fuyr tu engano: ya quien lo duda
ca tu de claresa: eras reuestida
de grande constancia: eres bien seruida
a do tu no moras: maldita la tierra
y la religion: do eres partida
dally no se parte: discencion ⁊ guerra.

¶ Exortacion: ⁊ consiliaria.

¶ Abraçad aquesta: muy fermosa dueña
con todas las fuerças: vigorosamente
de tanto mentir: aued ya verguença
sea la mentira: lexos ⁊ ausente
la verdad es fuerte: ⁊ siempre plaziente
la otra es fabla: llena de tristeza

no fagays senhora: de muy vil siruiente
inutil profana: sin toda nobleza.

¶ De liberalidad loable.

¶ Con vera franqueza: teneo amicicia
y fuyo muy leros: la prodigalidad
pero muy mas luene: la torpe auaricia
propio cimiento: de toda maldad
Amad e tened: la liberalidad
que da donde deue: con alegre cara
que nasce e mana: dela voluntad
y los beneficios: perfectos prepara.

¶ Esta no conosce: el vulgo errado
ny rreguardar puede: su grand eminençia
aquesta posseye: el medio loado
nunca en estremos: faze rresidencia
Esta procura: su grand preminencia
ser en virtudes: no en vana gloria
esta rrequiere: muy grand prouidencia
daquesta muy pocos: han vera victoria.

¶ Exemplifica: e prosigue.

¶ Es mera franqueza: alos pobres dar
rredemir catiuos: con liberal mano
fundar hospitales: templos fabricar
adonde se loe: el dios soberano
Socorrer al triste: e tornar lo sano
ajudar a todos: ninguno dañando
son aquestos actos: del grande trajano
de clara justicia: claros emanando.

¶ De constancia.

¶ Con mente constante: seguid a constancia
con animo fuerte: sabelda elegir
mas vale que doro: muy grande abundancia
nin quantos thesoros: se pueden dezir
es fiel cimiento: para bien veuir
falange muy fuerte: contra todos vicios
tramite muy recto: para bien morir
fabro que fabrica: leales seruicios.

¶ Loar la constancia: en los viles fechos
quien duda errada: ser oppinion
los firmes cuydados: deuem ser deffechos,
quando no emanan: dela discrecion
Obedeçer deue: aquella a razon
pero quando della: punto no desuia
dudar no se deue: muerte ny prision
y quantos mas males: mas firme toda via

¶ Exemplifica.

¶ Mirad alas santas: e santos varones
que jamas dexaron: su fe valerosa
por graues tormentos: ny por grandes dones
firmes sperando: corona gloriosa
Asaz manifiesta: e patente cosa
es delos gentiles: su grande firmeza
qual fue la de Fabio: en todo fermosa
y la Sceuola: llena dardidesa.

¶ De clemencia.

¶ O virtud muy buena: o santa clemencia
dame licencia: pueda recontar
en baxo estillo: e sin eloquencia
la tu sobirana: beldad singular
pues que tu eres: sin todo dubdar
clipeo de palas: alos perseguidos
y fazes los reyes: estables estar
y fazes los reyes: de todos queridos

¶ Con los pusilanimes: no as amistad
ca siempre procedes: de grand coraçon
tu eres amada: dela deydad
ca tu delos tristes: eres protecion
y delos culpados: fuerte defencion
y pues el excelsso: se llama clemente
deuemos buscar te: con grand affeccion
y no ser feroces: a ninguna gente.

¶ Exemplifica.

¶ De aquesta virtud: cornelio vso
dando manffedo: al su enemigo
a esta virtud: alexandre amo
quando el vejo: fallo enel abrigo
y quando de poro: se mostro amigo
a esta virtud: siguio pirro rey
ala qual yo pienso: e assy lo digo
que los reyes deuen: mirar como ley

¶ De loable silencio.

¶ Fuyd multiloquio: amad el callar
el qual las mas vezes: sana y guaresce
o quantos se fallan: fablando matar
jamas por çilencio: ningũo mal recresce
En multiloquio: crimen no fallesce
amar el çilencio: demuestra cordura
el vero saber: callando floresce
es mucho fablar: señal de locura.

¶ Lieue es la fabla: ca lieuemente buela
mas fiere ⁊ llaga: muy pesadamente
lieuemente passa: mas mata ⁊ asuela
assy como rayo: furiosamente
penetra el animo: muy ligeramente
mas non lo reuoca: assy de ligero
errar muchas vezes: faze al prudente
de mas quando buela: de boca de artero

¶ Quatro cosas que en la fabla se deuem obseruar.

¶ No solo acata: el que es sapiente
aquello que fabla: mas haun el lugar
adonde lo fabla: si es congruente
y tan bien al tiempo: que cumple fablar
quien es la persona: se deue mirar
con la qual fablamos: o de que valor
estas quatro cosas: se deuem guardar
⁊ si no se guardan: callar es mejor.

¶ La boca del sabio: en su coraçon
y por el contrario: del loco auiene
el vno callando: con grand discrecion
con muy fuerte freno: su lẽgua cõtiene
el otro ni çela: cosa ni retiene
todos de su fabla: son mal ofendidos
no se rrecordando: el nescio que tiene
vna sola boca: ⁊ dobles oydos.

¶ Exemplifica.

¶ Mataron a clito: por mucho fablar
murio calistenes: ⁊ fue destroçado
sin cuento de locos: se pueden fallar
ny sera su numero: jamas numerado
solo vn philosofo: houo obseruado
el santo çilencio: en toda su vida
o hombre muy cuerdo: o bienauenturado
de fama loable: muy esclarescida.

¶ De contempto virtuoso.

¶ Si tu menosprecias: a toda riqueza
ser tu luego rico: es cosa notoria
⁊ si menosprecias: la dura crueza
delos enemigos: aueras victoria
⁊ si menosprecias: folgança ⁊ gloria
luego glorioso: seras ⁊ quieto
pues retener deues: en la tu memoria
aquesto que digo: si eres discreto.

¶ No menosprecies: ala pobre gente
mas sey le siempre: manisso gracioso
contracta con ellos: muy benignamente
y oye sus queras: con gesto amoroso
el animo alto: no es furioso
contra el del flaco: ⁊ de poco poder
ny diran que puede: mucho el poderoso
por que delos pobres: se faga temer

¶ Contempne la muerte: ⁊ sey esforçado
pues eres seguro: que si bien obrares
seras in eterno: bienauenturado
y con la tal muerte: libre de pesares
es breue dolor: si bien lo penssares
que da fin ⁊ cabo: a graues dolores
jamas no la temas: si a dios amares
otramente teme: sus graues temores

¶ Exemplifica.

¶ Aqui o tu bias: rico sin riqueza
aqui te muestra: hombre sapiente
por que manifiestes: tu vera nobleza
y fagas denuesto: al siglo presente
aqui o tu socrates: varon excelente
vernas tu reyendo: con alegre cara
recebir la muerte: del todo innocente
con fama luziente: ⁊ vida mas clara

¶ De honestidad.

¶Buscad honestad: abundosa fuente
de todas virtudes: de todas bondades
sea scolpida: no solo en la fruente
mas haũ mas dẽtro: en las voluntades
Esta es madre: de todas verdades
esta es del cielo muy patente via
para que falledes: el bien que buscades
esta es du quesa: adalid z guia.

¶O tu mortal hombre: qualquier q̃ tu seas
si la honestad: reguardar pudiesses
con ojos diuinos: sin dubda me creyas
que grandes amores: co ella touisses
y todo por suyo: a ella te diesses
ca no es humana: mas diuina dama
cuyos grãdes dones: si los rescibiesses
siempre arderias: en gozosa fama.

¶Quatro fuentes donde
mana la honestidad.

¶De quatro fontanas: aquesta emana
y es la primera: buscar la verdad
la compañia: obseruar humana
es luego la otra: de grande beldad
y es la tercera: magnanimidad
que nasce z viue: en grand coraçon
dar modo alas cosas: con abtoridad
sera pues la quarta: sin fingir ficcion.

¶Addicion

¶El varon honesto: fuye del peccado
bien como de vna: cruel señoria
caso que supiesse: ser le perdonado
del alto jhesu: jamas lo faria
y haun que pensasse. que se celaria
para todo siempre: delante la gente
con todo aquesto: el refuyria
mas que dela muerte: de ser su siruiente.

¶De verdadera z firme libertad.

¶Amad libertad. fuyd seruidumbre
la qual si queredes: ganar z hauer
buscad al excelso: luzero z lumbre
de libertad vera: sin le offender
Si esta queredes: con vos retener
sed libres primero: de amor sobrado
las cosas no firmes: de mudable ser
arrancad daq̃llas: el vuestro cuydado.

¶De tres syngulares liberdades.

¶Aquel señor puede: dar vos liberdad
del triste peccado. cruel tenebroso
y dela miseria: y necessidad
como rey muy grande: todo poderoso
Buscad con cuydado: muy estudioso
esta liberdad: triplice fermosa
con la qual se cobra: el bien habundoso
y aquella gloria: siempre gloriosa.

¶Qual es verdadero libre.

¶El que a ninguna: sirue cubdicia
aqueste ser libre: es de estimar
sieruo es quien sirue: la triste auaricia
libre es el libre: del torpe pensar
Solo el sabio: se puede llamar
veramente libre: z no otro hombre
a hun que sojuzgues: la tierra z mar
si improbo fueres: sieruo es tu nombre

¶Exortacion z consiliaria.

¶Quando cõ muerte: nos libro de muerte
libre nos ha fecho: el verbo incarnado
pues irascimini: venced toda suerte
por que no seades: sieruos del peccado
Fuyd el dominio: daqueste maluado
principe tirano: cruel engañoso
seruid al señor: con todo cuydado
que es todo pio: z no rigoroso.

¶De temor y amor de dios.

¶Hoyan los cielos. lo que fablare
y hoya la tierra: y hoya la mar
inclinen hoydos: alo que dire
hoyan atentos: el mi razonar
Hoyan animales: mi breue fablar
assi quadrupedes: como racionales
hoyan las aues: señoras z el volar
hoyan los mis versos: todos los mortales.

¶ Temed al señor: gentio mundano
temed al señor: señor de senhores
temed su muy justa: y potente mano
por que no temades: ningunos temores
Daqueste señor: sed vos seruidores
el qual gualardona: todos los seruicios
y presto consume: los nuestros lágores
y da justas penas: por todos los vicios.

¶ Amad aquien ama: aquel que lo ama
y jamas desama: sin justa razon
que mira lo vero: lo falsso & derrama
y faze sus bienes: de grand perfeccion
No da sus hoydos: a falssa ficcion
ni es el su ser: mortal: ni finito
a muy grandes culpas: outorga perdon
y no desampara: al ques mas aflicto.

¶ Exemplifica.

¶ Aquel grande pueblo: de duro creyer
en quanto temia: a nuestro señor
vencio su poder: a todo poder
y alos mas grandes: puso mas terror
Passo el mar rubro: cõ muy gram honor
y fue a cldada: la celeste mana
era delos fuertes: fuerte domador
a todos vencia: su gloria mundana.

¶ Mas como el dexo: al su dios muy santo
luego fue oppresso: muy terriblemente
y fue destruncado: con mortal el panto
de todos los bienes: se fallo absente
Plañio sus langores: & mal luẽgamẽte
y la su miserya: dio fuertes gemidos
su mal haun dura: segund es patente
pues si no temedes: no sereys temydos.

¶ Prosigue concluyendo.

¶ Contrastad con yra: a los feos vicios
honrrad las virtudes: & leuad la mente
al padre de dones: y de beneficios
muy sabio fuerte: pio: & clemente
Tened vuestras preces: en lo eminẽte
no mireys las tierras: cõ tanto cuydado
mirad a lo alto: mirad lo fulgente
lo vil de vos sea: menospreciado.

¶ Necessidad grande: esta a vos puesta
de amar virtud: & seguir bondad
si dissimular: la verdad no presta
ni menos fingir: falssa la verdad
Por obrar delante: la grand majestad
del omnipotente dios: vno: etrino
mirante las cosas: en eternidad
muy justo juez: bueno: & muy digno.

¶ Cabo.

¶ Si veys a los malos: ser muy enxalçados
y a los buenos: venir afficiones
ni por aquesso: sed vos apartados
de guiar al bien: vuestros coraçones
Porq̃ los peruerssos: cõ sus falsos dones
al fin in eterno: sosternam tormentos
los buenos cobrando: veros galardones
seran fechos dioses: de bienes cõtentos.

Do cõde do vymyoso a hũa se-
nhora que seruia.

¶ Quem vos podera a seruir
nem leyxar de o fazer
que naua mingoo poder
& noutra o consentyr

¶ Mas nam compre de buscar
caminho nesta verdade
poys tam bom he de deixar
a vyda pola vontade
Entam podereis sentyr
quando me vyrdes morrer
que moyro por vos seruyr
sem ousar de o fazer

¶ Outra sua.

¶ Se fyzesse fundamento
dalgũ bem em minha vyda
dala hya por perdida.

¶ Mas nam tenho esperança
nem perco contentamento
queste mal nam faz mudança
nem eu castelos de vento.
& coeste fundamento
nam faço conta da vyda
nem na tenho por perdida

¶ Trouas q̃ mandarã o cõde do vymyoso ⁊ ayres telez a senhora dona margarida de sousa sobre hũa perfya que tyuerã perante ella em que dezya ayres telez que nam se podia querer grande bem sem desejar. ⁊ o conde dezya o contrayro.

¶ Ayres telez.

¶ Desejar ⁊ bem querer
sam senhora tam parçeyros
cos amores verdadeyros
sem ambos nam podem ser
por qua causa he querer bem
o desejar o efeyto
amores queste nam tem
nam me negara ninguem
que nam tem o ser perfeyto.

¶ Nam digo co desejar
seja no omem primeyro
mas venha por derradeiro
pera se çerteficar
o bem querer verdadeyro
Por que quem este nam tem
ey por muy çerto synal
ou que nam quer bem nẽ mal
ou que quer pequeno bem

¶ E bem se podera achar
desejar sem bem querer
grande bem sem desejar
no omem nam pode ser.
⁊ quem tal concrusam tem
contra a minha opynyam
vay tam fora da rrazam
como estaa de querer bem

¶ Sentirssa se se nam vyr
qual quer cousa dessejada
mas quem nam deseja nada
nam tem nada que sentyr
Ora vossa merçe veja
qual daquestes mays mereçe
quem quer bem ⁊ nam deseja
ou quem deseja ⁊ padeçe.

¶ O conde do vimioso.

¶ Quem damores tẽ ocume
quem vyue vyda acabada
este nam deseja nada
nam se julga por costume
cousa desacustumada.
quem ousa de deseiar
cuyda o contentamento
se o cuydo logo o sento
⁊ em meu mal nam podestar
prazer nem por penssamento

¶ Desejar o coraçam
he natural ⁊ verdade
mas na grande afeyçam
dessymula a rrazam
os desejos aa vontade:
nam pode amor sem arte
querer groz(a) pera ssy
que por ela vejo em myin
que cuydar na menos parte
traz consygo minha fym

¶ O amor acustumado
este naçe do desejo
que desejando o que vejo
tenhome por namorado
dygo que e meu mal sobejo.
mas quem chega a bem q̃rer
que sem respeyto sordena
nam deseja de vyuer
nem cuyda quy ha prazer
nem lhe lembra sua pena

¶ Poys se proua o que dygo
nam cumpre mays arguyr
⁊ mays este meu amygo
achara muytos conssiguo
cu som soo no meu sentyr
por myl penas que sofresse
todo meu mal se dobrasse
se na vyda que vyuesse
tanto vº desacatasse
que alguũ bem desejasse.

¶ Ayres telez.

¶ Este meu senhor quys vyr
com tam falsas poesyas
que vem agora acayr
em mayores eresyas.
mas por mays o confundyr
nesta sua openyam
quero senhora arguyr
contra sua concrusam
⁊ prouar minha tençam

¶ Se tem tam liure a vontade
que pode nam desejar
nam lhe poderey negar
senhora que diz verdade.
mas quem he muyto sogeyto
sendo muyto namorado
venlho deseio forçado
⁊ nam faz nada por geyto

Quẽ nã sente nada he morto
⁊ de todo estremo ausente
nam he triste nem contente
nã tem mal nẽ tem conforto
⁊ por este fundamento
como sa fyrma ninguem
que teraa mereçymento
quem nam sente mal nem bẽ.

¶ De moor descansso vyuer
sem desejar ⁊ sentyr
que grande desejo ter
que se nam pode compryr
⁊ que possa auer desejo
com grande desesperar
isto senhor vº nam vejo
como se possa neguar

¶ E salgum omem nam ousa
desejar o que nam tem
nam lhe vem de querer bem
mas da esençya da cousa
⁊ poys exçelençya ⁊ ser
doutrem faz nam desejar

nam se va ninguem gabar
que lhe vem de bem querer

¶ O conde.

¶ Qua proueyta bem falar
sas rrazões nã vã prouadas
sam modos da cafelar
sam synaes de desamar
palauras fallsefycadas
nysto mesmo que se diz
se proua minha questam
mas compre que o juyz
tenha tanta afeyçam
que lho synta o coraçam

¶ Sa exçelençia ꝛ ser
doutrem faz nam desejar
como me podeys neguar
que meu amor ꝛ querer
nam deseja descansar
poys me esta confessaes
senhor meu nam negareys
qua senhora que amaes
que por amor desejaes
por seu despreço o fazeys

Dous cõtrayros nuũ sogeito
nam se vyo nem ham de ver
pera vyr a bem de feyto
desejo quer seu proueyto
amor quer tudo perder.
Se neles tal deferença
nam pode ser bem negada
a rrezam sera forçada
nam fycando por sentença
qua mor nam deseja nada.

¶ Amor he conformidade
em toda cousa jguoal
hũa gostosa amyzade
amor he hũa vontade
que nam pode querer al
amor nam sabe o que quer
como pode desejar
amor nam pode querer
outra cousa se nam ser
ꝛ em sy mesmo estar

¶ Desejo he hũu syntyr
da quylo que pode ser
syntyr o questaa por vyr
que obriga a seruyr
esperando mereçer.
Como pode esperar
prazer quem por vos padeçe
que se bem nysso cuydar
nam se pode desejar
cousa que se nam mereçe

¶ Aylançete.

¶ Meu amor tanto vº amo
que meu desejo nam ousa
desejar nenhũa cousa.

¶ Por que se a desejasse
logo a esperaria
ꝛ se a eu esperasse
sey que vº anojaria.
mil vezes a morte chamo
ꝛ meu desejo nam ousa
dessejar me outra cousa

¶ Ayres telez.

Sẽ outros maes argumẽtos
na sua mesma rrezam
jaz senhora a confusam
de todos seus fundamentos
no que diz contro o que digo
nas rrezões que dey a rryba
ele soo luyta consiguo
ele mesmo se derryba.

¶ Grande bem daa coraçam
grande bem faz tudo ousar
grande bem faz desejar
com rrezam ꝛ sem rrazam
ꝛ quem he tam temperado
que tem modo no desejo
nam se ve no que meu vejo
nem he muyto namorado

¶ Nã quer proueyto o q̃rer
nem tam bem o desejar
cousa tam longe de ser
que se faz desesperar
poys sam falsas as rrezões
de quem disse que nam tem .
desejar ꝛ querer bem
hũas mesmas condiçoões.

¶ Samor nam sabe o q̃ quer
nem deseja quem quer bem
namorarssya alguem
da pintura da molher.
mas nunca somem namora
se nam sempre em tal luguar
que logo lhe nessa ora
lembra o fym do desejar.

¶ Cousa de grande primor
por seruir nam se mereçe,
mereçesse por amor
de quẽ deseja ꝛ padeçe
desejo sem mereçer
mil vezes senhor o vejo
mas mereçer sem desejo
que vem de grande querer
nam no ha nem pode ser

¶ Vilançete ꝛ cabo
¶ Meu amor tanto vº quero
que deseja o coraçam
mil cousas contra rrezam

¶ Por que se vº nam quisesse
como poderia ter
desejo que me vyesse
do que nunca pode ser.
mas com quanto desespero
he em myn tanta afeyçam
que deseja o coraçam.

¶ Cantigua do conde do
vymyoso.

¶ Tristeza pois nã podeis
ter mor prazer
cõtente deueys de ser

¶ O poder quẽ myn vº dey
nunca tamanho te vestes
por que toda amim vº destes

e eu en tudo vos tomey
pois que parte nam lerey
para prazer
contente deueis de ser.

¶ Outra sua.

¶ Nã qro ter mais comiguo
que quanta pena me daes
porquesta me traz conssyguo
outra mor se ma tiraes
pois que parte nam leyraes
pera prazer
contente deueis de ser

¶ Sua e cabo.

¶ Se folgaes de dar cuidados
se penas fazeis sentir
meus males nã sam passados
nẽ estaa nenhũ por vyr.
pois onde vos podeis hyr
tristeza ler
se nam menos de soffrer

¶ Troua sua a hũ moto dũa senhora q̃ pos por ele, e ele tornou a culpa a ela.

¶ O moto.

¶ Tantas cousas lhauorecem
quee rrezam q̃ mauorreça.

¶ A vyda nam dura mais
quẽ quanto males falecem
e por isso se mandais
quantas vezes ma tirais
tantas cousas lhauorrecem
mas se muytas vos parecem
senhora nã vos esqueça
que de myn soo se padecem
e pois tantas se offerecem
quee rrezão que mauorreça

¶ Troua do conde sobre huũ moto q̃ estaua pondo dõ pedro em q̃ se chamaua bem auenturado e mandou ba cõ os motos.

¶ Sam tam mal auenturado
que vejo boas venturas
nas alheas escrituras
as mostras me dão cuydado
os motos mores tristuras
Sa ventura tal ordena
que se possa escreuer
eu diguo que ver e ler
da menos saber q̃ pena.

¶ Esparça sua.

¶ Que terribel desconcerto
e foredor
he amor com desamor
que em jogo descuberto
quer dar cor a outra cor.
Duas cousas dou por certas
tyraoas pola fyeyra
quem nenhũa verdadeira
nã podauer encubertas
nẽ verdade em terceyra.

¶ Cantigua sua.

¶ Salguem deseja prazer
vyua em no esperar
que todo mais he achar
maneyra de o perder.

¶ Diguame quem alcançou
bem algũ que deseiasse
se nũca tanto folgou
que disso se contentasse.
e pois sacaba o prazer
que sespera em salcançar
quem esperar de o ter
nam ouse de o tomar

¶ Cantigua do conde a huũs bocaes do barão forrados de pano e muyto estreytos.

¶ O muy estreitos bocaes
em que nã ha duas quartas
mais custosos soes q̃ martas
segundo vos demandaes
trouas fartas.

¶ Estreytos bem çerçeados
naturaes pareste outono
proueytosos despejados
para pejarem seu dono.
Poys q̃ tam justo calçaes
q̃ vos fazẽ duas quartas
por mal que vos pareçaes
eu pormeto que façaes
saluas as martas.

¶ Outra sua a ayres telez porque se apartaua dele.

¶ Estudaes e fogis de my
soes latyno
que quedas daa o enssyno
do latym.

¶ Tareis todo de corado
o meta mor fose os
eutrarn ey assonbrado
de rryr de vos.
Coytado triste de ty
homẽ mofino
que foste naçer enssino
de latym.

¶ Trouas que fez o cõde ao barão por q̃ vindo cõ el rrey dalmerryn pa lixboa em hũ batel. se lhe dessẽperou o estamago. e sabyo em huũa çirvilha a fazer seus feytos em huũa lezira.

¶ Abaixo descaropym
atraues de lalua terra
o baraão salyo em terra
quanto trouxe dalmeyrym
muyto perto hy de fronte
hũa muy pequena ylha
acodyo hũa ceruylha
⁊ leuouho apoz em monte

¶ Outra sua.

¶ Deyxou o barco ⁊ as rredes
poz seguyr o saluanoz
fez os milagres que vedes
antelrrey nosso senhoz
Quando o virã desfraldar
o arraiz temeo achea -
⁊ bradaua cea cea
cara vᵒˢ ha de custar

¶ Cantygua do cõde ao
barão ⁊ a jorje da silueira
⁊ luis da silueira poz q̃ to
dos tres fezerã hũa canti
ga a dom pedzo de sousa
sobze hũa capa francesa
que fez.

¶ Soes ajes no portugues
naçestes para a gyneta
nam se meta
nenhũ de vossas merçes
em culpar trajo franҫes

¶ Pareçer vᵒˢ ha tam mal
poz que nã vᵒˢ esta bem
se nã bedem
⁊ fora ⁊ todo o all
de tremeçem.
mas pois tam bem pareçes
ambos de dous ha gyneta
ou todos tres
nam santremeta
falarmos no que trazes
que vᵒˢ falarão françes

¶ Cantigua do conde

¶ Que nam tẽha mais prazer
jsio quero ⁊ nam al
saber bem que çerto mal
nũca pode faleçer

Foy melhoz ter maa vẽtura
que descansso enganoso
pois o mal q̃ me segura
he de çerto mais gostoso
que nenhũ bem douydoso.
se me mal quereis fazer
contra myin pouco vᵒˢ val
poz que jaa vyda he tal
que o tomo poz prazer.

¶ Outra sua poz que pa/
sando sua dama do coro
lhe fecharam huũa porta
donde avya.

¶ Passa a vida tam asynha
que nenhũ desеansso tem
quẽ ve mal ⁊ ve tanbem
os porteiros da rrainha

¶ Em mil dias so hũ ora
nam he doz menos sobeja
nẽ val rrey nẽ val ygreja
para ver minha senhora.
Tudo passa tam asynha
que seria grande bem
acabar ou ver alguem
mais contente da rraynha

¶ Outra sua a outro p
posito a q chegou guer
ra o porteiro.

¶ Triste dom ⁊ triste terra
triste paz ⁊ triste vyda
triste grozia ja perdida
a que tempo veyo guerra.

¶ Se te lembraras de my
em vida tam desygoal
mudança de bem a mal
que te nũca mereçy

Triste he quẽ se desterra
com esperança perdida
triste foy quẽ teue vyda
metyda ẽ mãos de guerra.

¶ Outra sua.

¶ Poz esta rregra segura
de quem vyue sem ventura
nenhũ bem poder auer
nam perco nem sauentura
em quanto possa perder.

¶ Antes quãto mais perdido
me vejo mais descanssado
poz ter ja tudo passado
quanto pode ser soffrydo.
Nẽ ha hy cousa segura
na vyda que nã tem cura
se nam de todo perder
poz nã ter desauentura
em que possa enpeeçer

¶ Outra sua a hũa cõ/
fissam.

¶ Nam em cõta meus cuidadᵒˢ
das culpas na confissam
tristeza door ⁊ payxam
mayores que confessados

¶ E que vos nã nos canseys
bem sabeis canto pecaes
senhora pois que podeys
poz que nã nos emmẽdaes.
estes deuẽ ser lembrados
que naçẽ no coraçam
que os quer ⁊ enquestam
mayores q̃ confessados.

¶ Outra sua.

¶ Bem ⁊ mal tã pouco dura
que de pena nẽ prazer
nã he boa nẽ mauentura
parte ter.

¶ Tudo vem a hũa conta
onde nam soolha rrezão
perdelle satistaçam
τ tanto monta
tela vyda como naão.
faça de myn ja ventura
tudo aquylo que quyser
pois nã da cousa segura
de molher.

¶ Grosa sua a este moto.

¶ Como contento veuy
el tempo passado.

¶ Amor desque te seruy
em tanto byuo penado
que noluydo es amy
como contento byuy
el tempo passado.

Que por ser mas syn medida
my dolor y padeçer
no basto perder la vyda
mas conella he perdida
la memoria del prazer.
Assy que amor por ty
foy del byen tan apartado
que no se triste de my
como contento beuy
el tempo passado.

¶ Cantigua sua.

¶ Hũ sobẽ de grande grozia
troute comygo de veruos
teruos sempre na memoria
que nam posso esqueçeruos

¶ Cada ora cada dia
me salteo de vº ver
nem he mais o meu vyuer
quẽ ganar me afantesya
por que quando na memoria
eu podesse esqueçeruos
a vyda τ sua grozia
morte he por conheçeruos.

¶ Outra do conde.

¶ Quẽ de mym sa de doer
a mym soo deuo culpar
pois de todo me fuy dar
a quem toma por prazer
de me matar.

¶ Deuera pois conheçya
o mal que tenho soffrido
de temer o que fazia
primeiro de ser perdido.
Mas pois eu por meu querer
tal cuydado quys tomar
rrezão he nam estranhar
que tomoutrem por prazer,
de me matar.

¶ Trouas q̃ o cõde do
vimioso mãdou de san
tos a dom rrodriguo de
crasto que estaua na bei
ra per dom joam lobo
seu genrro. em que lhe
mãda nouas de tres da
mas a que elle chama/
ua as tres guiomares.

Das tres grãdes guyomares
aquela que qua leyrastes
syngular das syngulares
nam me leyram seus pesares
dyzer como lhes lembrastes.
mas pois toco na trindade
fazendo vberticlos
chamam a vos suma ydade
τ quanto aa saudade
nam naçestes para nos.

¶ Proseguyndo ha rrezam
perdoe vossa merçe
que me storua a payram
tam bem por que dom joam
nunca quys perder mare
entendeyme por açenos
porem nã vº emforqueys
τ poys tudo conheçeis
per hũ pouco mays ou menº
ja senhor bem mentendeis.

¶ Quys ficar em santarem
mas nã sey por que o quys
aquela que mays vº tem
por quem nã vyuem tam bem
outros se ssenta dauys.
nam sabemos ssa de vyr
se sse vay para zeytão
mas de systo presumyr
he alheo o fengir
sendo minha apaixam.

¶ A outra per encubertas
veyo todo este caminho
enjeytando cousas çertas
polas venyaes profertas
tam çertas de dõ martinho
fazsse santa nestes santos
por nos dar mores aferes
fazsseme chea despantos
mas os mys secretos lhãtos
cũ preuersso preuerteris.

¶ Fym.

¶ O falar na derradeira
tenho eu por grão periguo
por que vos estaes na beyra
eu se caydo na primeyra
quero calar o que dyguo.
vay massy dessymulando
que me rrezão ja rresponsso
mas eu voume confortando
por que brado por hernãdo
τ ela morre por alonsso.

¶ Trouas que o cõde do
vimioso mãdou assy mão
de ssousa da maneira que
avya dacheguar ha corte
vyndo darzyla.

¶ Goay de mym se nã teuera
quem la tem tudo na mão
hachegar nam matreuera
se vꝰ eu nam conheçera
o por desses pees no chão.
Eu vou bem amedorontado
polo custume dalem
sela achar paço picado
comprenꝰ tomar cuydado
que nam fale mal nem bem.

¶ Tençam leuo de seguyr
todo auto de guerreyro
⁊ damas nũca seruyr
auer briguas sobre rryr
ser amyguo descudeyro.
dyreyla que dey qua tudo
falarey na valentya
prezarmey de ssyso rrudo
metcrey como sesudo
a dom nuno senhorya.

¶ Assy espero de notar
o quel rrey dysser ha mesa
sofrego no meu luguar
se comyguo atreuessar
ey da mostrar que me pesa.
Mas portas por quee perigo
syso he quẽ bem se poupa
queria buscar amyguo
que mouuysse o que diguo
nas arcas da guardarroupa

¶ Tenho rroçym da carreyra
ja sabeys mouro mandyl
que supra por destrybeyra
ha dandar alta aconteyra
agulhetas douro mil.
Estrybos de tauxia
nomynas sela de fez
dous pontinhos da aranya
quysera leuar trosquya
por hyr todo dum jaez

¶ De pelote de gybam
me manday çerto preçcyto
se capuz se balandrão
para chegar cortesão
na contenença no jeyto.
da barba ⁊ do cabelo
venha çerta a contya
por que me compre sabelo
que querya hyr apelo
goardando fonfarraria.

¶ Se vyrdes que vou errado
vossa merçe o emmende
lançarmey mays achũbado
farey olhas do passado
por que tudo se entende.
De tudo o que farey
venham rregras decraradas
⁊ assy onde pousarey
que nam diguam que cheguey
la per vya dalcaladas.

¶ Cabo.

¶ Guardaynꝰ nam vades dar
co jsto pola porrym
camyguo podeys topar
que cuyde que por trouar
mandar trouas cabem mym
Pode mais enfadamento
quees cusarme de çerteza
⁊ tam bem contentamento
de ver vosso fundamento
para minha gentileza

¶ Outras suas. do conde

¶ Tyuera mays que perder
se mays tempo esperara
mas folgara de o ter
porque menos me custara
ter mais vida sem prazer.
Tyue tempo ⁊ quys vyda
que nã ter mylhor me fora
acabada ⁊ perdyda
com myl males bem soffrida
pera se perder nũ ora.

¶ Mudança nam da luguar
pera mudar a vontade
mas fezme desenguanar
que foy mylhor acabar
conheçendo a verdade.
esperando por mylhor
passaua danos contente
conheçent o o desamor
que quando vy o pyor
na verdade nã me mente

¶ De engano nenhuũ bem
nem prazer que lyure seja
poys que quando se sostem
ayndee por mal de quem
se destrue no que deseja.
⁊ em fym por cousa çerta
tudo fica douydoso
se nam hũa encuberta
com que vontade conçerta
desconçerto espantoso.

¶ Folguara de ver passar
tristes penas de soffrer
pera delas me lembrar
⁊ sofridas enguanar
pera outras o poder.
Desejãdo sofrimento
cuydando que lembraria
⁊ se meu padeçymento
nam desse conssentymento
ca lembrança mo darya.

¶ Tudo vejo acabado
tudo ja esprimentey
pera ser desenguanado
que de todo mal passado
em mor pena me saluey.
Salueyme pera perder
desejada perdiçam
⁊ guanhey em me valer
para sempre padeçer
minha triste saluaçam.

¶ Quẽ dira males primeiros
denguanado fengimento
julguados por derradeyros
soffridos de verdadeyros
em compry desquecymento.

Quem tempo perde por ssy
pagueo em sua vida
que se nysso mereçy
nam sse ganha nada assy
se nam com rrezam perdida

¶ Foy forçado acabar
sem vontade de saber
que me nam possem guanar
querendo meu mal passar
enguanado do prazer
mas por que me fallecesse
tomar ysto por conforto
quys ventura que soubesse
que querendo o que quisesse
nam me quer viuo nẽ morto

¶ Quisera poder sseguyr
o que tam craro entendo
se podera consentyr
mas quãdo quero fogyr
apartandome mẽ prendo.
nam sam liure nem catiuo
poys per força ssam ysento
sojeyto de mal esquiuo
e assy triste como viuo
de catiuo me contento.

¶ Cabo.

¶ Querey ja dar concrusam
ha vida desordenada
day lugar ou defenssam
poys q̃ boõs dou: meyos sam
tela ou ser acabada.
aquelle que mays quereys
he o mayor bem quespero
por ysso nam dilateys
quem nenhuũ deles podeys
tyrarme o que mays quero.

¶ Cãtigua de pero secutor.

¶ Voluntad nos trabajeys
por alcaçar buena vida
que la mejor escogida
que fue ny sera ny es
cuydado es pera despues

¶ Acordaros del passado
dulçe tiẽpo en q̃ os folguastes
ya sabeys queste cuydado
mas os mata que gozastes
por tanto no os congoxeys
voluntad por buena vida
pues es cosa conoçida
que su gloria muerta es
com la memoria despues

¶ Grosa do conde do vi/
mioso a esta cantigua.

¶ De cobrar guosto perdido
oluidaruos ya deueys
biua quẽ biue noluido
muera el beuir fyngido
voluntad no os trabajeys.
que de gloria y ssossyeguo
huũ momento posseyda
pera siempre que da luego
sospiros lagrimas fuego
por alcaçar buena vida.

¶ Ny mas procure desseo
dar a mys males salyda
que de vida yo posseyo
consuelo de my que veyo
que la mejor escogida
possession que da ventura
quando se buelua al rreuẽs
su deleyte y su dulçura
que fue ny sera ny es
cuydado es pera despues

¶ Por tanto que nel beuir
puede ser bien deseado
sabiendo que de soffrir
menos mal es el morir
acordaros del passado.
çesse pues vuessa porfya
con que nunca descansastes
y muestre la vida mya
que fue daquell que solya
dulçe tiẽpo em q̃ os folgastes

¶ Breuemente posseydo
de passion perpetuado
lhorado desso corrido
donde triste fue naçido
ya sabeys queste cuydado.
tan estremo de penssar
que por martyrio cobrastes
gostoso de desgostar
quell deleyte enell pesar
mas os mata que gozastes.

¶ Y pues vos morys penãdo
desperança que quereys
que su gloria buscando
vuesso mal ys alheguando
por tanto no os congoxeys.
rremedio pera soffrir
con dolor no se despida
que de tan triste beuyr
solo que da el morir
voluntad por buena vida.

¶ Cabo.

¶ El qual es seguro puerto
de lembrança tan sentida
galardam descansso çierto
que tarda por no ser muerto
pues es cosa conoçida.
do plazer no se rreçybe
voluntad ny dar podeys
quel triste que assy biue
que su gloria muerta es
con la memoria despues.

¶ Cantigua do conde do
vimioso.

¶ Dulçe vista y biẽ passado
memoria delo que fue
tristes panto
sy me deixasses cuydado
con la vida ya por que
çesse tu lhanto.

¶ Mas que se puede guanar
do nunca falta ventura
ny beuyr
pera poder oluidar
quanta tristeza segura
el morir
o beuir demasiado
y syn vida ya por que
duree tanto

el dolor delo passado
con que no muere la fe
y el espanto.

¶ Do conde do vimio/
so a hũa molher q̃ ser/
uia.

¶ Remedio de minha vida
desquansso de mynha pena
minha morte conheçida
por quem meu mal se ordena
vos isso me entristeçeys
e malegrays
vos senhora me valeys
e me matays

Por vos he meu mal sem fim
e sem vos viuer nam posso
nem tenho mays parte ẽ mym
que a quilo que he vosso.
vos ssoes isso de meu prazer
destruiçam
e vos ssoes meu gram querer
meu coraçam.

¶ Assy me tendes vençido
que outro bem nã espero
nem me tem mais perseguido
consalgũa que o que quero
quererv⁹ me atormenta
desamado
desamarv⁹ macreçenta
moor cuydado.

¶ Os dias que nam v⁹ vejo
moyro triste desejando
vendov⁹ desesperando
mayor fica meu desejo.
nunca posso ledo sser
por v⁹ amar
que nam dobre padeçer
meu descanssar.

¶ Tam fora de meu ssentido
o que v⁹ quero me tem
que cuydo que me conuem
sseruirv⁹ e sser perdido.
e com este tal cuydar
nunca rrepousa
meu querer e desejar
em outra cousa.

¶ Nã ha mais ẽ minha vida
que viuer meu ssentimento
nem menos no mal que sento
que fferdes dele sseruida.
assy he desordenada
minha pena
que de ser mays conssolada
se ordena.

¶ Salgũora apartarme
me lembra de v⁹ sseruir
nam viuo em conssentir
o que ssynto em lembrarme.
nem em mays torno a viuer
quem quanto posso
saber que nam pode sser
nam ser vosso.

¶ Tanto ssynto ho contrayro
daquilo com que folguaes
que tomo por que mos daes
meus males por sseu rrepairo
Poys vede quẽ assy ssendo
nam nos ssente
que fara por vos viuendo
descontente.

¶ Cabo.

¶ De quẽ me posso aqueyxar
a quem me posso valer
pois vos ssoes meu descãssar
ssendo vos meu padeçer.
senhora de minha vida
auey ja doo
pois por vos elce perdida
e vos ssoes ssoo.

¶ Outras suas a esta
molher.

¶ Se nam tiuesse poder
em mym de v⁹ nam amar
era bem de v⁹ sofrer
mas se me posso valer
por que me leyxo matar.
nam serdes de mym querida
querendo podia sser
mas amarv⁹ sem medida
me faz perdendo a vida
que o nam posso querer

¶ Assy que ssendo de grado
a v⁹ querer ssometido
he a mym mays que forçado
que nunca perca cuydado
de me ver por vos perdido.
que sesta a liberdade
em meu querer deste pryguo
amov⁹ tam de verdade
que e de força a vontade
de sofrer o mall que syguo.

¶ E coesta fee forçosa
de mym mesmo costrangida
minha vida duuidosa
he a mym mays trabalhosa
que por ser por vos perdida.
e ysto por que conheço
que nam posso obriguar
por quem moyro e padeço
que saa morte me offerço
eu por mym a vou tomar

¶ Mas q̃ vos nã me mateys
senhora nem conheçays
por que mays pena me deys
consentys poys nam valeys
e vos mesma me matays.
matays me com fermosura
gentilesa e descriçam
matame vossa fegura
por mynha boa ventura
q̃ue vossa vontade nam

¶ Fym.

¶ Que se por vosso querer
minha morte sordenasse
que mays bem pody ser
que poder em mym auer
cousa que vos contentasse.
ysto me satisffaria
que mill anos vos seruisse
outro bem nam no queria
mas bem sey que nam seria
tam ditoso que o vysse

¶ Cantigua sua.

¶ Do quem nunca conheçera
todo bem que descobri
em vos ver por que assy
e ele nam perdera.

¶ Do desquansso conheçido
que soo fiqua por memoria
nam ha mais sendo perdido
que dar pena sua groria.
e pois eu tanto perdy
seruir vos nunca deuera
pois que ja sem vos de my
nenhũ rremedio sespera.

¶ Do conde do vimio
so a este moto partyn/
dosse hũa molher: don
de ele estaua.

¶ Moto.

¶ Nunca tiue tall cuydado.

¶ Quãdo vendo vos me via
de males aconpanhado
quando morte padeçia
na vida que entam veuia
nunca tiue tal cuydado.

¶ Por quentã se me penaua
sem esperança tristura
minha pena sabrandaua
em ver vossa fermosura
Aguora triste queria
com lembrança do passado
fym que vida me seria
pois quando morrer me via
nunca tiue tal cuydado

¶ Cãtigua sua que fez
a hũa moça de sua da
ma que se chamaua es/
perança e ele nã na po
dya ver.

¶ De quanto he trabajado
triste por vos conoçer
lo que tenguo aprouechado
es que soy desesperado
esperança de vos ver.

¶ Pus que vos como me vy
com cuydados sempre tristes
mas falhe que vos perdy
em me dar a quen vos distes
triste de my desdichado
que vida puedo tener
pues cõ mall nunca mẽguado
me veo desesperado
esperança de vos ver.

¶ Outra sua vẽdo hũa
molher a que quy sera
bem em que outrem tin
ha poder auendo muy
to que a tynha esqueçi/
da.

¶ Ay my mal en verdeçer
my passion y my cuidado
vy triste catiuo sser
el coraçon y querer
de quien tenia oluidado

¶ Reformosse my tristura
muy mayor que dantes era
ordeno my desuentura
my vida tan lastimera.
que jamas my padeçer
no sea rremediado
viendo catiuo sser
el coraçon y querer
de quien tenia oluidado

¶ Outras do conde do vi/
mioso em hũa partida.

¶ O gloria de my desseo
tristeza de my cuydado
bien que todo es mudado
en dolor por que no os veo.
aora syn ver vos siento
caueria
el morir por alegria
viendo vosso mereçimiento

¶ Uentura desordenada
ordeno que me partiesse
por que my vida se viesse
biuiendo ser acabada.
o quanto mejor me fuera
no naçer
capartarme de vos ver
my querer sola vn ora.

¶ Que segũ me atormenta
ver quan mala fue my suerte
es pera presto la muerte
es hũ bem que me contenta.
y el beuir mas me condena
a ser penado
fue a my demasiado
por ser causa de my pena.

¶ Que puedo triste dezir
de passiones desygoales
con que no faga mys males
menos asperos de soffrir.
de dezylhos yo deueria
escusarme
syno fuesse confortarme
con lo que me contraria.

¶ Yo vᵒ vy quando perdy
esperança y libertad
y gane my voluntad
ser del todo contra my
ganando que no falhassen
dentan luego
mys males nunca sossegguo
con que menos me penassen

¶ Mil tormentos he sofrido
calhando lo que ssentia
los dias que encobria
verme del todo perdido.
por que mas me congoxaua
vos pesar
auer yo de decrarar
el dolor que maquexaua.

¶ Mas desque my affeyçion
no pudo ser encubierta
la menos parte seo çierta
se ssupo de my passion.
por que nadia poderia
bien dezir
quanto yo pude ssoffrir
por vos vida y muerte mya.

Cuydados lembrãças tristes
de continos dissfauores
mudanças dudas temores
por vida darme quesistes.
des que my fee conoçistes
syn valerme
esperança de perderme
sospiros lhoros me distes

¶ Y conesta vida tal
me distes por mas tormento
ser mayor el sentimento
delo que era my mall.
nunca siendo rrependido
mas holgando
de me ver por vos penando
de todo bien despedido

¶ Mas de todo no contenta
la triste ventura mya
em dobro lo que ssentia
de passiones macreçienta
ordenando que my vida
sapartasse
de vᵒ ver por que falhasse
mas causa de sser perdida

¶ Do contall apartamiento
sy sy suffre my beuir
es com grorìa de ssentir
ser por vos my perdimiento.
y esperar que puede ser
que boluere
do con veruᵒ soffrire
my descansso el padeçer

¶ Fym.

Mas sy tarda tal rremedio
fuerça es de acabar
el beuir y sospirar
con passiones tan syn medio.
por lo qual my bien vᵒ pido
sy sordena
que muerto creays my pena
y amor que vᵒ he tenido.

¶ Cantigua sua.

¶ Lo que mas muerte ordena
a my vida ques morir
ser forçado encubrir
de todo my triste pena.

¶ Forçado de fuerça tall
que muero por encobrilho
y soy çierto que dezylho
me seria mayor mall.
Assy triste que sordena
de mys males encobrir
que no tarde el morir
por galardon de my pena:

¶ Outra sua.

¶ Yo vy triste sojuzgarme
do ser libre bien quisera
mas a lhe que libertarme
puede ser quando yo muera.

¶ El sesso con la rrazon
precurauan mas prenderme
yo mirando my passyon
deseaua defenderme.
Tanto que por lybertarme
morir lueguo elcojera
mas rrazon de sojuzgarme
me forço hasta que muera.

¶ Outra sua.

¶ Es tan graue my tormẽto
que sy me basta my fe
es por el mereçymento
con que yo me catiue.

¶ Querer oluidar my mall
seria loca porfia
pues que es pena mortal
y la su fyn es la mya.
suffro tal padeçimento
que sy me basta my fe
es por el mereçimento
con que yo me catiue.

¶ Cantigua.

¶ El morir triste conssyento
que muy mejor me serya
que no beuyr toda vya
com tristura y tormento

¶ Ya la my desauentura
tarda mucho em dar plazer
y arreda la cordura
y acreçyenta el querer:
pues com tal pedeçymento
la muerte mejor seria
que no beuyr toda vya
com tristura y tormento.

¶ Grosa do conde
do vymyoso a esta
cantigua.

¶ Pues my vida vº desplaze
el moryr triste consiento
que segum my mall se faze
claro veo que vº plaze
de my triste perdimiento
que ser menos my querer
que muy mejor me seria
avn que vuesso mereçer
lo dexasse en my poder
ya triste no podria.

¶ Mas queria acabar
que no beuir toda via
syn poderme rremediar
pues la vida da lugar
ala triste passyon mya:
que quē suffre desamor
con tristura y tormento
luego ve que es mejor
la muerte que el dolor
de su triste sentymento.

¶ Que puede azer cuytado
ya la my desauentura
de mas dolor y cuydado
que tenerme apartado
de ver vuessa fermosura
pues querer tan sin enganho
tarda mucho en dar prazer
lo que viuo triste planho
quel rremedio de my danho
es morir syn me valer.

¶ Turbado me ha amor
y arreda la cordura
pues falho que es mejor
sojeyçion con disfauor
que descansso con soltura.
faze ser mys dias tristes
y acreçyenta el querer
por que soys la que vençistes
a my vida quando distes
triste fym a my plazer

¶ Siempre viuo con deseo
pues con tal padeçimento
mys tristes cuydados veo
que syntays lo que posseo
o muera con my tormento
Que con tal pena veuir
la muerte mejor seria
pues se da por mas sentir
maas tardança al morir
de quien muere toda via.

¶ Cabo.

¶ Biē se muestrē my firmeza
que no beuir toda via
me libraraa de tristeza
pues tengo vuessa crueza
y my fee por companhya.
y pues tal vida me daa
con tristura y tormento
gran rremedyo me seraa
el morir quando vernaa
acabar con lo que siento.

¶ Do conde do vymioso
a manuell de goyos nam
querendo sua dama que a
elle seruisse.

¶ Amores que meu cuydado
fizeram ser de tristura
por me verem mays penado
me deram ja sem ventura
por mayor pena ssoltura.
ssoltura de nam quererem
ver me em sua prisam
por que sabem se quiserem
que sempre eu çerto ssam
⁊ seu he meu coraçam.

¶ Ter me por seu avorreçe
quem me forçou ao ser.
o triste de mym padeçe
em desejar ⁊ querer
por descansso seu padeçer.
assy que sempre penando
viuo liure ⁊ vençido
dobransse meus males quādo
me vejo damor ferido
⁊ dele avorreçido.

¶ Soo me sostem esperar
o fym de meu mall comyguo
que nam deuia tardar
poys desta vida que ssyguo
o viuer he mor ymiguo.
⁊ com esta esperança
minha dor he mays creçida
por que com sua tardança
se alongua mynha vida
⁊ nam he ja concrudida.

¶ Em tal estremo me vendo
a vos me quys socorrer
senhor meu por que entendo
que com vosso entender
me possays vos soo valer.
mas se deste mal tan forte
cura nam poder auer
vos syntireys minha morte
⁊ senty mays o viuer
poys vº doo e meu padeçer

¶ Reposta de manuel
de goyos pollos con/
soantes.

¶ Ando triste desuelado
a pos toda criatura
prouicando este cuydado
⁊ acho questa largura
he por mayor estreytura.
pera milhor nos prenderem
soltam com a condiçam
⁊ tem la para nº terem
nossa firmea feyçam
que vençe toda rrezam.

¶ O que me disto pareçe
sempre lho vereys fazer
que a quē lhe mays mereçe
estimam menos perder
polo nam satisfazer.

polo quall ysto julgando
que sejays muyto sofrydo
da parte damor vº mando
por quassy fere copydo
ho vençedor como vençydo.

¶ Vosso gram desesperar
he da morte tam amiguo
que nam se poda partar
a vida deste perygno
queste bem vº traz cõsiguo
& deueys ter confiança
em cousa tam conheçida
& nunca fazer mudança
por ser loguo goareçida
ou primeyro destroyda.

¶ Deste mall ando gemendo
& nam posso goareçer
nem somente me defendo
nem vº posso defender
de quem me tem em poder.
em tam desastrada sorte
nam a cura de saber
nem vida que a conforte
mas viua vosso querer
pera mays çedo morrer.

¶ Esparça do conde.

¶ Em la vida que amor
tiene poder y ssu fuerça
la ventura da fauor
al caquaba su dolor
com la vida que la esfuerça
yo em my triste lo syento
cõ my mall que es tam fuerte
quem plazer alho tormento
y en esperar soy contento
rremedealho la muerte.

¶ Vilançete do conde
do vymioso.

¶ Meu bem sem vº ver
se vyuo huũ dia
vyuer nam queria

¶ Calando soffrendo
meu mal sem medida
myl mortes na vyda
synto nam vº vendo.
& poys que vyuendo
moyro toda vya
viuer nam queria.

¶ Outra sua.

¶ A vyda sem veruos
he dor & cuydado
què synto dobrado
queren desquecernos
por que sem quereruos
ja nam poderia
vyuer hũ soo dia

¶ Ja tanta payxam
valer nam podera
se vº nam tiuera
em meu coraçam
sem tal defenssam
meu bem hũ soo dya
viuer nam queria.

¶ Ajuda de garçia
de rresende.

¶ Sospiros cuydados
payxões de querer
se tornam dobrados
meu bem sem vº ver
nom synto prazer
sem vos hũ soo dya
viuer nam queria.

¶ Nam quero nem posso
nem posso querer
viuer sem ser vosso
& vosso morrer
poys ysto ha de ser
por morte aueria
nam vº ver hũ dia.

¶ Do conde do vimioso.

¶ O morto sentido de viuo sentir
vàlido engano denganoso valer
começo de cousas què nada vam ter
poucas cautellas gram presumyr
perdido o geral geral nofengyr
estreytos preçeytos de bem te tratar
por muytos que fazes em tudo falar
te deue què ouue sempre seruir

¶ O doçe escondido nojoso rrumor
que nome porey a tu erçelençia
que tu nam es obras nẽ es eloquençia
mas daqui naçe teu doçe sabor
saber tena vegua & nam ser senhor
& este saber porem goarneçido
que poys per ysso em ty he perdido
vede que fará hũ gram sem sabor

¶ Lidas quē a verlā que nada cuydasse
que de ty podia mostrar nem dizer
se aquilo que fyca pa ro entender
em bem se calar se nam declarasse
sam cousas sem nome que quē nas mostrasse
per erçeer de poucos y idas fvaria
por que nam caylsem em tal fantesya
que ja decraradas as mays nam danasse

¶ Pregunta do conde do vimioso.
a garçia de rresende.

¶ Qual he quela cousa que nunca se vyo
& he mays conheçida por seu pareçer
paraa bem sentir çiençia comprio
sendo sentida sem entender.
Contrayra & amigua do seu mesmo ser
querida de quem por ela padeçe
a quem mays descansa mais avorreçe
do bem & do mal & feyto a meu ver.

¶ Reposta de garçia de rresende
polos consoantes.

¶ Saber gentileza em vos sen vestyo
vertude quys tanto em vos froreçer
que quem vº nam serue nem ynda seruio
seraa por bem craro vº nam conheçer
& eu por seruir uos vº quys rresponder
& digo quem vos se ve & conheçe
he cousa de sorte que se deffaleçe
faleçe amyzade & gram bem querer

¶ Breue do cōde do vymioso dū momo
q̄ fez sendo desavyndo no quall leuana
por antremes huū anjo. & huū diabo. &
ho anjo deu esta cantigua a sua dama.

¶ Muyto alta & eyçelente
princesa & poderosa se/
nhora.

Dor ma partar da fee em que vyuo
muytas vezes fuy temtado deste
diabo. & de todas mynha fyrme/
za pode mays que sua sabedoria.
por que tam verdadeyro amor de tam fal/
ssas tentaçoēs nam podya ser vençido. &
conheçendo em seus esperimentos a gran
deza de mynha fee me tentou na esperança
pondo diante mym a perda de mynha vida
& de mynha liberdade: auendo por empo/
ssyuell o rremedyo de meus males. & com
todas estas cousas nā me vençera se mays
nam poderam os ēnganos alheos que
o seu enguano: com os quaes desesperey &
fuy posto em seu poder. mas este anjo que
me goarda vendo que mynha desesperāça
nam hera por myngoa de fee. nem mynha
pena por mynha culpa se quys lembrar de
my. & de quem me fez perder em me trazer
aquy. por que com sua vista o diabo me sol
tasse. & ela vēdo meus danos da parte que
nelles tem se podesse arrepender.

¶ Cantigua que
deu o anjo.

¶ Senhora no quy creo los
que seays vos dineçyda
em ser elhalma perdida
de quien se perdio por vos.

¶ Ordeno vuestra crueza
queste triste se matasse
en dexar vº y neguasse
vuestra fee ques su firmeza.
mas ha permetido dios
que por my fuesse valida
su alma y que su vyda
se torna perder por vos.

De dõ dioguo filho do marques em que se aqueyxa com siguo mesmo

¶ Se viuo com tanto mall
justa rrezam me sostem
saber çerto que nam tem
comparaçam nem yguall.
e sser disto sabedor
me faz ficar no sentido
quee conforto do vençido
ser mayor o vençedor.

¶ Outras mill rrezões daria
em fauor deste cuydado
mas nam pode ser falado
quanto sente a fantesya.
o quela alcança a meu ver
nam se deue de falar
por que seraa começar
cousa empossiuell de sser.

¶ O que posso maginar
de tam alta perfeyçam
he de tall costellaçam
que nam se pode alcançar.
nem pode ter çerta conta
por que tem sem conto tudo
donde falar e ser mudo
entendo que tanto monta.

¶ Ho fantesia perdida
ho magynaçam canssada
por candays tam derramada
apos quem vos nam daa vida.
se teuereis huũ soo dia
esperança desta graça
que perfya mata caça
mas a vos mata perfya.

¶ Da vida sem esperança
a causa me satisfaz
por que la consyguo traz
esta mesma confiança.

Poys como ey desperar
o que nunca cuydey ter
e como nam pode ser
nam no ouso desejar

¶ O grande contentamento
que tenho de ser perdido
me faz ser arrepenido
do tempo que fuy jsento:
mas que me presta cuydar
que tengo este querer
poys quem me tem em poder
me pode dele mudar.

¶ Fym.

¶ Ordenasse minha fym
a culpa temola nos
sam engeytado de vos
e esqueçido de mym
mas isto tem que lhe guabe
meu tormento tam estranho
que nam hahy mal tamanho
que nam sacabe ou macabe

¶ De dom dioguo a hũa guedelha de cabelos que vyo ha señora dona briatys de vilhena.

¶ Cabelos de fremosura
que me tanto namoraram
ditosa minha ventura
que sereys a sepultura
dos olhos que vos olharam

¶ Ho lembrança assy presente
em minha triste memoria
achada por açidente
mal de que sam tam contente
que me fyca por vitoria.
e poys com ysto se cura
os danos que me causaram
vossa noua fremosura
alta foy sua ventura
dos olhos que vos olharam

De francisco da silueyra coudell moor a aluaro da cũha que sahyo do paço em rroçym magro e com grande alforjada.

¶ Vimos vos dũa janela
oje do paço sahyr
em rroçyn que fez bem rryr
hũa donzela

¶ Hyeis jentill camynhante
e temeroso
mais meyrinho que gualante
mais delayrado cayroso.
no alforge gram panela
enterguamos de qua hyr
que foy azo de mais rryr
esta donzela.

¶ Trouas suas a hũa dama sem se nomear.

¶ Dama que o fostes jaa
e que nam sões ho presente
velha que myll anos haa
saam que pareçe doente.
mantendes mall amenajem
he tegua de mill maneiras
guarguãta mãos e tricheiras
dos que soa terra jazem.

¶ Hossos de quey piadade
ca todo paço a vos reçe
tam ymigua de verdade
como de quem bem pareçe.
sobre todas enuejosa
conheçeuos e era maa
quynda que fosseys fermosa
vosso tempo passou jaa.

¶ Deyxe o paço e as damas
quem for da vossa maneira
hynda que para mudanças
sereys a moor dançadeira

ꝛ tam bem da conſſelhar
por muyto que tendes viſto
poderceis aproueytar
ꝛ ſeruir o paço nyſto.

¶ Mas voſſo cõſſelho vaão
que ſae delle caſcauel
nam no ouuyr era mais ſaão
por quee azedo como fel.
Soes neſte paço peçonha
ꝛ antras damas danoſa
ꝛ ſoes amoor mentyroſa
que vy ꝛ mais ſem vergonha

¶ E nam diguo eu ſoo iſto
mas a muytos oparece
ꝛ no que vº acontece
o podeis jaa ter bem vyſto:
Por que de quantos quereis
voſſa merçe quem naqueyra
nam acha nem por terçeyra
de ventura o achareys

¶ Tomay ora eſte conſelho
em que ſeja domem moço
lançayuos ante nũ poço
que curardes mais deſpelho.
Mas iſto ſenhora ouuy
caſay vos eo ſaluador
ꝛ ſeruy noſſo ſenhor
que nam ſoes jaa para aquy:

¶ Fym.

¶ Quem por ſſy iſto tomar
deſſenvle nam ſe queyre
por que quem mal quer falar
compre quem ſſy falar leyre.
Nam curc oarrapiar
pois em ſaluo nam rrepyca
por que me faraa tornar
a dyzer oquinda fica.

¶ Groſa de franciſco
da ſilueyra a eſte moto

¶ Em pago del mal ſofrido.

¶ Chorore meu coraçam
eyte por mays que perdido
poys te dam por galardam
triſtezas dor ꝛ payram
em pago del mall ſofrido.

¶ Tuas firmezas paſſadas
teu amor tam de verdade
agora te ſam paguadas
em dores nouas dobradas
ſem nenhũa piadade.
que nouas meu coraçam
pera ſer bem rreçebido
que te dam por gualardam
triſtezas dor ꝛ payram
em pago del mal ſofrido.

¶ Cantiga de franciſco
da ſylueyra.

¶ Que dor que pena tã forte
nam ſey quem poſſa coela
vejo vyr aolho a morte
nam poſſo guardarme dela

¶ Se pode ſer moor payram
ſe pode ſer moor triſteza
ver perder meu coraçam
ver meu yr a perdiçam
ſem valer fe nem firmeza.
mas pois tal quys tal ſoporte
ſe dor tenho moyra nela
poys veio vyr minha morte
ꝛ nam ſey guardarme dela

¶ Outra ſua.

¶ Quem meu coraçã me pena
quem de meu ſyſo me embroca
quem todo meu mal mordena
na çinta traz hũa rroca

¶ Ho que ar que pareçer
da a tudo quanto traz
mas o que coela faz
deue de mym de fazer.

Remedio ſeraa da pena
que jamays de mym ſe troca
pola dor que ſe mordena
deſte nam fyar ſem rroca

¶ De franciſco da ſilueyra.

¶ Que fera couſa de ver
cam maa he de ſoportar
que gram dor pera ſofrer
auer eu triſte de ter
olhos pera tal olhar.
auerũº dever partyr
ꝛ amym ver me fycar
nam no poſſo conſſentyr
nem que al deua fengyr
nam volo poſſo moſtrar

¶ Ho olhos por q̃ quebrados
nam foſtes ſe tal ſabyeys
por do ja vante dobrados
nam verdes voſſos cuidados
tã cõtrayros dos q̃ tinheys.
ho quem de tal ſe lembrara
quanto bem aſſy fyzera
quanto mal rremedeara
ho quanta dor eſcuſara
ſos olhos foora tyuera

¶ Ho quem pode ſſe dizer
quanto mal conſſygo tem
quem no podeſſe creuer
pera quem quiſeſſe ver
quanta payram damor vem.
mas o nyſſo trabalhar
he trabalho por de mays
he lançar agoa no mar
tam ympoſſiuel contar
ſam mynhas penas mortays

Mas quẽ meu mal nã rreçea
fuy ver ꝛ verme nam quer
vym com muyta maa eſtrea
ca foy hũũ ter de candea
que tem marydo ha molher:
tal yr ¦aa fora eſcuſado
por nam vyr com mas payrã
mas poys tudo vay errado

reça meu triste cuydado
va tudo contra rrezam

Quátos males quátos dan⁹
quátos nojos ⁊ tristezas
abastaram desengan⁹
abastaram m⁹ oytanos
que me leua sa crueza.
abastarame sentyr
minha gram pena ⁊ paytam
mas polaassy ver partyr
so poder olhuũ draguam hyr
nam me fyca coraçam.

¶ Que cousa tam piadosa
nam saja por sem pecado
quem deu dama tam fermosa
tam galante tam ayrosa
a omem tam ynfernado.
que lhe viera por sortes
por huũ gram rreyno saluar
quescusara amyl as mortes
por suas condiçóes fortes
nam se lhe diuera dar

¶ Tã moça dama tam lynda
por mão de ós soo foy feyta
em bondades he enfynda
aeste mundo foy vynda
por ser dele a mays perfeyta:
quem nassy em camynhou
que conta dara a deos dela
como nam moyro ondestou
por nam ver quem maleuou
nem tal fym amym ⁊ ela.

¶ Mas pois tudo foy errado
por ella ja no começo
quem me manda ter cuydado
de quem me tem tamterrado
⁊ feyto tanto despreço:
mas que presta esta rrazam
nem outras çem mil que calo
que nam quer meu coraçam
nem men⁹ mynha naçam
seu amor nunca leyxalo.

¶ Ho gram desauenturado
sem nenhuũ rremedeo ja
quanto mal tenho coytado
ho triste desesperado
que farey ⁊ que faraa.
que farey poys tal senhora
por mynha triste ventura
perdy oje nesta ora
ondyrey aqui nem fora
ondache tal fermosura

¶ Onde me posso ja hyr
ondyraa quem de vos parte
que outrem possa seruir
nem soo poder enfengyr
em outra nenhũa parte.
quem podachar em que ache
o dizemodo ca em vos
que vyrey de quem mẽ pache
ja nam ha de quẽ magache
nem a fez deos antrenos

¶ Que gosto posso leuar
quem falar soomente mousa
quem poderey ja olhar
de que posso ja gostar
poys perdy amylhor cousa:
que vida pode ser vida
nem portugall portugall
se dele vos ja soes yda
vejeu quem foy destroyda
começo fym deste mall

¶ Em santarem começou
esta morte se me credes
neste tredor sordenou
a gora nele acabou
comeu synto ⁊ todos vedes.
ele foy começo ⁊ meo
fym de todesta crueza
dele ⁊ da vida descreo
poys nele por ela creyo
nunca sayr de tristeza

¶ O que milhor ja seria
era acabar esta vida
por ver se descansaria
por morte sacabaria
dor tam alta ⁊ tam sobida.
⁊ se la rremedio tem
pera mym ela macabe
poys morte que em ninguem
dos questam nem vam nẽ vẽ
ri emedio amym se nam sabe

¶ Mas tam mofino sam eu
cagora que me vem bem
quem este cabo me deu
por nam ser descansso meu
morte nam quer que me dem.
agora he o meu viuer
a me dachar ante cristo
seguro sam de morrer
por mays ynda padeçer
te vynda de jasu cristo

¶ Ho q̃ dor me dã lembrãças
que gram pena daa cuydar
tristes tristes esperanças
por que taes desesperanças
me quisestes juntas dar.
vejo vos yr ⁊ leyxarme
de mym nam ey de doerme
quem ha de rremedearme
se vos quisestes matarme
⁊ folgastes de perderme

¶ Nam sentendo este perder
que he por moutrem ganhar
ca ysto assy pode ser
como se poderaa ver
ja no mundo vosso par.
pera quy vereys cam çerto
minha vida vosso sam
em que da morte tam perto
me tendes comee ynçerto
em mym vosso gualardam

¶ Em ora triste naçy
triste foy minha ventura
tristo dia que v⁹ vy
poys dentam prazer perdy
⁊ dentam meu mal me dura.
mas porque meu bẽ v⁹ via
todo meu mal bem passaua
vossa dor nam me doya
por comal que me fazia
vossa vista mocuraua.

¶ Por yſſo nenhũ mal voſſo
pera mym nam era mall
que com todo o voſſo poſſo
mas eſte he dambos noſſo
⁊ por yſſo me fez tall.
caſſe le fora ſoo meu
ſem vos terdes parte nele
tudo bem ſoportareu
mas voſſa morte me deu
a mym morte que nam ele

¶ Aſſy que por yſſo ja
deſeſpero de folguar
por que ſem vos ca nam ha
pera mym nem ſachara
quẽ prazer me poſſa dar.
nẽ men⁹ quẽ mal me faça
nẽ de quem ſeu dano ſynta
em cuberto nem de praça
nẽ em jogo nem por graça
meu coraçã quer que mynta,

¶ A morte que viuerey
em quanto me nã leuar
he eſta ca qui direy
ynda que triſte nam ſey
tam triſte vola pyntar.
viuerey ſempre chorando
viuerey mal me dizendo
por vos meu bem ſoſpirãdo
por voſſo mal braſfemando
⁊ mays co o meu me doendo

¶ Farey vida contemprando
falarey comygo ſoo
ſemprem vos triſte cuidando
nunca doutrem me lembrãdo
⁊ aqui darey o duo.
cada vez que ca vyr feſtas
pera mym ande ſer dores
por feſtas lembrarã ſeſtas
⁊ oneſta por oneſtas
⁊ por amores amores

¶ Huũ tẽpo outro lembrara
ver damas lembrança faz
ver payram payram faraa
ver prazer a dobrara
em quẽ mym dobrada jaz.
ſerãos lembrã os que ja vy
noyte faz noyte lembrar
eſperança a que perdy
dia lembra dia aquy
per lunar lembra lunar

¶ Ver caſas em que v⁹ vy
ver cõ quem em vos falaua
lembrandome o que perdy
ho triſte que nam morry
poys morte miſteſcuſaua.
que nã moyra quẽ ſeraa
moor morte que ſe morreſſe
qual he o que poderaa
ſoffrer a dor quiſto daa
quãte morte nã quiſeſſe

¶ Ora ja tudo yſta cabe
eſcuſa de mays lembrança
ca pera quem ela cabe
a verdade milhor ſabe
quẽ me tyrou eſperança.
ca lembrança nem ſem ela
nunca muda fe ynteira
foy ⁊ ſerey ſempre dela
meu coraçam eſqueçela
nã quer nẽ pode que queyra.

¶ Fym.

¶ Acabadee minha vida
⁊ meus triſtes fundamẽtos
ja fez fym ja he perdida
ja cabou je deſtroyda
mas nã ja meus penſſamẽtos.
eſtes ſerã ſempre viuos
eſtes tereys ſempre laa
eu com cuydados eſquiuos
cuydando no que jouyu⁹
farey fym muy cedo caa.

¶ Cantiga ſua.

¶ Senhora ſoes perygoſa
a vos ninguẽ ſe rregyſte
nam ſoes nada piadoſa
ſoes ſobre todas fermoſa
⁊ eu ſobre todos triſte

¶ Foſtes do rreyno lãçada
por nele fazerdes mall
nam coma dama ynfernada
mas coma couſa danada
deſtroyreys portugall.
tal yda foy mays danoſa
coraçam tu o ſentiſte
ho crua nam piadoſa
ſoes ſobre todas fermoſa
⁊ eu ſobre todos triſte.

¶ Gloſa ſua a eſta cantiga.

¶ Cõ qual qr pena q̃ yo ſiento
ver meu dano tam ſobido
ver meu triſte perdimento
ſe nã fora apartamento
tudo bẽ fora ſoffrido.
mas pois he nã quero vida
ante morte buſcar venho
por ſer toda a dor que tenho
por vueſtra cauſa venida.

¶ Yo viuo mucho contento
vendome por vos perder
ey por bẽ o mal que ſento
por voſſo merecimento
por voſſo gram pareçer.
ver minha vida perdida
ver meu mal ſempre preſente
com tudo fora contente
mas no com vueſſa partida.

¶ Mas a todo my penar
ſe veru⁹ ſempre pudera
peſar nam fora peſar
meu mal nã fora canſſar
ante deſcanſſo me dera.
mas poys nã preſta que fale
meus nojos deſeſperados
ja a meus triſtes cuydados
huũ ſolo rremedio cale

¶ El quales ſiempre penſſar
em voſſa gram fremoſura
pera meu mal eſforçar

⁊ milhoꝛ poder paſſar
mynha grã deſauentura.
mas que coela me cale
poys que nela ey dacabar
meu deſcanſſo he cuydar
enla cauſa quanto vale.

¶ Cantiga ſua.

¶ Voſſa grande crueldade
mynha grã deſauentura
voſſa pouca piadade
cõ mynha gram lealdade
de meſura
ſiʒerã mynha treſtura

¶ A qual ja dentro ẽ mym jaʒ
tanto nꝰ boffes metida
que mẽtriſteçe ⁊ me faʒ
que me peſe coa vida.
çeſſe voſſa crueldade
mudeſſe mynha ventura
que poys tendes fermoſura
tende tã bem piadade
de meſtura
nã me mate eſta triſtura.

¶ Outra ſua.

¶ Meus olhos podeys q̃bꝛar
que myngoa me nã fareys
poys vꝰ nã ey de moſtrar
em que ja pꝛaʒer me deys

¶ Nã me podeys faʒer bẽ
nẽ vꝰ ey nunca meſter
poys meus olhos nã vꝰ quer
quẽ em ſeu poder vꝰ tem.
podeys vꝰ ambos quebꝛar
que mingoa me nã fareys
poys vꝰ nã poſſo moſtrar
em que ja pꝛaʒer me deys

¶ Outra ſua.

¶ Triſte vida ſera a noſſa
triſte he meu coꝛaçam
triſte e minha pola voſſa
mas a voſſa poꝛ mym nã.

¶ Triſtes dias viueremꝰ
triſtes ſerã noſſas vidas
o paſſado choꝛaremꝰ
que nam temꝰ
tendo jaas vidas perdidas.
⁊ poꝛ yſſo a vida noſſa
de ſer triſte tem rreʒam
triſte e mynha pola voſſa
mas a voſſa poꝛ mym nam.

¶ Outra ſua.

Nã tẽ ningué mays cuydado
nẽ viue cõ mays triſtura
nẽ he pioꝛ eſquençado
nẽ tem mays deſauentura

¶ De pꝛaʒer todos mays tem
de folgnar mays ſacharaa|
mas ſer mays triſte ninguẽ
bem ympoſſiuel ſeraa.
eu ſam o deſeſperado
ſam o triſte ſem ventura
nunca me leyxa cuydado
ſempꝛe me creçe triſtura

¶ Outra ſua.

¶ Cõ quanto de vos ſaqueyxa
ſenhoꝛa meu coꝛaçam
ſo ydade nam o leyxa
de voſſa conuerſſaçam/

¶ Deſpoys de voſſa partida
todolos dias me mata
nam tem conto nẽ medida
as mil doꝛes que me cata.
conſſygo moꝛre ⁊ ſequeyxa
quando ve tanta rreʒam
mas ſo ydade nam leyxa
de voſſa conuerſſaçam.

De joam foguaça a dom gonçallo coutynho.

¶ Nam ſenguana
ſenhoꝛ quem quiſer diʒer
que a ſenhoꝛa dona joana
de vilhana
tem no melhoꝛ pareçer
que ſe vyo nem ha de ver

¶ Se niſto diguo verdade
ſeja me deos teſtemunha
tam bem aluaro da cunha
que e omem de tall ydade
que nam diraa falſſydade.
nem ſenguana
quem verdade quer diʒer
que a ſenhoꝛa dona joana
de vilhana
tem no melhoꝛ pareçer
que ſe vyo nem ha de ver.

¶ Para quem a ler.

¶ Eſta ſeja pꝛouicada
onde vꝰ bem pareçer
⁊ quem na ler
goardeſſe de a diʒer
abyaroʒada.

¶ De joam foguaça a joam coꝛrea comenda/dor daljaʒur poꝛ ſe di/ʒer que ſe perdiam os moueys dos comenda dores.

¶ Quem teuer gentil comẽda
ſe meu conſſelho tomar
nam gãſtaraa ſua rrenda
em nenhuũ pano darmar.
ca ſegundo ſe qua diʒ
⁊ eu a vento
de ter couſa ſem rraiʒ
nã ſe faça fundamento

¶ E desseguado vaquim
que a casa alumea
diguo senhor joam correa
que nã tenhays soomentum.
qua se vᵒ vem peytogueyra
ou hũa dor de costado
dareys o boy a cruzado
sem achardes quẽ no queyra

¶ Reposta de joã correa.

¶ Sẽ dinheyro ou boa prẽda
a rrisco corro jantar
⁊ por ysso he bom prouenda
para fomem segurar.
se de vos senhor juiz
queu o consento
ca çerto por bem o fiz
lançarme qua ho conuento

¶ E poys andeste zum zum
que minhalma jaa rreçea
conuem senhor que vᵒ crea
em nam ter mouall nenhum.
⁊ antes que acalueyra
me assentem he forçado
que o meu coopo picado
vaa por hũa panasqueyra.

¶ De joam foguaça a huũa mula noua do comendador moor que achou ao barco de sacauem.

¶ Rifam.

¶ Ho barco dessacauem
achey a vossa mulata
que me pareçeo tam bem
que me mata.

¶ Se vᵒ veyo de castela
ou se anda dandadura
nam no jurarey por ela
mas amyn se ma fegura
que naçeo em parade ela.

tudo muy perfeyto tem
senhor a vossa mulata
⁊ pareçeome tam bem
que me mata.

¶ E que soes dela contente
aposstey dous portugueles
⁊ fuylhe buscar o dente
achey que no mes presente
carra çerto trinta meses.
ho barco de sacauem
que passas agram mulata
a qual nam veraa ninguem
que nã digua que o mata.

¶ De joam foguaça a huũ frade do seruançia que hya por guardiam a tajere ⁊ pediolhe que pedysse ao conde prior que escreuesse ao capitã seu filho que o fauoreçesse laa: ⁊ deulhe esta troua pera o conde.

¶ Para tanjere senhor
eleyto por goardiam
vay huũ frade preguador
porem deseja fauor
laa do senhor capitam.
nam quer elmola ne rrenda
mas por laa nã correr rrisco
pede carta dencomenda
posto que se nam entenda
na rregra de sam francisco

¶ Outra de joã foguaça ao conde pryor por huũa molher dũ marynheyro que foy cõ ele a torquya ⁊ rreqria o soldo do marido.

¶ Essa molher he casada
seu marido he marinheyro
foy seruir vᵒ nessa armada
⁊ quer seu soldo em dinheyro.

nam he dasarrazoada
senhor em pedir o sseu
⁊ diguo eu
a seja bem despachada
polo meu.

¶ De joam foguaça a dom luys de meneses sobre o comẽdador moor ð santiaguo que lhe fogio hũ mouro ⁊ aqntos achaua perguntaua por ele.

¶ Homem de potro çinzento
que comprou a peso douro
anda em busca dũ mouro
que lhe fogio ⁊ nam mento.
por fynall que anda a brida
sem dele fazer burrela
pesqua yfantes com se dela
muy comprida
com anzolo de cabrela.

¶ Cabo.

Anda mais brauo qũ touro
⁊ aquem fala
preguntа de chyche cala
senhores vistes mũ mouro.
sabeys que ma conteçeo
sem auer nada co ele
loguo desapareçeo
sem jamais ver fumo dele.

¶ De joam foguaça a dõ pedro ð castell branco por que junto cõ ele pousaua hũa moça que lhe pareçia bem.

¶ Tenho cofre tenho çinta
tenho pano de rruam
o quall darey dante mão
mas ey medo que me mynta.
porque ha hy tanta trisca
na queste mundo cuytado
que muytas rrypam a ysca
⁊ ficomem enguanado.

¶ Outra sua:

Dou fraldilhas dou camisas
dou cotas ⁊ dou mantilhas
dou alfayas de mill guisas
dou firmaes ⁊ dou manilhas.
Dou dinheyro em dinheyro
⁊ dou casas daluguer
dou chapys de çapateiro
a quem quer
ser muyto boa molher

¶ De joã foguaça quã
do veo o ẽbaxador dale
mãha sobre o comẽda/
dor moor do q̃ lhe avia
de preguntar ⁊ mãdou
as a dom luys de mene
ses estãdo doente ⁊ em
sua casa dom garçia ⁊
joam lopez de sequeira

¶ Embaixador dalemanha
he entrado
para o quall seraa chamado
o gram gyjono de canha
Pera hyr do sestro laado.
perguntaraa por nouela
rresponderaa sy ⁊ nam
⁊ dos grandes de castela
que faram
⁊ em nauarra ⁊ araguam

¶ E tam bem
lhe diraa por espedida
o senhor de rrabastem
a quall das partes conuem
⁊ madama marguarida.
Se viraa ou nam viraa
o prinçepe ste veram
ou que faraa
que cousas preguntaraa
que cousas rresponderaa
se lhe nam forem ha mam.

¶ De joam foguaça a
dom luis com estas tro
uas.

¶ Senhor tende tall maneira
sem braços ⁊ sem porfya
que joam lopez de sequeyra
⁊ o senhor dom garçia
vejam esta derradeira.
E quem quiser ajudar
ajaa vista
⁊ podessa leuantar
da quy tamanha conquista
como foy adalira mar.

¶ Fym.

¶ E tambem se soes doente
nam ajaes senhor vergonha
dizer que he de peçonha
pois q soes da mesma gente.

¶ Cantigua sua a dom
rrodrigo de castro.

¶ Senhor vistes nunca tall
hyndo me para pousada
foy topar o de lousada
sabeys quall
o da capa entretalhada.

¶ Dysselhe polo deter
que he ysso que leuays
agoarday me quey de ver
cam mall o vosso gastays.
Amostroume tudo o all
descobrio hũa esmaltada
na çinta mall rrecachada
vedes qual
o da capa entretalhada.

¶ Troua sua a garçia
de rresende ẽ rreposta
doutra ẽ que lhe man/
daua pedir trouas su/
as.

¶ Senhor nã tenho lembrãça
de cousa que ja fezesse
mays do que se faz em frança
porque sse o eu soubesse
dylo hya sem tardança.
Ho gram comẽdador moor
me lembra hũa que fiz
a quall diz.

¶ Troua sua ao comẽ
dador moor de santia
go porq̃ vyndo el rrey
⁊ a rainha nũ batel foy
tomar hũ yfante no co
lo ⁊ o tirou fora hyndo
muyto mall vestido ⁊
de mas sedas.

¶ Cõ duas sedas no mays
⁊ sem hyscar o hanzolo
pescou yfante no cays
que loguo rripou no colo.
Sem veludo cremesym
nem çatym avelutado
mas çatym muyto rroym
⁊ demasquym
azull ⁊ alyonado.

¶ Cantigua sua que
fez por duarte de lemos
a hũa molher que pre/
guntaua como pode/
ria dormyr cõ sua mo/
lher sendo tam grãde.

¶ Se em pee se quando jaço
querceys senhora saber
como posso ou como faço
eu volo quero dizer

¶ Sela jaaz de papa rryba
ambos ficamos ygoaes
nem cuydeys se o cuydaes
que se mela nam de rryba
que sejamos desygoaes.

se em pee faço ma naão
e dilhargua atravessado
tam junto tam conchegado
que nã ponho pee em chaão

¶ E tambẽ sam tã humano
e levo tamanho gosto
que por lhe ver bem o rrosto
faço de mym pelicano.
ela tambem de seu cabo
faz muytas gualantarias
e fala mill aravias
que vos eu aqui nam guabo
e assy acabo.

¶ Sua a joã de saldanha por hũa touca q̃ trouxe ao paço muyto mal posta partyndo el rey.

¶ Ouça quem quiser ouvyr
hũa bem grande façanha,
da touca de joã de saldanha
coge sacou hoo partyr.
ela era mal lavada
toda posta no toutiço
de diante mall quebrada
na pousada foreada
e no paço gram chouriço.

¶ Trovas suas ao comendador moor de sãtiago por q̃ pedio a el rrey nosso snõr hũ cartell de moradia q̃ avia dezanove anos q̃ perdera e dizia q̃ o queria provar por testemũhas.

¶ O muy gram comendador
pedio oje neste dia
hoo vestir
a elrrey nosso senhor
hũ quartell de moradia
que lhe ficou por servir.
avera a dezanove anos
e diz que o quer provar
por tinta e papell
hoo enguano dos enguanos
cuydar que ha de rripar
hũ tam antiguo quartell

¶ Do comendador mor a quẽ lhe quer comprar o quartell que tem ja desenbargado.

¶ Quẽ quer coupar hũ qrtell
que tenho desembarguado
e apontado
de meca tynte e papell
e darlhey hũ assinado.
Dele e tomarey panos
no te soureyro
por quee de dezanovanos
ante que fosse escudeyro
hee velo es em dinheyro.

¶ Reposta de pero de madril cambador.

¶ Diz caa pero de madrill
que nam dara os seus panos
ni menos hũ soo ceytill
por quartell de tantos anos.
Mas por nã ficar em vaão
lhe praz
de vos dar muy boõ rrualão
dandolhe gonçalo vaz
penhores limpos na maão.

¶ Outro mercador.

¶ E diz outro mercador
por que vos ja sabe a manha
se lhe derdes fyador
ou a comenda de canha
de rrenda ou seu valor.
Que vos servyraa senhor
sem carta nem estormento
dandolhe muy bom penhor
por este quartell de vento
vos faraa boõ pagamento.

¶ Outro mercador.

¶ Por este quartell de vento
de tantos anos perdido
vos darey hũ goarnimento
todo douro pell tecido
bem gentill e bem polido.
Mas aveys me de ficar
q̃ mo deys desembargado
despachado e assynado
e quem mo ha de paguar
venha logo nomeado.

¶ De joã foguaça a dõ gonçalo coutynho por que vio dom garcia de meneses rrapado a navalha.

¶ Vindo senhor este dia
do paço bem en fadado
vy rrapado dom garcia
vy dom garcia rrapado.
vyo tam aboçetado
e tam porrym
que disse loguo antre mym
estoomem vem enguanado.

¶ Sua a dõ goterre.

¶ Senhor dõ goterre mano
vale vineyro nogueyra
mavorreçem de maneyra
que folguo com arelhano
e com lopo soarez.

¶ Trova q̃ fez joã foguaça.

¶ Senhores sede devotos
dos anjos e dos arcanjos
questes decmos dos briolãjos
fazem grandes terramotos.
Fazem lampados torvoões
lançam pedras de corisco
e fogem dũ porco pisco
e sobrysso sam ladroões.

De diogo brandam ha morte del rrey dom joam o segundo que he em santa grorIa.

¶ Todos atentos na morte cuydemos
na quall ouuidamꝰ por mays nosso mall
que dela sabendo ser cousa gerall
mays nos espantamos do q̃ nꝰ prouemꝰ
Os bẽs temporães por alheos deyxemos
poys mays nos prouocã a mal q̃ nam bem
os quaẽs cuydando nos outros q̃ temos
eles com fortes cadeas nos tem

¶ Os bẽs q̃ sam dalma aq̃lles syguamꝰ
poys neles consiste o vero proucyto
os de fora busquemos auendo rrespeyto
a quam breuemente por eles passamos
Riquezas fauores qua quy percalçamos
assy como passam se perde a memoria
se bem neste mundo fazemꝰ obramꝰ
viue pera sempre no outro per groria.

¶ Desta fym logo sejamos prudentes
poys toda grorea naq̃la se canta
e com boas obras e vida muy santa
deuemos na morte muy bem pararmentes
E se polas cousas que vemꝰ presentes
nom bem conheçemos o grã poder dela
lembrança tenhamꝰ de quã exçelentes
prinçepes rreys passaram por ella

¶ Dizer dos antigos que sam cõsumidos
nam quecro em gregos falar nẽ rromaãos
mas nos q̃ nos caẽ aqui dantras maãos
vistos de nos e de nos conheçidos
Des premos de todo os nossos syntidos
poys este mundo he tam incõstante
creamos dos mortos q̃ nã sam perdidos
mas que sam hydos hũ pouco adiante

¶ Nã pode ser pouco poys he muyto çerto
que oie se pode faser esta via
e se este nom he o derradeyro dia
sabey que le estaa de nos muyto perto
Todos naçemos com este conçerto
que quem tiuer vida tem çerto perdela
e poys o viuer nos he tam inçerto
viuendo na morte cuydemos bẽ nela.

¶ E poys tam aberta estaa esta via
per ordem daquelle que a todos nꝰ fez
nam nos espantemos de vyr hũa vez
aquilo que nos pode vyr cada dia
ally cada hũ ordenar se deuia
como se fosse aa morte cheguado
e desta maneyra nos nam enguanaria
se tiuessemos dela na vida cuidado

¶ E de tall maneira deuemos tratala
que poys assy he sem mays duuidar
que ela nos espera em todo luguar
deuemos nos outros tam bẽ desperala
Deuemos as vezes per nos desejala
conformes com ós em nossa desculpa
por que a longua vida sem mays aprouala
pola mayor parte tem sempre mays culpa

¶ Que sendo compostos daqueste metal
que sempre desejamos o quee sem midida
nunca tanto bem fazemos na vida
que mays nam façamos naquela de mall
Erçe naquesta cobyça mortall
rraiz e começo de todolos viçios
abresse mays o caminho ynfernall
quando se çarram os boõs exerçiçios

¶ Tornando poys logo aquesta çerteza
que todos huũa vez morrer nꝰ conuem
esforçarnos deuemos fazelo tam bem
que a morte syntamos com menꝰ tristeza
Esta tomemos com toda firmeza
poys ha de vyr de neçessidade
menos sintyremos a sua crueza
quando arreçebermos com boa vontade

¶ Antigos enxempros a parte deyxados
sem os alheos querer me morar
os mortos em canas deyxemos estar
com outros mill contos q̃ sam ja passados
Deyxem de ser aqui rrelatados
abaste falar nos possuydores
desta nossa terra que dela abayxados
foram assy coma pobres pastores

¶ Que se fez daquele q̃ çeyta tomou
por força aos mouros com tanta vitorea

o jntytulado da boa memorea
q̃ assy ⁊ aos seus tam bem gouernou
As cousas tam grandes q̃ viuendo acabou
afora nas batalhas mostrarsse tam forte
com outras façanhas ẽ que sesmerou
nunca poderam liuralo da morte.

¶ Seu fylho p̃meiro bom rrey dom duarte
q̃ foy tam perfeyto ⁊ tam acabado
rreynãdo muy pouco da morte leuado
foe como quys quem tudo rreparte
Seus jrmaos os jfantes q̃ tanta de parte
na vertude teuerã polo bem q̃ obraram
tendo nas vydas trabalhos que farte
com tristes soçessos algũs acabaram.

¶ O sobrinho destes jfante de grorea
progenytor de quem nos gouerna
que foy de vertudes tam crara luçerna
tam bem ouue dele a morte vytorea.
Com todo nom pode tirarlha memorea
de ser esforçado ⁊ forte na fee
tomou este prinçepe dyno destorea
per força os mouros o granda na fee.

¶ O quinto affonso nõ quero calar
q̃ assy como teue vytorea creçida
tantos trabalhos sosteue na vyda
q̃ lhe causaram mays çedo acabar
Tam bem acabou o filho de dar
fym e esta vyda de tanta myserea
no qual determino huũ pouco falar
posto quem prenda muy alta materia.

¶ Este foy aquele bom rrey dom joham
o mays eyçelente q̃ ouue no mundo
rrey destes rreynos deste nome o segundo
humano catolico sojeyto aa rrazam
Do qual muy bem creo sem contradiçam
julguando sas obras ⁊ como morreo
q̃ deue bem çerto de ter saluaçam
poys tam justamente sempre viueo

¶ Foe em vertudes tam esclareçydo
q̃ he muy defyçil poderem sachar
louuores q̃ possam cos seus jgualar
tam grandes assy como tem mereçydo
Mas posto que fosse de todo conprido
de grandes bondades em que floreçeo
algũ louuor seu dyrey nõ fyngydo
q̃ seraa mays bayxo do q̃ mereçeo.

¶ Teue nas cousas de dõs eyçelençia
aquelas amaua honrraua temia
em fabricas santas muy bem despẽdia
asas larguamente co manyfyçençia
Com justa medida ⁊ gram prouidençia
suas esmolas muy bem rrepartya
quem se prezaua de santa eyençia
muyto por çerto antele valya.

¶ Nom sey com q̃ lingoa dizer se podia
como era grande ⁊ em todo manyfyco
desejaua ter mays o seu pouo rryco
q̃ ele de o ser prezarsse quyria
Por estas taes obras q sempre fazya
a sua nobreza bem crara se ve
a vya por perda passar algũu dia
sem q naquele fezesse merçe

¶ Ja mays nos antyguos modernos q̃ leo
sachou outro tal em liberalidade
partia com todos com tanta vontade
q̃ nunca em nobreza o mundo tal veo
Seguesse logo daquy como creo
q̃ avendosse nisto assy grandemente
q̃ mal poderia tomar o alheo
poys o seu daua de tam boamente.

¶ Era hũ mesmo no prazer ⁊ na sanha
das cousas virtuosas avya cobyça
a todos jgualmente fazya justiça
sem se lembrarem as teas daranha
Era tymydo ⁊ amado ẽ espanha
⁊ tal q̃ nam sendo pera rrey naçydo
segundo a sua vertude tamanha
deuera pera jsso desser escolhydo.

¶ Que desta maneira estaa confyrmado
que o rrey ⁊ o prinçepe q̃ ha demandar
pera os outros saber ẽmendar
deue primeiro de ser emmendado
Este na vyda foe tam acabado
q̃ ele soo era a propia ley
pera cada hũ vyuer castiguado
sem mays outra rregra nẽhũa de rrey.

¶ Os prinçepes boõs por seu boõ viuer
emxempro tomauam do bem q̃ fazyam
os maaos jsso mesmo por ele sabyam
as cousas q̃ bem deuyam fazer
deste deuemos por çerto de crer
q̃ ajnda que ca muytꝰ anos vyuera
na força do corpo podya em velheçer
mas nunca na dalma velhyçe teuera.

¶ Os rreys q̃ vyerem para bem rrejer
tomar deuem deste enxenpro geral
poys he muyto çerto q̃ aqueste foe tal
qual prometyam os outros desser
os seus sudítos por seu mereçer
a ds por ele somẽte rroguauam
sendo muy çertos quẽ no assy fezer
por sy por seus fylhos por todos orauam

¶ Era em sas obras tam bem temperado
que o q̃ per palaura hũa vez pormetya
de tal maneira cõ fee o compryа
como se fora por elle jurado
nam se groriana de ter alcançado
por fauor de fortuna nehũ bem temporal
toda sua grorea era telo guanhado
por alguũa vertude ⁊ bem diuynal

¶ Com lyjonjeyros muy pouco folguaua
eranos seus conselhos muy saãos
mostraua se humano os queram meaãos
os gram diosos ⁊ vaãos despreçaua
a vertude per obra mays exerçytada
q̃ nom por palauras nẽ outras maneyras
as cousas do mundo assy as amaua
q̃ nam sesqueçya das muy verdadeyras.

¶ Tinha prudençia tã bem fortaleza
amaua justyça cõ gram temperança
fee caridade tam bem esperança
nele morauam con toda firmesa
ornaram no estas de grande rryqueza
⁊ nunca ja mays o deyxarã na vyda
na morte lhe deram tamanha franqueza
q̃ grorea por sempre rreçebe comprida.

¶ Estas q̃ digo vertudes jeraães
assy assomadas hũ pouco deyxemos
por q̃ he justa cousa tã bẽ q̃ falemos
nas partyculares ⁊ mays espeçiaes
as quaes conheçydas por muyto rreaes
sendo a todos assy manifestas
ajnda fez outras muy grandes ⁊ mays
q̃ eram mayores por serem secretas

¶ Daqui se consiire na ordem q̃ daua
em paguar dyuedas q̃ seu pay deuia
poys como as suas ja mal paguaria
quem tam grandemete as alheas paguaua
ja mays dele orffaão nẽhũ sequeyxaua
a todos por jnteyro muy bem se pagou
com paguas dobradas vyeu q̃ paguaua
a prata das ygrejas quem tam se tomou.

¶ Poys em castela ahy nessa guerra
se foe esforçado muy bem se mostrou
depoys da batalha no campo fycou
os mortos naquela me tendo soterra
tam bem neſſas pazes sa pena nam erra
foy muy prudente ⁊ muy sabedor
os meos tomando dos vales ⁊ serra
q̃ nestes consyste vertude mayor.

¶ Nam menꝰ no rreyno por este teor
no tempo q̃ foe aquela discordia
vsou mays con eles de myserícordya
do q̃ nisso fez com justo rrygor
era temido dos seus com amor
⁊ a ds temya com todo querer
q̃ quando o rrey de ds tem temor
emtam os deuemos muy mays de temer.

¶ Com anymo grande desperas rreães
abrio o caminho de todo guynee
mays por creçer a catolica fee
q̃ nam por cobyça dos bẽs temporaes
com ela fez rrico os seus naturaes
os jnfyes troure a ver saluaçam
poys obras tam justas ⁊ tam deuynaes
seram sempre vyuas segundo rrazam.

¶ Sem todo ponente se sente gram grorea
por serem as jndias anꝰ descubertas
ele foe causa de serem tam çertas
⁊ tam manifestas por nossa vitorea
Poys he sua fama a todos notoria
culpẽ me muytas ⁊ mays dũa vez
se dele nam faço aquela memorea
q̃ justa mereçem os feytꝰ que fez

¶ A fym ja chegada de sua partyda
sendo de todas a cousa mays forte
ja muyto cerca da ora da morte
nam sesqueceo das obras da vyda
Tendo a candea ja casy perdyda
a pena na maão tremendo tomaua
& com modera da justiça de vyda
tenças merçes padrões assynaua.

¶ Seus males & culpas gemẽdo com dor
partyo desta vyda na fee esforçado
polo qual creo q̃ outro rreynado
possuy la com deos muyto mylhor
Fez fym no algarue na vyla daluor
no decymo mes aa fym ja propinco
sendo da era de nosso senhor
quatorze cẽtenas noueta mays cinquo

¶ Com gram çyrymonya a sylues leuado
daly foy dos seus q̃ o muyto sentyam
quem antes hũ pouco as jentes seguyam
aly fycou soo de todos deyxado.
O morte q̃ matas quẽ he prosperado
sem de fermoso curar nem de forte
& deyxas vyuer o mal aventurado
por q̃ vyuendo receba mays morte.

¶ Daly a tres an° nom bem preçedentes
foy com gram festa da qui tres passado
& posto no lugar questa deputado
em ser mansseolo dos nossos rregentes
Quer d's daly dar a muytos doentes
comprida saude tocam donde jaz
em serem os anjos com ele cõtentes
n° he manifesto nas obras q̃ faz

¶ Fez isto por ele o muy poderoso
rrey eyçelente manuel o primeyro
quem ele deyxou soçessor verdadeyro
como rrey justo & muy vertuoso
Soube este princepe muy anymoso
que oje gouerna com tanta medyda
pagarlhe na morte coma piadoso
o bem reçebydo daquele na vyda.

¶ Se honrras rryquezas vertudes poder
poderam alguem da morte liurar
este justo rrey sem mays altracar
nũca jamays podera morrer
Mas poys quassy he q̃ os boõs am desser,
tam bem sepultados a vyda deyxado
quanto mays deuẽ os maaos de temer
que sempre jamays viueram pecando.

¶ A grorea de d's de tanta eyxçelençea
nam busca ninguem sendo tam preçyosa
mas a do mundo q̃ he tam enganosa
buscam nos homẽs com gram diligençea
O como he degram primynençia,
quem põe em soo d's seu amor & querer
quẽ o mũdo nõ ama cõ toda crençya
nam tem nele cousa q̃ possa temer.

¶ Seja nossa culpa de nos conheçyda
em quanto vyuemos façamos pendẽça
q̃ sem na fazermos segundo sentença
avermos na morte perdam se duuyda
Por sant° doutores he muy rrepytyda,
aquesta doutrina q̃ vern° cõ vem
q̃ quem sempre mal viueo nesta vyda
he muyto defiçil poder morrer bem.

¶ O eterno d's com justa balança.
permyte com grande rrygor & muy forte
q̃ sesqueça de ssy na ora da morte
quem dele na vyda nam teue lembrança
No bem q̃ fazemos tenhamos fyança
q̃ per ssuma justiça estaa ordenado
q̃ sempre careça de toda folguança
quẽ nunca jamays careçeo de pecado.

¶ Fym.

¶ Poys desprezemos o breue prazer
q̃ logo se conuerte ẽ grane tristeza
q̃ muy façilmente o mũdo despreza
aquele q̃ cuyda q̃ ha de morrer
Quem firmemente aquesto teuer,
nas cousas de d's sera muy costante
por bem auenturado se deue dauer
aquelle q̃ a morte tem sempre diante.

¶ De dyoguo brãdam
estãdo aussente de sua
dama enderençadas a
anrrique de saa.

¶ Depoys senhor q̃ forçado
me trouxeram caa catyuo
ando tam desesperado
q̃ nam vyuo
ꝛ sabes bem que conforto
se mordena
que por ser mor minha pena
nam sam morto.

¶ Se o fosse acabaryam
minhas dores mays q̃ fortes
ꝛ meus olhos nom veryam
tantas mortes
mas poys deste bem careço
sem ventura
veres nestas a trestura
q̃ padeço.

¶ Mas naqueste triste canto
tende vos çerto por fee
q̃ nam posso dizer tanto
como he
ꝛ poys terço do q̃ sento
nam dirya
julgue vossa fantesya
meu tormento.

¶ Que nẽhũ nã foe tamanho
de passado nem presente
he hũ grande mal estranho
ser ausente
q̃ com este quem myn jaz
me comporya
se eu vysse cada dia
quem mo faz.

¶ E com este apartamento
sem sapartar minha vida
he o meu padeçymento
sem medyda
ꝛ aquesta dor presente
que maqueyxa
ja mays viuer nam me deyxa
antre jente.

¶ E voume por esses mõtes
desastrado sospirando
os meus olhos comaffontes
vam chorando
das lagrimas desmedidas
verdadeyras
vam as agoas das rybeyras
muy creçydas

¶ Depoys me dexo n⁹ vales
com tençam q̃ me descanssem
mas antes crecẽ meus males
q̃ samanssem
os doçes cantos das aues
muy suydosos
assy me sam amargosos
como graues.

¶ Os frescos prados ꝛ rryos
q̃ mil vydas amy ventam
muyto mays meus desuarios
acreçentam
q̃ minhas desauenturas
lastymeyras
nám se curam com frescuras
das rrybeyras.

¶ Nẽ as tristezas dos pares
q̃ meu vyuer desajudam
por mudar muyt⁹ lugares
nam se mudam
por quamor quassy me trata
vay comygo
q̃ mee tam cruel jmygo
q̃ me mata.

¶ Bosques q̃ se vam oo çeo
em grandeza ꝛ creçymẽto
me causam beber hũ veo
por tormento
poys as fontes q̃ manauã
dos rroquedos
minhas sospeytas ꝛ medos
mays dobrauam.

¶ Aruoredas queyrçç dyam
grandes alturas ꝛ costas
de donde os deoses soyam.
daa rrepostas
sendo muyto graçyosas
ꝛ prazentes
em as ver vejo serpentes
espantosas.

¶ Paros desertos fugya
bradando com meus cuydad⁹
ꝛ eu soo me rrespondya
a meus brados
o quem das leteas agoas
se fartara
por q̃ mays se nam lenbrara
destas magoas.

¶ Dos olhos ꝛ coraçam
gram demanda nõ se parte
ambos bem culpados sam
q̃ lhes farte
quem foy dysto ocasyam
bem se vyo
pene pues q̃ conssentio
com rrazam

¶ Mil desatinos nam dygo
q̃ neste tempo fazya
salguem topaua comygo
mavorecya
symulaua em nos vendo
meu morrer
ꝛ fyngia ter prazer
nam no tendo.

¶ Mas era bem conheçyda
minha dor q̃ nam tem cura
q̃ nunca cousa fengida
muyto dura
ꝛ nos synaes q̃ fazya
de mortal
vyam bem o grande mal
q̃ padeçya.

¶ Grãde com payxam ꝛ doo
auyam de my aqueles
mas eu folguaua mays soo
q̃ coeles

em seus consselhos prudentes
e nam vaaos
vy q̃ bem consselham saãos
os doentes.

¶ E querem q̃ coma bem
com confortos q̃ me dam
mas muy mal come ninguẽ
com paytam
e pior dorme syntindo
tantos danos
parecem mas noytes anos
nam dormindo

¶ Trabalho nestes casays
por dormyr de quebraantado
e isto tenho de mays
vylar canssado
desuelado de tal sorte
ando assy
q̃ sespantam mays de my
que da morte.

¶ Esta nam me satisfaz
por ser tam desordenada
q̃ toda cousa q̃ faz
vay errada
q̃ mata com mal sobejo
quem a nom quer
e amym deyxa vyuer
q̃ a desejo.

¶ Por aquy podes julguar
a vyda q̃ tenho agora
bẽ ma podia mudar
minha senhora
ajudayme polo amor
quẽ vos fyca
poys sabes bem como pica
esta dor

¶ E poys a tenho crecyda
algũ rremedeo se cate
esta seja darma vyda
ou me mate
e se mays com morte dar
se contenta
outra vyda macrecenta
em me matar.

¶ Fym.

¶ E desta sorte de caa
me parto sem meus sentydos
q̃ todos me fycam laa
bem perdydos
ajam de vos gasalhado
poys sam vosso
mays do q̃ dizer nam posso
de penado.

¶ Cantigua sua.

¶ Que sayba bẽ na verdade
rreçeber de vos tormento
quero dar conssentimento
ho q̃ quer minha vontade

¶ Quero descobryr por my n
poys mays nã posso soffrer
o quessou vera de ver
muy çedo com minha fym
e poys q̃ vos na verdade
soes causa do mal q̃ sento
quero dar conssentymento
ho que quer minha vontade.

¶ Outra sua.

¶ Que vyua neste cuydado
e me veja padeçer
triste vyda por querer
muyto mays vyuo penado
quando nam sam namorado.

¶ Destas ambas se mordena
dobrado mal e fadigua
poys cada huũa mobryga
a sempre vyuer em pena
q̃ seja desesperado
e padeça por querer
vyda pyor q̃ morrer
muyto mays vyuo penado
quando sam desnamorado

¶ Outra sua.

¶ Sempre ma fortuna deu
tristezas com q̃ nam posso
desque deyxey de ser meu
polo ser de todo vosso.

¶ Que depoys q̃ vos seruy
com tal firmeza senhora
nũca de vos ategora
nhuũ bem ja reçeby
desentam padeçy eu
mil males com q̃ nam posso
por que deyxey de ser meu
polo ser de todo vosso.

¶ Grosa sua a este moto.

¶ Nã falando mas morrẽdo
confessaram.

¶ Os q̃ logo decrararam
suas dores em querendo
muytas vezes sestimaram
mas muyto mays obrigaram
aqueles que padeçendo
nam falando mas morrendo
confessaram.

¶ Bem podem dizer fingios
seus amores os primeyros
mas aquestes ja vençydos
pola morte conheçydos
sam seus males verdadeyros:
ja se muytos confortaram
em suas penas dyzendo
e disso se contentaram
por tanto mays obrigaram
aqueles que padeçendo
nom falando mas morrẽdo
confessaram.

¶ Cantigua ẽ q̃sta o nome
por quem se fez polas primei
ras letras dela.

¶ Do grande mal q̃ causarã
os olhos quando vᵒˢ virã
nestes dias o paguaram
a fora quando partiram

¶ Vyda quassy atormenta
ja melhor se perder ya
o penar q̃ sacrecenta
ledo morrer me farya
as lagrymas q̃ se dobraram
no coraçam se syntyram
todas meus olhos chorarã
em vendo q̃ nam vos vyram.

¶ Grosa d' diogo brã
dam a hũa cantigua q̃
diz de my ventura que/
xoso.

¶ Pues esperança perdida
tengo ya dauer rreposo
com muerte tam conoçyda
byuire toda my vyda
de my ventura queroso.
y no tenyendo segura
la vyda por lo q̃ syento
yo triste sym ventura
me alho com my tristura
dequyen magrauia cõtento.

¶ My fe me manda q̃ crea
no ser syempre desdichoso
mas el mal q̃ me possea
me aze q̃ sempre sea
de my rremedio dudoso.
assy byuo em desconçyerto
com muy graue sentimiento
de dolores no desyerto
por ser de my bien inçyerto
y no de my perdimiento.

¶ A morsu fuerça mostroo
por q̃ libre no biuiesse
y porque mas penasse yo
quiso logo ⁊ ordenoo
my ventura q̃ os viesse.
y vista la perfeyçyon
q̃ mas nõ pode falharsse
com voluntad y rrazon
el vençydo coraçon
consentyo q̃ os amasse.

¶ Assy que vuessa beldad
por que mas pena me diesse
ordeno my voluntad
quereruos com lealtad
y q̃ vuessa bondad fuesse.
todel mal de my porfya
y q̃ delha se causasse
ser triste la vyda mya
y em fym quelha seria
la muerte q̃ me matasse.

¶ Com dolor desesperando
de mys bienes deseoso
com mys males peleando
em my desdicha penssando
assy byuo temeroso.
q̃ no puedem muchos anhos
tyrar mys penas lyncoento
mas cõ todos estos danhos
me veo com mys enganhos
amygo del mal q̃ syento.

¶ Y por serdes vos el mal
com que biuo tam lhoroso
no me da por causa tal
ser com pena desygual
de my rremedeo dudoso.
puse sempre em vᵒ amar
todo my entendimento
y vos por mas me matar
aues de my byen pesar
y no de my perdimiento.

¶ Cantigua:

¶ Poys tanto gosto leuaes
com mynha morte sabyda
pera me matardes mays
me deues dar esta vyda.

¶ Que desta sorte vyuendo
myl mortes rreçeberey
⁊ destoutra viuerey
em hũ so dia morrendo.
⁊ poys q̃ tanto folgaes
com morte tam conheçyda
pera me matardes mays
me deues dar esta vyda

¶ Outra sua.

¶ Vejo tanta pressadar
a meu mal q̃ tal me tem
q̃ nam pode ja meu bem
anhuũ tempo cheguar
q̃ me possa aproueytar:

¶ Por q̃ sendo muy crecido
sem a dor ser conheçyda
o seu rremedeo comprido
he ja com perda da vyda.
poys se pode mal curar
o mal q̃ tal força tem
como pode ja meu bem
anhuũ tempo cheguar
q̃ me possa aproueytar.

¶ Outra sua.

¶ Nam seria tam mortal
minha dor sem esperança
se juntamente meu mal
de mym tomasse vingança

Mas por mays matormẽtar
nesta vyda de tristura
me mata tam de vaguar
por mayor desauentura:
sera sempre desygual
minha dor sem esperança
poys juntamente meu mal
de mym nam toma vingança

¶ A hũa senhora q̃ lhe
deu huũ nome de jhũ q̃
se tomaua por ela.

¶ O nome da perfeyçam
q̃ tomey com deuaçam
no meu liuro sapousenta
mas o quele rrepresenta
q̃ he o bem q̃ matormẽta
tenho eu no coraçam.

¶ Trouas que fez diog uo brandam e hũ seu amyguo partindo ambos donde estauam suas damas que eram tã bé amygas e morauã ambas em hũa casa.

¶ Foram as nossas jornadas depoys de sermos partydos muyto passo caminhadas e muy rryjo sospiradas com gemydos
fomos o primeyro dya sem nos podermos falar
nosso gram mal o fazya
e tam bem nolo tolhya
o chorar.

¶ Recobramo los sentidos
sendo ja noyte fechada
assy cheguamos perdidos
com nossos nojos crecydos
ha pousada
açearnos assentamos
tam tristes como partimos
do comer pouco gostamos
nũa cama nos lançamos
sem dormirmos.

¶ Outro dia leuantados
com nossos males cõtentes
com lembrança dos passados
nos doyam mays dobrados
os presentes
tamanhas dores causauã
q̃ he jnpossyuel dizelas
os rremedeos q̃ nos dauam
muyto mays nos rrenouauã
as querelas.

¶ Mais nos mataua lẽbráça
q̃ o tempo q̃ fazia
nossa pouca confiança
nam nos daua esperança
dalegria
feryam como cuytelos
nossos males muy jnteyros
os sospiros nom syngelos
dobrauam como martelos
de ferreyros.

¶ Toda cousa de prazer
era pera nos tristeza
e com este mal vyuer
crecia nosso querer
com fyrmeza
ja queyxarnos nam querem⁹
de nossa costolaçam
poys pola causa deuemos
de soffrer estes estremos
com rrazam.

¶ Os rreçeos mays creçyam
as sospeytas nom mingoauã
e todos quantos nos vyam
muyto de nos se doyam
e magoauam
por que craro conheçyam
polos de fora synaes
as q̃ de dentro jazyam
dores q̃ nos perseguyam
desyguaes.

¶ Fogyamos de pouorados
da vyda muy pouco çertos
folguamos desesperados
com caminhos nõ husados
e desertos.
nosso triste penssamento
aly nunca rrepousaua
nam sey como tal tormẽto
e tamanho syntymento
nam mataua.

¶ Mas poys desta pena tal
nam morremos a apartyda
he muyto certo synal
guardarsse pera mays mal
nossa vyda.
mas nam sey q̃ pode vyr
ja pyor do que e passado
o que cousa de sentyr
aver homẽ de partyr
namorado.

¶ Fym.

¶ E foram da questa sorte
as jornadas fenecendo
fora cousa menos forte
acabalas ja com morte
q̃ vyuendo.
senty ja o q̃ syntymos
por tamanho bem querem⁹
piedade vos pydymos
poys q̃ tantas penas vym⁹
por v⁹ vermos.

¶ Cantigua sua.

¶ Vejo tanto desengano
q̃ nom tenho conffiança
mas eu cõ falssesperança
jnfindas vezes mengano.

¶ Comyguo na fantesya
myl vezes tenho cuydado
cuydando se poderya
ter huũ dia descanssado
por ver tanto mal e dano
tenho pouca segurança
mas eu con falssesperança
jnfyndas vezes mẽgano

¶ Vylançete seu.

¶ Se descansso rreçeberam
meus olhos quãdo v⁹ virã
dobrada pena syntyram.

¶ O falsso contentamento
q̃ logo nysso tomaram
muy de verdade pagaram
com pena do penssamento
assy q̃ se les fezeram
algũ bem quando v⁹ vyrã
dobrada pena syntyram.

¶ Pregunta de duarte da guama a ele.

¶ Poys q̃ todolos naçidos
somos sojeyt⁹ naçendo,
de nos ⁊ doutrẽ vençidos
sem querer nada querendo.
pregunto quall sojeyçam
he mayor das sojeyções
⁊ quall da mayor paixam
⁊ se podem ser ou nam
nũ corpo tres corações

¶ Reposta sua.

¶ Sojeyçã dos sometidos
as estrellas em viuendo
he mayor ca dos perdidos
q̃ damores vam gemendo.
a naturall condiçam
custumada em affryções
causa men⁹ affriçam
⁊ ja vy demprenhydam
paryr dous filhos barões

¶ De rruy gonçaluez
de castell brãco aelc.

¶ Sem vossa galantaria
esta corte estaua soo
quera para auerem doo
de tanta sen saboria.
da noyte se torna dya
pola vos aluniardes
cabasta para a saluardes
soo vossa sabedoria

¶ E poys vossa perfeyçam
he perfeyta ⁊ acabada
aesta pregunta errada
day senhor a concrusam.
por que cõ rrey justo ⁊ santo
medram os q̃ taes nam sam
⁊ os dessa condiçam
muyto men⁹ ⁊ nam tanto

¶ Reposta.

¶ Vay assy daltenaria
tam sobydo vosso voo
q̃ nam sey quem sendo soo
em saber rresponderya
sem falar ly junjaria
como vos em me louuardes
naçestes soo pera dardes
os rremedeos desta vya

¶ Mas poys temos a rrezam
de doutores aprouada
q̃ ten deos sem arrar nada
o coraçam do rrey na maao.
desta concrudo quẽ quanto
he de d̃s apermissam
o rrey nam faz sem rrazam
com quanto n⁹ faz espanto

¶ Cantigua sua.

¶ Enesta vyda mortal
nom ha hy prazer q̃ dure
nem menos tamanho mal
q̃ por tempo nam se cure.

¶ Assy bem auenturados
ca sos bem aconteçydos
coma outros desastrados
tam çedo como passados
sam de todo esqueçidos.
he hũa rregra geral
nam a ver hy bem q̃ dure
nem menos tamanho mal
q̃ por tempo se nam cure

¶ Outra sua.

¶ Tantas no vyda des tem
esta vyda cada dya
q̃ nam des canssa ninguem
nem rrepousa afantesia
com quantos males lhe vem.

¶ Quãdo mais libres sessentẽ
os corações de cuydados
entam naçẽ mays dobrados
de lugares nõ penssados
por q̃ mays nos atormẽtem.
se perdita temos bem
tanto mal nolo desuya
q̃ nam descanssa ninguem
nem rrepousa afantesya
com quantos males lhe vem.

¶ Vilançete seu a nossa señora

¶ Raynha çelestrial
rrepayro de nossas dores
grandes sam os teus louuores

¶ Senhora como naçeste
tua vertude foy tanta
qua quela enbarada santa
com grande fe mereçeste.
tam contynente vyueste
q̃ nom bastam oradores
rrecontar os teus louuores

¶ A merçe q̃ percalcaste
nossa vyda rrepayrou
poys com teus peyt⁹ cryaste
aquele que te cryou.
foste causa q̃ mudou
o gram senhor dos senhores
em prazer as nossas dores.

¶ Por em ty ser encarnado
⁊ por seres sua madre
o nosso prymeyro padre
foy dos tormentos lyurado.
somos liures de pecado
quando queres dar fauores
os q̃ ssam teus seruidores.

¶ O fonte de piadade
madre de misericordia
quẽ de ty nam faz memoria
vay muy longe da verdade.
es chea de carydade
⁊ de tamanhos primores
q̃ sam grandes teus louuores

¶ Mytygua nossos torment⁹
q̃ com tantos males creçem
poys nossos mereçyment⁹
sem os teus nada mereçem.
socorro dos q̃ padeçem
q̃ sejamos pecadores
fazenos mereçedores

¶ Fym

¶ E assy por teu respeyto
dyna virgem & de cora
faze q̃ aiam effeito
As nossas preçes senhora
q̃ se nos deyxas hũa ora
a nossos persyguydores
nam teremos valedores.

¶ Esparça sua.

¶ Nam vᵒ ẽguanes senhora
nos desenguanos que daes
por q̃ com eles causaes
q̃ vᵒ queyra muyto mays
O triste q̃ vᵒ adora.
deues buscar outro modo
para vᵒ mays descanssar
este nam podes achar
sem me matardes de todo.

¶ Cantigua sua.

¶ Passo secreta tormenta
q̃ soo comyguo se sente
mas o que mays ma tormẽta
he mostrarme descontente
de quem muyto me cõtenta.

¶ Desymulo q̃ nam vejo
quem folguo muyto de ver
he hũ mal muyto sobejo
mostrar cõtrayro desejo
do q̃ desejo fazer.
Assy q̃ passo tormenta
de nunca viuer contente
mas o q̃ mays ma tormenta
he mostrarme descontente
de quem muyto me contenta.

¶ Outra sua.

¶ Pois q̃ tẽ comiguo guerra
vontade rrazam & syso
asynha serey soterra
por co'rreyno em sy deuiso
muy prestamente saterra.

¶ Todas sam desacordados
pera descansso me darem
& muyto bem acordados
pera nũca me deyxarem
meus males & meus cuydados
Se esse nam muda tal guerra
fazendo paz improuiso
asynha serey soterra
q̃ o rreyno em sy diuyso
muy prestamente saterra

¶ Cantygua sua.

¶ Senhora nam vos temaes
q̃ nam tenha o bem quespero
q̃ nam quero o que vᵒ quero
pera q̃ me vos queyraes

¶ Somente por vᵒ paguar
tamanho bem foy olharuᵒ
por q̃ soo em contemprarvos
macabo de contentar.
Por ysso nam vᵒ temaes
nem vᵒ dedo bem quespero
q̃ nam quero o q̃ vᵒ quero
pera q̃ mouos queyraes

¶ Cantygua sua.

¶ De tal maneyra me sento
co ador q̃ me conquista
q̃ me daes cõ vossa vista
prazer & tam bem tormento

¶ Donde por este rrespeyto
ma firmo que pouco sabem
os q̃ dyzem que nam cabem
dous contrayros nũ sojeyto
Tenho gram contentamento
deste mal q̃ me conquista
& tam bem sento tormento
senhora com vossa vysta.

¶ De joã rrodriguez de saa a diogo brandam mandandolhe hũũ mãdyl.

¶ Quãdo o jẽrro dũ te trarca
nam se doanlha de peytar
q̃ se deue desperar
dũ contador de comarca
eleyto pera medrar.
& por ysso esse mandill
que vem da rregyam chyna
nam he mãdil mas dourtina
para vos q̃ soes sotill.

¶ Reposta de dioguo brãdam poles consoantes.

¶ O presente foy de marca
para tropo festymar
no mays nam ha que fallar
que quẽ quer encher sua arca
parte dela a de vazar.
syguyrey se nam for vyl
senhor q̃ tam bem ensyna
q̃ sendo tam juvenil
nos feitos de cousa dyna
he nestor & la ora myl.

¶ Dioguo brãdam em hũa partida

¶ Meus dias tam tristes por esta partyda
seram pera sempre cõ pena tam forte
q̃ acabara mylhor minha vyda
por qua talhara meus males a morte
Mas poys o ordena assy minha sorte
e quer que tal vyda padeça viuendo
ouuy minha dor de my vᵒ doendo
por q̃ parte dela cõ isso comforte.

¶ Sendo leuado da parte dalem
postos os olhos nas vossas moradas
chorey tantas lagrimas quem jerusalem
tantas nõ foram nẽ tam derramadas
Minhas tristezas aly memoradas
q̃ mays crecentauam a minha payxam
dos tristes sospiros de meu coraçam
estauam as jentes todas pasmadas.

¶ Juntauãsse muytᵒ fazyam gram moo
quando me vyam naquele cuydado
estando cõ todos estaua tam soo
como se fora nũ ermo lançado
Era de muytᵒ aly lamentado
ja meus jmygos de mym se doyam
outros cõ magoa grande dyzyam
olhay quem podesse ja ser namorado.

¶ Por meu enxemplo tomauã castiguo
jurauã q̃ nũca mays damas seruissem
mas eu dizia falando comyguo
quaquilo seria se nunca vᵒ vissem
E lhes afyrmaua q̃ tanto syntyssem
vendo a vossa muy grã perfeyçam
q̃ de cuydados com muyta payxam
todas las vydas ja mays se partissem

¶ Daly me party donde les estauam
ou me leuauã aqueles cõ quya
senesse caminho algũs me falauam
bem sem preposyto lhes rrespondia
Muytᵒ daquestes estremos fazya
em soo sospirar descansso tomaua
nã era tamanha a dor q̃ mostraua
como a grande q̃ dentro syntya.

¶ Meus olhos mays agoa q̃ fontes lãçauã
muy grandes gemydos a voltas sayam
meus tristes sentidos ja mays rrepousauã
mas antes seus males dobrados syntyam
Prazer e descansso de my se partyam
a contra daquestes comyguo fycaua
sẽ minha firmeza esperança me daua
vossos dessauores matar me queryam.

¶ A pena creçyda mayor se fazya
por ver tam incerta minha esperança
menᵒ myl vezes a morte temya
q̃ nom a graueza de sua tardança
A rrazam me da muy gram confyança
de minhas tristezas auerem ja fym
mas a ventura q̃ he cõtra mym
ja mays nã me deyxa auer segurança.

¶ Resestir meu cuydado cõ pena quyrya
buscando maneyras damor apartarme
estonçes mays preso tomado me vya
quando buscaua rrazões de liurarme
Sachaua com fortᵒ algũs de saluarme
achaua myl males q̃ me cõdenauam
assy quem luguar de fugir me leuauam
meus grandes desejos a mays catyuarme

¶ Comparaçam.

¶ Assy como quando se sentẽ tomar
as aves nos laços e rredes armadas
quando trabalham por mays se soltar
acham sentam muy mays ẽ laçadas.
Desta maneyra sento tomadas
todalas forças com todo poder
q̃ se me nam val quem me pode valer
seram minhas dores per morte acabadas.

¶ Este desejo sem mays dylatar
por q̃ se acabem meus tristes cuydados
nam quer minha dita em tal outorguar
por q̃ os tenha vyuendo dobrados
Seram meus sentydos por sempre penados
poys cõtra mym o mal se concerta
a morte querya poys he muyto certa
folgança daqueles q̃ sam trybulados.

¶ Impossiuell seriam as dores contadas
que passey nestes dias de grādes tormentos
foram mall dormidas & bem sospiradas
as noytes daquestes cō mill penssamentos
Com a morte & vida naquestes tormentos
guerra rrompida cruell padeçya
com a morte senhora que nam me queria
& eu menos a vida cō taes syntimentos

¶ Ganhando mays males perdendo alegria
fizeram fim as tristes jornadas
mas nam as tristezas & grā dagonia
que sempre me foram per vos ordenadas
Nem podem por tempo ser rremedeadas
como mill outras doenças que vem
por que o soo rremedeo que tem
he pola causa que foram causadas

¶ Fym.

¶ E poys o poder he em vos de saluarme
querey auer ja de mym compayxam
nam leuēs gosto assy de matarme
poys moyro por vos com tall deuaçam
Auey pyadade de tall perdiçam
querey dar rremedeo a tam triste vida
por que vos nam ajam por desconheçida
& eu que nam moyra tā sem galardam.

¶ Esparça sua.

¶ A hūa senhora que se chama/ua da costa.

¶ Quem bem sabe naueguar
pola vida segurar
a esperança tem posta
dentro no pego do mar
mas aquy por se saluar
deue çerto vyr a costa
por que posto que naquela
de viuo se veja morto
ganha se tanto por vela
que e milhor perder se nela
que saluar se noutro porto

¶ Fyngymento damores feyto per dyoguo brandam.

¶ Eram da sombra da terra
as nossas terras cubertas
quando pareçem desertas
as abitações sem guerra
ao tempo que rreponsam
os corações descanssados
& os malfeytores ousam
cometer mores pecados

¶ Os noue meses do ano
eram ja casy passados
quando eram meus cuydados
creçydos por mays meu dano
& assy com mall tam forte
mays creçendo mynha fee
vy passar alem do pee
as guardas do nosso norte

¶ Se dormia nam sey çerto
se velaua muyto menos
com meus males nam pequenos
nem durmo nem sam desperto
Nam me estreuo de tornado
dizelo nom sey se cale
daly me senty leuado
& posto nū fundo vale

¶ O diuina sapiençia
de todos tam desejada
& de mym pouco gostada
por nom ter suffiçiençia
fazeme tam sabedor
que possa dizer aquy
com fauor de teu fauor
as grandes cousas que vy

¶ Por este valle corria
huūa tam funda rribeyra
que estando junto da beyra
escassamente se via
Tanta tormenta soaua
naqueste lugar eterno
que se me rrepresentaua
quanto dizem do ynfferno

¶ De muy eſcura neblyna
era o ar todo cuberto
deuia ſer daly perto
o luguar de proſerpina.
o fogo ſem ſapaguar
o mall ſem comparaçam
podiam bem demoſtrar
o dominyo de plutam

¶ Nõ vy camaras pintadas
com rricos patyns de fundo
dos rricos daqueſte mundo
por demaſia buſcadas.
nem vy ſſuaues cantores
com vozes muy acordadas
mas muy diſcordes clamores
das almas atormentadas

¶ Nõ vy aues muy ſuydoſas
que cantaſſem doçemente
mas bradauam fortemente
ſerpentes muy eſpantoſas.
aly prazer nom ſenty
antes deſcontentamento
toda couſa qualy vy
era para dar tormento

¶ Daly quiſera ſaluarme
do que via temeroſo
⁊ das armas domedroſo
juntamente proueytarme.
mas achar nam pude vya
pera me poder ſaluar
em tam moſtrey valentia
para mays me condenar

¶ E ſem fazer a vontade
nem eſperar por ſaude
quys aly fazer vertude
da mynha neçeſſidade.
E tam bem por ſer ſem falha
eſta verdade que digo
cos que fojem na batalha
paſſam ſempre mor perygo

¶ E como faz quem peleja
vendoſe deſeſperado
por honrra tomar forçado
a morte que ja deſeja.
aſſy me fuy juntamente
donde o fogo mays ardia
por viuer honrradamente
ou morrer como deuia

¶ Aſſy de todo mudado
aly junto me cheguey
⁊ neſte modo faley
aſſaz bem temorizado.
O jentes atribuladas
por que rrazam de vos de
dizey a cauſa por que
ſoés aſſy atormentadas

¶ Logo de todo çeſſaram
daqueles grandes tomultos
⁊ com muy diſſormes vultos
para my todos olharam.
⁊ logo ſaleuantou
dantre todas hũa delas
⁊ ſem culpar as eſtrelas
deſta maneira falou

¶ Eſte pranto tam ourido
de tantas tribulações
ſam os juſtos galardões
dos ſſecaçes de cupido.
que por lhe ſermos leaés
tantas mortes nos perſſeguẽ
que noſſas dores mortaés
ſom muy mays das q̃ ſe ſeguẽ

¶ Penamꝰ polas folguáças
que viuendo procuramos
que e ympoſſiuell q̃ aiamos
duas bem auenturanças.
que ſeria gram deſtorça
⁊ juyzo muy profundo
leuar la prazer no mundo
⁊ neſtoutro tam bem grorea

¶ Somos paſſados de fryo
em grandiſſima quentura
a vida nam tem ſegura
quem bebe daqueſte rryo
que neſte fogo penados
ſejamos ſem eſperança
matanos mays a lembrança
dos prazeres ja paſſados

¶ Polo qual ſe tu quiſeres
ſer liure de noſſo mall
trabalha quanto poderes
por fugir caminho tall.
ſempre te guye rrazam
gouerne como cabeça
a vontade lho bedeça
ſem outra contradiçam

¶ E ſe quereys ſaber mays
por que deſconta de my
ſam hũu dos que deçendy
nos abiſmos ynfernaés.
⁊ fuy la com tall ventura
que quanto quys acabey
mas depoys me condaney
por nom guardar apuſtura

¶ E por mays çertos ſignáes
dem rrudiçe foy marido
por ela meſma perdido
neſtas penas ymmortaes.
Eu fuy aquelle couuittes
que na muleca ſoube tanto
que fyz com meu doçe canto
nom penar as almas triſtes

¶ Aqueſſas outras cõpáhas
que penam neſſas cauernas
antiguas tã bem modernas
ſon de mil terras eſtranhas.
Que jamays ſe paſſa dia
quaqui nam ſejam trazidos
he muy eſpaçoſa via
aque ſeguem nos perdidos

¶ Ynda bem non acabou
de dizer eſtas rrazões
quando com lamentações
longe de mym ſapartou.
quiſera ſer enformado
daquela gente que vyra
mas daly fuy rrelatado
e poſto donde partyra.

¶ A manhaã esclareçya |
quando com cantos suaues
nossas domesticas aues
dam synaes de craro dia.
polas cousas qualy vy
de q̃ nada fuy contente
o meu cuydado presente
de deyxalo pormety

¶ Comparaçam.

¶ Mas fuy tal daly passando
como omem q̃ prometera
muy grandes mastos de çera
em fortuna naveguando.
Que vendosse daquela fora.
tornado jaa em bonança
do q̃ passou naquelora
nom lhe fyca mays lembrãça

¶ E como faz o doente
a morte vendo diante
q̃ promete dy avante
vyuer muyto contynente.
Mas o medo ja passado
he do q̃ vyo esquecydo
assy me vejo perdido
mays agora enamorado.

¶ E bem como tem o norte
fyrmeza sem se mouer
espero fyrme de ser
na vyda tam bem na morte.
Assy como cay dyreyto
o dado quando se lança
assy minha mal andança
nam me muda doutro jeyto

¶ E bem comagoa do mar
nam muda ja mays acor
nem perde nunca sabor
por quantas nele vam dar.
Assy eu triste nam posso
com myl males destes taes
deyxar nũca de ser vosso
em que sejam muytos mays

¶ Fym.

¶ E poys com tanta verdade
vos syruo cõ fe senhora
a vey por deos algũ ora
de meus males piadade.
q̃ se deste mal profundo
eu nam sam rremedeado
sam perdydo neste mũdo
e no q̃ vy condenado.

¶ De dioguo brãdam anrrique dessa sobre q̃ chegando a huũ moesteiro lhe veo hũa freyra beyjar a capa sẽ lhe dyzer outra cousa.

¶ Sem vyda fazer em lapa
as vossas amyguas tanto
me tem por homẽ tam santo
q̃ me vem beyjar acapa.
Mas por mays minha saude
desejo saber em cabo
se ma beyjam por diabo
se por homẽ de vertude.

¶ Reposta danrryque de saa.

¶ De diabo vos seguro
antes por homẽ de bem
estas senhoras vos tem
poys nũca trepastes muro.
E por jsso ao q̃ sento
abeyjam por ter saude
q̃ ham q̃ tendes vertude
para dor desquentamẽto.

¶ Danrrique dessa a dioguo brãdã sobre hũ ospede que tinha.

¶ Ospede q̃ mauorreçe
sem isse temer e sem briga
poys eu nam sey q̃ lhe diga
dizeyme q̃ vos pareçe.

¶ Olhãdo vejo mao rrosto
se fala sem sabórya
fazme de noyte e de dya
estar mays seco quagosto
Dyzey senhor q̃ mereçe
e tam bem o queu mereço
poys q̃ tal vyda padeço
com cousa q̃ mauorreçe.

¶ De duarte de leemos a dyoguo brãdã sobre huũa cadea douro que tinha sua que lhe nam quys mandar mandã/dolha ele pedir.

¶ Senhor vossa merçe crea
q̃ despachey mal o moço
por nam tyrar a cadea
do pescoço

¶ Por jsso deyxay andar
dea vender soes seguro
nã queyraes mais rrazã dar
pera rrancar
por q̃ son das presas douro.
Nẽ guastemos mays candea
nẽ venha ca mays o moço
queu afyrmo qua cadea
eu a trarey ho pescoço.

¶ Reposta de dioguo brãdã.

¶ Sẽhor days me tã ma vida
q̃ nam faço dela conta
pola cadea q̃ monta
tanto coma ser vendida.

¶ O ouro q̃ jaz em poço
a ninguem nam presta nada
cadea de pendurada
se nam he no meu pescoço
he pyor q̃ rrematada.
Desperança ja perdida
eu teuesse desta conta
nam synteria a q̃ monta
tanto como ser vendida.

De luys anrryqz aa morte do principe dom Affonso que deos tem.

¶ O pueblo de portugual
lhorao la triste cayda
em q perdystes
vuestro senhor natural
vuestro emparo z vyda
de vos tristes.
y lhorad vuestro moryr
pues tenés muchas rrazones
y no huna
lhorad su triste partyr
byen anssy sus perfecyones
y su fortuna.

¶ O dia tam perdydoso
de martes q mas valyera
no ser dya
o dia triste lhoroso
do perdimos la bandera
y nostra guya
Em dia lheno da goero
em dia tam rrecelloso
de partyr
partiosse nuestro luzero
partiendo tam deseoso
de beuyr.

¶ O maldita y triste ora
lugar fazon y momento
desastrado
de nuestro mall causadora
em quiẽ nuestro biẽ fin cõto
fue apartado
caualho triste carrera
pareja cruell mortall
dell padeciente
que rrecebyo morte fera
syn poder valer all mall;
la su jente

¶ Principe mas excelente
principe mas jeneroso
no lo auia
mas fidalguo z perfulgente
mas humano z vertuoso
se dezia
los passados ny presentes
ny los que estam por venir
fueron ygoales
a quien las estranhas jentes
deseauan de seruir
por naturales

¶ Animoso muy vmano
principe mas dadiuoso
y mas amado
portugues y castelhano
dela gram princesa esposo
y namorado
a quiẽ excelentes bodas
fyestas justas tam gozosas
y crecidas
alas quales hy van todas
las jentes tam desseosas
de sus vidas

¶ Ricas rropas y colhares
brocados grandes barilhas
y pedraria
quanto gozo em los luguares
em las cidades z vilhas
se azia
ora por nuestros pecados
y males tam merecidos
falharés
grande luto em los poblados
y los lhantos muy crecidos
oyrés

¶ En ell dia afortunado
em que mortes reecebierom
nuestras vidas
dio cayda ell desseado
daquelhas que lo perdierom
doloridas
perdiolo su triste madre]
de su vida dessesa
y de su gozo
perdiolo ell triste padre
y perdiola congoxosa
su esposo

¶ Mas lo perdierõ los suyos
criados quell tanto amoo
y queria
cuyos se lhamarã cuyos
pues la morte les rroboo
su senhoria
a quiẽ pydires merçedes
a quien los fijos darés
tristes ne vos
que la perda que oy perdedes
cobrar no la poderes
pues quiso dios

¶ Admiracion dell autor.

¶ O desuenturada triste
noeua cruell espantosa
desmayada
no siento quien te rresiste
syn morir morte rrauiosa
auer contada
o tu rreyna tu princesa
como voestros syntimientos
no syntiam
la tristura syn deffesa
las angustias y tormentos
que os veniam.

¶ Las nueuas que lhe/uaran ala rreyna y princesa.

¶ Esposa y madre de quien
cayo la mortall cayda
dell caualho
andad auer vuestro bien
antes que se vᵒ despida
hyd buscalho
yo le dexo a mortecydo
a su padre no rresponde
nadeando
hyd auer vuestro marido
hy vos madre all fyjo donde
se cayo.

¶ La partida dellas.

¶ Solas las dos se partierõ
syn mas esperar companhas
desmayadas
corriendo quanto podierom
las que leuam sus entranhas
lastimadas
lhegando com gram dolor
começam desta manera
gritos dando
vida mya y my senhor
no me ablaes fijo sy quera
desde quando

¶ Ell triste rrato dell dia
y noche tam amargosa
estouieram
enel luguar do jazia
ell que nunca dixo cosa
ny le oyeram
y depues aell segundo
dia triste em que morieram
syn morir
partiosse daqueste mundo
ell por quien lhantos fizyerõ
descreuir.

¶ Ell planto del rrey.

¶ Fijo myo y my amor
vida dela vida mya
desseada
fijo my defendedor
my plazer my alegria
ya passada.
my dolor tam lastimero
my lembrança my passiom
syn deporte
muerte mya com que muero
fyjo myo my prisyon
es tu morte.

¶ Muerte que mall escogiste
em lhenar a quien lheuaste
dexando amym
lheuaras all padre triste
y no aclq̃ assy mataste
y oyste fym

¶ O morte triste cruel
careçyda de piedad
sym manera
no lheuaras triste a el
mas amy em crueldad
lastymera:

¶ Fim del plãto cõeste
dicho de dauid.

¶ Circundederũt me
doloris mortis et pe/
ricula.

¶ Cercaram melos dolores
y la muerte triste ẽ medeo
me tomo
çerquaram melos temores
de males tam sym rremedeo
triste yo
Los pelygros del ynferno
me falharam mereçyente
del tormento
pero queras tu eterno
meter aquel jnoçente
em tu cuento.

¶ Ell planto dela rreyna

Fyjo amor de mys ẽtranhas
la vyda de mys plazeres
y conorte
bueluemsse penas estranhas
fyjo pues la causa eres
de my muerte
Fyjo da dei consolada
madre triste q̃ vos paryo
y amaua tanto
a morte cruda malnada
dezaseys anhos lheuo
por my quebranto.

¶ Fyjo amor tã desdychado
yo la madre mas coytada
que naçio
vuestra pena assim dado
y la mya trabajada
començo.
biuire soffrendo ell trago
dela muerte deseando
fyjo veros
biuere sempre nũ lago
de tresturas contemplando
ell perderos.

¶ Fym del planto con
este otro dicho dell pro
pheta.

¶ Laboraui in gemitu meo.

¶ Dias noches biuiree
trabajante em gemido
y angustura
ell my lecho rreguaree
com lagrimas y sentido
de tristura
rreguaree ell my estrado
com las fuentes de mys ojos
no çessables
pues que triste mã em trado
los tormentos amanojos
lastimables

¶ Ell planto dela prinçesa.

¶ O amor de my querer
querido del coraçon
mas que my vida
començo de my plazer
começo de my passion
desmedida
o fym de todo my bien
venero de my tristura
sym compas
sola yo dyram de quien
se partio boena ventura
por jamas

¶ Yo soy la triste veuda
cuberta de mil tresturas
sym abrigo

de todo my bien desnuda
y muy lhena damarguras
sym amiguo
oo amor de muchos anhos
faltonos la piedad
anbos de dos
mas nolos terribles danhos
ny la triste soledad
que he de vos

¶ O vida tam enemigua
o morte tam deseada
que no vienes
dar manera como sigua
por quien viuo trabajada
pues lo tienes.
doelete de my congoxa
doele te de my tormento
a que no fuyo
pues no me goza ny sse afloxa
sea my enterramiento
conel suyo.

¶ Prosygue ell planto cõ este dicho de dauid.

¶ Defecerunt in dolo/re vita mea.

¶ Desfalhece em dolor
my vida conell tormento
catormenta
la congoxada de amor
la triste que no tem cuento
su affroenta.
los mys anhos em gemidos
acabaram su beuir
in mall in mensso
y los mys males sobidos
nosse poderam dezyr
por extensso

¶ Fym com este dicho de job.

¶ Dies mei velocios transierunt.

¶ Tã a priessa y tam trigosos
mys dias le trespassaram
mal logrados
y com casos tam lhorosos
mys penssamientos quedarã
dessypados.
atormentantes de mym
coraçom lheno de doelo
y despanto
o por que no fago fym
por que viuo neste suelo
de quebranto.

¶ Fym e oraçiom.

¶ Virgem cuya humildad
mereçyo ser tanto dina
que la persona deuina
quys tomar vmanidad
y ser de tu ventre naçido
por lo qual my alma implora
que al padre rroguadora
seas por el faleçido.

¶ Lamẽtaçã aa morte dell rrey dom joham que santa groria aja feyta per luys anrriquez.

¶ Choray portugueses o tam vertuoso
rrey dom joham o segundo que vistes
tornayuos de ledos a ser muyto tristes
poys de vos outros partyo desejoso
No menos vos lembre o muy animoso
prinçepe filho daqueste defunto
sas mortes e perdas choray tudo junto
no menos sa madre do triste rrepouso

¶ O morte cruell sem tẽpo cheguada
a ty lusytania de lastima dina
o triste fortuna cassy nos assyna
vestidos de xerga vida lastimada.
o patria triste de males fadada
chorem nos tristes de ty naturães
poys de tristezas tem tantas e tães
que delas qual quer grandera chamada

¶ Choray pola morte do vosso bom rrey
choray a partida de suas vertudes
choray todos esses que nom fordes rrudes
o gram pelicano da ley e da grey
O vos seus criados choray como sey
o que vus auia por filhos a todos
choray vos aquele caçymados godos
era tam çerto come e nossa ley

¶ O morte q̃ matas sem tempo e sazam
sem ordem nem leyte gouernas e fazes
sem grandes caudylhos fycar muytas azes
e deyxas a muytos que obrigua rrazam,
he tua jnorme desa ssuluçam
assy aduerssarya ha vmana jente
assy o q̃ peca como jnoçente
a todos tres tornas segũ com vyram.

¶ O mauno alexandre do mundo senhor
leuaste no tẽpo q̃ mays froreçya
⁊ cando ẽ vertudes mays permaneçya
o muy esforçado troyano eytor.
O forte troylos com seu matador
pares ⁊ febos ⁊ el rrey menom
no menos apyrros ⁊ agamenom
q̃ dos greçeanos foy emperador

¶ E assy ta'prouue a todos pesando
leuarnos aperla do pricepe affonsso
leyxounos gram dor ⁊ triste rresponsso
q̃ em suas honrras ouuymos cantando
O q̃ sesperaua q̃ fosse jnperando
tam moço de dias tam velho em saber
fizestenos orfaãos assy de prazer
q̃ nossa tristeza mays creçe lembrando.

¶ E nom acabados seryam cinquanos
quando tu triste cruel ⁊ tragoa
leuaste seu padre qua fama pregoa
passarem vertudes os brauos rromanos
⁊ guerras ferozes cõ os affrycanos
fazer ⁊ soster em paz seu rreynado
leyxounos ssa morte gran dor ⁊ cuydado
vestindonos todos de muy tristes panos.

¶ Mas como ⁊ quando aq̃l deos jnmensso
premyte q̃ va de bem em mylhor
rreynos ⁊ casos daqueste teor
assy nos deyxou outro que acensso
De muytas vertudes as quaes por jstensso
se nom poderyam aquy expressar
q̃ aja o rreyno derdar ⁊ rreynar
per muytos anos sem nẽhũ diçensso.

¶ Este e o muy alto ⁊ muy perflujente
muy serenissimo rrey ⁊ senhor
dom manuel de tanto louuor
a quem em vertudes deos sempre acreçentẽ
Este e o fylho do muy eyçelente
jnfante fernando da crara memorya
he obys neto do rrey q̃ vytorea
ouue per vezes de muy prepotente.

¶ Fym.

¶ Assy lusytanos q̃ vossa graueza
deues comfortar cõ rrey tam humano
em sua bondade trespassa trajano
⁊ outro alexandre ẽ grande frãqueza
Roguemos a deos por sua alteza
⁊ polas almas do filho ⁊ padre
tam bem pola vyda da molher ⁊ madre
dos q̃ sam causa de nossa tristeza.

¶ De luys anrriquez quando troxe/ rama ossada del rey dom joam o se/ gundo que he em santa groria.

¶ As musas quẽ vocam famosos poetas
em suas obras ⁊ doçe poesya
a esta nam chamo nem quero por guya
caso q̃ sejam muy justas ⁊ netas
Ajuda de mando de quẽ os planetas
⁊ çeos obedeçem desde ab jnycyo
a ele jnuoco q̃ neste eyxercyçyo
de parte da graça q̃ deu os profetas.

¶ E pera q̃ seja de mym alcançada
a graça superna q̃ eu desmereço
madre sagrada a ty offereço
este traslado da gram denbayxada
A qual pelo anjo te foy presentada
da parte daquele de quẽ tu es madre
o fylha do fylho esposa do padre
per tyme de ante me seja outorguada

¶ Aue maria do verbo morada
graçea plena do esprito santo
dominus tecum sey tu an⁹ tanto
benedicta tu q̃ foste gerada
Benedict⁹ fruyt⁹ por quẽ es chamada
madre ⁊ vyrge por mays eyçelencia
no auto presente jnfluy çiençia
por q̃ nom seja a my comparada.

¶ Prossygue.

¶ Poys foy vossa vyda a todos notorea
rrey muy potente per todo vnyuersso
vejamos da morte em este meu versso
per quantas maneyras soes dyno de grorea

¶ De bem q̃ se sayba ⁊ fy que memorea
de cousa tam justa de ser memorada
notar caronistas poer ẽ estorea
cousa tam noua aíny demostrada.

¶ Morrestes na fe a tam esforçado
tam contempratyuo nas cousas deuynas
tam bẽ empregando vossas cinquo quynas
em quẽ tem o rreyno tam assosseguado
Foy tam açeyto o per vos ordenado
diante daquele juiz abeterno
q̃ vᵒˢ fez erdeyro no rreyno eterno
donde por sempre sera muy louuado.

¶ Rey santo rrey justo rrey dyno desser
canonyzado na jgreja por santo
poys vymos mylagre tã dyno despanto
q̃ hũ soo no mundo ⁊ este he deler
O rrosto trajano sem terra comer
quo papa gregoryo saluou de perdido
jentylyco sendo per deos premetydo
soo por verdade ⁊ justiça fazer.

¶ Poys q̃ oyremos de vos rrey joham
cristyanyssymo justo com obras
jazente quatranos cõ bychos ⁊ cobras
em terra traguante sem farta ser nam.
O caso tam dino de admiraçam
huũ corpo vmano soterra mytydo
per tanto tempo sem sser corrompydo
per cheyro nẽ outra pyor curruçam.

¶ Sem ser differente vos fostes achado
da propea forma de quãto no mundo
per mando daquelle eterno perfundo
composto do cheyro do çeo enviado
Pera que fosse a nos rreuelado
a fee esperança q̃ nele teuestes
⁊ a gram paçyençia cõ q̃ rreçebestes
a morte ca todos nos dobra cuydado.

¶ Pera q̃ fosse mays craro a nos
o mereçymẽto q̃ tendes com cristo
o grande mysteryo quẽ vos temos visto
façanos crer q̃ soo fostes vos
Depoys de francisco santissymo ẽ pos
elle segundo tal bem alcançastes
fazendo mylagres no q̃ demostrastes
ser muy açeyta vossalma com deos.

¶ Fostes trazydo cõ tanta eyçelençea
per mandado do rrey primeiro no nome
cujas vertudes nõ aa quẽ assome
com toda moderna antygua çyençia.
Este foy filho na obedyençya
este nas obras nam pode mays ser
este com lagrimas quys preçeder
no modo ⁊ forma q̃ tem primineçia.

¶ Foy logo segundo apos sua alteza
o vosso muy caro filho ⁊ amado
chorando na forma qua filho he dado
mostrando ẽ sacara dobrada tristeza
Depoys nos senhores fyoalguos largueza
de muyta tristura mostraram em ponto
muyto me culpo q̃ nã sey nem cõto
o meo das cousas segundo se rreza.

¶ Fym.

¶ Ally vᵒˢ trouxerã hussam congreguados
todolos corpos de vosso abolorio
durante o mundo sera muy notoreo
a grande memoria dos hy sepultados
O rrey manuel a quẽ os passados
presentes foturos nõ sam dygualar
em grande maneyra vᵒˢ prouue honrrar
o corpo praçeyro dos canonyzados.

¶ De luys anrriquez em louuor de nossa sñora sobre aue maristela na era de quinhentos ⁊ seys estãdo o rreyno muy emfermo de peste ⁊ de fames.

¶ Marystela deos te salue
madre de deos tanto santal
q̃ sempre virgem te canta
a jgreja muy suaue
O tam bem aventurada
porta do çeo mater pya
ante secula cryada
em teus louuores me guya.

¶ Tu tomante aquele aue
por boca de gabryel
conçebeste emanuel
per me fazem tanto graue
Funda nos em paz senhora
poys mudaste o nome deua
todo pecador sa treua
pedir graça quenty mora

¶ Tyra as presões os culpados
os çegos das craryd ade
destruy nossos pecados
por tua gram pyadade
Nossos males de nos lança
da nos bẽes espirituaes
rrogua polos temporaes
segundo tua ordenança.

¶ A mostrate seres madre
rreçebe os rrogos per ty
quem carne tomou de ty
e see a destra do padre
e poys q̃ por nos naçydo
teu filho lhe prouue ser
saluarnos de padeçer
lhe seja per ty pydydo.

¶ Virgo syngularys manssa
mays q̃ todalas naçydas
a yra do padre amanssa
nam pereçam tantas vydas.
e sendo nos desatados
de culpas e de maldade
em manssydões e castidade
nos tem madre consseruados

¶ Danos vyda limpa e puro
caminho per onde vamos
aparelha nos seguro
este ser q̃ desejamos
Por tal q̃ vendo a jhũ
com ele nos alegremos
o qual bem nam mereçemos
se o nam alcanças tu.

¶ O padre por eyçelençya
louuor a crysto vytorya
o esprito santo gl orea
tres em huũ deos por essençia
Graças a nossa senhora
q̃ tanto bem mereçeo
e o padre a escolheeo
pera nossa interçessora.

¶ Fym.

¶ Por tua grande ereméçea
o rraynha anjelycal
pyda o rrey çelestryal
caleuante a pestelençea
e fames de portugual.

¶ De luys anrriquez a quele passo de quando nosso snõr orou no orto enuyadas a hũa senhora en valençia.

¶ Inuocaçiõ al spirito santo.

¶ Tu q̃ alumbras tu q̃ guyas
alos errados y çyegos
tu q̃ em lengoas de fuegos
la tu graçia nos embyas
Las deffeculdades myas
dale tu graçya senhor
pera q̃ conte el dolor
de tus grandes agonyas
quando tu morte syntyas

¶ Prosygue cõtẽplãdo.

¶ Pues ya la çena passada
los cristianos cõtemplemos
aquelha carne sagrada
de qual va nos acordemos
Acordando nos lhoremos
la passyon com q̃ camyna
al orto donde senclyna
por el mal q̃ cometemos

¶ Exclamaçion:

¶ O males em ourreçydos
o pecadores mundanos
solo el nombre de cristianos
teuemos desconoçydos
Sentio sentyo los gemydos
del senhor quẽ tal pelea
es posto por q̃ nos vea
librados de ser perdydos.

¶ Prosygue.

¶ El maestro conoçyendo
lo que ra profetyzado
tres deçypolos escogyendo
camyna tam fatyguado
Antes del orto lheguado
les dyze quedad aquy
hasta qual padre por my
amygos aya rroguado.

¶ Triste es anyma mea
vsque ad morte les dysse
antes q̃ se despydisse
la carne q̃ lo rreçea.
Com temor de la su muerte
temblaua tam fym ablyguo
dizendo velad conmiguo
naqueste passo tam fuerte

¶ El senhor q̃ ya syntya
la su passyon venydera
syntyendo qua çerca era
al padre merçed pydya.
Y lhorando le dizla
arrodilhado nel suelo
padre myo e my conssuelo
oye la petyçyon mya

¶ Pater sy possybele es
queste calez nom pasasse
sy tanta merçed alhasse
ya sabes tu qual me ves
Pero no como yo pydo
sy no como tu lo queres
tu mando sea complydo
sy por mejor lo touyeres

¶ Ell senhor em acabando
su primera oraçyon
conel temor batalhando
syn tener consolaçion.
Fue hazer visitaçion
a sus santos trescriados
que dormiã descuydados
dela su morte y passion

¶ Depues dassy los falhar
dixo no como enemiguo
nunca podistes comigo
vna ora vesylar.
Vigilad fijos e orar
em tentaçion nõ entres
e aqui mesperarés
que no sea de tardar

¶ Bien sabya el por venir
ell senhor que esto dizia
y com dolor que syntia
all padre volue pydir.
De rrodilhas se fincando
com muy amargo dolor
las manos all çielo alçando
publicando su temor

¶ Oraçion all padre.

¶ Padre myo yo tu fijo
te demando piedad
myra my neçessidad
dell temor com que le tyjo.
sino se puede escusar
este calez tam amarguo
obedezco syn embarguo
dela morte rreçelar

¶ Ell autor.

¶ Las angustias y temores
dell senhor y su rreçelo
le causam tales sudores
que rregaua todo ell suelo:
su corpo tam delicado
tanta fatigua syntio
que com força da frontado
gotas de sangue sudoo

¶ Contemplaçion.

¶ Myra con ojos damor
pecador y pecadora
contemplando nell senhor
que oluidas cada ora.
contempla quall estaria
tantos males esperando
contempla que los syntia
como nell auto estando

¶ Contemplemos y lhorem'
la passion daquel momento
e assy no oluidemos
su muerte y padeçimento.
Lhoremos con sentimiento
la consolaçion dell padre
y las noeuas que a su madre
dyeram dolores syn coento

¶ Des daquell jmpyrio çielo
fue oydo su pydir
mas contempla que cõ suelo
dell padre pudo syntir.
O senhor y quien soffrir
pudo consuelo tan forte
que em lugar descusar morte
te la mandam rreçebyr

¶ Com huna cruz enla mano
huũ anjel le apareçyo
da parte dell soberano
aquelha le offereçyo.
diziendo sabe senhor
que tu moryr sea prueua
por que seas rremydor
dell danho que hizo eua

¶ Ell padre tuyo conssente
que mueras morte muy cruda
que su querer no se muda
por que se salue la jente.
y que seas obedjente
domilde manso cordero
y mueras neste madero
pero seas ynoçente

¶ Des que vuo entendido
del anjel su embaxada
com huũ amor ençendido
forço la temor passada.
com voluntad muy ornada
de paçiençia y damor
camino ell buen pastor
donde estaua su manada

¶ Lhegando donde dexo
los tres que dormiam ya
dixo dormid y folguad
por que ya se concluyo.
ell tempo es ya venido
em que ell fijo dell ombre
sabed que sera traydo
por biẽ por vuestro rrenõbre

¶ Excramaçion.

¶ O sangue de tanto preçio
o preçio tan mall mirado
mall mirado y oluidado
tenido en tanto desprezio.
ell senhor tan humilhado
soffriendo morte por nos
o mundo tam ynfernado
no seguimos su mandado
ny sabemos sea hy dios

¶ Oraçion ẽ nõbre dela snõra

¶ Senhor por aquell dolor
com que all padre oraste
senhor por aquell feruor
dell muy entranhable amor
com que la morte tomaste.
por las lhagas por la cruz
açotes clauos corona
por ty mismo quieras luz
mys pecados me perdona.

¶ Oraçion ala cruz.

¶ O consagrado madero
que tanto bien mereçiste
que nuestro dios verdadero
lo touyste em peso yntero
donde gran don rreçebiste

pues q̃ as sydo balança
de peso tam syngular
plegate de me guardar
mys fyjos de mal andança

¶ Pater noster grosado per luys anrriquez.

¶ Kyreleyson cristeleysom
tu senhor q̃ nos fyzeste
da nos poys q̃ padeçeste
por nos outros saluaçam.
Dos fylhos de maldiçam
aty praza q̃ nos veles
da nos senhor contriçam
pater noster qui es inçeles.

¶ Santifiçetur nomem tuũ
muy temydo ⁊ adorado
de toda jente comuũ
de sempre tee fym louuado.
Poys q̃ com a deuindade
es eterno deos ⁊ hũ
poys tomaste vmanidade
aduenia reynũ tuum

¶ Fyat voluntas tua
senhor q̃ nos as liurrado
da eternal pena crua
por teu ser cruçifycado.
⁊ poys q̃ da cruel guerra
nos lyurraste rredentor
damos te graças senhor
sicut in çelo et in terra.

¶ Panem nostrũ cotidiano
em o qual per fe te vemos
prazate poys q̃ te cremos
q̃ nos liurres do gram dano.
Danos o bem que speramos
depoys da morte per fee
com a qual te confessamos
tu da nobis odye.

Demita nobis debita nostra
poys he mays ta piedade
q̃ toda nossa maldade
o bom caminho nos mostra.
O tres em hũa pessoa
donde nos todo bem vem
perdoa senhor perdoa
sicut et nos demitimos amẽ.

Et ne nos inducas i tẽptationẽ
da nos fyrme fee sem cabo
per hu lyures do diabo
per tuam rremissyonem.
⁊ se nos magynações
desatam ou seu vassalo
vyerem ou tentações
sed libera nos a malo

¶ Oraçam do autor.

¶ Tu q̃ as portas abriste
do laguo do desconforto
tu q̃ o mundo rremiste
per ta morte sem ser morto.
Dame senhor contriçam
no vltemo desta vyda
fyrme fee ⁊ saluaçam
⁊ guarda por ta payxam
minhalma de ser perdida.

¶ Luys ãrriq̃z a hũas molheres que lhe dyziam mal de sua dama q̃ fauoreçia outro seruydor.

¶ Leyxay me ser enguanado
contente com meu enguano
por q̃ sou tam namorado
q̃ me lembra meu cuydado
mays q̃ vosso desenguano.
Desta vyda me contento
poys que sey q̃ se contenta
quem tem tal mereçymẽto
q̃ quanto mays ma tormenta
menos synto meu tormẽto.

¶ E poys minha condiçam
he a q̃ nestas presento
nam me de ninguem payxam
poys minhalma ⁊ coraçam
consente no q̃ consento.
⁊ os q̃ bem me quiserem
queyram o q̃ nisto quero
⁊ se por mal o teuerem
todos de mym desesperem
poys eu tam bem desespero

¶ De luys anrriquez.

¶ Leteas quẽ vos bebera
por q̃ nunca me lembrara
da groria lea passara
da perda lea perdera.

¶ Fora bem pera meu mal
se isse podera fazer
mas poys nam pode ser al
mude ssa pesar prazer.
O se nunca conheçera
tanta groria nẽ gostara
por q̃ nũca ma cordara
de quam çedo a perdera:

¶ Outra sua.

¶ Toda cousa da payxam
a quem dela se rreçea
⁊ caso q̃ se nam crea
la o sente o coraçam.

¶ Sente dor da presunçam
muyto mays do q̃ se ve
⁊ qual quer magynaçam
he rrazam q̃ pena de.
⁊ quisto tragua payxam
a quem dela se rreçea
ainda q̃ se nom crea
da tristeza o coraçam.

¶ Luys anrriquez ao condede portalegre q̃ lhe mãdou fazer hũas trouas sẽ lhe dizer sobre que.

¶ Senhor quẽ deos acreçente
a vyda poys q̃ no al
vos fez tanto exçelente

q̃ fycastes precedente
dos que vindes princypal
por q̃ graça ꝛ parecer
franqueza manhas custumes
acharam em vos tal ser
de q̃ se podem encher
de grandezas myl velumes

¶ Poys desforço differente
nam seres vos dos meneses
de que vyndes decendente
no tempo conuenyente
de tratardes os arneses.
Em o qual tempo sespera
poys vᵒ deos comeҫou bẽ
q̃ vosso louuor sesmere
ꝛ fama tanto prospere
q̃ vᵒ nam chegue ninguem.

¶ De vᵒ deos tanta vytorea
com q̃ vossa senhorya
seja dyno de memorea
ꝛ rreceba sempre grorea
vossa gram jenelosya.
ꝛ a mym deyxe fazer
quantᵒ seruyҫos desejo
por que possa mereҫer
de vos conheҫyda ser
esta vontade ꝛ despejo.

¶ Fym.

¶ Se tanto nom sey louuar
quanto se deue ꝛ queria
crea vossa senhorya
q̃ no saber foy myngoar
quanto a vontade creҫya.

¶ Cãtygua sua a hũa molher que lhe pregũtou como lhe bya.

Poys sabe͂s q̃ me vay mal
pera q̃ mo preguntaes
sendo vos quẽ mo dobraes.

¶ Poys q̃ me nõ fazẽs bem
nam macreҫentes cuydado
tenha seu mal quem no tem
nã lho des vos mais dobrado
Poys sabẽs quã agrauado,
me tendes cada vez mays
pera q̃ mo preguntaes.

¶ Outra sua.

¶ Que rremedeo pode ter
quem vyue com tal tristura
se nam desejar perder
a vyda poys a ventura
foy contrayra do prazer

¶ Poys q̃ se perdeo agrorea
a vyda q quero dela
sera descanso perdela
por q̃ nam fyque memorea
do mal quee vyuer sem ela.
O se fora em meu poder
a morte com a tristura
podera descanso ter
a vyda poys a ventura
foy cõtrayra do prazer.

¶ Esparҫa sua.

¶ Syendo graue de sentyr
my dolor dulҫe secreto
deseo siempre byuyr
tanto foy al mal sojeyto
q̃ descanso em lo suffrir.
Tengo my pena por grorea
por descanso my tormẽto
ho mym dulҫe penssamento
noo soluyde la memorea
deste mal q̃ foy cõtento.

¶ Outra sua.

¶ Deste mal q̃ me fazeys
sabes vos quanto ganhaes
eu me saluo ꝛ vos perdeys
mays do q̃ vos nom cuydaes.

¶ Se com morte sões seruida
meus males averam fym
ꝛ fym de tam triste vyda
sera grorea pera mym
Em perderme perdereys
quoutro tal nunca cobrays
ne seruidor ja tereys
de culpados q̃ matays.

¶ Outra sua.

¶ Quãdo vy meu bẽ cõprido
ꝛ meu prazer acabado
vimeco mayor cuydado
ꝛ mays perdydo.

¶ Vy creҫer contentamento
vy mingoar minha tristura
dytosa minha ventura
alegre meu penssamento
Vy meu desejo creҫydo
vy meu descanso canssado
por me ver cõ mor cuydado
despedydo.

¶ Se sse podesse dyzer
o que nam ouso falar
nam querya mor prazer
pera tamanho pesar

¶ Pera meu mal outro bem
nam ha hy se nam dizerle
ꝛ pera poder fazerle
nehũ rremedeo le tem
Pera quem soube entender
outro bem nam desejar
deuera se dordenar
q̃ se podera fazer.

¶ Outra sua.

¶ Nam vᵒ ouso de falar
ꝛ desejo q̃ podesse
ꝛ temo se o fizesse
senhora de macabar.

¶ Conheço vossa crueza
conheço meu bem querer
é sey que minha firmeza
me lançou sempre a perder
Eu nam vos posso neguar
se meu bem mall nom fizesse
que me naim vysseys tornar
a soffrer o que vyesse.

¶ Outra sua.

¶ Poys conheço que folgays
com quanto mall me fazeys
nunca me queyxar vereys
por mayor que mostraçays.

¶ Poys q̃ me determiney
por vosso determinado
quero vyuer nesta ley
satisfeyto co cuydado
No q̃ vos determynães
nysso me satisfazeys
mas queyxar nõ me vereys
por mor mal q̃ me façães.

¶ De luys anrriquez a hũ omẽ que nã crya que elle fyzera hũas trouas darte mayor por que leuauam muyta poesya.

¶ Pues vos my senhor tã mucho dudaes
em hũa my obra de arte mayor
sy vos me tenes por dessetcor
no quero dezir vos em quãto erraẽs
Mas abueltas desto tam bẽ no creaẽs
que pudo quem pudo ⁊ no lo que noo
por que nunca ombre naquesto dudo
como por çierto vos lo porfiaẽs,

¶ Assy dudarẽs no naçer tytom
passada la sombra que çiegua la gente
ny menos crerẽs que nell oriente
ell febo sesconde de nostra visiom
Ny polus hy castor que muy firos som
ny menos que muestra tres caras diana
ny ser nestas partes echado fetom
muerto por rrauia de groria mundana

¶ Ny menos q̃ a cloto outro pus lachyses
obram las vidas y fyn dela gente
ny menos quell duque el fijo danchyses
foy all erebo segum el prudente
Virgilio rrecuenta por el cõseguyente
que all su passaje tremio la paluda
ny que la pena passo morte cruda
por el piadoso qual ela lo siente

¶ Ny que el gran dercoles partio cõteseo
al baxo caos furtar proserpina
prendendo ell çerbero muy presto ⁊ ayna
aquell que dormio tanhendo orfeeo
Ny menos que jaze sepulto tyffeo
do som las fornazas del forte vulcano
ny que las fijas al padre peleo
mataram por verle no tam ançiano

¶ Ny que las gorguanas hũ ojo tenian
y con aquel todas vsauan del ver
ny que los myrantes nũ punto moriã
quan presto leuy anssyn mas de tener
Ny que persco por arte y saber
pudose galhe y matar meduscа
ny que com rrauia damores medea
sus fijos matara por venguada ser.

¶ Fym.

¶ Lo dell my notauro ny su laberinto
que do dalo fizo tam bien dudarẽs
y dell velho çyno conel entremes
que jupiter fizo oyres que vos minto
Deuropa rrobada myjor que lo pynto
por quiem los ermanos forã desterrados
⁊ ala su patria jamas rretornados
auendo otros rreynos com forças estinto

¶ Luys anrriquez em que fynge que estando na myna andando soo foy achar em hũ vale, a tristeza ⁊ congoxa ⁊ esperança em forma de donas ⁊ como lhe pergunta quem eram ⁊ a rreposta delas.

¶ Doenhas muy dinas de grã cortesya
com gram rreuerẽçia suplico y demãdo
perdon se pregunto lo que nom deuia
y algo a nosare senhoras fablando

El triste desseyo me traye buscando
las seluas los valhes por mas solitarios
los quales ham sydo amym tã contrarios
que vostras merçedes falhe nõ pensando

¶ Em terras desertas de tales linages
em terra de gente a tam bestiales
que delhas a brutas y feras saluages
no som differentes em serẽ yguales
Em terras sym bienes tam lhenas de males
tam desuiadas de donde naçistes
donde no viuẽ syno los tam tristes
que como yo syguẽ los terminos tales

¶ Dezio me la causa de vuestra venida
dezio me la sorte de vosso biuir
dezio me synalgo vº puedo seruir
que nesto ternia descansso my vida
Dezio me la patria de donde naçida
los nombres ventura q̃ aqui me truxo
y no me ayades por tanto proluxo
em demandar vos la merçed pydida

¶ La vna daquelhas rresponde diziendo
em tu demanda bien es conoçido
que tam tresportado esta tu sentido
que todas nos otras vas desconoçiendo
Contigo partimos contigo viuiendo
nunca partidas de ty nos falhamos
conoçe aora pues te declaramos
las causas que assy nº estas preponiendo

¶ Foy my rrepoesta descreta senhora
por çierto lo dicho yo no lo entiendo
quanto mas pensso voy menos sabiendo
los casos y notos muy mas san aora
My alma my vida senhora implora
que quieras lo çyerto assy enformarme
que no tem portune ny pueda quedarme
doblada la pena q̃ nunca mejora

¶ Reposta delha.

¶ Quero dolerme de vossa passion
quero los nombres dezir vos daquelhas
que tienem com vos a tall affeçion
que sempre vos siguẽ y vos seguys elhas
Oyd escuchad las vuestras querelhas
tomad el entento daquelho que digo
sy tanto no tuuestedes vuestro enemigo
por çierto sufrajes oyran quen son elhas

¶ Somos tristeza congora esperança
poca que tienes pera tu rremedeo
las quales em torno te tomã nel medeo
q̃ cada quali huña daquelho qualcança
Naçidas criadas somos sym dudança
naquelha gram casa que dizen damor
la hũa tesforça las dos dam dolor
tomando de ty muy largua vengança.

¶ Admiracion del autor exclama.

¶ O mys companheras tã comunicables
com los syntidos tam tristes penados
dezio me aora seres perdurables
por siempre comigo con tales cuidados
Respondem por çerto nom som rreuelados
estes secretos a nos ny sabemos
y bastelo dicho que mas no podemos
dezir te daquelho q̃ siguẽ los fados.

¶ Fym.

¶ Depues de ser delhas assy enformado
assy se somieram delante mys ojos
que no vide mas syno los despojos
que de mys fuentes auiam manado
Seria all tiempo quel febo bolltado
dejus dela terra de nostro emisperio
falhe ma costa do conel rrefrigerio
que quedam los tristes cõ tanto cuydado

¶ Cantiga por fym desta obra.

¶ O sentidos desterrados
dela gloria que perdistes
pues que logo no moristes
fue por serdes mas penados
lhorando los dias tristes

¶ O lastimada partida
o my penado beuir
como puede ya soffrir
tantas mortes huna vida.
Fuerã mys bienes tornados
em lhãtos sospiros tristes
y se logo no moristes
fue por ser mº ordenados
alos males que quistes

¶ O vos rrauias ynfernales
sacad sacad me daquy
pues que mys bienes perdy
por troque de tantos males.
Sentidos desuenturados
que tanta grorea perdistes
com lamentaçiones tristes
acabem nuestros cuydados
cõ la fee que consentistes.

¶ Outra sua.

¶ Sã mays vosso namorado
do que nunca foy ninguem
poys naim desejo mays bem
ca cabar neste cuydado

¶ Trago disto presunçam
ando tam cheo douffano
que naim mẽgana engano
antes me salua tençam.
Sem auẽs por enganado
bem no pode ser alguem
mas eu nom quero mor bem
qua acabar neste cuydado

¶ Luys anrriquez em
louuor de hũa senho/
ra que seruia em valen
ça dai agam.

¶ Fue muy grande desuario
cometer pera loaruos
por quell poco saber myo
de cierto que yo no confyo
que es mas q̃ pera dorar vos.
Y que tam bem no rrezona
esta rrude pluma mya
tome vuestra senhoria
my sentençia y perdone

¶ Perdone el atreuimiento
que de loaruos tomee
yo perdono all pensamiento
que caulo my perdimiento
des que triste vos miree.
Por que voss'a gram beldad
me sojuzgo de manera
que ternes fasta que muera
my vida my libertad

¶ Porque aues sydo naçida
em trenos com tall primor
que assy lheuaes de vençida
las damas em esta vida
que se mueren de dolor.
Mocerẽsse jentill donzelha
por quã lynda vos mostrães
los ombres tenem querelha
por qua todos los mataes

Que vuestra grã fermosura
y graçia tam singular
vuestra beldad y mesura
em tanto grado se apura
que no se puede contar.
Y pues que vº fizo dios
entre todas escogyda
sabed quell moryr por vos
es causa muy conoçida.

¶ Fym.

¶ Y pues la causa es clara
la pena creida de çierto
por quell mall q̃ se os declara
huũ poco mas se tardara
sabed que ya fuera muerto.
Y pues que todo tenes
no oluides pyedad
com que sanar poderẽs
lo que mata esquiuidad

¶ Outras suas a esta
senhora porque lhe di/
sse que a deixasse de ser
uyr por q̃ era mal cria/
da ⁊ q̃ o trataria mall.

¶ Quanto mas macõsejaẽs
que dexe de vº seruir
sy endho byen mirarẽs
quanto mas lo perfyaẽs
menos me puedo partyr.
Y que my vida se acorte
es gram bien q̃ se sostriesse
qua pues tengo ver la muerte
mas vale daquesta suerte
quassym vos la rreçebiesse

Biẽ muestra vuestra crueza
que era rrazõ dapartarme
mas la my mucha firmeza
por mas que me des tristeza
no consiente de mudarme.
Que vuestra dulçe prision
do tenes la vida mia
es me tall consolaçion
sym la qual my coraçon
no podra biuir hũ dia

¶ Ahum q̃ me dexe turbado
algo vuestro desenganho
em la fym determinado
es que viua enganhado
por la causa de my danho.
qua pues ya esta sabido
quel penar por vos es glorea
quanto mas ouyer soffrido
terne çerto mereçido
de mys males mas vitorea.

¶ Fym.

¶ Y pues veys my fantesya
ytençiom tam sojuzgada
dexaos dessa porfya
por que pueda algũ dia
syntir grorea deseada.
No cureys mostrar poder
contra quẽ poder nõ tiene
syno de mas vº querer
y soffrir y padeçer
los males quẽ ssy sostiene.

¶ Cantigua sua.

¶ Mall olhado
he de vos meu gram querer
& de my poys que biuer
consento neste cuydado.

¶ Ha muytos dias & anos
que vos dey muy de verdade
mynha fee mynha vontade
vos amy tudo enguanos
Lastimado
sam por tam çerto saber
sermos ambos nũ querer
pera matarme forçado

¶ Outra sua.

¶ Tristeza dor & cuydado
leyxayme q̃ me quereys
por ventura nam sabeys
q̃ sou ja desesperado.

¶ Sabey vos que vyuo morto
sem esperança de viuo
nem es pero ja conforto
do amor cruell esquiuo.
& poys sam ja condenado
vossas forças nõ mostreys
ca sabey se nõ sabeys
que sam ja desesperado

¶ De luys anrriquez ao duque de bra
guança quando tomou azamor em q̃
conta como foy.

¶ A quinze dagosto de treze & quinhentos
da era de cristo nosso rredentor
do que se passou estay muy atentos
no dia da madre do mesmo senhor
O duque eyçelente nosso guyador
dom james da casa dantigua bragança
de jente leuando muy grande pujança
gerall capitam partio vençedor

¶ Nom peço fauor que possa contar
o que se passou na santa viajem
nem menos ajuda me praz dynuocar
aas antiguas musas nem sua linhajem
Mas soo ha senhora caa feyto menajem
de virgem humilde por onde foy madre
que ella malcançe a graça do padre
poys que foy dina da suma messajem

¶ Partio com a graça do que triumphãdo
na arbor da cruz alcançou vitoria
per mando do rrey que vay imperando
per gram vençimento de eterna memorya
Os rreys persseanos muy dinos de gloria
da yndia arabia tam bem de etiopia
& outros que fazem em soma gram copia
lhe sam trebutareos per fama notoria.

¶ Creçe seu mando seus rreynos alargua
per seus capitaes na jente ynfiell
o gram poderio dos mouros em bargua
em gram quatidade per guerra cruell.
O muy serenissimo rrey manuel
a espera que trazes sera triumphante
se com tuas gentes passares auante
ganhando a casa que foy disrraell

¶ Voluamos a falla o gram guorufe
daqueste gram carlos direy sas façanhas
nom menos desforço do gram jesue
em sua vitoria grandezas tamanhas.
Nunca de rroma se vio nem espanhas
tam gram capitam nem mays esforçado
de rreys infinitos parente chegado
dotado de grandes vertudes & manhas

¶ No dia da festa da santa assunçam
partio de lixboa com toda sa frota
muy apontada em tall prefeyçam
qual outra nom vimos nem liuros se nota
Assy todos juntos seguyram sa frota
juntandosem faram a nobre companha
de condes fidalgos mays nobres despanha
onde surgiram toda alma deuota.

¶ Leuando consigo a bandeyra rreall
que nunca vençida se pode dizer
pois he jnuençiuel aquele finall
tomado das chagas que quis padeçer
O summo bem nosso com muytos marteiros
porque saluasse o mundo perdido
tam bem senefica os trinta dinheyros
per cujo preço foy cristo vendido.

¶ Depoys de chegados ⁊ todos surgidos
quando vio tempo mays conueniente
senhores fidalgos foram rrequeridos
qua elle se fossem todos juntamente.
Des que congregados com ele presente
lhes fez hũa falla de tanto primor
como aquele que tem gram fauor
ajuda fosse ido de mays eloquente

¶ Onde per ele lhes foy decrarado
toda a tençã del rrey seu senhor
que foy emulallo sobre a zamor
pola maldade do erro passado.
Ca todos pidia que damor ⁊ grado
quisessem sem outra vontade nem zello
em sua tomada tam bem cometelo
pera que sempre lhes fosse obrigado

¶ Por que depoys de ter esperança
em nosso senhor de lhe dar vitorea
em elles leuaua tanta cõfyança
pera todo feyto mais dyno de grorea.
Que lhes pedia quouessem memorea
das cousas de rroma quando prosperaua
em quanta maneyra a ley se goardaua
segundo se nota na sua estorea

¶ Cõ rromus ⁊ rromulo tam bem alegãdo
de quando saquella cydade fundou
a pena q̃ ouue por q̃ quebrantou
a ley que foy posta em se começando
Que lhes pidia que nunca desmando
a guerra durante em eles ouuesse
mas que obedeçessem ho que le quisesse
⁊ que elle sempre seria a seu mando

¶ Com doçes palauras forradas damor
com muy animoso desejo ⁊ vontade
com mil cortesias com grande fauor
com hũas entranhas de pura verdade.
Assy os peruoca com tall mansidade
que todos rrespondem dizendo senhor
nosso desejo he muyto mayor
do que nos pedijs em gram quantidade

¶ Ouuyndo palauras tam bem rrezoadas
ficou de contente ã tam satisfeyto
dessa senhoria a tam estimadas
que o por fazer estimou por feyto.
dizendo que sempre seria sogeyto.
fazendo por todos como bem veriã
que dy endiante eles conheçeriã
as suas palauras fycar em effeyto

¶ Prosigue.

¶ Eram quatroçentas as velas darmada
sobre çinquoenta sem hũa faltar
foy hũa das cousas mays pa notar
que vimos nem vio a jente passada
Tam posta em ponto tam aparelhada
de todolas cousas que se rrequeriã
⁊ dartelharia tam bem compassada
que nada faltaua segundo deziam

¶ Partimos em ponto sem mays esperar
depoys desta fala assy acabada
⁊ em poucos dias podemos cheguar
a a boca do rrio da çidadonrrada.
E por que a barra estaua çarrada
⁊ era hũ pouco perigoso dentrar
ouue conselho com detreminar
que em mazagam fosse a terra tomada

¶ Achamos o porto quieto seguro
a frota muy junta se pos bem em terra
muy bem conçertada no auto da guerra
com grande rrecado conselho maduro.
No dia sseguinte depoys do escuro
ser ja passado ⁊ soll ja saydo
sayo toda jente mays forte que muro
desforço goarnida sem nada fingido

¶ Cõ muyta prudençia esforço cuydado
o duque ordena ssentar arrayall
mays trabalhando do que aniball
quãdo ouve os alpes de todo passado.
pos suas estançias com tanto rrecado
⁊ seus capitaes em tanto conçerto
que nunca antreles ouue desconçerto
nem cousa que fosse escontra seu grado

¶ Onde tres dias lha prouue destar
ajnda que a toda mourama pesasse

por que de todos se cresse ⁊ notasse
que nom era gente de mays estimar.
Que com seu esforço podia domar
mays que perdeo el rrey dom rrodrigo
⁊ mays que leuaua tall gente consigo
com que podia gram terra ganhar

¶ Veyo de tyte alhobedeçer
o principal mouro que nele auia
pidindo que paz lha prouuesse fazer
com toda a jente que nele viuia.
Foy arreposta dessa senhoria
que aelle soo sua casa segura
o mouro em vendo rreposta taim dura
ficou tam cortado que mays nom podia

¶ Pelo qual logo sem mays dar vaguar
o jentil de tite foy despouoado
de medo cortadosleyxaram loguar
tee serem per pazes aele tornado.
Qua viram seu feyto hyr tam mal parado
que desesperaram de bem esperar
serya mafoma bem pouco louuado
poys nele socorro se nam podachar

¶ Foy antros mouros tamanho em canto
por ver o que nunca cuydaram de ver
que nenhuũs cristãos podyam fazer
antreles demora de tanto quebranto.
Foram cortados com tanto espanto
segundo per obra foy notificado
sas forças esforço de todo quebrado
que desseu desmayo nom sey dezer tanto

¶ Em o quarto dia o duque mandou
sessenta nauios com artelharia
quẽ trassem no rrio lhes encomendou
porquele partia em ho mesmo dia.
Os quaes ós aprouue leuarem tal via
que todos entraram sem contradiçam
quey mando aparelhos que moleyziam
com mil caniçadas por fo go queria.

¶ Em o dia mesmo que era primeyro
deste setembro da era presente
partio ho gram çessar com toda sa jente
leuando concerto de jentil guerreyro.
Ordena batalhas andando fragueyro
correndoas todas mil vezes nũ ponto
mostrando sa todos ser mays compãheyro
que prinçepe grande come ⁊ vos conto

¶ Chegamos ja tarde aquela çidade
por q̃ nã pode ser doutra maneyra
aqual achamos fallando verdade
de muros ⁊ tores muy forte guerreyra.
Sayram huũs mouros ha porta primeira
cuũs poucos dos nossos escaramuçar
de volta cõ elles lhes foram matar
alguũs cavaleyros de sua bandeyra.

¶ Jsto acabado a noyte na maão
sentoussa rrayall ho longuo do rrio
estanças postas ja bem deseraão
escuytas lançadas sem outro desuio.
O duque prouendo em seu senhorio
como quem tanto no caso lhe hya
a todas partes muy rryjo prouya
como quem corre de noyte seu fyo

¶ Aquela noyte ninguẽ adormio
com grande trabalho sem mays rreponsar
o sono preguiça de todos fugio
artelharia se pos no luguar.
Donde combate sauia de dar
no tempo ⁊ ora que fosse ordenado
seria do dia o meo passado
⁊ alem hũ ora depoys doze dar

¶ Oy a pedaço nam muyto tardou
que logo ao duque rrecado nam veyo
que estaua o campo de mouros tam cheo
que dos de cauallo dez mil sapodou.
naquele momento que listo contou
ordena o duque sem outro debate
que huũs começassem de dalo combate
⁊ elle cos mays oos mouros passou

¶ Començoussa çidade tam bem combater
com muyto esforço com tall pressa dar
que em pouca dora se pode bem crer
dos mouros de dentro seu grande pesar:
artelharia começaa juguar
as mantas ⁊ bancos nã muyto tardauam

as jentes das portas quos muros picauam
que huũs aos outros nam dauam vagar

¶ Deusso combate muy duro muy forte
gastando so muro per tiros muy grossos
tanto q̃ os mouros se tinham nꝰ mossos
julgando que tinhã daly pior sorte.
çidalmãçor aly prendeo morte
antreles prezado ⁊ senhor delanças
virã nos mouros perder esperanças
sem auer antreles tall que os conforte

¶ Per morte daquele a todos quebraram
seus corações sua fortaleza
⁊ logo em ponto se detreminaram
leyralla çidade de muyta fraqueza.
O duque esforçado com grandar dideza
começa lla jente muy bem dordenar
como aquele que espera de dar
fym a seu feyto com muyta proeza

¶ Foram batalhas muy bem conçertadas
assy de cauallo com aas dordenança
ja tarde partiram sas forças quebradas
os mouros que viram aquella mostrança.
fezeram na volta com muyta triguança
os quaes grande medo leuarem secrea
fycamos no campo teenoyte sermea
sem os do combate fazerem mudança

¶ Os mouros de dentro que vyram creçer
seu mall ⁊ seu dano sem bem esperar
com grande temor de vidas perder
leyraram çidade por vidas saluar.
Fugindo sem tento com tall pressa dar
quo sayr da porta muytos se matauam
os pays polos filhos se nom esperauam
molher por marido podia agoardar

¶ Apos mea noyte tres oras seriam
quando a çidade foy toda vazia
⁊ huũ dos judeus que nela viuia
per corda do muro abaxo deçia
Ao senhor duque a noua trazia
peros dessa ley seguro pidindo
foy lhe outorgado as nouas ouuindo
com outro albytre que preço valia

¶ Sabado seguinte oytoras do dia
na grande çidade o duque entrou
com grande vitorea que mays nom podia
ds seja louuado quassy o guyou
Per toda a terra sa fama soou
⁊ pos tall espanto com grande terror
por ondalmedina com muyto temor
de toda sa jente se despouoou.

¶ Fym.

¶ Foy çelebrado ho offiçio deuino
com gram efficaçia ⁊ gram deuaçam
dandolhe graças com tal contriçam
quall mereçia o verbo deuino
Do sumo bem dohuũ ds ⁊ trino
tu que per morte saluarnꝰ quiseste
conçede vitorea a quem esta deste
de ymigos humanos espirito malino

¶ De luys anrriquez a simã de ssousa sobrelhe mandar pidir que lhe cõfir/masse huũ aluara de caualeyro ⁊ mã/dou lho pidir.

¶ Senhor eu vꝰ escriui
⁊ pidy
por merçe que me quisesseys
confirmar o que serui
mas poys o nam mereçy
he bem que o nam fezesseys.
Por que tempo mal despeso
trabalhar no escusado
que nom he cousa de peso
nem eu estou tam açesso
polo questaa ordenado

¶ Temos qua senhor por ley
do gram rrey
aquall sendo bem olhada
peço perdam se errey
por cafirmo ⁊ direy
que deue ser derroguada.
Aquall se diz ⁊ contem
que a todo caualeyro
que cauało seu nam tem
das liberdades nem bem
nam goze com estrangeyro

¶ Foy muyteramaa naçer
pera viuer
a quem dos nam deu fazenda
por que tee nisto empeçer
lhe foy fazendo perder
aonrra quee mor contenda.
E a muytos que a deu
que cauallos podem ter
alcança no jubyleu
⁊ os que o nam tem comeu
vãosse de todo a perder

¶ Que nõ pode ser mor mall
desigoall
aos homes bem criados
que ho vilaão bestiall
por que tem mor cabedal
leue os boos nam abastados
Cujos paes avoos parentes
foram criados dos rreys
alguũs capitães de jentes
ysto nam por accidentes
mas consintemnꝰ as leys

¶ Aos homẽs de linhajem
auantajem
deuerajão dar nesse caso
⁊ nam mostrarlhes vltrajem
nem perderem samenajem
⁊ deyxalos taes no rraso.
Por que quẽ nam tẽ cauallo
polo nam poder manter
sabe muy bem trabalhalo
⁊ auelo ⁊ buscalo
ao tempo do mester.

¶ Fym.

¶ Sabem muyto bem seruir
sem ses pedir
quando lhes he rrequerido
⁊ os que tall sabem seguir
he de crer ⁊ presumir
serem dinꝰ do pedido.
Mas pois ysto jassy, vay
nam quero confirmaçam
meu aluara me manday
⁊ de mym senhor tomay
seruir per obrigaçam

¶ De luys anrriquez a hũa moça cõ que anda/ua damores ante desse os judeus tornarẽ cri/staãos ⁊ hũ judeu casa do ⁊ alfayate a q̃ ela q̃ ria biẽ o fez tornar cri/stão ⁊ casou com elle.

¶ Vos que naçestes ma ora
vos que nela viuereys
nom menꝰ acabareys
poys soeys de jamila nora:
vos quachastes dẽtro ou fora
he sse mazal que tomastes
de que goay vꝰ contentastes
em forrora
vꝰ dey nome de senhora

Quachastes ho ahanym
que vꝰ assy namorou
rrezar bem o tafalym
ou com que vꝰ çabacou
Em jurar por minha ley
ou polos dez mandamentos
ou dizer viua el rrey
como sey
em seus estreuançamẽtos

¶ Em rrezar o baraha
ou de que fostes contente
ou em ser muy deligente
quando vaão a minaha.
Em guardar bem o ssaba
ou cheyrarꝰ ha desina
como fostes tam mofina
katerina
sobre serdes muyto maa

¶ Pareçeovꝰ bem cadoz
ouuindolho alguũ dia
ou por ventura seria
por quebrar co outro anoz:
Ou vꝰ namorou sa voz
em cantando na sinoga
quẽ vꝰ visse nũa soga
açeauoga
açoutar daqui tecoz

¶ Muyto bem vꝰ pareçeo
o seu meto me uelouy
⁊ tam bem dizer y huy
nada vꝰ auorreçeo.
ay adonay vꝰ meteo
çabao nam vꝰ tyrou
o que vꝰ muyto agradou
⁊ contentou
abudũ vꝰ nam fiдeo

¶ Orajanam moneguey
bem sey eu que vꝰ vençeo
cõ conuites mereçeo
este bem que lhe quereys.
Pipino granda marelo
⁊ melão muyto maduro
cõ metade de marmelo
verdescuro
dꝰ que lança no mũturo

¶ Com boa perna de gallo
com garauanço cozido
⁊ de vos bem açeytallo
fez muyto em seu partido.
boas vnhas de tenpreyra,
na fragoa do cunhado
vꝰ fezerom tam maneyra
que companheyra
serdes sua foy forçado

¶ Ora voluamꝰ lha folha
acholoes bem galante
ele tem nariz de rrolha;
sobre ter rruym sembrante
De hũũ pouco a judengado
no falar ⁊ no trazer
he tam bem çercũ çidado
quer fanado
como folguastes saber

¶ Tem hũ jentil forgicar
pela arte de seus parentes
tem la outro em bolar
⁊ jogueta de bulrrar
sem lhe cayrem nꝰ dentes.
he crespo rrefouçinhado
que lhe descobre ho orelha

he hũ pouco aquogonbrado
desmazalado
e depoys he hũa ouelha

¶ Poys vº o decmo tomou
a seguirdes tall errada
co conselho que vº dou
ho menº hy auisada.
E poys que ja soys casada
sabey seguir esta via
que os que vẽ da ley canssada
par ós nam lhes pesa nada
juralohia
com cousas da judaria

¶ Por carne sempre mãday
de loguar pera porguar
e com nome da donay
lhe fazey cea jantar.
se for magra doazeyte
lhe lançay na cozedura
seguro que a engeyte
mas que peyte
a metade da custura

¶ Aprendey fazer hanbria
quee viandа de seu gosto
eu vº fico que mao rrosto
lhe faça nem vº faria.
mas he certo que daria
do seu muyto por achar
albondegas ho jantar
e cear
este manjar cada dia

¶ Marateuall he maniar
que se faz de boas fauas
tomar sempre tres oytauas
e em na pascoa do asofar.
fartalejos nam neguar
no tall dia sera tudo
e de cerizas fartar
e calar
todo mundo seja mudo

¶ Pã esqueeca pã cençenho
sabey seguir o que digo
a palaura vº apenho
que seja mays vosso amygo.
se tomays este castigo
dous duũ tyro matareys
ac le com tentareys
e fareys
q̃ façaes o que nam digo

¶ Quãdo com vossa camisa
andardes teres auiso
nam façaes daquesto rriso
gradeçey quem vº auisa.
com ele vos nam jareys
mes passados sete dias
otauilaa vos fareys
e dormireys
co parente das judias.

¶ Quando vyeer ho comer
que for ho partir do pam
dyr vº ha hũ oraçam
sabe lhe vos rresponder.
baruata adonay cloeno
sam as palauras que diz
amoçy leha minariz
lhe rresponderes e peno
poys meu bem foy tá peqno

¶ Depois do consselho dado
e noua vº quero dar
cõ q̃ moyras de pesar
de grande dor e cuydado.
Uosso bem nã tem bezys
q̃ sam cõpanhões ẽ abraico
jurou mo nuũs tafelys
hũ laa do pouo judayco.

De joam rroiz de castell branco cõtador dagoarda a antonio pache coueador da moeda de lixboa em rreposta dũa carta q̃ lhe mandou em que morte ja va dele.

¶ Mafoma primo senhor
dentonces xeque dentam
das nogueyras capytam
da moeda veador.
em val verde morador
da luguer que nam de graça
dos emcontros ruquetor
de lixboa a mylhor taça

¶ Uossa carta rreçeby
que me deu muyto prazer
por me senhor pareçer
quynda vº nam esqueçy.
Nem tam pouco vos amym
nũca ma ves desqueçer
se nam sse for por beber
deste vinho quee rroym.

¶ Saberes que ssam tornado
desque vyuo nesta beyra
he tego magro coyrado
e rrebusto em grã maneira.
Tam disto rme tam beyram
que com quanto me queres
ja vº nam contentares
sser meu prymo com jrmão

¶ Estou qua perto da sserra
onde abytam os pastores
ja nam busco apontadores
nem por teyros me dã guerra.
E sam huũ dos boõs da terra
deos seja muyto louuado
e achome tam honrrado
coma bugya na sserra

¶ De vynhas e doliuães
e de lançar mergulhões
seyja tantas em venções
como vos la dos me taẽs.
Por que dysso espero mays
çerto me dar de comer
que seruir e enuelheçer
laa por esses espritaẽs.

¶ Ja nam rreçebo pousada
de vosso apousentador
panela nem telhador
espero mesa quebrada
cadeyra desengonçada
e lenções de mes em mes

o longuo nem oo traues
me nam cobre abragada.

¶ Quantas vezes pelejey
com vosco sobo la manta
onde era a pulgua tanta
quanta sabeys que matey.
Quantas vezes jegum ey
sem ter muyta deuaçam
deos o ssabe e vosso yrmão
com que ja tam bem pousey.

¶ Quantas vezes sem candea
nos lançamos as escuras
fartos de desauenturas
mays que de muy boa çea.
Isto que ssaquy nomea
nam ajaes dysso vergonha
por quem vossa caramtonha
cabe toda cousa fea.

¶ Eu nã ssey quem vos engana
a soffrer fomes e fryos
cos milhores atabyos
he hum castiçal de cana.
hũa soo vez na ssomana
comer carne sem cozer
que faz o ventre feruer
mas quamores de joana:

¶ Porẽ como quer que sseja
quem algũa dyta tem
he rrezam quaja por bem
quessas cousas todas veja.
Mas quem he bem enfreado
e tem vergonha no rrosto
ve o tempo mal desposto
pera sser muyto medrado

¶ Sam fora de rrequerer
veadores da fazenda
officio nem comenda
ja nam espero dauer.
Ja me nam da de comer
se nam mynha fazemdynha
rrey nem rroque nẽ rraynha
nam queria nunca ver

¶ O pagar das moradias
he o que me mays contenta
o despachar da ementa
as madrugadas taim fryas.
trabalhar noytes e dias
por sser na corte cabydos
e os tempos despendidos
fycar com as mãos vazias.

¶ Armadas ydas dalem
ja ssabeys como se fazem
quantos catiuos la jazem
quantos la vam que nam vẽ.
e quantos esse mar tem
somidos que nam pareçem
e quam çedo caa esqueçem
sem lembrarem a ninguem

¶ E algũs que ssam tornados
liures destas borriscadas
se os hys ver aas pousadas
achay los esfarrapados.
Pobres e neçessitados
por muy diuerssas maneyras
por casas das rregateyras
os vestidos apenhados.

¶ Por ysto senhor mafoma
tresmontey ca nesta beyra
por tomar a derradeyra
vida que todo omem toma.
Por que ha la tanta soma
de males e de payxam
que por nam ser cortesão
fogyrey daquy tee rroma

¶ Fym.

¶ Agora julguay vos laa
se fyz mal nisto que faço
em me tyrar desse paço
e mudarme pera quaa.
Poys he certo que sse daa
algum pouco galardam
lança mays em perdiçam
do que nunca ganharaa.

¶ Trouas q̃ mãdou jobã rroiz de castell brãco a antã dassonseca comendador de rrosmanynball a alcaçer seguerem rreposta doutras.

¶ Porq̃ sempre ẽ vos sseruir
desejo sser acupado
quis tomar este cuydado
para vos dar em que rryr.
por que nam posso fogyr
do que quer meu coraçam
que vos tem tall afeyçam
que nam vos pode mentir

¶ As trouas q̃ me mãdastes
vos tenho muyto em merçe
por que vos dou minha fe
que bem as me tresfycastes.
dos mouros q̃ laa matastes
vos tenho muyta emucja
e leuo grorja ssobeja
da grã donrra q̃ guanhastes.

¶ E poys que senhor de laa
me fazeys merçe de nouas
quero nestas mynhas trouas
dar vos algũas de caa.
E a primeyra sseraa
contar vos de nossa vida
e assy de quam perdida
a terra sem vos estaa.

Vos laa q̃brãtays as rrayas
e as trãqueyras dos mouros
e nos qua corremos touros
e fazemos grandes mayas.
Nam curamos dazagayas
nem darmas muyto lozydas
mas gastamos nossas vydas
em capas gyboẽs e ssayas

¶ Entrastes em tetuam
como gentys caualleyros
esforçados e guerreyros
mays fortes que sepiam

Nos qua temos o veram
em logeas frias sem calma
sem buscar sombra de palma
nem fauor do capitam.

¶ Andamos muyto seguros
pola vyla e fora dela
nam vemos rrolda nẽ vela
nem baluartes nẽ muros.
Somos mays moles q̃ duros
pola froreza da terra
com ninguẽ nã temos guerra
se nam soo cõ vinhos puros

¶ Itẽ mays juguamos canas
dous por dous e tres por tres
de duas em tres somanas
as vezes de mes em mes.
Outras oras que nos pes
pola terra estar muy soo
falamos cos que por doo
poẽ a saya ao rreues

¶ Nã temos qua montaria
de porcos nem de lyam
mas caça de guanyam
e as vezes pescaria.
toda nossa fantesya
estaa posta em folguar
e as veses em ganhar
em qualquer mercadoria.

¶ Andamos algũas vezes
aos touros acaualo
somos de vos o pam rralo
de vossas doçuras feezes.
Nam temos rrycos jaezes
nem arreos esmaltados
mas temos algũs dourados
outros negros como pezes

¶ Começamos de cryar
guauyaẽs paro inverno
parayso nem inferno
nũca nos pode lembrar.
Bõys de perdizes hũ par
vᵒˢ estaa aparelhado
o cypreste tem jurado
que volas ha despantar.

¶ E o de que me mays pesa
dessa vossa frontaria
que vossa carnyçaria
nom farta nenhũa mesa.
Nam sey se vᵒˢ he defesa
polos ymyguos da fee
se sse defende porque
tendes guerra tam acesa.

¶ Porem se sse bem olhar
nom vᵒˢ deue dar paytam
que como teuerdes pam
o al se pode escusar.
Porque a ordem melytar
nam rrequere gram fartura
cas vezes tolhe soltura
ho tempo de pelejar.

¶ Das perras em que falays
dayas o demo por suas
quãto mays seguys as rruas
menos gualardam leuays.
Bem sey ja que me tomays
nysto que quero dizer
com quem sam de correger
se mostram esqueçer mays.

¶ Se com elas nos topamos
leuam tam fortes bocados
que quando mays pelejamos
somos mays desbaratados.
Nam por serem apertados
nem muy rryjos de rromper
mas aturam o correr
que nos vençem de canssados.

¶ E assy que nos tornamos.
os mays de nos ypotentes
porque les sam tam valentes
que por vençydos nos damos
e tal que quando escapamos
da sua boca danada
vento he mouros de grada
paroo me do que levamos

¶ Destas nouas nã dou mais
por que seraa de masya
querer falar arauia
com vos que a ensynays.
Porem quando qua estays
quantas vezes derribado
fostes e desbaratado
destes ymmyguos mortays

¶ Eu tenho ja feyto paz
com eles por anno e dia
hynda que por mais queria
mas a elles nam lha praz.
e quem mal cae mal jaz
eu ando muy avysado
sachar alguũ desmãdado
bem sabeys como sse faz.

¶ Fym.

¶ Aquy faço conclusam
beyjando com muyta fe
as mãos de vossa merçe
e do senhor vosso jrmão
e nam vᵒˢ esqueçeram
rruy lobo jorge de ssousa
que nam podẽ mãdar cousa
que negue meu coraçam.

¶ Vilançete.

¶ A donde tienes las mientes
pastorzico descuydado
que se te pierde el guanado.

¶ No te pasmes joã colado
dela descuydança mya
camor la alma rrobado
todel seso que tenya.
No rreposo noche e dia
em todo lo despoblado
no puedo caber coytado.

¶ Grosa de joam rroiz de castell branco a este vylançete.

¶ A donde tyenes las mentes
dy nygrigente pastor
a dondestam tan ausentes.

calas ovejas preſentes
moſtras tanto deſamoꝛ.
Que vemos hunas meſarſſe
otras de fambꝛe moꝛrſſe
todas juntas apocarſſe
tu azienda mezcabarſſe
todo el tuyo deſtroyſſe.

¶ Paſtoꝛzyco deſcuydado
ſolyas byen paſtoꝛar
ſolyas ſer alabado
donbꝛe de mejoꝛ rrecado
que le podeſſe falhar.
A oꝛa veyo tu vyda
de todo deſoꝛdenada
tu perſona en triſteçyda
tu majada mal rregyda
tu memoꝛya oluydada.

¶ Que ſe te perdel ganado
myra byen cantas perdydo
myra qual eres toꝛnado
que eres de demudado
de muchos nam conoçydo.
Myra canda tu coloꝛ
deſuelada ⁊ denegryda
vaſte de mal a pyoꝛ
tal que ſeria mejoꝛ
tener la vyda perdida.

No te paſmes joan colhado
ny ſeſpante tu perſona
de me ver qual ſoy toꝛnado
que quien neſto macauſado
a nenguno no perdona.
Antes aze tanta guerra
a qual quier que ſobꝛe viene
que dela quen myn ſençerra
paſmoyo qual es la terra
que ſobꝛe ſy me ſoſtiene.

¶ Dela deſcuydança mya
dela perdiçion de my
de no ſer el que ſolya
fue la cauſa fue la vya
la libertad que perdy.
Que del dia que myree
aquelha poꝛ quien tal ando
del guanado deſcuydee
de my myſmo moluydee
nũca delha moluydando.

¶ A moryo mas rrobado
my fuerça com ſu poder
a me deſcanſſo quytado
a me de todo apartado
delo que cauſa plazer.
A me dado tanta pena
ſu fuerça y eſquecuydad
cala muerte me condena
otra voluntad agena
que ſyerue my voluntad.

¶ Todel ſſeſo que tenya
es toꝛnado en afyçion
em peſar elhalegria
rrebuelta la fantelya
mudada la condiçyon.
Ageno nel penſſamento
de my pꝛopyo el penar
todo myo el ſentimento
lyure del contentamiento
ſojeyto del deſear.

¶ No rrepoſo noche ⁊ dya
momento punto ny oꝛa
ny byuo como queria
poꝛque la ventura mya
ſempꝛe my mal en pyoꝛa.
Tal que naqueſta montanha
duando con my ganado
es la lembꝛança tamanha
la memoꝛy tam eſtranha
ques de my tudo luydado.

¶ Em todolo deſpoblado
nunca paſtoꝛ abytoo
que vyuendo tam penado
podeſſe contynuado
ſoffrir lo que ſoffroyo.
Poꝛ ques de tal condicion
el mal que me dyo foꝛtuna
que vyendo my perdiçion
no puede my coraçon
azer mudança ninguna.

¶ No puedo caber coytado
en todas eſtas montanhas
todo ando afoꝛtunado
muy ardido y debꝛaſado
del fuego de mys entranhas.
a çeſo nel coraçon
naçydo de my deſeo
conſſeruado en afeçion
dela mucha perfeçion.
da quel my dios en que creo

¶ Cãtygua ſua partindoſſe

¶ Senhoꝛa partem tã triſtes
meus olhos poꝛ vos meu bẽ
que nũca tam triſtes viſtes
outros nenhũs poꝛ ninguem.

¶ Tam triſtes tam ſaudoſos
tam doentes da partyda
tam canſſados tã choꝛoſos
da moꝛte mays deſejoſos
çem myl vezes que da vida.
partem tam triſtes os triſtes
tam foꝛa deſperar bem
que nũca tam tryſtes viſtes
outros nenhũs poꝛ ninguem.

De rruy gonçaluez de caſtel branco.

¶ O goſto que me faleçe
para deſejar a vyda
poꝛ quem ſabe que meſqueçe
tem a groꝛia eſcondida
em luguar que nam pareçe.
Quem a de myn eſcondeo
val tanto com fremoſura
que nam me poda ventura
toꝛnar o quela perdeo.

¶ Tudo ja tenho perdido
tudo tenho ja deyxado
tudo faço ſſem ſentido
ſendo çerto queſqueçydo
ſom de quem ſam tã lẽbꝛado.
poys vyuo deſeſperado
que ſera de minha vida

que farey nam sey que pyda
que me nam seje escusado.

¶ A morte nam satisfaz
quanto mal tenho soffrydo
a vyda morto me traz
nenhũa cousa me praz
de toda cousa douydo.
Nenhuũ alleguo tem
minha triste fantesya
cada ora cada dya
com myl acordos me vem.

¶ Vyuo tam embaraçado
som ja tam fora de mym
que de muy desconcertado
muyto tenho começado
e a nada nam dou fym.
Que tudo veja perder
quem tudo seja culpado
nam no posso conheçer
nem esta em meu cuydado.

¶ Porque sey donde me vem
quem tantos males me cata
nam mem tendo com ninguē
fujo de quem me quer bem
quero bem aquem me mata.
A perfyo contra my
o mays contrayro escolho
o que vejo com meu olho
nam posso crer que o vy.

¶ Toda cousa ma tormēta
cada ora menos contente
todo rremedeo sausenta
ca vida que e descontente
de tudo se descontenta.
Falar he cousa escusada
a quem quer que seja mudo
ja som no cabo de tudo
sem ter acabado nada.

¶ Cabo.

¶ A culpa que muytos tem
de ssy a querem tirar
mas a que dourem me vem
me pareçe que tam bem
que nam me pode culpar
nem me quero agrauar
que meu triste coraçam
a tudo macha rrezam
nam se me podem menoar.

¶ Cantigua sua.

¶ Os emcubertos cuydados
por descuberta rrezam
desculpam meu coraçam
meus olhos trystes culpados

¶ Quaes olhos vº podē ver
queyrem vº desejar
que nam seja mays errar
veruº sem vº conheçer.
e cresta a soluyçam
cō meus creçydos cuydados
com descuberta rrezam
tem meus olhos desculpados

¶ Outra de rruy gōçaluez.

¶ Que de meus olhº partays
em qual quer parte questeys
em meu coraçam fycays
e nele vº converteys.

¶ Estee o vosso luguar
em que mays çerta vº vejo
por que nam quer meu desejo
que vº dy possays mudar.
e por ysso que partays
em qual quer parte questeys
em meu coraçam fycays
poys nele vº converteys

¶ Outra sua.

¶ Quē tantos males cōssente
salgũ rremedyo esperasse
era bem que soportasse

¶ Mas he cousa conheçida
quem esperança nam tem
que nam pode nenhuũ bem.
Ser moor que perder a vyda
so passado e presente
o por vyr rremediasse
era bem que soportasse.

¶ De rruy gonçaluez ha
morte da duquesa.

¶ No descansso onde estas
que nũca te ve ninguem
quem cuydamos que te tem
nam sabe por onde vas.

¶ Nam se pode conheçer
quem te nam sabe buscar
poys te buscam com poder
e tu teēs outro luguar.
Tam pouca parte nos das
he tam escuro teu bem
que nũca te ve ninguem
nem sabe por onde vas.

¶ Outra sua ē hũa partida.

¶ Lembrame que ey de partir
nam no posso afyrmar
com ey de poder soffryr
o que nam ouso cuydar.

¶ Estaa em tal deferença
comyguo meu coraçam
que me defenda a rrezam
contrela me da liçença.
Desespero de partir
com vyda deste luguar
por que soo deo cuydar
comeca alma de sayr.

¶ Grosa de rruy gonçal
uez a este moto.

¶ Que faz apartar as vydas

¶ Venturas mal rrepartidas
seruyços mal estimados
dam tam creçidos cuydados
que faz apartar as vydas.

¶ Por ysto se desesperam
os que tem mylhor seruydo
por que fyca seu partydo
a ventura que perderam.
Quem vꝰ.vysse estroydas
lẽbranças de meus cuydados
poys sam tam desestimados
que faz apartar as vydas.

¶ Cantygua sua.

¶ Estaa muyto por passar
eu nam posso co passado;
com que me ey dajudar
do por vyr desesperado.

¶ E estas tristes lembrãças
com q̃ em curto minha vida
nam nas mudaram mudãças
nem esperança perdida.
O passado he passado
o por vyr ꝛ por passar
ey por elle desperar
sobre tam desesperado.

¶ Outra sua.

¶ A perfya meu desejo
no que nam pode cobrar
nam se quer desesperar
desesperado me vejo.

¶ Forçame com seu poder
a soffrer graue payxam
espera por gualardam
donde nam pode naçer.
Tal poder tem meu desejo
que nam se pode mudar
nem se quer desesperar
desesperado me vejo.

¶ Outra sua.

¶ Hũa esperança que tynha
em que cabya prazer
ventura ma fez perder
por que soube que era mynha

¶ Nunca cousa desejey
que me la nam estoruasse
nunca nada rreçeey
que muyto tempo tardasse.
A maa ventura he minha
que boa nam pode sser
poys sacabou de perder
hũa pequena que tinha.

¶ Outra de rruy gõçaluez.

Maas novas me dã de mym
olhay por vos coraçam
nam creays cahy rrezam
nem sonheys com boa fym.

¶ Querem vꝰ aconsselhar
ante de vꝰ conheçer
bem deueys adevinhar
o que quer isto dyzer.
Bom consselho dante mão
he synal de dar maa fym
olhay por vos coraçam
poys eu nam olhey por mym

¶ Outra sua.

¶ A grande desaventura
que se comyguo cryou
todalas cousas mudou
pera mays minha tristura.

¶ Deuesse desenguanar
que nam pode mays fazer
ja nam tem que me leuar
poys nam fyca que perder.
Queja me desenguanou
o prazer ꝛ a trestura
nam no tendes vos ventura
que bem sey quem o levou

¶ Outra sua

¶ A vyda ja sacabou
o desejo he o que vyue
por que como o de vos tyue
loguo ma vyda tyrou.

¶ Por q̃ mãda que vꝰ syrua
achou em mym tanta parte
este quero que me mate
poys vos quereys que ele vyua
O desejo me fycou
por que vyda nunca tyue
que quẽ em desejo vyue
nunca vyda desejou.

¶ Outra sua.

¶ Esperança poys tardastes
ja vꝰ nam aguardarey
tanto me desesperastes
taa que me desesperey.

¶ Vossos enguanos cubertos
fyngydores da verdade
meincheram de vaydade
taa que foram descubertos.
Poys q̃ sempre mẽganastes
nunca mays memguanarey
castiguado me leyxastes
desenguanado fyquey.

¶ Vilançete de rruy gõçaluez.

¶ Mil coraçoẽs aa mester
quem vꝰ ouver de seruir
ou nenhũ pera sentyr

¶ Que vossas cousas nã sam
pera vꝰ ninguem sofrer
nem eu nam sey coraçam
em que elas possam caber.
A mester de o nam ter
quem vꝰ ouuer de sseruyr
ou myl pera se soffryr

¶ Esparça sua.

¶ Quanto pude aperfyey
ꝛ nunca pude acabar
quero agnora começar
o com que macabarey
que sera desesperar.

que dentro neste peryguo
nam ey mester quem majude
aquy acabo comyguo
poys que com outrẽ nã pude.

¶ Troua sua que man
dou a garçia de rresen/
de cõ estas trouas.

¶ Por que nã aia memoria
de tam mal aventurado
pond isto em tytulado
em quem disso leuar groria.
Que bem mal pareçerya
em cançyoneyro posto
homẽ sem vyda nem guosto
vyr lhe tal afantesya.

¶ Cantigua de dom jor
ge manrrique.

¶ No se por que me fatigno
pues com rrazõ me vençy
no syendo nadie comiguo
y vos y yo contra my.

¶ Yo por averos querido
y vos a my desamado
cõ vuestra fuerça y mygrado
avemos a my vençido.
Y pues fuy my enemiguo
em me dar como me dy
quyen querera ser amyguo
del enemiguo de ssy.

O doutor frãcisco de saa grosãdo esta cãtigua de dom jorge manrrique.

¶ Ayendome tam lastimado
muchas veses me maldiguo
como hombre desuenturado
mas despoues de byẽ mirado
no se por que me fatiguo.
Ca hũ que syento gram pesar
des del dia em que vos vy
quando os bueluo a mirar
no se de que me quexar
pues com rrazõ me vençy.

¶ Ysy vos me catyuastes
vos misma sed el testiguo
de lo poco que acabastes
quanto mas que me tomastes
no syendo nadie comiguo.
Y ahũ esto no abasto
mas quando elhalma vos dy
ca vuestras manos moryo
no era comyguo yo
y vos y yo contra my.

¶ Pues lo que ya no faree
por vos pues por vos goydo
em gram prueua de my fee
a my mismo desamee
yo por averos querido.
Aqueste comienço tal
ham mis amores lheuado
mas que fym tam desygual
que he yo querido my mal
y vos a my desamado.

¶ Vuestra vista me rrobo
ay de my desuenturado
lo que my querer os dio
y quede rrobado yo
cõ vuestra fuerça y my grado
Veo que milagro tamanho
systando desprecebydo
triste de my de my danho
comiguo y cõ vuestro ẽgãho
avemos a my vençido.

¶ No falhare piedad
em quyem emparo y abriguo
pues que de my voluntad
me fize tal crueldad
y pues fuy my enemiguo.
Ay triste vida y querelha.
quiem puede em falhar por ssy
pues fuy por cruel estrelha
contra my y contra elha
em me dar como me dy.
¶ Fym.
¶ Pues solo por my pecado
y por ageno castiguo
lhorare yo my cuydado
ca ombre tam mal mirado
quyem querera ser amyguo.
Qual sera la voluntad
a hũ que ja tarde lo vy
do rreyne tal çegnedad
que no fuya elhamistad
del enemiguo de ssy.

¶ Cantigua de ferreyra

¶ Cõgoras tristes cuydados
pensamientos desyguales
lhorando presentes males
macuerdan byenes passados.

¶ Mudanças que no pensse
ny tu penssar las devrias
me hazẽ ver que vere
muy çedo el fym de mis dias.
Anssy quellos oluidados
mys seruiçios desyguales
lhorando presentes males
macurdã bienes passados.

¶ Grosa do doutor frãci/
sco de saa a esta cãtygua.

¶ Pues veo de my fuyr
los bienes tã bien guanados
mientra no puedo morrir
forçado mes de sufrir
congoxas tristes cuydados.
Ca graue angustia es venida
y grande extremo de males
y com dolor syn medida
fatiguam my triste vida
penssamientos desiguales.

¶ Por q̃ ala passada gloria
de byenes tam principales
es le dado tal vitorya
que lastimen my memoria
lhorando presentes males.
Que fuerõ mis alegrias.
senhora syno cuydados
pues las noches y los dias

lhorando las penas myas
ma cuerdã bienes passados.

¶ Y caso que cierto creo
que sabes byen el por que
vida y muerte del deseo
es la causa por que veo
mudanças que no pensse.
Ca pues que my pensamiento
senhora tu lo rregias
sym núqua hazer movimiẽto
por justo comedymiento
ny tu penssar lo devrias.

¶ Y por que myjor me creas
byen querer çelos y fe
entre tam cruoas pelcas
la muerte que me deseas
me hazẽ ver que vere.
Ca serem passadas ja
mys glorias y alegrias
tam triste vida me da
que çierto se que verna
muy çedo el fym de mys dias

¶ Anssy questa my tristura
anssy que los mys pecados
anssy que my desuentura
anssy que tu desmesura
anssy que los oluidados.
Tus prometimientos vanos
y falssos y desleales
me harã moryr a tus manos
pues juzguas por tã liuianos
mys seruiçios desyguales

¶ Fym.

¶ Y pues al triste de my
das mil penas de las quales
ninguna te mereçy
suspiro el byen que perdy
lhorando presentes males.
Y a hũ que yo quiera no puedo
tenelhos dysymulado
por qua my que ja fuy ledo
los tormientos em que rruedo
macuerdã byenes passados.

¶ Cantigua.

¶ Comiguo me desauym
vejome em grande peryguo
nam posso vyuer comyguo
nem posso fogir de mym

¶ Antes queste mal teuesse
da outra gente fugya
aguora ja fugyrya
de mym se de mym podesse.
Que cabo espero ou q̃ fym
deste cuydado que syguo
pois traguo a mym comiguo
tamanho jmiguo de mym

¶ Outra sua.

¶ Que rremedio tomarey
pois tam çerta a morte estaa
ca dor que tal dor me daa
se me segue matarmaa
se me deixa matarmey.

¶ Nam he ẽ poder humano
escusarma jaa ninguem
pois ela tomado tem
meu rremedio ⁊ meu dano.
Senhora onde me yrey
poys onde quer que me vaa
tam çerta esta morte estaa
que com vosco matarmaa
⁊ sem vos nã vyuirey.

¶ Outra sua

¶ Ay que vyda tam esquyua
do por enemygua suerte
por lhoro y dolor se arryua
dose byue em pena byua
y se sale por la muerte.

¶ Por do yo desuenturado
que juzguo my desuentura
com deseo he deseado
que oviera sydo lhevado
del vientre ala sepultura.

Cala my alma catyua
do quera que se convierte
çercada de pena esquiua
no ve por donde rreçyba
menos mal que por la muerte

¶ Esparsa.

¶ Porque podera abafar
senhora o mũdo souuyra
a natureza lhe tira
o ouuir ⁊ o falar.
Poys savia de naçer
douuyr tal desejo em my
coytado pera que ouuy
poys que vᵒ nam posso ver.

¶ Cantygua.

¶ Antre temor ⁊ desejo
vãm esperança ⁊ vã dor
antre amor ⁊ desamor
meu triste coraçam vejo.

¶ Nestes estremos catyuo
ando sem fazer mudança
⁊ jaa vyuy desperança
⁊ aguora de choro vyuo.
Contra my mesmo pelejo
vem dhũa dor outra dor
⁊ dhũ desejo mayor
naçe outro moor desejo

¶ Outra sua.

¶ Coytado quem me daraa
nouas de mym hondestou
pois dizeys que nam som laa
⁊ caa comyguo nam vou.

¶ Todeste tempo senhora
sempre por vos preguntey
mas que farey que ja aguora
de vos nem de mym nam sey.
Olhe vossa merçe laa
se me tem se me matou
por quem vos juro que caa
morto nem vyuo nam vou

¶ Outra sua.

¶ Dolo y juzga) my suerte
senhora que soys tan cruda,
que por nos pedir ajuda
antes la pido ala muerte.

¶ A vos a quien he seruido
harto de mas rrazõ fuera
que yo triste me socorryera
que no aquiẽ me he socorrido
Mas soys tã sorda y tã cruda
o es taim cruda my suerte
que mazeys pidir ajuda
contra la muerte ala muerte

¶ Esparça.

¶ Cerra a serpẽte os ouuydº
aa voz do encantador
eu nam ꝛ aguora com dor
quero perder meus sentidos
os que mais sabem do mar
Fojem douuir as sereas
eu nam me soube guardar
fuy vos ouuir nomear
fyz minhalma ꝛ vida alheas

¶ Cantigua.

¶ Triste de my desdichado
que aquelhos cõ quiẽ nascy
por vos o por my pecado
los vnos me ham dexado
los outros som contra my

¶ Dexomẽ my libertad
y elhamor cam y tenya
dexoume my alegrya
dexoume my voluntad
my coraçom lastimado
Los ojos com que vº vy
vida memoria y cuydado
estos nunqua me hã dexado
por serem mas contra my

¶ Outra sua.

¶ Ledo em minha tristura
em meus descansos canssado
querendo ꝛ sendo forçado
ora cuydar ma fygura
ora me mata cuydado

¶ Assy me tem rrepartido
estremos que nam entendo
de todas partes corrydo
de todas desacorrydo
de nenhũa me defendo.
a vida nã estaa segura
eu tenho outro mor cuydado
o mal tam bem estimado
que em tanta desauentura
me faz bem aventurado

¶ Esparça.

Craro estaa meu perdimẽto
nam synto nẽhũ tormẽto
am eu tormento igual
mas veo çedo este mal
ꝛ tarde o conheçimento.
Perdido ꝛ desesperado
de toda parte çercado
dagrauos ꝛ desfauores
tendesme posto em estado
que posso doer aas dores
ꝛ dar cuydado ao cuydado.

Danrrique de saa
a doyoguo bran/
dam mandando
lhe hũas trutas
de freyra.

¶ Estas trutas são daquella
a quem vos dizeis aponto,
leuã ouos ꝛ canella
nem co ellas nẽ parella.
Nũca se vº poem em ponto
ysto soube per hũ conto
cuma donna me contou
em que pouco vº guabou.

¶ Reposta danrrique de saa
as trouas de doyoguo brãdã
q̃ começão depoys senhor q̃
forçado me trouxeram quã
catyuo.

¶ Estando bem namorado
dhũa senhora que pena
minha vyda ꝛ desordena
meu cuydado.
Vossas trouas me cheguarão
tão doorydas
q̃ se tyuera mil vidas
mas tiraram.

¶ Mas eu nõ tenho se não
hũa soo mays que perdida
por quẽ sempre a minha vida
daa paixão.
Sem querer nũca mudar
por outra vya
se não sempre a fantesia
em me matar

¶ Por esta tenho creçyda
tristeza que nõ tem par
por esta nom posso dar
a minha vida.
Consolação nẽ prazer
como soya
antes creçe cada dia
em padeçer.

¶ Por esta são mais q̃ morto
pois vyuo vida penando
sem saber como nẽ quãdo
terey conforto.
Querendolhe grande bem
desordenado
são della mais desamado
que ninguem.

¶ Por esta noytes ꝛ dias
me vejo sempre penado
desta são mais namorado
que mançias
Desta soo me catyuey
tee minha fym

que ja doutra nem de myn
nũca serey.

¶ Esta faz que vos nõ possa
ajudar como desejo
porca dor em que me vejo
desaposta.
De maneyra ⁊ de tal sorte
meu poder
questou jaa por nom na ver
perto da morte.

¶ Mas pois q̃ de my quereys
ajudar vossa rrequesta
nesta troua ⁊ depos esta
atentareys.
Nõ teres em pouca estima
o que vº diguo
deme deos tal par conssyguo
a vossa prima.

¶ Dizeyme senhor quẽ possa
consselharme como vyua
q̃ me no mates esquyua
mais qua vossa
Porqua vossa nũca perde
neste mundo
quẽ nõ leira hyr ou fundo
quem na serue.

¶ E coesta confyança
deueis de ledo viuer
se vos der algũ prazer
ter esperança.
Por queu nũca desperar
pude ver
como nom visse creçer
meu pesar.

¶ Que quãto mais esperaua
sem desperança ver fym
tanto mays verme sem mym
seme dobraua.
⁊ pois ysto ha sempre dor
dacreçentar
verme bem desesperar
ey por mylhor.

¶ No menos no syntyrey
quanta dor synto esperando
sem saber em çerto quando
acabarey
Este tão tryste fadayro
em que me vejo
poys sabes q̃ ho que desejo
mee contrayro.

¶ Fym.

¶ Sẽhor estas trouas vossas
⁊ esta rreposta dellas
pareçem çento novellas
de fynas mentiras grossas
Se o juyzo nom perdy
ponde vos muy bem o posto
onde falaes em agosto
⁊ veres loguo quee asy.

¶ Cantygua sua.

¶ De my vyda desespero
pues nõ quyere my vẽtura
q̃ vuestra grão fermosura
me quyeyra como le quyero

¶ Nõ quiere my triste suerte
vyr momẽto consolarme
ny se para rremedearme
rremedeo sy no la muerte
La qual vẽgua pues la quiero
pues nunca quyso ventura
q̃ vuestra grão fermosura
me queyra como le quiero.

¶ Outra sua:

Nõ q̃yraes por vos matarme
querey jaa de mym doeruos
possaimays o bem quereruos
q̃ vosso grão desamarme

¶ Queyra vossa fermosura
poys que soo tem o poder
tyrarme desta tristura
questa vyda sem ventura
nõ se pode mais soffrer.
Nõ queyraes desconsolarme
pois que nõ viuo sem veruos
possa mais o bem quereruos
q̃ vosso grão desamarme.

¶ Dãrriq̃ de saa a no/
ssa senhora estando cõ
doẽtes de peste em sua
casa.

¶ O fonte de perfeyção
oo piadosa senhora
senhora da conçeyção
lembrate de nos aguora
em nossa trebulação
mandanos consolação.
Questamos desconsolados
tão bem nos pyde perdão
a teu filho dos pecados
senhora que tantos são
q̃ sem sua interçessão
nom podem ser perdoados

¶ Cantigua sua:

Meus olhos vos mordenastes
verme de todo perder
poys que fostes conheçer
de quem me desesperastes

¶ Ordenastes minha pena
destroystes meu sentido
ordenastes que sordena
verme de todo perdido
Este mal que me causastes
terey em quanto viuer
pois que fostes conheçer
de quẽ me desesperastes.

¶ Danrrique de saa.

¶ Nõ oso mym mal dezir
temiendo my danho creça
ny se myete en cabeça
como lo pueda encobryr

¶ Ay alho manera como
no vea my perdicion
ny tengo consolacion
e nell rremedio que tomo
ell calhar quyero soffrir
em que my vida padeça
que temo que se rrecreça
mas danho dell descobrir

¶ Outra sua.

Muyto mais mal me sentyra
da dor cos olhos ordena
se os tyuera sem pena.

¶ Mas assy como lobriguo
vy dama tão sengular
que tem taes cousas cõssyguo
com que a todos pode dar
o mall que tenho comiguo
de mym me fez ser ymiguo
poys busquey como sordena
morrer por ella de pena

¶ De dioguo brãdã ao bpo do porto sobre q̃tro mil rŝ q̃ tynha prometidos a hũ escra uo de martinho da mota pa ajuda de sua alforrya.

¶ Vo catiuo meo forro
fusco dantre lobecão
nõ se diz em maa tenção
vº pede senhor socorro
pera sua rredenção.
lyvrayo de catiueyro
per ynteiro
sem minguar nhũa jota
por que martinho da mota
jaa nom quita mais dinheiro

¶ Danrriq̃ de ssaa estãdo au sente dõde podia ṽ sua dama.

¶ Nunca mais me partirey
pera fogir aa tristura
poys que quaa onde machey
madaa vossa fermosura
tall que cedo acabarey.
por que cuydaua senhora
descanssar
e acho que mays penar
vay quaa fora.

¶ Que sse laa pena soffria
soo em ver quẽ macaulaua
em que mil penas passaua.
algũ descansso sentia
desta dor que me mataua.
mas estando quaa tão fora
de vº ver
que farey se não morrer
mynha senhora

¶ Qoal milhor me seraa
que viuer vida de sorte
que ninguem nom viuira
se não eu a quem na daa
o vosso coração forte.
muyto mais duro quaceyro
pera quem
vos quer hũ tamanho bem
tão verdadeyro.

¶ Ando quaa desesperado
ando mill sospiros dando
e ando tão namorado
que sem vos estou cuydando
men rrosto loguee rregado.
Destas lagrimas tã tristes
como são
as quaes vos meu coração
mill vezes vistes.

¶ Fym de my triste seraa
a vossa pouca lembrança
da maa vida que me daa
porem mynha confiança
nunca jaa mays deyxara
De ser vosso e vº querer
tee mynha fym
poys alheo nẽ de mym
nom posso ser

¶ Cãtigua dãrrique de saa ẽ louuor de sua senhora.

¶ Toda fermosa naçida
ha de morrer de tristeza
poys toda arte de lyndeza
soo de vos he possoyda

¶ A vos soo quys deos fazer
desyguall em fermosura
por nº dar a nos tristura
e nossos olhos prazer
Morreraa toda naçida
dhuũ mal que chamã tristeza
poys toda arte de lyndesa
soo de vos he possoyda.

¶ De fernão brandão.

¶ Nom se pode comprẽder
por rezão saber nem syso
vosso genill pareçer
poys quẽ fez o paraiso
nom fez pouco em vº fazer.
E poys ella a conheçida
vossa grande gentileza
a damas dares tristeza
a galantes triste vida.

¶ De dioguo brandão.

¶ Pareçer tão exçelente
nam se fez dumanas artes
deues de viuer contente
poys que tendes juntamente
quanto todas tem por partes
Senhora tão escolhyda
vº fez ds em gentileza
que por vos serdes naçida
dizem mal a sua vida
as que vem vossa lyndesa.

¶ Danrriq̃ de saa a fernão brandã chegando a hũa sua quintaã ẽ q̃ nõ foy bẽ agasa/ lhado dum seu caseyro.

¶ Chegãdo muyto canssado
achey hũ vosso criado
na vossa quintaã dosela
que me fez tall gasalhado

contr ora sera forçado
passar bem de longuo della.
falaua em vossa amizade
mays vezes do que deuia
porem o que nos compria
fechaua bem de verdade

¶ Mas porem por nom mentir
ꝛ fazer em vosso caso
querendo me jaa partir
nos deu hũ alqueyre rraso
muyto mao de rrepartir.
Por cas bestas sete eram
nom contando a minha mula
ꝛ hũa alquer trouxeram
ora que queres quem gulla
cada hũa do que derão

¶ Dizeyme por nom errar
a quem deuo deculpar
naqueste mao gasalhado
se este vosso paniguado
sea vos por lho mandar.
por que diz ós verdadeyro
o que aas fomes socorre
que deues saber primeyro
se vem pello despenseiro
se pelo senhor da torre.

¶ Reposta de fernão brandão de desculpa mandandolhe anrrique de saa com estas trouas dous cobros de cachaça magros ꝛ delgados.

¶ Mordomo que laa vistes
que ceuada tão mall deu
ynda senhor nom he meu
pelo qual viuemos tristes
por nom comermos do seu.
mas a cachaça da breu
que vimos em berrigada
em o lela foy ceuada
ou em cas dalgũ judeu.

¶ Danrrique de saa a dioguo brãdã mãdandolhe hũ presente de vinho.

¶ Senhor protesto
quynda que vos sayba bem
que a vos nem a ninguem
nam conuide mays corresto.
Por que vejays como presto
melhor do que mo fazeys
vos mandesse que proueys
do que fica nam cureys
por que ele me mem festo.

¶ Reposta de dioguo brãdã polos cõsoãtes.

¶ Eu contesto
polo qua vassylha tem
mas eu queria porem
o vendedor manifesto.
Para ser na compra lesto
que deste sempre gosteys
ꝛ tenhays muyto que deys
ysto soo me decrareys
ꝛ vereys como ma testo.

¶ Trouas q̃ fez anrriq̃ de saa a hũa senhora que topou em hũa rrua ꝛ lhe pareçeo bẽ enderençadas a fernão brandão.

¶ Estando bem longe de ser namorado
ꝛ disso os sentidos lançados bem fora
topey com senhoras mas hũa senhora
me fez loguo seu de muyto meu grado
ando caa morto com este cuydado
sem poder della tyrar o sentido
ꝛ poys são tão vosso ꝛ são tão perdido
mandayme conforto desapassionado

¶ Por questa senhora por quem massy vejo
hũ pouco vos toca em progenitura
tem tal gentileza ꝛ tal fremosura
que faz çem mill homẽs morrer de desejo
A mym faz da vida senhor ter entejo
por sua vertude neguar esperança
ꝛ poys outro bem daqui nom salcança
peralhas lerdes senhor vos emlejo

¶ Pera que sayba de minha paytão
ꝛ pena mortall que por ella sento
ꝛ sayba que tenho de jure tormento
a quella com graça tem meu coração

E sayba que deue de ter presunção
de todallas graças que donaa de ter
ꝛ sayba que sabe em todo saber
se nān que nom sabe em dar gualardão

E sayba que viuo por ella penado
todallas oras da noyte ꝛ do dia
ꝛ que naquell ora perdy alegria
quando a todas a vy hyr matando.
oo triste de mym que nom sey jaa quando
veja o dia que a ey de ver
ꝛ ssynda nom sabe de meu padeçer
fazeilho saber por geytos falando

Que vossa pessoa com mynha payrão
ꝛ vossas palauras degrão gentileza
mynguarão muyto de sua crueza
farão piedade em seu coração.
Pera que nom queyra minha perdição
ꝛ vos pelo meu o deues de querer
que nom as molher tão dura de erer
que nom tenha geyto dauer compairão.

Reposta de fernão brãdão pelos cõssoan tes tem esta prymera que he introdição.

Posto que tenha o gosto perdido
de cousas pequenas que tem vossa vida
ꝛ outras mayores que sao sem medida
por menos descanso de vosso sentido
Nestas se posso seres rresponoido
sem nada saber dagora nem dantes
de partes de sylybas ꝛ boõs consoantes
rresponodo por eles por ser milhor rrido

Reposta.

Estaueys senhor jaa tão enfadado
de cousas passadas ꝛ destas dagora
que jaa nom mespanto daque vº namora
mas como tornastes a ser enganado
Se o fezestes por ser des tornado
antes do dia questaua sabido
foram amores de muy boõ marido
que nom se quer dar por tão derribado

E a que vº tem com seu boõ despejo
des que partistes com vossa tristura
foy ora mynguada ꝛ de pouca dura
pera quem tem amor tão sobejo.
mas poys me mandays que nẽ ponha pejo
daquy vº prometo sem outra mudança
que ponha meu sangue em tãta balança
que todos sespantem de como pelejo

E vosso saber com grão descrição
ꝛ outros primores direy com tal tento
que sayba bem çerto que nom soys ysento
mas antes catiuo com forte prysão.
Se nesta primeira vyr sua tenção
como quem vyo ꝛ a pode bem ver
direy o que disto se pode entender
por quella jaa sabe que tendes rrezão

E poys que mereço ser de tall bando
por daruos descansso a vida darya
ꝛ crede senhor que nom sentiria
perigno nhũ naqueste tratando
Mas vejo meus dias yr jaa decrinando
ꝛ os vossos mayores tão bem pereçer
poys quesperança podemos jaa ter
de donaa que crya os seus em balando

E dlguo senhor por fynall concrusão
que se vº lembrardes de vossa nobreza
liure seres daquesta tristeza
poys della nos naçe mayor gualardão.
E nesta ma nrmo ꝛ loguo na mão
sem outras doçuras nem iyndo dizer
ꝛ ysto assy feyto se pode bem ver
a vossa sentença sem contradição

Pregunta de dioguo brandam.

Sam sepultados em corpos de mortos
quando se fundam matar aos viuos
ꝛ nunca catiuam sem serem catiuos
nem vsam dereyto senam sendo tortos.
Dos çinco sentidos humanos os portos
dos quatro se çarram em sua conquista
a quall ja nom sendo entam he bem vista
quandos sepultados se tornam abortos.

Reposta.

Dos quatro elemẽtos nũ deles sam ortos
os que nos tres nam sam senssety vos
em outro daqueles depoys dalerti vos
se podẽ os tomados com fios rrefortos
O homem rreçebe açaz de rreportos
quando pycando vitoria saquista
tam bem he doutrina caboca rresista
poys eles por ela da vida sam cortos.

¶ Danrriq̃ de saa a dioguo brandam sobre hũ homem q̃ disse que se pꝰ fidalguya fosse que jesu qabreu lhe deuiam de chamar o quall nome lhe ficou: & quando morreo o cõde d' portalegre ençarrousse por ele nam tendo com ele né hũu parentesco.

¶ Mandayme senhor dizer
se eja saa desençarrado
o vosso deos anojado

¶ Queu tã bem senhor estou
de loba mas nam na friso
& porem morto de rriso
por que se deos ençarrou.
fazeyme loguo saber
se he ja desençarrado
o nosso crucificado.

¶ Reposta de dioguo brandam.

¶ Antontem sahyo ha tarde
guedelha mays que ninguẽ
& nosso senhor me guarde
deste filho que qua tem.
nunca ja ouuy dizer
antes de rramos passado
ser cristo rresuscitado.

¶ Danrrique de saa.

¶ Nosse por que dios me dio
los ojos com que os vy
pues conelhos me perdy.

¶ Vy em veros my dolor
y alhe my sepultura
y vy triste my tristura
venir de mall em peor.
pues my pena es la mayor
que se vyo des que os vy
nosse para que naçy.

¶ Fernam brandam.

¶ Y los otros mys sentidos
que libres de vos naçieron
em os viendo se perdieron
y por vos son bien perdidos.
mys cuydados som creçidos
des dell dia que os vy
pues en veros me perdy.

¶ Outra sua.

¶ Non tienen culpa los ojos
mas mereçem em la verdad
pues de sus tristes enojos
fue causa tanta beldad.
com todo la çeguedad
fuera mejor para my
pues conelhos me perdy:

¶ Guaspar de fygueyroo.

¶ Naquesta pena y cuydado
que triste padesco yo
pues por vida melo dyo
dios deue ser ell culpado.
ahũ que de bien empleado
no culpo a ell ny a my
pues en veros me perdy.

¶ Culpa bien auenturada
senhora deuo llamar
ala que em os mirar
tiene my vista turbada.
que vitoria es acabada
vençido que dar assy
contento por que naçy.

¶ Affonsso pyrez.

¶ No vyo bienes el naçido
que no vio vuestra figura
syno vyo tall hermosura
todo ell guanar es perdido.
los ojos que no am vydo
lo que com ver me perdy
no vieron lo que yo vy.

De fernam brandam a hũ homé que lhe preguntou quẽ era sua dama.

¶ De tam alto mereçer
ha naçido my passion
quem lugar dell gualardon
he por bien ell padeçer

¶ Remedeo dello que sento
nollo espero ny lo pido
por quem verme assy vençido
descanssa my pensamento.
y pues me muestra rrazom
ell paguo de my querer
contentese ell coraçon
donde ell bien es padeçer

¶ Copra sua aanrriq̃ de saa que lhe mãdou preguntar que cuydado trazia.

¶ Nam se parte meu sentido
dhũa casada que vejo
nem o seu de seu marido
por onde tenho sabido
que nom pode ser comprido
meu desejo.
apartarme he cousa forte
por camanho bem lhe quero
em seguilla desespero
este mall he de tall sorte
que nam sey quem me cõforte

¶ Outra sua de louuor.
¶ Presumir de vꝰ louuar
nam mereçem meus sentidos
poys que tendes dos naçidos
os louuores escolhidos
sem nenhum ficar por dar.
& o que cuyda que sabe
nam vꝰ gabe
creamos vos simprezmente
que louuor oumana gente
nam vꝰ cabe.

¶ Pergũta sua a joam rroiz de saa indo pa alẽ a primera vez que foy.

Porq̃ soys o mais louuado
de quantos vimos naçer
manday me senhor dizer
por que fique descanssado
se leuays mayor cuydado
de morrer
se de virdes murmurado.
e se fama ou nobreza
serpaão se gentileza
qual vos toca nesta yda
e tam bem se vossa vida
nela padeçe tristeza.

¶ Reposta pelos consoantes.

¶ Sem tocar no lijonjado
pera mays me nam deter
quero loguo rresponder
que vou senhor muy armado
da lembrança do passado
que fez ser
este meu nome estimado.
tam bem temor de vileza
e de danar alyndeza
por mal assadas de vida
faz a vontade creçida
a qual sobre tudo preza
catolica forteleza

¶ Sua de fernã brandam.

¶ Se my vida sacabasse
la muerte no sintiria
com tanto que sacordasse
algũ dia
la causa que me matasse.

¶ Y que fuesse tam mortal
que ja mas sentiesse gloria
tomaria por vitoria
la lembrança de my mal.
y que nunca descanssasse
nel inferno alma mya
se despues vº acordasse
beueria
a huũ que muerto me falhasse.

¶ Cãtigua sua partindo se dõde estaua sua molher pera preto.

¶ Poys q̃ tal dor me cõquista
sendo tam pouco apartado
que farey delesperado
muytos dias alonguado
senhora de vossa vista

¶ Muy mal se pode soffrer
poys a tristeza duũ dia
doy muyto mays a meu ver
do que podem dar prazer
muytos outros dalegria.
assy q̃ poys me conquista
este mal tanto dobrado
que farey desesperado
muytos dias alonguado
senhora de vossa vista

¶ Preguũta sua anrriq̃ de saa.

¶ Vos que naçistes por dardes cuydado
a grandes poetas y mas oradores
a vos que vº cabem deuinos loores
y delos vmanos lo mas soblimado.
A vos delos ombres huũ solo dechado
donde sacamos lo bueno lauor
a vos que los grandes vº tem por mayor
y todos los otros vos syruym degrado

¶ Pregunto qual es aquelha volante
do naçem escritos sem ter curruçam
y jera los todos em solo hũ estante
y sem se juntar com su semejante
formam sus vidas em su perfiçiom.
Delha no tiue ja mas criaçam
loguo los dera em serem naçidos
y aze daquestos em partes sus nydos
sym terem da madre nengũ afeçiom

¶ Reposta pelos conssoantes.

¶ Aqueste sobyr me degrado em grado
em que me possistes com tantos onores
teniendo vos todos aquestos primores
quedays em la filha muy mas erxalçado

Querer vos loar no siendo loado
como merece el vuestro primor
delos poetas soyo el menor
y vos conocido por mas acabado

¶ Es enojosa a todo trinchante
esta vuestra aue com mucha rrezom
e tam bem los yjos por su consonante
pera mantenelhos no es abastante
mas criamse em carnes agenas sym pam.
Esta es la materia de su formaçam
donde de chiquos se azem crecidos
es esta la mosqua segũ mys sentidos
madre de muchos que mosquas no sam.

¶ De fernão brãdam ao senhor bpo do porto pera se lançar da cidade hũ homẽ pecador.

¶ Eu seguro a nouidade
e o mays questa perdido
se lançardes da cidade
o que fora foy nacido
porque ds seja seruido.
e poys soeẽs nosso pastor
das ouelhas curador
esta seja castigada
por nom ser contaminada
amanada
por vossa culpa senhor

¶ Pregunta sua anrrique de saa quãdo erdou.

¶ Poys que ds vos tem curado
da necessarea doença
pregunto coma priuado
pela noua defferença
se he este mor cuydado
se ho outro ja passado.
E poys diguo da trindade
por saber bem a verdade
sem me disso rrepender
assy sayba da vontade
que soyes antes ter
se amor e nouidade.

¶ Reposta danrrique de saa polos consoantes.

¶ Syntome mays descuydado
com esta noua sentença
que ds tynha dilatado
sem se lembrar da pendença
que tynha perto e forçado
com quem me tynhem prestado.
e poys me deu liberdade
farlhya gram rroyndade
deme mays em grandecer
tam bem quer syso e ydade
o meu sempre vosso ser
nam no mouer vaydade

¶ Vilançete seu de fernão brandã.

¶ No puedo triste penssar
rremedeo para la vida
que no sea mas perdida

¶ Y con este penssamiento
mil rremedeos he buscado
y nenguno he falhado
que descansse my tormento
y por mas me lastimar
penssando cobrar la vida
antam la veo perdida.

¶ Cantigua sua.

¶ Nesta vida huũ soo dia
nam se viue sem marteyro
nem hay prazer ynteyro
que descansse a fantesia

¶ Mas a condiçam he tal
em quanto nela viuemos
que nam quer que descanssemos
e com lagrimas tomemos
o seu bem e o seu mal.
E por tanto nenhuũ dia
ate ver o derradeyro
nam veres prazer inteyro
que descansse a fantesia

¶ Pregunta sua gecral.

¶ A todolos trouadores
jentys homẽs namorados
mançebos velhos casados
poetas ⁊ oradores.
por merçe que me rrespondã
aa pregũnta qua quy diguo
⁊ se mal trago comigno
este bem nom mo escondam

¶ Desejo muyto saber
dos q̃ sabẽ sem mays grosa
as feyçoes que ha de ter
a dama pera fermosa.
⁊ seja com condiçam
que nam toquẽ na feyçam
duũa soo que foy naçida
⁊ escolhida
antre as filhas de syom

¶ Porque nesta nunca toca
sentido pera entendela
ytem mays nenhũa boca
nam mereçe falar nela.
Mas das outras ca meu ver
vemos todas enganosas
saybamos o quam de ter
pera fermosas.

¶ Hũas trouas a este
vilãçete castelhão suas.

¶ Para my triste naçieram
cuydados desauentura
para my naçio tristura

¶ Y las penas quantas son
nesta vida yo las siento
por que naçe my passion
de muy alto penssamiento.
naçieram triste sem cuento
cuydados desauentura
para my naçio tristura

¶ Del rremedeo desespero
y de toda esperança
que pues muerte no salcança
no pido nada ny quyero.
syno la ſee com que muero
me queda por my ventura
para ter mayor tristura

¶ Ajuda danrrique
de saa.

¶ No me pongas en oluido
tu muerte que tantos matas
sy conelhos nã me catas
catame pues telo pido.
tiraras de my sentido
la que de my no tiene cura
pera my naçio tristura

¶ De dioguo brandã.

¶ Naçeram quando naçy
comiguo sempre creçeram
yo triste padeçy
mas que quãtos padeçieram.
el mas mal que menzeram
es que seram de mas dura
mys dias por mas tristura

¶ De guaspar de figueyro.

¶ Toda cousa de payxam
em que nam ha esperança
tenho ja como derança
seitada no coraçam.
de juro nojos ma dam
cuydados desauentura
pera my naçeo tristura.

¶ Affonsso pyres.

¶ Ninguno delos penados
ny los que am de penar
podem sus penas lhegar
a el mal de mys cuydados.
para my som concertados
dolores desauentura
la vida me daa tristura

¶ De fernã brãdã a hũ
homem que disse que se
per fidalguo fosse que
jhũ xpo o chamaryam
⁊ este tomou hũa sysa
da carne na maya ter/
mo do porto.

¶ Do gram milagre destano
todo coraçam del maya
em saber co ds vmano
rrendeyro por nosso dano
quys tomar carne na maya.
por mays espanto mostrar
este xpo ds eterno
ordenou que do ynferno
por os mays atormentar
o viessem caa ajudar

¶ De fernã brandam a
anrrique de saa pergũ/
tando lhe por seu filho
joam rroiz de saa q̃ veo
dalem ⁊ por sua casa.

¶ De tanto tempo passado
sem ouuyr nenhũas nouas
que me foy senhor forçado
dar descansso a meu cuydado
cõ preguntas nestas trouas.
⁊ por mays satisfazer
a meu desejo primeyro
pregunto polo erdeyro
verdadeyro
da gram terra de seuer

¶ Se faz na corte de tença
ou se torna a milijtar
se despacha algũa tença
ou com dama traz pendença
tudo compre preguntar.
se mandou pedir dinheyro
tam bem venha nesta conta
por q̃ pode andar amonta
com afronta
o seu rruço ou foveyro

¶ Item mays quero saber
se vem ca ter outram
de seu tyo dom joham
se rrequere se na mão
lhe da mays que o comer,
ytem se foy comeydo
pera que tome parçeyra
ou se traz em seu sentido,
a sua dama primeyra
poys que dessa foy vençido

¶ Apos estas quero mays
da senhora principal
⁊ da vida que lhe days
⁊ a vossa qual tomays
poys nom he a deuinal.
da vossa filha primeyra
⁊ da segunda
da madrasta em que se funda
venha noua muy inteyra
⁊ de rrobres ⁊ da feyra

¶ Fym.

¶ Fyquo sem nenhũ cuydado
de saber nenhũa cousa
do presente nem passado
nem pregunto por priuado
nem quero saber du pousa.
viuo sem muyta fadigua
nesta fazenda pequena
da molher nẽhũa pena
por que ds assy ordena
se nam da sua barrigua.

¶ Reposta danrrique de saa.

¶ Som ja tam desauezado
disto tal que me mandays
qua mester dcs doje mays
nom me dardes tal cuydado.
por aguora foy forçado
por fazer vosso mãdado
de fazelo
mas se forem contrapelo
compre de ser descalado

¶ E as nouas que primeyro
queres do canoa fanchono
mil vezes leua dinheyro
mas nunca do mealheyro
de seu dono.
que por nom ser em çetado
annuerca
se algũa cousa merca
he demprestado

¶ Nom quer ca vyr nouerã
que tem obras nũ caderno
pera solfar estinuerno
com seu tyo dom joham.
⁊ ja crer de moucaram
em bebecado:
se lhe nom metem cruzado
na sua mão.

¶ A freyra por bom caram
que farte tem de marteyro
⁊ de muyta deuaçam
se lhe falam no moesteyro
vem lhe dor de coraçam.
por trouas ⁊ rrepulhõs
rreza matynas
⁊ todas suas em dinas
deuações

¶ Do nome que nomeays
que ninguem telo deseja
faz mil fundamentos tays
quays nunca consiguo veja
Mas aquele que castigua
o mal feyto
castigara com direyto
quẽ faz brigua

¶ Robres anda na rribeyra
coas mãos negoçeado
mete freyra ⁊ tyra freyra
coma dado.
esso mõte nom sentyr
a poesya
preguntaymo outro dya
pera rijr.

¶ Das filhas nõ tenho nouas
mas em que muytas teuesse
nom creays que volas desse
por nõm mobrigar a trouas
em que fazelas soubesse.
a senhora que me tem
esta bem grossa
mais a seruiço da vossa
que ninguem.

De joam rroiz de saa decrarando alguũs escudos darmas dalgũas lynhajeẽs de portuguall que sabya donde vynham.

¶ Por se leuantar a gloria
das linhajes muy honrradas
que per obras muy louuadas
de sy leixaram memorea
a quẽ lhes syguas peguadas.
Suas armas deuisando
algũas hyrey lembrando
donde lha nobreza vem
por que faça quem a tem
pola soster bem obrando.

¶ E dirrey primeyramente
das altas quinas rreaes
mandadas per ds as quaes
jaa conheçe tanta gente
por senhoras naturaes.
que deçeyta atee os chijs
no mar rroxo ⁊ abarijs
yndia malaqua armũz
com a espera ⁊ com a cruz
durarão tee fym dos siis

¶ Elrrey.

¶ As dadas por mão; duinas
a rrey mays que terreal
armas são de portugual
sobre prata cinquo quynas
cos dinheiros por synal.
Cujos rreis que jaa passarão
com vitoryas as pintarão
per affrica em grão tropel
⁊ el rrey dom Manuel
onde os rromãos nõ chegarão

¶ O principe.

¶ Estas de tanto prymor
cõ rrisco branco luzente
do muy alto ⁊ excelente
princepe nosso senhor
são sem outro deferente.
em esperança criado
pera como no rreynado
em vertudes ⁊ poder
el rrey seu pay soceder
pera ser rrey acabado

¶ O duque.

¶ A quem fende huũ labeo
de dous escudos rreaes
sem outros nẽhũs synaes
que nom chegue de voleo
atees quynas deuynaes.
Sobrinho de seu senhor
he de muyto moor primor
do que meu louuor alcança
senhor duq̃ de bargança
o que tomou a zamor

¶ O mestre.

¶ Huũ labeo atraues fende
por ser synal este tal
que por rrezão natural
com rrezã se lhe defende
o propio escudo rreal.
do senhor a quem são dados
hũ duquado ⁊ dous mestrados
com outra tanta rrezão
fylho del rrey dom joham
por nom dizer mays estados

¶ O marques.

¶ Quynas castella ⁊ lyão
⁊ ho dourado paves
escaques cõ estas tres
lobos barras darragão
espada traz o marques.
Marques de villa rreal
de castella ⁊ portugual
tres neto dos rreys passados
danteçessores louuados
⁊ elle por sayr tal.

¶ Casa de bragança.

¶ Sobraspa fazem mostrãça
as quynas doutra feyçam
cruzes coelas estam
armas sam dos de bragança
que vem del rrey dom joam.
Debayxo destas sentendem
tres titolos que dependem
de sangue tam poderoso
myra tentugal vymyoso
que todos juntos comprendẽ.

¶ Noronhas.

¶ Sẽ temor ⁊ sem vergonha
onde quer que elles estem
azuis ⁊ de prata tem
escaques os de noronha
douro ⁊ veyrados tã bem:
Noronhas são da mõtanha
⁊ nõ doutra terra estranha
donde a terra tomada
de mouros he rrecobrada
⁊ tornada aa fee espanha.

¶ Coutinhos.

As ciquo estrelas sanguinhas
em campo douro pintado
do sangue ãtiguo ⁊ hõrrado
são nobres armas coutinhas
feytas do ceo estrelado.
⁊ sabesse desta jente
que ganhou antiguamẽte
segundo a memorea alcança
a casa por sua lança
quaguora tem no presente.

¶ Castros.

¶ Os q̃ nõ soffrẽ mais lastro
de nobreza fydalguia
seys arruelas dirya
quazuis trazem os de castro
em campo dargentaria.
⁊ quem vir estes synaes
sayba que cõ estes taes
vĩdos de bizcaya hã tanto
agora tem caa mom sauto;
⁊ a villa de casquaes.

¶ Eças.

¶ Os que nũ cordão cõ noos
tem labeo darmas rreaes
⁊ os pontos trazẽ mais
dasquynas tem pora voos
jnfantes ⁊ rreys seus pais.
⁊ que andem sem estado
que jando foy o passado
rrezão nom sera quesqueça
o rreal sangue dos de ca
posto quo tempo he mudado

¶ Meneses.

¶ Tem nos dourados paveses
limpos de toda mystura
a rreal progynytura
nos senhores de meneses
dordonho rrey quynda dura.
Cuja linhajẽ rreal
que por muytas rrezoẽs val
mete dentro em sua rrede
villa rreal camtanhede
o prior do spital.

¶ Cunha.

¶ Cinquo cũhas teſtemũhas
ſobre campo douro banha
ſao de vir de terra eſtranha
o nobre ſangue dos cunhas
a ſelo mays em eſpanha.
o çerto nom ſabem donde
mays que vyrẽ quaa co cõde
dom anrrique no começo
ſantarem he de ſeu preço
teſtemunha q̃ lha vonde.

¶ Souſas.

¶ De duas armas rreaes
com quynas ⁊ cõ lyões
ſouſas fazem quarteyroẽs
por ſerem fylhos carnaes
de dous rreys por ſoçeſões.
Duũ que teue tal valor
que foy par demperador
doutro em portugual ſeu par
o prymeyro no rreynar
primeyro conquyſtador.

¶ Pereyras.

¶ A veera cruz verdadeyra
joya de noſſo teſouro
que apereçeo oo rrey mouro
per mylagre na pereyra
da vytoria çerto agouro.
Em tytolo de valya
floreçe oje eſte dia
antre a montanha ⁊ o mar
em cambra feyra ⁊ ovar
terra de ſanta maria.

¶ Vaſcom çelos.

¶ As que myl temores fazem
a quem ha de naveguar
vermelhas ondas do mar
os de vaſconçelos trazem
ſobrazul muy ſyngular.
Vaſconçelos de gaſconha
que nunca paſſou vergonha
em esforço ⁊ valentya
no tempo que floreçya
nẽ agora ha quẽ lha ponha.

¶ Melos.

¶ Nom tem lyões nẽ caſtelos
mas leys brancas arruelas
⁊ tres barras amarellas
o nobre ſangue dos melos
que ſues armas traz nelas
De o que delles ſe toma
ſer eſtrangeyros em ſoma
donde nõ ſe ſabe aſaz
ajnda que o nome faz
preſomyr vyrem de rroma.

¶ Siluas.

¶ Do metal mais eyçelente
os que trouxerem lyão
em prata ſyluas ſerão
que oje ſacha preſente
mays antygua jeração.
Foram ſeus progenitores
capetos ⁊ numitores
rreys dalua donde vyeram
os jrmãos que nõ couberão
nũ ſoo rreyno dous ſenhores.

¶ Albuquerque.

¶ As cinquo flores de lys
com quinas ẽ quarteirão
os albuquerques trarão
os que del rrey dom denys
trazem ſua geração.
⁊ por tocar tal eſtado
bem mereçe ſer honrrado
ſangue que tem tal miſtura
per tão honrrada natura
dyno de ſer nomeado.

¶ Freyres.

¶ A banda que a traues fende
ſobreſmeralda luzente
com cabeças de ſerpente
freyre dandrade comprende
de galiza deçendente.
⁊ que jaa tenha luguar
pera ſe mais nomear
⁊ nos rreynos de caſtela
os que qua tẽ bouadela
nom ſerão pera calar.

¶ Almeydas.

¶ Mas douro ſeys arruelas
em ſeus eſcudos pintados
do ſangue honrrados prados
ſempre vymos dentro nelas
⁊ outros leygos deſtados.
Dalmeyda que jaa fez cumes
deu ⁊ ajnda daa lumes
deſtado ⁊ de ſenhorio
abrantes crato ⁊ quẽ dio
vyo deſbaratar os rrumes.

¶ Anrriquez.

¶ Eſtaa mas nõ poſto ẽ alto
douro hũ caſtelo rreal
em vermelho apar do qual
fazem dous lyões hũ ſalto
ſobre o ſegundo metal.
Ainda do conde gijão
anrriquez he jeração
que com taes armas q̃ tem
dos rreys de caſtela vem
mas nõ jaa per ſoçeſſão

¶ Soares.

¶ A moor joya das devynas
em campo dargentaria
traz a nobre fydalguya
com orla das rreaes quynas
ſoarez dalberguaria.
⁊ huũ deſtes aganhou
⁊ por grão preço alcançou
quem hũa peleja braua
hũ meſtre de calatraua
prendeo ⁊ deſbaratou.

¶ Azevedo.

¶ Aguea çeleſtrial
aue que mays alto voa
ſobre eyçelente metal

da coroa jmperial
tyrada sem a coroa.
trouxeram dalalemanha
os dazeuedo a espanha
por testemunha e certeza
de sua grande nobreza
e rrezão per que se ganha.

¶ Castel branco.

¶ Onde se der cāpo franco
em nouo mas dino estado
rrompente lyão dourado
trarão os de castel branco
em campo azul assentado.
e de sua perfeyção
e quanto val com rrezão
dara muyto çerta proua
em seu conde vila noua
aquella de portymão.

¶ Recesende.

¶ Hū escudo em cāpo douro
duas cabras ajuntadas
de gotas douro malhadas
da cor que he hū negro mouro
desta mesma cor pintadas.
quem bē em nobreza entende
achara que a de rrecesende
foy grande per sua lança
ha muytos tempos em frāça
donde sacha que desçende.

¶ Moniz.

¶ Da banda que e contra o sul
e esta terra antiguamente
veyo hūa nobre jente
cō cinquo em escudo azul
estrelas douro luzente.
Polo que destes se diz
pouco diguo e pouco fyz
do que seu prymor mereçe
segundo o que se pareçe
dos feytos de eguas moniz.

¶ Febus moniz e seu filho.

¶ Ambalas armas rreaes
de chipre e jerusalem
cō armas mistura tem
de moniz mas estas taes
a hū soo deles convem.
hū soo aquem cō rrezão
chammesse de lusynhão
seu pay lho foy alcançar
por sajuntar e casar
cō tão alta geração

¶ Moura.

¶ Quem sete castelos doura
sobre vermelho açendido
he o sangue conheçydo
por tomar oos mour⁹ moura
donde troure o apelydo.
Hū dom rrolym estrangeiro
foy destes o padroeyro
de cuja fama jnda soa
na tomada de lyxboa
que nom foy o derradeiro.

¶ Lobos.

¶ Em campo de prata tal
cinquo lobos figurados
de negra tinta pintados
trazem os deste anymal
de suas armas chamados.
e destes estaa no fyto
o dyno de ser scrito
por quem lhe de seu louuor
barão daluito senhor
e villa noua daluyto.

¶ Saas.

¶ Nos esscaques celestriaes
e de prata esta mostrado
o muy nobre e muy hōrrado
e por batalhas rreaes
sangue de saa derramado.
Cō que o rromão columnes
se mesturou datraues
cada hū de grão primor
forte leal sem temor
em combates e guallees

¶ Lemos.

¶ Antiguas e nō modernas
de sangue nobre e honrrado
em escudo nom dourado
são douro cinquo cadernas
mas de vermelho pintado.
Lemos he a geração
cujas estas armas são
de gualiza antiguamēte
a portugual esta jente
veyo con justa rrezão.

¶ Cabral.

¶ De purpura çelestrial
sobre prata muy luzēte
a jeração muy valente
que delas sse diz cabral
traz sem ouro deferente.
e pera questas a ponte
escrito trazē na fronte
seu esforço e lealdade
naquella grão lyberdade
do castello de belmonte.

¶ Silueyras.

¶ Em hūu campo prateado
bandas de sanguynha cor
cūa sylua derredor
de quo escudo he çerquado
são armas de grão valor.
e em pendões e bandeyras
as podem trazer sylueyras
sylueyras de syluas vem
o nome o diz e tā bem
estorias muy verdadeyras

¶ Falcão

¶ Os q̄ mostrarē bordoēs
nū escudo de rromeyros
são muy nobres estrangeiros
dapelydo de falcões
leaes e boōs caualeyros.
co duque muy afamado
daalem crasto nomeado

rreynando el rrey dom joão
veyo mosem jaão falcão
hũ caualeiro estremado.

¶ Goyos.

¶ Sobre prata douro fyno
com as barras daragão
arminhos tão bem estão
⁊ mais hũ castelo ẽ pino
armas de dom anyão.
De dom anyão destrada
aquem primeiro foy dada
a villa de goes verdade
que a sua postridade
deixou della a nomeada.

¶ Pedrosa.

¶ Hũa aguea temorosa
de quatro pedras çercada
no meo doutra assentada
por armas dos de pedrosa
antiguamente foy dada.
Vicrao de jngraterra
cõ tenção que nũca erra
despender vida ⁊ tesouros
em ajudar contra mouros
os portugueses na guerra.

¶ Farya.

Do pee dum castelo herguido
por se nõ ver abaixado
jaz hũ corpo espedaçado
em muytas partes partydo
por nom ser dũa apartado.
Faryee que nom farya
per onde a caualaria
se perdesse erro nẽ tacha
que desta maneyra sacha
por guardar a q̃ devya.

¶ Pachecos.

¶ Em cãpo douro assentadas
caldeyras douro luzente
con cabeças de serpente
nas aas ⁊ fayxas veiradas
saão armas da antigua jente.
Pachecos de tal ventura
em soster ⁊ ter segura
sua nobreza ⁊ creçendo
quem tempo de çesar sendo
ajnda lhagora dura.

¶ Coelhos.

¶ Em campo douro hũ lyão
de muy braua a catadura
coelhos por orladura
dos coelhos se dirão
armas sem outra mistura.
Coelhos tal perfeyção
desforço ⁊ dopynyão
sostem no que começarem
que coração lhes tyrarem
nõ lhes tyra o coração.

¶ Dõ vasco da gama

¶ Aquẽ lhachou nouo mũdo
noua terra ⁊ nouo clyma
deu el rrey em grande stima
sobre as da gama en fundo
as suas armas ençyma.
⁊ em quanto dura a fama
q̃ ajnda dessy derrama
sempre hyra o nome diante
do seu primeyro almyrante
estee dom vasquo da gama

¶ Valente.

No brauo lyão rrompente
per tres luguares fayxado
se mostra bem amostrado
sangue ocques ⁊ valente
co nome muy cõçertado.
Ambos sayrão da vyde
do bom que morreo na lyde
dourique diante el rrey
de louuor segundo ley
nõ menos dyno q̃ o çyde

¶ Botos.

¶ Duas cabeças cortadas
postas em campo dourado
de mouros ⁊ ẽ coorado
duas torres assentadas
onde o feyto foy passado.
Armas que botos ganharão
saão por mouros q̃ matarão
naquelas torres em certa
quando dada nada feyta
portugueses a liurarã.

¶ Camara.

¶ Nũa torre de menajem
dous lobos querẽ trepar
em campo cor dũ pumar
q̃ são armas da lynhajem
muy dyna de nomear.
Camara he seu apelydo
em portugual muy sabido
⁊ na ylha da madeira
q̃ sua vida primeyra
destes atem rreçebido

¶ Pyna.

¶ Em cãpo vermelho estão
dous muy florydos pinheiros
⁊ em banda azul lyão
douro compente que são
nobres armas destrangeiros
De peno pyna declyna
esta linhajẽ muy dina
de grão louuor ⁊ pregão
veyo ca ter daragão
⁊ da hy vem os de pyna

¶ Brandão.

Cinquo brandões nõ em cruz
em campo vermelho jazem
⁊ co rresplandor que fazẽ
dão claryodade ⁊ dão luz
de nobreza aos que os trazẽ.
De terras ⁊ possyssoeẽs
dos caualeiros brandões

achey antygua memoria
em muy verdadeyra estoria
dantyguas jnquyryções

¶ Cotrym.

¶ Decos mais fazem tesouro
nũ escudo escaques são
onde xaques nõ darão
se nõ for em prata ou ouro
de marroques nem piao.
Coeste que luguar tome
a geração & sea some
dos cotryns rrezão seria
que mayor foy na valya
quaa moeda de seu nome.

¶ Tinha jes de grande preço
outras tão boas & taes
fycão por nom saber mays
mas quẽ seguyr meu começo
se as souber diraa quaes.
Dalgũas que nesta ydade
em valya & em bondade
são vistas per ualeçer
cõ rrezão se deue crer
que tal foy antyguydade.

¶ Fym.

¶ E nom por defeyto seu
que ee sabido que nom tem
cuyde que fycão algẽ
mas antes que polo meu
que as nom sabia bem.
por q̃ nom quys por vẽtura
dando prona mal segura
alguẽ do que seu nõ he
tyrar a outros a fee
do que vy per scritura

¶ Epistola de penelo/
pe a olyxes treladada
de latym em lyngoajẽ
per joam rroiz de saa.

¶ Argumento

Depoys da guerra acabada
& a troya feyta em brasa
com fortuna de sua yrada
foy dilarada a tornada
dulixes a sua casa.
Passando mil tempestades
de rreynos & de çidades
de molheres de varões
conheçeo as condições
custumes & calidades.

¶ E nõ perdendo esperança
penelope delle ausente
lhe manda a carta presente
acusandolha tardança
com que tanta pena sente.
estee espelho daquellas
castas donas & donzellas
de que mais greçia sa rrea
que se de tinha na tea
esperando suas vellas.

¶ Hanc tua. &c.

¶ Ulixes esta te uvia
a tua penelope
aty cuja tardança he
muyta mais da que deuia.
& non me rrespondas nada
se nã for cõ ha tornada
q̃ esperando me sostem
que se senty carta vem
minha vyda he acabada.

¶ A troya jaz destroyda
& sua destroyção
a quem deu muyta paytão
das gregas a vorreçida.
Rey priamo escassamente
coa troya & sua gente
poderiam mereçer
por elles perdidos ser
a perda que caa se sente.

Prouuera a dos cõ da braua
com gram tormenta de vento
fouertera nũ momento
pares quando nauegaua.
Poys foy causa sua armada
& ser ellena rroubada
por onde eu soo em meu leyto
com muyta pena me deyto
que causa tua tardada.

¶ Nom me queyxara de ver
fazerse me mais longuo o dia
quando meu mal q̃ creçia
coelle via creçer.
Nem querendo ser manhosa
denguanar noyte espaçosa
ella mesma menguanara
coa thea que cansara
a maão viuua & suydosa.

¶ Quãdo foy que nom temy
peryguos mays desestrados
que sam os acustumados
que muytas vezes ouuy.
Cousa hee çerto amor
de solicito temor
& desconfyança chea
que toda cousa arreçea
& sempre teme ho pior.

¶ Contraty fantesiaua
os troyanos brauos vir
deitor somente ouuyr
amarrella me tornaua.
Ou se ouuya contar
dantiloquo que escapar
nom pode sendo tã forte
era causa sua morte.
do medo seme dobrar.

¶ Ou coas armas alheas
que patrocollo vestira
por eytor morto cayra
ante as troyanas ameas.
Chorava por me temer
que podiam teu saber
tuas artes teus enganos
q̃ vsauas contra os troyanos
de ventura careçer.

¶ E quando me era contada
a morte de thlepolcino
a payxam do mal q̃ temo
se me fazia dobrada.
E fynalmente quem quer
que caa se ouuya dezer
qu : de vos outros morria
muyto mays que a neue fria
me fazia arrefecer.

¶ Mas os bem rremediou
meu casto amor com rrezão
que fycandome tu são
a troya em cinza tornou.
Jaa os capitães voltaram
os altares fumeguaram
⁊ poem os deoses da terra
barbaras presas da guerra
que laa na troya tomaram

¶ As donas agradecidas
pollas ajudas passadas
pagam as joyas dotadas
oos deoses ⁊ prometidas.
⁊ dos maridos contados
sam os negocios passados
⁊ os façanhosos feytos
dos troyanos jaa sogeitos
destroidos ⁊ queymados.

¶ Os velhos sespantam caa
⁊ as moças temerosas
das cousas muy espãtosas
que ouuẽ dos que vẽ de laa.
⁊ em quanto seus maridos
dos casos la acontecidos
contam desuairados cõtos
as molheres tẽ muy prontos
todos seus cinquo sentidos.

¶ E o comer acabado
a mesa fycando posta
cada hũ por prazer gosta
de pintar o q̃ he passado.
pinta as batalhas cãpaes
⁊ as pelejas mortaes
co campo dellas sanguinho
com poucas gotas de vinho
per rriscos ⁊ per sinaes.

¶ Simois jndo fazia
por aquy grande rrodeo
o promontorio sigueo
eesta parte aparecia.
⁊ os paços muy alçados
de priamo nomeados
aquy eesta parte estauam
tam erguydos q̃ passauam
pellas nuueẽs seus telhados.

¶ Pera ly archilles hya
sua jente ⁊ estendarte
⁊ pera que loutra parte
vlixes em companhya.
Aquy o corpo partydo
deytor arrasto trazido
q̃ viuo troya guardaua
os cauallos espantaua
⁊ ajnda era temido.

¶ Nestor de muy longos dias
aquem eu mandey daquy
teu filho saber de ty
em que luguar tescondias.
disse estas cousas que sey
as quaes eu delle tomey
que despoys que te partiste
dentro nesta casa triste
com muyto poucos falley

¶ Contou que theso ⁊ dolão
forom mortos loguo vindo
ambos hũ delles dormindo
⁊ outro por treyção.
E asy eras ousado
de mym tã pouco lembrado
tua vyda aventurar
⁊ cũ soo de noyte entrar
em hũ arrayal cercado.

¶ E atantos dares fym
duũ soo jndo acõpanhado
bem eras tu avisado
e lembrado antes de mym.
E com muyto grande medo
nõ tinha o coração quedo
mas cheo de myl abalos
atee seres cos cauallos
tornado ẽ saluo muy cedo.

¶ Mas que proueito me traz
ser a troya com seus muros
per vossos braços muy duros
derribada como jaz.
Se de meu triste sentido
todo mal entam temido
toda dor nã fez mudança
⁊ fella soo a esperança
de poder ver meu marido

¶ A troya caida he jaa
pera todas destroyda
mas pera dar triste vida
a mim soo ajnda estaa.
A qual com medo perdido
no campo jaa possuydo
dos gregos hy moradores
lauradores vencedores
lauram co guadoo vencido

¶ Jaa se pode bem segar
a ssementeira madura
donde a troya em grãd altura
se soya demostrar.
E fazsse muyto viçosa
grossa farta ⁊ auondosa
co sangue troyano a terra
dos que morreram na guerra
desestrada ⁊ trabalhosa

¶ E muytas vezes feridos
sam laurando cos arados
oos ossos meos sepultados
sobolla terra trazidos.
⁊ as paredes caydas
cõ heruas nelas nacidas
casy sam todas cubertas
todallas casas desertas
queymadas ⁊ destroidas

¶ Tu vencedor es ausente
nem posso triste saber
que causa de te deter
te detem tam longuamente.

Ou em que parte alõguada
do mundo tam deſuiada
contra myn tã cruel ſendo,
te andas alli eſcondendo
que de ty nom ſabẽ nada.

¶ Quem quer que vẽ ter aquy
nom ſe vay deſte luguar
ſem primeiro meſcuitar
muytas perguntas de ty.
⁊ aeſte com tençaom
que em algũa rregiam
te pode açertar por dita
hũa carta dou ſcrita
que te dee de minha mão.

¶ A cas de neſtor mandey
⁊ os que delaa vieram
muy vaãs nouas me trouxerã
com que mais triſte fiquey.
Mandey a eſparta tã bem
⁊ de quantos vao ⁊ vem
nom ſe ſſabe nem ſalcança
onde fazes tal tardança
ou que terra te de tem.

¶ Aguora ſey jaa que fora
pera mym mayor proueyto
ſeo muro per febo feyto
eſteuera ajnda agora.
⁊ de meu grande deſejo,
que ſempre tiue ſobejo
jaa me peſa ⁊ arrependo
pois que todas ſeu ſym vẽdo
eu triſte ſoo nom no vejo.

¶ Sonbera onde pelejauas
⁊ tam ſomente temera
o que ſeguir ſe podera
nas batalhas em q̃ andauas
E a dor que entam ſoffria,
quando coeſta viuia
nom era tam deſygual
por que menos he o mal
que ſe tem cõ companhia

¶ E ſem ſaber triſte jaa
couſa que poſſa temer
como molher ſem ſaber
tudo temo quanto hy ha.
⁊ moſtraſſe meu cuydado
hũ medo muy deluairado
de mil modos de temores
que terey em quanto fores
de mym como es alonguado.

¶ Quantos perigos no mar
⁊ na terra ſacharam
todos ey que cauſaram
voſſo ſobejo tardar.
E pode ſer que eſtrangeyro
amor vos tem priſoneyro
ſegundo vos fazeis todos
em quanteu por tãtos modos
doudamente me marteiro

¶ Per ventura lhe contays
quando com voſco eſteuer
que tendes hũa molher
que fyar ſabe ⁊ nõ mais.
Mas paaſſeu antes engano
⁊ hu mal tam deſhumano
ſe deſfaça em vento ⁊ ar
que podendo vos tornar
nõ no façays por meu dano.

¶ Ajuuo leyto deyxar
meu pay me q̃r coſtranger
⁊ de jaa nom o fazer
nom me leyxa dacuſar.
Sua força ſofrerey
nunca porem mudarey
meu querer nẽ minha fee
mas ſempre penelope
molher dulixes ſerey.

¶ Mas elle com grande dor
de min he vencido loguo
quã caſtamente lho rrogo
conſſyrando he meu amor.
luxurioſas companhas
daqueſtas terras eſtranhas
dulichia jaçinto ⁊ ſamo
os quaes eu muyto deſamo
deme auer buſcã mil manhas

¶ E ſem nẽguem lha coimar
quanto mal lhe vem fazer
conſentenlhe a ſeu prazer
dentro ẽ teus paços rreynar.
⁊ minhalma ⁊ coraçam
que tuas rriquezas ſam:
he coiſto eſpedaçado,
cada vez meu mal dobrado
minha dor minha paixam.

¶ De ſobejo rrelatar
por nom fazer dilaçáo
⁊ pyſandro ⁊ medaáo
⁊ eu rimacho contar.
E as maãos muy cobyçoſas
de polibo trabalhoſas
⁊ dantino pera mal
pois que dizer nõ me val
ſuas maldades famoſas.

¶ E em quanto torpemente
es auſente do eſtado
por teu ſãgue ⁊ mão gaihado
ſe maintem toda eſta gente.
Por deſpreço de rradcyro
melantho q̃ he hũ vaqueyro
yro que nada nam tem
cos outros contra ti vem
acreçentar meu marteyro.

Tres ſomos ſoos ſem poder
eu caſi ſem liberdade
laertes de grande ydade
thelemaco ſem ater.
One ouuera eſtourro dia
pertreiçam que ſe fazia
de me ſer caſy tomado
de todos quando eſtoruado
apilo buſcar vos hya.

¶ Os deoſes com deuaçáo
peço quindo avante os fados
meus olhos ſejam fechados
⁊ os teus por ſua maão.
⁊ jſto faz o boyeiro
⁊ minha ama ⁊ he terçeyro
neſte rrogno ajudador
o fiel guarda ⁊ paſtor
de teu gado curraleyro⁊

Antre tam grãdes jnmigos
laertes mal defender
teu rreyno pode ⁊ softer
sogeyto a tantos perigos.
A thelemaco viraa
viua melle echegarlha
aydade ⁊ valentia
que jaguora lhe compria
ajudarello tu jaa.

Nõ tenho forças cabastem
pera me rremedear
⁊ teus jmigos forçar
que de teus paços safastem.
Tu faze que venhas cedo
por me tirares do medo
com que tanta pena sento
seras porto emanso vento
em q̃ meu mal este quedo.

Hũ filho acharas aquy
que yra dos que viua muyto
a que jaa faria fruyto
ser ensinado per ty.
Tambem ẽ laerte atenta
que seu tempo sapouquenta
vẽlhe seus olhos çarrar
que pouco pode tardar
que sua morte nom senta.

Cabo.

Enquecera moça aa partida
dina de nom me leyxares
por mays cedo que tornares
macharas velha perdida.

Epistola dela o domia aprotesilao tirada do ouuidio de latim em lingoajem por joam rroiz de saa.

Argumento da epistola.

Depoys dos gregos ja ter
gente prestes ⁊ armada
dos deoses mãdan saber
que fym avia de ser
o da guerra começada.
mãdanlhe mil desenganos
de como avia dez anos
sua guerra de durar
⁊ elles nella passar
jnfyndas perdas ⁊ danos.

Co que fosse arriscado
primeiro a sayr em terra
estaua determinado
que fosse sacreficado
primeiro morto na guerra.
Pelo qual laodomia
que seu marido sabia
ser ousado caualeiro
que nam saisse primeiro
nesta carta lhe pedia.

Mittit et optat. ⁊c.

A que muyto mays queria
per sii mesma o visitar
muy triste laodomia
aprotesillao emuya
seu marido saudar.
Vieram nouas aquy
que te faz hy dilaçam
o vento quee contra ty
quando fogiste de my
esse vento honde era entam

Entam deueram, os mares
contrariar a teus rremos
⁊ pera nom me leixares
quete cansaram pesares
vsar todos seus estremos.
Entam fora proueytoso
⁊ muy honesto proueito
ser ho mar muy furioso
quem te sser ati brigoso/
amym fezera direyto.

Mays abraços emãdados
aty meu marido dera
⁊ tinha fantesiados
infindos outros rrecados
os quaes dizer te quisera.
Mas fosteme arrebatado
porquera o vento tendido
dos marinheyros chamado
delles muyto desejado
⁊ de mym avorrecido.

Dos marcantes bõ vento
maao aquem queria bem
⁊ estando muy sem tento
ma rrebatou nũ momẽto
de teus braços nõ sey quẽ.
E alingoa sem saber
liuremente vsar de dessy
jnda nom teue poder
descassamente dizer
o triste bo ora vos hy.

Acodio rryjo ⁊ muy forte
encheo as vellas danao
muy brauo vento do norte
veo tanto ⁊ de tal sorte
que ho meu protesillao.
Loguo muyto longe vy
⁊ em quanto o pude ver
tanto cuydey que viuy
⁊ os teus olhos seguy
quanto cos meus pode ser.

Desque verte nom podia
por fycar muy alonguada
o nauio em que hias via
em quanto aparecia
me tenea vista acupada./
⁊ depois que nẽ as vellas
nem aty pude alcançar
yndo mos olhos tras ellas
vaissemo lume com ellas
perdy a vista no mar.

Desquassy fiquey partida
segundo depois ouuy
coa triste despedida
como morta esmorecida
me disseram que cahy.
Que escassamente poderã
vosso pay donde jazia
minha may q̃ ambos hierã
ho espirito que me dera
tornarmo cõ agoa fria,

¶ Fezeram me seu dever
que muy escusado me hera
pesoume de nom poder
naquele tempo morrer
mesquinha como quisera.
⁊ tornandome o sentido
tam bem nas dores tornarã
que ho grande amor devido
⁊ paytam de te ver hydo
a meu coraçam causaram.

¶ Nom tenho cuydado jaa
deme mandar pentear
⁊ nenhũ gosto me daa
desque te foste de caa
com borcados marrayar.
E como molher tocada
daste de bacho trazida
quee de pampilos çercada
ando muy desatinada
jaa casy douda perdida.

¶ Vẽme aquy ver cadadia
estas donas principaes
⁊ dyzem me com perfya
vestete laodomya
de vestiduras rreaes.
Como eu trarey vestidas
lhes diguo cõ grão paixao
laãs em cremesym tẽgidas
nas batalhas muy feridas
ele andara dejliaom.

¶ Eu me pentearey
por curar de fermosuras
nouos vestidos trarey
⁊ dele canda ouuirey
cuberto darmas muy duras
Nom ey de fazer assy
mas eyme de trabalhar
quem mal me tratar amy
diguam que a rremedo aty
em quanto aguerra durar.

Pares dos teus grão perigo
fermoso em muy grãde grão
quẽ eu mil vezes mal diguo
assi sejas fraco jnmiguo
como foste hospede maao
Jnfyndo prazer me dera
que dela tauorreçeras
ou jaa quysto assy nõ era
que helena te nom quisera
por quam mal lhe pareçeras.

¶ E tu que tanto desejas
menelao ser vençedor
ey medo triste q̃ sejas
com perdas muyto sobejas
muy chorado vingador.
Deoses manday afastar
este agoiro desastrado
venha meu marido dar
a joue que ho tornar
suas armas jaa tornado.

¶ Mas quantas vezes me vẽ
a triste guerra alembrar
hũ grande temor me tem
⁊ meu choro posso bem
com ha neue comparar.
Com neue quee derretida
de sol que sobre ela some.
xantho thenedos eyda
troya me dam triste vida
⁊ espanto soo co nome.

¶ Que nem tomara ousadia
pares dellena rroubar
se nã porque satreuia
em seu poder que sabia
que sauia desaluar.
Luzia ao longe ⁊ ao perto
douro segundo he a fama
vinha das rriquezas çerto
daquella terra cuberto
que frigia de nos se chama.

¶ Trazia grande poder
de frota ⁊ caualaria
que quẽ guerra quer fazer
estas ambas aa de ter
⁊ muyta gente ho seguia
Foste elena derribada
deo tam fermoso ver
⁊ a toda greçia ajuntada
sua gente ⁊ sua armada
medo ey delhempeçer.

¶ Temo hũ heitor nõ sey qual
que pares diz que dezia
de quem ho poder he tal
com mação de ferro mortal
que crua guerra faria.
Quẽ quer quee este heytor
se algũ bem me quereys
seme vos tendes amor
muyto vꝰ peço senhor
que seu nome arreçeeys.

¶ E depoys de vꝰ guardar
delle doutros vꝰ lembray
tam bem de vꝰ arredar
que nã ha hy de mingoar
muytos heytores cuyday:
⁊ cada vez quẽ empeleja
prigosa ouueres de ser
esta lembrança em ty seja
mandoume quẽ me deseja
cuydado della em my ter

¶ E se he determinado
dessa troya destroyr
co grego sangue espalhado
sem ser o teu derramado
ma leyxe deos ver cair.
Contra quem o desonrrou
peleje em terras ⁊ mares
menelao pois o causou
a que pares lhe rrobou
por tornar rroubar a pares:

¶ Por armas aja vitoria
de quem vençe por rrezam
bem he que cobre cõ gloria
por leyxar de sy memoria.
a molher que nom lhe dão.
Tua causa he desuiada
por ysso has de trabalhar
ser tua vida guardada
por tornares de tornada
em meu rregaço folgar.

De quãtos mil laa sam ydos
troyanos aa vossa praya
deste tyray os sentidos
de seus menbros laa feridos
por que meu sangue nõ saya:
A nenhũ homẽ conuem
e armas e ferro deseje
mais pode quẽ guerra tem
co amor tu queiras bem
toda outra gente peleje.

¶ Ja agora confessarey
que te quysera estoruar
mas a lingoa rrefrecy
comedo caa inda ey
de maao agouro tomar.
Por que quãdo tu saiste
polla porta despedido
em seu lumiar feriste
o pee de que fyquey triste
co agouro conhecido.

¶ E em ho vendo gemy
e dissi em meu coração
synal de tornar aquy
se ceieste synal que vy
e nom seja de payxão.
E agora que to diguo
he por nom seres ousado
dentrar a todo periguo
faze comedo que siguo
em vento seja tornado

¶ Dizem que por fado estaa
nom sey quẽ este ha de ser
que primeyro sairaa
na praya e este seraa
o que primeiro morrer.
Desditosa e desastrada
sera quem primeyramente
caa for viuua chamada
os deoses façam quẽ nada
te queiras mostrar valente

¶ A tua nao derradeira
seja de mil que laa vam
e ella como zorreira
faça hõdas darribeira
mais canssadas do q̃ sam.

E tam bem te lembraras
se de mim nõ te esqueceste
que oo sayr sejas de tras
por que essa terra a que vas
nom he terra em q̃ naceste.

¶ E ao tornar de laa
por te mais preses trazer
os rremos e vella daa
mostrate tam cedo caa
como teu desejo ver.
Quer seja o sol escondido
quer seja muy claro dia
sempre das a meu sentido
hũ pesar muy desmedido
que macupa a fantesya.

¶ E porem na noyte mays
por q̃ he tẽpo mays desposto
em que estas fadiguas taes
dam dores mays desyguaes
e o contrairo mais gosto.
Na cama por enguanar
trabalho ho sono enganoso
e em quanto me minguar
ho verdadeyro folguar
folguarey cõ mintiroso.

¶ Mas por que se moferece
em sonhos tua fygura
por que amarella parece
e no fallar e conhece
que he triste tua ventura.
Acordo mal acordada
e toda fantasma triste
logo he de myn adorada
esta vida atrebulada
tenho desque te partiste.

¶ Nom fyca nenhũ altar
em toda esta rregião
em que leixe da dorar
cõ encenço e misturar
lagrimas de deuação.
As quaes encima espalhadas
assy vejo rreluzir
enchamas alevantadas
como as que soẽ nas obradas
do fogo e vinho sayr.

¶ Quando te poderey ver
quando teuerey tornado
e em meus braços jazer
que me veja rrebolver
com prazer tam acabado.
Quando sera juntamẽte
que eu cõtigo nũa cama
ouuyrey de ty presente
teu esforço que se sente
laa e caa sabe per fama.

¶ E em quanto te seruytar
cousas cõ que folgarey
com outras de mais folguar
co tal tempo soy de dar
mil vezes te estoruarey.
Co as quaes muy sem afrõta
por quã doces ham de ser
le fara muyto mais pronta
pera contar ho que conta
a lingoa com mays prazer

Mas quãdo me torna o vẽto
ho mar e troya alembrãça
cõ temor triste que sento
que me daa grande tormẽto
perco toda esperança.
E o que me faz sentir
dobrarẽsse minhas magoas
que nom nas posso encobrir
he quererdes vos partir
cõtra vontade das agoas.

¶ Quem quereria tornar
a sua propia terra
cõtra vento e cõtra mar
e vos querello forçar
indo dela pera a guerra.
Nõ desembarga a estrada
neptuno contra a cidade
q̃ foy dele edeficada
hondis que nõ preistaes nada
tornar uos sera verdade.

¶ Hondis escuytay os ventos
atentay sua mudança
gregos olhay muy atentos
nõ sam isto aqueçimẽtos
mas misterio esta tardança.

De guerra tam trabalhoſa
que vitoria buſcays
hũa molher enganoſa
deſleal deſamoroſa
o cume das deſleays.

¶ E em quanto bem podes
tornaiuos cõ voſſa frota
pois da guerra q̃ fazes
tam baixa grolia queres
manday que tambem a rrota
Mas que preſta rrenoguar
vai tagoiro daqui fora
praza a ds que venha hũ aar
que as hondas faça abrãdar
⁊ vos leue muyto embora

¶ E inueja ey disto que diguo
aas donas que troya eſtam
de terem perto ho jmigo
⁊ ſeus maridos cõſyguo
que mortos enterraram.
E per ſy meſma trara
a nouamente caſada
a ſeu marido ⁊ dara
as armas ⁊ lhe pora
por ſua maao açelada

Dara as armas oo marido
oo marido ⁊ em lhas dando
nom ſera nyſſo metido
tam acupado ho ſentido
que lhas nom dee abraçãdo.
⁊ tal modo de comprir
cada hũ ho ſeu deuer
aſſy oohir como ao vir
muy doçe ſe ha deſentir
dambos com grande prazer.

¶ E o marido em quanto for
ſem ſe poder apartar
pedirlha cõ grande dor
meſturada com amor
que percure de tornar.
Dirlha tornayme a trazer
eſſas armas que leuais
pera as vir offereçe
a deos que vos defender
de mil perygos mortaes.

¶ E ele leuando em cuydado
os mandados que lhe der
pelejara temperado
⁊ ſera tam bem lembrado
de ſua caſa e molher.
⁊ ella lhe tirara
ho capacete ⁊ eſcudo
e tam bem deſpilos
no rregaço ho lançara
terlha cuydado de tudo.

¶ Nos triſtes ho q̃ caa temos
muytas jnçertezas ſam
⁊ quantos malles ſabemos
que podem ſer tãtos tremos
que jaa ſaconteçeram.
Em quãto contra ho jmiguo
tu pelejas com perfya
teu vulto tenho comiguo
de cera feyto aquẽ diguo
mil brandurass cada dia.

¶ Nunqua o leixo dabraçar
porque tem tamanho grao
em bem te rrepreſentar
que ſe lhe deſem falar
ſeria prothesylao.
Como ſe ca a te teueſſe
do lhalo ja mais nõ leyxo
⁊ como ſelle podeſſe
rreſponder quando quiſeſſe
em vão com elle maqueyxo

¶ Por ty ⁊ tua tornada
q̃ nõ tenho outra moor jura
⁊ pola fee confirmada
per caſamento ajuntada
com tua ⁊ minha ventura.
Polla cabeça que ſalua
te veja tornar ajnda
ajnda que venha calua
ou de caãs toda muy alua
tornando velho da vinda.

¶ Fym.

¶ Te juro ſnõ ⁊ tremo
que companheyra te ſeja
ou laconteça o q̃ temo
ou ſeja contrayro eſtremo
o que minhalma deſeja.
Neſte pequeno mandado
ſacabe eſta carta triſte
tem de mym grande cuydado
de ty muyto mays dobrado
por quẽ ty meu bem conſyſte.

¶ De johã rroiz de ſaa
ao cõde de portalegre
mandandolhe eſta epi
ſtola de dido a eneas q̃
trelladou a ſeu rroguo.

¶ Muyto manifyco conde
tome voſſa ſenhoria
eſte ſeruiço meu onde
a obra lhe nom rreſponde
como a vontade queria.
Tome todos ſobre ſſy
os erros que nelle achar
por que ſe meu atreuy
alhos pobricar aquy
foy por elle mo mãdar

¶ Defendera juntamente
o ſeu eneas comiguo
eneas de quem a gente
dos da ſylua he deſcendẽte;
como ẽ outra parte diguo.
⁊ aſſy ſeguro ſão
que o voſſo nome muro
⁊ a voſſa defenſſão
eſcudo de thelamão
pera my ſera ſeguro.

¶ Epiſtola de dido aa
eneas trelladada de la/
tym em linguajem por
joam rroiz de ſaa.

¶ Daquela noyte escapado
derradeyra dilliom
que foy por nõ ser tomado
o conselho muy bẽ dado
do triste dela oçom:
Chegou eneas trazido
com tormenta ⁊ cõ affronta
a carthaguo onde dido
o tomou por seu marido
segundo o poeta conta.

¶ E a rrainha ferida
de muyto graue cuydado
cũa chagua envelheçyda
bem dentro dalma metida
dũ amor demasyado.
Vendo como se querya
eneas dela partyr
esta carta lhescriuia
trabalhando se podia
sua partida jmpidir.

¶ Sic vbi fata. ⁊c.

¶ Assy soy jáa quando sente
o cirne seu fym cheguar
na rribeyra muy prazente
de meandro doçemente
ante da morte cantar.
Nem te falo jaa cuydando
com meus rrogos te vençer
por que bem vejo questádo
demudado em outro bando,
ysto começo ajno ver

Mas poys que tã mal perdy
a fama bem mereçyda
perder palauras assy
por leue perda assenty
a pos a dalma ⁊ da vyda.
Deme leytares ⁊ tyr
muyto çerto ante ty he
verey triste em quanto vir
o vento q̃ te seruyr
leuartas vellas ⁊ fee.

Per hũ mesmo apartamẽto
tẽs eneas ordenado
as nãos ⁊ prometimẽto
ente ventando bom vento
desatar muy apressado.
⁊ yr jtalia busquar
que nũqua viste deprouo
sento poder estoruar
o rreyno que te quys dar
cartago q̃ fiz de nouo.

¶ Do que deueras fugir
busquas ⁊ foges o feyto
terras as de descobrir
da que gainhaste partyr
te queres tã sem respeyto.
Quẽ ta leytara entrar
doulhe q̃ aches essa terra
quẽ soffrera de vaguar
suas herdades laurar
oos estrangeiros sẽ guerra.

¶ Fycate pera busquar
outro amor ⁊ outra dido
outra feẽ pera apenhar
com q̃ possas ẽ ganar
de quem nom es conheçido.
Quando taconteçeraa
q̃ faças hũa cidade
come esta q̃ feyta estaa
⁊ vejas teus pouos jaa
ẽ tanta prosperidade.

¶ Muy aleuantado estando
dũa torre muy erguyda
os vejas multipricando
quaes ves agora leytado
com tam crua despedida.
⁊ que sente tardar nada
teu deseio em tudo venha
onde pode ser achada
outra molher enganada
q̃ tamanho amor te tenha.

¶ Triste são toda quelmada
como hũa facha açendida
de muyto enxoffre çeuada
q̃ quã asynha he tocada
tam prestes he loguo ardida.
Quer seja noyte quer dia
nũqua passo sem trazer
com muyta dor em perfya
eneas na fantesya
q̃ nunqua leyxo de ver.

¶ E elle jngrato em demasya
he de quanto ouue de mym
⁊ tal q̃ melhor seria
se nõ fora tam sandia
estar sem elle atee fym:
Nom lhe quero mal porem
conheçendo seu cuydado
queyxome por q̃ me tem
bulrrada ⁊ querolhe bem
muyto mays desordenado.

¶ Perdoa venus aguora
nõ des mais pena oo sentido
amym que são tua nora
nem fyques nisto de fora
tu seu jrmão deos cupido.
Abraça teu duro jrmão
por quem triste desespero
doyte de minha paixão
mandalhe pois he rrezão
que me queyra o q̃ lhe quero

¶ Ou elle quem em primeyro
nom me despreço damar
de que justiça rrequeyro
a meu amor verdadeyro
matcrea pera durar.
⁊ com qual q̃r esperança
me de rrezão desperar,
⁊ algũa segurança
dacabar sua esquiuança
pera meu nõ acabar.

¶ Bem vejo q̃ sam bulrrada
⁊ quee jmagem fengida
a que mee rrepresentada
tarde sam triste acordada
por que he depois de perdida
Jaa vejo quee todo engano
bem se ve quee tudo vaom
bem ho vejo por meu dano
desuiado ⁊ ser humano
⁊ da may na condiçam.

¶ De montes ⁊ pedra dura
muy duro foste criado
darvore de grande altura
naçyda ẽ montanha escura
ou fero anymal gecrado.
Ou es naçido do mar
como aguora ãdẽ tormenta
onde te vejo ordenar
de quereres naveguar
com tam mao vento q̃ venta

¶ O estorvo que te dão
as fortunas nõ atentas
olhas aguoas co sobão
quã rrevolvidas estão
a proveytẽme as tormentas.
Leixame que a liberdade
que a ty quisera dever
q̃ a deva a tempestade
que mays justa na verdade
que ty se pode dezer.

¶ Nom posso tanto valer
nem sam eu de tanto preço
q̃ determines morrer
por muyto longe viver
de my que assy tavorreço.
Por preço grande sem par
exerçitas com perfya
odio pera me matar
ser morrer por me leixar
teens ẽ tão pouca vallia.

¶ Nom ta presses q̃ a bonãça
⁊ os bõs tempos virão.
⁊ o mar logo se lança
assy fezelles mudança
como elles a farão.
⁊ erco que a faras
q̃ nom pode a natureza
fazer q̃ fiquem de tras
todallas arvores maas
q̃ as vençãs endureza.

¶ As agoas se nõ soubcras
quanto mal podem causar
q̃ menos disto fizeras
das q̃ jaa viste tam feras
assy te ousas defyar.

⁊ que aguora o mar te digua
q̃ te alevantes daquy
asaz lhe fica de briguã
de temores de fadigua
ainda dentro de ssy.

¶ Etã bẽ ter mal guardada
a fee que foy prometida
a quẽ faz no mar entrada
nunqua laa proveyta nada
antes he risco da vida.
Que tal lugar de temor
deos por melhor escolheo
a ser da fee vingador
⁊ mays nas cousas damor
cuja may dele naçeo.

¶ E eu dele destroyda
nom quero velo perder
dame hũa dor sem medida
por sua causa perdida
rreçeo delhe empeçer.
E com medo o mafadiguo
de tormenta oçeçobrar
sem causa tal vyda syguo
com medo de meu jnimiguo
beber as aguoas do mar.

¶ Pera melhor tacabar
q̃ doutra nenhũa sorte
aos deoses quero rroguar
q̃ a vyda te queyrã dar
por que me causes a morte.
Faze agora fundamento
⁊ seja este agouro vão
q̃ grandes torvões ⁊ vento
no mar achasses sem tento
que cuydarias então.

¶ Loguo te acordarias
das juras q̃ quebrantaste
nem menos te esqueçerias
q̃ acabar dido seus dias
com teus enganos causaste.
Da molher triste enganada
a muyto triste figura
te sera entam mostrada
em sangue toda lavada
com muyta desaventura.

¶ Entam com medo dyras
tudo ysto mereçy
quantos coriscos veras
todos juntos cuydaras
q̃ os lançam sobre ty.
Daa hũ pouco de vaguar
aa crueza que conheço
q̃ assy te faz apressar
⁊ seguro naveguar
da tardança sera preço.

¶ Faloas em o fazer
por teu fylho ⁊ no por mym
per muyto deves de ter
poderem por ty dezer
q̃ foste meu triste fym.
Elle ⁊ os deoses q̃ trazes
nõ mereçem com rrezão
os males q̃ lhe tu fazes
ja livres das gregas azes
⁊ do foguo de sinão

¶ Mas nom os trazes cõtigo.
como jaa teme gabaste
nem menos teu pay antiguo
de nenhũ grande perigno
sobre teus ombros salvaste.
Nada disto foy verdade
nem sam eu a q̃ primeyro
de tua pouca bondade
per juros ⁊ falssidade
tenho soffrido marteyro

¶ Dizeme onde sera achada
a mãy de yulo fermoso
morreo muy desemparada
de seu marydo leyxada
cruel ⁊ despiadoso.
Estas cousas tescuytey
⁊ polla fe quẽ ty tinha
todas cry ⁊ a fyrmey.
por ysso por menos ey
a pena q̃ a culpa minha.

¶ Nenhũa cousa donido
q̄ de tuas santidades
ajnda sejas perdido
ſeete anos ha q̄ de tydo
te trazem mil tempestades.
Per muytas terras ⁊ mares
dos quays per força lançado
porto pera deſcanſſares
⁊ tuas naos conçertares
muy ſeguro te foy dado.

¶ E ajnda eſcaſſamente
ſem teu nome bẽ ſaber
no q̄ fuy pouco prudente
de meu rreyno ⁊ minha gẽte
te fuy dar todo o poder.
Aos deoſes aprouuera
q̄ ate quy me contentara
nas obras q̄ te fezera
o mays callado eſteuera
⁊ nunqua ſe di vulguara.

¶ Aquelle muy triſte dia
foy o que mays mẽpeçeo
quando achuua q̄ chuuia
⁊ tormenta q̄ fazia
nũa coua nos meteo.
Ouuy hũs gritos mortays
cuydey q̄ as niphas oyuauam
eram furias jnfernays
q̄ dauam craros ſynays
das fadas q̄ me fadauã.

¶ Vergõha tam mal tratada
tomay apagua com door
pera ſycheu de mym dada
q̄ vou dar triſte coytada
com vergonha ⁊ cõ temor.
Num oratorio meu
de marmore eſta ſagrado
com muytos rramos ſycheu
tres vezes donde ouuy eu
chamarme com ſom delgado

¶ Deſta maneira dizendo.
q̄ me lembra muyto bem
de q̄ aynda eſtou tremendo
nõ gaſtes tempo perdendo
eliſa dido mas vem.

Nem nom te detenhas nada
q̄ vyues contra vontade
nom des tamanha tardada
a morte bem empreguada
q̄ te ponha em liberdade

¶ Eis me venho a teu chamar
q̄ tua molher me vy
jaa em tempo de te honrrar
venho porem devaguar
polla honrra q̄ perdy.
Se fores hũ pouco humano
perdoaras minha culpa
q̄ quem me fez eſte engano
tem auto pera meu dano
foy q̄ per ſſy me deſculpa

¶ O pay velho q̄ trazia
a deoſa may confiança
o filho q̄ o ſeguya
me dauam q̄ nom faria
daquy nenhũa mudança.
E jaa que avia de errar
muy honeſtas cauſas tem
meu erro pera alleguar
pera mais me deſculpar
a fee me dera tam bem.

¶ Pera todo ſempre dura
ſempre eſtando dũ theor
eſtaa coſtante ⁊ ſegura
a minha triſte ventura
em ſer cada vez pior.
os altares tintos ſão
do ſangue de meu marido
en tiro ⁊ deſta treição
meu jrmão pigmalião
foy autor muy conheçido

¶ Leuaram me deſterrada
⁊ minha terra leyxey
⁊ a çinza mal queymada
de ſicheu pior guardada
q̄ muyto mays eſtimey.
Per caminho ſão trazida
muy trabalhoſo ⁊ cõtrairo
de meu jnimyguo ſeguida
de quem por ſaluar a vida
nom podia aver rrepairo.

¶ A terra eſtranha acheguey
de meu jrmão ⁊ do mar
jaa em ſaluo onde merquey
eſta praya q̄ te dey
q̄ agora queres leyxar.
Ordeney hũa çidade
larga de fermoſa viſta
de quem a proſperidade
⁊ a muyta cantidade
dos vezinhos foy mal quiſta.

¶ Começaſſe a empollar
cõtra mym muy crua guerra
ſem as portas ſe acabar
eis maparelho dar mar
molher em eſtranha terra.
A pedirme ſajuntaram
myl homẽs de caſamento
⁊ com rrezão ſaqueyxaram
por quengeitados ſacharã
por nõ ſey quẽ muy ſem tẽto

¶ Que douydas de me dar
a hiarba em ſeu poder
pois eu te fuy dar lugar
que poſſas executar
em mym todo teu querer.
Meu jrmão preſtes eſta
cuja mão deſpiadoſa
queſpargeo o ſangue jaa
de ſicheu bem folguaraa
comeu de que he deſejoſa.

¶ Leyxa os deoſes jnmortays
⁊ rreliquias a quẽ dana
tocalas tu ⁊ nõ mays
mal ſerue os celeſtriaes
a mão do cruel quẽgana.
Pois tu avias de ſer
deſpois deles eſcapar
quem os trouxe as de fazer
q̄ ſe ham darrepender
de nom ſe leixar queymar.

¶ Prenhe me leyxas aſſy
o treedoro por ventura
⁊ hũa parte de ty

se esconde dentro de my
como hũa sepultura.
e o minino coytado
q̃ mataras e nõ viste
primeyro morto q̃ nado
acrecentar sea ao fado
de sua mãy dido triste.

¶ E o jrmão inocente
de ascanio jnlo leixar
a vyda q̃ ynda nõ sente
cõ sua mãy juntamente
e dambos hũ fym dara.
Se te deos manda partyr
bem fora q̃ te tolhera
de poderes aquy vir
nom vira affrica seruyr
oos troyãos q̃ rrecolhera.

¶ E o esse teu deos porguya
nunqua te ja mays leyxãdo
tormentas em gram perfya
te trazẽ de noyte e dia
no mar teu tempo gastando.
Tanta fadigua te dar
escassamente deuera
querer aa troya tornar
q̃ apoderas achar
q̃ janda viuo eytor era

¶ O tybre q̃ vas buscar
q̃ assy me onta nouas
e que possas acabar
eessa terra dacheguar
ospede nella seraas.
Mas segundo na verdade
a terra fogir te vejo
jaa seras de grãde ydade
quando essa tua vontade
se comprir o teu desejo.

Pollo qual ser taa mays são
leyxando de rrodear
e de soffrer mais payrão
os pouos q̃ se te dão
em casamento tomar.

e a muy grande rryqueza
de meu jrmão escondida
possuila cõ certeza
com muyto firme fyrmeza
sem nenhũ rrisco da vyda

¶ A troya trespassa caa
muyto melhor estreada
do q̃ foy essa delaa
na cidade q̃ aquy estaa
dos de tiro edeficada.
E aquy neste luguar
q̃ comiguo tentreguey
o ceptro podes tomar
e as çirmonias vsar
q̃ sam deuydas a rrey.

¶ Se desejas guerrear
e se teu filho deseja
tays vitorias alcançar
de que possa triũphar
e mil triũphos seus vejas
Por q̃ nada lhe faleça
jnimiguo aquilhe darey
q̃ vença e q̃ lhobedeça
por queste luguar conheça
quẽ paz e guerra poem ley.

¶ Por teu pay as sagradas
reliquias diliaom
pollas setas namoradas
de chumbo delas douradas
do deos damor teu jrmão.
Pollos deoses cõpanheiros
de tua triste sayda
assy todos teus parçeyros
cumprã seus dias jnteyros
com descanso e paz cõprida

¶ Naquella guerra passada
tam dura tam periguosa
acabe de ser gastada
toda fortuna guardada
pera te ser trabalhosa.
Nella em q̃ tantos artigos
de morte viste sem conto
de todolos teus periguos
do mar do vẽto dimmiguos
sa cabe dencher o conto.

¶ Assy bem aventurados
ascanio cumpra seus anos
e os oossos enterrados
danchises muy rrepoulados
nunqua serã nenhũs danos.
Perdoa a casa que aty
toda se quis entreguar
q̃ pecado achas em my
se nã que me somety
de todo ponto ate amar

¶ A mym jaa nõ me criou
nem pirhia nem micenas
nem contra ty sajuntou
meu pay per onde causou
o mal q̃ aguora mordenas.
Se te corres de saber
q̃ te chamam meu marido
ospeda podes dizer
q̃ sam que porria ser
tudo soffrera ser dido.

¶ Eu conheço muyto bem
da costa daffrica o mar
quantas jnçertezas tem
onde nom pode ninguẽ
sem periguo naveguar.
Veras ventar muy bom vẽto
fartaas aauella portir
mas compre destar atento
se te daa consentimento
a mare e pera sayr

¶ Mandame tu atentar
pollo tempo e tua yda
tardara e a teu pesar
te farey delamarrar
se vyr tempo de partida.
Tua frota espedaçada
q̃ o mar ha mester mãsso
por nom ser bem rrepairada
os companheiros darmada
pedem q̃ lhes des descanso.

¶ Por algũ mereçimento
e se ajnda em my mais haa
polla esperança com tento

que tiue de casamento
algũ espaço me daa.
Tempo te peeço ⁊ nõ al
ẽ quanto a vida me dura
em que sopoꝛtar meu mal
pera my tam desygual
mensyne minha ventura.

¶ Em quanto o mar abrãdar
⁊ co tempo meu amoꝛ
trabalho poꝛ mensynar
foꝛtemente assopoꝛtar
qual quer muyto grãde doꝛ.
Se nã com muyta firmeza
faço conta dacabar
vyda de tanta tristeza
nom pode tua crueza
contra mym muyto durar.

¶ O se me podesses ver
q̃ jando esta carta faço
ver mayas escreuer
⁊ tua espada jazer
lançada no meu rregaço.
E per meu rrosto sayr,
lagrimas sem nenhũ medo
na aguda espada cayr
q̃ meu sangue ha de tengir
em voz delas muyto cedo

¶ Tua dadiua a meu fado
como lhe veo tam justa
meu saymento coytado
bem he de ty acabado
com muyto pequena custa
Que ferro ferio meu peyto
nom he a pꝛimeyra vez
esta que poꝛ teu rrespeyto
amoꝛ brauo com despeyto
jaa outra chagua lhe fez.

¶ Ana jrmã verdadeyra
da culpa de minha fym
sabedoꝛ ⁊ consselheira
faze a obꝛa derradeyra
aa cinza q̃ say de mym.
nem depoys do coꝛpo meu
ser gastado na fugueyra
digua no letreiro seu
dido molher de sycheu
mas digua desta maneyra.

¶ Fym

¶ Aqui a cinza guardada
jaz de quem poꝛ sua mão
da vyda foy apartada
eneas lhe deu a espada
para a moꝛte ⁊ a rrezão.

¶ De joam rroiz de saa a luys da silueyra poꝛ q̃ lhe vyo mãdar dalmeyrym a lixboa poꝛ muyta manteygua ⁊ vyra lhe leuar muyta quando se fora tendo hũ cozinheiro q̃ se chamaua mestre pedꝛo.

¶ O q̃ disse a maãy de veygua ey medo que vos dyguays segundo o que caa mandays que vº leuem de manteygua.

¶ E sabeys o que sse diz
a quem o quer escuytar
que mestre pedꝛo em gastar
⁊ em fazer amarguarj
fez de vos enperatriz.
se nõ trazeys muyto meygua
a senhoꝛa com que andais
poys nela vº nam foꝛrays
nom gasteys vossa mãteygua

¶ Reposta de luys da sylueyra polos consoantes.

¶ Vos vireis qua de taleygua
⁊ dazaguaya ⁊ no mays
⁊ veremos se trouays
outra ora mays pola leygua.

¶ Vos nam podeys ser juyz
em feyto despercdiçar
⁊ podeys em al falar
poys gastar ⁊ pelear
nam fyzestes como eu fiz.
Vyreys doossos em taleygua
vossos duzentos rreaes
atrauessareis a veygua
com gram banda de zoꝛzais
⁊ hyreys ter dos pinhais.

¶ Trouas que mãdou joã rroiz d saa a señoꝛa dona joana manuel ⁊ rreposta destes motos q̃ lhe mãdaram a ella hũs señoꝛes de castella que nos motos vão no meados.

¶ Ajnda contrem tenhaes
q̃ cuydeys q̃ mais vº quer
ao tempo do mester
jaa vedes bem quem achaes.
Seruirnos nõ me tolhaes
⁊ poꝛ esta liberdade
eu solto a vossa vontade
as merçes a quem as daes

¶ E posto quasi mil anos
q̃ nom chego a vº olhar
nõ creais q̃ ham dacabar
sem a vyda meus enganos.
Vym saber q̃ castelhanos
vº ousarã descreuer
⁊ eu quys lhes rresponder
poꝛ q̃ fiquem mais ousanº.

¶ Ps mester q̃ lha iais medo
poꝛ que sam do penjam
q̃ vº tomaram a mão
sem lhe vos dardes o dedo
Nem me compꝛe destar q̃do
poꝛ q̃ mais mal nõ aguarde.
q̃ despois saqueita tarde
quem se nõ pꝛoue de cedo

¶Quem tem vossa openiam
senhora fauoreçe
que muyto mayor merçe
vᵒ mereçe esta tençam.
E julguarme sem paixão
poys pera mays nom naçy
de quanto vᵒ mereçy
tomarey por gualardão.

¶Moto do condesta-
bre de castella.

¶Pues nõ se alla ẽ castilla
el rremedio de my mal
venga ya de portugual.

¶Troua a tenção de-
ste moto.

¶Per ventura com mudãça
como mil vezes se ordena
prazer se troca por pena
ou outra mayor falcança.
⁊ porem ha esperança
que muytas vezes lhe val
por grande que seja o mal

¶Reposta ao moto.

¶Pera os males que laa
teraa vossa senhoria
outro rremedio queria
⁊ nom o que quer de caa.
Que quem ho tem nom o daa
a nenhũ seu natural
por ysso cuydoy ẽ al

¶O duq̃ de sogorbe.

Em la tierra q̃ estaa el myo
ya se çierto
que nunca se ha descubierto.

¶Troua a tẽção deste moto.

¶Por que logo ao sentir
de tal maneyra o achey
que por rremedio tomey
principal o encobrir.
E s algũ tempo se ouuir
saybam çerto
q̃ ho saberlle he ssoo deperto

¶Reposta a este moto.

¶A quem nesta terra o tem
he tam conheçido jaa
a causa donde vyraa
que nom sesconde a ninguẽ.
Nom desejes mal nem bem
de caa que çerto
loguo ha de ser descuberto

¶El conde de haro.

¶Ay le pido ny le quero
por ql mal que ay em my vida
es no tenella perdida.

¶Troua a este moto.

¶A quem a fortuna trata
cos males com q̃ mays corre
a morte q̃ nunca morre
he a morte q̃ mays mata.
Por q̃ ha morte que desata
o mal da vida perdida
pera mym chamo lheu vida.

¶Reposta ao moto.

¶Que rremedio nõ peçays
senhor nom desespereys
que vos ho alcançareys
se meu consselho tomays.
que sera que a quem mãdays
o moto mandes a vida
⁊ vos aueres perdida

¶Dom antonio de
valasco.

¶Yo que me pierdo por fee
deuria ser rremedeado
quel q̃ vᵒ vyo ya esta pago

¶Troua a este moto.

¶Nem a tem ẽ vos inteyra
quem pelo q̃ vio vᵒ cre
por que a fee que se ve
nom he esta a verdadeyra.
A mynha he de tal maneyra
que sam bem auenturado
se per ela sam julguado

¶Reposta ao moto.

¶Caa temos fee ⁊ obramos
toda sua ley mantemos
⁊ com todo nam podemos
alcançar que nos percamos.
que rremedio nom buscamos
nem ha hy tam confiado
que lhe venha tal cuydado.

¶El conde don hate.

Si el myo esta ẽ algũa tierra
em laa que me ha de cobrir
se tiene de descobrir.

¶Troua a este moto.

¶E quando for despedida
a vida co mal que tinha
a causa donde me vinha
em tam sera conheçida.
Saberssa se for sabida
que a minha dor rressestir
nom posso nem descobrir

¶Reposta ao moto.

¶Se vierdes ee sta nossa
onde a payxão he mays çerta
loguo ha de ser descuberta
toda dor ⁊ pena vossa.
Nom ha hy quẽ tanto possa
que nom possa destroyr
quem se nom pode encobrir

¶De dõ luys ladram.

¶A donde yre por rremedio
pues quy ẽ melo puede dar,
nom tiene cabo ny medio

¶ Troua a este moto.

¶ Ahũ mal que muyto dura
pera se lhe dar rrepayro
ha se de buscar contrayro
tam grande que lhe de cura.
A minha desauentura
hũ soo se me pode achar
⁊ este nom mo quis dar

Reposta a este moto

Que tẽhays dores muy cruas
laa vos soffre em castelha
por que caa dũa querela
se vꝰ faram senhor duas.
Que as mesmas paixões suas
a quẽ vꝰ mandays queixar
nunca quis rremedear.

¶ Aos senhores q̃ mã/
daram estes motos.

¶ Fym.

¶ Senhores minha tençaão
nom era ao começar
de pedir este perdaão
por que entáo
antes leixara derrar.
Agora depoys dachar
ẽ meus erros o que neles
nom podes dissimular
nisto maues de saluar
em serem propios aqueles
que sam pera perdonar.

¶ Troua de joã rroiz d̃
saa a dõ joã de meneses
em azamor a primeyra
vez que laa foy ho dia
q̃ pelejou cõos mourꝰ.

¶ Soube vençer anibal
mas nom vsar da vitoria
que de rroma tinha a vida
⁊ se crera mar habal
ficara sua memorea
sobre todas estendida.

Por ysso vede senhor
nom he ysto aconselhar
se nom fazeruos lembrança
que se queres azamor
nom vꝰ compre desperar
que se sigua outra mudança

¶ Outras trouas suas
aluys da silueyra sobre
o seu faetão q̃ vyo pa/
sar em hũs seus rrepo/
steyros yndo ele rreçe
ber el rrey q̃ vinha dal/
meyrim.

¶ De baixo dũa genela
em questaua oo soelheyro
vy hũa manta amarela
⁊ nela
vy senhor hũ carreteyro.
Vylhe o rrosto ⁊ feição
de muy disforme maneyra
⁊ cudey quera visão
disserãme he faetão
ho de luys da sylueyra

¶ Faetam moor ousadia
foy esta que cometestes
em passar assy de dia
do que seria
a da morte que morrestes.
Disselhysto nom fyngido/
senam por falar verdade
rrespondeo com grã sentido
d̃s sabe que vou corrido
mas nã tenho liberdade

¶ Muy grande cousa pedy
immortal sendo eu mortal
o carro que mal rregy
mas vyr aqui
ouue por muyto moor mal.
A culpa que nisso haa
tem ho senhor que vꝰ traz
rrespondy mas temos caa
quem saber o que traraa
ele soo sabe o que faz

¶ Passou ele ⁊ eu fiquey
⁊ por ele ⁊ pola cama
logo me çertesiquey
que a ley
⁊ nõ jaa nenhũa dama.
Vos tyra de vosso tento
q̃ vꝰ faz senhor mudar
quys per lamas ⁊ com vento
mais longe oo rreçebimento
que ho velho de tomar

¶ Mas por cousa tã hõrrada
⁊ de proueyto comum
pola mostrar assynada
tudo he nada
todo trabalho he nenhũ.
Tudo he bem empreguado
por muyto mays quy da seja
porem faetam coytado
mereçe de ser guardado
onde nunca mays se veja

¶ Outra sua a luys da
sylueira sobre algũas
ẽvenções que trazia.

¶ Desse vosso athalante
⁊ da claue nom errante
com sua conta vazia
se nom fosseys tã galante
eu nom sey o que diria.
⁊ por nom ser heresya,
presumir maa emuenção
de tam gentil cortesão
por sayr desta agonia
em merçe rreçeberia
dizerdes vossa tenção.

¶ Reposta sua polos
consoantes.

¶ Penssamento muy pojãte
de que nam ha semelhante
mete em minha fantesya
çem mil cousas por dauante
em no vadas cada dia.

Do que faço e que faria
nom tenho outro gualardão
se não ter muyta payxão
a qual çerto vos dyria
mas toda via
magna petis factaão.

¶ Grosa de joã rroiz de saa a este moto que hũa dama trazia.

¶ Por que esperou em my o liurarey.

¶ Grosa.

¶ Dos males q̃ dou sem fym
no gualardão que darey
sempre este moto trarey
por que esperou em mym
ho liurarey

¶ Senhora mao gualardão
days desperança e de fee
poys apagua dambas he
liberdade e ysençaão.
Ante creça sempre em mym
e assy ho tomarey
vosso mal de que jaa sey
que liberdade nem fym
nunca vola piderey

¶ Troua que mandou dom pedro dalmeida a joã rroiz de saa vyndo dazamor porque trouxe a barba feyta.

Vos jaa guardayuos de myn
e crede que vos conuem
q̃ segundo a barba vem
vos deueys de vyr porrim.
Pelo qual temos jaa prestes
contra vos hũ bom juyz
e nom jaa pelo que eu fiz
mas pola q̃ vos fezestes.

Reposta de joã rroiz de saa polos consoantes.

¶ Poys eu saão e saluo vim
com fazelo bem porem
polo julgar de ninguem
jaa nom darey hũ cotrim.
E se tal tençäo tiuestes
contra mym fazelhe chis
por que dizem a quem dis
ouuyres do que dissestes.

¶ Outra quelhe mandou dõ pedro por que trazia hũa carapuça de veludo e tyrou huũ barrete que trazia por lhe dizer dona ana deça q̃ nom lhe estaua bem.

¶ Pera contentar dona ana
ha mester ser tam agudo
que nom cuydo que a engana
nem menos dona joana
carapuça de velludo.
Quanto mays quela dezia
e nisto bem sa firmaua
toda vya
so barrete bem volaua
la hegoa mijor corria.

¶ Reposta de joã rroiz de saa polos cõsoãtes.

¶ A mym soo acho que dana
ser sandeu e ser sesudo
sempre mee menos humana
digo pola soberana
pera quem faço ysto tudo.
Pera quem nenhũa via
achey que ma proueytaua
nem porfya
com que sa caça mataua
e se mata cada dia

¶ Troua que dõ pedro dalmeida mãdou ao cõde de vila noua por q̃ lhe mandou pedir hũa cana quelhe enprestou no seraão.

¶ Nõ saibam as castelhanas
que andã em cas da rrainha
que vos lembrastes de canas
tam assinha
em tempo de louçainha.
E porem q̃ ysto assy vaa
nom vos fies na vontade
mas em joã rroiz de saa
que he homem de verdade.

¶ Reposta de joã rroiz de saa pello conde polos consoantes.

Brãdas as acha e humanas
quem com elas faz farinha
e com tachas tam liuianas
comesta minha
querem cahyr da baynha.
E por ysso nom me daa
nom ma terdes em puridade
que por mays me tem jaa laa
em penhor a liberdade.

¶ Troua d joã rroiz de saa a dom luys de meneses que estaua ẽ hũa genella cõ sua molher dõde vya sua dama.

¶ Hamaão direyta a rrezão
e de fronte a ma vontade
vos pora tal confusão
que nom sinto descrição
que escolha ahy a verdade.
mas em quanto a concrusão.
se não tyra daquestão
oulhay bem nom vos acolhão
que dizem q̃ os olhos olhão
da forca do coraçäo.

Troua d dom pedro a symão da silueira por que el rrey mãdou chamar huũ homẽ ⁊ presumyo se q era pera o casar cõ hũa dama.

Se me eu nam enganey
eu tenho sabido bem
quas falas todas del rrey
sempre ve por mal dalguem:
E poys ysto jaa se dana
pera que fiquemos soos
viua me hũa castelhana
que outra vyra por vos

Reposta de joã rroiz por elle pol⁹ cõsoãtes.

Donde u a minha tirey
quem jaa esperança nom tem
nom teme a rrey nem a ley
nem ho falar de ninguem.
Mas quẽ se nom desengana
rroncalhe a todalas moos
saa menos dona joana
ou lhe jaz pelas pios.

De dõ pedro a dõ gõçalo de castel brãco estãdo doente.

Folgay bem de ser doente
poys q tendes tal demanda
que hũa moça que aly anda
de q vos nom soys contente
vosso mal mays q vos sente.
E quem he desta seguro
⁊ ante ella tanto val
eu nom lhacho nẽhũ furo
pera se le sentir mal
se nom for do rradical.

Reposta de joã rroiz por elle pol⁹ cõsoãtes.

Quem misso fizesse vente
farmia saltar em banda
o desejo de mays branda
ser a dor que tam assente
em meu mal esta presente.
Porem por que ma venturo
a ser são do natural
por me o seu ficar mays puro
queu tenho por diurnal
folguo de me ver mortal

Troua de luys d silueira q mãdou a joã rroiz hũa noite anteȯ natal por que foy jugar com elle ⁊ leuaua hũs escudos ⁊ ganbolhe.

Eu fiquey tam magoado
que pera depoys de cea
v⁹ ey por desafyado
eu com a mão muyto chea
⁊ vos com punho çarrado.
Trazey antes hũa espada
com que me cortes dagudo
que o vosso velho escudo
que se nom passa com nada

Reposta de joã rroiz polos consoantes.

Quem estaa desesperado
nenhũa cousa arrecea
mas vos estay descanssado
queu estou hũa balea
ou muyto mais rrepousado.
E nom farey tal errada
que nom são seluo rrudo
pera jogo nom acudo
mas hirey sa conssoada.

Trouas q mandou joã rroiz a dõ pedro dalmeida por que elle ⁊ symão da sylueira lhe q riã fazer trouas a huũ chapeo azul de seda q trazia.

Do autor tornarsse rreo
sa conteçe cada vez
⁊ quem zombar do chapeo
cahyr na coua que fez
he propia cousa do çeo.
Por ysso se de auisado
em quanto estays em frãquia
nom v⁹ acolha o pecado
que pecado ha dũ soo dia
que nunca he mays perdoado

Este nom he de heresyas
nem em que os anjos cayram
mas hũ par de trouas frias
nom sacha que se rremiram
nem por vida do mexias.
E em quanto a maa tenção
nom say fora da pousada
ahy val a descriçaão
por que hũa troua mã dada
he pedra que say da maão

Mas se jaa detreminado
esta es ⁊ como tafull
nom queres ser cõsselhado
guarday de fazelo azul
questaa muy adeuinhado.
Guarday uos tã bem do vis
nom v⁹ serua em consoante
dizey cousas tam gentis
como domem tam galante
que nom ha tal em parys

E eu seguro o correr
⁊ seguro o desafio
mas quanto he oo rrespõder
sabey que jaa me caa rrio
vendo o que ha de vos desser

En isto soo que vꝰ diguo
nom quisera ser propheta
mas he hũ conselho antiguo
de platã que e homẽ poeta
nom o tomeys por inimiguo

¶ Pergunta de joam rroiz d saa a dõ miguel da sylua.

¶ Cume em q̃ sa linhagem
dos da silua mays e plua
a quem nom sacha paragem
de eloquencia τ de dourrina
ẽ latim grego τ linguagem.
Ante quem quẽ auentajem
dos outros tem com rrezão
perde tanto a presunção
que se parece saluagem
assy mesmo ou aldeaom

¶ Pois vꝰ quis a natureza
tanto esmerar em saber
τ co elle dar nobreza
pera a ninguem o esconder
nem mostrar nisso graueza.
τ brandura τ que despreza
os desprecços daltarada
τ fantesya em leuada
quando de tanta rrudeza
como a minha he pergũtada.

¶ Pergunto qual foy o mar
contr os deoses tam ousado
que nom quis fazer luguar
ao que mays alto estado
tem vendo todos lhe dar.
Que nunca se ve mudar
com ondas mare e nem vento
mas immoto τ firme estar
sẽ tam somente mostrar
nem synal de mouimento.

¶ Troua sua a hũa dama q̃ lhe deu hũ dia de rramꝰ hũa cruz d palma.

¶ Jaa mil tormentos prouey
τ os mays vos os fesestes
mas nesta cruz q̃ me destes
foy o mayor que passey.
dar tormẽto do corpo τ alma
ynda lhe nom satisfaz
hũ soo proueyto me traz
mostrar me q̃ ẽ vossa palma
sa soo vitoria τ nõ paz.

¶ De joã rroiz de saa a hũa dama que dise que sonhara q̃ elle τ outro homẽ achauã certas ; damas de noite despi/das τ comendo peras τ q̃ elle que se punha a comer peras cõ ellas.

¶ Senhora nom me tenhays
por goloso de verdade
se o nom sabeys de mays
que dos sonhos que sonhays
que sonhos som vaydade,
τ se eu peras comia
em tal lugar τ tal ora
ysso seria
por que com minha senhora
jugar peras nom queria

¶ Nom o posso porem crer
aynda que mo jureys
poys perdy jaa o comer
douuir somente dizer
como estaueys todas tres.
Que fora jaa se vꝰ vira
segundo estaueys pintada
como me das peras rrira
ou fora mentira
τ coraçam depousada
o queu caa de mym sentira.

¶ Sua a dom pedro dalmeida mãdãdolhe mostrar estas trouas por q̃ ele sabia pte da q̃la estorya mas nõ sabia q̃l era o omẽ q̃ comia as peras.

¶ Eu era o homẽ que staua
a noyte em cas da rraynha
cõ tres damas em vasquinha
τ de nenhũa apegaua.
Antes diz que ma partaua
como bucheyro do porto
nũas peras de conforto
co demo aly deparaua

¶ E porque outrora nõ vão
sonhar tal sonho comiguo
neste par dellas lhe diguo
toda minha condição.
Vão a vos co a tenção,
que vꝰ deuem de buscar
pera se desenganar
se deuem laa oyr ou não.

¶ A dom pedro dalmeida mandando lhe mo/strar a apistolaa de dido a eneas.

¶ Eu fiquo senhor corrido
porque sey que vꝰ rrires
de quam mal ẽ siney dido
a fallar o portugues.
trabalhey muy bẽ meu gyro;
trabalhey porem em vaão
sem dar boa concrusaão
porque ella era de tyro
τ bem sabeys donde vsaão

¶ Ouuidio nos seruia
de turgimão por latim
o queu menos entendia
do quella entendia a mym.
Disso pouco que souber
vꝰ podereys contentar
τ por vos podeys julguar
que nunca vꝰ vy molher
que podesseys a mãssar.

¶ Reposta de dõ pedro.

¶ Bem sey eu que o partido
de dido nunca vereys
tam alto nem tam sobido
como lho senhor fazeys.

Bem me mato bem me fyro
por ver se achor rezaão
de vos nom dar gualardão
mas porem loguo me viro
a morrer so vossa maão

¶ Ningue͂ nõ tenha ousadia
de valler hũ so cotrim
ante a vossa fantesya
quee aque dizem sem fym.
bem sengana quem quiser
contra vos bando tomar
mas aueys de perdoar
poys hys no cabo meter
mentira por graçejar

¶ Outra de joam rroiz
de saa a do pedro man/
dado lhe mostrar hu͂as
trouas que fizera.

Pois mihas obras erradas
quereys ver seraa rrezam
verdelas com condiçam
que mas ma͂deys enme͂dadas
⁊ nam senhor como vaão.
⁊ co que laa lhe farão
venham quentes com a brasa
a diserme quem tal casa
taes borraduras lhe dão.

¶ Reposta de dõ pedro
polos consoantes.

¶ A hy aa oras minguadas
nom o tomeys com paixão
queu nom vos tenho tenção
porem nestas aosadas
quisto tudo esta bem chão.
nom digo quem nem que͂ não
porem vos jazeys na vasa
poys justaeys em sella rrasa
comiguo sendo quem são

¶ Reposta de joã rroiz
de saa polos cõsoãtes.

¶ Desfechays mil badaladas
por que vꝰ nom vão a mão
⁊ eu vy outro folaão
que aas primeyras porradas
dese jou loguo o bastaão.
abaixay a presunçaão
que ne͂ vos nom soys carasa
guarday nom bute pola sa
senhor vossa openiaão.

¶ Trouas que dom pe
dro mãdou a joã rroiz
sabendo algũas cou/
sas q̃ tinha pa se vistir.

¶ Por ꝟdes q̃ são olhadas
as vossas cousas de mym
nõ façays taes caualhadas
que de sedas bem coradas
des com vosco em porim.
⁊ poys jaa errays capello
nom vades ser tam aguado
que danes rruam de sello
nem chamalote amarelo
poys q̃ jaa daneys veludo

¶ Vos nõ credes o queu diguo
tomays tudo a maa tenção
se vꝰ virdes em periguo
nom soõ loguo vosso amigo
⁊ oulhay pelo coraão.
que quem tanta cousa erra
laa no porto ma dachar
⁊ se nã quereys tal guerra
lembreuos que soys aa terra
da terra aueys de tornar

¶ Quãto faz em vꝰ danar
tude ee pera my hũ veo
se vꝰ quero desculpar
eys vos vão escorreguar
gentys em ne͂ções do ceo.
desespero de vos jaa
bem sey quisto são perfias
porque bem craro estaa
que quem malas manhas ha
nom as perde em quinze dias

¶ Ysto mestaua guardado
ynda pera meu conforto
vyr a ter de vos cuydado
que nom vades mal betado
a vꝰ perderdes no porto.
sobre mym vem este carguo
rrege vꝰ pelo meu tempre
sem auer hy mays ebarguo
⁊ senam eu vꝰ alarguo
doje pera todo sempre

¶ Reposta de joã rroiz
de saa polos cõsoãtes.

¶ Cõuersações de pousadas
sempre vem ter eeste fym
⁊ nestas trouas aosadas
pode͂ ser muy bem culpadas
as varandas dalmeyrym.
⁊ por ysto nom apelo
porq̃ bem mereço tudo
que me traguays atropelo
como seu fosse alto bello
poys nom quero ser sesudo

¶ Nõ traueys tãto comiguo
nom sejays tam zombeyrão
le͂breuos que ho boy antiguo
traz mays rrecado consiguo
poe͂ mays rrijo o pee no chão
Nõ vꝰ metays pela serra
se por chão podeys andar
sabey que quem tudo aferra
as veses com peso berra
que o faz agiolhar

¶ Quero vꝰ desenganar
queu são autor ⁊ vos rreo
em tudo o queu vou sacar
vos com enueja ⁊ pesar
quereys lançar o arpeeo.
mas sempre ẽds querera
que vꝰ mintam as estrias
porq̃ onde quer queu vaa
nunca oolho vꝰ vera
senam mil gualantarias

¶ Diueres de ser lembrado
que jaa vos eu vy no orto
de todos muy afulado
e de mym soo bem tratado
por nõ matar mouro morto.
nom creaes que assy avargo
buscay quẽ me bem cõtempre
dirnos ha senhor q̃ amarguo
muyto mays q̃ hũ esparguo
nom sey consoante asempre

¶ Trouas de joã rroiz
de saa partindo donde
ficaua hũa molher.

¶ Gram descansso leuaria
meu coraçam se sentisse
senhora queu nom deria
que depoys q̃ me partisse
vos lembrasseys algũ dia.
de mym q̃ mays nõ queria
outro bem nem gualardam
de quanta rrezam
com rrezam sey que teria
de pedir satisfaçaão

¶ Satisfaçaão do passado
tempo tam bem despendido
bem despeso bem guastado
em trazer quanto cuydado
por vos trago no sentido.
que por ser milhor seruido
nom posso seruir em al
ayndaa mal
vosso mereçer sobido
pera mym tam desigual

¶ Desigual porq̃ nom posso
sem vos serdes deseruida
dizer que sofro esta vida
senhora porq̃ são vosso
ate que seja perdida.
mas soffrer assem medida
pena que soffro em callar
faz dobrar
e ser muyto mays creçida
a dor q̃ me quer matar

¶ Matar porq̃ me conuem
nom conuem mas he forçado
partirme de vos meu bem
meu bem sempre desejado
mas que soys meu mal porẽ.
poys sabendo que nom tem
outrem poder de me dar
vida e tirar
nom ma days nem a ninguẽ
o poder de ma cabar

¶ Acabar de ver a fym
que me der mynha ventura
a ventura com que vim
onde vossa fermosura
vos deu poder contra mym.
mas bem sey que seraa assy
como cada dia brado
poys apartado
seoo mey deuer daqui
de vossa vista alonguado

¶ Fym.

¶ Alonguado de vos ver
e co este apartamento
sey q̃ compridoo ha de ser
meu desejo e meu tormento
sacabara co viuer.
mas que prestara morrer
poys na mesma morte sey
que nom leyxarey
muytas mays penas sofrer
das q̃ na vida passey

¶ Troua que mandou
luys da syluueyra a joã
rroiz vyndo com hocẽ
de de vylla noua de sã
tiago e el rrey partia o
outro dia pera evora.

¶ Nos eo senhor dõ martinho
diz q̃ vindes per paradas
pera meter a caminho
damas mal encaminhadas.
outras nouas que caa dão
nom as pode crer ninguem
que coube pello padrão
mas porem
soys tam zeloso de bem
que a vossa boa tençaão
leuaria ele aalem

¶ Reposta de joã rroiz
polos cõsoantes.

¶ Como moinho e meyrinho
sam todas suas paixoadas
pera fazer coz corrinho
mays as milhas sam baloadas.
as damas embora vão
que jaa me nõ vay nem vem
nelas prazer nem paixão
que me dem
ele nom fiquou a quem
por que minha condiçaão
jaa sabeys que primor tem

¶ A hũa molher q̃ lhe
mãdou hũ synal q̃ tra
zia no rrosto. Cãtigua
de joam roiz de saa.

¶ Nom no empregastes mal
nem creyo que sem rrezão
em meu triste coraçam
senhora vosso sinal

¶ E telo nele jaa posto
no ho faça em mym incerto
onde esta mays descuberto
do queera no vosso rrosto.
tem em mym este soo mal
nom ser jaa o quera entam
por que quãdo as cousas são
jaa nelas nom ha synal.

¶ Pregunta dãtonio ma
chado a joã rroiz de saa.

¶ Poys passa tã sem vaguar
o folguar por vossa vida
sem se poder consseruar
pergunto saa de lembrar
quado for mays sem medida
o fym que tem de leyxar.

Ou se sse deue perder
correndo desenfreado
me manday senhor dizer
por que meu fraco entender
o meyo neste cuydado
nunca me soube escolher

¶ Reposta de joã rroiz de saa pellos cõssoãtes

¶ Quem mais quiser esperar
disto com que nos conuida
este tã baixo folguar
ponha todo seu cuydar
ẽ cuydar que outra guarida
tem em que saa de saluar.
⁊ que caa neste viuer
por pouco tempo ⁊ prestado
he falso todo prazer
pelo qual compre a meu ver
lembrarsse homẽ do passado
por lembrarlhe o q̃ ha de ser

¶ Pergunta de joam rroiz de saa a luys da silueyra.

¶ A mays discreta maneira
que homem pode buscar
pera vᵒˢ louuar
senhor luys da silueyra
he errar
tam açertada barreyra.
⁊ por assy açertar
duas merçes me fareys
hũa he que me gabeys
⁊ o que ey de perguntar
a outra que menssyneys

¶ E dizeime senhor qual
corpo sem ser senssitiuo
sem fegura de animal
nem immortal nem mortal
tem porem nome de biuo.
quando sa paga saçende
esquentasse ẽ frieldade
⁊ por sua calidade
o que toda cousa offende
aele daa claridade.

¶ Grosa de joam rroiz d saa a este moto d hũa dama.

¶ Nunca tam liure me vy
nem mouve tamanho medo.

Grosa.

¶ Posto que tarde o senty
pera meu mal foy bem çedo
poys pude dizer por my
nunca tam liure me vy
nẽ mouue tamanho medo

¶ E que medo ⁊ liberdade
nom possam juntos caber
pera ma my mal fazer
tudo vem a ser verdade
quanto nom podia ser.
tudo pode ser assy
quer seja tarde quer çedo
poys pude dizer por my
nunca tam liure me vy
nem mouue tamanho medo

¶ Trouas de joã rroiz de saa a luys da silueyra que ho foy ver a sua casa ⁊ por que lhe disseram que jazia ajnda na cama nõ q̃ ho laa entrar.

¶ Eu rregime pela fama
que de vos ouço por fora
que nom quereys q̃ a senhora
vos ninguẽ veja na cama.
senom for ama
ou parteyra
ou tam fiel couilheyra
em q̃ nunca ouue sescama.

¶ Reposta sua polos consoantes.

¶ Se homẽ dos q̃ mays ama
senhor bem se nom a fora
he tal o mundo dagora
que loguo de vos brassama.
⁊ defama
de maneyra
que logo pela primeyra
se lhaa de tirar a mama

¶ Epithafio de tibulo poeta tirado por joam rroiz em linguajem.

¶ A morte muy dessygual
oo tibulo te leuou
aa vida que eternal
tu que soo foras ygual
ao que matua criou.
por que mais hy nom ouuesse
em elegias disesse
quem amores desyguaes
ou as batalhas campaes
dos rreys screuer podesse.

¶ Pergunta de diogo fernãdez ouriuez a joã rroiz de saa.

Digo al q̃ duerme despierto
sy vostro saber ynora
que contemple syendo çierto
quel dulçe fruto del puerto
nõ es menor que clara amora.
La prudençia gram senhora
ante vos senhor se omylha
⁊ nel halteza do mora
vra cumbre la desdora
ya bara de su sylha

¶ Yo rremoto ynsufficiente
sym saber especulaar
vengo ala muy clara fuente
que del mar esproçediente
do espero naueguar.

y amando nom enojar
pido vr̃o parecer
pidolo por deprender
qual se deue mas loaar
el discreto perguntar
o el polido rresponder.

¶ Reposta de joã rroiz de saa pelos cõsoãtes.

My hierro muy descubierto
vuestra gracia assy colora
que del muy seco desierto
de my saber haze hũ huerto
vuestra pluma sabidora.
y enesto superiora
de todas pueden dezilha
que templa em tal punto y ora
my saber y assy mejora
que queda a poder ssuffrilha

¶ Pues es causa tam vigẽte
vuestro rruego a me forçar
a dezir osadamente
digo que es mas de prudẽte
dar al perfeto su paar.
Que nueuamente inuentar
vn enigma a su plazer
do no se muestra saber
mas ve se em lo declarar
joseph egipto mandar
edipo nombrado ser

¶ Trouas dõ luys da silueyra a joã rroiz de saa sobre hũ seu amigo a que aconteçeo cõ hũa molher o que dizem as trouas.

¶ Este vosso monco sy
e chegando de ymprouiso
que maa ora o eu vy
tinha a eu fora de sy
e ele fela a ver syso.
nunca tal se vyo fazer
leua jaa mestre lyão
por que sem lhe por a mão
sem aabrir sem a coser
soo de fora com auer
lhe curou sua paixão

¶ Foy dele muy bem curada
jaagora dela nam cura
porem aa minha chegada
lhe sobre veyo quentura
doutra materia causada.
Se lhe vida dar queres
mandaylho vyr queu o fyo
que a quentura cõ seu frio
segure como sabeys.

¶ Reposta de joã rroiz de saa polos cõsoantes.

¶ A homem que cura assy
dõs lhe deo o paraysso
e a vos senhor e a mym
tornarmola ver aquy
e siempre co esse auiso.
Sostenha dõs tal saber
dobre tal openião
consseruelhe a presençäo
que com muyto ver e ler
nom na podera aprender
sem natural deserição.

¶ Que se nõ fora auisada
per ventura e sem ventura
pouco lhe prestara ou nada
por que foy contra natura
ser tam bem rremedeada.
esta bem a entendes
que ce de veraão nom destio
a qual seu nom tres valio
elaa tem por boas tres.

¶ De joam rroiz de saa a hũa dama q̃ lhe mandou pergũtar se trazia hũ rrecado pera ella de hũ lugar dõde vynha.

¶ Nõ tenho nenhũ rrecado
pera vos nem pera mym
senhora nem fuy nem vym
nem estou nem são passado.
Nom tenho q̃ vº dizer
cousa q̃ queirays ouuyr
nem posso de vos mays ter
que males pera sentir
e vida pera os soffrer.

¶ De joã rroiz de saa a hũ vylançete de garçia de rresende cõ a troua a baixo escrita q̃ lhe mandou porq̃ ha man dara tarde.

¶ Vilançete.

¶ Coraçäo coraçäo triste
triste coraçäo coytado
quem vº deu tanto cuydado

¶ Troua a ele.

¶ Quẽ meu cuydado tomou
quem nem cuydar me nõ deu
ynda mays acreçentou
ao mal que me causou
tyrarlhe o nome de seu.
Conssento que se ja meu
soo por que fique calado
o segredo do cuydado

¶ A garçia de rresende.

¶ Ja acabado de a ler
de caa vº vejo zombar
e dizer
tardar e a rrecadar
nom saa nesta dentender.
Porem qual vº pareçer
nom se leyxe da sentar
que muytos a podem ver
a que pode contentar.

¶ Pergũta de joã rroiz de saa a ayres telez quãdo o duque hia azamor.

¶ Calle se hũ pouco nom tanja tristão
o ds das batalhas rrepousa algũ tanto
metam as armas seu medo e espanto
aa sey ta maloita oo falso al corsarão.
As deosas sagradas no monte elicão
ysentas de vmano e diuino medo
vos mandam senhor hũ pouco estar quedo
ouuilas e darlhes em mym atenção

¶ Filhas de thespis este meu ousar
de porme no conto de quem vos sseruis
abaste saber que mo nom conssentys
mas nom mo queirays porem acoymar.
O castigo fique pera outro lugar
e seja em vez dele agora ajudado
de vos todas juntas ate ser louuado
de mym quẽ nom posso sem vos nomear

¶ Aquelle que jaa mil vezes tocando
a chitara doçe com vossa armonia
eu vy outras tantas q̃ os montes fazia
estar de seu curso seu som escuytando.
Os satiros fauuos quando avão caçando
syluanos dos montes e ninphas das agoas
que tinha paytão perder suas magoas
e quem prazer tinha vihilo mudando

¶ A honrra do nobre sangue dos vilhanas
dos siluas meneses o muyto famoso
em todalas cousas perfeyto e ditoso
se não em amores lhe hyr bem com joanas.
Das outras vertudes que são soberanas
esforço prudençia em cabo dotado
se de mays nom falo seja perdoado
e mais por louuarnos de graças humanas.

¶ Algũa esperança que rreçeberes
a minha prouera antre vossos loureyros
me dão os enxempros de mil caualeyros
nos quaes nunca a febo mars foy descortes.
O que hercoles trouxe como vos sabeys
as musas conssyguo per onde quer quia
os mõstros matando e quanto trazia
o lebre de pluto das cabeças tres

¶ Chamaua alexandre seu companheyro
aaquele das musas espelho e a rreo
que o filho immortal faz ser de pelco
por ser de seus feytos tam gram pregoeyro
Na paaz e na guerra lhe era praçeyro
nem se despreçaua de ter sey piaão
e nio em amor casy em grao de yrmaão
dengenho muy grande e narte grosseyro

¶ Poys nom bota a lança ante a faz aguda
a disciplina da philosophia
a doçe descreta gentil poesya
que os grandes spũs esforça e ajuda.
Nom o despreçe de sy nem excluda
este exerçytio vosso coração;
que mars jaa foy visto na doçe prisão
da deosa muy branda que os fortes muda

¶ A ds immortal nem mortal senhor
nunca foy posto a nenguẽ por tacha
quando seruiços mayores nom acha
seruilo com cousas de pouco valor.
Onde o coraçam he mereçedor
nom desmereça em que sa contença
a obra ser tal que pouco mereça
por que na vontade vay todo primor

¶ Busquey na fazenda com que seruerio
e nom pude achar em todela junta
nem em meu saber mays desta pergunta
que acupara pouco vossa fantesia.
Vay confiada e leua ousadia
em vossa brandura sem ter a mays tento
ajnda senhor queste atreuimento
mys loguo tyrando laa per outra via

¶ E muyto mais longe do que çerto o tenho
com outro desvyo de vos mapartays
e ysto ajnda que vos nom querays
cos rrayos que lança de sy vosso engenho.
No qual cõtemplando me çego e mẽbrenho
e por milhor meo tomo dessystir,
mas toda via me faz presumir
a condição vossa de que me sostenho

¶ A dir com vosco nesta expediçião
veloa o mestre e todaa companha
pelo mar athlantico e pelo despanha
causa de perda e de saluação

aquele coytado que muyta afliçāo
o tez proueytoso aa vida humanal
cousa a que nossa arte foy mays desygual
que a quantas no mundo produzidas sāo

¶ Jmmiguo da terra q̄ queima ⁊ consume
das nimphas das agoas q̄ faz amargosas
em paguo das muytas ⁊ muy trabalhosas
fortunas de que tem grande volume
Oo de saber ⁊ doutrina cume
que eu ynda espero de ver outro furio
dino de conssul mays que de çenturio
aquy neste escuro mostray vosso lume.

De luys da sylueira a huū preposito seu em que segue salamam no eclesiastes.

¶ Vaydaade das vaydades
⁊ tudo he vaydaade
assy paassam as vontades
co maas cousas da vontade.
Tudo sse jaa desejou
⁊ tudo ssavorreçeo
⁊ tudo se jaa ganhou
⁊ tudo se jaa perdeo.

¶ E o homē que mays tem
do trabaalho a que se daa
a geraçam vay ⁊ vem
a terra sempr assy estaa.
As cousas naquesta vida
todas sentreegam per conto
que se quaa de mor medida
tudo la tem seu desconto

¶ Nam pode ninguem dizer
que aahy ja cousa noouaa
o que foy yssaa de ser
dysto temos çerta proua.
Quem careçe do passaado
julgua pelo açidente
mas coytaados ⁊ coytaado
da quem he tudo presente

¶ Que nam lembrem os primeyros
se nam quasy por estoores
tam pouco teram memorea
de nos os mays derradeyros.
O tempo vay per compaasso
dias oras ⁊ momentos
liberal desqueçimentos
de memoreas muy escasso

¶ Eu fuy rrey em jerusalem
preçedy os dante mym
tiue beēs quis grande bem
⁊ em fym tudo ouue fym.
Fiz os meus olhos contentes
⁊ vy o tempo senhor
vy lagrimas dinoçentes
⁊ nam vy conssolador.

¶ Tiue mil deleytações
rriquezas ⁊ beēs mundanos
em tudo achey enganos
dores ⁊ tribulações.
Com trabaalho os ajuntays
com cuydaado os possuys
quando os tendes nam dormys
ou vos deyxam ou os deixays.

¶ Cuidey no meu coraçam
onde tudo hya ter
entam disse ao prazer
por que tenganas em vam.
Por erro julguey o rriso
dentro na minha vontade
assy vy passaar o ssyso
co maa grande vaydade

¶ O sesudo ⁊ o sandeu
tudo vy que tinha fym
⁊ disse entam antre mym
que me preesta o saber meu.
Ynorantes ⁊ prudentes
todos tem hūa medida
na morte nem nesta vida
nam nos vejo differentes

¶ Assy que neste presente
boōs nem maos nam se conheçem
⁊ a todos ygualmente
beēs ⁊ males acontençem.

da qui naaçem confuſoões
naaçem deſcontentamentos
perdenſſas openioões
abaixãſſos penſſamentos.

¶ O juſto o ſabedor
⁊ o mays cheo de fee
nenhũ nam ſaabe ſe hee
dino dodio ſe damor.
Quantos yſto faz perder
por qua quem a fee nam dura
encomendaſſaa ventura
⁊ deixa de mereçer

¶ As couſas ſeu tẽpo tem
⁊ per ſeus eſpaaços vam
tempo de mal ⁊ de bem
tempo de ſſy ⁊ de nam.
Tempo aa de ſemeaar
⁊ tempo aa de colher
⁊ tempo dobedeçer
⁊ tempo pera mandaar

¶ Nẽ vy fortes vençedores
nem vy juſtos beadantes
nem rricos os ſabedores
nem proues os ynorantes.
Nam aa hy mereçimentos
nem menos bõa rrezam
tempos aconteçimentos
aa nas couſas ⁊ mais nam

¶ Vy os rroins ſoterrados
⁊ o que delles deziam
⁊ vy os quando veuiam
por ſantos ſer adoraados.
E vy leuara a mentyra
os galardoẽs da verdaade
⁊ ho que ſſe daquy tyra
que tudo he vaydaade

Vy trabaalhꝰ ſem dar fruito
vy que ninguem nã rrepouſa
vy fazer pouco por muyto
⁊ muyto por pouca couſa.
Ouçioſos acupaados
vy perder dias ⁊ anos
vy enganos denganaados
que doẽ mais q̃ deſenganos

¶ Vy os proues ſem amigos
vy os rricos ſem contrayros
vy em tudo mil periguos
mil mudãças mil deſuayros.
Vy os cuydaados ſobejos
faleçerlhe ſeu cuydaado
⁊ vy oos grandes deſejos
faleçerlho deſejaado.

¶ Vy os muyto cobiçooſos
ter muy largos deſpenſſeyros
⁊ vy neiçços ouçioſos
fycarem por ſeus erdeyros.
Da a fortuna eſtes meos
oos menos mereçedores
⁊ dos trabaalhos alheos.
os faaz o tempo ſenhores

¶ Vy o mundo ſer ſogeyto
de ſenhores muy ſogeytos
⁊ vy eſtaar o dereyto
em moodos ⁊ em reſpeitos.
Vy tudo ſem liberdaade
metido em ſogeyçam
vy os lyures ſem võtade
feytos doutra condiçam

¶ Cabo.

¶ E nam vy nenhũ eſtaado
que nam foſſe deſcontente
hũs choram polo paſſado
⁊ outros polo preſente.
hũs por terem ſeus cuidados
outros por que os perderam
aſſy quos que nam naçeram
ſam os bem auenturados

¶ Cantiguas de luys da ſilueyra.

¶ Senhora poys q̃ folguays
cõ meu mal nam me mateys
por que quanto alonguays
minha vida tanto mays
voſſa vontaade fareys

¶ E olhay ſe macabardes
que nunca me mays tereys
ynda que me deſejeys
pera moutra vez mataardes.
mas ja ſey o que cuidays
⁊ de mym o conheçeys
confiays
que ſe de morto mandays
que te rne que machareys

¶ Cantigua.

¶ Tudo ſe pode perder
naada nam pode duraar
⁊ quem niſto bem cuydar
nem folguaraa com prazer
nem ſintira o peſar

¶ Se fortuna alguem cõtenta
cõ bem ou mal que lhordena
fazlho por que deſpoys ſenta
na mudança mayor pena.
Faz o mal polo fazer
faz o bem pera o tiraar
⁊ conſſente no ganhaar
polo perder

¶ Cantigua ſua.

¶ A tays nouidaades vim
queu meſmo me nã conheço
por que ja vy mal ſem fym
mas nũquo vy ſem começo

¶ E poys eſte que me veo
começo nem fym nam tem
mal eſperarey tam bem
que tenha meo.
Eſte mal ſo veo a mym
eu tam bem ſo ho mereço
os outros buſcanlhe fym
⁊ eu buſcolhe começo

¶ Cantigua de luys da ſilueyra.

¶ Senhora de me ganhar
ou de me verdes perder
algum goſto a veys de ter

¶ Quãto folguo cõ meu mal
nã volo dira ninguem
por quẽ tam farmieys al
que nam foſſe mal nem bem
Poys me nã quereis ganhar
tanto ey de mereçer
que folgueys de meu perder

¶ Cãtigua de luys da ſilueyra ſobre hũs motos de contẽtamẽtos q̃ poſerã ⁊ elle aſſinouſe no cabo delles ſẽ mais moto.

¶ Mil contẽtamentos triſtes
viram la de cada hum
mas bẽ ſey quo meu nã viſtes
por que nam tenho nẽhum.

¶ Iſto vꝰ direy ſem medo
yſto ouſarey de dizer
quee tam tarde pera o ter
como çedo.
Sayba çerto q̃ ſentiſtes
ſe me quereys ver algũ
verdeſme quãdo me viſtes
ſem nenhum.

¶ Cantigua ſua a hũa dama que lhe tyrou cõ hũa pedra.

¶ Cũa pedra me tiraaſtes
mas queyra d's qualgũ oora
as lançeys por mym ſenhora.

¶ Bẽ vꝰ vy querer tiraar
ſempre de vinho meu maal
mas quẽ podeera cuidaar
que nam ma vieys derraar
na quiſto coma no al.
Vos bem çerto me tyraaſtes
⁊ de vos meſmo ſenhora
me vingue d's algũ oora.

¶ Cantigua q̃ fez luys da ſilueyra eſtando ſua dama pera caſar.

¶ Em quanto ma vida dura
tempo vꝰ peeço nam al
em que me minha ventura
enſſy nea ſoffrer meu maal

¶ De quantas couſas perdi
a mais pequena vꝰ peço
vede ſe vola mereço
⁊ ſe nam peerqua ſaſſy.
Por que a gram deſauentura
ou ho muyto grande maal
ſe ho cuſtume o nam cura
nam no pode curaar al

¶ Cantigua ſua.
¶ Mil vezes tẽho prouaado
mas em vão o eſpremento
de furtar oo penſſamento
algũ tempo ſem cuydaado

¶ Por eſpias vã enguanos
chcos de prometimentos
nã me vaalem fingimentos
mays q̃r ho mal de milanos
que nouos contentamẽtos.
o penſſamento enganaado
enganaado penſſamento
quero te fazer yſſento
⁊ tu das myndo maagrado

Cãtigua d' luis da ſilueyra.
¶ Se vꝰ nã aa de cõtẽtar
ſe nam quẽ vꝰ mereçer
nã queria mays ſaber

¶ Niſto deſcanſſaria eu
mas ho maal q̃ daqui ſento
quo vooſſo contentamento
tardaria mais quo o meu.
Pois ſe quereys eſperaar
polo que nam pode ſer
nam queria mays ſaber

¶ Cãtiga de luys da ſilueyra:

¶ Pera quee naada em fym
ja nam poſſo quererал
por que ja o nouo mal
nam acha luguar em mym

¶ Fiz me liure fiz me yſento
ſabendo minha verdaade
fiz mil caſtellos de vento
leuaua contentamento
coma quem tinha vontade.
Mas agoora desque vim
acabar de querer aal
nunca pudo nouo mal
dar nenhũ luguar em mym.

¶ Cantigua de luys da ſilueyra porque lhe diſſeram que era caſaada ſua dama.

¶ Sempre achey pera viuer
todalas vidas perdidas
mas quando queero morrer
nunca me faleçem vidas

¶ Todalas fins eſperaaua
deſta ſo deſeſperey
todalas outras buſcaaua
⁊ eſta que nam cataaua
eſta achey
Torney agoora a viuer
acho que tenho mil vidas
por q̃ nunquaas quis perder
que as achaaſſe perdidas

¶ Cãtiga de luys da ſilueyra.

¶ Mais erra quẽ vꝰ quer bẽ
ſe volo quer deſcobrir
do que vꝰ poode ſeruir

¶ De tam nouo mereçer
ho vooſſo a quem o conheçe
que o quaas outras mereçe
ante voos lançaa perder.
deſejaado maal ⁊ bem
onde ho mayor ſeruir
he neguar ⁊ encobrir

¶ Cãtigua q̃ luys da sil ueira mãdou a hũa da/ ma p dia de janeyro.

¶ Poys se oje dã boõs ãnos senhora a toda pessoa daimamym hũ oora boa

¶ E ynda que me digays cos outros cantam os seus poys vedes q̃ choro os meus deuo de mereçer mais.
nam faalo senhora em anos mas sey que nam a pessoa que nam tenha hũ oora boa

¶ Cantigua que fez luys da silueyra ꝛ mãdou a dõ joam de meneses.

¶ Olhay bẽ q̃ grãde mingoa nã sey quẽ tem culpa nela viuẽ homẽs pola lingoa que deuẽ morrer por ela

Por cõtaar maales alheos de q̃ trazem cõta feyta toda poosta per ytens viuem sem ter outros meos ꝛ outros nam lha proueita saberem seus mesmos beẽs.
a rrezã perdessaa mingoa olham muyto mal por ela todo ho feyto he nã lingoa a obra nam curam dela

¶ Troua q̃ mandou luys da silueyra duũa armada em que foy aalgũs seus a migos que qua ficaram ꝛ andauam namoraados.

¶ Ainey benauenturados qua fortuna aparelhaada.
tendes jaa.
noꝫ outros somos chamaadᵒ dũs faados em outros faadᵒ sem saber o que seraa.
tendes muy çerta folguança nenhũ maar de nauegaar nem cousas de desejaar que dam tam longue esperãça que canso omẽ desperaar

¶ Outra esparça sua.

¶ O mal de nouo presente de tanto tempo passaado o bem benauenturaado quacabou sendo contente
O vida que ja nam sente nouydaades de ventura acorda questaas dormente
nam cuydes que te segura

¶ Cantigua q̃ fez luyꝫ da sylueira a señora do na joana de mendoça.

¶ Sentido de quẽ nã sente queyra dẽs quynda se senta descontente de contente do que mamyn nã contenta

¶ Noouos descõtentamẽtos lhe causem noouos desejos tantos arrependimentos tenha de seus penssamentos qua my pareçam sobejos.
Quynda de mym se contẽte tam descontente se senta ꝛ senta quanto nam sente do que sagoora contenta

¶ Outra de luys da sil/ ueyra.

¶ Por cousas q̃ jaa passarã ꝛ que despois nã lembraarã julgo as questã por vyr nem quero naada sentyr porquestas mescramẽtaarã

¶ O tempo daa nouidades daa mil cuydaados sobejos daa ꝛ tyra mil desejos faꝫ ꝛ desfaꝫ mil vontades as mais firmes nam durarã antes loogo se mudaram
E poys tudo aa de vir em fim a nam se sentir paassem co maas q̃ passaram

¶ De luys da silueyra a dõ nuno manuel estã do com el rrey em syn/ tra ꝛ ele em lixboa.

¶ Aimẽ tamanha cõtenda com que de qua seruerya que aa myngoa da fazenda me torney aa fantesia.
Conpro com vosco ꝛ vendo coma com senhor ꝛ amyguo mas se disse sseo quentendo mais diria do que diguo

¶ Esperança de proueyto faꝫ fingir mil amizades muy cheas de seu rrespeyto muy vazias de verdades.
O odio nam apareçe o amor anda de fora estee o mundo daguora goay de quẽ o nam conheçe

¶ Os rrostos andam afeytoꝫ a mil dessimulaçoões tudo sam moodos ꝛ geytos soo dẽs sabe os coraçoões.
Nam ha hy lingoa q̃ digua atençam de seu senhor da vontade mais ymmigua amostre ela mais amor

¶ Aas palauras dãlhe cores naturaes com falssa tinta mas oos boõs conheçedores loguo tudo se despinta.

Vinem de manhas ꝛ dartes
trazem pesos ꝛ balança
com que pesam esperança
que lhe pode vyr das partes

¶ Nã buscam amigos saãos
nem menos espirituaes
mas querem nos temporaes
temporaes ꝛ temporaãos.
Que venham loguo cõ fruito
acabados de prantar
estes prezam eles muyto
estes poẽ no seu pomar.

¶ Fym.

¶ Trazẽ per grãdes baixezas
aagoa ao seu moynho
sem olhar per que caminho
que nam curam de lympezas.
Buscam rrodeos enguanos
perdem a vida ꝛ o sono
para a trazer per seus cauos
que os nam synta seu dono

¶ Ainda de garçia de rresende aestas trouas.

¶ Tudo se vay pola via
que dizeys em vossas trouas
que nã sam para mym nouas
poys o tam çerto sabya.
Desejaua de dizer
nam ousaua começar
pollo vos fostes fazer
nam me quero mais calar.

¶ Nam dura mais a rrezam
que em quanto a obra dura
ynda que seia feytura
feyta soo por vossa maão.
Como nam tem esperança
do que de vos ham dauer
loguo perdem a lembrança
que sempre deuiam ter.

¶ Todos tyram aa barreyra
dauer fazenda ꝛ dinheyro
ser onrrado ꝛ caualeyro
nam ha ninguem q̃ o queyra.
Que tenhays manhas saber
que sejays qua boõ quiserdes
crede que se nam teuerdes
que vᵒ nã quer ninguẽ ver.

¶ Quã poucos falã verdade
ꝛ a quam poucos se cre
a quam poucos homem ve
husar rrezam nẽ bondade.
Quam poucos tem amizade
verdadeyra com ninguem
se amostram he a alguem
de que tem necessidade.

¶ Seruẽ pouco pedẽ muyto
velo eys sempre agrauar
nam ter homẽs trazer luyto
por poupar ꝛ nam guastar.
Salguem como deue guasta
querem no loguo comer
dizendo que quer fazer
mais do qua rrenda lha basta

¶ Dizem a vos de vos bem
loguo a outros de vos mal
compitem cõ quem mais tem
despreзam quem menos val
O que vᵒ ou vem dizer
vam contar doutra maneyra
todo seu feyto he fazer
como ssa jente mal queyra

¶ Fazer offereçimento
a quem quer coffiçio tem
querer mal ꝛ falar bem
disto nam diguo o que ssento
Em qual quer bem deffazer
ꝛ no mal acreçentar
amiguos proues perder
polos rricos trabalhar

¶ Fym.

¶ Presunçam sem ter saber
de dentro tantas baixezas
tantos moodos de vilezas
tantos contrayros nũ sser.
Cõ qual quer pequeno mãdo
mudam tanto a condiçam
sem olhar como nem quando
as vidas sacabaram.

Edõ luys de menezes a hũa dama q̃ seruia ꝛ vestiose huũ dia cõ huũas coartapisas de joguo denxadrez ꝛ cõ estas se desaueo.

¶ No joguo do tauoleyro
tem na dama jurdiçam
tem todo poder ynteyro
des no rrey a toopyam.
Mas sos lanços nã vã çertos
ou ssegua o entender
poode muyto bem perder
por trebelhos encubertos.

¶ Em quanto esteue queda
nunca o jogao se guanhou
mas como se la mudou
foy loguo mate na sseda.
Por que como he tocada
ꝛ dalgũ mao juguador
perde todo seu primor
perde o sser muyto preзada

¶ E quem tem disto paixam
rremedio nam poode ter
nenhũ melhor que fazer
outra dama dũ piam.
E quem tiuer a rrezam
senhora que vos sabeys
tomaraa em que lhe pes
esta mesma saluaçam.

¶ Fym.

¶ Neste jogo de sentido,
nam sse torna o guanhado
o perdido he perdido
o deuido mal paguado.
Pois quem sse quiser goardar
doje auante de perder
faça o que me vyr fazer
que nom ey mays de juguar

¶ De dom luys a hũa
dama que lhe nam rre
spondeo a huũ moto.

¶ Senhora rreposta maa
se daa a qual quer pessoa
e a mym nem maa nem boa.

¶ Vosso mal he tã oufano
he tam mao de contentar
que nam me quer enguanar
nem me quer dar desenguano
por ques dar.
Eu nam sey onde me vaa
nem mey dyr para lixboa
sem rreposta maa ou boa.

¶ De dom luys de me
neses estando doente
ẽ lixboa a dõ pedro dal
meyda ꝗ veo dalmeri.

¶ Eu nã vᵒ fuy visitar
por quey mester visitado
mas do folguar
de serdes senhor cheguado
perdey vos bem o cuydado.
Que nunca tanto folguey
com nada ha muytos dias
nem desejey
mays a vinda domerias
de que foy a vossa ley.

¶ Reposta de dom pe
dro polos consoantes.

¶ Outrora quãdo em forcar
poys vyndes tam assomado
nom queyxar
queu venho muyto picado
e muyto desenguanado.
mil cousas vᵒ contarey
delas quentes delas frias
que passey
que nõ ssam de longuas vias
mas sam das vias del rrey.

¶ De dom luys a dom
pedro porꝗ nã estaua
aynda apousentado.

Que vos nã tẽhays pousada
aquy tenho eu a mynha
mays varrida mays agoada
mays despejada
qua donzela da rraynha
rrebycada.
Se vᵒ nam veo a cama
eu durmo nũa tam boa
que mao grado a vossa dama
a da fama
muyto dina de coroa.

¶ Reposta de dõ pedro
polos consoantes.

¶ Comys dando a casadada
tam dereyto como lynha
em quem deue de ser dada
e coytada
da que cuydaua que vinha
acompanhada.
A que cuidays que me ama
ja guora me nam magoa
nem na busco nem me chama
antre scrama
por vos outros de lixboa.

¶ De dom luys a gar
çia de rresende cõ estas
trouas que lhe ele mã
dou pedir.

¶ Nam ha cousa ꝗ nam faça
senhor soo por vᵒ seruir
poys que vou dizer de praça
o que deuo dencobrir.
Poys eu nã vejo o que dou
ve de vos o ꝗ pedeys
que dom luys
per via rrou
fez o ꝗ lhe le mandou.

¶ Reposta de garçia d
rresẽde polos cosoãtes.

¶ Cousas ꝗ tem tanta graça
tam doçes para ouuyr
termya por de maa rraça
se as nam deesse emprimyr.
Eu vejo bem como vou
e vos senhor como hys
e poys eu quis
contente estou
como quem bem açertou.

E joam a fõsso
daa veyro a va
sco arnalho to
pando cõ ele nũ
camynho vyn
do de beeja.

Dõde vyndes vasco arnalho
meu senhor venho de beeja
donde leyxo tanta enueja
com ꝗ muytos tẽ trabalho.
namorado tam perdido
quee o deemo
de seus parentes temido
dos amores tam vençido
que dizer nada me temo.

¶ Dizey poys vindes de laa
como vᵒ hya damores
cusse vᵒ daua fauores
a que tal pena vᵒ daa.
Daymo o deemo ꝗ me leue
nom mal embreys
que sse çedo ou em breue
ma senhora nam escreue
lançar pedras me vereys.

¶ Eu andaua tam louçaão
& tam doçe como mel
mas muytos bebyam fel
ſe me vyam no ſeraão.
Meu capuz pardo friſado
aluaçaão
de veludo bem bordado
& meu beyço derrybado
que me daua polo chaão

Meus borzeguis de rrecramo
hũ fyno barrete pardo
ſem nunca machar couardo
com as couſas que mais amo
Meu cabelo penteado
que mataua
de cote muy anafado
hũ punhal tam bẽ dourado
que o deemo ſeſpãtaua.

¶ Meu gibam de ſeda rraſa
de muy fyno cremeſym
todos dezyam por mym
tu vaſco matala braſa.
Pelotes rroxos bandados
muyto fynos
per mil partes golpeados
com cores tam bem betados
que ſe tangiam os ſynos.

¶ Vaſco maa rrayua te mate
quaſſy andas namorado
tu es penhor eſcuſado
que ſſe vende darremate.
Poys cuydayo meu ſenhor
aſſy deos majude
que hu tenho meu penhor
por mays queyxume damor
rreçeber poſſo ſaude.

¶ Fym.

¶ Canteu nunca me vyera
ſe me laa fora tam bem
hy podera rrayuar quem
com eu bem lhe deſprouuera.
nam ſe pode mays fazer
ſenhor meu
ca muy mal contra fazer
ſe pode ſem ſe ſſaber
quem quer bem como ſandeu

¶ De joam affonſſo da veyro a lançarote de melo por parte ď dona mecia por hũa mula q̃ lhe prometeo goarneçyda para hũ caminho & nã lha mandou.

¶ Em que vꝰ poſſo paguar
a mula q̃ me mandaſtes
poys que ſey que vꝰ gabaſtes
em ma bem acabyar.
Que ſegundo acho paria
que vejo no goarnymento
muy muyto vꝰ cuſtaria
a que fez joam de faria
quando foy oo laymento.

¶ He de todas muy louuado
o ſombreyro com tabardo
por ſer preto & nam pardo
das minhas cores bordado.
Tam bem a funda da ſſela
de borcado preto rroxo
por que hey dauer mazeela
do homem que vejo coxo

Ho quanto ma mym deſcãſſa
eſtar ela oo caualguar
aſſy dizem ao ſelar
nunca vy couſa tam manſſa.
O eſtribo foy dourado
o melhor que nũca vy
de fyla grana laurado
nam nꝰ fazem tays aquy.

¶ Nunca vy melhor feyçam
de mula parda tam parda
como quer que muyto tarda
todos vꝰ iſto diram:
Tem eſtranha andadura
toda feyta per compaſſo
nam lhe mingoa ferradura
nem a vos faraa triſtura
poys que vꝰ moſtrays elcaſſo

¶ Fym.

¶ Nunca vy tam bõ cabelo
nem mula tam anafada
ſe traz abrida dourada
nam he para mym dizelo:
Poys do al que lhe diremos
que nam ſeja muy perfeyta
al dizendo mentiremos
pois ja mays nũca veremos
outra tal nem tam bem feyta

¶ De nuno pereira a lançarote de melo confortandoo por q̃ nam mandou a mula.

¶ Cunhado quanto me peſa
com eſtas donzelas tays
que nam olham a deſpeſa
ham por palhas os rreaes.
Muyto que das yo eſtrado
entam ſe vem as partidas
que tenha outrem cuydado
de mãdar mulas goarnydas

¶ Nam nas leyxeys a forar
dandarem em mula voſſa
prometer por paaçejar
o aal paſſe por hu poſſa.
Querem doçe goarnimento
mula tabardo ſonbreyro
& cuydam que çento & çento
caguaaly homem o dinheyro

¶ As donzelas buſquẽ beſtas
companhay noſſo ſenhor
nam cureys deſtas rrequeſtas
envençoões de gaſtador.
Nam façays delas eſtima
que tudo nelas perdeys
ſe nam for irmaão ou prima
nunca nunca mula deys.

¶ Muyto sabẽ de dar toques
por hum dayqua quela palha
husam muyto de rremoques
como homem bem nã bailha
Se das chapas ⁊ borcado
estribo ⁊ almofada
⁊ cuydam senhor cunhado
que nam custa jsto nada.

¶ Deos nam pode jaa coelas
tam maas sam de contentar
mylhor he nam conhecelas
por tays gastos escusar.
Seruyr moça de tanor
cunhado he meu conselho
costança ou lyanor
que contentam com espelho.

¶ Damas querẽ myl arreos
antretalhos ⁊ borcados
estribos copos ⁊ freos
esmaltados ⁊ dourados.
Querem nouas bordaduras
denuençoões entretalhadas
⁊ outras çem mil doçuras
de mulas goarnementadas.

¶ Ey jsto por vaydade
que se faz em portugual
seria mays carydade
em esmolas ou em al.
As despesas que se fazem
com estas damas myjoas
que se mulas lhe nã trazem
escarneçem das pessoas.

¶ E tralas homem na palma
⁊ elas haim mays que dizer
que gasteys o corpo ⁊ alma
nam no querem conheçer.
E essa dona meçya
que de vos mula esperaua
per ventura mal sabya
vossa bolssa como estaua.

¶ Quĩ saqueyre nã saqueyre
vosso lyso tornay a vos
quer vº tome quer vº deyxe
nam comeys do seu paão vos
Deyxayas vos graçejar
rryr de vos ⁊ dizer mal
⁊ vos hyuos acasar
como fez fernam cabral.

¶ Ayua el rrey com q̃ vyueys
vyuamos pay ⁊ parentes
⁊ das damas nam cureis
que jaa mays nã sam contẽtes;
Cos vossos despendey antes
⁊ ssellas mulas quyserem
os que fyngem de galantes
denlhas se lhas dar quiserem

¶ Cabo.

¶ E sabeys que eu dyria
aaquesta tal vossa dama
que buscasse outro faria
ou que põha os pees aa lama
Ou dizey ouuy senhora
sabeys vos como vº vay
aluguay mula maa ora
ou pedya a vosso pay.

¶ De joã affonso daa veiro em que peede ajuda para casar.

¶ Senhores quero casar
aguora se deos quyser
⁊ quem comeu bem folguar
faraa bem de majudar
cada hũ coque teuer
Por que a dama nam tem
alma corpo nem fazenda
he filha de nam sey quem
nam ha nela mal nem bem
se sse por vos nam emmenda.

¶ De dama nam de parenta
me de cada hũ sa peeça
o que dela mays contenta
por que com vossa ementa
me façays que mays nã peeça.
Jsto seja entendydo
no corpo ⁊ nam no al
por que a corpo bem fornydo
jaa lhe sabeys o marydo
deos daraa o enxoval

¶ De jorge daguyar.

¶ Descriçam sy, o saber
vejo ficar agrauados
graça gentyl pareçer
outras que nã sey dizer
por meus pecados.
Mas poys q̃r minha vẽtura
que de vos meu bem rreparta
ficando com gram tristura
dou daquessa fermosura
o vosso aar que me mata.

¶ De françisco da sylueyra

¶ Minha vida que darey
com que nam fyque culpado
ou qu: maneyra terey
poys que tudo quanto ssey
tendes em vos acabado.
Mas poys he forçado dar
por melhor agoarneçerdes
⁊ por mays acontentar
doulhe que possa tomar
de vos os meus olhos verdes

¶ Cantygua de joam affonsso daa veyro.

¶ Poys partis ⁊ me leyxais
tam triste sem gualardam
tornayme meu coraçam
senhora que me leuays.

¶ Coraçam que fostes meu
se fosseys meu algũ dya
nunca mays vº tornaria
a quem tal pesar vº deu
Mas poys vos vº contẽtays
dauer mal por gualardam
maa tem vº meu coraçam
poys vós mesmo vº matays.

De bras da costa a gracia de rre/sende quando veo a noua da morte do vyso rrey τ do marichal na yndea

¶ Nesta viajem τ hyda
o que nela naueguar
bem se deue contentar
coa vyda.

¶ Nos tomemos bõ castiguo
co mal que vemos alheo
τ tenhamos gram rreçeo
amar de tanto periguo.
Nom façamos tal partida
antes cauar τ rroçar
de conselho contentar
coa vyda.

¶ Por passar tãta tormenta
tempo τ vyda tam forte
τ tam perto sser da morte
antes nom quero pymenta.
Caa farey minha goarida
em escreuer τ notar
τ me quero contentar
coa vyda.

¶ Reposta de gracia derre/sende polos consoantes.

¶ Tenho tam a vorreçyda
toda arte de marear
que nam ey nela dentrar
nesta vyda:

Daqui tee moorte mobriguo
que quarto vyntena meo
nem escreturas no sseo
nam possam nada comyguo:
A esperança perdida
tenho de nunca tratar
τ muyto mays denbarcar
em tal hyda.

¶ Tenho vyda tam ysenta
que por mal que diguaa forte
nam ey de saber o norte
nem mam dachar em emẽta.
Esta tenho escolhyda
desta me fuy contentar
aqual nam ey ssem medrar
por perdida.

¶ Grosa de bras da costa a esta troua que dõ rrodriguo de meneses mandou a seu jr mão dom joam confortando em seus amores.

¶ Oo jrmaão quanto desejo
de poder vꝰ confortar
ey gram doo de vos sobejo
por que vejo
que vꝰ nam presta chorar.
E poys nysso nam guanhays
nam choreys
nam choreys que vꝰ matays
ou dizey por que chorais
dyruꝰ ey quam mal fazeys.

¶ Grosa de bras da costa polos consoantes.

¶ Meu capuz quãdo vꝰ vejo
de todo ponto çafar
ey gram doo de mym sobejo
porque vejo
q̃ nom possoutro comprar.
E poys vꝰ assy cafays
τ rronpeys
muyta tristeza me days
em buscar tres myl rreays
vede quanto mal fazeys.

¶ De bras da costa a rruy de frança q̃ fez huũ moynho de vẽto em euora com velas de paao τ depois de pano τ nã lhe veo alume τ foy no tem/po que el rrey estaua pera yr a goarda.

¶ Cuydo que em grãde grao sereys rrico neste ano
ora com velas de paao
ora com velas de pano.
Assy salue deos minhalma
τ aliure de afronta
eu vꝰ ey medo ao tormenta
τ assy aa grande calma.

¶ Nom andeis magynatiuo
poys vosso saber alarda
nem cureys de hyr aa guarda
pois que sois tam enventiuo.
O deemo seja catiuo
poys tendes tanto saber
que em morto τ em vyuo
vꝰ teram bem que dizer

¶ De bras da costa a huũa sua prima que casou τ man/dou a ele vesytar elhe rrespon deo que aquela noyte entra/ra em batalha.

¶ Senhora dessa batatalha
pregunto como vꝰ vay
se disestes huy ou hay
ou se nam foy nem ygalha.
Por que no joguo da pela
a primeyra vay de graça
assy cuydo eu donzela
que ficastes amarela
sem vꝰ dizerem prol faça

¶ De bras da costa a braz go dinho sobre hũas justas de cortiça que fez em abrantes.

¶ Rezam he que na justiça
vos sejays hũ principal
τ vꝰ dem offycio tal
no ssardoal
poys com iustas de cortiça
honrrastes a portugal.
Assy vꝰ deos faça bem
amem.

⁊ outra tal vº aconteça
se foy de vossa cabeça
se vo lo ordenou alguem.

¶ Grosa a este moto.

¶ Se por muerte se quytasse
my dolor.

¶ Pues que me cayo em sorte
aver mal por vuestro amor
plazer mya se por muerte
se quytasse my dolor.

¶ Y com la my triste vyda
que amor me ha causado
de moryr seraa forçado
quando vyr vuestra partida.
Y pues tanto fuy de corte
de mys males lhamador
plazer mya sy por muerte
se quytasse my dolor.

¶ Cantigua de bras da costa a costana quando se foy para castela.

¶ Senhora jentil donzela
por meu mal fostes nacyda
poys vº hys para castela
que seraa de minha vyda.

¶ Poys vº vos daquesta terra
fico eu com muyta pena
saudade me daa guerra
donde morte se mordena.
Dobrada minha querela
fica com vossa partida
poys vº hys para castela
que seraa de minha vida.

¶ De bras da costa sobre hũ presente que lhe mãdaua dõ rrodryguo ⁊ forã no dar ao veador que o rrecolheo ⁊ mã doulhe delle muyto pouca cousa.

¶ Eu estou com muyta dor
⁊ de mym muy descontento
por hũ honrrado presente
que me vinha certamente
⁊ leuoumo o veador.
Disto deuo fazer trouas
a quem mo deu dõ rrodriguo
⁊ neste caso eu vº diguo
co senhor partyo comyguo
santarem com torres nouas.

Duarte da gama ao secretaryo quando se fez a ordenaçam em q̃ defenderão doo.

¶ Senhor huũa ordenaçam
vy do doo ⁊ hũa ley
pola qual todos cel rrey
deuemos beyjar a maão.
por ca todos he tam boa
em jeral
q̃ desque esta a em lixboa
nam se fez nenhũa tal.

¶ Cadas parece sem rrazam
se vosso sogro morrer
vossa molher doo trazer
⁊ q̃ vos andeys loução.
E assy por esta vya
saqueçesse
ella mesma vº faria
se vº vosso pay morresse.

¶ Quando d̃s adam formou
bem sabeys como lhe disse
que com eua se vnysse
⁊ per ssy os ajuntou.
Como pode loguo ser
apartamento
nos casados quam de ter
huũ prazer huũ sentymento

¶ Querem mays algũs dizer
q̃ os sogros q̃ sam pays
mas eu ymygos mortaes
digo q̃ sam a meu ver.

¶ Posto q̃ fosse mays custa
diguo eu
q̃ seria cousa justa
trazerem doo polo seu.

¶ Digo mays na q̃sta troua
q̃ se deue defender
quando quer calguẽ morrer
porem tumba sobre coua.
por q̃ toda a carydade
da esmola
que se faz sem vaydade
ho defunto mays cõssola.

¶ Fym.

¶ Em fym co esta defesa
nos ganhamos a meu ver
alongarmos no viuer
em curtarmos na despesa.
polo qual cõ gram feruor
rrogar deuemos
pola vida do senhor
de q̃ tanto bem auemos.

¶ Grosa de duarte da/gama ha troua de dom joam de meneses em cõ trayro de sua grosa.

¶ Co estes ventos daguora
em q̃ tanta parte temos
tendo mays q̃ merecemos
cada ora
cada momento dizemos.
Perygoso he navegar
mandando sobela jente
q̃ se mostra descontente
em negar
a merçe q̃ tem presente.

¶ Que se mudam cada ora
de renças pera comendas
creçendolhe suas rrendas
sem demora
com q̃ compram as fazendas

e quem vay de foz em fora
nam vay por sua nobreza
mas por yr contra proueza
e ancora
cõ amarras na rryqueza

¶ Nunca mays pode tornar
aser o mundo desfeyto
nem perder homem o geyto
de penar
por ser em pecado feyto
O nauyo pende aabanda
co patrão bem lhe parece
os marcantes guarnece
sem demanda
cada huũ do que merece

¶ A rrazam nõ he ouuyda
daqueles que a nam tem
por que dizem mal do bem
sem medida
o qual neles se contem.
A vontade tudo manda
quanto deue de mandar
sem nũca le desmandar
se desmanda
para tudo emmendar.

¶ Fym.

¶ E quẽ lha dandar de sandos
e com sobeja presunçam
a força dingratydam
doutra banda
lhe desfaz sua rrazam.
Quem tem alma nom tẽ vida
se a tem muy abastada
que a vida descanssada
he perdida
segundo rregra prouada.

¶ Duarte dagama so/
bela partyda del rrey
pera euora.

¶ Aquesta rreal partyda
de tantos contraryada
nam foy certo em legyda
del rrey mas executada
por ser de deos ornada.
Que se quer nella vinguar
agora dos cortesaãos
dos q̃ vey edeficar
pera lhe querer tomar
de qua o ceo coas mãos!

¶ Mays alto do que sobyo
menbrot queriam sobir
e por tanto permetyo
fazelos daquy partyr
sem as lingoas dyuydir.
Nam çessam de se queyxar
rrecebem muy grandes dores
q̃ farão estes senhores
quando ouuerem de leyxar
vida fazenda fauores.

¶ Os q̃ tem tudo dobrado
tem a pena tres dobrada
os q̃ tem huũ soo cuydado
tem a vyda descansada.
q̃ sam os que nam tem nada.
Estes nam sentem mudãça
por nam terem q̃ mudar
os outros tanta abastança
tem q̃ nam podem leuar
nem ousam dea deyxar.

¶ A gram ynportunydade
de rrequerer moradias
ajuntou nesta cidade
os velhos de muytos dias
com os de pouca ydade.
dalem de rriba de coa
vem aquy a jubyleu
nam creyo q̃ de lixboa
outra tanta jente boa
fosse ho dozebedeu.

¶ Fym.

¶ Se comiguo nõ mengano
com hũ par destas partidas
vos vereys antes dhũ anno
poucos yr ter as feridas
muytos buscaras guaridas
E mays digno q̃ agora
coesta começarãão
de partyrem pera fora
coa outra acabarãão.
e a corte alyjarãão.

¶ Duarte dagama a hũa
senhora.

¶ Nam sey se digua meu mal
vendo quanto me fazeys
poys sofrello me nõ val
pera q̃ nam me mateys.

¶ Duũ cabo tenho desejo
muy grande deo dizer
doutro tenho outro pejo
q̃ me faz nam no fazer
Doutro tenho outro mal
q̃ vendo que me fazeys
a que rremedeo nõ val
pera q̃ nã me mateys

¶ Esparça de duarte dagama

¶ As cousas daquesta vida
todas vem a hũa conta
poys vemos q̃ tanto monta
ser curta como comprida.
quem della parte mays cedo
he liure de mill cuydados
quẽ vyue tem nos dobrados
afora sempre ter medo

¶ Sancho de pedrosa
a duarte dagama.

¶ A fama que de vos soa
he tam prima que u a faço
preçeder toda lixboa
poys nã tratão cousa boa
senõ vossa neste paço.
O çeo trabalha tomar
coas maãos de qua defundo
quem en prende de louuar
huũ homẽ que pode dar
enssynança a todo mundo.

¶ Mas a culpa que cometo
vossa primeza matyra
minha simpreza rremeto
a vos q̃ dando no preito
concertays tudo sem yra:
Poys pregunto com rreçeo
rrespondeyme com fauor
qual das vidas he pior.

¶ Esse moto de tristeza
seo vyr por vos grosado
sera menos meu cuydado
mas ey medo q̃ crueza
nam queyra ver o trelado.
Socorrey senhor por vida
de vosso propio louuor
e veres mays encendida
vossa fama com vertyda
em mayor.

¶ Moto.

¶ La vida q̃ syempre muere
q̃ se pierda q̃ se pierde.

¶ Reposta sua.

¶ Como quem nauega a toa
contra vento vay despaço
assy vay minha pessoa
na vossa pondo a proa
temendo dar no adarço.
e qrendo começar
de louuaru⁹ sam segundo
he quẽ cuyda de prouar
que cõ deos podem estar
os q̃ jazem no prefundo.

¶ Se soubera quera rreto
vossas trouas nũca vyra
antes senhor v⁹ prometo
que buscara tal carreto.
Com q̃ loguo me partira
das maas vidas sempre creyo
ser pyor a do amor
q̃ se encobre com temor

¶ Vosso moto traz firmeza
de quem vyue desamado
fazme ser desesperado
do q̃ vossa gentileza
sempre foy muy abastado.
Faz minhalma ser sentida
faz sentyr mays minha dor
minha pena faz creçyda
creçyda sem ser sabyda
meu senhor.

¶ Grosa do moto.

¶ Ha sydo tal my ventura
com la de quyen nome quiere
que solo por my tristura
tengo por mucho segura
la vida que syempre muere.

¶ Quãto mas som mis sẽtid⁹
çercados de penssamientos
tanto mayores tormentos
sobre my som posseydos:
y la gloria prometida
quiere q̃ syempre ma cuerde
delha syendo feneçyda
pues vyendo tam triste vida
que se pierda que se pierde.

¶ Grosa de duarte da/
gama a hũ moto d̃ hũa
senhora que diz dura/
ra em quanto vyua.

Nã v⁹ ver nẽ vos me verdes
cada vez mais me catyua
o temor de me nã crerdes
a pena por nam quererdes
durara em quanto vyua

Vos me days cuydar por gl'ia
sospirar por galardam
vos me days por grã vitoria
que v⁹ traga na memorea
por q̃ tenha mor payxam.
ja nõ pode mor crueza
ser q̃ ser des tam esquyua
polo qual minha tresteza
minha fee minha fyrmeza
durara em quanto viua.

¶ Grosa de duarte da/
gama a este moto q̃ ele
fez das letras do nome
dhũa senhora e diz.

¶ Na vyda maal e temor.

¶ Quãto mays vossa lẽbrãça
acreçenta minha dor
tanto sem fazer mudança
trazerey por esperança
na vyda mal e temor.

¶ Por q̃ nisto estaa o bem
senhora q̃ mays desejo
e naquisto se contem
o nome todo de quem
faz meu dano ser sobejo.
mas poys de vos nõ salcãça
vitorea menos amor
sem aver mays segurança
trazerey por esperança
na vyda mal e temor

¶ Duarte da gama a este
moto dhũa senhora q̃ diz

¶ Deseo no desear.

¶ Sy consuelo em vos pẽsar
vida tam triste poseo
aquelho que maas deseo
deseo no desear.
¶ My deseo syn vytorya
my beuir syn lybertad
me hazen de voluntad
rreçebir pena por gloria.
y hazen por mas doblar
los males em q̃ me veyo
q̃ tanto quanto deseo
deseo no desear.

¶ Esparça de duarte daga/
ma a hũa senhora q̃ pos em
hũ liuro seu hũ moto q̃ diz.

¶ Gram myedo tengo de my

¶ Temo yo lo q̃ temya
y mas lo q̃ vos temeys
temo mas lo que solya
temer quando me partya
donde vos os partyreys.
y con este tal sentydo
tantos temores me dy
q̃ syn ser de vos partydo
com temor de vuestro oluydo
gram myedo tengo de my

¶ Duarte da gama estan
do ja aposentado ẽ sua
casa a dioguo brãdam so/
bre hũa carta q̃ lhe man/
dou de nouas da corte na
qual lhe pedio q̃ lhe man
dasse algũas trouas.

¶ Na carta senhor das nouas
q̃ da corte mescreueys
me mandays ⁊ me dizeis
que vᵒ mãde algũas trouas.
dygo q̃ sejam da vyda
em que vyuo
poys ay some com vyda
meu moryno.

¶ E diguo loguo primeyro
que vyuo naquesta terra
onde nũca tenho guerra
cõ dioguo nem porteyro.
Nem vejo menos agora
estar no çentro
quem sabeys questaua fora
⁊ nos dentro.

¶ Vyuo fora de dizer
senhor dizeylaa de mym
nẽ afogaça chaçym
yr pousadas rrequerer.
Nẽ vyuo em tanta mingoa
q̃ rrequeyra
a quẽ ja nom tem a lingoa
muy ynteyra.

¶ Tenho mays o que nõ tem
quẽ estaa la ondestays
nunca ver officiays
aque fale mal nem bem.
Nem vejo corregedores
carreguados
nem muyto menos doutores
perfylados.

¶ Durmo sono muy ynteyro
⁊ mays como quando qro
dos meus moços nã espero
q̃ me peçam ja dinheyro.
Manjadoyras tenho feytas
bem pregadas
para nunca seroes feytas
nem mudadas.

¶ Nũca peço em prestado
sobre scryto nem penhor
polo qual viuo senhor
ameu ver muy descansado.
Tam bem tenho ja perdido
alembrança.
de quẽ tem mays demedrãça.
ca seruydo

¶ Nã me lembra portalegre
villa real cõ valença
tentugal cõ oliuença
q̃ estoutros faz vir febre.
Nom me lembrã montaraz
coa ydanha
por q̃ deos quando lha praz
tudo apanha.

¶ Aluyto com portymaão
affonseca cõ cascaes
carneyros corte rreaes
da memoria seme vaão.
La vay afeyra tambem
porque leuou
o que ele nũca cuydou
nem ninguem.

¶ De cezinbra que dyrey
⁊ da rruda ⁊ de nissa
se nã q̃ por hũa guysa
de todos mesqueçerey.
Do gram castelo rreal
nam sey que digua
poys dizello me nã val
a ter fadigua

¶ Barretos costas ⁊ mellos
botelho por esta via
marchyonyo atouguya
com mil contos damarelos.
Ante my tam el que cyoos
todos tam
como se foram naçydos
⁊ eu nam.

¶ Mas cõeste esqueçimento
nam me leyxa de lembrar
q̃ vy tanjer e tyrar
a quẽ tem mereçimento.
Arzila desta maneyra
fez mudança
polo qual tenho lembrança
verdadeyra.

¶ Lembrame pena mayor
como foy ja prosperado
⁊ depoys foy desterrado
do rreyno com tanta dor.
Lembrame q̃ sespedio
de portugal
o prior do espital
como se vyo.

Por nã ma verdes por peço
lembrame martym de beca
⁊ nã quero que mesqueça
tam bem aluaro pacheco
Lembrame que per estaço
nam tem rrenda
⁊ que val mays a fazenda
que ho paço.

¶ Lembrame dos q̃ dissestes
caço falla querem yr
se o fyzestes por rrir
merçe muyta me fyzestes.
se o dizeys de verdade
he rrazam
que digua minha tençam
⁊ vontade

¶ Gil matoso bras teyxeyra
he muyta rrazã q̃ vaão
para ver se perderaão
o q̃ ouueram da primeira.
Se de quã pouco tyveram
se lembraram
co que da mina trouxeram
rrepousarão

¶ Dessoares de rreynel
sobre todos mays mespanto
sem q̃rer a ver por tanto
yr fernãdez manuel.
Estes fazẽ q̃ rriq̃za
nom desejo
e mays ter por bẽ sobejo
aproueza.

¶ Dizem qua questays eleyto
pa ra yr onde estes vaão
do questaa meu coraçam
asaz cheyo de despeyto.
Se tendes determinado
tal fazer
o conselho escusado
deue ser.

¶ Fym.

¶ Pollo qual q̃ro dar fym
ho processo começado
sem vᵒ dar outro cuydado
se nã soo q̃ la por mym.
Po senhor cõde beyjeys
senhor as mãos
e q̃ vᵒ aconselheys
co homeẽs sa㴸os.

¶ Duarte dagama ahũa senhora q̃ lhe disse q̃ lhe era o tempo tã cõtrairo q̃ a nã leyxaua ser porelle.

¶ O tempo nã metem culpa
no mal q̃ por vos sordena
mas antes vossa desculpa
me mata poys vᵒ cõdena.

¶ Se por myn nã q̃reys ser
ja meu bem soẽs contra mym
ordenando minha fym
sem ma dar pola q̃rer.
Minha door por vossa culpa
em tal estremo sordena
q̃ vossa mesma desculpa
me mata poys vᵒ condena.

¶ Trouas q̃ fez duar/te dagama aas desor/deẽs q̃ aguora se costu/mã em portugal.

¶ Nam sey quẽ possa viuer
neste rreyno ja contente
poys a desordem na jente
nã quer leyxar de creçer.
A qual vay tam sem medida
q̃ se nã pode soffrer
nem ha hy quem possa ter
boa vida.

¶ Huũs vejo casas fazer
e falar por antre soylos
q̃ creyo q̃ tem mays doylos
do quen tenho de comer.
Outrᵒ guarda rroupa quartᵒ
tambem vejo nomear
q̃ ja deuyam destar
dysso fartos.

¶ Outros vejo ter cadeyras
de justo e de cruzado
e chamarẽlhe destado
nã entendo taes maneyras.
Outros vendem aerdade
por cõprar tapeçarya
dos quaes eu ser nã q̃ria
na verdade.

¶ Outros sey q̃ vão chamar
suas mays minha senhora
q̃ muyto milhor lhe fora
tal cousa nũca falar.
Outros se vão por trazer
cabeleyras trosquiar
podendose de suyar
deo fazer

¶ Outros nom tem moradia
mais de seys centᵒ rreaẽs
os quaes q̃rem ser yguaẽs
cos fydalgos de valya.
Outros por sa fydalguar
andam a abryda contynos
em syndeyros q̃ sam dynos
de coutar.

¶ Outros vão trazer atados
hũs lencinhos no pescoço
q̃ cõ gram pedra nũ poço
deuiam de ser lançados.
Outros sem ser mãçypados
sendo menores dydade
andam ja cõ vaydade
agrauados.

¶ Outros sem lhe pertençer
as molheres poem o dom
avendo q̃ he muy boõ
sem daquisso se correr.
Outros paje vão chamar
a huũ moço dos q̃ tem
q̃ as vezes lhe cõvem
almofaçar.

¶ Outros hã por cousa boa
nã ter homẽs nẽ caualos
e desprezã os vasalos
por se vyrẽ a lixboa.
Os quaes se fossem lẽbrados
das pendenças e das guerras
folgariam de ter terras
e criados.

¶ Ja nynguem nã quer vsar
da nobreza dos passados
se nam vinte mil cruzados
ver se podem ajuntar.
Salguũ quer ser caçador
nõ he se nã de dinheyro
nẽ ha ja nenhũa monteyro
gram senhor.

¶ Frey payo com sua rrenda
monteyros ⁊ caçadores
escudeyros seruidores
lhacharam ⁊ nã fazenda.
Tinha ley de caualeyro
na maneyra do vyuer
⁊ quys antes isto ter
qua dinheyro.

¶ O almirante passado
frey payo ia preçedeo
poys na guerra despendeo
mays do q̃ tinha ganhado.
⁊ leyxou em dyvydado
seu fylho como sabeys
mas em fym achaloeys
muy honrrado.

¶ Cos mortos quys aleguar
por pena nã padeçerem
os que disto careçerem
seos vyuº lhe louuar.
Os quaes se louuar quysesse
por ventura çesaria
com temor q̃ nam terya
que disesse.

¶ Outros querem yr andar
na corte sendo casados
⁊ se fazem desterrados
donde deuiam destar.
Outros se querem vender
quandam co damas damores
q̃ nam sam mereçedores
deas ver.

¶ Outros nã querẽ verdade
falar cõ rrybaldaria
falando por senhoria
a homeẽs sem dynydade.
Do vsura conheçyda ⁊
tratada por tanta jente
porques no mũdo presente
tam creçyda.

¶ Na cobiça dos prelados
nom he ja pera falar
quem vender mays q̃ rrezar
⁊ em comprar sam acupados
Huũ soo nam meto aquy
que se nam no mearaa
⁊ cada huũ tomaraa
que he por ssy.

¶ As donas por competyr
em terem cousas de grandes
as fazendas muyto grandes
querem fazer destroyr.
As donzelas ⁊ lauores
a ysso tam bem lhajudam
na sey por que nã se mudam
taes errores.

¶ Os desuayrados vestidos
que se mudã cada dya
nom vejo nenhũa vya
para serem comedydos.
Que se huũ galante traz
huũ vestido que le corte
qualquer homẽ doutra sorte
outro faz.

¶ Por q̃ como fez foaão
huu capuz muyto comprido
polo rreyno foy sabydo
todos dam ja pelo chaão.
Quem o portugues pintou
em rroma como se diz
foy nisso muy boõ juiz
⁊ açertou.

¶ A maneyra descreuer
q̃ costumã nos ditados
he chamarẽ ja preçados
a myl homeẽs sem o ser.
E quando na baixa jente
o costume for jeral
ha de vyr a principal
a exçelente.

¶ Em qual quer aldeazinha
achareys tal corruçam
ca molher do escriuam
cuyda q̃ he hũa rraynha.
⁊ tam bem os lauradores
com suas maas nouydades
querem ter as vaydades
dos senhores.

¶ Na chamusca vy huũ dya
hũa fylha dhuũ vylaão
la vrando dalmara faão
o qual pera ssy fazya.
Daquy vyrão os chapyns
⁊ tam bem os verdugados
⁊ apos elles os trançados
⁊ coryns.

¶ O cauallo desbocado
nunca se pode parar
sem primeyro se canssar
entam logo he parado.
Assy creyo que faremos
nº gastos demasyados
⁊ depoys de bem canssados
pararemos.

¶ De prudençia conheçyda
por esta comparaçam
nam nº yr el rrey ha mão
estes dez anos de vyda.
A qual lha creçentaraa
quem lha deu por muytº anos
cõ q̃ todos estes danos
tyraraa.

¶ Bem assy como tyrou
outros muytº que sabemos
cõ que tal descansso temos
q̃ ja mays nam se cuydou.
Se nº meterem em ordem
com força ordenaçoeës
tyrarssa dos coraçoeës
a desordem.

¶ A çidade de cartago
depoys de ser destroyda
fez em rroma moor estrago
que antes de ser perdida.
Os rromãos des que vençerã
forã dos viçyos vençydos
⁊ seus louuores creçidos
pereçeram.

¶ Assy por nam pareçerem
os tam antiguos louuores
dos nossos predeçessores
conuem de nos rreprenderem:
Dos vyçios e da torpeza
em que queremos vyuer
antes delle conuerter
em natureza.

¶ Poys se eu em tays desordẽs
soo quiser ser ordenado
ey de ser apedrejado
sem me valerem as ordeẽs.
Molharmey em que me pes
polo tempo e fazam
poys he natural rrazam
a do marques.

¶ Se martim vaz desyqueyra
neste tempo ia çertara
que doçes cousas tocara
e por quam gentil maneira.
Nõ ha hy mays antremeses
no mundo onyuersal
do que ha em portugal
nos portugueses

¶ Em rroma segundo lemos
ordenaram dous çensores
os quaes eram rrepresores
dos vyçios e dos estremos.
Lembrauã oos prinçipaes
e os pequenos o que tinham
e a todos donde vinham
e seus pays.

¶ Fym.

¶ Assy no tempo presente
nam serya muyto mal
auer hy offyçyal
de desenganar ajente.
O qual em my acharia
o que quero rreprender
e quyçaes arrepender
me faria

De tristam da syl
ua a hũa molher
que nam podya
ver.

¶ Eu vy aquem os primores
obedeçem todos juntos
quantos sam
aquem todolos louuores
se cre que neles tresuntos
acharam.
Do fremosura sem par
ho graça nam conheçyda
ho dama tam sengular
quem vos tem tam escondida
me poder rremedear

Tristã da silua a hũa molher
que lhe mãdou pedir trouas

¶ Mandastes que vos seruisse
com trouas como mançias
por que quando se sentisse
emfadada que as visse
vossa merçe algũs dias
Se por a verdes passam
dalgũa passada pena
a minha com mais rrazam
deue vosso coraçam
sentyr pois que ma ordena.

¶ De tristam da sylua
a sancho de pedrosa.

¶ Sabydo gram sabedor
antros hõrrados honrrado
de gram bem mereçedor
ousado ordenador
de grandissimo cuydado.
Louuado dos mais louuados
de muyto dyna memoria
estymado destymados
e dos muyto esforçados
senhor de grande vytoria.

¶ Pregunta:

¶ Senhor meu decraraçam
me manday por me saluar
quereyme rremedear
nam me leyxeys condenar
poys estaa em vossa mam.
Porque nã sey bem nẽ mal
estou muyto enleado
quereyme vos decrarar
sa senhora syngular
pecou no oreginal
ou see fora de pecado.

¶ Sancho de pedrosa
polos consoantes.

¶ Salydo compreendedor
na ymynençya louuado
dyno de grande senhor
nos trabalhos valedor
na fama sobre louuado.
Nesta vida antros prezados
possuys a mayor groria
os famosos eyxalçados
sam por vos tam abayxados
que nam tem cousa notoria.

¶ Reposta.

¶ O temor vençe rrezam
sojeyto vou atroar
nam por rremedio vos dar
mas vos me quereys mandar
seruyr vossa condiçam.
Para cousa tam rreal
poys estaa jaa bem prouado
que posso mays aleguar
em vos querer rreprouar
poys nenhũ em autual
nela nunca foy achado.

¶ Pergunta de sancho de
pedrosa a tristam da sylua.

¶ Por nos nã ficar rremisso
o bem da madre tresunta
conffyray o compremysso
que diz isso
que rrespondo ha pregunta.
Mas quem alferue leal
rresponda por gentileza

quanto comprende de mal
o pecado oreginal
nesta ley de natureza.

¶ Quem tal materya tocou
com tam descreta eloquençia
mas sabe do que falou
e culhe dou
sobre todos premynençia.
Mas tomando por dotrina
o motyuo mays profundo
demando como sencrina
a prima causa devyna
entender naqueste mundo.

De pero de baiam q̃ foy camareyro do principe do͂ affõso.

¶ Como poderaa soffryr
el triste que tal sostiene
sym esperança beuyr
y calhar y encobryr
ser el rremedio que tyene.

¶ Amor se fuerça y quiere
querer para prouycalhe
rrazon manda y rrequiere
que sufra y que se calhe.
Pues como podereis soffrer
coraçon quyen tal sostiene
syn esperança beuyr
y calhar y encobrir
ser el rremedio que tiene.

¶ Outra sua.

¶ Tristeza dolor cuydado
no parten de my sentydo.
sabeys porque.
Es my seruiçio passado
y el presente perdido
a falssa fee.

¶ A falssa fee com enganho
sym piadad sym mesura
sym dolersse de my danho
lhe plaze com my tristura.
Pues tã mal gualardonado
me veyo com gram gemydo
yo dyree
ser my seruiçio passado
y el presente perdido
a falssa fee.

¶ Outra de pero de bayam partyndosse.

¶ Venyo venyo pues party
cuydados y penssamiento
que çierto ya despedy
todo plazer que senty
quando mas me vy contento

¶ Com vos seraa my beuyr
syn esperar alegria
sospiros lhoros gemyr
descando noche y dia.
Por que quando me party
do queda my penssamiento
na quel punto despedy
todo plazer que senty
quando mas me vy contento

¶ De diogo lopez da zeuedo.

Que q̃r mays quẽ pode veru⁹
que soffrer pena creçida
poys o bem de conheçeru⁹
nom poode satisfazeru⁹
que perqua por vos a vyda

¶ De tam alto o mereçer
tam sobyda aperfeyçam
com que deos v⁹ quys fazer
quee vytoria padeçer
sem querer mays gualardam
Quem ha ventura de veru⁹
soffra pene sem medida
poys o bem de conheçeru⁹
nom pode satisfazeru⁹
que perca por vos a vida

De gonçalo mẽdiz çacoto a hũa dama q̃ hya para o paço e pedyolhe algũa estruçam do custume dele.

¶ Poys ẽ vossa merçe cabe
huũ louuor que nam sey dar
he melhor que eu me cale
poys por muyto q̃ v⁹ guabe
amoor parte aa de ficar.
Se v⁹ quero comparar
com outra cousa fermosa
çerto estaa que terey grosa
saluo se for alegar
em o mays alto lugar
da outra nossa senhora.

¶ De senhora gram rrezam
que dignais que desatyno
se a vossa perfeyçam
eu teuesse presunçam
de louuar nem dar ensyno.
E se mal faço querya
senhora que perdoeys
que mays pedras lançaria
seu visso bem que fazia
como vos mays que fazeys.

¶ Estas cousas ha de ter
no paço gentil dama
dormyr jaa muyto na cama
porque a possam menos ver.
Yr aa myssa muyto tarde
muyto tarde oo seraão
por que faz mays saudade
e nom pareçe lindade
ante quantos aly estam.

¶ Primeyramente de vota
com temor com caridade
na vontade dos paays posta
suas falas ou rreposta
sejam sempre com verdade.
Para muyto mays louuada
estymada por tal vya

quer liure quer namoꝛada
ſeja muyto meſurada
ſoffrida com coꝛteſya.

¶ Bom eſcreuer bom falar
motejar ⁊ ſaber rryr
bom dançar ⁊ bom bailar
as couſas que ſam dolhar
ſabelas muy bem ſyntyr.
Sentylos que ſam ſentidos
conhecelos fyngidoꝛes
guanhalos que ſam perdidos
guabalos que ſam vençidos
polo ſerem poꝛ amoꝛes.

¶ O mal ſabelo calar
⁊ do bem ſer pꝛegoeyra
⁊ matar ſem ſſe matar
nũca outrem deſdenhar
nem per ſſy nem per terçeyra.
Aconſſelhar bem as damas
⁊ louualos ſeruidoꝛes
qualſſy ſençendem as famas
qual aſſopꝛa neſtas chamas
tal ſe queyma em ſuas doꝛes

¶ Aa deſſer dyſſimulada
temperada no ſeu rriſo
naquylo que ſabe nada
ſamoſtre muy auyſada
que jaz nela todo auiſo.
Mas couſas que bem ſouber
ſa moſtre mays ynoçente
⁊ ſſe mal fez ou fizer
emmendaraa o que quyſer
em que pes a a toda jente.

¶ Para gentyl dama ſer
aa de ſſer muy eſcoymada
aa de querer ⁊ nam querer
que poſſam dela dizer
que tyueram nũca nada.
Aa de querer ſer querida
⁊ ter maão nꝰ mays ſenhoꝛes
⁊ da honrra tam prouyda
que ſe ſayba que ſeruyda
aa cuſta dos ſeruydoꝛes.

¶ Quando tyuer nos ſeraãos
algũ parente ou amyguo
hynda que ſejam muy ſaãos
tenham foꝛa quatro maãos
poꝛ tres he gram peryguo.
Quaa de foꝛa hũs contadoꝛes
que da cabeça fazem pees
⁊ ſſa ſomam nos fauoꝛes
faz ſum joguo dos amoꝛes
que ſe jogua de rreuees.

¶ Aa de ſer muy rrepouſada
⁊ ſem gritos a donzela
⁊ que ſeja namoꝛada
antes fale caſy nada
que mil vezes de janela.
Qua ſe entra em ſer de vaſſa
⁊ em tays pꝛimoꝛes ſobeja
tudo per graça ſe paſſa
⁊ nunca ja mays ſe caſa
poꝛ fermoſa quela ſeja.

¶ Avoꝛreçe aa rraynha
quer lhe pouco bem el rrey
ſua may nam he madꝛinha
⁊ ſeu pay caſa nem vinha
nunca diz eu lhe darey.
He de todos deſpꝛezada
dos pꝛoues como dos rricos
dũus ⁊ doutros enjeytada
nunca pode medꝛar nada
nunca ſay de mexericos.

¶ Fym.

¶ Fermoſura ⁊ fydalguya
erdeyra de mil rriquezas
ſem nos meos de tal vya
ſe con verte em vylanya
cõ outras muytas pꝛouezas.
Quando a dama nam enbyca
⁊ ſe conſſerua ſem groſa
eſtee a graça q̃ lhe fyca
aa mais pꝛoue faz mais rrica
aa mais fea mais fermoſa.

¶ De gonçalo mendez a hũa molher q̃ ſe chamaua daguerra a qual nũca vira ſenã aquela oꝛa nem foꝛa naquela terra.

¶ Aym alegre eeſta terra
parto triſte poꝛque faz
minha paz ficar em guerra
pois ma guerra ſatiſfaz.

¶ Quẽ na guerra faz poꝛ ela
nom tera nenhũ ſocoꝛro
ja mays nũca ſeraa foꝛro
ſeſſe vyr catiuo dela.
Para ſempꝛe neſta terra
tal catiuo jeele jaz
em ter ſempꝛe crua guerra
⁊ nunca ſegura paz.

¶ Vilançete ſeu.

¶ Quẽ de mym ſa conſſelhar
⁊ leedo quiſer viuer
perderaa todo pꝛazer.

¶ Sayba çerto quem quiſer
poys pꝛazer tam pouco dura
que nom tem ninguẽ ventura
que lhe dure quanto quer.
O rremedio que u lhe der
de meu conſſelho moꝛrer
ſe leedo quyſer vyuer.

¶ Cãtygua ſua a hũa molher que lhe mãdou dizer que era caſada.

¶ Senhoꝛa pues que caſaſtes
pleguaa dios
qua quel miſmo que tomaſtes
como vos amy dexaſtes
dexauos.

¶ Assy burlada desquerida
amadora
y da amor desconocyda
assy juzguada y vencida.
Como yo de vos senhora
seays vos
da quel mismo que tomastes
pues por el vos me dexastes
plegua dios.

¶ Cantygua sua a hũa molher que lhe mandou dyzer que mundo era este que assy o trazia descontente.

¶ Nam pode descõtẽtarme
o mundo poys foy por nos
em naçerdes nele vos
e querer em ssy cryarme
com saber por vos matarme

¶ Vos soys soo em especial
sobre todas eyçelente
vossa fermosura he tal
que nam me pode dar mal
de que fique descontente.
Pois quẽ poderaa negarme
mor louuor que meus a voos
pois se moyro he por vos
e por vos quero matarme
sem querer desesperarme.

¶ Outra sua.

¶ Com fortuna desygoal
naçy qual nom tem ninguem
se me bem fyzer alguem
comprelhe que seja mal
porque o mal he jaa meu bẽ.

¶ Poys do bẽ naçy priuado
e mal tenho por amyguo
quando meu vyr em peryguo
como posso ser lyurado
com o bem de meu ymyguo.
Com esta mezinha tal
nam me cure amym ninguem
antes deste mal me dem
tanto que me faça mal
poylo mal he jaa meu bem.

De fernam cardoso cheguãdo de çafy a dom aluaro da brãches dãdolhe nouas delaa e de dõ jorge anrriquez.

¶ Se me tendes a vontade
que me tinheis em çafim
eu cheguey cesta çidade
que paraa ver piadade
sem camysa e sem cotrym.
Tyrayme da questa afronta
com dalgũas que fyzestes
por que aque me laa destes
nam faço ja dela conta.

¶ Feyto oo trajo da terra
hyrey beyjar essas maãos
como quem nũca vos erra
vos darey nouas da guerra
que laa fazem os cristáos
Toda a jente laa sarisca
no çoco dizem quem foje
e vossa myguo dom jorje
anda sempre aa mourisca.

¶ Anda laa muy assomado
sem fazer nenhũa soma
a abrida no seu rrodado
o rrabo lhe traz atado
por te mas honrrar mafoma
Polas rruas arremete
num muyto magro rroçym
dizendo aa que gynete
este he para almerym.

¶ Tras bedem antre arçam
e lança pola çydade
este perro este cam
tam cheo de vaydade
de gentro do capitam.
Tem aa paz grande fastio
gram fragueyro com gazelas
e quando hymos no fyo
manda mays que já dornelas.

¶ Fym.

¶ Outras cousas quaqui calo
dyrey quando vos for ver
que laa vam aconteçer
palhas he o qua aquy falo
paro qua veys de saber.
Socorreyme neste dia
poys estas vindas sabeis
e goardayuos nam lançeys
este feyto a zombaria.

¶ Cãtigua de fernã cardoso

¶ Desque conheçer me ssey
comeu fuy para poder
quaes quer cuydados soffrer
nunca sem eles machey

¶ Eles que santiciparam
atomar meu coraçam
tam sem tempo e sem rrezam
crede çerto que macharam
do seu geyto e condiçam.
Começaram conheçey
mil males de padeçer
comeu fuy paros soffrer
nũca sem eles machey.

¶ Outra sua.

¶ E poys leuam de vyram
nam ma froxarem hũ dia
mas de mal em pior vam
atee morte me faram
esta triste companhya.
E se per ventura eles
cuydam que me dam a fym
eu sam o que cuydo deles
o queles cuydam de mym.

¶ Outra e fym.
¶ Nam obrãdo vam fazẽdo
myl pesares em nouados
assy comeu vou viuendo
vou achando vou soffrendo
outros mais desesperados.

Ja deles desesperey
deme deyxarem saber
que cousee algũ prazer
poys que cousa he nõ sey.

¶ Cantigua sua.

¶ Se amym o mal sobeja
a quem tem o que deseja
nam poode ledo vyuer
quesperança posso ter
que para desquansso seja.

Que meu mal nũca a brãdara
antes fora em creçymento
por tempo sempre esperara
cousa com que desquanssara
ou canssara meu tormento.
Mas quando isto vou saber
que quem tem o q̃ deseja
nam pode leedo viuer
desespero jaa de ver
cousa que desquansso seja.

¶ Outra sua.

¶ E poys que tam certo vejo
que nam mas de desquanssar
ter aquylo que desejo
mas antes ssaa de dobrar
o mal q̃ tenho sobejo.
Buscarey vyda segura
a seraa sempre tristura
que por mays grande q̃ seja
quem tener o que deseja
teraa mor desauentura

¶ Cantigua sua.

¶ Nojos desastres cuydados
que por minha fym fazeys
que seraa de vos coytados
eu morto desesperados
que fareys.

¶ Quem com tanta lealdade
vº amou a vº seruio
quem ja mays vº nam sayo
huũ ora ssoo da vontade.

Nojos mal aconsselhados
que fazes quem achareys
qual ly vº soffra os cuydados
males tam desesperados
que fazeys.

¶ De fernam cardoso hyn/
do polas serras danssyam.

¶ Quem quiser passar seguro
polas serras danssyam
deyxe fora o coraçam.

¶ Sam tã asperas em cuydar
que quem foy desesperado
a nelas ouuer dentrar
aly lha de rrenouar
todo seu tempo passado.
Quem se temer do cuydado
a ouuer dyr anssyam
deyxe fora o coraçam.

¶ Fym.

¶ Quer solteyro quer casado
para mayor abastança
sele jaa teue esperança
aly ha de ser rroubado
despojado da lembrança.
Quem deseja esquiuança
vassas serras danssyam
fartaraa o coraçam.

Arrenegos que fez gregoryo affonsso criado do bispo de nora.

¶ Arrenegno de ty mafoma
a de quantos creẽ em ty
arrenegno de quẽ toma
ho alheo pera ssy
rrenegno de quantos vy
de quem foram esqueçidos
arrenegno dos perdidos
por cousas nom muy onestas
rrenegno tam bem das festas
que trazẽ pouco proueyto
arrenegno do dereyto
que se vende por dinheyro
arrenegno do palrreyro
a de quem em ele cre
arrenegno da merçe
mays pedida de hũa vez
arrenegno de quem fez
ho rroim do boõ senhor
rrenegno do julgador
que julgua per afeyçam
rrenegno da sem rresam
a de quẽ per ella husa
rrenegno de quem rrefusa
fazer bem aquem mereçe
rrenegno do que padeçe
sem querer ser confessado
arrenegno do casado
mandado pella molher
arrenegno de quem der
arroys a chocarreyros
arrenegno dos dinheyros
a tesouros soterrados
rrenegno dos leterados
q̃ nam husam do que leem
arrenegno dos que creem
nas rriquezas deste mundo
arrenegno do segundo
que viueo cõ outro homem
arrenegno dos que comem
ho alheo sem paguar
arrenegno do palrrar
a falar muyto sobejo
arrenegno de quem vejo
husar sempre do que quer
rrenegno de quem disser
que ha hy algũ amyguo
rrenegno de quem consyguo
nam despende do que tem
rrenegno tam bẽ de quem
fauoreçe ho rroim
rrenegño tam bem de mym
se creo en vaydades
rrenegno das poridades
descubertas mays q̃ a huũ
arrenegno do gejum
que se faz por nam ter pam
arrenegno da payxam
sem nenhũa esperança

arrenegu do que dança
ſem ouuir tanger nem ſõo
rrenegu tam bem do boõ
que huſa de rrois manhas
arrenegu das façanhas
feytas per quem pouco val
arrenegu do caſal
q̃ nunca eſtaa em paz
arrenegu do rrapaz
que ſempre ſerue chorando
vou tam bem arreneguando
de myl couſas q̃ nam falo
arrenegu porque calo
couſas mays ſuſtançioſas
arrenegu das fermoſas
cujas obras ſam muy feas
arrenegu das candeas
q̃ nam dam muy craro lume
rrenegu de quẽ preſume
⁊ moſtra mays do que he
rrenegu tam bem da fe
dos que nam ſam bautizados
rrenegu dos namorados
q̃ tendo tempo nã pegam
arrenegu dos que negam
parentes ⁊ natureza
arrenegu darriqueza
avara ⁊ mal huſada
arrenegu da caſada
que deſeja ſer ſolteyra
arrenegu da bandeyra
a quem ſegue pouca gente
rrenegu de quem conſente
poſturas em ſua caſa
arrenegu de quem caſa
com molher muyto guarrida
rrenegu tam bem da vyda
em volta em muytos viçios
rrenegu dos beneficios
avidos com ſymonya
rrenegu da zombaria
que loguo daa na verdade
arrenegu da çydade
rregida pellos tyranos
rrenegu dos muy mũdanos
deſpoys que jaſſam dos trinta
arrenegu da jnfynta
nam viuendo douro trapo

arrenegu do maao papo
de rrois meyxeriqueyros
rrenegu dos lejungeyros
⁊ tam bem dos mentyroſos
rrenegu dos cobyçoſos
⁊ dos rricos auarentos
arrenegu de quinhentos
ou de todos os judeus
arrenegu dos ſandeus
q̃ leuã o as dos ſeſudos
arrenegu dos cornudos
dos que ſabem que ho ſam
rrenegu do capytam
q̃ ſabe pouco da guerra
arrenegu de quem erra
⁊ ja mays nam ſe emmenda
rrenegu tam bẽ da rrenda
q̃ he menos que o gaſto
rrenegu tam bẽ do paſto
em q̃ nam entra boõ vinho
arrenegu do vezinho
em vejoſo ⁊ ſandeu
rrenegu tam bem do meu
amyguo por jntereſſe
arrenegu ſe quyſeſſe
entender nem ver mil couſas
rrenegu de quantas louſas
quantas arma o diabo
rrenegu do grande rrabo
ſem outros algũs onores
arrenegu dos fauores
com que ſe pagam ſeruyços
arrenegu dos chouriços
⁊ comer feyto ſem ſal
rrenegu do officyal
que muyto folgua com peyta
rrenegu da que ſem feyta
teendo ho marido çeguo
arrenegu tam bẽ do preguo
q̃ he mays brãdo q̃ ho paao
rrenegu tam bem do vaao
como chegua aa orelha
arrenegu da conſſelha
de moços ⁊ pouco lydos
rrenegu dos arroydos
⁊ do homẽ rreuoltoſo
rrenegu do perfyoſo
q̃ nam ſabe ho que diz

arrenegu da perdiz
deſpoys que paſſa dos dez
rrenegu tam bem de fez
com toda ſua mouriſma
arrenegu deſta ciſma
⁊ rreuolta dajgreja
rrenegu de quem peleja
⁊ vay contra ho padre ſanto
rrenegu de trajo tanto
quanto vejo deſoneſto
rrenegu de tanto geſto
quanto ſora contra faz
rrenegu de quem nã traz
ho ſyso em ſeu luguar
arrenegu do fallar
ſoberbo ⁊ deſcortes
rrenegu de quẽ em tres
pagas pagua o que deue
rrenegu de quem ja teue
⁊ deſpoys vem a pedyr
rrenegu do muyto rryr
⁊ de quẽ chora de cote
rrenegu do ſaçerdote
que viue como ho leyguo
rrenegu ta bem do meyguo
⁊ do homẽ muy fagueyro
rrenegu do caualeyro
que nam tem bem de comer
arrenegu do fazer
a lenha em rroim mato
arrenegu do barato
que deſpoys ſe torna caro
arrenegu do auaro
que ja mays nũca ſe farta
rrenegu do q̃ ſaparta
de comprir a ley deuyna
arrenegu da doutrina
de quem he mal doutrinado
arenegu do julguado
q̃ ſe da a quem ho pede
arrenegu do que me de
maos ⁊ boõs dũa maneyra
rrenegu da alcouuyteyra
⁊ de quem ſem cauſa mente
rrenegu de quem nam ſente
ho bem ⁊ mal que lhe fazem
rrenegu dos q̃ lha prazem
os rrois mays q̃ os boõs.

rrenegno tam bem dos todos
dalgũs doudos ou ſam muytos
rreneguo tam bẽ dos fruytos
q̃ ſe colhem da doudiçe
rreneguo da bebediçe
⁊ dos q̃ ſam de myl leys
rreneguo tam bem dos rreys
pelos tyranos mandados
rreneguo tam bem dos dados
⁊ juguar tanto corruto
rreneguo tam bem do puto
que em molher nũca entende
arrenegno de quem vende.
a rroim couſa por boa
arreneguo da peſſoa
que ſe nã lembra da morte
rreneguo tam bem do forte
q̃ quando compre he fraco
arreneguo do velhaco
⁊ do peco corteſaão
rreneguo do homẽ vaão
⁊ dos muy preſuntuoſos
rreneguo dos preçioſos
⁊ dos cheos de perfumes
rreneguo de mil coſtumes
⁊ de mym ſe me contentam
rreneguo dos q̃ ſaſentam
onde nam deuem eſtar
rreneguo do paſear
de contyno pela praça
arreneguo da maa graça
⁊ de quẽ nam tem vergonha
arreneguo de quem ſonha
ſempre em couſas mundanas
arreneguo das ouſanas
⁊ das que ſam muy goloſas
rreneguo das ouçyoſas
cryadas em muytos viços
rreneguo de ſeus feytiços
⁊ das q̃ tem rroim fama
rreneguo da gentil dama
que quer bem a homẽ vil
arreneguo da ſotyl
⁊ aguda em maldades
rreneguo das rroindades
quantas ſabẽ ordenar
rreneguo de quẽ gaſtar
ſua vida apos elas

rreneguo tam bem daquelas
que tomam muytos amores
arreneguo dos paſtores
q̃ nam olham por ſeu guado
arreneguo do gram eſtado
⁊ arrenda caſy nada
arreneguo da pouſada
em q̃ ha muy pouca rroupa
rrenegno tam bẽ da pouca
deuaçã que vejo aquy
rreneguo ſe nũca ly
boas copras portuguelas
arreneguo das defeſas
q̃ prouadas nam aſoluem
rreneguo dos que rreuoluem
criados cõ ſeus ſenhores
rreneguo dos ſeruidores
que nam ſam muyto fyees
rrenegno dos myniſtrees
q̃ nam ſam bẽ conçertados
arreneguo dos priuados
q̃ conſelham mal ſeu rrey
rreneguo tam bẽ da lley
nam huſada comumente
arreneguo do preſente
que çuja ambas as maãos
arreneguo dos jrmaãos
que nũca ſam bem avindos
arreneguo dos muy lindos
⁊ dos homẽs molheriguos
arreneguo dos jmyguos
q̃ ja mays nũca ameaçam
rreneguo dos q̃ apraçam
⁊ converſam com rrois
arreneguo dos mallyns
nem ſe ha hy ja verdade
arreneguo da bondade
que traz dano pera ſſy
arreneguo ſſe ha hy
nenhũa rregra nẽ ordem
rreneguo da gram deſordem
q̃ ha nos ecreſyaſticos
arreneguo dos fantaſticos
⁊ dos fracos rregedores
rreneguo dos pregadores
q̃ muy ryjo nã rreprendem
rreneguo dos q̃ defendem
que ſe nam faça juſtiça

arreneguo da preguyça
⁊ da grande agudeza
rreneguo da gentileza
honde ha vil condiçam
rreneguo ſe acharam
offiçial que nã rroube
rreneguo ſe ſey nem ſoube
julguador ſem duas tachas
arreneguo das borrachas
q̃ bebem mays do q̃ fyam
rreneguo dos que perfyam
em couſas q̃ nam entendem
rreneguo ſe os q̃ prendem
nam deuyam de ſer preſos
rreneguo dos muy açeſos
neſtes amorinhos vaãos
arreneguo dos villaãos
poſtos em algũa honrra
arreneguo da deſonrra
que vinguada nam deſcanſſa
rreneguo da muyto manſſa
⁊ tam bem da muyto braua
arreneguo da que laua
⁊ enxugua quando choue
rreneguo ſe ha hy proue
nem boõ homẽ eſtimado
rreneguo do muy jnchado
⁊ do cheo de vãa groria
arreneguo da memoria
nam do boõ mas rroim feito
rreneguo de quẽ traz preyto
com puta ou poderoſo
rreneguo do muy yroſo
⁊ do homẽ muyto manſſo
rreneguo ſe ha deſcanſſo
neſte mundo de my ſerya
arreneguo da materia
dos que ſeruem ao demo
rreneguo ſe nam me temo
de dizerem que praguejo
pello que com eſte pejo
de muytos outros deſyſto
creendo bem na fe de criſto

¶ Fym.

¶ Groſa de grigorio affonſſo a eſte moto.

¶ Quãtos mas males posseo
tanto mas vuestro me veo.

¶ Oluidarme yo de vos
no puede sser ny lo creo
por que siempre ya por dios
quantos mas males posseo
tanto mas vuestro me veo.

¶ Para macordar de my
tengo nenguno sentido
ny se triste ssy naçy
y com mil males anssy
de vos nunca me oluido.
Pues sabed que delos dos
que amã com buen deseo
soy yo vno que por dios
quantos males mas posseo
tanto mas vuestro me veo.

¶ De gregorio affonsso
a este moto.

¶ Adola fama namora
la vista deue matar.

¶ Dubdo ses mejor aora
miraros o no mirar
por que çierto my senhora
adola fama namora
la vista deue matar.

¶ El deseo y voluntad
queriam que os amasse
el temor y la verdad
nõ queriam em vos penssar
que el ver os me matasse.
y anssy nenguna ora
no me deta el cuydar
por que çierto my senhora
adola fama namora
la vista deue matar

De joã rrois de luçena aa senhora dõa joana de mendoça porq̃ lhe mãdou a rrainha q̃ nã sayse hũs dias da pousada

¶ Senhora viuey contente
nam vos de nada paixão
por q̃ nam he sem rrazão
que quem prende tanta jente
saiba que cousee prisão

¶ Por q̃ sabendo a çerteza
do mal ca tantos fazeys
nam creo que querereys
husar de tanta crueza
cos catiuos que prendeys.
Mas cuydo que differente
soys desta minha tenção
e que sendo solta então
prendereys muyta mais jente
e em mais esquiua prisão.

¶ Grosa sua a esta
sua cantigua.

¶ Em graças tam acabada
coma discreta e prudente
em tudo tam eyçelente
poys sois de todos amada
senhora viuey contente.
E aynda que vejays
cousas feytas sem rrazão
alargay ho coração
e que sejão muytas mays
nam vos de nada paixão

¶ Sede leda se podeys
poys tendes em vossa mão
as vidas de quantos são
e não vos marauilheys
por que nam he sem rrazão
Que bem sabida a verdade
de vosso dano presente
quem vos tem tam descontente
husa de mais piedade
que quẽ prende tanta jente

¶ Por ysso senhora tende
muyto grande coração
ou muday a condição
que rrazão he q̃ quem prende
sayba que cousee prisão

¶ Nã cureys de vos queixar
nem deys luguar aa tristeza
folguay dama de folguar
nam cureys de vos matar
por que sabendo a çerteza.
Da grande pena creçida
que days aos que prendeys
sey que toda vossa vida
viuireys arrependida
do mal ca tantos fazeys

¶ Nem creo que pode ser
que tam crua vos mostreys
e vendo os vossos morrer
de seu mal tomar prazer
nam creo que querereys.
Nem se pode sospeitar
de tamanha gentileza
que possa querer matar
nem com quẽ na muyto amar
husar de tanta crueza

¶ Que nã vos fez ds fermosa
pera matar nem mateys
mas quanto mais poderosa
deueys ser mais piadosa
cos catiuos que prendeys.
Mas hey medo que seja, s
do que diguo descontente
que creo q̃ nam estays
bem nẽ mal cos que matays
mas cuydo q̃ differente

Que por vos vees vinguada
por vossa consolação
por dardes pena dobrada
por fazer mal apartada
soys desta minha tenção.
Que como vos vy prender
loguo tiue sospeição
que auieys de querer
a muytos mais mal fazer
e q̃ sendo solta então

¶ Entam compre de goardar
que se vossa merçe sente
qualguẽ ousa dasomar
entam pera vos vinguar
prendereis muyta mais jente.

Mas não ſey ſauera quem
por que dos que viuos ſão
huũs morrem por querer bẽ
outros viuos ſe mantem
em mais eſquiua priſão.

¶ A ſenhora dona joana.

¶ A cantigua aſſy groſada
mande voſſa merçe ler
⁊ ſe for dalguem tachada
ſendo de vos emparada
loguo pode pareçer.
E ſe ela per ſi nam for
tal que vos pareça bem
poys he em voſſo louuor
valerlha voſſo fauor
o que nam faz a ninguem

¶ Reposta dulyſes a penelope tirada do ſabyno de latim em lingua jem por joam rroiz de luçena.

¶ Vliſes a penelope.

¶ Tua ca:ta bem notada
com piedoſas palauras
a teu vliſes foy dada
aſſy como deſejauas.
E nela bem conheçy
tua mão ⁊ entendy
teu muy fiel coração
⁊ foy:me conſolação
dos longuos males que vy

¶ Reprendes me que tardey
eu antes queria eſtar
contandoto que paſſey
que a vello de paſſar.
A greçia nam me lançou
neſte luguar ondeſtou
como o fyngido furor
que fingy quando o amor
em tua terra machou

¶ Por quentã ho não querer
partirme de ty tam triſte
era cauſa de deter
minhas vellas como viſte.
Que nam cure deſcreuer
meſcreues mas de fazer
por mais aſſinha cheguar
⁊ os ventos por meſtrouar
fazem todo ſeu poder

¶ Ja na troia auorreçida
de vos outras nam eſtou
por que ja he deſtroida
⁊ em çinza ſe tornou.
Deiphebo aſio ⁊ heytor
que te punham em temor
ja he tudo ſepultado
⁊ eu ando deſterrado
ſoffrendo tam grande dor

De rreſo por mym eſtroido
rrey de traçia eſcapey
⁊ trouxe dele vençido
os caualos que tomey.
⁊ tam bem na torre entrey
de palas donde rroubey
o fatal paladião
por onda deſtruição
de toda troia cauſey

¶ Nẽ menos eu fora eſtaua
do cauallo de madeyra
quando caſandra bradaua
queime ſem toda maneira.
Por que dentro nele eſtão
muytos gregos que darão
morte a todolos troiãos
⁊ com ſuas crueys mãos
cruel gerra lhe farão

¶ Archiles que ſepultado
nam era como deuia
em meus ombros foy tornado
a thetis como compria.
Os gregos nunca me derão
ho louuor que eles diuerão
a mym que tanto acabey
porẽ as armas leuey
darchiles caly perderão

¶ Mas a mim q̃ maproueita
que no mar ſão ſouertidas
a frota toda deſfeyta
minhas cõpanhas perdidas.
tudo me fica no mar
mas ho amor grãde ſem par
que te tenho me ſiguio
em quanto paſſey ſe vio
ſem huũ ora me deixar

¶ Nunca a nereia virgem
com ſeus cães muy cobiçoſos
nunca cariboiz tam bem
com ſeus mares fortunoſos.
No puderão quebrantar
nem antiphates mudar
nem partenope enganoſa
ynda que muy deſejoſa
foy de me fazer ficar

¶ Nem aquela que tentou
por magica me deter
nem a deoſa que cuydou
rricas camas me vençer.
aynda que me prometião
ambas ellas que farião
que nam pudeſſe morrer
ſe eu quiſeſſe fazer
o que mellas cometião

¶ E porem eu deſprezando
tal merçe vou pera ty
tanta fortuna paſſando
quanta por cheguar ſoffri.
E tu por ventura medroſa
doutra molher rreçeoſa
⁊ nam muy ſeguarales
aqueſta carta que ves
eſcrita tam ſaudoſa

¶ Tam bem por vẽtura cres
que a cauſa de me deter
ſeja calipſo ou çirçes
⁊ yſto te faz temer.
qua mym me da tal paixão
quando antinoo ⁊ me dão
polibo leo tam bem

co sangue todo se vem
do corpo ao coração

¶ Triste de mym que crerey
questas tu entressa iente
em conuites eu que sey
se te as tu castamente.
Mas tua presença ayrosa
sea sempre vem chorosa
como se namorao dela
⁊ com tam justa querela
nam deixas de ser fermosa

¶ E ey gram temor tambem
questas ja pera casar
sa tea que te detem
antes queu va sacabar.
Ynda ca noyte desteçes
quanto todo dia teçes
essarte taa de fazer
acabares de teçer
a tea se ta dormeçes

¶ E se ysto sa çertar
nã me foraa mym mais são
poliphemo me matar
na coua com sua mão.
Nam foreu milhor vençido
⁊ morto ⁊ sepelido
do caualeyro muy forte
de traçia quando por sorte
era em ysmaro detido

¶ Nam fora milhor ficar
no jnferno onde machey
pera ditis contentar
quescapar comescapey.
Onde eu embalde vy
a may que quando party
deixey viua a qual finada
me disse sem faltar nada
quam tem tua carta ly

¶ E dissemos embaraços
de minha casa ⁊ fogio
⁊ tem doa entre meus braços
tres vezes se mespidio.

Protisilao vy estar
que quis antes começar
a guerra que nam temer
sobre troya ally morrer
podendoo bem escusar

¶ Estaua bem auenturado
ally com sua molher
que nam quis ele finado
mays nesta vida viuer.
E posto que sua vida
nam era toda comprida
quis morrer com seu marido
que morreo de muy ardido
⁊ ela de mal soffrida

¶ Vy agamenom o forte
que mesfez muyto chorar
disforme com noua morte
cousa bem pera espantar.
E posto que nam ficou
na gram guerra em q̃ sachou
junto cos muros de troia
nem nos mares de euboia
que a seu saluo passou

¶ Foy porem assy morrer
de muyto cruas feridas
despois de offereçer
as offertas prometidas.
A qual morte cliptenestra
tam cruamente lhadestra
estranhos varoões fingindo
noua capa lhe vestindo
feyta com sua mão destra

¶ Mas que ma proueyta ver
a molher deitor ⁊ yrmaãs
ajuntadas ally ser
entras catiuas troiaãs.
poys emtrelas escolhy
a hecuba porque vy
que hera ja velha feyta
por perdcres a sospeita
doutra molher ⁊ de mym

¶ A qual hecuba agoirou
minhas mãos ⁊ as fez temer
⁊ em cadela se tornou
qua todos hya morder.
E a triste assy ladrando
suas desditas queixando
acabou sua querela
feyta rrauiosa cadela
nos desertos habitando

¶ E thetis por tal final
ho mansso mar me negou
colo por me fazer mal
todos seus ventos soltou.
E assy ando desterrado
por todoo mundo lançado
por onde me quer leuar
ho vento ⁊ ho brauo mar
que me trazem destroçado

¶ Mas se tiresias fora
da morte tal agoireyro
como o eu acho agora
em meus males verdadeiro.
Que tudo o que me fingia
que eu de passar auia
pola terra ⁊ polo mar
ja ho acho sem faltar
nada do que me dizia

¶ Palas se me ajuntou
ja nam sey em que rribeyra
⁊ dally sempre me guiou
coma bõa companheyra.
esta vez foy a primeyra
que a vy coma estrangeira
despoys de troia estruida
a yra demenuida
tornada ja prazenteyra

¶ Porque no que cometeo
diomedes eu pequey
⁊ sua yra sestendeo
a todolos gregos queu sey.
nem a ty nam perdoou
diomedes mas causou
que tu andases errando
aynda que pelejando
contra troia tajudou

¶ Nem teuero que talamão
one na troiãa rroubada
nem o forte agamenão
capitão da grande armada.
O tu bem auenturado
menelao que foste achado
com tua molher no mar
sem te poder estrouar
nenhũa sorte nem fado

Por quentã ynda cos vẽtos
e os mares vᵒ de tinhão
vossos amores ysentos
nenhum dano rreçebião.
Cos ventos nam estrouauão
vossos beyjos nem çessauão
vossos braços dabraçar
ynda que no brauo mar
os fortes ventos soprauão

¶ E se eu assy estiuera
sempre contiguo no mar
tua presença fizera
tudo sem pena passar.
Mas ja meus males estão
leues em meu coraçam
por q sey queu sendo absente
he telemaco presente
contiguo poys eu nam são

¶ Do ql me queixo por que
foy a pylo e a esparta
por mares que çerto he
como vy por tua carta.
Nam consento em piedade
que com tanta crueldade
de perigos le sostem
por q çerto nam foy bem
fiallo da tempestade

¶ Aynda meu cy dachar
por quum profeta mo disse
entre seus braços estar
mas ysto quem no ja visse.
E entam quando eu cheguar
tu so me as de abraçar
e ssoo mas de conheçer
aquele grande prazer
sabeo dissimular

¶ Por ca mym não me cõuẽ
guerrear tays caualeyros
ele mo disse tam bem
assy dizem seus loureyros.
Mas por vẽtura em comẽdo
ou em estando bebendo
de supito cheguarey
e cheguando vinguarey
o queles andã fazendo.

¶ Fym.

¶ E serão muyto espantados
da não esperada yda
du lises e rrogo aos fados
que venha çedo este dia.
O qual fara rrenouar
ho amor grande sem par
da antigua cama amada
e entam tu ja casada
começar mas alograr.

¶ Carta de oenone a
pares traladada do ou
uidio em copras per jo
am rriz de luçena.

¶ Argumento.

¶ Sendo pares ja creçido
andando na mata yda
por proue pastor auido
enone foy sem sentido
por ele damor perdida.
E polo pomo dourado
quaa deosa venus julgou
dela lhe foy outorguado
cauia de ser casado
com elena que rrobou

¶ E pera a ver de cobrar
o que lhera prometido
come cousa parelhar
pera em greçia naueguar
despois de ser conheçido.
E foy muy bem ospedado
del rrey menelao cordena
por lhe fazer gasalhado
de lhe mostrar seu estado
e a fermosa rrainha elena

¶ E loguo se namorou
da tam fermosa rrainha
e com ela conçertou
como dally a leuou
pera troya onde a tinha.
Mas enone muy sentida
de verssassy despreʒada
lhescreue por despedida
esta carta tam dorida
casy ja desesperada

¶ O enone a pares.

¶ Se acabas tu de ler
esta carta que te mando
ou sse a noua molher
to não conssente fazer
ja de mym larreçeando.
E porem lem affeyção
a ley que nela veras
que não tem nem letra não
escrita com grega mão
com q tu não folguaras

¶ O enone nimpha onrrada
nas troiaãs matas e terras
se queixa de ty agrauada
por quera a triste casada
contiguo se tu quiseras.
e qual ds contrariou
a nosso voto e querer
ou que pecado pecou
enone por que çessou
de ser ja tua molher

¶ Por que boõ he de soffrer
mal que mereçido vem
mas pena sem mereçer
he muyto pera doer
a quem na sem causa tem.
ynda tu não eras nado
nem so mentes conheçido

quando eu nimpha jerada
do gram rrio era paguada
de terta ty por marido

¶ E tu que agora es tido
por filho del rrey priamo
por seruo eras auido
⁊ seruo eras marido
de mym nimpha porq̃ tamo.
Bẽ sabes tu que folguamos
muytas vezes entroguado
cubertos com verdes rramos
⁊ que juntos nos deytamos
por aquele verde prado

¶ E quantas vezes jazendo
em alta cama de feno
em baixa casa viuendo
nos cobrio neue ⁊ sendo
da quisto lembrada peno.
dizime quente mostraua
os boscos pera caçar
⁊ em que luguar criaua
seus filhos a besta braua
que tu loguo hias matar

¶ Quantas vezes me jaa achey
por matos contiguo armãdo
⁊ quantas vezes andey
com os cais que eu criey
junta contiguo caçando.
Nos freixos inda estaraa
meu nome escrito ⁊ notado
ynda se neles leraa
enone nome questaa
com tua fouçe cortado

¶ Hum alemo sou acordada
questa apar duũa rribeyra
en o qual esta notada
huũa letra bem lembrada
de mym ja na derradeyra.
E assy como vão creçendo
seus troncos grandes erguidos
bem assy ho vão fazendo
meus nomes juos erguendo
em meus titolos creçidos

¶ Alemo que assentado
estas naquela rribeyra
viue poys que teis notado
em teu tronco enuerruguado
huum verso desta maneyra.
Quando pares ja viuer
sen enone que rreçebeo
em tam veremos correr
o rrio tanto ⁊ voluer
pera a fonte onde naçeo

¶ Xanto volta volta jaa
corre e agoas por de tras
pares viue ⁊ viueraa
sem enone que choraraa
como tu rrio veras.
Aquele dia cortada
me troute bem mao fadairo
naquele fuy eu trocada
naquele me foy mudada
minha sorte ao contrairo

¶ Quãdo as tres deosas vierão
juno venus ⁊ minerua
⁊ por juyz te escolherão
grandes dois te prometerão
todas tres nuas na erua.
E entam tu espantado
todo te tras figuraste
de temor todo çercado
tremendo muy demudado
lembrate que mo contaste

¶ E eu nam menos espantada
loguo me aconsselhey
⁊ he cousa muy prouada
que me foy rreposta dada
com q̃ muy pouco folguey:
Por que com faias cortadas
goarneçeste grossarmada
⁊ as naos ja acabadas
foram de pressa lançadas
na braua onda triguada

¶ Eu te vy çerto chorar
quando te de mym partiste
pera quee ysto neguar
que mais te deue pesar
do amor que tu la viste.
Choraste ⁊ viste chorando
meus olhos tristes sentidos
⁊ ambos lagremejando
fomos assy sospirando
pera sempre despedidos

¶ Em teꝰ braços fuy tomada
⁊ meu pescoço apertado
qua vide que esta atada
⁊ nos nulmeiros empada
nam esta mays arrecado:
Quantas vezes te queixauas
que os ventos te detinham
cõ contrayras ondas brauas
mas os teus nã enguananas
por co contrayro sabiam

¶ E tantas vezes tornaste
a me beijar na quelora
quescassamento escuitaste
o que beijando estrouaste
que foy ho hyuos em bora.
⁊ loguo fostembarcado
⁊ as velas todas alçadas
⁊ com vento arrebatado
⁊ cõ o rremo apressado
As agoas brãcas tornadas.

¶ Os meus olhos te siguiam
em quanto te pude ver
as lagrimas que corriam
a terra toda cobriam
cousa pera se nam crer.
Com as quays triste coitada
aas verdes deosas do mar
rroguaua pola tornada
pera vyr em tuarmada
quem me faz desesperar

¶ Polꝰ rroguos queu rroguey
tornaste ⁊ nam pera mym
triste de mym que farey
que ho rroguo em que andey
foy pola coboça em fym.
⁊ estando hũ dia assentada
em hum monte questapar
donde bata onda quebrada
nũa serra bem alçada
donde se ve todo mar

¶ Daqui eu primeyro vy
tuas vellas que cheganão
e primeyro as conhecy
quisera myr pera ty
mas as ondas mestrouanão.
E estando ta ssy agoardando
na proa de ta nao vy
que luze de quãdo em quãdo
purpura quem na olhando
loguo me della temy

¶ Que tu nam acustumauas
aqueles trajos trazer
e quanto mays te cheguauas
tãto mays craro mostrauas
que ally vinha molher.
Nam abastou ysto ser
mas agoarocy hum pedaço
que nam cry ate nam ver
a adultera jazer
emcostada em teu rregaço:

¶ Entam chorando rrompy
todas minhas vestiduras
em meus peytos me fery
todo meu rrosto carpy
com tamanhas amarguras:
e cos grytos cally dey
toda a mata fiz tremer
as lagrimas que chorey
a minha casa as leuey
pera com ellas viuer

¶ Assy veja eu elena
ja de ty desemparada
queixarsse com tanta pena
que aque me ella ordena
em ella a veja dobrada.
E agora dizem que vem
por mar tam brauo e crecido
a que diz que te quer bem
e deixa la o que tem
por legitimo marido

¶ E quando nã tinhas nada
e eras proue pastor
enone era casada
contiguo e de ty amada
assy proue laurador.
Nam q̃ mespantem agora
tuas rriquezas mas amo
nem por ser grande senhora
nem por ser chamada nora
huũa das del rrey pryamo

¶ Quele deue de folguar
cuũa tal nora comeu
deue se caba donrrar
de me poder nomear
por molher dum filho seu.
Digna são de ser molher
dum poderoso varão
e desejo deo ser
e tam bem saberey ter
hum çeptro na minha mão

¶ Nẽ por q̃ me eu deytaua
contiguo por esse prado
nam me desprezes quamaua
que eu mais digna machaua
pera hum leito dourado.
E em fym o meu amor
mays seguro ha de ser
por que nenhum vengador
te pusera no temor
que te poẽ essa molher

¶ Que pera sellena cobrar
armasse muy grossarmada
ysto fosteia buscar
este dote tam de dar
co essa noua casada
A heytor que e teu yrmão
deues tu de preguntar
ou a deiphebo que são
os que ta consselharão
se lha deues de tornar

¶ E priamo e antenor
olha o que te dirão
que por ydade mayor
he seu consselho milhor
quo o q̃ estoutros darão.
Quee cousa muy perigosa
tua terra auenturar
tua causa he vergonhosa
seu marido tem fermosa
rrazão pera batalhar

¶ E tu cuidas quas de ter
fiel amiga em elena
casy sente conhecer
se deixou loguo vençer
de ty cuja mor tordena.
E deixou a seu marido
o menor filho da terra
que se queixa muy sentido
da molher despossoido
por q̃ pousada te deu

¶ Mas se no mũdo a verdade
assy tas tu de queixar
porq̃ como a castidade
se quebra loguo a bondade
nam se pode mais cobrar.
E o bem que tagora quer
ja ho quis a menelao
e agora ho faz jazer
soo na cama por que crer
em elena lhe foy mao

¶ O tu bem auenturada
andromacha que te tem
teu marido bem casada
porem eu triste coitada
diueroo de ser tam bem.
Mas tu mais mudauel hes
qua as folhas secas co vento
alça rrijo dantre os pes
e loguo noutro rreues
as abaixa num momento

¶ E es muyto menos pesado
qua huũa muy secaaresta
que co sol ja meu dado
se seca sobruũ telhado
na meetade duũa sesta.
Lembrame que tua yrmãa
noutro tempo me bradaua
na grande mata troiaã
e que com palaura vaã
assy me profetizaua

¶ Que fazes enone que
por que semeas naarea
por que lauras e teys se
em campo que certo he
que nem colheras auea.

Por cuja bezerra vem
grega q nos perderaa
que assy ꝛ a quem na tem
ꝛ a nossa terra tam bem
tudo nos destruyraa

¶ O deoses com vossa mão
alagay aquella nao
fazey que não venha não
o quanto sangue troião
q traz nela aquele mao.
Ysto dito com furor
suas damas a tomarão
foy tam grande minha dor
cos cabelos co temor
todos se marepiarão

¶ O propheta nesta serra
quam verdadeira tachey
vedeja grega bezerra
em meus paçigos ꝛ terra
dentro neles atopey.
Quee adultera prouada
ynda que fermosa seja
de seu ospede rroubada
sacrifica ꝛ pōi obrada
aos deoses que deseja.

¶ Ja outra vez a rroubou
de sua terra teseu
certo teseu alenou
so nome nam menganou
co geyto que lhella deu.
dum tal mançebo crerey
cassy virgem a tornou
par deos nam no jurarey
se preguntas como o sey
amarte mo rreuelou

¶ Se cō nome de forçada
a tu queres desculpar
he desculpa mal cuidada
tantas vezes foy rroubada
ela se deira rroubar.
E tuo ne sem sentido
ficara viuua em fym
do enganoso marido
o pares quescarneçido
bem puderas ser de mi:

¶ Por q hum dia eu estaua
nestas matas escondida
ꝛ gram companhia passaua
de satiros que me buscaua
por todas montanha dida.
E fauno q vinha armado
cum muy agudo pinheyro
na cabeça coroado
cō grādes cornos alçado
entros outros o primeiro.

¶ Eu lhe rrespondy porem
ho gram çercador de troya
fielmente me quis bem
ꝛ dias ha ja que tem
de mym a mais rrica joya.
E luitando o arrepeley
por que massy perseguia
suas façes aranhey
porem nunca o apartey
do desejo que trazia

¶ Nem por preço do pecado
nam pedy pedras nem ouro
por que mal auenturado
he o corpo quee mercado
nem vendido por tesouro.
Mas ele por me paguar
o quassy de mym tomou
prouuelhe de me mostrar
as artes pera curar
quele primeiro enuentou

¶ E todalas eruas sabidas
as que podem aproueitar
em todo mundo naçidas
nesora me são trazidas
sem nenhũa me prestar.
Ay mezquinha co amor
com as eruas nam se cura
por ca mim quera a mayor
na questarte acha dor
que farey caynda me dura

¶ E apolo questarte achou
nam dizem q foy que mando
do mesmo fogo queu sou
ꝛ q as vacas goardou
del rrey admetes no prado.
Bem sey que ds nem a terra
com quantas eruas criar
nam podem matallagerra
que minha vida desterra
ꝛ tu podela matar.

¶ Fym.

¶ Tu podes ꝛ eu mereço
que ajas de mym payxão
por que eu nam te empeço
com gregas armas nem peço
do que te dey gualardam.
mas poys por tua me dou
ꝛ contiguo ate qui
minha vida se guastou
te peço quem quanto sou
viua telembres de my.

De fernādo da silueira que daa borca do pera huũ jyban a quem fezer mylhor troua de louuor ha senhora dona felypa de vylhana ꝛ has ser julguado per ella.

¶ Fernā da sylueyra.

¶ Troue quē souber trouar
digua quem souber dizer
loue quem souber louuar
a dama mays singular
que nunca se vyo naçer.
a qual bem sabeys senhores
sa feyçam vº nā enguana
esta he a de vilhana
dona felipa que dana
minha vida por amores.

¶ Outra sua.

¶ E a quẽ na p milhor cobra
louuar dou pera jubam
borcado pera tal obra
quem tanto seruiço dobra
mereça mor gualardoam.
Mas soo em synal de grado
o borcado vestiraa
com que bem pareceraa
ou mal se for desayrado

¶ Diogo de mirãda.

¶ Quẽ com vosco se presume
ygoalar erra segundo
estaa craro que soys cume
& o lume
de todalas deste mundo.
Nem vᵒ pode ninguẽ ver
que lhe lembre mays senhora
que ja foy nem pode ser
nem destas q̃ sam aguora
a fora.

¶ Joham foguaça.

¶ Quẽ aadousar de guabar
fermosura tam sobida
poys nam ha naquesta vida
vosso par.
Tyrando hũa que syguo
& por que mey de perder
aynda que o nam diguo
nem espero de dizer.

¶ Pero de sousa rribeyro.

¶ Nam quero tyrar ninguẽ
quero uos tudo leyxar
que bem sey que podeys dar
& fycar
com mays do q̃ todas tem:
Hũa merçe me fareys
se me vyrdes namorado
senhora que mempareys
poys falo desenguanado
sem querer nenhum borcado.

¶ Anrriq̃ de fygueyredo.

¶ Nam estou tam de vaguar
que me possa pareçer
que cousa possa falar
per que meas & colar
bem podesse mereçer.
Os louuores desta dama
a nosso senhor se dem
que segundo sua fama
pera lhe louuar a rrama
eu nam sey no mundo quem.

¶ Dõ diogo dalmeyda.

¶ Sey q̃ fareis muy grã dano
sereys muyto de temer
se verdade he que nestano
que vᵒ eu leyxey de ver
creçestes em pareçer.
Eu aguora nam vᵒ vejo
mas vos creys tal em tam
que palhas he quantas sam
polo qual ver vᵒ desejo.

¶ Johã guomez da ylha.

¶ Tal he vosso pareçer
vossa fermosura tanta
syso bondade ssaber
que se nam pode dizer
quanto nem quanta.
Assy perfeyta vᵒ fez
quẽ por nos morreo na cruz
que de todas fareys pez
& trenas & de vos luz.

¶ Dõ diogo lobo.

¶ Soys tã fermosa tã lynda
que vᵒ nam ouso dar guabo
por que na cousa ynfinda
nam pode omẽ hyr oo cabo.
Mas por q̃ nam com rrezam
meu yrmão culpa me de
nam lhe diguo al senam
que darey outro jubam
a quem vᵒ achar hum sse:

¶ Dõ aluaro da tayde.

¶ Se ouuerdes piadade
d: quem vᵒ seruir & amar
doutras manhas & beldade
em vos nam ha que pyntar.
Fez vos ds tam graciosa
& ayrosa
tendes tam gentyl muela
ca par dela
nenhũa outra donzela
se pode chamar fermosa

¶ Dõ pedro da sylua.

¶ Todas vᵒ vejo passar
quantas sam senhora prima
& quero que o saybays
a fora dona guyomar
com que coterar nam rryma
fremosuras terreays.
E esta postaa de parte
que me da muyta tristura
tendes vos tal fermosura
cas outras podeys dar parte
& fycar a vos que farte.

¶ Jorge da guyar.

¶ Começar de vᵒ louuar
he cousa que nam tem cabo
querer vos tam bem guabar
he mays que pedras lançar
poys guabar vᵒ he desguabo.
Mas pois ninguẽ se enguana
calem calem seruidores
bradem anrriquez vilhana
poys com tal nome se guana
vençidos ser vençedores.

¶ Dõ rrodiguo de crastor

¶ Que posso per vos dizer
que ninguem aja por guabo
poys tendes tal pareçer
que soys o cabo
das que ssam & am de sser.
Polo qual quem vᵒ olhar
dira que loguo emproviso
deça deos do parayso
& vᵒ de o seu luguar.

¶ Dom rrodriguo de monsanto.

¶ Pera tal grado leuar
nam cuydo que he saber
de saber ninguem louuar
hũa dama tam sem par
como vº deos quis fazer.
Tal hym da que fermosura
manhas ⁊ gualantarya
nam sachasse
deueys estar bem segura
que o mundo se rrefarya
da que de vos sobejasse.

¶ Dom martinho de castel branco.

¶ Nam he cousa duuydosa
mas de todos conheçyda
esta ser a mays fermosa
mays gentyl mays graçiosa
desta vyda.
Muyto manho sassem par
nam se sabe tal molher
saluo dona guyomar
questa me pode matar
e dar vyda se quyser.

¶ Dom guoterre.

¶ Eu que digua quanto ssey
nam cheguarey aa metade
⁊ mays dizma mynha ley
que se tocar na trindade
pecarey.
Mas bem sabe todo mundo
quantre as de mays estima
senhora soys vos aprima
que deueys estar açyma
⁊ as outras todas de fundo.

¶ Dom joam de meneses.

¶ Poys he cousa tã sabida
pareçer ⁊ descriçam
saber ter em vos goarida
ante doo de cuja vyda
sofreça por vos a fam.
Nam vº pese se me fundo
em ter ⁊ crer que soys vos
dos dous deoses o segundo
soys o cabo das do mundo
sobre ser maa pera nos.

¶ Fym de fernam da silueyra

¶ Como engeytã os senhores
sayos que lhe vem mal feytos
assy estes trouadores
engeytay lhe seus louuores
que vº nam fazem destreytos
Leyxem quem teue poder
de vº dar tal perfeyçam
louuar vosso mereçer
que le o poode fazer
mas outrem nam.

DE nuno pereira a hũa dama que seruya.

¶ Nam quisera ser naçydo
se vº eu nam conheçera
pola parte que perdera
em nam ser por vos perdido.

¶ Nam vº ter eu conheçyda
pera vº ver nem seruyr
muy mays fora de sentir
que por vos perder a vyda.
Perderme ⁊ verme perdido
⁊ meu mal todo soffrera
mas se vº nam conheçera
nam quysera ser naçydo.

¶ Françisco da sylueyra.

¶ Descansso he por vos cãssar
⁊ soffrer penas prazer
nem ey dor de rreçear
poys vº ey de soportar
quanto quyserdes fazer.
nam quysera ser naçydo
se por vos nam padeçera
porque nysto mays perdera
quem me ver por vos perdido

¶ Jorge da sylueyra

¶ Sem seruiruos nã he vida
nem viuer sem conheçeruos
nem pode ser mays perdida
a vyda que sser sem veruos.
Se nam fora conheçido
de vos nem vº conheçera
nunca vina se quisera
sem ser vosso ser naçydo

¶ Dom dioguo dalmeyda

¶ Dygua mal sua ventura
quem neste mundo naçeo
se naçeo ⁊ se morreo
ssem ver vossa fremosura.
Eu ponho por mays sobydo
meu mal se ssa conteçera
que vº eu nam conheçera
ca ter o mundo perdydo

¶ Dom martinho.

¶ O que gram pena sentyra
nam naçerdes antre nos
⁊ ouuyr nouas de vos
a outromẽ que vº vyra.
Ouuerame por perdydo
se sse tal aconteçera
ca se nam vº conheçera
pera quera sser naçydo.

¶ Dom duarte de meneses

¶ Que grorya he padeçer
⁊ morrer por vos senhora
⁊ que gram mofyna fora
nam vº ver nem conheçer
Nam quysera ser naçido
nem nenhũ bem nam quisera
se vº eu nam conheçera
para ser por vos perdido.

Pedrōmem.

¶ Ja me quyseram comer
por questa perfya ryue
se pode dizer que viue
o que nam vᵒ pode ver
E poys jsto era sabydo
que mao joguo deos fyzera
a quem naçera ⁊ morrera
nam sendo por vos perdydo

¶ Dom joam manuel.

¶ Dama de tal pareçer
quem cuyda viuer sem vela
por jsso deue morrer
⁊ eu quero antes ter
a morte que mereçela.
polo qual sessam perdido
conforto me que deuera
morrer se viuer quysera
sem vᵒ ver ⁊ ter seruydo.

¶ Pero dalcaçoua.

¶ Quãteu goosto de vᵒ ver
a face volo dyraa
⁊ no talho se veraa
o que engordo com prazer.
nem assado nem cozydo
nem manjar que me fyzera
ser mays ancho q̃ comprido
se vᵒ eu nam conheçera.

¶ Dom joam pereyra:

¶ Os viuos que vᵒ conheçẽ
he bem que dysso se guabem
os mortos se de vos sabem
seraa pena que padeçem.
E que se chame perdido
quem deuernos desespera
⁊ seu tanto bem perdera
nam quisera ser naçydo.

¶ Joham moniz:

¶ Se de mym nã soes seruida
eu nam quysera ser vyuo
ca por vos me praz a vida
por viuer vosso catyuo.

Se quysera ser naçydo
se vᵒ conheçer deuera
matarme se nam morrera
por nunca vᵒ ter seruido.

¶ Garçia affonsso de melo.

¶ Aquesta dama fremosa
causa de meu padeçer
o quem podesse fazer
que me fosse piadosa.
E sentisse meu sentydo
da gram pena que soffrera
se meu por seu conheçera
sem dela ser conheçydo.

¶ Lopo soarez.

¶ Uei uos me he ja poder
com tantas jnfyndas dores
quera possyuel soffrer
de morrer por vos damores
Que seja por vos perdido
por mays perdido mouuera
se nunca vᵒ conheçera
nem teuera conheçydo.

¶ Joam de saldanha ⁊ fim:

¶ Nã se pode chamar vida
a de quem nunca vᵒ vyo
poys nunca vyo nem sentyo
fermosura tam sobida.
Perdydo mays que perdido
fora quem vᵒ conheçera
se vyuera ⁊ morrera
sem nũca vᵒ ter seruido

O conde de borba ha senhora dona lyanor anrrriquez

¶ Eu cuydey em vᵒ louuar
⁊ achey me tam perdido
que perdy todo sentydo
em querer nysso falar;

¶ Quẽ guabar desguabaria
vosso grande pareçer
poys dizendo fycarya
amor parte por dizer
Nam pode ninguem tomar
huũ cuydado tam creçydo
que nom saya do sentido
se nysso quyser cuydar

¶ Ajuda de jorge daguyar.

¶ Poys triste quando qrya
a mym mesmo aseguraruos
me faleçea fantesya
dyguo que milhor seria
nã guabaruos mas mostrruᵒ
⁊ veraa quem duuydar
que sam com rrezam perdido
poys vᵒ nam pode guabar
sem mostrar nenhũ naçydo

¶ Joam foguaça.

¶ Creo ⁊ tenho por fee
que por tam gram pareçer
quanto se pode dizer
⁊ escreuer
he nada perao que he.
quem em vos quiser falar
ha destar a preçebido
caa de ser por vos perdido
sem ousar
senhora de vᵒ guabar.

¶ Duarte da gama

¶ Nam ha syso nem saber
descriçam nem ousadia
que me possa dar poder
de poder por vos dizer
quanto se dizer deuia.
Mas diguo ssem duuydar
como quem no tem sabydo
que quem for por vᵒ perdido
ante deos ssaa de saluar.

¶ Manuel de gooyos.

¶ Nam conssente natureza
que possaes louuada sser
por que pera se fazer
compria tanto saber
como tendes gentilesa.
O que fyca por falar
doque nos tem parecydo
co que temos padeçydo
volo podemos paguar.

¶ Dom joham de meneses

¶ Se neste louuor entrasse
seria pera rachar
a quem tanto senguanasse
que cuydasse
que vº podia louuar.
Pera seruir ꝛ adorar
fuy eu naçido
ꝛ vos ssoo para passar
o que nam podalcançar
nenhũ humano sentydo.

¶ Dioguo brandam.

¶ Poys tendes na vida nossa
mays poder que ninguẽ teue
o que louuaruos ssa treue
que digua mays do que possa
dyraa menos do que deue.
E poys vº ey danojar
pesame de ser naçido
mas folguo por macertar
em tempo que meu sentydo
vº podesse contenprar.

¶ Duarte de leemos

¶ Nam senguane jaa ninguẽ
nem deuem tempo guastar
derem louuaruos a quem
mostrou bem
que vº fez por sse louuar.
Mas o que tenho sabido
isto ssem mays duuydar
he que nam podescapar
de perdido
senhora quem vº oulhar

¶ Anrrique correa.

¶ Sam tam altas dentender
as doçuras quem vos jazem
que se nom podem dizer
em quantas trouas se fazem.
Erro seria guabar.
pareçer quee tam sabido
que se nam pode alcançar
co sentido.

¶ O conde do vymioso.

¶ Como se pode fazer
louuar primor tam sobydo
poys que vosso mereçer
nam he naçydo saber
de que seja entendido.
Eu diguo sem vº louuar
de que tenho conheçido
co mundo por se saluar
deue ser por vos perdido.

¶ Dom manuel de meneses

¶ Mostrou deos este poder
por nos dar dobrada fee
ꝛ em vº assy fazer
nº deu bem a entender
seu poder tamanho hee.
ꝛ poys sse quys esmerar
em vos com todo sentido
nam deue nenhũ naçydo
presumyr de vº louuar.

¶ Pero de sousa rrybeyro.

¶ Senhora achouos louuada
em cheguando de caminho
ꝛ por serdes auysada
vossa merçe he a talhada
duũ seruidor cadeuinho.
O que souuer por prouido
goardesse de vº louuar
ca louuor nam ssaa de dar
em luguar tam mereçydo
e sabydo.

¶ Dom affonsso de norõha.

¶ Nã sey como nynguẽ ousa
cometer tam grãde errada
que cuyda dizeruº cousa
de que vos fyqueys guabada
Mas digua quem vº oulhar
pera que quys ser naçido
se ssespera de saluar
de nam ser por vos perdido

¶ Garçia de rresende.

¶ Se vyreestes trouadores
algũ bom louuor vº dar
loguo podera tomar
fantesya de contar
algũ de vossos primores.
Mas vy tam mal açertar
o que era mays sabido
que nam quys nunca cuydar
em louuaruos mas louuar
quem por vos se ve perdido

¶ Fym.

¶ Do conde de borba.

¶ Nos louuores que vº derã
eu me dou por bem culpado
poys em tudo o q̃ disseram
nam poderam
daruº louuor começado
quanto mays ser acabado.
Acabey sem acabar
desser perdido
mas nam jaa de vº louuar
antes soo em começar
perdy todo meu sentido

A senhora dona felipa dalmada.

¶ O que rrecobrar nõ posso
mundo doordem desygoal
faz que nam desejo vosso
bem nem quero vosso mal.

¶ Mays me praz q̃ assi viua
no limbo destes fauores
que vossos tristes amores
me darem vida catyua.
pesame que o mal vosso
ja cuydey de nam ser mal
prazme por que sey e posso
crer aguora de vos al.

¶ Ajuda do coudel moor

¶ Visto quanto auenturo
polo pouco bem quespero
vosso mal sentyr nom quero
nem de vosso bem nõ curo.
Leyxouos em quanto posso
poys vº conheço por tal
que nam he bem o bem vosso
nem he mal o vosso mal.

¶ Ruy de sousa.

¶ Bom ey por cousa segura
nenhuũ vosso bem que veja
e sey bem que nunca dura
vosso mal que muyto seja.
Conheçer esterro vosso
he ser cousa muy geeral
nam sser bem nenhũ bẽ vosso
nem ser mal o vosso mal.

¶ Ruy gonçaluez rreyra.

¶ Desamo vossos fauores
nom quero vossas lianças
poys v says de tays mudāças
vos e vossos fazedores.
Amyguo fazer nam posso
de vos bom nem cumunal
poys desespero de vosso
bem nam quero vosso mal.

¶ Fernam peyxoto.

¶ Conheçendo bem aguora
de vos mays que conhecia
do mal vosso que sentya
me lanço de todo fora.
E do bem que fyca vosso
por ser cousa em jeral
eu o leyxo se bem posso
poys que tudo pouco val.

¶ Ruy gonçaluez e fym.

¶ Por sentyr vosso sobir
e ver vosso gram decensso
teme o bem o mal jnmensso
que de vos se soy seguyr.
E do bem e fauor vosso
poys vejo que pouco val
eu marreedo quanto posso
poys vº conheço por tal.

O conde do vymyoso a tres damas q̃ sse foram hũa noyte do seram.

¶ Rifam do conde.

¶ Derrezam que vº lembreys
poys veruos nã nos deyxays
senhoras que perdereys
as vydas que nos tyrays

¶ Sua.

¶ E nam que possa ja sser
que doutrem sejam vençidas
mas por que por vº nã ver
as auemos por perdidas.
Seraa bem que vº lembreys
do que nysso auenturays
que nos nã perdemos mays
que quanto nysso perdeys.

¶ Outra sua.

¶ Que posso dizer de myj
que chegue ao que sento
poys por veruos me perdy
e depoys que vº nam vy
vy dobrado perdimento.
que com isso vos folgueys
poys loys a que o causays
lembreuos que perdereys.
a vyda que me tyrays.

¶ De jorge barreto.

¶ As vidas seram perdidas
nos seremos os guanhados
poys que sendo vos seruidas
nos liuramos dos cuydados.
E se como pareçeys
pareçeys e vº mostrays
ajnda nos tornareys
as vidas que nº tyrays.

¶ Do craueyro.

¶ Eu mays que outrẽ ninguẽ
por que nam desesperasse
queria que vº lembrasse
que sem veruos nam ha bem.
Derrezam que vº lembreys
e tam bem que conheceys
cas vidas nos tyrareys
seste caminho leuays

¶ De manuel de goyos fym.

¶ Esta vyda sendo nossa
nam perdemos em perdela
mas perdemos tudo nela
por perdermos cousa vossa:
oo nam nº desempareys
oo senhoras nam percays
todo bem que nos fazeys
pys q̃ vendo nº matays

O conde do vymyoso a hũa senhora que ẽ hũ serã pos os olhº nũ omem.

¶ Olhe bem no seu olhar
quem quiser seguir rrezam
que e synal do coraçam.

¶ Mas cousas q̃ daa võtade
ela soo tem o poder
o engano he verdade
a rrezam he o querer
Tudo vem apareçer
onesto co a payxam
se nam o que he rrazam.

¶ Sua.

¶ Todo ver dos olhos vem
o olhar he com rrespeyto
mil cousas pareçem bem
por querer mas nã por jeytos
ꝛ em concrusam do feyto
la vam olhos ꝛ rrezam
onde vay o coraçam.

¶ Sua.

¶ Olhos aa pera culpar
de cousas que nã tem cura
outros que com fermosura
naçeram pera matar.
Guay de quẽ aa de passar
ambas estas no serão
se nũs soos olhos estão.

¶ Sua.

¶ Se alguem for agrauado
dos seus olhos como sam
assy seja descanssado
ca cuda aeste rrysam.

¶ Ayres teles.

Nã tẽ houtro moor cõtrayro
nem outro mayor amyguo
cos olhos ando em desuayro
ꝛ eles nũca comyguo.
Que se me vem desejar
de ver alguem no serão
seruem loguo aa tenção.

¶ Sua.

¶ Mas hũa cousa que folguo
ꝛ me compre de calar
nam posso dessymular
cos olhos macusam loguo
e em tam vam ssa juntar
com muyto granda feyção
ꝛ sogyguam na rrezão.

¶ Sua.

¶ Mas façam no que quiserẽ
de tudo lhe dou perdam
por enguanos que me dam
quando ja mos dar nõ querẽ.
poys quem aa de desejar
nam tem doutra saluaçam
se nam olhos da feyçam

¶ Luys da sylueyra.

Nos olhos ha myl mofynas
por onde rrezam nom val
jasso mal he das mynynas
nam tomam nem dam synal:
Mas salgũa embycar
em olhar mal no serão
eu lo fereço hũ bordam.

¶ Symão da sylueyra.

¶ A gentil dama bem quista
pera tudo bem fazer
aasse de perder de vysta
ꝛ porem guanhar no ver:
E aquisto nam souber
ꝛ seguyr openião.
tragaa alguẽ pola mão.

¶ Symão de sousa.

¶ A rrezam he ja perdida
se isso falar nam perdesse
hyndeu sey quem sa treuesse
achar mays males na vyda.
Mas o mylhor he calar
ꝛ pronala concrusam
co fruto cos olhos dam.

¶ Vasco de foes.

¶ Quẽ for da minha hydade
mal vᵒ pode rresponder
que pera saber ꝛ poder
ja nam tem se nam vontade.
Quando al quero cuydar
ou me pareçe rrezam
nam me deyxa mays payxam

¶ Dom aluaro da branches.

Que meus olhos dẽ cuydado
tenho lho medo perdido
por co mays forte e passado
ꝛ soffrido.
Mas eu daquy me despedy
pera nunca com rrezam
afyrmar minha tençam.

¶ Garçia de rresende.

¶ O primeyro moujmento
he dos olhos quando vem
ꝛ sse daa conssentimento
o coraçam he jaa bem.
Isto he por mal de quem
ha de soffrer a payxam
com rrezam ou ssem rrezam

¶ Sua.

¶ Tenho rrezam sem na ter
tenho vida ssem ter vyda
tenho a pagua rreçebyda
de meu mal ssoo polo ver.
O que dytoso perder
que grande satiffaçam
he perda com tal rrezam.

¶ Sua.

¶ Quem bem vir a deferẽça
vera que diguo bem nysto
que de vo fazer pendença
do que dantes tinha vysto
Poys vos fostes causa disto
meus olhos meu coraçam
sofrey que tendes rrezam.

¶ Dom gonçalo.

¶ Se ta aquy olhey alguem
nam cuyde ninguem colhaua
se nam soo que me mataua
quem aa muyto que me tem
Quem tyuer meu mal & meu bẽ
meus olhos meu coraçam
sedo o descobriram.

¶ Manuel de goyos.

¶ Nos seus olhos nos alheos
olhe cada hũ por ssy
neles vejo eu em my
o de queles andam cheos.
E poys meꝰ olhos sam meos
do fym de meu coraçam
os outros tam bem no sam.

¶ Joam rroiz de saa.

¶ Ajnda que systo faça
pera ma mym soo matar
quem nam ha de perdoar
olhos de graça.
Estes nam sacham na praça
mas velos es no serão
nũca postos em foam.

¶ aluaro fernãdez dalmeida

¶ A rezam he menos parte
para somente ajudar dela
cada huũ pola suarte
todos se perdem por ela.
E poys o queu tyro dela
sam males sem concrusam
tyremme dos a tençam.

¶ Diogo de demelo.

¶ Toda dor que traz cuydado
quem na bem sabe sentyr
mal a pode encobrir
se de la he jaa tomado.
Nam deue desser culpado
nenhũ mal do coraçam
selho fazem sem rrezam.

¶ Sua.

¶ Este soo descanso tem
minha vyda sem ter al
sente tanto o contrem tem
quanto eu synto meu mal.
Nesta vyda ey dacabar
poys tomey a condyçam
de quem faz assem rrezam.

O estribeyro moor.

¶ Meus olhos me dã tal vida
quando meu mal faz mudãça
qua rrazam nam daa ssa yda
onde falece esperança.
mas ja queria acabar
& padecer a rrezam
a pena do coraçam.

Sua.

¶ Vyuy na fee do engano
o coraçam consentyo
dos olhos me veyo o dano
a rrezam me descobrio.
Nam quero meu mal cuydar
por que synto tal payxam
que ygram medo o coraçam.

Joam dabreu,

¶ Queu nam seja pera ver
tenho olhos com que vejo
que nam pode ver prazer
quem quer grãde bem sobejo.
Isto soube conhecer
cos olhos do coraçam
senhora questee foão.

Dom joam de meses.

¶ Dũs olhos andam aquy
que olhando oo desdem
nunca passam por ninguem
que nam leuem apos ssy
E alguem cuyda que rry
que traz ja no coraçam
o nome de cujos sam.

¶ Sua.

¶ Sem fazer bem nem merce
olha sempre com tal jeyto
que a torto ou a direyto
tudo leua quanto ve.
Nam ha nela nenhũ se
& por mayor perfeyçam
tyuisse muyto da rrezam.

¶ Gonçalo da sylua.

¶ Fym.

Meus olhos sam agrauados
da vyda que tem tomada
e nam podem ser curados
se nam com agoa rrosada.
Que nam lha proueyta nada
por que sam de tal feyçam
que me da muyta payxam.

O craueyro do dioguo de meneses aa senhora dona felipa dabreu.

¶ Rifam:

¶ Saybasse que diguo
cada dia & cada ora
que nam sam meu
mas ssam todo da senhora
dona felipa dabreu

¶ Que seu tyuera poder
em mym & em minha vyda
nam na tyuera perdyda
nem me podera perder.
Mas poys triste nã sam meu
nem no serey nenhũ ora
saybasse que diguo eu
que sam todo da senhora
dona felipa dabreu.

¶ O conde de tarouca

¶ Sam por ela tam perdido
e por seu gram mereçer
que a meu ver
da chagua que sam ferido
jaa nom posso goareçer.
E por isso diguo eu
duas myl vezes cadora
que sam sandeu
damores pola senhora
dona felypa dabreu

¶ Jorge da sylueyra.

¶ Em todos tendes poder
todos matays gentyl dama
os de lonje com a fama
os daquy co pareçer.
Poys isto que ds vº deu
nos podeys tyrar nũ ora
he sandeu
quem vº nam serue senhora
dona felypa dabreu.

¶ Sancho de touar.

¶ Dama de tam grã destima
e de tal mereçimento
nam na sento
senam soo aquesa prima
que me daa grande tormẽto.
E porem confesso eu
pera sempre desdaguora
que nam sam seu
mas da prima da senhora
dona felypa dabreu.

¶ Dom françisco dalmeyda.

¶ Eu vyuo tam enleado
com tam mortays desfauores
que ando marauylhado
e pasmado
por que me mato damores.
E poys que ja nam sam meu
e isto nam he daguora
saybasse que nam sam sseu
por que sam doutra senhora
que se nam chama dabreu

¶ Do craueyro.

¶ Dyno de muy grãde culpa
deue ser e rreprendido
quem se nam vey destroydo
e por vos nam he perdido
eu lhe vejo maa desculpa.
Bem culpado ser yeu
cada dya e cada ora
se nam fosse tam sandeu
como sam por vos senhora
dona felypa dabreu.

¶ Joam anrriquez.

¶ Sam ja de todo vençydo
forçado de seu poder
e pareçer
vejome sendo perdido
ganhado por bem querer.
Vejome catyuo seu
acupado toda ora
a dyzer que nam sam meu
se nam todo da senhora
dona felipa dabreu

¶ Dom felype.

¶ Poys q̃ al fazer nã posso
vendo vossa fermosura
he forçado
apregoarme por vosso
poys me deu minha ventura
tal cuydado.
Cuydado nam trazyeu
em me namorar agora
mas mal viueu
se me nam dou aa senhora
dona felipa dabreu.

¶ Aluaro pyryz de tauora

¶ Quẽ sse decrarou por vosso
acho eu que se tyrou
de muytos danos
por que eu triste nam posso
chamandome de cujo sou
aa myl anos.
e assy que nam sam meu
nem o quero ser hũ ora
e isto confesso eu
a minha prima e senhora
dona felypa dabreu

¶ Symão de ssousa.

¶ He de tantas perfeyçoões
que todos os que auemos
lhe deuemos
de dar nossos coraçoões.
Sera prímeyro o meu
que ja nũca tem hũ ora
de descansso posso seu
daquesta nossa senhora
dona felypa dabreu.

¶ De pero corea ao craueyro

¶ Soes galante syngular
e dyno de muyta fama
poys em tam fermosa dama
vº soubestes empreguar
O tala vos fosse eu
nam dyguays que volo disse
que tam bem seria seu
se mo ela conssentisse.

¶ Outra sua.

¶ Tomastes gentil querella
se de vos for bem seguyda
mylhor he morrer por ela
que por outra dobrar vyda.
E dyzey que dyguo eu
que naçeo muyto emboora
quem perdeo o ssyso seu
com amores da senhora
dona felypa dabreu

¶ Vasco guomez dabreu.

¶ Fermosura tam sobeja
lhe deu deos quantre nos
que nam sey quem na bẽ veja
que nam digua como vos.

certo he que sera seu
seruydor desta senhora
quem nam for da que sam eu
⁊ esta tyranoo a fora
todas leua a dabreu.

¶ Pero de mendoça.

¶ Hũa prima que la tem
me tyray fora a hũ cabo
entonçes nam oyres guabo
que lhe nam venha muy bem.
⁊ por jsso diguo eu
que a vyo muyto em fortora
hũ jrmão que tenho eu
o pareçer da senhora
dona felypa dabreu.

¶ Françisco de mendoça.

¶ Do que dyzeys nõ mespãto
mas como fyca ninguem
que nam dygua outro tanto
que lhe nam queyra mor bem
E por mym o julguo eu
que nam fyca nenhũ ora
de ser perdydo polo seu
poys bradêmos desdaguora
todos juntos por abreu.

¶ Garçia de rresende.

¶ Quem nã for muito vẽçido
de seu gentil pareçer
por perdido
se conte ⁊ nam por naçydo
poys o al nam he vyuer.
Que por este mouuer eu
se como a vy mays hũ ora
fora meu
⁊ nam loguo da senhora
dona felypa dabreu.

¶ Dioguo da syllueyra:
¶ He de muytas estremada
⁊ de muyta perfeyçam
a senhora nomeada
no rryfam.

Mas eu triste nam sam seu
por que sam doutra senhora
por quem meu coraçam chora
cada ora
que se nam chama dabreu.

¶ Dom garçya de noronha

¶ Se nam fora conheçer
a senhora sua prima
puseraa senhora a çyma
das damas que podem ser
naçydas ⁊ por naçer.
Poys a vy ⁊ polo sseu
me perdy junto nũ ora
nam me tenhays por sandeu
em nam sser desta senhora
dona felypa debreu.

¶ Françisco de sousa ao
craueyro.

¶ Que vos matesseu cuydado
por que vyua vossa fama
antes dela desamado
poys foes tã bem empregado
caa vyndo com outra dama.
Este conselho he o meu
nam diguo mays por aguora
que sam seu
polo vosso da senhora
dona felypa dabreu.

¶ Outra sua.

¶ Antes me qnero calar
contentome dentender
que sem devyno poder
nam se poder aa dizer
quanto fyca por falar.
⁊ por jsso fyco eu
bradando cada meora
sem sser meu
⁊ jsto saybaa senhora
dona felypa dabreu

¶ Dom rrodriguo de sousa;

¶ Quẽ bẽ tyuer na memoria
toda sua gentyleza
he cousa muyto notoria
a ver por grande vytoria
soffrer por ela tristeza.
Polo qual mafyrmo eu
que qual quer q̃ se namora
he sandeu
se nam serue a senhora
dona felypa dabreu.

¶ O barão.

¶ Se ja nam fora tomado
damor mortal q̃ me tem
segundo pareçeys bem
cos vossos fora contado.
Mas he tamanho o mal meu
hũ ano ⁊ meyo aa gora
que sam sandeu
por hũa minha senhora
que nũca me quys por seu.

¶ Dyoguo brandam.

¶ Esta tem mays perfeyçam
de quantas no mũdo sento
polo qual que de paytam
he soffryda com rrezam
por seu gram mereçymento.
E por jsso nam ssam eu
pera sempre desdaguora
na da meu
por ser todo da senhora
dona felypa dabreu.

¶ Outra sua.

¶ Desta vyda dama tal
creyo que nam vyo ninguem
polo qual
ajnda que faça mal
lhe deuem de querer bem.
Poys daquy mafyrmo eu
que tenha mall cada ora
nam ser meu
por ser todo da senhora
dona felypa dabreu.

¶ De francisco dalmada:

¶ Quē quiser leuar caminho
de a louuar na verdade
he saudade
poys he çerto caguostinho
sem baraçou na trindade.
E pois nisto fuy lande u
lanço o tal cuidado fora
e confesso que sam seu
da senhora
dona felipa da breu.

¶ Francisco da silueyra.

¶ Acolhamonos do syso
se,amos cujos deuemos
nam erremos
poys o al he todo rriso
nom se leyxe o parayso
doje auante açertemos.
Nō quer o mays ser ssa ndeu
e leyxo ia des daguora
de ser meu
por ser todo da senhora
dona felipa da breu.

¶ De joam foguaça.

¶ Por ela mey de perder
porque he todo meu bem
e ey de morrer
por ela ey de fazer
o que nam fara ninguem.
E por ela diguo eu
pera sempre e des daguora
que nam sam meu
mas sam çerto da senhora
dona felipa da breu.

¶ Joam da silueyra.

¶ Hũa ley se fez e disse
de que todos tem querela
que quem esta dama visse
em tam gram pena caysse
que se perdesse pareçla.

Pola ver me vejo eu
perdido cada meora
sem sser meu
atee merçe da senhora
dona felipa da breu.

¶ Fym do craueyro.

¶ Esta ley foy assynada
senhoras com condiçam
questa seja apregoada
poys he ja sentenciada
por dama mays emvejada
de quantas no mundo ssam.
O pregoeyro sam eu
que nam quer leyxar hũ ora
sendo sseu
de me matar a senhora
dona felipa da breu.

De dom diguo filho do marq̃s aa senhora dona briatiz de vilhana a que ele chamaua a periguosa.

¶ Rifam.

Nā sespera outro rremedio
de quem vyr a periguosa
se nam vida douidosa

¶ Aquisto milhor me vem
que mal que nam faz mudāça
nam ter nenhũa esperança
este soo descansso tem.
nam espere outro bem
quem ja vyo a periguosa
se nam vida douidosa.

¶ Outra sua.

¶ Nam quero que possa sser
pera mym vida segura
tomo por milhor ventura
quanto nesta se perder.

E pois al nam sey querer
nam he cousa douidosa
querela mays periguosa.

¶ Da senhora dona joana de mendoça.

¶ Por acudyr ao rrifam
nam sey cousa que nam faça
ate confessar na praça
tudo o que nele vᵒ dam.
E pareçeme rrezam
que poys soys tam periguosa
nam sejays despiadosa.

¶ De jorge barreto.

¶ O periguo bem olhado
co vosso folguara bem
mas jachey me ja tomado
dum cuydado
que ja tenho que me tem.
deste senhora me vem
nam ter vida douidosa
mas antes muy periguosa

¶ De dom antonio.

¶ Diguo vos minha tençam
como quem al nam deseja
por quey muyto grāde enueja
aa pena de meu yrmão.
E poys tem tanta rrezam
a vida mays trabalhosa
ser lhaa menos periguosa.

¶ Do conde dalcoutym.

Poys o vosso mal tomamᵒ
por descansso peranos
rremedio day nolo vos
que o bem nos volo damos.
sentyo poys o leyxamos
em vida despiadosa
tam crua e tam douidosa.

¶ Do conde de portalegre.

¶ Este rremedio tomado
se fosse posto em balança
sobre muy fraca esperança
segura grande cuidado.
Mas he bem auenturado
quem com vida trabalhosa
escolhe a mays periguosa.

¶ Do conde de vila noua.

¶ De seus rremedios nã ssey
sey mujto de seu periguo
que qua le veo comiguo
onde me dele apartey.
E quando mays ma longuey
em tam vy mais douidosa
minha esperança enguanosa.

¶ Do baram.

¶ Vosso mal he tã sem cura
que nam deueys desperar
de terdes vida segura
a que vos der auentura
essa deueys de tomar.
De vesuos de contentar
de dama tam periguosa
ter a vida douidosa.

¶ De dõ joam de larçam.

¶ Tornar sse de morte a vida
tera çerto quem a vyr
e quanto mays a sseruir
tera pena mays creçida.
Esta condiçam ssabida
tem quem vyr a periguosa
vida e morte douidosa.

¶ De dõ affonsso da tayde.

¶ Se fosse em nossa eleyçam
do mal tomar menos mal
quem quereria fazer al
vendo tam crara rrezam.
Mas olhos e coraçam
nesta vida douidosa
escolhem a mays periguosa.

¶ Do contador mor.

¶ Estes periguos vos dam
terdes tam justa querela
que quem vos julguar por ela
confessara vossa rrezam.
E com esta condiçam
tende vida trabalhosa
pois que venda periguosa.

¶ De dõ pedro dalmeyda.

¶ Pera aqui poder viuer
onde se vida nam daa
o mor periguo que haa
fyca ja em ser prazer.
Pera aqui a ver de ter
vida menos douidosa
seria mais periguosa.

¶ Outra sua.

¶ Nenhũ rremedio nã vejo
que nesta vida que siguo
quanto mais çerto periguo
mereçe mais o desejo.
Quesperança e mal ssobejo
a fora ser douidosa
he muyto mais periguosa.

¶ De dõ luys de meneses.

¶ O q̃ vida tem quẽ viue
neste mundo sem na ver
nem ouuir nem entender
mas poys eu esta nam tiue
desespero de a ter:
Nem pode ninguem querer
de dama tam periguosa
se nam vida douidosa.

¶ De luys da silueira.

¶ Muy mao rremedio vos vejo
e vos pyor o buscays
quesperança nam tenhays
quem tem tam alto desejo
nam deue de querer mays.
nem creo eu que ninguem
queyra da gram periguosa
mays que vida douidosa.

¶ De dõ rrodriguo lobo.

¶ De tã grãde e tal cuidado
estee o bem que ssalcança
perder omem esperança
e fycar ele dobrado.
Viuey vos desenguanado
com vida tam periguosa
que val mays que douidosa.

¶ Outra sua.

¶ Estaa muy auenturado
quem tam alto fantesya
poys se mete num cuidado
que quanto mais a prefya
se vey mays desesperado.
Enguano desenguanado
he a vida douidosa
em poder da periguosa.

¶ De symão de ssousa.

¶ Tormẽto q̃ a tormenta assy
por amor de quem sse sente
rremedeo do mal presente
se pode chamar aquy:
Se sse vyo eu nunca vy
seruida despiadosa
tam doçe tam periguosa.

¶ Outra sua.

¶ O q̃ se na vida mays presa
que se na vontade mays traz
esta he a que mays mal faz
e a de menos firmeza.
A vida por gentileza
seja a da tam periguosa
por ahy nam auer grosa.

¶ De symão de miranda.

¶ O rremedio dos vencidos
he a causa de seu mal
sendo comesta que e tal
qual nunca vyram nacidos.
Guanhãsse de bem perdidos
os que com vida penosa
se chamam da periguosa

¶ De joã foguaça.

¶ Quem louuar e quẽ disser
muy grande verdade dyz
e nam se enguana
que nam a hy ygoal molher
a senhora dona briatyz
de vylhana.
Polo qual nã ha rremedio
a cousa tam periguosa
nem ha molher tam fermosa

¶ De sancho de ssousa.

¶ Senhora quem eu seruira
contente da tormentado
dando vida por cuidado
se a ley o permetyra.
Vosso mal por bem sentira
que de vida periguosa,
he a minha desejosa.

¶ De dom jeronimo.

¶ Meu mal rremedio nã tem
a dor disto he desigoal
mas em mym nã ha mays bẽ
que esperança de seu mal.
Se nesta tençam nam val.
em cousa tam periguosa.
deos a faça piadosa.

¶ De joã rroiz de ssaa.

¶ A quẽ se me teo em bando
antre periguo e rrezam
mays val viuer desejando
duuidas que vam volando
que ter çertezas na mão.

Quem tamanha oupiniam
a vida mays douidosa
he a menos periguosa.

Outra sua.

¶ Que rremedio tomaria
quem me a mym preguntasse
ysto lhe consselharia
que periguo por melhoria
de dous estremos tomasse.
E se a vida auenturasse
a sser triste e trabalhosa
fosse pola periguosa.

De joã da silueyra.

¶ Tomay a minha vontade
esta vida por auença
porque na gram deferença
quem a rrecca a verdade
nam quer esperar ssentença.
bem compre qual quer de tẽça
qual quer cousa douidosa
em vida tam periguosa

De nuno da cunha.

¶ As duuidas que nos dayo
cada dia em nossas vidas
eu as tinha bem sabidas
senhora em vossos ssynaes:
Em vossos sinaes mortaes
em que nam vy douidosa
minha vida periguosa.

¶ De pero do ssem.

¶ Nam ma treuo a guabar
tal primor e prefeyçam
cuidar ver e contemprar
por que dar vida e matar
podeo com a tençam.
pois quẽ dara aqui rremedeo
descapar aa periguosa
se nam ela tam fermosa.

¶ Outra sua.

¶ A ela nos ssocorramos
a ela nos entreguamos
e a ela ssoo peçamos
que nos guarde de sseus danꝰ
poys mal lhe nam mereçemꝰ.
e so contrayro queremos
nam nos seraa piadosa
mas antes muy periguosa.

¶ Dãtonio da cunha.

¶ Grã periguo he nã na ver
mas o q̃ de a ver salcança
he viuer sem esperança
de jamais poder viuer.
E se vida poder ter
o que vyr a periguosa
sera triste e douisosa.

¶ Daluaro fernandes dalmeyda.

¶ O rremedeo he ynçerto
e a perdiçam ssegura
mas quẽ dela esta mays pto
este tem milhor ventura.
Por q̃ a dor desta fegura
que sseja muy periguosa
tam bem he muyto fermosa.

¶ De dom françisco de ssousa.

¶ Esta duuida era jaa
aa muytos dias ssabida
mas a que tem minha vida
esta nunca sse diraa.
porem ysto ssaberaa
que he pera mym piadosa
quem na fizer douidosa

¶ De dom françisco de viueyro.

¶ Estee o cabo dos louuores
que a dama sse podem dar
minha senhora aa louuar
sendo a mayor das mayores.

Do que primor de primores
hũa dama tam fermosa
louuar a gram periguosa.

¶ Outra sua.

¶ Nouos modos de dizer
sse deuiam de buscar
poys q̃ deos peraa fazer
trabalhou polos achar.
deuensse de contentar
os que tem vyda penosa
ser a causa a periguosa.

¶ De garçia de rresende.

¶ Quẽ na vyr nam pode ver
senam dessy maao pesar
poys tem çerto o padeçer
⁊ apagua do perder
soo com vela se paguar.
Mas goay de quẽ ssa fastar
de ver cousa tam fremosa
que seja tam periguosa.

Outra sua.

¶ Por nam cayr em çerteza
nam falo na fermosura
em manhas nem gentileza
poys daqui atee veneza
nam naçeo tal criatura.
Minhalma tem ja ssegura
minha vida periguosa
minha fee nam duuidosa.

¶ De dõ aluaro dabrãches.

¶ Isto sse me deue crer
polo que tenho ssabydo
de poys de tanto ssoffrido
que me faz tam triste sser
quanto ledo sser perdido:
Polo qual he mor rremedio
morrer pola periguosa
que ter vida duuidosa:

¶ De dõ alonsso pacheco.

¶ Pera vᵒˢ louuar milhor
nenhũ louuor vᵒˢ nam ssento
que vᵒˢ nam venha pior
que nouo mereçimento
ha mester nouo louuor.
Nem queyrays outro mayor
que de sserdes tam fremosa
vᵒˢ acham tam periguosa.

¶ Da senhora dona maria de bobadilha.

¶ Isto nã mo aguardeçaaes
por quysto vᵒˢ am dachar
que o que mays vᵒˢ louuar
vᵒˢ fica deuendo mays.
nem queyrays outros ssynays
de sserdes tam periguosa.
senam sserdes tam fremosa.

¶ Fym de dõ diogno.

¶ Este rremedio que temos
bem vejo quam caro custa
⁊ que a vida auenturemos
por ser por cousa tam justa
he gram rrezã que a demos.
Porq̃ muy puco perdemos
em vida tam duuidosa
pois he pola periguosa.

De dom joam ma/nuel camareyro moor.

¶ Desejo muyto saber
de quem foy ledo algum dia
que cousee esta alegria
por que nunca a pude ver

¶ Andey ja dias ⁊ anos
polachar vou ma perder
soffrendo coytas ⁊ danos
acho sempre desenguanos
que me nam leyxam viuer.
Desespero de prazer
sam tam fora dalegria
quem q̃ maa mostrem de dia
nam na cy de conheçer

¶ Pedro omem.

¶ Hũs dizem questaua caa
outros que vem de castela
em poder dhũa donzela
de que nunca sauera a.
Aoutros ouuy dizer
questa senhora sa bya
com muyto pouca alegria
muyta tristeza fazer.

¶ Anrrique correa.

¶ Certeficouos senhor
ysto nam saya daquy
que nestas festas a vy
a hũ meu competidor.
Oera rrezam de a ter
eu nam volo juraria
mas juro que nam vy dia
que vysse menos prazer

¶ Dom nuno.

¶ Vejo vᵒˢ senhor yrmão
eu nam sey se tendes dama
vyr chorando do serão
⁊ dar çem voltas na cama.
Nas damas nam ha prazer
eu por ysso todo o dia
sesse la no campo cria
cuyday que a cy deuer

¶ Frãçisco da silueyra:

¶ Todos meᵘˢ dias perdy
em buscala
castela frança corry
outras mil terras que vy
sem achala.
Mas per la ouuy dizer
que neste rreyno dom dia
fycaua toda em poder
de quem nam na mereçya.

E pero de sousa rribeyro aa senhora dona maria de meneses estando para casar.

¶ Em tudo noua maneyra
tomou meu bem dacabar
em leuantando a bandeyra
comprio loguo de bayxar.

¶ Que perder a liberdade
que tinha quem a mym tem
nam sey como nem por quem
a tantos faz crueldade.
He guerra grande ynteyra
qua mym aa de guerrear
poys fuy leuantar bandeyra
que comprio loguo a bayxar

¶ Sua:

¶ Sey o mal do casamento
por chũa vez ja casey
tenho dor tenho tormento
por que nam no encantoey.
A cousa vay de maneyra
que se nam pode scusar
e eu leuantey bandeyra
que rrezam manda a bayxar.

¶ O camareyro moor:

¶ Nã party com boas aues
e com pee ezquerdo entrey
pois achey males mais graues
de quantos fantasiey.
Estou na mais derradeyra
maa ventura que cuydar
se pode poys a bandeyra
ja nam ey dalevantar

¶ O prior do crato:
dõ dioguo dalmeida.

¶ O mundo he destruydo
ja nam ha hy mal nem bem
tudo se perde por quem
a mym leyxa tam perdido.
Fremosura tam guerreyra
como nos podeys leixar
ou que seraa da bandeyra
que me mandays a bayxar

¶ Outra sua e fym.

¶ Se nam confirmasse el rrey
a tença que lhe e pedida
por que ficasse empedida
esta ley tam contra ley
Seria grande maneyra
pera se tudo em lear
e quem a bayxou bandeyra
tornala hya a leuantar

E pedro homem estribeiro moor del rrey.

¶ Hoje auante quem quiser
que lhe queyra mal alguem
dyguallhe que lhe quer bem.

¶ E por hy nam auer grosa
nam entendam todos ysto
se nam em dama fermosa
descreta e graciosa
por que desta sam mal quisto.
Por q̃ a que nam tyuer
estas tres como ela tem
quiça que querera bem

¶ De dom fernando de meneses.

¶ Por que disto me temya
mencobry o mays que pude
mas nunca me ds ajude
se o certo nam sabya.
E por ysto quem quiser
que lhe vaa mal com alguem
sirua a quem eu quero bem.

¶ De jorge daguyar.

¶ Por q̃ tal ma contecco
com foam
que seruy desque naço
mas des que me conheceo
nunca mais me foy muy sam.
E por ysso quem quiser
que lhe vaa mal com alguem
diguallhe que lhe quer bem.

¶ De arelhano.

¶ Se quereys em portugual
que vᵒ vaya bien damores
seruy a quem quiserdes mal
e vereys venir fauores
E por esso el que quisiere
fauores sacar dalguem
fingindo le quiera bien.

¶ Dom garçia dalboquerque.

¶ Mostray se quereys tyrar
da dama algum bem querer
que a nom quereys oulhar
nem onde ela esta estar
vela eys por vos perder.
E se o nom quereys fazer
e lhe quiserdes gram bem
nam volo querera ninguem.

¶ Outra sua.

¶ Disto som escarmentado
poys triste por mym passou
com verdade namorado
sem hũ ora ser mudado
de quem morte me causou.
e folgou
de me ver assy morrer
por lhe querer grande bem
moor que nũca quys ninguẽ.

¶ De francisco da silueyra.

¶ Fym.

¶ Visto nom aja de bate
ante todos ſeja crido
que quem quiſer da rremate
grande bem ſem ſer fengido
eſte tal ſera perdido.
E por yſſo quem quiſer
damores querer alguem
fengido lhe queyra bem.

E jorge da ſyl/ueyra a huũ pro poſito.

¶ Minha vida nam he vida
coraçam nom me rrepouſa
com deſuayros dũa couſa.

¶ Meus olhos deſejam ver
o que minhalma queria
mil mortes na fanteſya
quiſto deſuia deſſer.
Aſſy que nam tenho vida
coraçam nom me rrepouſa
com deſuayros deſta couſa.

¶ Symão da ſylueyra.

¶ O que quero o que deſejo
nam no ouſo de ſaber
por quey medo do que vejo
e a rreçeo o qua de ſer.
Porem queryaa dizer
tem tanto medo eſta couſa
que ſayr de mym nam ouſa.

¶ O craueyro.

¶ De dous males deſiguaes
me vejo tam combatido
que perco todo ſentido
ſem ſaber nem ter ſſabido
que mal deſtes me doy mays.
Com ambos me nam leytais
coraçam nõ me rrepouſa
com deſejar hũa couſa.

¶ Luys da ſylueyra.

¶ Eu cuidey quera paſſado
ja meu mal e meu tormento
e he vento
que ſynto nouo cuydado
de muy velho penſſamento:
O nouidades de vida
eu nam ſey quẽ viuer ouſa
deſejando grande couſa.

¶ Dom aluaro de norõha.

¶ Deſcanſſo nam no eſpero
de tudo deſeſperey
como me determiney
nem faço a vida que quero
nem me quer a que tomey.
A ventura ſeguirey
que e muy perigoſa couſa
fazer homem o que nã ouſa.

¶ Symão de ſouſa.

¶ O que e bom pera viuer
he mão pera quem nam viue
de quantas mas vidas tiue
eſta ſoo mo fez ſaber.
Que maa vida de ſofrer
he a de ſymão de ſſouſa
com deſuayros duũa couſa.

¶ De vaſco de foces.

¶ A vida que tenho agora
eſſa ey ſempre de ter
nem vira a dia nem ora
em que tenha mays prazer.
deſejo de a dizer
mas meu coraçam nam ouſa
que deſcubro grande couſa.

¶ Dõ fráciſco de bineyro:

¶ Ay que nam poſſo viuer
ſegundo caminho vejo
por quo que quer meu deſejo
mynha ventura nam quer.
E por quiſto aſſy a de ſer
ja minha vida nom ouſa
deſejar nenhũa couſa.

¶ Outra ſua.

¶ Voſſa grande perfeyçam
maa forçado que vos ame
e voſſas obras tays ſſam
que mam dam que vos deſame.
Em tal ponto minha vida
poſta he que nom rrepouſa
com deſuayros duũa couſa.

¶ Dõ garçia de noronha.

¶ Em meu mal eſtaa meu bẽ
per dio em almeyrim
ja nam tenho mays em mym
cos deſaſtres que me vem.
O cam triſte vida tem
peſſoa que nam rrepouſa
com deſuayros duũa couſa.

¶ Ayres telez.

¶ Viuo triſte deſpedido
do bem que daa eſperança
deſejo fazer mudança
doutra parte canſyança
quer que viua como viuo.
Som de todo ja vençido
coraçam nom me rrepouſa
com deſejo duũa couſa.

Outra ſua.

¶ Liberdade fuy perder
por guanhar nouo cuidado
mas ſeu queria viuer
ſoo huũ ora ſem no ter
nunca viua deſcanſſado.
Por que e ja tam enguanado
meu coraçam neſta couſa
q̃ nas outras nam rrepouſa.

Duarte da gama.

¶ O temor demaſiado
do mal que por mym ſeſpera
me faz que ja o quiſera
ter paſſado.

E faz me que minha vida
nom descanssa nem rrepousa
com desuayrosa hũa cousa

¶ Garçia de rresende.

¶ Minha vida soo o nome
tem de vida e de viuer
e quem vida quiser ter
o contrayro dela tome
pola çedo naim perder.
Ysto me faz nam dizer
e encobrir hũa cousa
que na minhalma rrepousa

¶ Joam rroiz de saa.

¶ Nam ouso de desejar
nem deseso ser ousado
por que ey medo de tomar
tomar tam grande cuidado
que me nam queyra matar.
Folguaria dacabar
mas meu coraçam nam ousa
começar tamanha cousa.

D Ayres telez aa senhora dona joana de men / doça.

¶ A groria desse perder
que teraa quem vº seruir
quisa deos soo descobrir
a quem quis dar mais prazer

¶ Por qua vida qualgũ tem
nam se ssente nem padeçe
se nam segundo mereçe
a causa donde la vem.
E quem esta puder ter
senhora por vº seruir
nam pode pena sentyr
que nam synta mays prazer.

¶ O barão.

¶ Se com vosso pareçer
cõdiçoes manhas conssegue
as outras damas de crer
deuem qua veys de fazer
cos seruidores as neguem.
E por ysso quem tiuer
ssyso deue de fogyr
donde nam deyxam sentyr
a pena que da prazer.

¶ Francisco da silua.

¶ O que menos vº conheçe
este ey por mays perdido
por q̃ quem por vos padeçe
na groria tem mays a vido
do que na pena mereçe.
E quem por vos se perder
ser lha milhor nam sentyr
o gosto de vº seruir
pera mays vº mereçer.

¶ O conde do vimioso.

¶ Se prazer he ser perdido
grande dita foy a minha
poys com tanto mal soffrido
me fuy perder tam assinha.
ditoso em me perder
mas nam pera vº seruir
coutrem tem esse poder
e eu naçy para o sentyr.

¶ Outra sua.

¶ Eu determino dauer
hũa vida emprestada
pera por vos a perder
por qua minha nam he nada.
Que nam tem tanto valer
pera que possa sentyr
a groria que deue ter
senhora quem vº seruir.

¶ Aluaro fernãdez dalmeida.

¶ Por este contentamento
que derrara este rrifam
quando tiuer mays tormento
terey mays satisffaçam.
Que se pode aconteçer
nem que posso ja sentyr
poys q̃ quando me perder
aa de ser por vº seruir

¶ Manuel de vilhena.

¶ Esta groria quem na tem
posto que folgue co ela
nam lhe tyrara ninguem
o rreçeo de perdela.
Em cousa que sa de ter
pera mor pena sentyr
nam se pode achar prazer
se nam soo em vº seruyr

¶ Garçia de rresende.

¶ Quẽ menos vº tem seruido
tem mays que vº aleguar
poys val mays o mais poido
milhor me vem o partido
do perder que do guanhar.
E se me nam quys perder
senhora por vº seruir
deueys crer e conssentyr
que foy por mays mereçer.

¶ Francisco dessousa.

¶ Tres anos ha q̃ sam fora
quatro mil legoas daquy
donde afirmo que nam vy
nem menos des que naçy
tam gentil dama ate gora.
E por ysto sey dizer
que quem quer q̃ vº seruyr
que quanta pena sentyr
se pagua so com vº ver.

¶ Dioguo de melo.

Poys nos os quis amostrar
em vos todo seu poder
ter sojeyto
deuemolo bem de louuar
se sse nam a rrepender
de vº ter feyto.

Grande merçe quis fazer
soa quem quis descobrir
a grorea que he perder
a vida por vº seruir.

¶ Joam rroiz de saa:

¶ Mas porẽ nã na quis dar
tam barato quescusasse
de passar quem na buscasse
grandes tormentos damar
antes qua porto cheguasse.
Para se poder soster
a grorea de vº seruir
deu mal para rresestir
a tam sobejo praze.

¶ Dõ frãçisco de viueiro:

¶ Cuidar ẽ dar vº louuores
he lançar agoa no mar
sem jamays nunca cheguar
a vossos grandes primores.
mas sey que quem bem sentyr
fara o quey de fazer
quee morrer por vº seruir
e sem ysso nam viuer.

¶ Françisco homem:

¶ Tam grande mereçimento
que rrezam leue por guia
nam vº pinta a fantesia
quelhe days contentamento.
Mas a grorea de vº ver
obriguaa vº seruir
sem se poder encobrir
de ninguem mays seu prazer.

¶ Pero moniz:

¶ Tal rosto e tal fegura
vº foy deos senhora dar
que quem quer que vº olhar
nam tem na vida segura.
Ditoso se a perder
pois sa de rrestituir
a pena qua de sentyr
coa grorea qua de ter.

¶ Cabo dayres telez:

¶ Se eu podesse ganhar
doutra parte çem mil vidas
seria por volas dar
peraas ver tã bem perdidas.
Por quee tam pouco perder
hũa soo por vº seruir
que por mays groreasentyr
queria mays vidas ter.

E joam da sylueyra aa senhora dõa marguarida freyre.

¶ Desejo de vº louuar
mas quando quero fazer
tam pouco posso dizer
como se deue calar.

¶ E mays em que possa sser
outro medo mo defende
que quem ysto emprender
dara loguo a entender
que cuida que vº entende.
O q̃ nam ssa de cuydar
menos se deue dizer
e por ysso eu quero ter
a culpa de me calar.

¶ De dõ lourẽço dalmeida.

¶ A quem sobeia rrezam
nam pode dessimular
questa he minha tençam
quem nam tem comparaçam
nam se pode comparar.
E se cuido em vº guabar
vejo q̃ nam pode sser
e quem mays ha de dizer
aasse de saber calar.

¶ Do conde dalcoutym.

¶ Eu quiserame calar
e nam me pude soffrer
e tam bem nam sey dizer
quanto sse deue falar.

Assy qua questa rrezão
mescusa deste periguo
mas o queu aquy nam diguo
caa o diz minha tenção

¶ De fernam telez.

¶ Eu bem sey que me sseria
de meus males gram cõforto
se visse na fantesya
quem na vida me tem morto:
Mas poys triste contemprar
tam infyndo pareçer
nam pode sser
louue vº quem vº louuar
queu nam sey mais caadorar,
e padeçer.

¶ Do conde do vimioso:

¶ Como quem fala de fora
ou sara de vº guabar
se nam fora
ver vº eu minha senhora
meu cunhado assy matar.
Mas ficou me de vº ver
tal medo que mays falar
nam ouso nem ssey dizer
que bom calar
he milhor parescapar.

¶ Do conde de farão.

¶ Quanto temos mais rrezã
de louuar o que pareçe
tanto menos nº mereçe
de louuar a condiçam.
Porque soo de a olhar
sesperança ssa de ter
he de muyto mal soffrer
e pouco bem esperar

¶ De dõ frãçisco dalmeida.

¶ As mãos vossas tẽ ia feyto
em mym sempre tal lauor
que em todo seu fauor
som ssojeyto.

mas porem possa fyrmar
queste vosso pareçer
nom sse vyo nem ssa de ver
tal cousa pera guabar.

¶ Dõ françisco de vyueyro.

¶ Quem algũ syso tyuer
dyraa que nam vº guabemos
poys que sayba o que quyser
que digua mays que souber
he nada paro que vemos.
E por jsso assy cuydar
me calo com soo ssaber
co que ssedeue dizer
eraa çyma de louuar.

¶ De dom joam lobo.

¶ O campo craro sse vya
fycar por vos ateguora
se nam fora
a senhora dona maria
anrriquez minha senhora.
Esta soo quero leyrar
poys he soo no mereçer
entam a meu pareçer
podeys vos todas leuar

¶ De dioguo de melo.

¶ Nã posso guabar q̃ queira
as cousas per sy guabadas
mas terey esta maneyra
hyr mey com joam da silueira
se nam fala nas casadas.
cole mey da synar
sempre neste pareçer
poys que nom posso dizer
o que nam posso calar

¶ Do barão.

¶ Todo mal eu a deuinho.
porque como vº fuy ver
vyo cauia de sser
do triste de meu sobrinho.

Quereruos homem guabar
he lançar tempo a perder
quynda que tenho luguar
nam pode telo querer

¶ De dom pedro de noronha

¶ Nas cousas q̃ grãdes ssão
compre ter muy grande tento
conde sobeja rrezão
faleçeo entendimento.
Por jsso quem começar
de falar onde dizer
aa primeiro bem deuer
cam mal se pod acabar.

¶ De jorge da sylueyra.

¶ Naq̃stas damas q̃ vemos
vemos grande sobre salto
por qne so no quem tendemos
pondelo rrysco mays alto
ca todas quantas sabemos.
Poys quem podesse cheguar
oo questaa por entender
a jndestencareçer.
era pequeno louuar.

¶ Do marques.

¶ Vy tam gram mereçimẽto
vy tam grande fermosura
que peroy a trenymento
ꝛ ganhey desauentura.
Mas cousa se de falar
o quen dyrya
seria quera ⁄ eresya
cuydar ninguem de louuar
quem nam pode comparar.

¶ Outra sua.

¶ De pecar no spyrito santo
he presunção muy sobeja
por alto saber que seja
deo soo cuydar mespanto.
eu nom creyo nem creryaj
queninguem tal presumisse

antes cryo que serya
ousadya
deresya como disse.

¶ De jorge de melo.

¶ Quando deos da gentyleza
quys que fosseys vos o cabo
ordenou quera sympreza
dar uº guabo.
Tem çerto quem vº olhar
se vº souber entender
caa de ter
pera sempre em que cuydar.

¶ Outra sua.

¶ Vyue com dobrada dor
quem sser vosso nõ alcança
ꝛ depoys que vosso for
teraa muyto boõ senhor
ꝛ dessy maa esperança.
Quẽ seruyrnos começar
seja çerto qua de ver
se nam morer
de ssy çedo mao pesar.

¶ De manuel de goyos.

¶ Eu nam ssey como pagays
nem vº puagua quẽ vº vyr
nem se serue em vº seruyr
se fyca deuendo mays.
Que se quero descontar
da pena ou do prazer
nam no ssey detreminar
cambas creçem cõ vº ver

¶ De graçia de rresende.

¶ Nã sey quem se quer meter
em cousa tanto sobyda
qne antes que a sayda
lhe de nem nada disser
o faraa em sandeçer.
quem tal cayda do tomar
se nam tyuer tal saber

como tendes pareçer
e mereçer
faraa bem de sse calar.

¶ De vasco gomes dabreu

¶ O que vyr mylhor de nos
e mays vos quyser guabar
dyrvos ha que vos soes vos
e entam pode cuydar
que nam ha mays que falar.
E se maneyra buscar
outra mays ou quyser ter
aa mester que seu ssaber
como vos nam tenha par

¶ De joam fognaça.

¶ A muyto sa treueria
quem cuydasse
por muyto que vos louuasse
que dyria
a vossa galantaria.
Por que quem em vos falar
pode muyto bem dizer
sem errar
que soo deos tem o poder
senhora de vos louuar.

¶ De dom fernando da tayde

¶ Poys triste tam soo fyquey
de minha passada dor
vos soes a que louuarey
vos soes a que tyrarey
em qual quer outro louuor.
Mas ha nysto de paguar
o vosso boo pareçer
na vyda quey de vyuer
que lesso o ma de tyrar.

¶ De luys da sylueyra.

¶ Se esta senhora nos veyo
mostrar seu pareçer
oy por conuedos rreçeo
deo ela preçeder
e a la quisesse ter

E pera la nam leyxar
lembroulhe conuyo dyzer
dous santos mal pareçer
pera oulhar
quanto mays pera adorar
e pera crer.

¶ De tristam foguaça.

¶ Sem tirar ninguem afora
senhora nysto me fundo
que quantos aa neste mudo
vos deuem ter por senhora.
e quem tam çeguo andar
quysto bem nam entender
o que mays vyr nam he ver
que ver se possa chamar.

¶ De vasco de foyos.

¶ De quem se tanto guabar
que dysser
que nam he em seu poder
louuaruos nem vos louuar
bem no podem rreprender

¶ Que saber que sabe nada
conheçerse sem poder
hy isto tanto saber
ca jndestaa por naçer
pessoa tam acabada.
Por ysso quem vos oulhar
a vosso gram pareçer
nam comprerrezam buscar
que por fee sse deue crer

De jorge dagnyar apartandosse dos amores.

¶ Amores des dose mays
nam me conteys
por vosso nem me queyrays
nam quero nojos que days
nem quero vossas merçes

¶ Deyxo vossas esperanças
vaãs e sem nenhũu rrepouso
deyxouos porque nom ouso
soffrer mays vossas mudáças
Nam mojaeys por vosso mays
nem mo chameys
amores poys que soys tays
nam quero nojos que days
nem quero vossas merçes.

¶ Ajuda de françisco da silueyra.

¶ Lembrame que vos seruy
muyto e muy de verdade
e com quanta lealdade
e por isso me perdy.
E poys que tanto matays
nam me culpeys
de nam ser ja vosso mays
e poys tantos nojos days
nom quero vossas merçes.

¶ De dom joam de meneses.

¶ Se vos seruy algũa ora
da sogeyçam em questaua
nam quero mays que ser fora
porcaguora
sey quam mal o empregaua.
E por isso nunca mays
macolhereys
de ser vosso poys matays
com tantos nojos que days
quante nom queyra merçes.

¶ Do coudel moor.

¶ Que poder tanto cõssigno
precure essa lyberdade
mas eu nam posso comyguo
nem posso mudar vontade.
Com todo mal que fazaes.
nem me fazeys
amores sempre ja mays
nam quero nojos que days
poys me podeys dar merçes.

¶ Danrryque dalmeyda.

¶ Por me tyrar desta brigua
de quem mal ouço dizer
quero seruyr hũa amygua
qual mylhor me parecer.
senhora laa onde estays
perdoareys
se disser que quero mays
a saudade que me days
ca doutrem cem myl merçes

De simaão de sousa ha senhora dona briatiz de saa.

¶ Quem quyser saarar o mal
que doutra molher tyuer
olhe a que lheu dysser.

¶ Por que saa doulhar rrezã
por ela ssa de perder;
e saa de ter lojeyçam
onde pode mylhor sser.
O perdyçam de prazer
pera quem olhos tyuer
o molheres que molher.

¶ O barão.

¶ Como ssaarara meu mal
quem folgou de mo fazer
e folgua de me perder
cuydando que pode sser
deuendo de cuydar al.
E por mays çerto synal
em quanto vyda tyuer
nom verey outra molher.

¶ Jorge da sylueyra.

¶ Bem vejo o rryseo q̃ corro
naqueste meu catyueyro
mas ssam seu tã verdadeyro
quynda que me dem dinheiro
nam quero delesser forro,
venhame mal sobre mal
venhamo que me vyer
venha por esta molher.

¶ Do conde do vymyoso.

¶ A vysta qua de saluar
tudo se perde por ela
por ysso nam ssey cuydar
ssee mor peryguo oulhar
se moor dyta conhecela.
Mas synto questaa em vela
com quanto mal me fyzer
minha vyda sem na ter.

¶ Dom rrodryguo de crasto

¶ A tristeza que se tem
coas condyçóes da minha
bem pode matar asynha
mas nunca leyxar ninguem.
Asy que quẽ se quer bem
e alguũ prazer quyser
fuga daquessa molher

¶ Gonçalo da sylua.

¶ Se fora no mal passado
vosso conselho tomara
e podera sser cachara
este rremedyo prouado.
Mas quem estaa apartado
de mal e o nom quiser
nom veja essa molher

¶ Ayres telez.

¶ De meu mal ja desespero
por qua nele gram desuayro
fazme bem o que nam quero
e quero o que mee contrayro.
E sey como ha aduerssayro
que minha vyda tyuer
sera ver hũa molher.

¶ Dom pedro dalmeyda.

¶ O rremedio do cuydado
que ma mym pode sarar
nam estaa em bem oulhar.
por que vem de mal olhado.
E quẽ dysto for tocado
guardesse do queu fyzer
e olhe quem lheu disser

¶ O capytão da jlha.

¶ A ora ey por perdida
que passo sem na oulhar
vendoa me custa a vyda
que mouira nõ pode dar
nem tomar.
Por que se nom podachar|
quem tanto poder tyuer
se nam em quem eu disser

¶ Josm da sylueyra.

¶ Nã tẽ rremedio meu mal
compnirssa sua ventura
por que parcla ter cura
aasse dachar outra tal.
E por mays çerto synal
quem outra cousa disser
mostrarlhey hũa molher.

¶ Symão da sylueyra.

¶ Myl mortes dũa fygura
sem lembrança da que tinha
por macabar mays asynha
mordenou minha ventura.
De muy impidosa cura
cada hũ dygoo que quyser
e dyremũa molher.

¶ Garçia de rresende.

¶ Os olhos que se puserem
fyrmes em seu pareçer
lyurarssam de quẽ quiserem
mas dos seus nã podesser.
Meus olhos poys fostes ver
quẽ vos nam ve nem vos quer
sofrey quanto vos fyzer.

Outra sua.

Quẽ na vyr ná veraamais
outra pessoa naçyda
quem nam na tem conheçyda
doulhe dela estes synays
queda a sempre triste vyda.
Nom presta tela seruyda
por qua quẽ mor be lhe quer
deyxa mays çedo perder.

Dom joam lobo.

Se fosseys ja conheçida
poys curais malem mudança
quẽ ter esta confyança
a tayde minha vida
nam posso ter esperança.
Estee a que me faz mal
se rremedyo me nam der
nam mo de outra molher.

Dom joam de meneses.

As aves que mudam mal
o bom caçador ordena
como mudem sua pena
e se cubram doutra tal.
Mas corre rrysco mortal
da noua que lhe vyer
e goay de quem na tyuer.

Outra sua.

E quem pode com ajudas
mudarsse coma falcam
perde a pena de symão
e fyca symão e judas.
Venlhe penas tam agudas
que sobe cam alto quer
mas guarda de lucyfer.

Dom alonsso pacheco.

Pues doyo perdy la vyda
alguno piensa beuyr
em sser mas de my seruyda
nola quyero deseruyr.
Elha causa my partyr
otra me fara boluer
a moryr en ssu poder.

Dom aluaro de noronha

Nos males em q̃ ha cura
todo benefyçio val
mas o mal quee jmmortal
quem lhe rremedyo procura
perde todo o cabedal.
Quẽ quyser ver o synal
do que diguo assy sser
olhe a que lheu disser

Dom aluaro da branches.

Isto nũca vyo ninguem
por jsso nam sey dyzer
nem estaa no conheçer
saber çerto donde vem.
O moor descansso que tem
quem este meu mal tyuer
he nam saber entender.

Joam roiz de saa.

O mal que tenho sofrido
de soffrer e emcubryr
nom se cura conssentido
porque noçeo de sentyr.
Nysto soo lhe pode vyr
o rremedeo e quẽ moder
he muyto mays que molher.

Dom luys de meneses.

Por q̃ ssey quey de guãhar
folguaria dapostar
hũa muyto grande cousa
co que diz symão de sousa
nam tẽ deos mais carranhar
E quem disto duuidar
deyxe quem ele quyser
e olhe quem me nam quer.

Francisco de brito.

Cuydo eu em quẽ seraa
aque tanto poderaa
acho quee a que me tem
sem me fazer nenhũ bem
que me ja nũca faraa.
Nysto se conheçer aa
mas quem desquansso quyser
fugua de a conheçer

Dõ gonçalo de castel brãco

Sousa ra de nomear
ja teuera dyto quem
me pode dar com olhar
sande que de ninguem
ate quy quys aceytar.
Por todo meu mal goardar
a ssaarai quando oisser
o nome desta molher.

Françio de sousa.

Hũa me pareçe bem
nam sey se dizeys por ela
que se bem quiserdes vela
nam vos lembraraa ninguem.
Tanta jentileza tem
tam fermosa he quando quer
quee muyto mays q̃ molher.

Vasco de foes.

Meu senhor symão de sousa
deyxar mya antes fynar
sem fazer nenhũa cousa
que com vosco me curar.
Salguũ tempo tanto mal
mam meus olhos de fazer
nam nos quero sãs de ser.

Outra sua.

Se fosseys comeu ferydo
da vyda desesperado
vos terieys o cuydado
que tenho de my perdydo.
Por jsso curar meu mal
nam he bem nem pode sser
nem tenho olhos paro ver

¶ Do estrybeyro mor.

¶ O quem podera tomar
o conselho do rryfam
mas he muy mal desejar
o mal de meu coraçam.
foy ser sogeytaa rrezam
da vontade que me quer
com seus enguanos perder

¶ De badajos.

¶ Nõ tengo por buen cõçerto
el rremedio que me days
que com lo que vos sanays
conesso byuo yo muerto.
Mas se vº dezyr de çyerto
que yo fuelgo delo sser
por ver su gram mereçer

¶ De symão de soussa.
¶ Nam ha hy tempo passado
se nam presente e por vyr
pera sentyr
meu mal questaua goardado
que tanto tardou em vyr.
Quẽ no cos meus olhos vyr
quele estey no que qnyser
faraa o que eu fyzer.

¶ Outra sua e cabo
¶ Faley ssoo do poder sseu
sem falar no mays que tem
tam bem do nam poder meu
oulhar jaa outrem ninguem.
E sse hy ouuer alguem
que douyde no que diguo
eu lho prouarey muy bem
comyguo.

De symão d'e myranda aa senhora dona briatyz de vilhana acõsselhandolhe q̃ sse goarde de soberba e desprezar ninguẽ.

¶ Fortuna fortes maao fado
sempre vem pola soberba
ou por quem muyto despreza
qual quer mal auenturado.

¶ Da soberba vem cahyr
do mays alto no mays fundo
goardesse quem neste mundo
folgua mal de bem ouuyr.
Quem cahyr neste pecado
nom sse fye em gentileza
por que quẽ mnytos despreza
seu valer he desprezado.

¶ Do conde do vymyoso.

¶ Qual vº eu quisesse mays
nam no ssey determinar
com a soberba matays
mas tam bem se dela husays
he começo de pecar.
Poys cahyrdes em pecado
rremyraa nossa tristeza
da soberba e crueza
nam se queyre o desprezado.

¶ Dom alonsso pacheco

¶ Nam me salua a rrezam
sendo perdido por ela
mas meu mal e perdiçam
tudo bem senpregua nela.
Eu dou por bẽ empreguado
em mym toda a tristeza
por que na minha fyrmeza
se desquansa meu cuydado

¶ De symão dessousa.

¶ Ahy nam ha saluaçam
sem hũa pouca domildade
quem tyuesse piadade.
teria mays perfeyçam
Mas vejo bẽ mal julgado
que daa por males fyrmeza
e esforçarsse a crueza
sobre quem tudo tem dado.

¶ De garçia de'rresende.

¶ Artyguo de nossa fee
he nam desprezar ninguem
e fazer a todos bem
segundo cada hũ hee.
Emparar desemparado
o o triste nom dar tristeza
aos fyrmes ter fyrmeza
esperar desesperado.

¶ De joam rroiz de saa.

¶ Que disso syntays payxam
nom vº deueis despantar
que dos anjos he pecar
em soberba e presunçam.
Nẽ cuydeys desser vinguado
do que faz sua crueza
que perder a gentileza
nom sse segue de pecado.

¶ De symão de myrãda por que vyo a cantigua na cabeça da senhora dona joana de mendoça.

¶ Seja a cantiguaa dorada
senhores q̃ o nã mereça
nam ela mas a cabeça
onde ontem foy mostrada.
Esta nam teraa pecado
de nueja nem de soberba
pois nam pode a natureza
darlhe mais do que lhee dado

De symão de sousa aa senhora dona guyomar de meneses.

¶ Vossa graça e pareçer
vay senhora de maneyra
que deue quem quer vyuer
de fazer por vº nam ver
ahynda quele nam queyra.

¶ E deueisse dentender
em quem vº nam tenha visto
por que depoys de vº ver
nam se pode fazer jsto.
Que quem vº bem conheçer
e vº vyr que deos nã queyra
nam pode leyxar de sser
vosso em quanto vyuer
nem vyuer doutra maneyra.

¶ Do comẽdador mor davys

¶ Vosso nome e fermosura
sam duas cousas ygoaes
por que melhor mentendaes
hũa delas daa tristura
aoutra penas mortaes.
Assy cameu pareçer
o vosso he de maneyra
que quem ledo quyser sser
nam deue nũca querer
vernº ahynda que queyra.

¶ Do baraão.

¶ Nam sey em q̃ syso cabe
perder tempo em vº guabar
poys no que tam bem sse sabe
se nam deue de gastar.
Porem quem me quyser crer
deue de buscar maneyra
que nam moyra sem vº ver
que sem isso nam morrer
he morte mays verdadeyra

¶ Do conde do vymyoso.

¶ Louuar vossa perfeyçam
gabar vos o fenssa he
se nam fosse atençam
por que se mingoa rrezam
senhora sobeja fee.
Paraa pena por vº ver
desejo de ter maneyra
por que sem isto vyuer
se vyda pudeesse ter
nam sey para que sse queyra

¶ De dõ joam de castel brãco

¶ Se vº eu vyra senhora
antes de ter o mal meu
ja desdem tam ate guora
minha vyda seme fora
ou meu fora pelo seu.
Mas por quem me vejo sser
perdido sem ter maneyra
de me poder rrepender
me faz ousar de vº ver
e fara em que nam queyra:

¶ Luys da sylueyra.

¶ Tomarya desta dor
poys o rremedio he tal
sofrela por menos mal
que curar co que e pyor.
Este he meu pareçer
e he ja em que nam queyra
e quẽ bem quyser saber
cam mal se pode soffrer
pregunta luys da sylueyra:

¶ Symã da sylueyra

¶ Donde sobeja rrezam
o louuor he escusado
e falo sem afeyçam
sendo bem afeyçoado.
Por co vosso pareçer
nº obrigua de maneyra
que quem vº ouuer deuer
o haa sempre da fazer
ajnda quele nam queyra.

¶ O craueyro.

¶ Jnfyndas cousas dyrya
senhora aeste rryfam
se nam fosse por que sam
da senhora dona maria.
E com tudo a meu ver
vos pareçeys de maneyra
que quem vyuo quyser sser
arredesse de vº ver
ahynda que os nam queyra.

¶ Manuel de goyos.

¶ Nam espero de tomar
o conselho do rryfam
e o que maa de custar
quero por satisffaçam
Por que soo pera vº ver
me compre buscar maneyra
tudo o al laa desqueçer
e que al podesse sser
nam entendo quẽ no queyra.

¶ Garçia de rresende.

¶ Tem muy çerto quẽ vº vyr
nam querer ver mays nynguẽ
nem desejar outro bem
se nam pera vº seruyr.
Por jsso quẽ quer viuer
trabalhe por ter maneyra
de vº ver
que morto polo fazer
he a vyda verdadeyra:

¶ Tristam foguaça:

¶ Quem teraa saber q̃ guabe
tam alto mereçimento
nem syso pera cacabe
dyzer o que dysso sabe
que nam percã mays o tento:
Porca graça pareçer
he senhora de maneyra
que deue quẽ quer viuer
contente dessy fazer
por vº ver em que nã quyra:

¶ Outra sua.

¶ Se vossa merçe seruida
de mym fyzesse memoria
nam sey cousa que na vyda
ouuesse por mor vytorya.
Por ca graça pareçer
he senhora de maneyra
que deue sempre viuer
bem triste sem vosso sser
seruydor tee derradeyra.

¶ Dom aluaro da branches

¶ Eu deuo de ser sospeyto
pola vyda que tomey
com tudo nam leyxarey
dyzer o que dysso sey
por esse mesmo rrespeyto.
Que vᵒ nam poderaa ver
ninguem que tenha maneyra
de poder leyxar desser
por tal graça e pareçer
sanden jnda que nã queyra

¶ Cabo de symão de sousa

¶ Senhora qua quy vejays
a tençam de cada huũ
nam fica de nos nenhuũ
que se nam cale comays.
Eu sam loguo o primeyro
comays leyxey de dyzer
mas nam ja o derradeyro
que vᵒ soubeessentender.

De garçia de rresende a huũ proposito em q̃ fez este vylãçete a q̃ tam bem fezo ssom.

¶ Coraçam coraçam triste
triste coraçam coytado
quem vᵒ deu tanto cuydado

¶ Vede bem o que fyzestes
ondandastes que ouuystes
quem vᵒ tem a quẽ vᵒ destes
que calays que descobristes.
Que foy jsso que sentistes
que vystes triste coytado
que vᵒ deu tanto cuydado.

¶ De dom aluaro dabrãches

¶ Quẽ mo daa nã me cõssẽte
que lhe possa chamar seu
e poys doutrem se nam sente
este mal todo he meu.
Eu nam culpo quem mo deu
se nam se maa por culpado
de vyuer neste cuydado

¶ Dom joam de meneses

¶ Oo çeguo que quẽ vᵒ çegua
nam vᵒ quer nẽ vos amym
donde vem que nossa fym
bem e mal tudo sempregua.
negays me por quẽ vᵒ negua
fyco eu bem auyado
engeytado dengeitado.

Outra sua.

¶ Bem meu mal de tanto bẽ
que se pagua consse dar
quando mays me descanssar
le veraa donde me vem.
Este soo descansso tem
ca poucos he outorguado
que moyram deste cuydado.

¶ Joam da sylueyra.

¶ Quẽ em meu mal duuidar
ou tanto nam poder crer
comprelhe par o saber
nam preguntar mas olhar
E loguo pode julguar
se nam for afeyçoado
quem daraa tanto cuydado

¶ Symão de sousa:

¶ Dos olhos oo coraçam
vem o mal comeu padeçe
o cuydado da rrezam
que se nam ve nem conheçe
Onde tudo dessfaleçe
coraçam desenganado
nam vyue muy descanssado.

¶ Dom pedro dalmeyda

¶ A pena quee sem rrezam
por mays dor de quẽ assente
de matar nam he contente
mas conssente
na vyda pera a payxam.
Esta he sua tençam
dar a vyda a huũ coytado
see vyda de moor cuydado.

¶ Joam rroiz de ssaa.

¶ Quẽ meu cuydado tomou
quẽ nem cuydar me nã deu
hynda mays acreçentou
ao mal que me causou
negarlho nome de sseu.
Conssynto que seja meu
soo por nã sser devulgado
o segredo do cuydado.

¶ Aluoro fernãdez dalmeida

¶ O coraçam quando tem
cuydado sem outro mal
pareçe rrezam ygoal
perguntar dondelhe vem.
Mas o meu quee sempre triste
e tam mal afortunado
tem por descansso cuidado.

¶ Ayres telez.

¶ Nam sey nenhuũa rrezam
nem na ha em quẽ vᵒ destes
para os males que quysestes
paraa vyda que vᵒ dam.
De toda satisfaçam
coraçam desenguanado
quem vᵒ deu tanto cuydado

¶ Tristam da sylua.

¶ Quem vᵒ deu tãto tormẽto
coraçam em nam sentyr
e nam poder descobryr
segundo o mal que vᵒ sento

Que nam fey qual fofrimẽto
poſſa ſer tam eſforçado
quem cubra tanto cuydado

¶ Manuel de goyos.

¶ Se vᵒ nam quer quẽ quereis
ꝛ vᵒ iſto doobra as dores
sabeyo ſe nam ſabeys
queſte e manha dos amores.
Dos deſleaes dar fauores
ꝛ oos perdidos cuydado
ſem lembrar o mal paſſado

¶ Dom gonçalo.

¶ Quem vᵒ fez tudo leyxar
por quem vᵒ podes em fym
quem vᵒ fes nam vᵒ lembrar
de vos meſmo nem de mym.
Quem vᵒ fez o gualarim
ſoffrer todo mal dobrado
quem vᵒ deu tanto cuydado.

¶ Françiſco de ſouſa.

¶ Nam me pena coraçam
a pena de que penays
por que vos vᵒ contentais
tela por ſatiſfaçam.
Mas ſſer ela defeyçam
que he mal auenturado
quem deſcobre tal cuydado.

¶ Garçia de rreſende ꝛ cabo.

¶ Que farey quey de ſofrer
o voſſo mal ꝛ o meu
polos olhos hyrem ver
padeçemos vos ꝛ eu.
Mas que quem tal vida deu
nam tenha dela cuydado
tudo he bem empreguado

E dõ joã de meneſes a hũa dama que rrefiaua ꝛ beyjaua dona guyomar de craſto.

¶ Senhora eu vᵒ nam acho
rrezam para rrifyar
ꝛ beyjar tam ſem enpacho
dona guyomar
ſaluante ſe vos ſoys macho.

¶ Se o ſoys ꝛ nã ſoys dama
he muy bem que o diguays
ꝛ tam bem deue ſua ama
nam querer que vos jaçays
ſoo com ela em hũa cama.
Cõfeſſaynos que ſoys macho
ou que folguais de beyjar
que doutra guyſa nã acho
rrezam de antre pernar
tal dama tam ſem enpacho.

¶ Ajuda de fernã da ſylueira.

¶ Dous goſtos podeis leuar
ſenhora deſta maneyra
poys ſabeys de tudo vſar
ſer macho pera guyomar
ꝛ femea pera nogueyra.
E por iſſo nam vᵒ tacho
antes vᵒ quero louuar
nos trajos em que vᵒ acho
podereys vos emprenhar
outra molher como macho.

¶ Dom rrodriguo de caſtro

¶ Lançenuᵒ fora do paço
ou vᵒ leuem a lyxboa
ou vᵒ dem outra machoa
com que percays o rrauaço.
Lançenuᵒ hũ barbycacho
ou vᵒ mandemos capar
por outra forma nõ acho
pera poder eſcapar
dona guyomar
poys ſſa fyrma q̃ ſoys macho

¶ Dom pedro da ſylua.

¶ Pera pareçer donzela
couſas tendes bem q̃ farte
mas chamardes vos muela
a beyços de dama bela
nam vᵒ vem de boa parte.
Hoje auante nom me agacho
nem mays ey aſſy dandar
mas cõ muy gentil deſpacho
vᵒ ey dyr arreguaçar
ꝛ oulhar
ſe ſoys femea ou macho.

¶ Fernã da ſylueira o rregedor.

¶ Com eſtes tratos damor
com eſtes beyjos maa ora
vᵒ nom ham ja por ſenhora
mas por hũu fyno ſenhor.
Tam bẽ trazes hũu rrecacho
ꝛ hũ ſom de galear
que beyjays tã ſem enpacho
dona guyomar
que vᵒ am todos por macho.

¶ Outra ſua ꝛ cabo.

¶ Hũa muy eſtranha couſa
ſe rruge quaa antre nos
por que laa com voſco pouſa
dona joana de ſſouſa
dizem que e prenhe de vos.
Tam bẽ dyz q̃ cũ mochacho
vᵒ foy nam ſey quẽ topar
auey era maa enpacho
manday hũ deles cortar
ou rapar
ꝛ fycay femea ou macho.

E anrriq̃ dalmeyda paſſaro aa barguilha de dõ goterre q̃ fez de borcado enderẽçadas aas damas.

¶ Nõ ajays por marauilha
preguntar donde vᵒ vem
quererdes ſaber que tem
dom goterre na barguylha.

¶ Cãteu deuinhar nam posso
como deemo ysto dizeys
se vᵒ ele deixa o vosso
vos do sseu que lhe quereys.
par deos he gram marauilha
que tem de fazer ninguem
co que tem ou que nam tem
dom goterre na barguilha.

¶ O coudel moor.

¶ Barguilha de falsso peyto
rreboloa
quando vem a sser no feito
nunca boa.

¶ Faz amostra ⁊ grã parada
por que toda a casa peje
se acha quem lhe rrabeje
say vᵒ tam emvergonhada
⁊ em curtada
emtam buscay quem peleje.
E fica toda dum jeyto
a pessoa
por que senguanou no feito
darralhoa.

¶ Dom aluaro da tayde.
aeste cantigua.

¶ Sobrinho de meu cõsselho
pois de baixo nam jaz nada
se nam hum triste folhelho
nom te faças dominguelho
por braguada.
Ca sse jouuer no teu leyto
putarroa
achartaa tam emcolheyto
⁊ do nembro tam tolheito
quyraa maa ⁊ vyraa boa.

¶ Fernam da sylueyra
aesta cantigua.

¶ Segundo a tençam mynha
quẽ barguilha assy goarneçe
quer soprir com loucaynha
o que por obra faleçe.
E o que nisto sospeyto
⁊ caa ssoa
he que nam he pera feyto
tam mixilhoa

¶ Cantigua sua aesta
barguilha.

¶ Caualheyros de castilha
vos questays eu freyxinal
vynde ver hũa barguilha
a portugual
do filho do marichal.

¶ He de bom borcado rraso
que schameja como brasa
⁊ he gram caso
sayr hum omem de casa
com barguilha toda rrasa.
Manday lançar em sseuilha
hum preguam que sseja tal
dom goterre fez barguilha
cordeal
vinde a ver a portugual.

¶ O coudel moor
aesta cantigua.

¶ O fidalgo de linhajem
filho de pay muy honrrado
he de hũa tal carnajem
que sem mais fazer menajem
vᵒ vem jaa desnaturado.
Com rrecheos de pontilha
rraspalaã ⁊ ysto tal
faz hũ cume de barguilha
tam mortal
que mao grado assando val.

¶ Joã correa aesta cãtigua.

¶ Todalas cousas prouistas
sem mays grosa
polos quatro auangelistas
nestas vistas
nom vem cousa tã pomposa.
Mas nam he grã marauilha
em caso que venha tal
ser hum sonho da barguilha
aynda mal
por que tudo he papa ssal.

¶ Dõ rrodriguo de castro
aesta cantigua.

¶ Yrey eu daqui a rroma
por ver ysto que sse diz
me teras lho teu naryz
⁊ sy quer fizera ssoma
ora toma.
Por q̃ ssa queste barguilha
nesta festa do natal
que jaa vay a bobadilha
de freyxinal
noua dela ⁊ que tal.

¶ Dom pedro da silua.

¶ Quẽ te vyr o teu borcado
⁊ te for buscar o centro
achara grande toucado
⁊ chyco rrecado dentro.
Em nenhũ rreyno nem ylha
nunca se vyo traio tal
com esta tua barguilha
por teu mal
muy vazia do ylhal

¶ Dõ aluaro da tayde.
¶ Barguilha de gram valya
chea de laã ou de pena
por nom andares vazia
emchete de carne ajena
ou tencherey de lamya.

¶ Fizeste dhũ mao rretalho
de borcado feyto em tyras
pera pequeno tassalho
grande outeiro de myntyras.
pelo qual loguo ordena
como nom ande vazia
emchea de carne ajena
ou tencherey de lamya.

¶ Letreyro danrrique dalmeyda a barguilha.

Aqui jaz o emcurtado
que o mundo mal logrou
aqui jaz quem nom pecou
contra dos hũ ssoo pecado.

Aqui jaz quem nunca ssono
fez perder a seu senhor
aqui jaz quem a seu dono
nunca fez vender penhor.
Ponhamos lhe por ditado
poys tam maa vida passou
aqui jaz quem nom gostou
deste mundo hũ soo bocado.

O coudel moor
ao letreyro.

Aqui jaz quẽ sempre jaz
dormente mas nunca dorme
leixem no viuer em paz
pois que jaz e nunca faz
dessy forma em q̃ em forme.
Aqui jaz quem sem comer
jaz em som mays q̃ de farto
aqui jaz sem sse mouer
quem jaz fora de poder
de matar ninguem de parto.

Dom goterre por ssy
as damas.

Assy me veja eu embeja
muyto aa minha vontade
comisto vay com emueja
mas nã jaa por sser verdade.
Senhoras por meu rrepayro
a quem nisto duuidar.
eu lhe espero demostrar
o contrayro.

Om joam manuel a hũas pãcadas q̃ deu hũ tipre a hũ tenor e abade em pagua doutras q̃ lhe ja dera ẽ dẽcadas ao duque dõ dioguo.

Hũa musica senhor
ouuy de que mespantey
o tipre contro tenor
cantarem a que del rrey.

Mas o tipre nam cantaua
nem a goardaua compasso
o tenor mays que de passo
suas vozes altas daua.
O rrifam a que del rrey
a copra por dos senhor
a torna moyro de dor
o vilançete nam ssey.

Manuel godinho.

Por que jaa o abadam
cõ tipre nam a cordaua
fau tipre co bordam
o tenor por quanto chão
hum descanto que ssoaua.
O vilançete senhor
depois do a que del rrey
dyz que dizia o tenor
quera maa volas eu dey.

Jorge monyz:

O nosso tipre medrou
e tornousse atabaqueyro
o tenor muy mais vozeiro
do que ssoya cantou.
A cantigua escutey
e nam dizia o tenor
donzelha por cuyo amor
mas syn vergonça cõ temor
a que de dos e del rrey.

Fernam godynho.

Do que alto contra ponto
e que baixa tam rrastreyra
que em contro de tyncheyra
que assentar de pesponto:
O ssolfar ficou menor
segundo que çerto ssey
o quem vio pena mayor
tam grande como passey:

Tristam da cunha.

O tipre nom a goardou
que fossem buscar estante
como vyo o tenor diante
dy auante
a musica começou:
Amor yo nunca pensse
descantaua o tenor
que eu leuasses o milhor
fasta aora que lo sse.

Pedromem.

O tenor desacordaua
mas o tipre por sser boõ
algũas vezes erraua
por que sse nas costas daua
nam ssoaua
e ficaua em ssomitõ.
Peroo cantou o tenor
depois do a que del rrey
nunca foy pena mayor
que saber mão de cantor
pois a mão do quanto ssey

O cõtador luys fernãdez:

Sobre tres altas em ssupra
vy meter hũa terçeira
assaz baixa na trincheyra
per modo de voz cadupra.
Cayo com elas o tenor
de maneira que cuidey
que os brados do cãntor
deziam a que del rrey.

Joã de mõte moor.

Nunca tal cantor ssachou
segundo quaa vay ssoando
o que quem sobre pojou
pois que cadupra cantou
quatro por hũa leuando.
Merco por lação mayor
seys que terçeyra seys q̃ ssey
que lhe deram grande dor
com as quaes cantou senhor
tres vezes a que del rrey.

¶ Rodriguo aluarez.

¶ Quando ouuy tal mistura
de vozes cuidey que era
poys com sobra de tristura
my vida se desespera.
Quando ales cheguey
dizia o typre senhor
se fogyres matar tey
e rresponoia o tenor
a que de dos e del rrey.

¶ Bertolameu da costa.

¶ Nunca typre assy cantou
de tal modo canto chão
nunca jamais o errou
em quanto o tenor achou
cuiday q nom deu no chão.
Desacordaua o tenor
o typre vº jurarey
que lhas pegou do teor
que vº encima contey.

¶ Ruy lopez.

¶ De vos e de mym queixoso
o tenor ouuy cantar
de vos por que ssoys forçoso
de mym que sam tam gotoso
que nunca pude a piloar.
A copra polo rrumor
fee dela vº nam darey
o vilançete senhor
çerto foy a que del rrey.

¶ O craueyro.

¶ Setenta nos ha que viuo
mas eu nunca vy tal canto
nem vy typre tam esquiuo
né vy dar tam grã quebranto.
qual deu o typre oo tenor
naquela rrua del rrey
que sem duuida foy mayor
quoo quem tanger eleuey.

¶ Affonsso rroyz.

¶ Mãgones deeste pancadas
e lopo bem te zobou
que se boõas as leuou
aosadas
que nã menos tas pegou.
E poys leuaste ssabor
em lhe dar as que eu ssey
compozta te com a dor
do negro a que del rrey.

¶ Outra sua.

¶ Creo que nunca sachou
cantigua de tal maneyra
qual este typre açertou
todo hum pão escodeou
ao tenor na caaveyra.
tiue por morto o tenor
na vontade o ssoterrey
se nam quando o vy senhor
que bradaua a que del rrey.

¶ Duarte dalmeyda.

¶ O typre vy que cantaua
altas vozes mata mata
no tenor assy ssoaua
aoytaua como a quarta.
Era o cantar senhor
mais forte do que cuidey
dauasso o demo o tenor
dizendo com grande dor
nom me val deos nem el rrey.

¶ Rodriguo de magalhães

¶ Quanteu nũca vy tal canto
nem tal rrogydo de vozes
e o de que mays mespanto
he ver que ssoaua tanto
o compasso como as vozes.
E quando mais me cheguey
ouuy cantar o tenor
cara que bom paguador
he senhor das que lhe dey

¶ Fernam de crasto.

¶ Quando vy ter oo tenor
hum pontinho na meetade
da coroa dourra cor
assentey caa na vontade
quera por lação mayor.
Cuidey quera o anos dey
que cantaua este cantor
da missa do lomar iney
se nam quando ouuy senhor
dar brados a que del rrey.

¶ Gonçalo gomez
da silua.

¶ Quando os brados acudy
dizendo vº a verdade
o tenor cantar ouuy
et in terra paos a my
deram de boa vontade.
Chegueyme em tam oo tenor
como estays lhe preguntey
e rrespondeome senhor
nesta terra nam a hy rrey

¶ Lionel rroiz.

¶ Nunca vy tal açertar
de tipre des qua qui ando
nem tenor tam mal cantar
por que loguo encomeçando
começou desacordar.
O que dezia escuitey
e vy cantar o tenor
com mortal sanha mirey
mostrar oo corregedor.

¶ Affonsso valēte e cabor

¶ Hũa sincopa ouuy
rrepartida por tal modo
e o que nela senty
no tenor aconheçy
por sser a parte de todo.
A proporçaão mesurey
por dia pasam que ssey
contando bem seu valor
e do tipre ao tenor
doze compassos achey.

De nuno pereyra a huũa dama da maneira que lhe auia de goarneçer hũa mula em q̃ fosse partyndosse el rrey. para batalha a fazer o saymẽto delrrey seu pay. ꝛc.

¶ Meus olhos ꝛ minha vida
doje mais ma vey por vosso
vos sereis de mim seruida
nesta hyda
se nam seu nada nam posso.
De mula ꝛ goarnimento
ꝛ sombreiro de guedelha
que vos laa no ssaymento
antre çento
nom vejays vossa semelha

¶ Hũ macho vᵒˢ tenho auido
que traz pero de queyroos
se o rrabo for comprido
desmedido
dar lhemos hũ par de noos.
que ele nom seja perfeyto
ꝛ as pernas tenha mancas
hee besta de muy bom jeyto
ꝛ seu feyto
he saltar em çima dancas.

¶ Todos sam azurradores
estes muus que assy ssam
se forem os seruidores
maos andadores
a vooz dele seguiram.
Suabãno de boõ chontar
ꝛ prazme por vos bem yrdes
mas se muyto rreuelar
ex apupar
a fora cando cahyrdes

¶ Os goarnimẽtos dyrlãda
feytos de manto de frysa
do de vasco de miranda
tal qual anda
por nos mais matar de rrisa.
E seraa funda da ssecla
de bancal com aruorcdo
ꝛ de sy ex aburrcela
com a donzela
tal que jaa gora ey medo.

¶ A sela seraa mourisca
a deste mouro das pazes
ꝛ eu vejo quem se chisca
da gram trisca
ꝛ da grita dos rrapazes:
Mas vos yreis embuçada
dalfareme de çendal
detres moços agoardada
muy olhada
poys nom vay nenhũa tal.

¶ Os moços yram vestidos
de pelotes gyronados
muy largos ꝛ muy compridᵒˢ
goarneçidos
de tarramaques bordados.
Cada hũ sa carapuça
de goalteyra com penacho
cada hum com sua chuça
ꝛ vos murça
rrefoufinhando no macho.

¶ Em nouar bem me querya
antrestoutros cortesãos
com çyrios de confraria
ꝛ mataria
emcanados ꝛ nam ssaãos.
E poys hys bem arrayada
com tam gram prosperidade
he bem que vades cantada
ꝛ leuada
com leuade ora leuade.

¶ Ey de fazer o partel
castelhanos dizem prato
muytos coscorões com mel
atee fartel
nam de galinhas nem pato.
E por fruyta das castanhas
das colharinhas da beyra
por que causam boas mãhas
muy estranhas
pera conuidar praçeyra.

¶ Cabo.

Por merçe querey senhores
com ajudas macudir
pois sabeys que sam amores
ꝛ seruidores
que querem damas seruir.

¶ Ajuda dos galantes de algũas peças que lhe ayinda faleçẽ pera a partida ꝛ começa loguo dõ goterre.

¶ Seete varas de bragual
senhora vᵒˢ dou por touca
por que em todo portugual
nem em arouca
nam achares outra tal.
Mantilha color de telha
como costumão na beyra
ꝛ por vᵒˢ dar aconteyra
mas inteyra
leuay peloyna vermelha.

¶ Senhora minha jrmaã
vᵒˢ mando pera esta yda
hum par de luuas de laã
de couilhaã
por serdes dela seruida:
E poys lesta cousa a riça
nam seria cousa fea
tres voltas de lingoyça
ou souriça
oo pescoço por cadea.

¶ O conde de tarouca.

¶ Senhora pois que teçido
el queçeo nesta rreçeyta
eu vᵒˢ mando hũ denpreyta
que deçeyta
me trouuerão goarneçido.

E poys hys peraa batalha
a seer neste saymento
hũs alforges com bytalha
que nemigalha
leuay por auisamento

¶ Outra sua.

¶ Nam seria muyto mal
se nam leuasseys burel
hũ chouriço por firmal
quem portugual
nam ha tam doce joel
Leuareys por guargantilha
hũa gentil rreste dalhos
que seraa gram marauilha
em seuilha
achar taes pendericalhos

¶ Jorge da guyar.

¶ Joeyra velha quebrada
leuares por açafate
derredor emcanelada
rremendada
dum çam barquo tal q̃ mate:
E seraa bem goarneçida
do que pertençe oo caminho
por que vades bem seruida
⁊ perçebida
⁊ me nã chameys mezquinho

¶ Outra sua.

Dou vos mays hũa salsinha
peraa juda da jueyra
dũa coor garçesa zynha
ou chychorrinha
mas nam ha de ser ynteyra.
E hũ pentem enrredado
com seu vinagre ⁊ azeyte
per mil partes desdentado
escadeado
tal que lem dem nam engeyte.

¶ Outra sua.

¶ Hũ estojo com tanaz
⁊ tysoyras ⁊ naualha
por que se guedelha traz
⁊ mester faz
que nam fique nemigalha.
E por verdes sys gentyl
comeu creyo quis oo cabo
dou vᵒˢ espelho fendil
que antre mil
vᵒˢ julguẽ por qual vᵒˢ guabo.

¶ Do conde de vila noua.

¶ Poys tãtas cousas leuays
eu dou vᵒˢ hũa guyrlanda
⁊ dar vᵒˢ ey aluarays
comque ajays
hũa eguoa rruça panda:
Que o macho na jornada
vᵒˢ ha loguo de canssar
por que nam come çeuada
casy nada
⁊ podeys a pee fycar.

¶ Outra sua.

¶ Se vᵒˢ egoa faleçer
buscareys o vyntaneyro
que loguo faça trazer
⁊ correger
hum muy valente sendeyro.
Pera ysto mostrareys
meu aluara que leuays
⁊ seo nam der tomareys
⁊ trarmeys
estormento do quachays.

¶ Dom joam de meneses.

¶ Leuareys por almofada
hũ muy grande camareyro
em que vades assentada
perfumada
pera vos de lyndo cheyro.
leuares de paao espoora
soo hũ gram chapim donesta
os de dos dos pees de fora
por agora
vos vades milhor da feesta

¶ Outra sua.

Dou vᵒˢ mays por seruidores
dous dia bos prinçipaes
⁊ beyjalos por amores
dos fauores
sejoo moor que lhe facays.
por vᵒˢ nam ver em trabalho
coeles nem aluoroço
leuares dous dentes dalho
num chocalho
por rreliquias oo pescoço.

¶ Outra sua.

¶ Por fazer cousa ẽ nouada
hyres oo rreues na ssela
oo rrabo muy bem peguada
escanchada
faça que quiser burrela.
Tam bem vᵒˢ quero auisar
que leueys rrebuço posto
polos nam desnamorar
⁊ goardar
que vᵒˢ nam vejam no rrosto.

¶ Dõ rrodriguo d̃ meneses.

¶ Hũ cabresto ẽ rrodilhado
leuay oo rredor que mate
almofaçe nele atado
com noo dado
tal que nunca se desate.
E daqui tee abatalha
vos ⁊ o macho comereys
dos farelos com da palha
ou nemigalha
⁊ de noyte ambos jareys.

¶ Outra sua.

¶ Leuareis mays sobraçada
borracha chea de vinho
a que deys gram toperada
muy bem dada
se canssardes no caminho.

carraruos eys co que digno
e fazey por sser vermelho
e avemc por vossamiguo
dom rrodriguo
pois v⁹ dou tam bõ cõsselho.

¶ Joã rroiz pereyra.

¶ Vosso a rreyo vay inteyro
bem yreys a ós prazendo
e eu dou v⁹ hũ pandeyro
alcancareyro
que leueys na mão tangendo:
E dou v⁹ hũa crespinal
de chaparia de latam
por que soys dama muy fina
e bem dyna
pera mays do que v⁹ dam.

¶ Affonsso de carualho:

¶ Por escusar zombaria
de gualantes e donzelas
o que milhor v⁹ seria
he freyria
daa veiro mas nã das chelas.
Leyxay vestidos e mula
e todeste mao rrepayro
eu v⁹ dou hũa cogula
pereescapula
deste vosso maao fadayro.

¶ Dioguo monyz.

¶ Ja v⁹ nam faleçeal
vossa rreo vay machucho
e eu dou vos hũ atafal
dadinal
com estribo de capucho:
E se rretrancas farpadas
quiserdes leuar de quaa
de vossas cores bordadas
de brum adas
leuayas tanto me daa
e arralhaa.

¶ Dom fernando:

Dou vos tauoas cõçertadas
e dou volas de cortyça
que bradas e rremendadas
mal atadas
com atilhos de camiça.
Por que quãdo v⁹ sobyrdes
nelas pera caualguar
v⁹ vejamos se cayrdes
e descobryrdes
ho desonesto luguar.

¶ Frãçisco da silueyra.

¶ Segundo ys aparelhada
de tudo o que me pareçe
pera v⁹ nam mingoar nada
da bastada
aquisto ssoo v⁹ faleçe.
O pescoço campaynha
por seruidor marrama que
falar muyto anta rraynha
com bespinha
e ssacudyr hũ grão traque.

¶ Outra sua fym.

¶ O cheyrar a rraposinhos
seria cousa galante
trimaria cos fuçinhos
nestes caminhos
caues o andar dojauante:
Hyreys toda duũ jaez
aas outras fareys enveja
falaram de vos em fez
e mays de dez
fareys rryr de vos em beja.

E dom goterre aos giboões de fernã da sylueyra e dõ pedro da sylua q̃ fezerã de borca do cõ meas mangas e colar de graam.

¶ Sempre vyuã suas famas destes jyboẽs que fyzestes
com q̃ tanto prazer destes
cestas damas.
Polo qual me dá cruzados
mil presentes de lacoões
por lhe dar bem apodados
o vosso par de gyboões
do teor destes colhoões
abrassados.

¶ Dom rrodriguo de castro.

¶ Eu disse queram corays
deles coma de çentolas
ou bycos de tarambolas
ou dalgũas aues tays.
Ou pernas pees de perdizes
qual quiserdes destas tres
ou os vermelhos narizes
dejam garçes.

¶ Outra sua.

¶ Senhores se me tomays
as donça de pero feo
elas foram mays darreo
mas nam jaa tam cordiays.
Temos grandes presunções
andamos muy abalados
de ter tam bem apodados
o vosso par de gyboões
a guyarados.

¶ O coudel moor:

¶ Mays que françelha
andã os gyboões maneyros
e deçem nam rreferteyros
a escarlata que semelha
coor de telha.

¶ Hũ pouco mays efaymad⁹
do outro que se desdoura
os gyboões a guyarados
filharam polos costados
hũa touro
daquestes perros fanados.

Mas pardelha
assaz andam de rroleyros
poys de cem acustureyros
dezcarlata mal vermelha
cor de telha.

E dom rrodri/
guo ō monssan
joao mongy cō
capelo de dom
martinho de tauora.

¶ Que há venha bem a pelo
eu venho bem espantado
de ver hū mongy forrado
com capelo.

¶ Era de pardo forrado
vestido muy cortesão
feyto bem de ssobre mão
com mangas todo çarrado.
Cheguey me por conheçelo
com muy bom dessimular
ꝛ nisto fuy lhenxerguar
hum capelo:

¶ Por vᵒ descobrir a cousa
ꝛ vᵒ nam hyrdes em vão
esteera o filho meão
de rruy de ssousa.
vilhe muy crespo cabelo
vilhe vestido forrado
ꝛ fiquey marauilhado
do capelo.

Foy lhe por mym preguntado
por nam hyr assy barraão
que nome lhe tendes dado
ceste vosso guabynardo
dūa tam noua feyçam.
Respondeome com maazelo
senhor he mongy forrado
poys eu veyjolhe peguado
hum capelo.

¶ Pero de ssousa rribeyro.

¶ Eu fiquey bem espantado
se vistes bem amarelo
dachar ta vora culpado
em capelo.

¶ Eu estou tá mal sentido
que vᵒ nom posso dizer
quanto me deu de prazer
ver hum tam rrico vestido.
Quem mo desse aynda velo
para ver
como sse pode meter
o capelo.

¶ Sua.

¶ Que graça foy saber eu
que o pedro emprestado
ꝛ muy fino penhor deu
fycando porem goardado.
Hoje mays lhe ponho o sselo
de meu parente nom sser
poys partyo a ssocorrer
com capelo.

E dō rrodriguo
de monssanto a
lourēço de faria
da maneyra que
mandaua a hū seu escrauo q̃
curasse hūa sūa mula.

¶ Lourenço conprar
pastel de pam aluo
dizendo o escrauo
querer jaa chofrar.
Escrauo com medo
senhor chofrarey
lourenço azedo
assinha dom perro
azpera moley.

¶ De joam foguaça.

¶ Senhor my alçar
cuberta de rrabo
vos estar diabo
com tanto mandar.
Quam a rreneguado
eu te matarey
sem rrabo lauado
ꝛ cono chofrado
mey oyr para el rrey.

E dō rrodriguo
de crasto ꝛ fer/
nā da silueyra. ꝛ
joā foguaça . a
joam gomez da
ylha porque vyram hū caua
lo cō hūas alcaladas ꝛ sou/
beram que era seu ꝛ que era
vyndo ele da ylha.

¶ Polas vossas alcaladas
ssoubemos quereis cheguado
as quaes ná sseja mostradas
mas calsdas
por ná sser de voos falado.
Qua desta terra ozombar
he tam brauo ꝛ tam forte
que quem dele escapar
ha de passar pola morte:

¶ Hora ssem nenhum rreçeo
por nossa mor ꝛ rrespeyto
nos dizey do vossa rreo
se foy na ylha com feyto
coma feyto.
Qua vᵒ juramos pardez
que vᵒ nam veyo daalem
que tal feyçam de jaez
nam sse traz em tremeçem:

¶ Reposta de joā gomez
polos conssoantes.

¶ Poys vᵒ pareçem erradas
as tenções de meu cuydado
ꝛ per trouas muy delgadas
bem trouadas
sam per vos desenguanado.
em vos me quero lounar,
pero o que pena ssoporte

posto que de motejar
eu aja onze por sforte:

¶ Por hum pareçer alheo
mais q̃ quantos vy perfeyto
meu jaez fermoso ou feo
foy na ylha contrafeyto
de sseu jeyto.
Aa guisa de miqnines
a for de mouro foçem
das onças passa de dez
todas moçycas dargem.

De fernam da silueyra a dõ rrodriguo de castro por q̃ trazendo muyto gran de barba por seu yrmaão dõ fernando a foy rrapar aa naualha.

¶ Ouue ledice sobeja
da noua que me foy dada
qua vossa barbee rrapada
⁊ arrasada
que muytem boa v⁹ seja

¶ E qnero saber primeyro
sestaua hy joam foguaça
⁊ sse v⁹ disse o barbeyro
em acabando prol faça.
Que assy eu prazer veja
deueera ser festejada
a tua barba rrapada
⁊ rrasada
que muyteeramaa te sseja.

¶ De dõ aluaro da tayde.

¶ Para namorar donana
que nam he peca
compre barba da fonsseca
ou dos de santa ssusana.
polo qual de ty moteja
⁊ estaa muy abalada
da tua barba rrapada
⁊ rrasada
que muytem boora te sseja.

¶ De dõ goterre.

¶ Nã cureis de tomar vozes
cuiday se a nam vendeis
que comprira a quesperreis
o tempo dos byaroozes.
Que laa vem outra vendeja
tendea bem em crespada
por que barba penteada
⁊ anafada
no carmo muyto senteja.

¶ O coudel mor.

¶ Mãdaya goardar muy bẽ
⁊ fiay v⁹ vos em mym
porq̃ o corpo de deos vem
⁊ comprar volaa joochym.
Que he velho ⁊ parvoeja
⁊ traz hũa jaa çafada
⁊ a vossa penteada
anafada
he tal qual ele desseja.

¶ De dom pedro da taide.

¶ Quãdo me dizem rrapada
eu embuço
que cuidey cãdauaa tada
no touruço.
porem como quer que sseja
quer postiça quer criada
eu ey por graça sobeja
aa naualha ser pinchada
a rrasada
que muyteeramaa te sseja.

Dõ rrodriguo de mõsanto

¶ Eu loguo daqui o diguo
que salguem for co barbeyro
quey de sser cõ dom rrodriguo
atee ficar no terreyro
derradeyro.
Ca naualha foy sobeja
destemperada
que rrapou todaa padada
bigoodes mea queyxada
⁊ gyzou laa peloorcja
que muyteeramaa te sseja.

¶ De fernã da silueyra ⁊ fim.

¶ Que sejamos norte ⁊ ssul
dizey por vida daleme
se ssay stes muyto azul
dos punhos do alfageme.
Que nam poode ser que seja
se nam que cor a nouada
v⁹ ficasse da rrapada
tam escamada
que muyteeramaa v⁹ sseja:

De dom joam de meneses em nome das damas ao conde de vilanoua ⁊ a anrique correa q̃ fizeram carapuças de ssolya.

¶ Nã sey mal que nã mereça
quem v⁹ fez tal zombaria
que v⁹ meteo na cabeça
carapuça de ssolia.

¶ Se v⁹ enguanou agosto
somos lhem obriguaçam
por fazerdes enuençam
de q̃ temos tanto gosto
⁊ de vos nam.
⁊ mais diz dona maria
quee rrezam que lha vorreça
a quem metem em cabeça
carapuça de ssolia.

De pedromẽ a ãrriq̃ correa.

¶ Se a fizestes por leue
he pesada
se por doçe he ssalguada
se por fria he de neeue.
Que a vos nam v⁹ pareça
nam foy pequena ousadya
quererdes trazer de dia
carapuça na cabeça.

¶ O conde de tarouca.

¶ Desse pano ⁊ desse forro
eu fyzer antes pelotes
ou caçotes
porque por vos eu me corro
de lhe ver dar tantos motes.
Quee ja tanta azombaria
⁊ tourarya
qua hynda que mays nã creça
dalho vaao pola cabeça
de ssolya.

¶ Dom joam a ambos.

¶ Falay com este truaão
qua quy cura de mao aar
se volas pode tyrar
assy como leuaçam
⁊ sse nam
el rrey vº manda apartar.
antes que mays dano creça
porque sacha em sologya
que sapegu aesta solya
como bubas na cabeça.

¶ O camareyro moor

Par deos bẽ vº soubar mar
quem entam pouca solya
vº fez ambos embyrar
⁊ cayr juntos nũ dia.
Foy tam grande zombaria
que nũca creo quesqueça
em quanto hy ouuer solya
ou cabeça.

¶ Sua por briatiz dazeuedo.

¶ Jurarya por minhalma
que nũca se vyo tal joguo
poys por fogyrdes a'calma
destes com vosco no foguo.
Ajnda ma fyt marya
que nam sey o que pareça
huũ abyto de solya
na cabeça.

¶ Jorge de vasco gonçelos.

¶ Eu nãlhe dou muyta culpa
qual voroço lha fez fazer
mas o nam se conheçer
aquysto nam tem desculpa.
Conheça era maa conheça
que fez maa galantarya
⁊ quem lhas fez mereçya
muytos couçes na cabeça.

¶ Manuel de goyos aambos

¶ Quem volas fez a verdade
nam he a ninguem culpado
poys a vos fez a vontade
⁊ a nos perdey o cuydado
Este mal vem da cabeça
⁊ meu conselho serya
porqua o corpo nam deça
que cureys a fantesya.

¶ Sua anrryque corres.

¶ Dona joana me dysse
que vº podya dyzer
que se vola ela vysse
que se verya morrer.
Dys quaame do quesmoreça
⁊ jurou me que querya
antes veruos sem cabeça
que com ela com ssolya.

¶ Jorge furtado.

¶ Senhores sem culpa ssam
por sser de menor ydade
pera consselhar jrmão
tam feyto assa vontade.
Se mal fes que o padeça
poys em ssy tanto se fya
que meteo ssua cabeça
em poder de maa solya.

¶ Antonio de mendoça.

¶ Jrmão que a denssynar
os mais moçº por mais velho
⁊ que aa de dar conselho
para lho homem tomar
nam aacam rryjo derrar.
He bem que nam lho bedeça
nem lhe fale mays huũ dya
poys fyou sua cabeça
duũ couodo de solya.

¶ Outra sua ⁊ fym.

¶ E sabeys que lhe custou
trazendoa muyto pouco
co ela nada ganhou
⁊ fycou
para sempre daly mouco.
He rrezam que o padeça
poys lhe veyo a fantesya
querer trazer na cabeça
carapuça de solya.

E dom joã ma/nuel a lopo de ssousa ayodo duũ q̃ vindo de ca stela no verã cõ huũa grande carapuça de ve, ludo q̃ os castelhanos cha/mam gangorra.

¶ Ryfam.

¶ Dessa gangorra faria
huũ gybaão
ou a trarya na mão.

He cousa chẽa coma palma
que quem vola vyr trazer
⁊ vos caueys de morrer
huũ de rryso outro de calma.
Na cabeça a nam trarya
⁊ na mão
trarya antes huũ jybam

¶ Outra sua.

¶ Sontra tal soma de pano
entrar por rryba de coa
rreçeberaão muyto dano
os rryndeyros daquestano
dalfandegua de lixboa.

Mas muyto mays perderia
hũ cortesão.
em trazer tal envençam

¶ Do baram.

¶ Em tempo delrrey duarte
dizem que foram vsadas
muy grandes caperutadas
mas nũca foram destarte
Polo qual desta rrerya
com rrazam
que fosse de meu jrmão.

¶ Outra sua.

¶ Mas poys questa feyta he
compre coutra se nam faça
ꝛ desta se faça graça
ao porteyro da ssee
para trazer coa maça.
E com tudo lhe dyrya
quem verão
sempre a tragua na mão

¶ Pedro omem.

¶ Sayba todo portugues
por que tal trajo o nã vença
questas vem dũa doença
que se chama mal françes.
Pegousse da frontarya
a perpinhão
morreo loguo o capitão

¶ Outra sua.

¶ O guorra de grão valya
quem taty bem contemprasse
hynda quem terra tachasse
nunca te leuantaria.
A hũa nam poderya
a outra rrezão
preguntem o de guzmão.

¶ Ruy de sousa.

¶ Sobrinho nam vꝰ pareça
questays em valhadoly
caa nam trazem na cabeça
tres varas dazeytony.
Eu a vos perdoarya
mas foaão
nam dyguo quem nẽ quẽ nam

¶ Dom joam de meneses.

¶ Quẽ teus males bẽ soubesse
ꝛ te vysse como vy
douydo que te trouxesse
ajnda que se lhe desse
hũ rreyno todo por ty.
Que nam te leuantaria
dom johaão
em que tachasse no chão.

¶ Outra sua.

¶ Quẽ vyo nũca purtugues
que gastasse tanto pano
em hũ tam mao entremes
que mays fyzera hũ françes
ou castelhano.
Foy muy grande grosarya
ꝛ gorra nam
fazerse tal envençam.

¶ O conde de tarouca.

¶ He muy alta ꝛ poderosa
por detras ꝛ por diante
seca da ar ꝛ muy calmosa
das jlharguas peryguosa
pera rryrem dũ galante.
Da façe dela farya
barchylaão
ou do forro hũ balandraão.

¶ Outra sua.

¶ Esta gorra me semelha
que deuya sser geerada
nũa gram caperotada
caualguada
dũ sombreyro de guedelha.
Polo qual a nam trayrya
no verão
se nam se fosse na mão.

¶ Jorge da sylueyra.

¶ Nam he trajo de galante
para meter em terreyro
hynda que scuse sombreyro
por foaão nem por leuante
Mas antes dela farya
hũ guabaão
poys errou de sser jubaão.

¶ Do conde de vyla noua

¶ Muũs perguntan que teraa
de çera linhas ꝛ pano
mas se me eu nã engano
quatro quintays pesaraa.
Por jsso antes trarya
hũ pyastraão
na cabeça ou na mão

¶ Jorge de vasconçelos.

¶ Por que caa nã sse pegasse
serya muyta rrezão
quem de castela cheguasse
que na corte nã entrasse
sem trazer rrecadaçam.
ꝛ dysto loguo farya
ordenação
de fydalguo atee pyaão.

¶ Vasco de foes.

¶ Nã deue ninguẽ zombar
poys faz ós por milhor tudo
mas deuesse despantar
qual foy o que foy achar
fazer pasteys de veludo
Os quaes eu nam prouaria
no veraão
com medo dalgũm cajão.

¶ O senhor dom affonsso.

¶ Comestara rrependido
quẽ naquy portou primeyro
foralhe melhor vendido
o sobejo a bom dinheyro.

De propia galantaria
de castelaão
que nũca foy cortesaão.

¶ O coudel moor.

¶ Que nam seja de trazer
este trajo com quentrastes
por que he descarnecer
todesta corte obrigastes:
sobre aposta a nam trarya
nem na mão
te nom passar o verão.

¶ Sua.

¶ Nam digno ser ardideza
me ter em corte rreal
peça que nam tem ygoal
em sabor e em grandeza.
Dhuũ quarto dela farya
huũ gybão
e o mays fyquem trufão.

¶ Outra sua.

¶ Reneguo de louçaynha
que consyguo traz auyso
que faz loguo voluorinha
com que mata myl rryso.
em arcaaz a fecharya
com chauão
tee fazer dela gybão.

¶ Affonsso furtado:

¶ Bem era de rreçear
tal trajo se ssa pegasse
e homem que o louuasse
mays dyno de castiguar.
logo oje dela farya
huũ gybão
mas nam ja pera verão.

¶ Anrrique correa.

¶ Antes que mays dano creça
daquesta negra gangorra
dem corastre na mazmorra
e a quẽ na traz na cabeça.
Outra pena nam daria
senão
que a trouxesse huũ veraão.

¶ Antonio de mendoça.

¶ Quem castela se custume
em portugual eu concrudo
que segundo seu pesume
fara muyto mor velume
de tronas que de veludo.
e por jsso aleyraria
a dom joam
que nã mostrasse o rryfam.

¶ Dõ martinho da sylueira.

¶ Se rryso prazer nõ dais
a carapuça o padeça
e guarday de a por mays
que perdereys a cabeça.
Vendasse na judarya
e acharão
por ela mays duũ mylhão.

¶ Sua ẽ nome dos rryn deyros dalfandegua.

¶ Senhor mande vossalteza
tornar sse lopo de ssousa
que por causa desta cousa
nam vem gales de veneza.
A fama la cheguaria,
e herrezão
deste grão carapução.

¶ Sancho de pedrosa.

¶ Esta negra cubertura
menos mal que dyzem faz
poys aquele que a traz
nestes dias tanto dura
O que gram graça seria
castelão
com gangorra no serão:

¶ Anrryque arryquez.

¶ Eu vy ja cẽ mil maneyras
de trajos bem cortesaãos
e tam bem vy cydadãos
vestydos daluas cordeyras.
Mas nam vy nẽ ver querya
envenção
tam fornyda no verão.

¶ Francisco de ssam payo

¶ Carapuçinhas do lão
e barretinhos syngelos
seram estes caramelos
que de fryo os matarão.
Nam se faça zombaria
e sacaram
outra forma de nuençam.

¶ Symão de myranda.

¶ Quẽ na traz por carapuça
desyso a portugual
trouxerantes hũa murça
ou mytra pontyfical.
Mays onesto lhe seria
ser ladrão
que verlha trazer na mão:

¶ Nuno fernandez da tayde.

¶ Eu nam sey pera que seja
hũa tam gram dya dema
se nam pera na jgreja:
pendurar antro vos dema.
Que he certo que farya
deuação
ver huũ tal carapução.

¶ Jorge barreto.

¶ Nam se podera fazer
em vençã mays a meu grado
para mylhor poder sser
quem na trouxer apodado:
digno que a nam traria
nuũ sserão
por me darem hũ mylão:

Dom manuel.

¶ Se trouxerdes no verão
tres varas de cerço pelo
nam vos fycara cabelo
que vos nam leue na mão.
E crede que nē tanquya
com ssabam
mays prestes vos pelaram

¶ Dom gonçalo coutinho.

¶ Quando per escaramuças
nam poderam fazer danos
françeses a castelhanos
lançaranlhe carapuças.
E com esta ssaja rya
fycaram
com elas por maloyçam.

¶ Joam falcam.

¶ A tesoyra do judeu
que çerça myl pelotes
por dar mais luguar os motes
ajnda nela nam deu.
Da volta loo sse faria
huū fayçam
que çercasse o calaçã o.

¶ Dom joam de moura.

¶ Gorra de parmynlas
segundo as nouas couço
eu te farey huū gamonço
primeyro que tu tenas
Quem al tem na fantesya
he çybrão
assy comeu ssam cristão.

¶ Pero monyz.

¶ Antes me tros quiaria
como anda vasco palha
por que tal galantaria
pareçe ser zombarya
feyta per mão de myssalha.

¶ Assy que ma fyrmarya
sem afeyçã o
ca gangorra lhe de mylão.

¶ Ruy de sousa ocyde.

¶ Caquy nam seja defeso
a ninguem nam acōteça
fyar de sua cabeça
cousa de tamanho peso.
Antes ma conselharia
por que nam
desse com tudo no chão.

¶ Manuel de goyos.

¶ Se martym telez vyuera
em castela nam ssachara
quem tal cousa qua trouxera
que o loguo nam paguara.
Se auysse matar ssya
com sua mão
o byscōde dom joam.

¶ Dom lopo dalmeyda

¶ Eu nam sey a quem pareça
que tam poderoso he
que posso ter na cabeça
o corucheo desta ssee
Nam creo que poderia
sam ssão
trazela todo huū verão.

¶ Dom garçia de castro.
¶ Esta gorra he precedente
a todo trajo galante
se nam fosse rrepunante
para laude da jente.
Ja diz antam de farya
quem mourão
morrco delas huū vylão

¶ Antam de farya.
¶ Se nam fosse por pendēça
eu çerto nam na trarya
peso com que dom garçia
nūca fara rreuerença.
Por que mays leue sseria
o morrião
com quelé foy ter o chão.

¶ O marques.

¶ Eu ouuo outrá tal tyara
quando fuy feyto marques
mas se tam caro custara
marquesado nam tomara
se nam fora em que me pes.
Antoutra vez tomaria
eu uão
que tomar esta na mão.

¶ Desculpa de lopo de ssousa

¶ Eu me tenho por sesudo
poys por nā paguar dyreyto
de sseys peças de veludo
mety em vestido feyto
Ca sem jsto o meu metya
em condiçã o
por mingoa de descryçã o.

¶ Reposto do conde de portalegre.

¶ Nam ssey tal caso comessez
a quem nam pareça mal
que soo por vosso jntaresse
danes todo portugual.
La la em andaluzya
da quy nam
vos hyres sem ponyçam

¶ Pero farzam buscante.

¶ Senhores leyxalas vyr
nam corra ninguem de rrosto
leyxalas cheguar aa gosto
fartarnos emos de rryr.
Soltenlhe da vozaria
o rryſam
as trouas o corrERam.

¶ Antam diaz monteyro.

Fazer todos gram calada
eu a erguerey por trela
e depoys dal cuantada
leyrala passar aarmada
quelle nam torna a castela.
Que grande dano faria
num veram
escapar tal enuençam.

¶ Dom aluaro da tayde.

¶ Gangorra por que vieste
de castela a portugual
poys he çerto que fyzeste
a quem te traz muyto mal.
Por te trazer mereçya
hũ coscorram
aa corte de rroselham.

¶ Outra sua.

¶ Gangorra senhora mana
que ousadia foy esta
que vos nam soes para festa
nem menos para somana.
que fosseys vos de tauria
nem motam
nam vº traria na mam?

¶ Outra sua.

¶ A fyrma o grã monarqua
fylosofo sabedor
que sse chama luys da rca
das pyas comendador.
Que por seesta antes leria
por laçam
que trazer carapuçam.

¶ Pergunta de jorge
de vascõçelos a lopo
de sousa e fym.

¶ Dyzeyme como trouxestes
tam longe de portugual
huũ peso tam desygoal
poys que por maar nã viestes

¶ Eu nam sey como se meta
na cabeça coa mam
senhores tal enuençam
caa mester hũa carreta
para a trazer nũ seram.
E poys por maar nã viestes
tam longe de portugual
como tam descomunal
gangorra trazer podestes.

De dõ antoneo de valhas co estado el rrey nosso señor em çaragoça a hũas çeroylas de chamalote q̃ fez manuel de norõha fylho do capitã da ilha da madeyra.

¶ Ryfam.

¶ Que se pyerda la memorea
no es rrazon
senhor de tal ynuençion.

¶ Sy son çeruelas deueras
manuel fue contra la ley
en nolas lheuar a el rrey
pues que fuerõ las primeras
y tam byen seran postreras
de rrazon
ssyno es por maldiçion.

¶ Otra suaya.

¶ Sepa todo cortesano
porque parotras sa cuerde
que calças de rraso verde
causaram muerte allezcano
pues myraa q̃nto es mas sano
el veludo en aragon
que los chamylotes som.

¶ Otra suya.

¶ Eneste mundo mezquyno
veo las cosas como vam
ya se calça el cordouam
sobre chamylote fyno
Es assy que a hũ ayer vino
a ser garçon.
y ffaco tal ynvençion.

¶ Otra de dom antonyo.

¶ Por q̃ quereys q̃ se hable
senhores enestas trobas
de que aremos las lobas
sy lo sabel condestable.
Chamylote rrazonable
valdria mas para huũ jybon
que de borcado huũ rropon

¶ Otra suya.

¶ Ya vy calças de demasco
de que hune gram manzilha
y oy dyzer em castilha
de dom sancho de valasco
Mas no tuuo fantasya
ny presuncion
co viesse tal ynvençion.

¶ De dom alonsso pimentel.

¶ Las vuestras calças senhor
elhas andam em luguar
que mereçem byen andar
pues no puede ser pyor.
A tal çeo tal fauor
es rrazon
que se hagua alhenuençion.

¶ Otra suya.

¶ De ver çerca el chamylote
el jubon toma desmayo
y tan byen rreçela el sayo
que le quepa algunaçote.
Que quyen lhyeua tãto mote.
de jnvençion
el temelhe es gram rrazon.

¶ Otra suya.

¶ El que ssatreuyo passar
honoura de tanto more
por agoas de chamylote
pasar a a las dela mar.
No que malo es naueguar
sym guyon
senhor por tal jnvençion

¶ Otra suya.

¶ Vos traes calças de rrysa
por que son de chamylotes
tam byen son calças de mores
que son pyor que de frysa,
Sy sse ssaca la pesquysa
de lhenuençion
que mueraes es gran razon.

¶ Joam fognaça.

¶ Muytos trajos se fyzeram
dynos de rryso ꝛ de more
mas calças de chamalote
nunca ja mays se trouxeram.
Sempre fycara memoria
com rrezam
senhor de tal envençam.

¶ O camareyro moor.

¶ Soes senhor tã enganado
com çeroylas deste pano
que hũu mes de sem calmado
vꝰ causou ser apodado
todo anno.
Antes quero nam ser ssano
em aragam
que fazer tal enuençam.

¶ Ynhyguo lopez.

¶ Se guyse que va herydo
no tengays temor de nada
que la yerua es muy prouada
por ha hy estara caydo.
Ha grã rrato que es corrido
con rrazon
a causa de lhenuençion.

¶ Dõ rrodryguo de mocoso

¶ Se fue traje por mays fryo
fue desorden de codycia;
y sse fue por desuario
quyça que tuuo justyça
Que muriesse syn malicia
es rrazon
de tan pesada jnuençion.

¶ Otra suya.

¶ E muy justo emanuel.
en chamylote calçado
por que fuesse rreparado
el burlar burlando del
Fue mas dulçe que la myel;
esta jnvençyon
para nuestra rredeçion.

¶ Curelha.

¶ Sed me testigos senhores
como manuel de noronha
muere de pura ponçonha
y no damores.
Pequenhas son las calores
daragon
pera tam fresca jnuençion.

¶ Pero fernãdez de cordoua

¶ Posy stes en albolote
este rreyno y en debate
en fazer al chamylote
en tierra de gordalate
pusyesse forca ya zote;
Pues vos paguays el escote
senhor desta alteraçion
nos calçeys por afyçion.

¶ Dom joam de meneses.

¶ Tam secretas las traya
como sy fuessen de malha
que quyen tal jnuençion alha
halharaa quyen delha rrya
yo antes las sacarya
em hũ jubon
otra vez por jnuençion.

¶ Otra suya.

¶ Senhor myo como estays
muyto mal
poys que vym de portugual
a vꝰ dar de querryays
vos burlays.
pues cumpleos que tengays
buen coraçon
que teneys mala jnvençion.

¶ Outra sua.

¶ Mas agoas de chamalote
pareçeo sseu mal sem cura
ꝛ corre rrysco de morte
soo de frio sem quentura
O que grão desauentura
de garçam
morrer de tal envençam.

¶ Gonçalo mendez çacoto.

¶ Boõs galantes escolhidos
dem venções jnuentadores
conheçy grandes senhores
mas nam ja tam atreuydos
nem nos vy ser tam prouidos
Que das jlhas na memorea
esta enuençam
trouxessem te aragam.

¶ Outra sua.

¶ O calças tu nã me mentes
eu entendo estas chamas
sete bem vyrem as damas
todas bateram nos dentes;
De fryo que nã de quentes
com rrazam
poys de dentro mays o ssam.

¶ Dom rrodrigo de sande.

¶ Depoys de bẽ apodadas
cheas de pena ⁊ de mel
seram loguo em pico tadas
ou em forcadas
poys nos gastaram papel
Fora mylhor douro pel
meu coraçam
esta vossa enuençam.

¶ Outra sua.

¶ E day tres fygas aa morte
se vos nam andar des quente
que nam sabe esta jente
que calças de chamalote
sam mays frias que o norte.
E he cousa tanto forte
em aragam
mays que de pero pinhão.

¶ Anrrique correa.

¶ Esta cousa he muyto dyna
para no tombo jazer
aa mester ca rruy de pyna
se faça loguo saber.
Por fycar dela memorea
herrezam
que sescre vesta enuençam.

Outra sua.

¶ Os feytos tam assynados
leuannos todos a frandes
pera vyrem fegurados
como cousas muyto grandes
E poys esta he de grorya
herrazam
que va la esta enuençam.

¶ Outra sua;

¶ Por que dizem comaluoa
hera bem que se tyrasse
huũ estormento
E que se leue a lixboa
ante que nela entrasse
esta noua de tormento.

E por honrra de vytoria
herrezam
que rrianda envençam.

¶ Dom duarte de meneses.

¶ Foy cousa muyto mays fea
fazerdes de chamalote
enuençam de tanto mote
que beyjar mãos aa candea.
Nem sey dama que as crea
nem vᵒ queyra com rrezão
se vᵒ vyr tal enuençam.

¶ Antonyo de mendoça

¶ Se soys senhor enganado
com ser frias fazeys mal
candareys mays afrontado
dezombado
qua se fossem de sayal.
Se leuays aportugual
tal enuençam
aas ylhas vᵒ mandarão.

¶ Symão de myranda

¶ Amey mays o chamalote
que lyla nem goardalate.
que fyz calças dũ pelote
de que jaço derremate.
Nam fyzera marrate.
esta enuençam
nem o grão pero de lobam

¶ Outra do camareyro mor.

¶ Quando de zarza ganya
se fyzerão ontras tays
eu vy hũa profecya
que dyzia
que quẽ vynesse veria
outras mays especias.
E por questas o ssam mays
com rrezam
rryremos de cujas ssam.

¶ Nuno fernandez da tayde.

¶ Fyzestes tays entremeses
nestas calças que trazeys
que juram aragoneses
cas cortes durem tres meses
se vos nam vᵒ correges..
Assy que vos nos fareys
com rrezam
jnuernar em aragam.

¶ Outra de joam foguaça

¶ Dygno padre que pequey
⁊ sam perdido
da enuençam que ssaquey
de que sam arrependydo.
Nam tenho dela vaã grorla
mos contriçam
que pequey por enuençam.

Outra de symão de myrãda.

¶ Minha culpa diguo mays
que pequey de confyado
sendo bem aconselhado
fyz çeroylas coradas.
Dysto padre nam rryays
mas day rezam
pera minha salnaçam

¶ Outra de goncalo mẽ
dez sacoto

¶ Nã he bem q̃ o padre peça
rremyssam de tantos danos
poys viuendo dez myl anos
nam he cousa que esqueça.
cuña graça desquem peça
em rryfam
cada huũ a traz na mão.

De manuel de noronha a dom antoneo de valasco sobre o rryfã que lhe fez.

¶ Ryfam.

¶ Antes que de chamalote
fyzera desserryfam
çeroylas paro veram.

¶ E mays das copras farey
outra loba de querria
que seja casy tam frya
coma curta de solya
que vº cuja perdoey.
E assy escaparey
nas copras ⁊ no rryfam
das calmas deste veram.

¶ Outra a loba curta de solia que fez dõ antonyo.

¶ Eu vy loba de solya
que me pareçeo rrazam
nam lembrar pera rryfam.

¶ Da vossa berba rrapada
quanto he o que eu dyrya
eu a ey por casy nada
pera a loba de solya.
Day o demo a fantesya
⁊ toda vossa descriçam
poys a loba he tam frya
que nam lembra o rryfam.

¶ Outra sua.

¶ Eu vy vyuva anojada
com outra tal enuençam
mas com barba tã rrapada
nunca vy ja cortesão.
De morrer deseiaria
⁊ serya gram rrazam
poys que fez loba tam fria
tendo ja feyto o rryfam

¶ Outra sua.

¶ Dalgũs destes trouadores
nam quero ser ajudado
antes ssoo com minhas dores
que tam mal acompanhado.
Em q̃ majam por culpado
a isto matreuaria
poys que he tam condenado
o da loba de solya.

O coudel moor françisco da sylueira estãdo em portugal a estas çeroylas de manuel de norõha as q̃es mandou a castela

¶ Ryfam

¶ Grande corte de castilha
nam ajaes por marauilha
manuel calçarsse mal
que nam he de portugal
mas he da ylha.

¶ Enganousse por verão
⁊ foy la em forte ponto
cuydando quem aragam
nam auia cortesão
que de rryr viesse a conto:
mas de laa ou de seuylha
pareçe por marauilha
a çertou algũ sser tal
que quys rryr de portugal
⁊ rryo da ylha.

¶ Come le da ylha veo
se ssoube qua por sseu ssyno
que de chamalote fyno
farya calças da rreo.
Mas aasse por marauilha
serem feytas em sseuylha
⁊ culparsse em portugal
pague laa poys fez o mal
em castilha

¶ Cuydarã nos castelhanos
qne nos tenham ja na rrede
ora crede
que somos qua tam oufanos
que nã calçamos tays panos
Em caçotes em fraldilha
em juboẽs em tabardilha
em outros deste metal
se gastam ⁊ nam tam mal
como em castilha

¶ A quem taes çeroylas fez
se deuera perdoar
por esta prymeyra vez
⁊ dando lhe este luguar
em outra o foreys tomar
Dyguo o conde de tendilha
⁊ a senhora bobadilha
se da ylha oo funchal
foy homem tam por sseu mal
a castylha.

¶ Estaua fora do rrol
⁊ destes motes jsento
⁊ meteo rrequerymento
com que nam fez sua prol
mas ante seu corrimento.
Com poer senhor da jlha
poys por força na quadrilha
vos fostes de portugal
a enuençionar mal
a castilha:

¶ Compre que vº desculpeys
tomando a culpa por vossa
sem sauer nada por nossa
poys que soo a mereçeys.
E compre que calça dylha
no sermão diga em castilha
em voz alta espeçial
que nam ssoes de portugal
mas soes da jlha

¶ Fostes la muyto aramaa
para vos fazer tal cousa
que a vos dano traraa
⁊ que nam vº valeraa
pereyra sylua nem ssousa.
Mylhor vº fora em camylha
jazer curando hũa a sylha
ou vº tornar oo funchal
que com trajo tam sem sal
hyr a castilha.

¶ Ajuda de jorge daguyar.

¶ Cuydey que como passasse
dũa poesya vana
ou de trouas de mãgana

nam sachasse em triana
quē de çeroylas trouasse.
Mas pois o paço sse filha
per valasco ⁊ bobadilha
a causa dū trajo tal
nam sse deua ver por mal
marramaque hyrja castilha.

¶ Os trajos naquesta terra
sam sempre tam escoymados
que quem na feyçam os erra
hynda que sejam borcados
ne ssora ssam apodados.
Como ouuistes da barguilha
nas entradas de castilha
do filho do marichal
quē as calçou por seu mal
comas çeroilas da ylha.

¶ Mas ssomos tā piadosos
⁊ de tam boa naçam
que vem qua mil esquinosos
cō trajos muy mais melosos
do questas çeroilas ssam.
Mas por ter deles manzilha
⁊ de todo o de castilha
quebramos o rryr em al
⁊ vos laays tratar mal
hū ynoçente da ylha.

¶ Duarte da guama.

¶ Porq̄ quer ninguem dizer
mal daquesta vossa cousa
poys a vida ja de sser
tam çerto como o morrer
em castela rruy de ssousa.
quisereys mais a feyçam
do yrmāo
do crauciro de padilha
que fazer tal enuençam
em castilha.

¶ Doja vante antre nos
quem for mal enuençionado
sera muy bem apodado
⁊ por forsa degradado
pera vós.

Porque dentro em aragam
⁊ em castilha
saibam questa enuençāo
fez de vos rryr vosso yrmāo
la na ylha.

¶ Dequelas lobas haremos
dom antonio preguntou
como quem nam sse lembrou
co condestable ssacou
hūa rroupa que ssabemos.
A qual foy de gram frisada
mas por ser laa de castilha
nam foy nunca apodada
mereçendo sser trouada
mais quas çeroilhas da ylha.

¶ Jorge da silueyra:
¶ Nā sintays o rryr de caa
nem mote que a vos vaa
que milhor he quē vos falem
que dizerem que nam ssabem
se fostes laa.
Como dizem em sseuilha
⁊ assy por toda castilha
que de todo portugual
nenhum homem nam foy tal
como o da ylha.

Dioguo brandam:

¶ Muyto mal sse conformou
com cousas de ssua terra
quem tays calças emuentou
por nossa guerra.
Porque como sse criara
em cousas doçes comer
desta ylha
delas mesmas se calçara
⁊ escusara
o zombar ⁊ escarneçer
de castilha.

¶ Neste trajo sa firmou
cos da ylha faram tudo
que ja la outro sachou
que frisou
duas peças de veludo:

Desta vez que foy aa ylha
desembarcou em sseuilha
sem tocar em portugual
⁊ por ysso o fez tam mal
em castilha.

Joam gomez da breu ao
rrifam de castela.

¶ Quem auia la senhor
demuentar essa frieza
se nam quem de natureza
era frio ⁊ sem ssabor.
antes eu ssofreradori
de quentura em aragam
que ssacar tal emuençam.

¶ Nā trarey jamais de cote
se da preta nem de cor
pois quē quer nossaluanor
mete ja bom chamalote.
nam deseja sser maçote
em aragam
quem ssacou tal emuençam.

¶ Fym.

¶ Ael rrey seraa castiguo
este trajo de noronha
que nam leue mays conssiguo
quem no meta em uergonha.
Demlhe demlhe la peçonha
que se escapa este verāo
sacara outra emuençam.

DEstes trouadores a baixo nomeados a nuno pereyra por hūa carta q̄ escreueo ao prinçepe ⁊ pos lhe no sobre escrito. per alteza do prinçepe nosso senhor.

Do coudel moor.

¶ Nos outros açiuel gente
quando nᵒ tomam de ssalto
escreuemos oo muy alto
poderoso ⁊ eyçelente,

Mas pois o paço deſpreza
velhiçes de notador
doje mais vaa peralteza
do prinçepe noſſo ſenhor

¶ De fernam da ſilueyra.

¶ Bẽ cuydou de dar no fyto
ou oo menos na calueyra
quem notou tal ſobreſcrito
como pos nuno pereyra.
Tentay bem na ſotileza
que buſcou eſte rreytor
quando eſcreueo peralteza
do prinçepe noſſo ſenhor.

¶ De jorge daguyar.

¶ Eſtando na frontaria
neſſas partes de caſtela
em ora de meyo dia
me chegou eſta nouela.
Mandey loguo cõ deſtreza
tomar portos de ſabor
nam paſſaſſe tal çympreza
a qual hya peralteza
do prinçepe noſſo ſenhor.

De diogo zeymoto.

¶ Eu andey jaa picardia
⁊ a terra do dalfym
frança ⁊ alombardia
⁊ tam gram ſenſſaboria
nã ſacharaa como em mym.
Com toda minha frieza
nom ſam eu tam ſenſſabor
queſcreueſſe peralteza
do prinçepe noſſo ſenhor.

¶ Danrrique dalmeyda paſſaro.

¶ Como foſtes dar no fundo
de tam gram ſenſſaboria
poys que ſabieys qua vya
anrriqualmeida no mundo.
Nam fizera mor frieza
hũ muyto mao orador
que eſcreuer peralteza
do prinçepe noſſo ſenhor.

¶ Do doutor meſtre rrodriguo.

¶ Eu fuy jaa em pecarronia
⁊ tam bem em parvoyde
⁊ faley cos de gumide
⁊ cos doutores oxonia.
Mas nam achey tal frieza
nem nenhũ tam ſenſſabor
que ſcreueſſe peralteza
do prinçepe noſſo ſenhor.

¶ De joam darrayolos mouriſco.

¶ Vy conoçer bem alarues
⁊ muytas terras andar
⁊ correr jaa os alguarues
da quem mar ⁊ dalem mar.
Nunca ver tal paruoeza
dita por tal ſabedor
como eſcreuer peralteza
do prinçepe noſſo ſenhor.

¶ De dõ anrriq̃ anrriquez.

¶ Nũcaal vy ſenã ſeſudos
fazer muy grandes erradas
⁊ dos ſſotys ⁊ agudos
ſahyr grandes badaladas.
vos com voſſa ſotizela
quiſeſtes ſſer orador
em eſcreuer peralteza
do prinçepe noſſo ſenhor.

¶ De dõ affonſſo anrriquez

¶ O diabo nam achara
tal maneira deſcreuer
nem por muyto queſtudara
nam no podera ſaber.
E vos por mais jentileza
por mais perro ⁊ ſſabedor
eſcreueſtes peralteza
do prinçepe noſſo ſenhor.

¶ De joam foguaça.

¶ Quem muytos anos viuer
muytas couſas ouuyraa
muytas folguaraa de ver
doutras muytas ſſe rriraa
daqueſta voſſa agudeza
tam fria tam ſenſſabor
ſe rrym todos ante alteza
do prinçepe noſſo ſenhor.

¶ De gomez ſſoarez.

¶ Quẽ deyxa caminho chaão
⁊ caminha por atalho
eſtaa jaa çerto na maão
quaa de leuar mor trabalho.
Vos deyxaſtes a çerteza
cuidando que era primor
eſcreuerdes peralteza
do prinçepe noſſo ſenhor.

¶ De diogo de mirãda.

¶ Se foreis aragoes
ou ſenſſabor caſtelhano
ou doçe valençeano
paſſaara por entremes.
Nam ſey ſſe foy ardideza
ſe foy ſerdes ſabedor
açertardes peralteza
do prinçepe noſſo ſenhor.

¶ Aluaro noguerra.

¶ Senhor he muyta rrezam
pois tais couſas açertais
que tenhais gram preſunçam
⁊ vꝰ en ſſoberueçays.
Deu vꝰ deos mayor ſabeza
que nunca deu oorador
poys eſcreueis peralteza
do prĩçepe noſſo ſenhor

¶ De diogo pereyra.

¶ Vos soubeestes a verdade
vos sabeis o que screueis
tudo o al he vaydade
se nam o que vos fazeys.
Nunca vy tam gram destreza
descreuer e notador
qual foy a de peralteza
do prinçepe nosso senhor.

E nuno perey/ra a todos estes trouadores. e a outros que aqui nam vam por se nã acharem suas trouas em rreposta das que lhe fizerã.

¶ A jorge daguyar.

¶ Eu venho da frontaria
som alcaide de zaguala
todo o mundo de mim fala
e da minha gualania.
Como ssam na forteleza
sam hũ deemo velador
com viua viua alteza
do prinçepe nosso senhor

¶ A dõ anrriq̃ anrriquez.

¶ Sam de core gracioso
diguo mil graças de core
a quem quero dou hũ mote
e picome de pomposo.
Doutro cabo tal baixeza
e compasso de gram dor
quẽ chapyns nã chegoalteza
do prinçepe nosso senhor.

¶ A dõ affonsso anrriquez.

¶ Sam gualãte catelaão
o moor qua daqui do cayro
e gasto cũ boticayro
cada dia hũ chinfraão.
por que e tal minha magreza
que rrequere confessor
bem o sabe sualteza
do prinçepe nosso senhor.

¶ Ao coudel moor.

¶ Par dẽs eu me marauilho
quem nã morre de pasmar
em ver meu gentil trouar
e iaa gora o de meu filho.
Benza deos suaa gudeza
a mym goarde o saluador
para seruiço dalteza
do prinçepe nosso senhor.

¶ A francisco da silueyra.

¶ Essa troua que laa vay
e a vay posta por minha
ora vos sse dade vinha
se a fyz eu sse meu pay.
Eu picome de franqueza
onde quer que louuor for
na corte de sualteza
do prinçepe nosso senhor.

¶ A aluaro nogueyra.

¶ Eu sam todo muyto louro
e ssam louro muyto franco
eu ssam todo todo branco
sam hũa madeyra dour oi
Eu ssam cheo de frieza
e ssam gram rrefyador
e ssam sen de sualteza
do prinçepe nosso senhor.

¶ A joam foguaça.

¶ Auermey por tengo mẽgo
se meu nom guabo per mym
que ssam gentil estrelym
ou heres sobre framengo.
nos olhos hũa frounneza
mais brancos que hũ leytor
e sam seruydor dalteza
do prinçepe nosso senhor

¶ A jorge da silueira.

¶ Eu em mym tanto confio
quãtas damas dou mil rrot
e tenho mais altos cotos
que o lageo meu tyo.
Sobrisso tal dereyteza
que pareço justador
que quer justar antalteza
do prinçepe nosso senhor.

¶ A gomez ssoarez.

¶ Eu de coote a cayrelado
por filha de minha ssogra
despesa nam se me logra
nem val sser pintyrinhado.
O que grande rrealeza
tem quem he grandamador
em cas da tia dalteza
do prinçepe nosso senhor.

¶ A dioguo zeymoto.

¶ Eu mala por castelhano
terugo por aarania
e tanho por geometria
trouxe vestido de pano.
Tudo ysto he ancheza
e feyçam do arambor
que sse tange ante alteza
do prinçepe nosso senhor.

¶ A dioguo de miranda.

¶ Sam amiguo d' amiguos
põho a barba cos mais altos
e ssem dar pulos nem ssaltos
escuso cambo de figuos.
que me tachem de frieza
as damas no saluanor
me beyjem e viva alteza
do prinçepe nosso senhor.

¶ A garçia de melo.

¶ Perguntey a anu por nouas
das alcaçouas ꝛ paz
rrespondeome esse vᵒ praz
laa vᵒ vy posto nas trouas.
Respondilhe que frieza
ꝛ que grande sensabor
quem grosa carta dalteza
do príncepe nosso senhor.

¶ A rruy de sousa borjes.

¶ Eu machey muy alterado
ꝛ ouue por gram ouçura
de me ver hyr na mistura
nas trouas yntitulado.
Ficoume tal altareza
ꝛ oo paço tal amor
que jaa monrro com alteza
do príncepe nosso senhor.

¶ A ayres da sylua camareyro moor.

¶ Eu ssam caçador ð galguos
ꝛ tenho feyçam de choupa
no folguo na goardarroupa
nem deyxo laa hyr fidalguos.
Na beesta tenho çerteza
ꝛ ssam jaa comendador
mantenha deos sualteza
do príncepe nosso senhor.

¶ Anrriq̃ dalmeida passaro

¶ Que passaro que menino
que burro descarneçer
ꝛ queromyndo fazer
em motes trouador fyno.
E he mais minha longueza
qua do frade preguador
que prega ao pay dalteza
do príncepe nosso senhor.

¶ Ao doutor mestre rrodriguo.

¶ Eu comy ataba fea
uro em deu ꝛ graãos torradᵒ
ꝛ pees de vitelaaçes
com bandouua apicaçados.
Nem pimenta de veneza
me nom deu a tal ssabor
como me deu peralteza
do príncepe nosso senhor.

A joio pereira dalter.

¶ Eu tenho fremosa filha
tal he minha presunçam
ꝛ que sseja rrechoncham
nom ajais por marauilha.
Nem que tenha rredondeza
mais a tem o atanor
do que bebe sualteza
do príncepe nosso senhor.

¶ A fernam gomez damyna.

¶ Se mamym nã mente ayra
se me conba nam enguana
sey bailar melhor mangana
que dançar alta nem baixa.
O rrey guaba ꝛ despreza
qual quer outro bailador
ysto prouarey aaltez..
do príncepe nosso senhor

¶ Outra sua.

¶ Ando por rruas a pee
meus broseguys cõ rrecramᵒ
criados compadres amos
tudo casta de guynee.
Todo portugual me preza
por que fuy descobridor
da mina de sualteza
do príncepe nosso senhor.

¶ A marianes da yfante.

¶ Nom som dalconitaria
nem menos curo damores
qua me poẽ os trouadores
nesta gram sobrançaria.
Por que cõ minha baixeza
louuo muyto o criador
que me fez ꝛ fez alteza
do príncepe nosso senhor.

¶ De sayam da yfante.

¶ Quẽ me mete a mim sayã
andar em trouas lampeyro
pois andar no rreposteyro
he muy mao jogo de quam.
Nom quero tal agudeza
nem buscar corregedor
nem queixarme a sualteza
do príncepe nosso senhor

¶ A françisco de miranda.

¶ Som françisco de mirãda
som muy louçam ꝛ gualante
tam hyrto ꝛ tam estante
como o mũdo de mym anda.
Espantado da hyrteza
que me nam chegua cantor
de quantos tem sualteza
do príncepe nosso senhor.

¶ A fernam da silueira ꝛ fym.

¶ Eu tenho gentil feyçam
com quarentanos bem feitos
ꝛ tenho de tras os peytos
mayores qua dom joam.
nem ha em todo veneza
hũ tam mao caualguador
perguntem a sualteza
do príncepe nosso senhor.

De nuno pereyra a dom joam pereyra quando casou por q̃ a primeyra noyte foy dormyr aa pousada ð joam de saldanha.

Day ora oodemo tal manha
do noyuo que vay casar
e a primeyra noyte passar
na pousada de saldanha.

¶ Dom joam despois q̃ çeou
porajees pastes de pote
hũ rrabo de porco achou
que por muyto que sfregou
nam pode fazer vyrote.
E diz que por nam passar
hũa vergonha tamanha
que se lançara no mar.
se nam achara saldanha.

¶ De joam de saldanha.

¶ A pousada nunca tolho
a ninhũ desacorrido
nem anoyuos nam conuido
se nã vem daar oo ferrolho:
Bem ouuẽ por cousa estrãha
estar para me lançar
e ouuir noyuo braadar
valeyme senhor saldanha.

E nuno pereyra a anrriq dalmeida porq̃ está doen santarem soube como ele seruia de veador o duque dom dioguo.

¶ Que nouas comendador
meu senhor
correm qua por santarem
que vº chamam veador
hynda bem.
Bento que tays nouas traz
para tornar
bento deos que cousas faz
para folguar.

¶ Quem vº mandaua tomar
tal officio com saber
que nam ma veis descapar
sem vº bem nam escozer

E pois quẽ day qua q̃la palha
vº castiguo
ora esta soo vº valha
e lembre que volo diguo:

¶ Outra sua em nome dos officiaes de santarem.

¶ Corrẽ qua as nouas corrẽ
da vossa veadoria
soterramos cada dia
mil que desta graça morrem.
Tal rriso e tal prazer
e graça de tanto rryso
quem to fez assy fazer
deos lhe de o paraysos

¶ Ajuda das donzelas da senhora dona felipa.

¶ Dona maria de sousa.

¶ Sa feyçã me nam enguana
soys em cabo gracioso
e agora cam pomposo
andareys com vossa cana:
Diante das ygoarias
com goarda goarda porteiro
com o rrol das moradias
jaa gora neste janeyro.

¶ Lianor moniz.

¶ Que mandar fazer de lume
que mandar armar de panos
q̃ chamar oos moços manos
que castiguos de queyxume.
Quam cortes vº mostrareys
agora do official
que carretos que trareis
para nam falar em al.

¶ Dona maria da cunha.

¶ Sem vº ver nem laa estar
vede se ssam adeuinha
quys çem vezes aa cozinha
por vº mais negoçear.

E ssey que jaa vº rretrocha
a ynfante com vergonha
de mandar açender tocha
primeiro que sohse ponha.

¶ Maria de sousa.

¶ Oo que dar de conssoada
peros castanhas e figos
e contar aos amiguos
ordenanças na pousada.
Culpar muyto a yfante,
e os seus officiaes
dizendo que doje auante
pode ver quanto em nonays.

Joana ferreyra.

¶ Assy faz deos a quem quer
fazer honrras e merçes
deste officio saltares
muy çedo sser esmoler.
Da turar bem a turay
quee consselho damizade
e huũs o colos compray
que rrequerem a tal ydade.

Dona joana anrriquez.

Agoarday pois agoardastes
a vida toda do padre
enfadando sua madre
e vos nam vº enfadastes:
Pois vº ajudaa ventura
sabe vos vos ajudar
que quem no paço atura
nunca deyxa de medrar.

Dona ysabel de silua:

¶ Que vos jaa tẽhais hũ eele
que çincoenta sse monta
veador nam façais conta
de fazer preeguas na peele.
Seruy bem vosso senhor
que ssejais o derradeyro
podeis ficar veador
comestrigua de çençeyro.

¶ Dos da chancelaria para saberem como o auiam de intitolar. de byroʒda.

¶ Vos decraray vos senhor por vᵒ homem intitular como vᵒ ham de chamar sem cristos comendador ou do duque veador.

¶ Poys vᵒ eu ey descreuer pois vᵒ eu ey desseruir compreme senhor saber a qual aueis dacodyr. Quando vᵒ homem chamar a vos diguo monsseor se vᵒ ham de nomear em praça por veador se por frey comendador.

¶ De nuno pereyra por cabo destas.

¶ Se he çerto que he tal por minha vida he a graça mais sobida que se vyo em portugual. Se a vos veador days jurarey segundo o que de vos ssey vos mesmo vᵒ apodais.

¶ Outra graça sabereys em que ando cada dia contemprando quantos castelos fareis. Duũas hydas a castela ⁊ desperanças de manterdes vossas lanças sem feruer vossa panela.

¶ Cabo.

¶ De tamanho meu desejo de vᵒ ver que me faz entresteçer por que tal cousa nam vejo. E por ser desenguanado see verdade juro o corpo de deos dō frade que vᵒ vaa ver rrebuçado.

O coudel moor françisco da silueyra a pero de ssousa rribeyro sobre loucaynhas que mādaua fazer secretas ⁊ foram achadas na judaria por que ele nam sabya delaa.

¶ Algũa cousa a de sser nesta somana algũ dia segundo vay o mexer na judaria.

¶ O rruje muje he tanto sem conto apuridar em hũs enxergais espanto ⁊ outros de canto em canto de rriso a rrebentar. Cordeal cousa a de sser nesta somana algũ dia polos sinaes que fuy ver na judaria.

¶ Eu vy matoude embuçado vos vede que couse estee dum olho escalavrado vyr em ssom dessimulado dizendo vinha dum pee. vy outro maraleçer vy gritar hũa judia alfaramyz vy prender naquele dia.

¶ O çeo andaua trouado ⁊ a noyte fez trouam sol sahyo em ssangoentado ver o dia neuoado me fez gram maginaçam: hũa estrela vy correr a terra toda tremia ora vede o quaa de sser naquele dia.

¶ Cabo.

¶ Os ssynais sam de periguo mostram todos gram temor goay daquele que le for mas eu sobre tudo diguo que deos he o sabedor. Seu seraa o despender minha seraa alegria o dia couuer de sser agualania.

¶ De nuno pereyra.

¶ Eu vy olheyra nũ olho a hum judeu vy outro vezinho sseu larçar barbas em rremolhor Vy muytos judeus feruer pregũtey que sse fazia rresponderam hyo ver aa judaria.

¶ De jorge da silueira.

¶ Eu achey caminhos cheos dos judeus quyam fogindo huũs com medo ⁊ rreçeo outros de rriso cahyndo. Fuy maeles para ver que rreuolta tal sseria disseram hyo saber aa judaria.

¶ De dioguo da silueira.

¶ As damas tē jaa tomadas parestа cousa janelas ⁊ andam tam abaladas que ssam cheas as estradas ⁊ terreyro para velas. milhor fora nunca sser vestido de tal valia quandarem todos a ver o que sae da judaria.

¶ Dannrique dalmeyda.

¶ Dizê quê vem & quem vay
couuem grande arroido
chamam judeus adonay
as judias dizem goay
com cristam tam atreuido.
Valhanos deu verdadeiro
pois justiça hy nam haa
que cosamos em ssabaa
& do pano que nam daa
façamos mongy inteyro.

¶ Outra sua.

¶ Sa rrainha nam viera
com sua donzelaria
este cristam nam teuera
tanta pressa nem meterá
em doylo ajudaria.
Mas conprenos preguntar
quem he sua namorada
por lhe mandarmos rroguar
que nos dey sequer luguar
atee ssomanaa cabada.

¶ Cantigua de dona meçia ãrriquez aestas louçainhas.

¶ Quê vio nunca louçainhá
que antes que ssacabasse
que as damas da rrainha
de rriso todas matasse.

¶ E vede o que seraa
o dia do pareçer
ou quem entam poderaa
escapar de nam morrer.
Quanteu diguo mana minha
que sseraa bem quem achasse
luguar a par da rrainha
que o rriso a nam matasse.

Do coudel moor francisco da silueira ao baram dom dioguolobo sobre tres feridas que lhe deu hũa porca no monte ssem lhe ele dar nenhũa.

¶ Ja nos vimos em lixboa
pelejar visto com touro
& aas no com a lyoa
& judeu com perro mouro.
Mas nũca lança de lorca
vimos em cõtrar de marqua
que fizesse vyr a porca
co lobo arca por arca.

¶ De jorge da silueira.

¶ Ouuy nouas de caydas
que ouuestes monteando
& tam bem de tres feridas
couuestes nenhũa dando.
Pesoume como sseu fora
como minhas me magoarã
mas quero ssaber agora
o que fez vossa ssenhora
por que qua mal ssessoaram

¶ De nuno pereyra.

¶ Gualante cassy ssembolca
a encontrar aa bolina
nam diguo topar com porca
mas qual qr magra cochina
o rrevolue & desatina.
Fery sempre darre messo
por sseguirar des a vida
mas o mal de rrocim messo
magra bacora parida
faz o rryr viraa ferida.

¶ Outra sua.

¶ Mas sseja bẽ empreguado
em vos poys ferir quisestes
a quem por vosso pecado
vos deu o que lhe nam destes.

O baram a lyonel de melo ssobre hũ pelote de veludo que trouxe em forro doutro frisado & depoys o tirou & o forrou de cordeyras.

¶ Temos vos engrandestima
cremos que sois deos sseguũdo
poys o candaua de fundo
foy por vos posto em çima.

¶ Temos que quem isto faz
mil cousas moores faraa
& faraa da guerra paz
E da paz guerra traraa
Mas quẽ com vosco ssanima
estaa sseguro no mundo
pois quinda cande defundo
o podeys tornar a çima.

¶ Ajuda de françisco da ssylueyra.

¶ Nã fizera mais marina
a de mendoça
lyanor nem caterina
nem a outra de medina
nem em velha nem em moça.
Para estas tado rrima
& para as outras do mundo
mas ssayo quandou defundo
mao lustro daraa de çima.

De fernã da silueyra a dom rrodriguo de castro que beyjou hũa dama & ela meteolhe a lingoa na boca.

¶ Poys me distes assy crua
a ssua linguoa co a vossa
dizey nos qual he mays grossa
se a vossa se a ssua.

¶ Tam bem queremos saber
atee onde foy metida
e qual era mays comprida
mais solta no rremexer.
Se veyo tal falcatrua
por sua parte ou por vossa
nᵒ dizey qual he mays grossa
se a vossa se a ssua.

¶ Reposta de dom rrodiguo.

¶ Mays comprida e mays delguada
achey a ssua que a minha
porque toda a campainha
me leyxou escalavrada.
E fez me tam grandes brigas
nᵒ queirays
que mos nom fizera tays
hũ grande molho dortiguas.

¶ Outra sua.

¶ Eu disselhe tate perra
nam metays assy de ponta
a lingoa que tanto monta
como os da boca em terra
fazey conta:
Dizia mano deixayme
em quanto tenho luguar
e eu bradaua soltayme
deixayme rressoleguar
que me quereis afoguar.

¶ Outra de fernam da sylueyra.

¶ Ouuy de todos mandado
da senhora dona guyomar
que manda desençerar
hũ croque que ee ençerado.
E manda que muy asynha
a degradem do seram
por que toda a campainha
essolou a sseu yrmam.

¶ De fernã da silueira a dõ rrodriguo e aoutros sobre hũa carta que tinham de lopaluarez de moura.

¶ Mais prazer que hũa toura
nᵒ dara a ver essa carta
de lopaluarez de moura
pois que mata.
Mandainola que lhe pes
senhores e vela emos
e todos tres julguaremos
e vᵒ diremos
se vem muyto descortes
e quiçaa cantala emos.

¶ De dõ rrodriguo de monsanto e doutros ao conde prior sendo mançebo porque acharam nũ caminho hũ seu moço desporas com huũa trouxa de vestidos aas costas.

¶ A vinta tres dias do mes de janeiro
hũa sesta feyra
a quem das cabritas alem dalandeira
topamos troteyro.
Toparam troteiro com cousa tam pouca
tam pouca tam leue que quem a leuaua
diz que tam leue coela sachaua
que daua tais saltos tam alto pulaua
mais alto que çaide baylando com touca.

¶ Senhor dom joã o vosso troteyro
chegou ho barreyro e loguo embarcou
a barca com ele tam leue sachou
por onde o barqueiro leuar lhe escusou
da trouxa dinheyro.
Sem vela sem rremo partio derradeira
e chegou primeiro
por que a trouxa do vosso troteiro
a fez mais veleyra.

O macho rruço de luys freyre estando para morrer

¶ Poys que vejo q̃ ôs quer
deste mundo me leuar
quero bem encaminhar
a minha alma sse poder.
Em quãto estou em meu syso
a morte dandome guerra
mando alma a o parayso
de sy o corpo aa terra.

¶ E mando loguo primeyro
em quanto viuo me sento
que deste meu testamento
seja meu testamenteyro.
Meu jrmão o de barrocas
que eu mays que todos amo
por sempre fogir a trocas
e seruyr muy bem sseu amo.

¶ O qual me fara leuar
cõ muy grão solenydade
oo rrossyo da trindade
hu me mãdo enterrar.
Poys me daly gouerney
gram parte de minha vyda
a carne que leuarey
aly deue sser comyda.

¶ E vaão cantando diante
a de biaria e dafonsso
hũ taim solene rresponsso
que todo mũdo sse espante.
A estes ambos ajude
o macho de gomez borges
o qual leue o a tande
a bytalha e os alforges.

¶ Rogo aos cortesaãos
quanto lhe posso rroguar
que todos me vam onrrar
com seus çirios nas mãos.
E poys eram espantados
de passar vyda tam forte
deuem sser de mym lẽbrados
dandome onrra na morte.

¶ Item me leuem doferta
dous ou tres çestos de palha
que poys custa nem ygalha
nam deue dauer rreferta.
Tam bẽ me leuẽ hũ alqueyre
de farelos ou çeuada
poys na vyda luys freyre
disto nũca me deu nada.

¶ Infyndos perdoẽs peçy
as pousadas v pousey
dalguydares que quebrey
e gamelas que rrohy.
E nam me deuem culpar
delhe fazer tantos danos
poys q̃ de palha fartar
nũca me pude em .xx. anos.

¶ Item peço as verçeyras
muytos enfyndos perdoẽs
e tam bem aos orteloẽs
dos danos das ssalgadeyras.
Que a bofe e sse me soltaua
fome tal me combatya
que qual quer cousa cachaua
tudo muy bem me solya.

¶ E que meu amo agrauos
me desse com amarguras
deyxolhe tres ferraduras
q̃ nã tẽ mays de dous crauos.
E pero dele me queyxo
de males que me tem dados
dous ou tres dentes lhe leyxo
que mam de fazer endados

¶ Nam lhe posso mais leixar
que le nũca mays me deu
rroguo aluaro dabreu
que o queyra acompanhar.
Roguo tanto que sse dos
dele tanto meu jrmão
que o ponha em lixboa
arredor de ssam gyam.

¶ Fym.

¶ Sobre minha ssepoltura
depoys de sser enterrado
se ponha este ditado
por sse ver minha ventura.
Aquy jaz o mays leal
macho rruço que naçeo
a quy jaz quẽ nam comeo
a sseu dono hũ soo rreal.

O coudel moor françisco da sylueira em q̃ pede que lhe rrei pondam a esta cantigua.

¶ Fazme muyto rreçear
de sseruir hũa donzela
ver muyta gente queyxar
sempre dela.

¶ Reçeo de me meter
onde depoys me nã possa
nenhũa cousa valer
por q̃ sse ysque e muy fermosa
e muy ayrosa.
De mays pera rreçear
senhores a tal donzela
ou he mays pera folguar
perder por ela.

¶ Acuda todo gualante
cũa copra e este rryfam
e digua ssua tençam
pon destas ambas diante.

¶ Respõde a senhora dona felipa.

¶ Fermosa dama sseruyr
rreçeo deue fazer
mas mays sse deue sentyr
por ela sse nam perder.
nem sse me pode neguar
em portugual e castela
que perder he moor folguar
por tal donzela.

¶ Briatiz da tarde.
nam pode bem rresponder
quem destas vyue tam fora
mas poys que meu pareçer

Quereys tomar e saber
pero eu logo nessora
Nam he nada rreçear
seruyr galante donzela
em rrespeyto de folguar
perder por ela

¶ Dona caterina anrriques

¶ A tays preguntas nam ssey
senhor primo rresponder
mas poys quereys eu direy
e vos aconsselharey
o que deueys de fazer:
Deuela de rreçear
se tal comeu he donzela
mas mays deueys de folguar
perder por ela.

¶ Dona orraca

¶ Com quãto vejo quebrada
toda vossa presunçam
e vossa vyda gastada
que me daa muyta payxam.
Nam vos ey da conselhar
se nam que por tal donzela
he muyto perestimar
morrer por ela.

¶ Dona guyomar:

¶ Quem ousa de me sseruyr
em grão peryguo se mete
aa myl desprezos douuyr
e tanto mal de ssentir
com que lhe ssue o topete:
Mas que de vays rreçear
a peryguosa donzela
muy mays he pera folguar
perder por ela.

¶ Dona branca.

¶ Por quanto mal vos ja fyz
vos aconsselho aguora
que olheys bem o que diz
esta fremosa senhora.

Aa vos certo de matar
damores queu o ssey dela
mas eu escolho o folguar
de sser por ela.

¶ Dona margaryda anrriqs

¶ Nã mee mays de rrespõder
a ysto nem consselhar
que sse vos visse morrer
ante mym ssem vos poder
em nada rremediar.
Mas poys nã posso escusar
nam temays esta donzela,
que nam he morte matar
se he por ela.

¶ Dona joana de melo:

¶ Poys vos ey da consselhar
tudo o que me parecer
conuem me de vos chorar
que sse nam pode escusar
verus morte padecer.
Nam cureys de rreçear
perdey vos ante por ela
folgay de vos ver matar
a tal donzela.

¶ Dona margaryda furtada

¶ Vendo vos de ssymular
a dor que muytos afogua
vos quero ssem me chamar
senhor prymo consselhar
por co sangue nã sse rrogua.
E diguo que sse apartar
vos nam podeys de querela
que he mays pera folgual
perder por ela.

¶ Ynes da rrosa:

¶ Donde myl partẽ chorãdo
por cousays de vos meter
andamos todas cuydando
como nada rreçeando
tanto folgais de morrer.

¶ Mas em sser vosso penar
por quem nã tem para ela
a vantagem tem folguar
ter morte dela.

¶ Dona isabel pereyra.

¶ Nam quisera rresponder
poys vou contra tanta gente
e mays por cam descontente
sey que vos ey de fazer.
Esta parte cy de tomar
que a galante donzela
o mays forte he ousar
de cometela

¶ Maria jacome:

¶ Se meu consselho tomar
quyserdes nã curareys
em tal peryguo entrar
comeste em que vos meteys:
Quey doo de vos ver matar
a esta crua donzela
e porysso o afastar
he mylhor dela.

¶ Dona maria de tauora.

¶ O prazer de sser perdido
por dama destes synays
nam vos neguo sser sobydo
por quem perder vos ganhays:
Mas mays deueys rreçear
o ousar de cometela
poys fazelo he acabar
de perdela

¶ Nycolao de ssousa.

¶ Eu me vou co rreçear
poys o tenho e o escolhe
quem o tomou por me dar
ynda mays em que cuydar
e meu descansso me tolher
Compreme de me calar
e mynha morte ssofrela
poys que conuem nã ousar
de cometela.

¶ Dom pedro de ssousa.

¶ Dama de tal perfeyçam
quem seraa o que nã quysesse
por penas que la lhe desse
seruila de coraçam.
E poys certo he ssem par
cy por cego que nama sela
que sse deue desejar
perder por ela.

¶ Jorge da sylueyra

¶ Dama que todos a queyre
se algũ naın traz contente
desta quero em que me leixe
ser sseu sempre firmemente.
Ca mays he pera folguar
de perder por tal donzela
do que he de rrecear
seruiço dela.

¶ Garçia afonsso de melo

¶ A vyda que a perdesse
nam aueria por perda
por dama que nam quisesse
em seus modos sser esquerda.
Nem he pera comparar
rrecear seruyr donzela
co prazer que he folgar
perder por ela.

¶ Lopo ssoarez.

¶ Que me tornasseys a vyda
e eu tornassa vyuer
seria outra vez perdyda
como vº tornassa ver
Poys a groria he acabar
nesta grão dor e soffrela
diguo quee pera folgar
perder por ela.

¶ Dauy.

¶ Nam me posso rrepender
do que te quy tenho feyto
e a torto e a direyto
o espero defender.
Poys tenho gentil querela
quee muyto milhor morrer
que o deyxar de perder
ja por ela.

¶ Dom rrodriguo de moura

¶ Quanto em mayor vẽtura
vº meterdes em perigno
por seruir gram fremosura
tanto mays amor trestura
traz mayor prazer cõssyguo
Assy quee da venturar
vossa vyda a perdela
poys perder sera ganhar
em tal querela.

¶ Dom carlos.

¶ Logno triste fuy perdydo
como yo fuy namorado
y tam presto aborrecido
como deyxe my cuydado
poys tam penado.
Me veo por pelear
con esta forte donzela
myllor fora a rrecear
sempre dela.

¶ Outra suaj

¶ My dolor foy tam crecydo
por ver vossa fremosura
que sabendo sser perdido
quyse dar amy ventura
yo tristura.
Que antes quero penar
por tam fremosa donzela
que fogyr nem recear
sempre dela.

¶ Francisco bermudez.

¶ Receos tenho passados
e ssynto agora payxam
q ssam meus tristes cuydados
tam penados
que matam meu coraçam.
E o que minha vyda a ssela
pera menos mal passar
he quee mays pera folguar
perder por ela.

¶ Pedromem.

¶ Todo mundo quer seruyr
a que parece mylhor
mas ssela nam conssentyr
esta a certo do despedir
a queyxarsse o sseruidor.
E sse todos contentar
eu louuo muyto perdela
e sse nam he de louuar
perder por ela.

¶ Ruy de ssousa.

¶ Se vedes comeu comeco
ja vº tenho rrespondydo
que poys a morte ja peço
menos mal he sser perdydo.
Mas cy por groria penar
e por vyda matarmela
antes que me ver amar
doutra donzela.

¶ Anrique de melo.

¶ Luyta sempre meu cuydado
se direy sse calarey
se me calo ssam penado
se o diguo morrerey
que farey.
Antes me quero queyxar
por sseruyr gentil donzela
que fogyr nem rrecear
sempre dela.

¶ Joam lopez de ssequeyra.

¶ Se a dama por alguem
nam quisesse conssentir

gualãtes quererlhe bem
escusado he mays ninguem
deseiar de a sseruir.
Mas ante o rreçear
louuaria todo dela
que nam he guanho guanhar
cõm tal donzela.

Jorge de melo:

Dama de gram fremosura
dama de gram gentileza
viuer por ela em tristeza
E yo por boa ventura.
que nam he de rreçear
o perder por tal donzela
poys dysse ganho o folguar
desser por ela

Affonsso valente.

A dama que for fermosa
muy descreta muy sentyda
muyto deue sser seruida
z temyda
da vida que daa penosa.
mas por este douydar
que assy proceda dela
nam sse deue de leyxar
tal querela.

Reposta de frãçisco da sylueyra a ssua pregunta.

Gram medo he cometer
quem meus males a por vyço
mas moor grorìa he perder
myl vydas em sseu sseruiçio
Tudo he de soportar
a tam fremosa donzela
se nam der azo a conchar
soutrem dela.

Despedymẽto dꝰ seruidores da senhora dona lyanor mazcarẽhas por que dysse q̃ se lhe tornaram cornyzolos

Dafonsso valente.

Porem vos serẽ achadas
myl vontades rrepartidas
vossas ameyxeas creçydas
z de vos mal conheçidas
cornyzolos ssam tornadas:
Que quem bem vꝰ conheçer
fugyr vꝰ ha
z sse o nam quyser fazer
morreraa.

Dom joam de ssousa:

Ja vꝰ tinha bem deyxada
z tornaua ma perder
nom querendo conheçer
nem folguando de ssaber
quam mal soys anaçoada.
Doje mays chamarme vosso
nam entendo
mas sse jaa o fuy z posso
ma rrependo

Jorge daguyar.

Vosso gram desconheçer
vossas nam çertas medrãças
vossas fracas esperanças
faram fazer myl mudanças
a quem muy firme naçer.
Polo qual cõ tays maneiras
nom culpar
quem por outrem leuantar
suas bandeyras.

Ruy gomez da grãa.

Ccõ gram dor cõ grã cuidado
com muy sobeja tristeza
he força fazer mandado
de vossa grande crueza.
A qual sempre mal obrando
contra nos
nos manda partir de vos
brassamando.

Affonsso de boym

Aquestes que vꝰ deyxaram
como nestas copras vistes
que triste vida leuaram
o que vos pouco sentistes.
vꝰ pedem em gualardam
dos dias mal despendidos
que vos lhe deys quitaçam
como ja vossos nam ssam
e vam de vos espedidos

Fym.

Assy todos descanssados
como vossa merçe ve
liures de vossos cuydados
que daueys de masydos
se vam com vossa merçe

Do prior de sãta cruz polo prinçepe dõ afõsso q̃n do casou dona brãca com quẽ ele andaua damores.

Lhoran mys ojos
y my coraçon
com mucha rrazon:

Lhoran my pena
my mal no fengydo

my dicha no buena
tan lexos dolvydo.
Morio my sentido
de biua passyon
con mucha rrazon

¶ Dom joã cama reyro mor.

¶ Com tristes cuydados
tal vida fare
que consolare
los desconssolados:
seran acabados.
my mal y pasyon
con mucha rrazon.

¶ Outra sua.

¶ A do fuyre
del mal que me fiere
sy no os seruiere
como biuire.
Pues triste oyre
que la my pasyon
es syn rredencion.

¶ De pedro omem.

¶ Se de mys dolores
descansso salcança
sera em lembrança
de vuestros amores.
Que ssan los mayores
que nal mundo sson
con mucha rrazon.

¶ Outra sua.

¶ Lagrimas myas
amores primeros
seran derraderos
en fym de mys dias,
seran profeçias
de my perdicion
com mucha rrazon.

¶ Nuno pereyra.

¶ Lhoran dos vidas
com grande agonya
la vuestra y la mya
por seren partydas.
Seran concluydas
con coyta y passyon
com mucha rrazon:

¶ Outra sua.

Lhoran lembrança
de su triste vyda
lhoran esperança
que tienem perdida.
Mas no se soluida
al my coraçon
su lhoro y rrazon

E duarte, daga/ma em lixboa sé/do el rrey em ça/ragoça a joã go/mez dabreu por que estando na costa dos pa/ços andando damores lhe cahyo hũ cavalo pola costa e morreo loguo e a ele nam fez nenhũ nojo

¶ A morte deste cavalo
me mataraa de payram
se vᵒˢ faz hyr alorvam

¶ Nam terem⁹ qua quẽ rrya
nem nos outros de quem rryr
nem quem faça poesya
nem quem ouse cada dia
de cayr.
Se quereys senhor seruyr
as damas de perfeyçam
nam vᵒˢ vades alorvam

¶ Desta morte tam hõrrada
querem as damas saber
qual aueys por mais culpada
ou qual he mays magoada
sem no sser.
E poys dela escapastes
seraa muy grande rrezam
que nam vades alorvam.

¶ Agora querem saber
em que aueys de cavalguar
aguoree o seu prazer
saberem caa hy dauer:
de que trouar.
Aguora vᵒˢ querem dar
em candeys huũ rroçynam
por nam hyrdes alorvam.

¶ Doje mays em mussellado
a rrayado de latam
fareys vossa abytaçam
ou em grande syndeyram
de rrabado.
E de como andays hõrrado
seraa bem que vosso irmão
leue as nouas a lorvam.

¶ Dom garçia dal buquerque.

¶ Pera vᵒˢ desesperar
rrynchou aqueste cavalo
como quantou morto o galo
pera iudas sem forcar.
Vos deueys loguo dandar
sem tardar
a buscar a soluiçam
ho moesteyro de lorvam.

¶ Vossa pendença fareys
como fez el rrey rrodriguo
mas em moymẽto vyuo
com cobra nam entrareys.

Por que fasy'o fazeys
paguareys
pola lingoa com rrezam
o trouar de maloyçam.

¶ Pareçeme grande error
padeçer o jnoçente
hũa morte tam vydente
por culpa do pecador.
Do que mal ho que dolor
que o senhor
cause morte ho rroçynam
polo que fez em lorvam.

¶ Dom bernaldim
dalmeyda

¶ Crede vos senhor por certo
co caualo aoyuinhou
em tomar morte tam perto
de quem çerto lhacansou
E poys por ssy sse matou
ele achou
queera vossa saluaçam
o morrer de tal cajam.

¶ Joam paez.

¶ Nam sejaes tam desatado
falay com bertolameu
que por sserdes dos dabreu
vº daraa outro enprestado.
Que sejaes rremedeado
com payxam
mayor he hyr alorvam.

¶ Que cõ magreza vº choute
podeys dele aproueytar vº
e pera nada gastar nº
manday lho como fornoyte.
Poys ja tendes em quandar
este veram
nam vº vades alorvam.

¶ He verdade q̃ sam mãquos
e vos tendes muy maao baco
feraa bem que de dous rrácos
vº ponham dentro no paço.
Sereys fora denbaraço
e anday chão
nam cureys dyr alorvam.

¶ Dom affõsso dal-
buquerque.

¶ Atee quy tempo perdido
foy todo quanto gastastes
nam cuydastes
queera tam mal despendydo
como despoys o achastas.
Mal andastas
poys vº pareçeo rrezam
do paço fazer lorvam.

¶ Sua.

¶ Por muyto bẽ empregada
deuyeys senhor dauer
esta quee da desestrada
que vº foy'aconteçer.
Poys certo saa de saber
em lorvam
que morreo desse cajam.

¶ Diogno brandam.

¶ Veo muy bẽ ao rroçym
poys ha tanto q̃ nã come
ser aquela sua fym
pola nam fazer comfoome
Nenhũ outro nam ssaffome
em nam fartar rroçynam
por nam morrer de quajam

¶ Este que nã ssey sse deue
comprou gordo e anafado
em tres dias que o teue
o matou dentres jlhado.
Viosse tam desesperado
q̃ quys mays morrer entam
que vyuer de sua mão.

¶ Fez lhe ter tam pouca fee
o tratalo de tal sorte
que polo leyxar a pee
quys tomar aquela morte.
Sofryam vyda tam forte
que foy dambos rredençam
o morrer de tal cajam.

¶ O demo vº deu contenda
com damas e com amores
nam he tanta vossa rrenda
que por perda da fazenda
nam syntaes algũas dores.
Nam des causa a trouadores
que vº falem na feyçam
polo nam ssaber lorvam

¶ Pero fernandes tynoco.

Pois folgou mais de morrer
casser vosso toda vya
he synal que nam veuya
quando o tinheys em poder
Se lhe dereys de comer
se quer por rraçam
nunca foreys alorvam.

¶ Nã tenhaes senhor perfya
a quererdes o effolar
ca ondentra arrebentar
he dos gozos e comedia
poys foram em cõfraria
por huũ jrmão
nam vº presta hyr alorvam.

¶ Quisuº deos aynda bem
que escapastes o a rreo
se ela cytara e freo
que nam quys cõprar ninguẽ
q̃ valha tudo huũ vyntem
nam acharam
quem no tenha em lorvam

¶ Fycaruº ha soydade
como eu ey dhũa donzeela
poys nam podes de verdade
dyzer ao maço sela.

Que defronte da janela
a vo ou pera ocham
quem vᵒ fez fycar pyam.

¶ Nam vᵒ de ninguem abalo
sofre tudo na pousada
poys que foy ora mingoada
em que vᵒ mingou o caualo.
E ja agora desamalo
seraa coraçam
muyto moor quyr alouuam.

¶ Mas segundo senhor ssey
que de todo estays sem pelo
sestiuera aquy el rrey
caualgareys no camelo.
Ou trabalhay por auelo
daragam
⁊ espantares louuam

¶ Dyoguo brãdam por que
ouuio dizer que joam gomez
mandara esfolar o caualo ⁊
vender a pele ⁊ que huũ mo/
ço seu adera por quatro vyn
teés ⁊ que ele nã contétemã/
dara dyzer a quem acõprou
que lhe desse a pele ou mays
dinheyro por ela

¶ Sabeys a noua que anda
do caualo que morreo
que a pele se vendeo
⁊ ha sobrysso demanda.
A contya recebyda
tem jam gomez que e autor
que yrasse de mal vendida
defendesse o comprador
vay a causa procedida
sendo ja a pele comyda.

¶ Ryfam de dom garçia
a esta noua.

¶ Ey gram medo
de uer mᵒ alguem calçado
da pele deste coytado.

¶ Antes queria calçar
borzegys de chamalote
sendo çerto de leuar
trouas de rryso ⁊ mote.
Ca soffrer dano tam forte
como he verme calçado
da pele deste coytado

¶ Huũ mandado saa pauer
do conçelho ⁊ da justiça
que ninguem ouse fazer
calçado pera trazer
desta pele por cobyça.
De auender
polo pouco qua custado
caro seraa o calçado.

¶ Auysados çapateyros
que dela nam façam nada
ha mester s baynheyros
⁊ tam bem os correyros
posto que seja comprada.
Ser lhe ha tornada
que dela çinto pintado
he tam maao como calçado.

¶ Aynda que he rrezam
⁊ a mym mo pareçya
que morrendo o syndeyram
partysse loguo joham
coela a correarya.
⁊ serya
menᵒ maao ser esfolado
pera algũ cofre encoyrado

¶ Quẽ na cõprou por oytẽta
faraa rredeas ⁊ lategos
sobre carregas çinquoenta
jnda que custe nouenta
as demandas ⁊ embargos.
Que amargos
seram ho triste coytado
que esfolou com tal cuydado

¶ Se a vossa sesfolara
nam ssey por quanto se dera
por que sela nam trouará
eu creo que nam sachara
quem na de graça quisera.

¶ E controuar
he asaz mal empreguado
o que por ela for dado.

¶ Duarte da gama

¶ Eu a deos ⁊ a ventura
venderaa os açaquaes
pera forrar atafays
ou cobrir enxalmadura.
Desta vez se ma figura
sa demanda tanto dura
co coytado
ha de ser o condenado.

¶ Asaz tem em que cuydar
quem dela fez tal barato
⁊ tam bem no del barato
de nam ter em que andar.
Destas duas moor pesar
sespera ca de tomar
este coytado
ca desser ja degradado.

¶ Comas pera cabeleyra
lhe mandou tam bem cortar
⁊ fez delas huũ bom par
que vendeo a jam caldeyra.
E tam bem vendeo na feyra
co coytado
foy de todo despojado

¶ Dom afonsso dal
buquerque

¶ Juyzes vereadores
rregedores
loguo deueys de mandar
sem tardar
a todolos corridores.
que de cores
nam façam nenhuũ calçado
da pele deste coytado

¶ Em cousas doutro mester
podeys mandar que se gaste
e abaste
nam o lançem a perder.

Aveys senhores de crer
que era ja rremedeado
em caminhado
da pele deste coytado

¶ Dõ bernaldym dalmeyda.

¶ Se sse a de dessfazer
em arcas pera goardar
quem se nam soube saluar
nem escapar
de tal morte padecer
Nam lhe metays em poder
nenhũ vestido emprestado
nem o vosso esfarrapado

¶ Sua.

¶ Espantome poys vẽdestes
a pele de tal maneyra
como a carne nam comestas
ou tasalhos a fyzestes
pera vender na landeyra.
Ou na sylueyra
que nelas comem salguado
o cauallo por veado

¶ Joam paez:

¶ Ha badessa muy sentida
estaa disto com rrezam
ser a pele aquy vendida
& tam prestes consomyda
pertencendo a lornam.
nam lhe daram
quando la for gasalhado
por ser na venda culpado.

¶ Diogno brandam

¶ Por esta pele buscalo
ando ja de rrua em rrua
foy seu pecado çegalo
em vender a do cavalo
por lhe falarem na sua.
sendo crua
lhe foy o rrabo cortado
& pentem nele peguado.

¶ Nam sey por q̃ quer a vela
tendo o preço por jnteyro
se quer arca fazer dela
o que ha de meter nela
queria saber primeyro.
Mays verdadeyro
he aqueste seu cuydado
que nam desser namorado

¶ Do q̃ manhas de fouueiro
ho que fym pera louuar
mylhor foy que ser ligeyro
gastar na vyda dinheyro
& ylo na morte dar.
Foy erro bem de culpar
& condenar
em ser joam degradado
nam sendo nada culpado

¶ A vertude desta pele
he rrezam que se celebre
ca ynda que se queixe
nam podem dizer por ele
que vende o gato por lebre.
Que cõ monjas se rrequebre
nam he nelas tam culpado
que mereça desterrado.

¶ Profaçyo pascoal.

¶ Sua morte desuyou
a que o cavalo moreo
a vyda lhe rrepayrou
por quem tam rreçuçytou
quando lha pele vendeo
E por tanto mereçeo
o esfolado
ser dele sempre adorado.

¶ Pero fernandez tynoco

¶ Por demanda q̃ mays ata
im çerto vos prouarey
que quem soo por sy se mata
o vestido he del rrey.
mas eu nam lho pedyrey
poys sam lembrado
que foy vosso o esfolado.

¶ Sua & fym.

¶ Deuereys coma guyneu
de fazer a carne em postas
ou trazer a pele as costas
coma sam bertolameu.
Mas vem dela coma judeu
desmedorado
fostes mal açonselhado

De joam gomez daabreu ãtes de ver estas trouas porque sẽdo degradado lhe dyserã que lhas faziam.

¶ Veo maas orelhas ter
qua ondando degradado
que me tem ja la trouado.

¶ Em cuydar q̃ assiam partido
todos ousam de falar.
mas vos crede queu envydo
para quando la tornar.
Quem quyser trouas fazer
seja bem çertificado
que seraa rrijo çinbrado

¶ A tynocos & anoronhas
põho culpas pouca chynhas
porque ja em trouas minhas
descobry suas vergonhas.
E com tudo lhaa desser
seu trabalho bem paguado
em que seja degradado.

¶ Cabo.

¶ Dizẽ quaa nesta comarca
que laa querẽ ser das damas

paiz. dosse. brãdoes. ꝛ gamas
outra jente desta marca.
Selheu ysto vyr soffrer
eu me dou por bem vinguado
ser por elas degradado.

E joam gomez dabreu depoys que vyo as trouas que lhe fizerã aestes abaixo nomeados em que faz deles bestas. ꝛ os mãda cytar por parentes do caualo se o querem acusar pola morte dele.

¶ Foy çitado dom garçia
por parente do caualo
rresponde o que nam queria
acusar nem demandalo.
Que sse liure he gram rrezam
pois nam foy nada culpado
falay laa com meu yrmam
questaa disso magoado

¶ A dom affonsso.

¶ Responde o cõ grã daquesta
o yrmaão vos que dizeys
por ventura sou eu besta
ou que deемo me quereys.
Aynda queu ande vestido
nesta loba assy çafada
nam cuideys quando sentido
desta cousa quasy nada.

¶ A symão de ssousa dossem.

¶ O de ssousa ꝛ mais dosem
rresponde o cõ grande sanha
nã me cite a mym ninguem
que nã tenho jaa essa manha.
antes sey muy bem cantar
estas damas minhas dores
heyas todas de matar
de rriso que nam damores

¶ Outra sua.

¶ Jeu hũ ora ouuy na fresta
da senhora dona maria
hũa dama que dezia
tende maão na quessa besta.
Mas quanteu nam entendy
tal falar
nem cuidey que o azyar
se pedia para my.

¶ A dom bernaldim.

¶ O muy doçe bernaldim
de gangorras farto ꝛ cheo
de uerçys de ter rreçeo
de fazer trouas a mym.
Quereis vos oo meu rroçim
ou oo asno da yfante
rresponde o sam mor galante
que aa no cham dalquemim.

¶ A joam paiz.

¶ A joã paiz foy pobricada
esta nossa çitaçam
rresponde o sam escriuam
que nã jaa besta albardada.
Eu cuidey dyr em batel
com fidalguos esta festa
ꝛ acho que fico besta
sendo jaa dantes tonel

¶ A pero frz tinoco.

¶ O tinoco sagrauana
dizendo com grande dor
das que tynha
par deos hee desonrra braua
çitar hũ comendador
por bestinha.
Aynda queu seja doente
ꝛ digua bem dũa perna
por vinguar o meu parente
hyrey morrer aa tauerna.

O conde de borba a francisco dãhaya que veo a portugual cõ grãde doo ꝛ trazia hũ jaez dourado ꝛ enuernizado posto sobre pano de doo. ꝛ muyto larguo cõ grãdes enxarrafas pretas.

¶ Risam.

¶ Que cabeçadas peytoral
que sseu dono
he entrado em portugual
que nos faz perder o ssono.

¶ Fez por doo este senhor
para ssy este jaez
para nos tem mays ssabor
ꝛ he milhor
casse fora feyto em fez.
Nam tenhays quee de me tal
se nam sseu dono
que veo tam cordial
que nos faz perder o ssono.

¶ Joam foguaça.

¶ Certo nam dyraa ninguem
segundo creo
senhor que o vosso arreo
foy feyto em tremeçem
nem que lhe pareçe bem.
Nem diguo por dizer mal
de sseu dono
mas o vosso peytoral
he tal
que nos faz perder o ssono.

¶ Outra sua.

¶ Caparazam cabeçadas
ꝛ tudo o al do caualo
ꝛ velhacas alcaladas
que aynda calo
por sserem tam desastradas.

¶ E nam diguo agora al
por quey ssono
ssenam toma peytoral
polo mal que fez teu dono

¶ Outra sua.

¶ Mas cayxas em vernizadas
crede senhor que mabalo
porque ssam meas douradas
encarrafadas
Mas quaes agora nam falo.
Quẽ fez tam mao peytoral
nam perdeo ssono
o qual veo a portugual
por muyto mal de sseu dono.

¶ Diogno brandam.

¶ Nam mespanto ja da ssela
nem das çytaras de fundo
que tudo ha em castela
mas espantome ver nela
outro ja nom em ssegundo
Do jaez especial
tu fazes perder o ssono
tu fazes presumyr mal
de teu dono.

¶ Requerimento antonio carneyro.

¶ Senhor antonio carneiro
porque nisto vay a vida
vos tomay de nos dinheyro
alongay esta partida.
Do menos ate natal
lhe fazey perder o ssono
e se nam quiser sseu dono
fique qua o peytoral.

¶ Sancho de pedrosa.

¶ Nam ha hy ssaber nẽ ssyso
que se triste nam fizesse
se nos castela nom desse
tantos bocados de rriso.

Grande jnuerno lhe nom val
nem as chuuas deste tono
tudo passou por sseu mal
poys sse vyo em portugual
estarreyo com sseu dono.

¶ Outra sua.

¶ Mazaganys affricanos
muy lindos trazem jaezes
mas tyrão outros das fezes
para matar castelhanos.
Em passo tam desygoal
dormem sseu folgua do ssono
cuidando quem portugual
nam rriryam disto tal
e de sseu dono.

¶ Dõ manuel de meneses.

¶ Ma hy tanto que falar
em jaez desta maneira
que sendo bem de notar
a cabeleyra
fyca ja em nam lembrar.
Bem custou o peytoral
a sseu dono
poys o trouxa portugual
a fazer perder o ssono.

¶ Dom joam de meneses.

As cousas muyto guabadas
nam podem pareçer bem
e porem
peytoral e cabeçadas
nam nas vy taes a ninguem.
So a rreyo todo he tal
de sseu dono
a vera em portugual
muyto mays rriso que ssono.

¶ Outra sua.

¶ El rrey nosso senhor creo
que guabou o caparazam
e do broslha presunçam
que ja tynha do arreo.

Dyz q̃ faz o peytoral
perder o ssono
mas o caparazam he tal
que fara perder sseu dono.

¶ Outra sua.

¶ Nã ssey quem vos acõsselha
mas ssoys mal aconsselhado
poys trazays vossa guedelha
nas guedelhas dum fynado.

¶ Fernam brandam.

¶ Muy grãde graça foy esta
daqueste jaez hum ssoo
trazelo ele por doo
e ca fazem dele festa.
Para ssempre em portugual
ynda que moyra sseu dono
ficara o peytoral
immortal
pois nos faz perder o ssono.

¶ De jorge de vasconçelos e fym.

¶ No estremo cõ carneiros
nam cuideys que o passou
mas diz que nũs simideyros
tomado dos portageyros
por atafal o ssaluou.
E pois que perdeo o ssono
por meter hũ atafal
por jaez em portugual
he para rryr de seu dono.

De pero d ssousa rribeiro a estes casados abaixo nomeados q̃ andauã damores e partiasse el rrey cõ a rraiha pa almeirĩ

¶ Ao marques.

¶ O primeyro entremes
em que quero começar
sera ao senhor marques
em tam da hy altracar.

O qual desque passou mayo
ate guora que esse tembro
todo sseu braço ⁊ nembro
tē mais māgas co ssanpayo.

¶ Tem atacas tem madeyras
tem sse das de muytas cores
⁊ de todos sseus fauores
a marquesa nā tem queyxas.
E tem a meu pareçer
mays mangas peralmeyrim
mas sse tal aconteçer
mal por ele bem por mym.

¶ Ao conde de marialua.

¶ Marialua tem tomado
este caso da feyçam
quey medo sser condenado
com aljofar em gybam.
Mas ssa partida del rrey
ha de sser detreminada
eu fico que o darey
na cynta cūa esmaltada.

¶ Ao conde de borba.

¶ O conde de borba tem
tanta graça neste feito
que lha vemos ja por bem
fycar hū pouco desfeito.
Mas no cabo do caminho
seu nam estou engananado
jam da silua he brassamado
ou eu nam ssou adeuinho

¶ A dom dioguo.

¶ Em dom dioguo nam falo
por quee mor cousa do mūdo
⁊ pois nela nam ha fundo
sem o mays trouar me calo.
E com tudo he muy bem
que nam negue ssua fama
dar conta disso que tem
cada dia a ssua dama.

¶ Ao baram.

¶ Goardaua pero o baram
que tem ja feitos vestidos
⁊ começo no gybam
senhores he deteçidos.
ora vede que pelote
lhe pode em çima lançar
aa de sser de chamalote
⁊ ao de debrūar.

¶ Ao conde de vila noua.

¶ Dō martim de castel brāco
tem tanto pera falar
que creo que aa dagoar
ou ficar ja ssempre manco.
E juro por ōs dos çelos
que esta a bem espyado
⁊ visto quee consselhado
polo de vasco com çelos.

¶ Outra a ele.

¶ Tem muy grāde aparelho
para omem nele trouar
alem de desconfiar
jas em vestido vermelho.
E tem mays que eu nam calo
nem era pera calar
cam oyr ele ⁊ dom gonçalo
hū polo outro falar.

¶ A anrrique correa.

¶ Anrrique correa tem
quee da ssuā mesturada
ora vede quanto bem
peraa troua hyr ornada.
⁊ nam ssera marauilha
por ssela graça comprida
comsselho tomar da ylha
a çerca desta partida.

¶ A dō lopo. cōde dabrātes.

¶ Dom lopo quero leyxar
por que tem no guasto feyto
tam bem tenho bō rrespeyto
ao eu mal nam tratar.

E porem por sse goardar
de periguos ou cajoes
compre lhe de ssapartar
dalamares ou botoēs.

¶ Cabo.

¶ Outros a veraa casados
que se querem namorar
mas eu os leyxo folguar
que os nā dou por achados:
E por mais nam ssalonguar
a obra que vay creçendo
quero me loguo louuar
que pus nela tal trouar
que me vou todo temendo.

Estes casados abaixo nomeados ⁊ doutros solteyros a po de ssousa rribeiro em paguo destas trouas que fez por seus pecadº ⁊ começa loguo joam foguaça em nome do corregedor da corte como preguam que mā da lançar.

¶ Pague tres mil ē dinheiro
quem daqui atee janeyro
em outra cousa falar
se nam em rryr ⁊ trouar
pero de ssousa rribeyro.

¶ A quem souber enuençam
feytos trajos ⁊ gybam
diloaaloguo sso pena
de paguar aquela pena
que sse contem no rrifam.
E como passar janeyro
poderaa qual quer obreyro
dy auante trabalhar
que nā mandā mays goardar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Joam foguaça.

¶ Fez pelotes fez capuzes
fez gyboões ꝛ fez barrete
fez de prata bracelete
traz na boca vera cruzes
milhoꝛ que freo gynete.
Fez arreo do fouueiro
que val muy pouco dinheiro
fez cousas para pasmar
as quaes nam pode neguar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Dõ gonçalo coutinho.

¶ Amarelo hũ pelote
sacou de ja sus boꝛdado
com que leuou tanto mote
que depois ssempꝛe de cote
foy ate goꝛa zombado.
Poꝛ amoꝛes nũ çeyçeyro
dizem que foy o pꝛimeyro
quem ventou o voltear,
este he ssem vᵒ bulrrar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Outra sua.
¶ Eu lhe vy capuz frisado
em que ajnda nam falastes
de pꝛata todo franjado
y tem mais fez hum tabardo,
cõ botoões dãbalas partes.
E pois guasta sseu dinheyro
com alfayates ssyrgueyro
para nos desenfadar
he homem pera pꝛezar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Do cõde de vila noua.

¶ Faz mil geytos nũ sseraão
com que faz a gente rrouca
de rryr ꝛ nam ja em vaão
traz hũ cabelo na mão
milhoꝛ caçaydũa touca.
Quem quiser todo janeyro
ꝛ quinze de feuereyro
poderaa ssempꝛe zombar
sem ter de que ssa grauar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Joam rroiz pereyra.

¶ Vejo o paço aluoꝛoçado
vejo os todos rremeter
dizey que fostes fazer
cunhado ja pousentado.
Dou mo o demo todo inteiro
co trouar ja de fumeyro
que quisestes rrenouar
poꝛ que days em que falar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Outra sua.

¶ Fota capelhar vermelho
tahyly ꝛ hum terçado
nũa mula cum espelho
na mão dyz que foy achado.
Em vaguos çerca da veyro
aa ssombꝛa dũ castanheyro
ysto nam vay poꝛ palrrar
mas poꝛ pena nam paguar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Anrrique coꝛrea.

¶ Ne estalajem da guerreyra
he çerto que foy achado
muytas sseestas
ꝛ ssabeys de que maneira
cum muy bõ capuz chapado
que lhe deu el rrey nas festas.
E dyz o estalajadeyro
que nam ficou caminheyro
que quisesse mais andar
poꝛ vyrem todos oulhar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Jorge de vasco gonçelos.

¶ Vy lhũa manha fazer
que nam fizera hũ mouro
do estribo polo ver
tyrar o pee ꝛ meter
em coꝛro hyndo com touro.
ꝛ nam ficou no terreiro
poꝛtugues nem estrangeiro
que nam fizesse a pupar
quando vyram rremirar
pero de ssousa rribeyro.

¶ O conde de marialua.

¶ Vy oja canas juguar
vy grande pꝛazer em velo
vy o mal a rremessar
ꝛ vyo loguo toꝛnar
ꝛ pola mão no cabelo.
No sseraão ꝛ no terreyro
lhe vy tanto poꝛ ynteyro
destes sseus jogos vsar
que sse deue bem trouar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Nuno pereyra.

¶ Grosas nã ssaem dantre nos
querem ca dizer que e tacha
olharsse homem sse sse acha
se ssooẽs outrẽ se ssooes vos.
Pode sser mayoꝛ marteyro
se no ombꝛo cae argueyro
que nam ssa despenicar
em tam vam rryr ꝛ trouar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Outra sua.

¶ Poꝛ merçe aja perdam
que o fyz mais que forçado
com rreçeo do pꝛeguam
ꝛ de nam sser penhoꝛado
Nã tenho beẽs nẽ dinheiro
ey medo do pꝛegoeyro
num escrauo penhoꝛar
quem vᵒ mandaua trouar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Dom dioguo.

¶ Dou o demo vossos feytᵒ
que vᵒ trazem tanto dano
homem feyto pelicano
que cos olhos feros peytos.

Nũ amor tam verdadeiro
coma o meu & tam jnteyro
nam deuereys de tocar
pois hy auia trouar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Outra sua.

¶ O qua minha ssenhora falo
he o menos que lhe quero
& o que mays ssynto calo
que dizerlho nom espero.
Se me nam mata primeiro
seu amor q̃ he tam guereyro.
pois vᵒ fostes desamar
eu vᵒ farey esinayar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Outra sua.

¶ Vos de tãtos filhos padre
vos q̃ ja tres rreys lograstes
sem fadastes ssua madre
como na filha cuidastes.
pois ja ssoes o derradeyro
daquele tempo primeiro
compreuos mais rrepousar
que trouar nem namorar
pero de ssousa rribeiro.

¶ Manuel de noronha.

¶ Se teuessemos memoreas
pera tudo nos lembrar
ha nele çem mil estoreas
notaneys pera contar.
He de cristos caualeyro
muytas vezes foy zombado
por geytos trajos coçado
pero de ssousa rribeyro.

¶ Anrrique de ssousa.

¶ Sem falar com afeiçam
as enxarrafas dum çinto
polas tyrar dum guabam
leuouas limpas na mão
& nam cuideys que vᵒ mynto:

Pero de ssousa rribeiro
que he senhores tã mosqueiro
com bolir & rrabear
que nam lhe pode durar
cousa que faça ssyrgueiro.

¶ Gonçalo da ssylua.

¶ Vede qual apodadura
pareçe ssua merçe
frouua quem agoa sse ve
ou a ve coo ssol sse cura.
Viuanos tal caualeiro
que o paço to dinteiro
quis agora rrenouar
com dar ssempre de folguar
pero de ssousa rribeiro

¶ O marichal.

¶ Sejã lhe loguo arrincados
por trazer a boca bem
os colmilhos ou sserrados
pois que dana com bocados
cordoẽs cruzes quanto tem.
E mais diz hũ sserralheiro
que pague çerto dinheiro
sselha boca bem olhar
se loguo nam em frear
pero de ssousa rribeiro.

¶ Dõ rrodriguo de meneses.

¶ Eu eestomem nam lhe vy
fazer cousa de tachar
nem som muyto de louuar
algũas que dele ouuy.
De la vẽ sser maao toureiro
nem ficar emborazeiro
nam lhe podem ja tyrar
ser muy doçe pera olhar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Outra sua.

¶ Tam bẽ estou descontente
de nam sserdes consselhado
ante de fazer presente
o que ja tinheys passado,

Como ho demo he arteiro
& vos vseyro & vezeiro
tomou vᵒ fez vos falar
que fora milhor calar
pero de ssousa rribeiro

¶ Dom affonsso de noronha.

¶ Se veneza embaxador
outra vez aqui mandar
eu lho ey dyr amostrar
por matar
de prazer o monsseor.
Ca voto a ds verdadeiro
quee erro vyr estrangeiro
que ajam de festejar
sem lhe loguo nam leuar
pero de ssousa rribeyro.

¶ As donzelas da ynfante.

¶ Auemos dele gram doo
fidalguo velho & onrrado
em triste dia mingoado
naçeo ele em figueyroo.
Loguo disse hũ feitiçeiro
que auia num janeiro
hũ gram trabalho passar
que eres cusado criar
pero de ssousa rribeiro.

¶ As damas da rrainha dona lyanor.

¶ A todas muyto nos pesa
por assy sser esta cousa
triste de pero de ssousa
que tomou tã maa empresa.
Com sseu olho rremeleyro
& na mão o sseu babeyro
ca o viamos entrar
antes do demo tomar
pero de ssousa rribeyro.

¶ O baram.

¶ Mãdou el rrey na fazenda
rriscar tenças ꝛ padram
te quẽ vosso caso entendã
cos da ssua rrolaçam.
E mandou o tesoureyro
que vˀ nam de mays dinheiro
atee sse determinar
que na corte ajaẽs dandar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Guerra queyxandosse
a el rrey.

¶ Senhoras vossas donzelas
eu ja goardalas nom posso
que por ver estomem vosso
nam ma proueyta coelas
fechar portas nem janelas.
E poys nam dã porteyro
antes que venha janeyro
me manday rremedear
ou fazeylhes bem mostrar
pero de ssousa rribeiro.

¶ O conde de borba.

¶ Nã ajays por marauilha
nam poder tam bẽ goardar
jam da ssilua ssua filha
que me leyxe de matar.
Que por ela ssam ssojeyto
ꝛ despeso
por quee dama de tal peso
que me tem todo desfeyto.

¶ Outra sua.

¶ E quem nisto quis trouar
eu lhe tenho perdoado
poys tam bẽ me fez lembrar
quanto ssey que tem passado.
Que eu o vy ja nũ terreyro
com mil cousas de ssyrgueiro
tamto olhar ꝛ rremirar
com quespero dagua ffar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Outra sua.

¶ Tudo ysto nom he taybo
antes era muy marfuz
quero lhe leyxar hũ ssaybo
com que tragua
na ssa boca a vera cruz.
Poys nam acho ja sseleyro
boticayro nem tindeyro
que nos queyram trabalhar
por hyr todos contemprar
pero de ssousa rribeyro.

¶ Outra sua.

¶ Tudo isto vay muy brando
ꝛ he bem que assy se faça
por mays hyr dessimulando
o começo desta graça.
Eu porẽ tomo hũ parceiro
que me veja por dinheiro
quantas vezes vey olhar
do sseu pee a to colar
pero de ssousa rribeiro.

¶ Outra sua.

Nam tem ds mays carrãhar
para eu ssempre louuar
que me dar hũ homem feito
em que aja tanto geyto
que me vay desenfadar.
Eu estou apercebido
se o vejo mais trouar
ꝛ lhouuir dizer inuido
para loguo rreuidar.

¶ Manrrique de figueyredo ꝛ fim.

Por muytas rrezões mecalo
do que sse poode dizer
nam ssey quem poode fazer
amouro morto matalo.
Ande solto no terreiro
o mes todo de janeiro
para nos desenfadar
ꝛ quem no quiser olhar
pague dous rreaes primeiro.

Uynte ꝛ noue dias de dezembro de mil ꝛ quatroçẽtos ꝛ nouenta fez el rrey dõ joam em euora huũas justas rreaes no casamento do prĩcepe dom affonsso seu filho com a princesa dona ysabel de castela. ꝛ foy o dia da amostra huũa quynta feyra ꝛ aa sesta se começaram ꝛ durarã tee o dominguo seguynte. ꝛ el rrey com oyto mantedores manteue a tea em hũa fortaleza de madeyra sengularmente feyta onde todos estauam de dya. ꝛ de noyte que tam bem justauã ꝛ as letras ꝛ çimeyras que se tiram sam estas.

¶ Os mantedores.

¶ El rrey trazia huũs lyames de nao ꝛ dezia a letra.

¶ Estes lyam de maneyra
que jaa mais poode quebrar
quem coeles naueguar.

¶ O prior dẽ sam joam trazia alexandre encima dos gryfos ꝛ dizia.

No es menor my pẽssamiẽto
mas ha quebrado tristura
las alas de my ventura.

¶ Dom dioguo dalmeida trazia huũa boca dynferno com almas ꝛ dizia.

¶ Nembrad os de mys paſſiones
animas y deſcanſſareys
de quantas penas teneys.

¶ Joam de ſſouſa trazia hũa
beſta fera ⁊ dezia.

¶ Aq̃ſta guarda ſſus armas
mas amy ca amor enciende
nunca dellas me defiende

¶ Ayres da ſilua trazia hũ
quam çerueyro ⁊ dezia.

Goardos tu mas no tã çierto
como yo ſiempre goarde
la fee del bien que cobre.

¶ Aleo pargas françes trazia
hũa cabeça de cabra ⁊ dezia.

¶ Quien me tocare na queſta
yo le rrompere la teſta.

¶ Dom joam de meneſes tra
zia hũ ycho cõ hũ homẽ metydo tee çinta ⁊ dezia.

¶ Es tan dulçe my priſion
que deue pera matarme
no prẽderme mas ſoltarme.

¶ Aluaro da cũha trazia hũa
arpa ſem cordas ⁊ dizia.

¶ Quanto mas oye alegria
quien no alcança ventura
tanto mas ſiente triſtura.

¶ Ruy barreto leuaua hũ bã
co pinchado ⁊ dizia

¶ Mas quiero morir tras el,
ſus peligros eſperando
que la muerte rreçelando.

¶ Auentureyros.

¶ O duque trazya ſeys juſta
dores ſeus ſ. ele ⁊ eles traziam
os ſete planetas.

¶ O duque.

¶ Leuaua o deos ſaturno
⁊ dizia.

¶ El conſſejo que e tomado
deſte muy antiguo dios
es dexar amy por vos.

¶ Dom joam manuel leuaua
o ſol ⁊ dizia.

¶ Sobre todos rreſplandeçe
my dolor
por que es el ques mayor.

¶ Pedrohomem trazia venus
⁊ dizia.

¶ Si eſta graçia y hermoſura
puede darla
de vos tiene de tomarla.

¶ Garçia affonſſo d' melo tra
zia a luũa ⁊ dizia.

¶ Ante la luz de ſu lumbre
de vueſtra gran claridad
es la deſta eſcuridad.

¶ Lourẽço d' brito trazia mer
curio ⁊ dizia.

¶ No ay ſaber ny deſcricion
al que os myra
por que vendos ſe le tyra.

¶ Joam lopez de ſſequeyra le
uaua mares d's das batalhas
⁊ dizia.

¶ La vitoria que de aqueſte
he rreçebido
es verme de vos vençido.

¶ Antonio de brito leuaua jupiter ⁊ dizia.

¶ Aqueſte ſuele dar vida
al que mas ſeruir ſe alha
y vos al vueſtro quitalha.

¶ Os outros auentureyros q̃
vieram per ſſy.

¶ Dõ fernando filho do mar
que trazia huũ farol ⁊ dyzia a
letra.

¶ En el mar de my deſeo
viendo ſſu lumbre ſeguy
a ella y dexe amy.

¶ Pedraires caſtelhano tra
zia hũa ſſerpe ⁊ dizia.

¶ La vida pierde dormiendo
el que muerde eſt animal
y yo callando my mal

¶ Dom anrrique anrriquez
trazia hũa torre com huũ ſſy
no ⁊ dizia.

¶ Eſte ſſona my ſſeruiçio
ſer com vos
tan çierto como con dios.

¶ O conde dabrantes trazya
hũa ydra d' ſete cabeças ⁊ dizia

Quando ſſanam dum dolor
los que como yo padeçen
fiere del ſele rrecrieçen.

¶ O capitam fernam miz tra
zia hũa atalaya ⁊ dizia.

¶ Ha deſcubierto my vida
des de aquy
gran deſcanſſo pera my.

¶Dom rrodriguo d' meneses trazia hũas limas ⁊ dizia.

¶Estas sueltan las prisyones
de que muchos am salido
⁊ amy am mas prendido.

¶O conde de vila noua leuaua hũa mão com hũs mal me queres ⁊ dizia.

¶Cem mil destas desfoje
mas fue my ventura tal
que siempre que do nel mal.

¶Jorge da silueira leuaua hũas fateyras ⁊ dezia.

¶Ya buscado mys seruiçios
el gualardon que cayo
donde nunca pareçio.

¶Dom dioguo pereyra leuaua o anjo sam miguel com balanças ⁊ dezia.

¶Se amy gram querer y fee
gualardon tiene defesa
tu lo pesa.

¶Dõ rrodriguo de castro leuaua a torre de babylonia ⁊ dizia.

¶Es tan bara my ventura
y tan alto elha ediçio
que no basta my seruiçio.

¶O baraão dõ dioguo lobo trazia hum lyam rrompente ⁊ dizia

¶Cõ ssus fuerças y my fee
todos mys males dobree.

¶Dom pedro d' ssousa trazia hũ matador ⁊ dizia.

¶Vuestra vista del barata
mas do queste rroba y mata.

¶Francisco da silueira trazia luũas cheas ⁊ myngoadas. ⁊ dizia.

Las mẽgoadas sõ mis bienes
y por my dicha ser tal
las lhenas son de my mal

¶Pero dabreu trazya hũa aguea ⁊ dizia.

¶Nam tespantes do q̃ faça
sigueme bem ⁊ veras
eu te matarey a caça
⁊ tua de penaras.

¶Dioguo da silueyra trazia hũ madronheyro com madronhos ⁊ dizia.

¶Deste rremedio de vida
tenguo la mya perdida.

¶Sua.

¶Ferido busque aquesto
por rremedio de my mal
mas no puedo ques mortal

¶Nuno fernandez da tayde trazia hũs fetos ⁊ dizia.

¶En el começo de aquestos
comence
y nelhos acabare.

¶Garçia de ssousa trazia hũs compassos ⁊ dezia.

¶No puede ser compassada
la fee que vos tenguo dada.

¶Arelhano trazia hũa çelada ⁊ dizia.

¶Es descansso de my mal
ser en aquesta çelada
toda my vida guastada.

¶Dioguo de mẽdoça leuaua hũas ancoras ⁊ dizia.

¶Que vengua toda fortuna
jamas sueltan vez nenguna.

Estes sam os porq̃s que foram achados no paço em setuual em tempo del rrey dom joam sem saberem quẽ os fez.

¶Poys q̃ vemos tãtos modos
domẽs os quaes nã sabemos
rrezã he que preguntemos
o por que o fazem todos.

¶Por que nam vyla rreal
come galinha nem pato
por que o prior do crato
apanha tanto enxoual.

¶E por q̃ tam bẽ goardado
tem abranches seu dinheyro
por que o mor camareyro
foo trocar he seu cuidado.

¶Por cousam oyro o serão
saldanha ⁊ jorge de melo
por que he affonsso telo
tam amiguo de melão.

¶E por que tem sseu yrmão
emparedada a molher
por que taim mal dom joam
sabe cantar a meu ver

¶Por que traz de caualeyro
dom gonçalo presunção
por que abranches dom joã
senbrida como guayteiro.

¶ Por que ha por asselado
lopo da cunha o que diz
por que fala joam moniz
como mem canda pasmado.

¶ E por que tam acupado
he na caça dom rrodriguo
por que o lobo aluitonado
nam lhe sabemos amyguo.

¶ E por que vyda tam vaã
fazem correa e pereyra
por que anda jaom caldeyra
tam caluo pola manhaã

¶ Por que tynoco fernam
dingra terra tam asynha
por que bucar dom joam
tanto olha pola sobrinha.

¶ E por que todo myranda
pende a banda dos mayores
por que dom anrrique anda
tam rredondo nos amores

¶ Por que daa nenhũa cousa
mar yalua a castelhanos
por que sobre nouentanos
he mũdanal rruy de ssousa.

¶ Por q̃ seu fylho primeiro
no jnverno traz çafoẽs
por que com tantos botoẽs
vem dõ duarte o terreyro

¶ Por que nycolao seu põto
traz em se vender aa jente
por que louuam tam sem cõto
almeydas qual quer parente

¶ Por que fala tanto a mesa
lopo soarez na guerra
por que tem taim boa presa
vy seu no odre qua ferra.

¶ Por q̃ dioguo da sylueira
rrequere ser do consselho
por que traz nuno pereyra
cabeleyra sobre velho.

¶ Por que tanta ypocresya
ha em saldanha dioguo
por que parece morzeguo
dom luys ao meyo dia.

¶ Por que e dõ luys coutinho
tam leue quando nelha yre
por que tantas fylhas pare
a molher de dom martinho

¶ Por que pero de bayam
diz mal dantam de faria
por que pedr omem trazia
tanta çylada em gybam.

¶ Por q̃ nã pode a demãda
o tauares acabar
por que vasco de myranda
nũca leyxou de furtar

¶ Por q̃ jam lopez se queira
cuyda que e tam rressabydo
porca francisco sylueyra
nũca se rrompeo vestido.

¶ Por que se mostra feroz
mazcarenhas capitão
por que lyma dom joam
nũca hũ ora coma rroz.

¶ Por que o coudel mor fez
tanta ma troua escreuer
por que afonsso dalboquer
da pareas a el rrey de fez.

¶ Por q̃ anrriq̃z dõ anrriq̃
he mays ventoso que mayo
por que no campo do ryque
nũca naçeo papagayo.

¶ Por que nũca da vcharia
rruy lobo nada dar quer
por que traz rrebolaria
aluaro lopez de saber.

¶ Por que o barrocas andã
de tantos lares corrydo
por que ayres de myranda
cada mes lança hũ pedido

¶ Por que tanto casamento
dona felypa ja vyo
por que de tanto enguento
teyxeyra o rrosto cobrio.

¶ Por que dona brãca mais
presume do que e fermosa
por que se vem a da rrosa
do serão e outras tays.

¶ Por que frãcisca de ssousa
he tam chea dautoridade
por que ssay em tanta cousa
dona oyraqua ao padre

¶ Por que tanto arrebyque
ysabel cardola traz
por que he taim mao rrapaz
dona margarida anrrique

¶ Por que fala todo o dia
por todos britiz pereyra
por traz dona maria
sos braços tal rraposeyra.

¶ Por que dona gyomar eta
nũca tem o rrosto quedo
por que nã dam com hũa seta
e ja come e azcuedo.

¶ Cabo.

¶ Cos por q̃s deueys folgar
poys q̃ a ninguẽ empeçe
e rrya quem se alegrar
e quẽ nam vasse beyjar
onde lha pele faleçe.

O conde do vymioso a hũ fidalguo q̃ no sserão del rrey se meteo em hũa chimine e fez seus feytos nũ braseyro e diziã que era hũ dos capitaẽs que hyam a torquy cõ o conde de tarouca.

¶ Foy feyto tam atreuydo
o deſtomem que deuia
nam parar a ta torquya

¶ Sua:

¶ Sera la hũ anybal
fara feytos de pompeo
poys ca fez façanha tal
com queſqueceo o cabral
⁊ outros que nãno meo.
Valente ⁊ mal ſofrido
deue ſer quem ſe vençia
no ſerão de tal porfya.

¶ Sua.

¶ Correo rryſco deſtrado
por ſer lonje a chemyne
vyoſſe tam afadiguado
o coytado
que nam pode mudar pee.
A pee quedo ja combatydo
huſou de tal valentia
que ſſayo como queria.

¶ Dom gonçalo coutinho.

¶ Duas onças dũ ſſeraão
tomadas por noyte frya
fazem mayor purgação
ca çinquo deſcamonya.
E ſe for homem corrido
num braſeyro em hũ dya
fara o queu nam oyria

¶ Outra sua.

¶ Edoſabolha fyrmou
que o faria en veſyuel
⁊ aa çinza o leuou
ſem o entender o çynel.
E depoys que a colhydo
ovyo ⁊ vyvo fedia
abalouſſe que morria:

¶ Joam da ſylueyra:

¶ Sa veneza for mãdado
comprelhe nã hyr por mar
ſem leuar a bom rrecado
hũ naulo deſpejado
para ſele deſpejar.
E com quam a perçebydo
deſta maneyra eu yrya
hynda nam matreuerya.

¶ Outra ſua.

¶ Para ſerem como ſſam
voſſas culpas perdoadas
valeouos eſta rrazam
ſer de camara o ſſerão
⁊ bem de camara ouſadas:
Que ſe em ſala cometydo
fora tal deſcorteſya
nunca ſſe perdoaria.

¶ Diogo brandam.

¶ O mũdo vay de maneyra
que ja nele tudo achays
huũ fez agoas na primeyra
outro foy caſar a beyra
eſte deſcobrio ja mays
Quata quy nã foy ſſabydo
quem braſeyro ſſe podia
fazer tal galantaria.

¶ Outra ſua:

¶ Se nam fora ẽ chemyne
que foy loguo polo vão
paſtilhas lenho loe
nem os cheyros de guyne
nam baſtaram no ſſerão.
por quera tam deſmedido
o grão olor que ſſahya
que por fora rreçendia:

¶ Aluaro fernãdez dalmeyda

¶ Ja nos nã dara fadiguas
brancaluarez com ſuas mãos
aas boticas dou myl fyguas
poys hy ha dauer ſerãos.
Y pocras eſtaa corrido
por que quanto ele ſabia
ſoubemos em hũ ſſoo dia.

¶ Outra ſua.
¶ Se com damas nã falou
por galante nem terçeyro
⁊ com elas ſe pejou
enuentou
deſpejarſſe no braſeyro.
Foy deſpejo tam creçydo
que nam ſey como veuia
quem tam taa quela trazia:

¶ Manuel de goyos:

Soes mylhor para pedreyro
que pera ſoffrer paytoẽs
poys fyzeſtes em braſeyro
camara ſobre caruoẽs.
O que nos tem pareçydo
que foy alta gemetria
⁊ bayxa galantaria

¶ Luys dantas.
¶ Quẽ a ſſom de manyſtreis
ſa he tam de malyado
que faria com criſteys
em lugar deſpouoado.
Faria mayor ſſonydo
co traſeyro nũ ſoo dya
que dez quartãos em torquya.

¶ Duarte da gama.

¶ Leuareys ſenhor na mão
de barro ou de madeyra
hũ priuado oo ſeraão
como quem leua cadeyra
a pregação.
Que hyndo deſperçebido
quyça que nam ſacharya
hũ braſeyro cada dia.

¶ Outra ſua
¶ As priuadas com rrazam
dam de vos çem myl querelas
muy agrauadas eſtam

por fazerdes no seram
o conuera de sser nelas.
Que sejais delas vencido
muy justa cousa seria
poys fizestes de masya.

¶ Dioguo de sepulueda.

¶ Nam queyramos nada nã
de nenhũ grande pedreyro
poys antre nos ha barão
que fez camara em braseyro
fundada sobre caruam.
Nũca no tempo ssabydo
se lauroou daluanaria
com tanta descortesya.

¶ Affonsso dalboquerque.
¶ Polo cheyro
que na camara sse sentyo
se foy ele o rreposteyro
e diz quachou no braseyro
cousa que nũca se vyo.
E fycou esmoreçydo
quando vyo com em sahya
causa cassy rreçendia.

¶ Outra sua.
¶ Sahyo
nam ja fora de sseu ssyso
mas cousa que quẽ a vyo
e o que ja descobrio
nos matou todos de rryso.
Em contar cam desmedido
era aquylo que jazia
no braseyro que fedya

¶ Garçia de rresende.

¶ Neste vosso desbarato
que ouuestes do sserão
se nam foreys tam hynhato
cobryreylo coma gato
co a mão
com da çinza e do caruam.
nam fora nũca ssabydo
e com tal galantaria
sayreys hyndoutro dia

¶ O doutor mestre rrodriguo.

¶ Nũca hy nem acharam
na vyçena nem rrasys
que fyzesse purgaçam
mays que a guarico serão
de damas muyto gentys.
O que me tem pareçydo
he que o tres andarya
o aar da galantaria.

¶ Dioguo fernandez.

¶ Quẽ os vyr querer entrar
diras que ssam namorados
e entam de despejados
saluanor vamssa sentar
acaguar.
Fuy peço e ando corrydo
por que aa porta nã vya
qual era o que fedia.

¶ Dom affonsso de
noronha.

¶ Trazey vos a bom rrecado
e day goarda oo pousadeiro
por que diz que tem votado
se o acha descuydado
saltar co ele o braseyro.
Nam andeys desperçebydo
nem cudeys que e zombaria
que vos fylharaa huũ dia

¶ Dom duarte de
meneses.

¶ Quem em tal lugar cagou
teue mayor coracão
e a mays ssa venturou
que joam andre que matou
o grão duque de mylão.
deuem dauer por ardido
quẽ ssa tanto atrevia.
que em chemyne ssahya.

¶ Desculpa do que
cagou

¶ Senhores mestre joam
diz que foy o que fiz na oa
segundo para o serão
tenho a cõprey ssaão danada.
Mas com tudo he rrazam
queu esteya rrependido
poys podia
por que fora nam sahya.

De joã da sylueyra assy mam de ssousa do ssem por q̃ veo ao terreyro dalmeyrym em hũa mula com hũas larguas esporas da jyneta esmaltadas e com chapyns

¶ Tu jaa nam tas dyr assy
por que cuydas que namoras
oo rolha polas esporas
e porty.

¶ Vieste tam enganado
por trazeres trajo nouo
quem entrãdo todo o pouo
de rryso foy abalado.
Bradam todos acudy
senhores loguessas oras
a ryrdes destas esporas
que vem aquy.

¶ Ayres telez.

¶ Tem os mouros profeçia
que de nos sse dessymula
que dizya
que quãdo a mourisca ẽ mula
se vysse que correria
grão rrisco a galantarya.
Isto se compryo em ty
aquelas oras
quando trouuestas esporas
que te vy

¶ Fernam de pina.

¶ Eu como me teu amyguo
quys saber tua praneta
e achey que na gyneta
te vya hũ grão periguo.
E como te vy aquy
metydo nessas esporas
disse loguo eessas oras
eraquy
o periguo que lhe vy.

¶ De dom joam lobo.

¶ Quero te dar hũ avyso
nam no tomes o rreues
que nã vejas os teus pes
porque ves
morreras coma narçiso.
Este conselho de my
toma em milhores oras
do que calçaste as esporas
de çafy

¶ Ayres teles.

¶ A mula vinhespantada
e muyto fora de sy
de ver hũu marzagany
aa bastarda.
Dezya mocalamy
nas mas oras
ouuesta questas esporas
pera ty e pera my

¶ Martim affonso de melo

¶ Mula malaventurada
se nam naçeste em fez
porque andas arrayada
de jaez.
Quem tem guanou e assy
nas mas oras
que soffresses tays esporas
sobre ty.

¶ Vasco martiz chychorro.

¶ Contigo ninguem ssa poda
porque tam fermoso es
que nam tees noda.
mas nam olhes paros pes
porque desfaras a rroda
orrenes.
Olha sempre pera ty
mas nã ja paras esporas
que calçaste em boas oras.
pera my

¶ Pero mazcarenhas.

¶ Em mula tanta çycate
foy grande contra fazer /
ma morte te nũca mate
poys cõ peças cheos desmalte
nos mataste de prazer
Aaja mays de dez mil oras
que todo mũdo sse rry
das tuas negras esporas
cõ as quaes ninguẽ namoras
nem sse namoram de ty

¶ Joam dabreu.

¶ Quãdo ẽtrou polo terreiro
veryes todos correr
e polo deos verdadeyro
que queriam dar dinheyro
polo ver.
Porque alẽ de vyr porrym
e trazer tam mas esporas
veo as oras
as mylhores dalmeyrym.

¶ Dom luys de meneses.

¶ He tamanho emfadamẽto
ver trajos mal enuentados
que darya dous cruzados
por nam ver os q̃ dobrados
este traz cada momento.
E porem este que vy
das esporas
polo ver todalas oras
eu daria hũ tomy

¶ Aleremão.

¶ Esta moeda he de mouros
onde prezam a gyneta
que tu meteres em muleta
e tam bem andas os touros:
em tudo isto te vy
estas esporas
que calçaste nas mas oras
pera ty.

¶ Antonyo da sylua.

¶ Galante de taes estremos
oras ha que sse nam vyo
nem dele tanto sse rryo
como deste que sabemos
que este trajo descobrio
em que nos nada nã cremos.
Descobrio nas mas oras
pera sy
os quesmaltadas esporas
pera my.

¶ Garçia de rresende

¶ Na era de jesu cristo
de myl e quinhentos e dez
no terreyro dalmeyrym
foy homem em mula visto
com largua espora de fez
calçada sobre chapim.
Disse como o conheçy
ja nũs touros eestas oras
com a dargua essas esporas
vy aquy.

¶ Outra sua:

¶ Em cavalo o grão lobam
trouxe carrancas de prata
sendo el rrey em çaragoça
mas por milhor en vençam
ey esta poys que mays mata
de rryr os homẽs por força.
Tam bem o do noronha vy
çeroylas quem tam mas oras
calçou com estas esporas
pera ty.

¶ Symão da ssyl-
ueyra.

¶ Poys q ja archiles nã es
nem menos eytor troyano
dyze mano
que engano
te fez morrer polos pes.
Fyquey perdido por ty
logue ssas oras
e mon ssenor das esporas
a cuidy.

¶ Outra sua.

¶ Julgam qua algũs juyzes
mom sseor my çelo myo
dos quem rryo
cos teus pes pera fastio
valem mays que de perdizes.
Em boora te eu vy
e tu muy to nas mas oras
calçasta questas esporas
pera ty.

¶ Luys da sylueyra

¶ Quando andaste co touro
pareçyas me frances
e aguora vynhas mouro
na cabeça e nã nos pes
ora ves
e tu cuydalo orreues
co quem morro.
mas sse andas mays assy
todalas oras
se rryram todos de ty
muyto mays que das esporas

¶ Outra sua.

¶ Quando vy o messajeyro
cuydey queras aginete
acudy loguo o terreyro
se tacharas capaçete
armarate caualeyro
que valera bom dinheyro.
para ty e para my
por quantas oras
a vya derryr de ty
e das esporas.

¶ Os arrafeces de çafy

¶ Tenhe tam pouco onrrar
e prezar
neste tempo a gyneta
que ja guora vem andar
em muleta.
Este mal veo aquy
polas esporas
queste trouxe nas mas oras
pera ssy.

¶ O meyrinho da corte

¶ Por q̃ ninguem nã cometa
hyr outrora catraaley
eu myrey os pes del rrey
e lhe direy
como da não agyneta.
Por queu vy ontem aquy
nũa mula hũas esporas
que nũca em outras oras
se vyrão trazer assy.

Estes trouadores a bayxo nomeados a dom françisco de bynueyro q̃ andaua negoçiado em dar hũa mula e touca tabardo e sombreyro a hũa dama q̃ lho mãdou pedyr para huũ camynho e era rrecado falsso.

¶ De monsei yo.

¶ Vay qua muito grãde fama
anda ja muy descuberto
cũa dama
vos tem mal ja veyra çerto.
Folgaria de ssaber
jsto de mo que lhe days
pera ver
quã mal o vosso gastays

¶ De luys da sylueyra.

¶ Eu ja dou vos hũ conselho
o qual he cidão coma palma
que nã lho mãdeys vermelho
por que faz ja muy grã calma.
O conde de marialua
com outro tal que mandou
hũa dama soterrou
e perdeo o corpo e alma.

¶ Joam gonçaluez capytão da jlha.

¶ Se sse lofferer em verão
eu vos tenho enculcada
enuençam
que vem cosyda e talhada.
Loba aberta a laranjada
qua quy fez hũ bom senhor
com quyra muy bem betada
e mays ventoa de cor.

¶ Dom geronimo.

¶ Poys ssaqui cõsselho mete
dou vos este desengano
sombreyro nã des de pano
mas huũ muy fyno palhete
que va sobolo barrete.
Este faz a fronta pouca
leuaa dama muy ayrosa
ja se hũ pouco fremosa
podes esculsar a touca

¶ Martim affonsso de melo.

¶ Senhor dylhargas capuz
lhe manday de tafetaaj
e buz buz
que com mays açafraraa.
E faria fundamento
dauano mandar leuar
porque se vem a encalmar
e lhe faleçer o vento
que lhe nã faleça o ar.

¶ Joam rrodriguez de ssaa.

A dom francisco de biueyro.

¶ Hũa peça muyto sseca
darey paro a tabyo
por que sse laa fizer fryo
quẽ leuar muy boa beca
eu me fyo
que nã yra muyto peca.
Mete mão no corcorrinho
peytay lourenço godinho
nam ajays dõo do dinheyro
coela escusays sombreyro
e olhay meste pontinho.

¶ Symão da sylueyra

¶ Tenho achado hũ ardil
per que nã gastareys tanto
o qual he quajays hũ mãto
de dioguo de madril.
Passara ta fym dabril
por que he de mea frysa
ja sa dama for aaguysa
e fyzer bryia
yra muyto mays gentyl
que doutra guysa.

¶ Gonçalo da sylua.

¶ Meu senhor o de vyueyro
se pano se da nã tendes
aquy anda pero mendez
que o fya sem dinheyro.
E eu serey o terçeyro
por que sey comysto pyca
e poys vº as costas fica
nam ajays dõo do dinheyro
venha tudo o tauoleyro.

¶ Dom aluaro de noro
nha.

¶ Eu ssam tanto vossamiguo
que ey de tomar sobre mym
o dado sse for rroym
que a mays me nã obriguo.
Atee guora nã ssey quem
tal merçe vº quys fazer
mas ela a meu pareçer
nam fez bem

¶ Symão de sousa.

¶ Nam ssey o que nysto vay
mas vos perdey o cuydado
co contray
estaa mal avaliado.
Se vº podeys escusar
seria tudo
por quassy deue destar
o veludo.

¶ Nuno da cunha.

¶ Poys que ja aueys de dar
tabardo touca sombreyro
deueyes doulhar primeyro
o quisto pode custar.
Mas se lee mereçedor
a mym pareçe rrezam
nam oulhar valiaçam
e tyrar o caparaõ
ao penhor.

¶ Vasco de foes.

¶ Senhor sseja por vosso bem
esta dama o que vº quer
mas nã ssey sse he molher
que o tenha dito alguem.
E se he desta maneira
dar uos ey a minha touca
qua hynda que deos nã queira
em a pondo ssera mouca.

¶ Dioguo de melo
de castel branco

¶ Por que ssey vº nã engrife
e fazer custa mays pouca
vº em culco outra touca
qua quy trazya o xarife.
Ele tem na em lixboa
e manday leuar de qua
prouysão del rrey que la
se ssyrua vossa pessoa.

¶ Garçia de rresen
de.

¶ Se nam achardes contray
vos sereys de mym seruydo
cõ hũ rroupão verdeguay
do mercador de cambay
que e hũ bem nouo vestido.
Dalfareme em rrodilhado
quyser leuar ou lançado
oo pescoço por desdem
eu vº auerey tam bem
o que le traz emprestado.

¶ Ayres telez.

¶ Por que e tẽpo de trestura
este ssera o meu dito
quajays hũa vistidura
qua quy anda verdescura
dũa dama do egyto.
Tem hũ geyto de bedem
cõ que podir a mourisca
e que sseja muyta trisca
quem ssa tudo nam a rrysca
nam pode pareçer bem

¶ Dom joam de larcam

¶ Senhor nã vº destruays
que eu vº auerey asynha
hũ aluara da rraynha
de modo que nã syruays
em louçaynha
E ssysto nam abastar
mays sseruiço vº farey
que o farey comfirmar.
por el rrey.

¶ Ayres telez.

¶ Se mula ouuerdes mester
eu ssey quẽ vola dara
mas a veyla de manter
e soster
tee ca rraynha sse va.
E bem vos a de paguar
o que coela gastardes
poys que sooa de leuar
e tam bem a consselhar
a quem na senhor mãdardes.

¶ Outra sua.

¶ He pyrnalta ⁊ embycada
⁊ nam tem ja nenhũ dente
eu fyco nesta jornada
que fyqueys della contente.
A mula he vagarosa
peytay joana do taço
queu vos faço
sa dama he amorosa
que la vos fique no laço

¶ Dioguo de melo da ssylua.

¶ Os goarnimẽtos falecem
peraa mula que vos dam
se vos estes bem pareçem
lançay mão.
Aquy anda hũ capelão
deste bispo de vyseu
que traz hũs de cordouão
⁊ estes em culco eu.

¶ Outra sua.

¶ A mula em bycadeyra
a dama pode cahyr
auey moços desta ribeyra
dalgũ abade da beyra
que lhe possam acudir.
o abade he balhesteyro
folgara delhos prestar
escusareys de gastar
em a luguar
quem na tyre da tolcyro.

E dom fraçysco de byueyro em rreposta destas trouas a todos os que lhas fyzerã ⁊ esta prymeyra vay aas damas.

¶ Poys deos cõ todo poder
vos ouys fazer
ssenhores mays eycelentes
quas passadas nem presentes
nem quantas ssam por naçer
Estas trouas que aquy vam
juntas cõ as que la estam
as vejam vossas merces
que eu me fyo no que sabes
se julguays ssem a feyçam.

¶ A todos juntos.

¶ Senhores.

¶ Vossas trouas forã lidas
⁊ entendidas
⁊ muyto bem decraradas
mas ssabey que forã rrydas
muyto mylhor que trouadas.
E depoys que me fartar
de zombar delas nas rruas
espero de rrepricar
⁊ amostrar
que nom leuo em colo duas.

¶ A luys da sylueyra ⁊ ssymão da ssylueyra.

¶ Começo nos dous jrmãos
cortesãos
que nõ tem mays ẽs que dar
tam aluos ⁊ tam louçãos
cujos geytos pees ⁊ mãos
sam muy doçes de notar.
Hũ deles ssabe latym
o outro vay a çafym
nesta viagem daguora
se por eles me nõ fora
nam estiuera em almerym.

¶ O mayor se aluoroçou
⁊ mal bordou
pelotes capas dous pares
peroo tanto que as tirou
logo effora nos ssacou
do coraçam myl pesares.
Nam quero mays mestender
fyque o mays por dizer
agora desta viagem
por que ssão dũa linhagem
de quem me tem em poder.

¶ A monssoryo.

¶ Venhamos ao sseu praçeiro
o estrangeyro
que pousa nas suas pousadas
que fyco por ele a osadas
que nõ gaste sseu dinheyro
em estas barquarryadas.
He tam doçe monssorio
⁊ tam massyo
por sua desauentura
que com toda esta quẽtura
nos mata a todos cõ fryo.

¶ A martim affonsso de melo.

¶ Martym affonsso de melo
eu o a sselo
mas nam ja para galante
que pareçe por diante
byscaynho longo ⁊ belo.
E posto que me desama
por quem ama
tem duas pecas de valor!
a cor pera cobertor
as pernas pera hũa dama
que lhe faltam segũ fama.

¶ A dom aluaro de loronha.

¶ O outro nam decrarado
namorado
que olha minha ssenhora
o vymos vyr em fortora
com amarelo ⁊ em carnado.
He cousa para nã crerse
que ssoo em versse
vestido nestes pelotes
lhe naçeram tantos motes
que nom poderam colherse.

¶ A ssymão de ssousa do ssem.

¶ Outro por me aconsselhar
me foy tocar
⁊ meteosse em peego fundo
este soo naçeo no mundo
para meu desem fadar.

tras capa nõ de brũada
aberta curta mal lançada
syntas baynhas de coyro
dou mo demo sse nã moyro
com cousa tam anouada.

¶ A nuno da cunha:

¶ Do vosso bom prouimẽto
me contento
por que e conta çerta ⁊ boa
sey que valera em lixboa
a mays de doze por çento
De foreys aconsselhado
do vosso ouro tyrado
que vꝰ vymos rrosto a rrosto
mylhor vꝰ fora tyrado
da vossa capa que posto.

¶ A antoneo da ssylua.

¶ O da ssylua vy eu donde
nenhũa cousa se esconde
no serão com sua dama
despachar ssegundo fama
muytas cousas com o conde.
Fez de ouro prata ⁊ sseda
⁊ de moeda
hũ mão vestido de momo
perdoeme sse me assomo
poys nã teue a pena queda.

¶ A joam rrodriguez de
ssaa nouamente casado.

¶ Do genrro de dõ martinho
eu adeuinho
que quẽ tem tanto vagnar
que a rrouas se vay lançar
çedo caçe ⁊ ande caminho.
o que desta manha vsa
o al rrefusa
sabeys que tem o trouar
que muy mylhor que caçar
tya da rronches escula.

¶ A joam gonçaluez fy-
fylho do capitão.

¶ Eu vꝰ vy ja nã sserão
capitão
alcaty fas bem pinguar
muyto mylhor que dançar
jsto he çerto na mão.
Metestes vꝰ na pinguela
da burrela
nam quero mayor vingança
que veruos perder na dança
⁊ nam vꝰ cobrar ssem ela.

¶ A ayres telez
Mayres telez nada dyguo
que eu me obriguo
que nam no fez por me errar
mas por rryrsse ⁊ zombar
porque çerto he meu amyguo
Fez jsto assy nam ssey como
⁊ eu lhe tomo
agora qual quer desculpa
mas ssontra ora me tc culpa
vera bem como me assomo

¶ A dioguo de melo de
castel branco ⁊ aoestry
beyro mor.

¶ Estes dous nã ssam culpadꝰ
que buscaram emprestados
rrengrões pera me mandar
nam nꝰ quero acoymar
acoymem nos sseus pecados
Deles vꝰ posso dizer
que qual quer omem q̃ os vyr
⁊ os ouuyr
se muy bem os entender
emfadalo podera sser
mas nam ja fazelo rryr

¶ A garçia de ssaa.

¶ O de ssaa nam he culpado
eu o tenho bem olhado
se a boca bem goardar
desse rryr ⁊ de zombar
mestre lhe sseraa escusado.
diz que culpa me nam tem
nem ao penssamento lhe vem
destas cousas ter enveja
assy eu vyua ⁊ prazer veja
que he mançebo de bem.

¶ A vasco de foes.
¶ Se sse ouuera de enssoar
ou em toar
qual quer graça ou zombaria
por vos mesmo eu ousarya
antre as outras a gabar.
Mas por q̃ as cousas do paço
hũ pedaço
as vezes a noyr ssem ssom
por jsto sseria bom
tyraruꝰ deste embaraço.

¶ A fonte cuja troua nom
veyo antre as outras nem
a vyo.

¶ Quysera ver a de fonte
que ante conte
lhe ouuera de rresponder
por que aa tanto que dizer
que fora de mõte a monte.
Ele cuyda que he capaz
⁊ nysto jaz
mandema ⁊ rresponderey
por ela lhe a mostrarey
se he assy ou o contrafaz.

¶ Ao adiam.
¶ Comfessoume o adiam
⁊ ysto he chão
que quem sua troua fez
nã em frança mas em fez
aprendeo esta enuenção.
Como a vyo me foy dizer
⁊ prometer
que o ha de escomũguar
se o acolhe mays em trouar
atee mays nã aprender

¶ A garçia de rreesende.

¶ O rredondo do rreesende
bem mentende
tanje ⁊ canta muyto bem

e de burar a alguem
sse com ysto nam sse offende;
Antre estas fez hũa troua
e nam sse troua
de tam mal nisso tocar
milhor lhe fora calar
e meter ssenhũa coua.

¶ A lopo de val de vesso.

¶ Por lopo de val de vesso
eu a trauesso
mays de quatro cẽtas dobras
que lenã vio tã maas cobras
do direyto nem do a vesso.
Pedo tresllado dessyso
com tal auiso
que lho nam possão neguar
por que espera de as leuar
a grorla do parayso.

¶ A dõ joam de larcam.

¶ De morto preuelegiar
nam aa luguar
a quem he morto damores
porque ssam tays ssuas dores
que matam ssem acabar.
Se me hũ podesse auer
para mays cedo morrer
peytaria eu dom joam
hũ muyto gentil falcam
o milhor que pode sser.

¶ A dom geronimo.

¶ Mõsseor q̃ andou ẽ castela
e fora dela
ssem sser ca nem la apodado
por mão de sseu pecado
me em viou hũa troua dela.
Antre os outros me tocou
e nam errou
que fuy cõtra as martas ssuas
e tam bẽ contra outras duas
enuenções que ja ssacou.

¶ A gonçalo da ssylua.

¶ Meu ssenhor q̃ vay amyna
nam sse fina
em dizer graças no paço
mas eu o tenho em hũ laço
se me ver nam desatina.
Mas por quã dyr para el rrey
nã ssey o que sse laa de passar
por o nam escandalizar
com esta me calarey.

De dom françisco de biueyro a ssymaão da sylueyra. e aos outros aquy nomeados que lhe mandaram trouas por que ele rrio dum pelote que fez symão da sylueira de chamalote frãjado.

¶ De doença tam mortal
entre vos nam venha a morte
a verdes por bom ssynal
pareçer me a mim tam mal
tam ma pelote.

¶ Em mulas se vyrom sselas
com mil franjas de rretros
mas ssey que nam vistes vos
a ninhũ pelote telas.
que venham a portugual
nouidades tam de corte
esta mais que todas val
franjar sse como frontal
hũ pelote.

¶ A luys da ssilueira.
¶ Nam vos deuem enguanar
as afeyções de parente
por que o paço nom conssente
tays cousas dessimular.
se vos nam pareçe mal
este maluado pelote
guastay vosso tempo em al
nam cureys dandar em corte.

¶ A dõ pedro dalmeyda.

¶ Se quiserdes nam guastar
fazey vos tays enuenções
que durem nos coraçoes
em quãto o mundo durar.
Por que este trajo he tal
e de tal ssorte
que fara sser immortal
hũ pelote.

¶ A ssymão de ssousa do ssem.

¶ Ja nam posso a gardeçer
a vos o que me tem dado
pois me tam deferençado
fez de vosso pareçer.
Viuos vyr tam cordial
com tem com vosso pelote
que me fez nam a ver por mal
franjas no de chamalote.

¶ Por diogo lopez de ssequeira.

¶ Esta tal noua este que da
defendam na beleguyns
que se a ssabem os chyns
alçarão o preço a sseda.
Que dirã que em portugual
ham por pouco andar de cote
em hũ paço tam rreal
franjado de rretros tal
hũ pelote.

De Ayres telez a jorge doliueyra rrẽdeyro da chãçelaria por que leuou a Jorge de melo doze mil rreaes por hũ padram que despachou sem lhe querer quitar nada.

¶ Quem tiuer algum padrão
trabalhe por ter maneira
que sse goarde dyr a mão
daqueste nouo cristaão
ca quy anda doliueyra.

¶ Leua tudo por inteira
nam tem nenhũa afeição
folgua tanto com dinheiro
ca hynda deos verdadeiro
venderaa por hũ tostão.
Nam lhe tenho ma tenção
mas falo desta maneira
por que vozemil na mão
lhe vy dar por hũ padrão
e este jorge doliueyra.

¶ Desembarguo da rrolação.

¶ Todos ssoem de goardar
a nos outros correiya
este nada quer quitar
mas antes nos quer leuar
de tudo chançelaria
Pois de quanto aqui nos dá
no la leua toda inteira
acordam em rrolação
que proceda este rrifão
contra jorge doliueyra.

¶ Bula do papa contra jorge doliueyra.

¶ Nem qua querela tamanha
que calarsse he grande mal
dũ cristão nouo despanha
do rreyno de portugual.
Pois q̃ da tanta a pressão
sem deyxar leyra nem beyra
nos damos jeral perdão
a quem for neste rrifão
contra jorge doliueyra.

¶ Dayres telez.

¶ Seruo mem coma ssoyço
anda ssempre em pendença
por a ver dez mil detença
em paguo de sseu sseruiço.
E em fym sse aa padrão
hynda corre esta tranqueyra
que casy tudo na mão
fica a este bom cristão
doliueyra.

¶ Diogo de melo da silua.

¶ Poys que tu foste tam vil
que rrapaste doze mil
sem nada deles quitar
aynda das damarguar
segundo o demo he ssotil.
Tu nam teẽs boa tenção
creme jorge doliueira
nem te vejo ssaluação
pois trataste meu yrmão
desta maneira.

¶ De françisco de uiueiro.

¶ Ouço cramar deste feito
mas dele nada nam ssey
que me nam tẽ dado el rrey
de que lhe pague direito.
Mas ssegundo a feyção
deste gordo doliueyra
goardar dauer doação
que leua tudo na mão
quanto acha na ljaveyra.

¶ Joam rroiz de ssaa.

¶ Nam vos deue despantar
qua tos priuados cõprenda
o sseu nam querer quitar
poys ter por mym a fazenda
me nam pode aproueytar:
E aynda he de maneira
que ssem dinheiro na mão
o judeu nem o cristão
nam tira dest oliueyra
desembarguo nem padrão.

¶ Do conde do vimioso.

¶ Naa fiar mays em prendelo
senhores na cortesia
que leua coyro ⁊ cabelo
⁊ a rrendou chançelaria
por a sselar judaria.
de mao homem ⁊ boõ cristão
sem treguestede maneira
que se nam days rrepelão
he menos passar padrão
de ssantiaguo que doliueyra.

¶ Consselho sseu.

¶ Por tua grey ⁊ na tua ley
morreras
a cristão nam quitaras
nem no sseras
se to nam mandar el rrey.
rroubaras
por as os homẽs no fio
com dia te trancaras
de medo dalgũ desuyo
⁊ como achares na vyo
partyras.

¶ Dom nuno.

¶ Naa mespanto nada disto
nem de cousa tam mal feyta
pois veẽs por linha direyta
dos que prenderão a cristo.
teẽs hynda tal deuação
coa tua ley primeyra
que cuidas que e ssaluação
fazer ssempre ssem rrezão
os que crem na verdadeyra.

¶ Antonco da ssylua.

¶ Jorge leuas mao caminho
na quisto quãdas fazendo
nam cuides que dõ martinho
ta dandar ssempre valendo.
Trazes tam ma presunção
⁊ andas ja de maneira
quey medo que cortesão
leue narizes na mão
⁊ ssacolha atalaueira.

¶ Pero de mendoça.

¶ Agrauas tanta pessoa
que tey medo
que sse tragua algũ tendedo
na rribeyra de lixboa
muyto çedo.

Mas sse tu vas por mourão
algum ora pera feyra
nam as de por pee em chão
que metido num sseyrão
aas de passala rribeyra.

¶ Francisco mem.

¶ Se moyses aquy teuera
hum padrão
com que vontade lho dera
este truão.
Como vay pela carreyra
como mostra o coração
como tem a ley inteyra
para esfolar hum cristão
diabos o cozeram
que o tem ja nalha veyra.

¶ Symão da ssylueyra.

¶ Orala me visse eu
coele ja nessas briguas
para lhe paguar em figuas
todo o sseu.
A voltas com cozcorrão
esta he boa maneira
nona pagua denuenção
em lear rraby abraão
rraby mosse dolyueira.

¶ Martim affonsso de melo.

¶ Pois que ssy sto ja ssy fas
venhamos loguo a verdade
este he o mais mao rrapaz
velhaco grandalcatraz
mofatraz
gram zeloso de maldade.
Nas estrelas bom cristão
compridor da fee inteira
porem muy rroim vilão
e gram cão
grande jorge doliueira.

¶ Vasco martiz chicorro.

¶ Quanta ssisto he juguetar
ela he maa zombaria
pois que da chançelaria
nam podemos escapar.
Mas compre de ter maneira
coeste nouo cristão
que va ter de mão em mão
a fogueira.

¶ Nuno da cunha.

¶ Quẽ quiser ser despachado
deste tam nouo cristão
falelhe antes num pizmão
que em ẽs cruçificado.
E sse nam desta maneira
doutra nam ma firmaria
que quite chançellaria
esta potra doliueira.

¶ Garçia de rresende.

¶ Se vos doer o cabelo
do calguem poode fazer
goardar da mostrar mazelo
me ter tudo no capelo
sem no ter.
Dar de baixo do mantão
figua a quẽ der na trincheyra
goardar de comer cação
nem leytão
que o defenda primeyra.

¶ Joam dabreu.

¶ Eu nam deuo de tocar
nada ssobreste rrifam
por que quẽ nam vyo medrar
nam pode ssaber falar
em padrão.
Polo sseu hyrey a mão
a quem tyrara a barreira
que lhe nã dey em cabrảão
pois he cristão
e sseja quita primeyra.

¶ Dom pedro dalmeyda.

¶ Mais vos soffreo jesu xpo
dos que fostes no matar
e o mais quero calar
por que ssey que tudo isto
he zombar.
E por ysso dom abrão
nem judeu nem bom cristão
vendedor da ley inteyra
como vyrdes na carreyra
hũ padrão
tomar o fugyr na mão.

¶ Joam gõçalez capitão.

¶ A meu ver nam he culpado
em sser cristão nem errou
por que bem no rrefertou
e mal em que lhe pesou
lho fizerã sser forçado.
Daly lhe ficou tenção
de ter muy grande çenrreira
a qual quer fiel cristão
e a derradeyra
bem ssem tregua no padrão.

¶ De joam lopez que foy rrendeyro.

¶ Tees o teu bojo tamanho
que me nam quero espantar
quereres tudo leuar
para encheres esse tanho.
Mas da parte dabraham
antes contrem to rrequeyra
te peço com a yrmão
que mudes a condição
em outra milhor maneira.

¶ Joã rroiz mazcarenhas do inferno.

¶ Depois que dela party
dizem qua estes ssenhores
ssegundo vem os cramores
quesperam çedo por ty.
Mas poys que ja qua te dam
por tuas obras cadeyra
assenta la bem a mão
a quem quer que for cristão
que lha margue aoliueyra.

¶ Da beata da vila.

¶ Com zelo nam contrafeyto
vº em vyo a conselhar
que nam deues de leuar
por inteiro este dereito.
Vor questando em oração
a passada sesta feyra
me veo em rreuelação
quem jnuerno e em verão
podem queymar oliueira.

¶ Conselho dos cristãos
nouos cortesãos.

¶ Nam vº espante trouar
amiguo rraby perfeyto
leuay a todo rrasguar
quanto poder descobrar
com direyto ou ssem direyto.
Enche vos vosso bolssam
seja de qual quer maneira
façam eles quantos ssam
muytas trouas e rrifam
tudee vento aa derradeira.

¶ Fernam da ssyluerya.

¶ Se meu coele açertara
eu crera quele rrendera
por que de guisa o tratara
que tudo bem me quitara
ou as orelhas perdera.
eu lhe scáldara a traseyra
e com tam noua maneira
o ssoubera ataguantar
que lhe fizera leyxar
as bulrras eestoliueyra.

¶ Vasco de foes.

¶ Poys jorge nã quis quitar
pera gram pena lhe dar
ysto sse deue fazer
tyrem lhe o arrendar
faloam loguo rrender.

Ou ssoltem no a rrepelão
questa he boa maneyra
dem menoar este cristão
e então
vereis jorge doliueyra
nã falar mais em padrão.

¶ Do corregedor
da corte.

¶ Se aoutrem tal fizer
por este meu assinado
dou luguar a quem quiser
que digua quanto ssouber
tyrando perro fanado.
E nam juguem de mão
que podem dar na moleyra
e segundo todos ssão
esbaforey dos darão
da vesso com oliueyra.

¶ Eys cramação de
Jorge doliueyra.

¶ E quanto me custas rrenda
pola gram desdicha mya
eu çerto te ssoltaria
se nam perdesse a fazenda.
Mas me tamanha a preisão
e he ysto de maneira
que por ty me vem rrifam
e me chamam bom cristão
doliueyra.

¶ Cabo.

¶ Poor trinta que rreçebeste
trinta trouas aueras
e polos trinta que deste
no inferno arderas.
Judas outros que la estão
ta parelham na carreyra
dizem todos a hũa mão
venha venha este cristão
doliueyra
pouoar esta caldeyra.

Anrriq̃ correa
a dom ãrrique
filho do marq̃s
porque mãdou
huũ cruzado a a
senhora dona maria de me/
neses andando com ela da/
mores.

¶ Ha vº de sser demandado
por onzena conheçida
leuardes por hũ ducado
todo o bem daquesta vida:

¶ Vale mays de mil ducados
de juro com juroiçam
os rretornos mal leuados
que vº vem contra rrezam.
Tornay lhos por que e pecado
leuar cousa mal auida
nã queirays por hũ ducado
dar a mym tam triste vida

¶ Antonio de mendoça.

¶ Foy por menos ametade
vendido do que valya
e pouco de verdade
de mandar dona maria.
E poys he tam mal guãhado
e ela a rrependida
nam tireys por hũ ducado
a meu yrmão ssua vida.

¶ Jorge furtado.

¶ Nam aueys assy leuar
este bem como cuidays
ssem primeyro vº matar
pois a todos nos matays.
A vº de sser demandado
para sser rrestituida
quem polo vosso ducado
tyra a meu yrmão a vida.

¶ Da çidade de lixboa.

¶ Nam vos am de conssentyr
que tenhays nesta çidade
tanto bem ssem o partyr
com alguem por piadade.
He direyto costumado
que a cousa mal vendida
se perca vosso ducado
& fazenda & a vida.

¶ Petiçam dos parẽtes
desta senhora a rrolaçam.

¶ Senhor fazey nos justiça
deste filho do marques
que por força com cobyça
leua o nosso que nos pes.
Cuida porque e enguanado
que he por ele perdida
& ela rrisse do ducado
& tam bem de ssua vida.

¶ Da misericordia.

¶ Por hũ peq̃no prazer
que queyma mais q̃ abrasa
nam queirays alma perder
pois q̃ em breue tempo passa.
Tornay filho o mal leuado
por que do tempo da partida
nam percays por hũ ducado
todo o bem da outra vida.

¶ Do cabydo da ssee.

¶ Escomunham antredito
lançaremos na çidade
polo rretorno maldito
que vos vem contra verdade.
E poys isto he prouado
& a verdade ssabyda
tomay o vosso ducado
& tornaylhe ssua vida.

¶ Dos cristãos nouos.
¶ Nam se deue conssentyr
quem rreyno tam ssengular
va dom anrrique presumyr
delhe todo o bem leuar.
Se o leua he rroubado
& a terra abatida
se conssentem hũ ducado
tirar a tantos a vida.

¶ Das donas de lixboa.

¶ Queremos vos desenguanar
por que auemos piadade
de vos deixarmos cuidar
que vos ama de verdade.
Joga com vosco dobrado
por que he tam rressabida
que leuara o ducado
& tyrar vos ha a vida.

¶ Dos criados do marq̃s.

¶ Deyxay senhor este bem
de que todo lo mundo crama
& hy folguar a ourem
por que nam percays a fama.
Nam tenhays dela cuydado
poys he tam desconheçida
que vos leuou o ducado
& vos quer tyrar a vida.

¶ Do pouo de lixboa.

¶ Mercadores & tratantes.
dizem que ficam perdidos
& as damas & gualantes
para ssempre destruidos.
Polo qual ssera forçado
que la sseja ssocorrida
sse pedis polo ducado
mais que hũ dia de vida.

¶ Fym.

¶ Acordel rrey nosso senhor
cos da ssua rrolaçam
que dom anrrique de penhor
ou faça satisffaçam.
E que lhe sseja tomado
qual quer cousa conheçida
que guanhou polo ducado
& faz lhe merçe da vida.

De sancho de pedrosa a do francisco de crasto por que de brũ ou hũa camisa de veludo.

¶ Hum gualante se vestio
de nuençam muy enouada
com camisa de brumaada.

¶ De veludo abordou
com tençam de ssoportar
quantos motes possam dar
aquem tal enuençam ssacou.
Mas em luguar a tyrou
que hyra bem apodada
a camisa de brumada.

¶ Nesta era de quinhentos
veremos muytos ssinays
& aquestes seram tais
que nos dem contẽtamentos.
Pera folguarmos & rryr
& sser muyto apodada
a quem cuida quem vestir
era boa a debrumada.

¶ De tristam da ssylua
em q̃ pede ajuda a diogo brandam.

¶ Senhor a quem tanto ere
em vosso ssaber & graça
esta gram merçe me faça
cajude vossa merçe.
E depois que vossa mão
for canssada descreuer
o senhor vosso yrmão
faça nisto o que quiser.

¶ Diogo brandam.

¶ Se por contentar algũs
em ventou cousas tam nouas
deue de soffrer as trouas
pois fez tam nouos debrũs.

E sseysto bem nam vyo
quando frez a de brumada
goar de tudo na pousada.

¶ Gualãte frances nẽ mouro
nunca tal fez ate quy
mas he ja milhor assy
ca sser laurada com ouro.
Eu tenho que sse vestio
que lhe nam faleçe nada
em fazer a debrumada.

¶ Joam affonsso de beja.

¶ Vos ssabeys a entençam
deste gualante ssenhores
se a fez por deuaçam
se por cuidado damores.
A minha tençam sseria
que fosse de vos zombada
muyto milhor que bordada.

¶ Por que a carne sse chegou
tanto esta vistimenta
diz guaspar que na emmẽta
a el rrey a nam leuou.
Mas em luguar a leyrou
que ssera a bem rresguardada
a mores a debrumada.

¶ Duarte da gama.

¶ Dino he dauer perdam
quẽ por nã guastar dinheiro
dos debrũs do sseu ssombreyro
debrũou hum camysam.
se a çerto rreuestio
rrezam tende sser chamada
a camisa de brumada.

¶ Nã sespantem doje auante
se fizer hũ alquemista
de rrobis hum diamante
poys que fez este gualante
cousa que nunca foy vista.
Mas pois d[...] ja permetyo
fazer sse cousa enouada
seja ssempre memorada.

¶ Ruy de figueyredo.

¶ Dõ pedrinho a todos faz
mil queyxumes do yrmão
por hyr fazer em vençam
com que a todos muyto praz
e a ele nam.
Tam bem diz que nã dormyo
toda esta noyte passada
em cuidar na debrumada.

¶ Joam payz e fym.

¶ A quantos aquesta vyrem
senhores faço ssaber
que ee muyta rrezam de rrirem
de quem esta foy fazer
pola minha esqueeçer.
nunca tal cousa sse vyo
que camisa debrumada.
preçe desse hũa laurada.

D Eluys da silueira a dom jeronimo deçe a hũas manguas q̃ fez em almeyrym muyto estreytas e forradas de martas muyto velhas.

¶ Pareçerã nos tam mal
as tuas martas
que ssa fyrma que as matas
muy perto do teu casal.
Aymos tem pontefical.
com teus amytos.
que trazias por manguytos
como vinhas corpoial.

¶ Symão da silueira.

¶ Olhay que boa ventura
foy a destas vossas martas
que ficam nas damas fartas
de rrisso e vos de quentura.
andaynos hũa vez quente
senhor a a vossa vontade
que stee verdade
e deyxay vos rryr agente.

¶ De monssorio.

¶ Aimᵒ outras muy louçãas
em poder dum coreião
ssem ver outra rrezam
no carão
Julguamos queram yrmãas.
a vos ssenhor nam vᵒ mentão
queu vᵒ juro monssorio
que nos ssomᵒ os quã quẽ tão
e vos o morto de frio.

¶ Symão de ssousa.

¶ Os teus pachecos olhey
e escolorinhey
se disser minha tençam
a consselharey
que nam venhas dosserãão.
Mas ysto he escusado
e porem
se tu quiseres vyr vem
mas sseja atarrafado
que tas nam veja ninguem.

¶ Ayres telez.

¶ Segundo ssua criança
e sseu craro alamento
eu faria juramento
que nunca foram em frança.
Mas que morreram a lança
naqueste paul da a tela
diz tam bem hũa donzela
que depoys dandar na dança
se nam quisera ver nela.

¶ Luys da ssylueira.

¶ Queyrasse luys teyxeira
tem ja mil concrusões postas
que lhe tiraram das costas
estas peles de toupeyra.
Nam ssabe per que maneira
lhe fizeram tal enguano
diz cou ele foy ciguano
ou muy fina feytiçeira.

¶ Dõ françisco de biueyro

¶ Elas de martas sseneguam
nã querem ja mais ẽguanos
de rraposos sse contentam
por sseruiços de vintanos.
E nam passem de janeiro
antes que ssejam mais velhas
que sse cheguam a feuereyro
tiralas ham por o velhas.

¶ Symão de ssousa por a senhora. dona maria anrriquez.

¶ Nã deueis olhar meus erros
mas a minha entençam
que tirey por descriçam
neste sseraão
co forro he de bezerros:
vossa merçe tudo abarca
e em luguar de forrado
andays ssenhor encoytado
comarqua.

O conde do vimioso a luys da sylueyra por huũas manguas que fez de çetym co auesso para fora.

¶ Senhores nam sseja ssoo
a huũas manguas que vy
da vesso e nam por doo
sse nam sse for do caty.

¶ Altas manguas doçe geyto
gram maneira dantremes
tam cheas de sseu rrespeyto
que por nam terem direyto
sam trazidas oo rreues.
trazidas mas nam por doo
do coytado do caty
que de velho feyto em poo
tantas voltas fez de ssy.

¶ Reposta de luis da silueyra ao cõde sobre outras mãguas que trazya de veludo estreytas e acayrelaadas.

Tẽho muyto boõs ẽbarguos
contra o que este ssenhor diz
que nam pode sser juyz
de quẽ anda ẽ trajos larguos.
E a mays proua estey que da
dou a questa ssoo rrezam
que a ssua jurdiçam
ataa tres couados de sseda
se estende e mays nam

¶ O que lhe fez pareçer
que nam jazia nas custas
fazer a ssuas tam justas
que nam ha hy que dizer.
Mas poys a cousa vay crua
lançaylaa ssobrelas ssortes
que vem a conçeber motes
em sseneytute ssua.

¶ As vossas mãguas ssenhor
tem bem de que sse queixar
que ssobre tanto ssuor
fostes lhe muy mal paguar:
Soys muy desaguardeçido
lembra vos mal o passado
qua vos tem muyto sseruido
muy grossos cayreys soffrido
e doçes pontos leuado.

¶ Cabo.

¶ Foram vos muyto fiees
passaram çem mil anoaços
vem ja da cabeça os braços
e estauam pera hyr os pees.
Mas poys q̃ por gualardã
as vyndes meter em motes
nam no ssaybam os pelotes
que vos nam a turaram.

E luys da sylueira ao conde do vimioso por que trazya no barrete huũ coraçam douro.

¶ O vosso coraçam douro
prouar vos cy por rrezam
que e mayor que o duũ touro
mais brauo coo duũ lyam
mais leal co mesmo mouro.

¶ Ele foy mal justiçado
nam ssendo as obras tã mas
foy pola bolssa tyrado
que e mor dor que por de tras.
trazeys o coraçam douro
trazeys douro o coraçam
que e mayor que o duũ touro
mays brauo co duũ lyam
mais leal co mesmo mouro.

¶ Joam rroiz de ssaa:

¶ Nam aa hy quẽ sse conheça
poys vos vos nam conheçeys
e que vos assy pareça
sabeys quanto me deueys
de volo ver na cabeça
me cayo o meu oos pees:
donde e o vosso tesouro
dahy he o coraçam
o vosso coraçam douro
mays ssanto que o duũ mouro
mais mouro co duũ cristam.

¶ Reposta do conde do vimyoso.
¶ Quem diz come u coraçam
he de metal
anda lonje de sseu mal.

¶ Se me tal quereys que sseja
laurasse com gram fadigua
fundesse de dor ssobeja
sam sseus males ssua ligua
queyra os qualquẽ perssigua
este mal
que o tem dontro metal.
¶ Sua.
¶ Por nam ser falsse ficado
danlhe mil toques mortays
nam me fica dele mays
que o nome e o cuidado.

Se diguo que ssam rroubado
deste mal
nam me ouuem nẽ me val.

¶ Sua ꝛ cabo.

¶ Do que meu coraçam ssente
nam no culpe sse nam eu
poys ssen mal todo he meu
ꝛ meu bem todo aussente.
Quem disto viue contente
ꝛ nam quer al
por que dizem dele mal.

E symã da sil/ueyra a lopo furtado q̃ man dou de castela hyndo ꝫ quaa hũ vilançete aa senhora do/na joana manuel.

¶ Rifam de lopo furtado.

¶ De la tierra donde vine
vy mas bien que pude ser
alhaa me quyero boluer.

¶ Rifam de simão da siluei ra polos consoantes:

¶ Por quey medo q̃ sse fine
homem quisto foy fazer
a castela o ey dyr ver.

Neste rreyno aa tals goardas
que nom passa nem igualha
por muyto que le laa valha
se nõ sam cousas furtadas.
mas as suas aosadas
coo sayr nem oo meter
nom sse podem qua perder.

¶ Com cousa laa tam defesa
nº tendes caa todos mortos
metestes rriso per portos
co que nº nada nam pesa.
Que ´ora moor a despesa
folguara de o fazer
meu senhor por vº hyr ver.

¶ De dõ pedro dalmeida.

Por quespero dyr primeiro
vº descubro este segredo
que tenho jaa feytiçeyro
que a peso de dinheyro
maa laa de por muyto çedo.
E que me custasse hũ dedo
tudo ysto es de hazer
por vº hyr mais çedo ver.

¶ De joam rroiz de saa.

¶ Passaareis grãde perigno
se nom fora esta rrezam
para auer de nos perdam
serdes messageyro amiguo
que nom tendes culpa nam.
Tal vº ysto ꝛ atençam
para vº mais nam fazer
que desejar de vº ver.

¶ Outra suas

mostrastes muy grãde migoa
se vº atentaram nela
em nom leuar a castela
de caa mays que nossa lingoa
ꝛ leuar tam pouco dela.
Nom sinto tam rrija trela
com que me podeessem ter
que vº nam fosse laa ver.

¶ Dom luys de meneses.

¶ Esta fee que vos dais dela
nom na daa ela de vos
mas ssey que vº damos nos
ynfindas graças por ela:
Muytos rremos muyta vela
tudo espero de meter
por mais çedo vº hyr ver.

¶ Do craueyro.

¶ Custumasse em portugual
a dama muyto fermosa
mandarlhe mula de loosa
mas nam cantigua sem ssal.
Nem nas damas nẽ em al
nom deys vosso pareçer
sem vº eu primeyro ver.

E dioguo ômelo da silua estando em alcobaça a ayres telez q̃ staua ẽ almeyrĩ.

¶ Se cahy nesta çerteza
de vº mandar estas trouas
foy por me mandardes nouas
da corte de sua alteza.
Nam tyro fora ninguem
mandayme das que teuerdes
mas goay de quẽ qua nã vem
que nam fica por sseu bem
dizey vos o que quiserdes.

¶ Darvº ey conta de mym
nam me tenhais ẽ maa conta
poys sabeys que tanto mõta
estar qua comem almeyrim
Diguo açerca do medrar
que o vejo laa tam pouco
que deneys de perdoar
a quem tem onde folguar
polo nam terdes por louco.

¶ Traguo jaa dous mil vilaãos
que qua faço cada ora
darem moores oos de fora
que pareçem cortesaãos.
Andam jaa tam enssynados
que mao grado oos do paço
tem me fora mil cuidados
que trouxe desesperados
ysto he o que qua faço.

¶ Tambem ando acupado
com moça que nam sae fora
chamolhas vezes senhora
elas mym meu namorado.

De marca de ter janeela
poesse nela paraa ver
tem hũas agoas de donzela
e eu syntome parecla
sem no sua mãy saber.

¶ Nessas damas laa nã falo
nẽ tam bem nã nas desgabo
mas com estas qua me calo
por que loguo vem oo cabo.
Nam quero dama de laa
quee de ssua openyam
deyxayme coas de quaa
por que nestas senhor haa
vyrem loguo aa concrusam.

¶ Salgũ ora vou aa caça
mando chamar caçadores
outras oras pescadores
tudo haa em alcobaça.
Todos mandam aa vontade
sem andar aa de ninguem
julguay jsto de verdade
de quaa dauer saudade
quem esta vida quaa tem.

¶ Tudo me podeys mandar
hyr de quaa nã mo mandeys
que nam posso nem podeys
bem podeys em al falar.
Nam nego ser grãde gosto
as pousadas dessa terra
mas eu qua tenho meu posto
e sel rrey laa tem agosto
tenho meu caa coa serra

¶ Fym.

¶ Nam posso de quaa partir
por cousas queu mesmo pito
as quaes laa ey desentyr
que agora qua nam synto.
Jsto nam ey de fazer
bem me podeis perdoar
e vassa nam esqueçer
quaueys tam bem descreuer
de quẽ me quaa faz andar.

¶ De dyoguo de melo de sa vyndose dũa dama que trazendo outro seruydor dezya que le era perdido por ela.

¶ Senhora nam me perdi
nem menos mey de perder
e tenho çerto de my
que poys nam marrependy
que nam mey da rrepender.

¶ Nã dygays q̃ me leyxastes
queu fuy o que vᵒ leyxey
e bem sey
que no joguo que jugastes
mays perdestes que gãhastes
e eu fuy o que ganhey.
Ganhey que nã me perdy
por que vᵒ vya perder
e poys nam marrependy
tenho jaa çerto de my
que nam mey dar repender

¶ Outra sua.

¶ Quem quiser cõtẽtamẽto
nam lhe lembrem esperãças
poys vemos que nũ momẽto
se fazem tantas mudanças.

¶ As cousas que daa ventura
ela mesma as desfaz
serem de tam pouca dura
que nenhũa nam segura
gram contentamento traz.
Desfaça o fundamento
quem espera em esperanças
poys vemos tantas mudãças
desuayradas nũ momento.

¶ Outra sua.

¶ Meᵒ olhos quẽ vᵒ mãdaua
oulhar quem vᵒ nam olhaua
e poys vos jsso quisestes
soffrey poys que nã soffrestes
a vyda que vᵒ eu daua.
Nã me podeys dar desculpa
poys quereys quẽ vᵒ nã quer
eu soo tenho esta culpa
em vᵒ dar tanto poder.
Este mal arreçeaua
olhardes quem nam olhaua
ao mal que me fizestes
poys me deu o que me destes
pola vyda que vᵒ daua.

¶ De dioguo de melo vindo da zamor achando sua dama casada.

¶ Bem te conheço ventura
que me quyseste mostrar
o prazer quam pouco dura
quando o queres desuiar
E poys jsto aas de ter
nam te quero agradeçer
algũ bem le mo fizeste
poys a vias de fazer
na fim tudo o que quyseste

¶ Tu quebras as esperanças
e desfazes fundamento
toda es feyta em mudanças
sem deyxar contentamento.
Mas quem ventura conheçe
e seus males lho fereçe
e em seu poder se ve
jsto e muyto mays mereçe
quem por ventura sse cre.

¶ Coraçam se me deyxaras
no tempo que eu quysera
nam tyueras nem teuera
cousas com que me mataras.
Defendes me e nã taque yxas
que nam digua que me deyxas
tantos males sem rrezam
a quem contarey mys queixas
coraçam meu coraçam

¶ Traguo tempo acupado
em me ver de tudo fora
mas triste aquela ora
quando me lembra o passado

lembrame minha verdade
e quam pouca lealdade
a mostrou em sse casar
casada sem piadade
vosso amor maa de matar.

¶ Deste tempo tam mudado
nam me fyca em poder,
mays que hũ triste prazer
se nele tinha passado.
Tenho esperança perdida
do que a tinha seruyda
que jaa nam posso cobrar
direy mal a minha vyda
cada vez que ma lembrar.

¶ Quando me quero lançar
tenhoa na fantesya
e de noyte vou sonhar
coela que lhe dizia.
Poys fyzestes tal mudança
sem terdes de my lembrança
acabayme minha vyda
poys nam tenho esperança
de ja mays ver uos vencyda.

¶ Cabo.

¶ Sempre lhe veja prazer
coma ora que casou
e veja nũca lhe ver
mays que quanto me deyxou.
Poys tam triste me deyxaste
coa vyda que tomaste
em quanto vyda tyueres
rroguo a deos poys q̃ casaste
que chorando desesperes

¶ Vilançete seu

¶ Coraçam de que taqueyxas
se nam achas quem te crea
nam syguas vontadalhea.

¶ Deyxate de tenguanar
nam trabalhes por enganos
que depoys os desenganos
nam tam de poder mudar
Se tu queres escapar
creme tu porque te crea
nam syguas vontadalhea.

De dõ pedro dalmeida aa senhora dona briatiz de vylhana que começaua entam de seruyr.

¶ De quanto mal se mordena
para ter melhor desculpa
olhay antes minha culpa
senhora que minha pena.

¶ E por isso do que faço
e hynda que faça mays
nam quero que me deuais
mais quaas culpas em q̃ jaço.
Leyxo o mal que se mordena
por que tem boa desculpa
mas olhayme minha culpa
em pago de minha pena

¶ Outra sua.

¶ Ha vyda quee mal segura
quem nela tem seu cuydado
anda mays auenturado
sendo longe da ventura

¶ E quem çerto ve e tem
no descansso mao synal
desesperarsse de bem
he menos mal.
Por que mal q̃ muyto dura
sempre daa nouo cuydado
e quem deste he desuiado
este tem melhor ventura.

¶ De dom pedro de sa vindosse de hũa molher de q̃ andaua muyto namorado

¶ O cuydado verdadeyro
que deseja de matar
se alguem quer acabar
acabasse ele primeyro.

¶ E o que mata mays mansso
a vyda melhor segura
poys nã daa em mais descãsso
senhora quem tanto dura.
tomey o mays verdadeyro
quee mays perto de matar
por que quando sacabar
machejaa morto primeyro.

¶ Outra sua aa senhora dona briatiz de vilhana.

¶ Nam abasta sofrimento
quer seja bem empreguado
com daa grande pensamẽto
tam bem ha grande cuydado.

¶ Ja descansso com meu mal
que seja mao de soffrer
percasso que sse perder
queu nam quero mays nẽ al.
Perygoso sofrymento
periguo bem empreguado
poys que daa de mor cuydado
menos arrependimento.

¶ De dõ pedro a hũa senhora que trazia hũ abito de veludo azul escuro por tençam.

¶ Senhora daymum seguro
poys calar custa mays caro
para vos gabar bem craro
o vosso veludo escuro.

¶ Isto nam he nouydade
senhora mas he rrezam
que honde nam ha vontade
o abyto nam faz frade
se o nam faz a tençam.
E hynda mays vos seguro
senhora por falar craro
que no vosso abyto escuro
eu fuy o que comprey caro.

¶ Outra sua a hũa mo
lher que lhe mãdou hũs
penssamẽtos de ferro.

¶ Pẽssamẽtos quãdam fora
como eu por mao synal
por que os trazeys senhora
para penssardes em aal.

¶ Mas os penssamẽtos certos
aque qua chamam cuydados
os que pareçem çerrados
estes andam mays abertos
Quem volos vysse senhora
laa dentro para synal
⁊ nam trazidos de fora
⁊ andar penssando em al.

¶ Vilançete seu a hũa
molher que o queria cõ
tẽtar com enganos.

¶ Enganos bem vos entendo
hy laa dar falsso pazer
a quem vos nam enetender

¶ Se folguey cõ meu engano
foy por ver tam bem o vosso
⁊ desejo mas nam posso
ter prazer com vosso dano.
Que mays val hũ desengano
quando vem com aa desser
quo os enganos de prazer.

¶ Quem conhece vosso mal
nam se çegua nẽ sengana
qua quẽ faz que menos danã
traz hũ dano mais mortal.
Enganos falay em aal
a outrem vos hy vender
queu bem vos ssey entender.

¶ Vilançete seu de louuor.

¶ Hũ ssoo rremedio terya
quem vos vyo para vyuer
⁊ este nam pode sser

¶ Hyndos coutro hy nam haã
aqueste nam quero eu
poys o mor descansso sseu
em nam ver vos soo estaa.
Mylor he o mal que daa
vendouos algũ prazer
que a vyda sem vos ver.

¶ De dom pedro a luys
da sylueyra.

¶ Nam sam eu tã enganado
que me acolhays na mão
asserdes de mym louuado
que louuor q̃ he cuydado
laa o traz outro soãão.
Eu nam vos louuo nẽ gabo
⁊ sabeys por que me deço
he por queu como diabo
bem sey conde nã aa cabo
que nam pode aver começo.

¶ Quereymaquy rresponder
⁊ dizer vossa tençam
que desejo de saber
o rremedio quaa de ter
quem teuer esta payxam.
Nesta pregunta pequena
que a mym assy me mata
se vos vem senhor a vena
nela nam tomareis pena
se nam se for ada pata

¶ A pergunta.

¶ Se teuerdes hũs amores
com algũa mal fadada
secretos com que folgueys
⁊ ouuer competidores
qua çertem a malhoada
que fareys.
Porisso dondaa de vyr
hũ rremedio muyto çerto
a quem cuydado sentyr
que nam se podem cobrir
nem pode ser descuberto.

¶ Reposta de luys da siluei
ra polos consoantes.

¶ Senhor tendo ja lançado
nestas cousas o bastam
fuy por vos rreçuçytado
⁊ muy desasse sseguado
coesta vossa questam.
Na qual me vereys o rrabo
⁊ poys me assy conheço
confessay que vos mereço
em errar muyto mor gabo.

¶ Eu eyuos dobedeçer
isto tendes ja na mãão
⁊ para mais me deuer
sabey que ee com entender
maas rrepostas quã maas são
Vossa pregunta mordena
tanta confusaão ⁊ cata
que dera por joam de mena
ou por dez anos de ssena
atee dez marcos de prata

¶ A rreposta.

¶ Os mais dos descobridores
quando vam dar na çylada
trouns sse como o ouuireis
⁊ fycam com tais tremores
que vos nam empeçem nada
se sabeys.
Vos os podeis destroyr
que vos acham com conçerto
⁊ o quam de presumyr
os haa de fazer fujyr
de vos porem em aperto

¶ De dõ pedro dalmeida
aeste moto que lhe man-
dou hũa senhora.

¶ O que a ventura tolhe
nam ho pode o tempo dar.

¶ Quem no tempo sse fyar
senhora pyor escolhe
por quo qua ventura tolhe
nam ho pode o tempo dar.

¶ E por isso o que e melhor
ysse e o que mais empeçe
por quo mal sempre e mayor
& tudo vem ser pior
a quem ventura faleçe.
Tudo he temporizar
& pois nada nam se escolhe
o que a ventura tolhe
nom ho pode o tempo dar.

¶ Outra sua a hũa mo
lher que estaua muito de
uota hũ dia de çinza.

¶ Nam vos lembre tãto alma
poys nam na tendes perdyda
que vos esqueçais da vyda.

¶ Isto vemos quaa & laa
senhora em qual quer pessoa
nunca ter a alma boa
quando tem a vyda maa.
E poys isto craro estaa
bom he ser arrependida
mas nã ja quesqueça a vida.

¶ De dom pedro a hũa mo/
lher que lhe mandou dizer q̃
o venderã tres vezes em hũa
noyte nũ joguo que elas jo/
gauam.

¶ Quem de noyte me vendeo
sabendo que me vendia
que fizera jaa de dya

¶ E poys ando posto ẽ preço
& vym aa ver esta fym
quero ver ao que deço
ou quẽ daa menos por mym
Que catyueyro rroym
em perdelo ganharia
se me vendessem de dia

¶ De dom pedro estando
doente a hũa senhora
que estaua em huũ seram
de grande festa.

¶ Nam quero ver o prazer
que me traz mays que sentyr
senhoo laa quem o teuer
quonde me nam querem ver
antes o quero ouuyr.
E poys isto mays me val
por me goardar de rreçeos
quero antes ter meu mal
quyr ver prazeres alheos.

¶ Cantigua sua.

¶ Has vezes vem lyberdade
de ver muytas nouidades
& quem tem hũa vontade
faz lhe ter muytas vontades.

¶ A quem dam por despedida
vontades fartas & cheas
tem ha vontade comprida
que quem vyue sem ter vyda
nam quer ver vidas alheas.
Daquy vem ter liberdade
& fazer myl nouidades
que por hũa soo vontade
vem perder muytas võtades

¶ De dom pedro a gar
çia de rresende cõ estas
trouas que lhe mãdou

¶ Nã sey a que me nã ponha
jaa por vos atee morrer
poys por vos obedeçer
vos mostro minha vergonha
Meteyas laa isso a terra,
qua mym justo me pareçe
que braço que tantas erra
tal pena senhor mereçe

De symão da syl/
ueira hãa senho
ra dona joana
de mẽdoça sobre
hũa ave que lhe
lançou dũa janela

¶ E ma vossa aue tomando
lhe senty no coraçam
que vos quer morrer na mam
antes que vyuer voando.

¶ Isto vem de conheçer vos
de que todo mal sordena
huũs se de penã por vernos
& outros vos vem com pena
estaa asse toda matando
queria por saluaçam
hyr morrer na vosse mam
antes que vyuer voando.

¶ Cãtygua de symão da
sylueyra.

¶ Para mym tãto me mõta
ser presente com ausente
tudo vem a hũa conta
porem mal por quem o sente.

¶ Esta conta tenho feyta
& fyzeram ma fazer
com saber
que nada nam aproueyta.
Assy que tanto me monta
ser presente com ausente
tudo vem a hũa conta
porem mal por quẽ no sente

De jorge de rresen/
de estãdo desauin/
dos & querẽdosse tor
nar ha vyr.

¶ Nã posso cõ meu cuydado
nem he minha minha vyda
que ssendo desesperado
he damores tam perdida
que ja ssou dela canssado.
E tam bem minha vontade
que rroubou a lyberdade
he em tudo contra mym
minha fee & ssaudade
nam tem fym

¶ Com que me defenderey
se tantos males me sseguem
que estremo tomarey
poys ja de todo me querem
acabar no que tomey.
E nam tenho coraçám
nem me quer valer rrezão
pera leyxar de sseguyr
aquesta triste tenção
de vº sseruyr

¶ Que pera me defender
dos males que mordenays
trabalhey por vº nam ver
estes dias em os quays
me ouuera de perder.
Que sempre meu be vº vejo
antos olhos com desejo
dacabar naquesta ley
e nela com mal sobejo
veuyrey.

¶ E poys ja nesta firmeza
ey dacabar ssempre vosso
acabe vossa crueza
senhora que ja nam posso
com tanta dor e tristeza.
Olhay se he mereçydo
por viuer assy vençido
e vº ter em tanto preço
ser ante vos esqueçydo
o que padeço

¶ Que sse de vos esta vyda
tam triste fosse lembrada
nam sseria tam perdida
como he nem tam canssada
por vº querer ssem medida.
Que nam seria tam forte
vossa conoyçam que morte
por vº querer mordenasse
e assy daquesta ssorte
macabasse.

¶ Mas o nam terdes lẽbrãça
senhora meu bem de mym
me nam da mays esparança
que de çedo ver a fim
cordenou vossa mudança.
E esta me ssatisfaz
por que me veia em paz
com sospiros e cuydados
e ssoydades que mos faz
ser dobrados.

¶ Que meus males tã creçidos
com morte ssacabaram
e meus contynos gemidos
que sabem do coraçam
entam sseram feneçidos.
E tam bem a maa ventura
que contra mym tanto dura
acabando acabaraa
quereruos quysto procura
leyxarmaa.

¶ Fym.

¶ Poys cõ minha fym serão
de mim tantos males fora
peço vº em concrusam
senhora minha senhora
que madeys por galardam.
E sse jsto me negays
lembrayuos que me causays
mays dor da que ssey dizer
e creça poys que folguays
meu padeçer

¶ Vilançete a hũa molher q̃ sseruia com q̃ lhe ja fora bẽ e ssem nenhũa rrezam o come çou desquiuar e soube como secretamẽte se seruia doutro

¶ Fuy ssenhora descobrir
em meu mal a causa dele
e nela fyquey ssem ele.

¶ Fyquey lyure e descanssado
sem sser triste na lembrança
ja nũca fareys mudança
que me ponha em cuydado
Em meu mal sserey julgado
quem ssouber a causa dele
ser bem que vyua sem ele.

E nam vº descubro mays
por que ssey que mentendeys
e tam bem que conheçeys
se errays ou nam errays
Mas por quẽ me vos trocais
daquy digno tiste dele
poys ja vejo meu mal nele

¶ Fym.

¶ Vos me tinheys prometido
e nam com pouca afeyçam
que em vosso coraçam
nũca seryesqueçydo.
Mas pois ssem sser mereçido
mudastes minha fee nele
assy o fareys a ele.

¶ Cantygua a hũa molher que lhe dysse que nam cu/rasse de asseruir que perde/rya muyto nysso.

¶ Quem pode tanto perder
que mays perdido nã seja
quem vº vyo e sse deseja
lyure de vosso poder.

¶ E neste conheçimento
hynda que faleça amor
o que menos vosso for
tem menos contentamento
e na culpa mayor dor.
Poys que posso eu perder
ysto tudo em mym sobeja
que mays perdydo nã seja
viuendo sem vosso sser.

¶ Outra sua

¶ Desuayradas fantesyas.
sospiros desconçertados
acõpanham meus cuydados
e meus dias
nysto ssoo sam acapados

¶ E a causa donde vem
este desmayro ou mudança

he lembranças de lembrança
que me tem
a vyda posta em balança.
Que nũca leyxam porfyas
descomquistar meus cuidados
com sospiros tam canssados
que meus dias
nam ssam em al acupados.

Outra querẽdosse par
tyr dõde estaua hũa mo-
lher.

Vay se mo tempo cerquãdo
de meu mal senhorear
mynha vyda ate quando
ante vos meu bem tornar.

E nesta lembrança jaa
ssam meus dias tam cãssados
que nam esper o que ssaa
me leyxem vossos cuydados
tornar qua
Que quẽ vyue sospirando
por lha partida lembrar
olhay bem que fora quando
sy vyr de vos apartar.

Trouas suas em hũa
partida.

El dia que me party
dante vos senhora mya
le partio my alegria
donde nũca mas la vy.
E syn elha camynando
vo moriendo poco a poco
com mys ojos lhanteando
gritos dando como loco.

Quãto mas de vos malexo
mas sacrecienta my mal
my dolor es tam mortal
que del beuyr ya maquexo.
Los ojos bueltos a traz
el coraçon me desmaya
por no ver quien amy traya
nuevas que os vio ja mas.

Deseo passar los dias
las noches mas mentristeçen
todas cosas mauorreçem
syno ssegnir mys porfyas.
Las quales me dam por gloria
esta vyda que posseo
syn aver de my deseo
esperança de vytorea.

E assy syn esperança
deuer os desesperado
vo fyrme cõ my cuydado
mas la vyda em balança.
lagrimas del coraçon
syempre salen por mys ojos
mys males ⁊ mys enojos
no tienem comparaçion.

Soledad em tal manera
me causa dolor esquiuo
que mespanto como byuo
com vyda tam lastimera.
Desesperada de ter
descansso nũca en sus dias
por que las congoxas myas
no sse pueden socorrer.

Por q̃ vos de quyen my mal
podia sser socorrido
deseas ver me perdido
com tormento desygoal.
Y por que vuestro deseo
yo deseo de complir
soy contento de seguyr
esta vyda que posseo.

Com cara triste y mortal
y la voz enrroqueçyda
ando com pena creçyda
y creçe pera mas mal.
No syento consolaçion
que me dexe conssolar
ny menos com qua folgar
pueda tam cruel passyon

Descansso de mys enojos
es el mal que mas me aterra
cuyos que me days la guerra
traygo siempre ante mys ojos
Este es el sostimento
de la my penosa vyda
con esto es destroyda
y sse dobra my tormento

Myrad senhora y quyen
tal vyda pueda soffrir
qual sufro por vᵒˢ sseruir
y tiengo todo por bien.
Por que vos soes vyda mya
en quien la my alma adora
y syn vos huna ssoo ora
de vyda no la querya.

Cabo.

Ny quyero destos dolores
otra merçed ny la pydo
syno soo que en oluido
vos nõ pongays mys amores
y sea de vos lembrada
la mucha tristeza mya
pues my fe com alegria
a vos ssoo la tengo dada.

De jorge de rresende.

Pois por vᵒˢ meu mal fordẽs
⁊ meus cuydados ssem fym
nam querays cassy sem mym
acabe naquesta pena.
Valey a tanta payxam
quanta passo toda ora
ou sse nam quereys senhora
tornayme meu coraçam.

Que gram ssem rrezã fareis
amym que tanto vᵒˢ quero
poys vedes que desespero
se me loguo nam valeys
Nam consyntais sser culpada
neste mal que mordenays
que poys vos ssoo mo cãsays
fycays nele condenada.

Olhay se ssereys tachada
poys moyro por vᵒˢ querer
⁊ doyme veruᵒˢ fazer
hũa cousa tam errada.

Que fycando vos seruida
sem culpa de meu penar
folgaria dacabar
por dar fim a tam maa vida.

¶ Assy que ssoo pelo vosso
por tam bem volo mereço
day ja a meu bem começo
poys com tanto mal nã posso
Nã consyntays que sse digua
que fazeys tal ssem rrezam
em querer questa payxam
para sempre me persygua.

¶ Cabo.

¶ E sse tanto desejays
de me ver por vos perdido
com myl payxoēs destroydo
conssento poys que folgays.
Que nam quero mays prazer
de meus males desygoays
que sso saber que ficays
seruida com me perder.

¶ Cantigua sua.

¶ Vyuo ssoo em vos querer
e vos em me destroyr
tudo vos ey de soffrer
senpre vos ey de sseruir

¶ Mas o erro que fazeys
he o que me da payxam
olhay quanto me deueis
nesta soo satisfaçam.
Ja me nam podeys perder
bem me podeys destroyr
que tudo ey de soffrer
sempre vos ey de seruir

¶ Cantigua sua:

¶ Se menos rrezam tiuera
no que sento dacabar
menos tempo me valera
mas ela me vay saluar.

¶ Que de quem me fuy vēçer
he de tal mereçimento
que dobrar meu padeçer
he dobrar contentamento.
E se meu mal nam tyuera
isto pera descanssar
ja de todo me perdera
mas aquy me fuy saluar

¶ Allançete seu.

Meus males se macabardes
que fareys
poys em mym todos viueys

¶ Vos sē mym nã tēdes vyda
e a minha vossa he
poys dizey por vossa fee
que ganhays em sser perdida:
Nam vos ssayays da medida
e fareys
meus males o que deueys.

Repousay pois rrepousastes
em mym passa de tres años
honde sofry tantos danos
quantos me vos ordenastes:
De todo bem ma partastes
que quereys
seçay jaa nã macabeys.

¶ Fym.

¶ Nam huseys tanta crueza
leixay a meus olhos ter
hū ssoo dia de prazer
poys tem tantos de tristeza
Nysto fareys gentyleza
se quereys
e despoys macabareys.

¶ Cantigua a hūa molher q̄ seruya porq̄ lhe pedyo lyçēça pera hūa cousa que era rrezam q̄ fyzesse e ele daua paixam.

¶ Vejo que tendes rrezam
no que me mandays pedir
tam bem minha condiçam
nam no pode consentir.

¶ Mas poys ē mym o leixais
eu vejo bem sse mengano
fazeyo nam mo digays
por que sseja menos dano.
Porem todo daa payxam
nam volo sey encobrir
mas poys vos tendes rrezam
he forçado conssentyr.

¶ Cantigua sua.

¶ Senhora de meu cuydado
nam ssey julguar o que ssento
por que da contentamento
e fazme desesperado.

¶ Desespera mesperar
ver a fim de meu desejo
mas na ora que vos vejo
nam ssey mays que desejar.
Por quē tam he acabado
hū grande contentamento
mas vosso mereçimento
me torna desesperado.

¶ Outra cantigua sua.

¶ Vejo que creçe meu mal
nam vejo rezam por que
mas ssey que vossa merçe
he a causa principal.

¶ Mostrayme como matays
que bem ssey que me matastes
le com ver me condenastes
tam bē nysso me saluays
E poys nisto he igoal
a payxam com a merçe
de que moyro ou por que
decrarayme vos meu mal

¶ Outra cantygua sua.

¶ O triste que mee forçado
de partir donde nam ssey
que faça da passyonado
que farey.

¶ Quē partyr partē de mym
vida descansso prazer
poyrões cuydados querer
mão de sseguyr atee fym.
Que deles nũca apartado
eyde sser ꝛ bem no ssey
mas o partir he forçado
que farey

¶ Cantigua sua.

¶ Quem cõssentio em vᵒ ver
assy mesmo condenou
quem deuernos saparton
nunca mays tera prazer

¶ Nestas ambas me culparã
os olhos com que vᵒ vy
que logo me catiuaram
ꝛ tam bem me cõdenaram
o dia que me party.
Partiose de mym prazer
meu descansso sacabou
o o meu bem quem maparton
de vᵒ ver.

¶ Cantigua sua.

¶ Lenbranças tristes cuydadᵒ
magoam meu coraçam
quando cuydo nos passados
dias que passados ssam.

¶ Que a vyda me custasse
todo outro padeçer
folgaria de sofrer
so passado nam lembrasse
mas por que sejã dobrados
meus males mays do q̃ ssam
cuydo ssẽpre em beẽs passados
que perdy bem sem rrezam.

¶ Grosas suas a estes motos

¶ Doçes esperanças tri-
stes.

¶ Cõ quãto mal sempre vistes
padeçermos coraçam
tomastes por galardam
doçes esperanças tristes.

¶ Que sesperança nã direys
a meus crecidos cuydados
neles culpa nã tyuereys
o quanto mylhor viuereys
se foram desesperados.
Mas cõ quãto sempre vistes
nossas dores ꝛ payxam
tomastes por galardam
doçes esperanças tristes.

¶ Vyda com tanto cuy-
dado.

¶ Poys que ssam desperado
de nũca descansso ter
pera que quero soster
vida com tanto cuydado.

¶ Que lançando bem a cõta
do em que posso parar
sam çerto de macabar
hũ mal que tanto mafronta.
E poys jsto afirmado
ja tenho que aa de sser
pera que quero soster
vyda com tanto cuydado.

¶ Cantigua aqueixando
sse dos sospiros.

¶ Sospiros por q̃ quereys
vyr todos juntos amym
poys perdeys por minha fim
nam ter onde rrepouseys

¶ Leyxayme que ja me leyxa
por vos a vyda prazer
ꝛ meu coraçam ssaqueyxa
de vᵒ nã poder sofrer
eu nam ssey por q̃ queyreys
vir todos juntos amym
poys em me dardes a fym
a vos tam bem a dareys.

¶ Outra sua.

¶ O muerte pues q̃ dolores
me causaste desigoales
com dar fym a mys amores
no dobres vyda a mys males

¶ Con esto me pagarias
los males que me quesyste
ordenar
sy diesses fim amys dias
y querer vyda tam triste
acabar.
Pues maas causado dolores
tan esquyuos y mortales
com dar fym amys amores
no dobres vida amys males.

¶ Trouas estando desa-
uindo.

¶ Onde nam vale rrezam
que a proueytam querelas
mas se sam do coraçam
quē ssa de calar co elas.
Ja nam posso mays soffrer
tudo ey de prouycar
poys me quisestes perder
eu nam me posso ganhar

¶ E poys desta esperança
ja estou desesperado
nam pode vyr mal andança
que me de mayor cuydado.
de que ey dauer temor
vsay toda crueldade
poys com tanto desamor
falsastes fee e ver ꝛc.

¶ Del que de vos me vengy
ꝛ por vosso me quisestes
sempre ja mays vᵒ serny
no rrysco que me posestes.

E por bẽ nẽ mal que vysse
nunca disso m'apartey
nem por cousas que ouuisse
mudança nũca cuydey.

¶ E assy com tal firmeza
passaua por vº querer
tanta dor tanta tristeza
que cuidey de me perder
E vos por mayor vitoria
auerdes ⁊ sserdes leda
achegastes maamor groria
por me dardes mayor queda.

¶ E na ora que me vistes
mais contente ⁊ namorado
sem mais tardar me feristes
no que ssam mais magoado.
Acabastes meu prazer
trocastes contentamento
em dobrado padecer
⁊ a vida em tormento.

¶ Cabo

¶ Assy viuo ssem ter vida
⁊ moyro ssem acabar
por sserdes desconhecida
quys assy desabafar.
Mas bẽ ssey quee por demais
⁊ aquy quero dar fim
poys vos mesma me julgays
que soys ymigua de mym.

¶ Cantigua.

¶ Acabastes minha vida
mas bem ssey que nam sereys
de nenhũa tam seruida
pois querida
ja nunca tal cobrareys

¶ Se vinguança desejara
este fora gram conforto
o quem tanto nam amara
por que nisso descanssara
mas doyme despois ẽ morto.

Que com verdade querida
senhora nunca ssereis
⁊ ssereis mais rrequerida
que sseruida
⁊ por mym sospirareys.

¶ Esparça a hũũa
molher que sseruia
⁊ se casou.

¶ Os meus dias sacabaram
por que estes ja nam ssam
o prazer vida passaram
de todo sse me quebraram
as cordas do coraçam.
O olhos canssados tristes
que tantos males ja vistes
choray tam grande mudança
⁊ vos falsa esperança
leixeme pois vº partistes
de todo vossa lembrança.

¶ Outra esparça.

¶ Quem me poderaa valer
pois eu nam posso sentir
o que mais ssão me sseria
ja faleceo meu prazer
⁊ eu quys nisso conssentyr
crendo que acabaria.
Mas com quãto mal padeço
nam posso triste acabar
por que ssey
senhora que nam mereço
de me ver assy tratar
que farey.

¶ Outra esparça em
que estaa o nome dũa
senhora nas primey/
ras letras de cada rre
gra.

¶ De vos senhora ⁊ de mym
ousarey de m'aqueixar
nos males que nam tem fim

antes vam ou gualarim
jurando de m'acabar.
lastimado com rrezam
amores bem me fizeram
rresestir minha paixam
inteyra satisfaçam
aa mester pois me prenderã.

¶ Outra esparça.

¶ Cuidado quem te pudesse
de ssy hũ ora apartar
⁊ que mais bem nã tiuesse
era muyto nam cuydar.
que tu es destroiçam
do coraçam namorado
⁊ teẽs esta condiçam
que es a gualardoado
como que nom das paixam.

¶ Outra esparça nã podẽ-
do ver sua dama buscando
todº os rremedios pa ysso.

¶ A groçea de conheçer vº
nam ma pode ja neguar
meu mal que seja dobrado
mas rrezam conssente veruos
ventura nã daa luguar
⁊ moyro desesperado.
Que a vida ssem vº ver
nam he vida nem viuer
nem se deue chamar vida
nẽ sem vº nam pode sser
que leixe de sser perdida.

¶ Outra esparça.

¶ A du alhare prazer
o males males leraome
synõ lo quereys azer
acabad y acabad me.
Que my vida se destruye
synalhar consolacion
en lo que ssyente
todo descansso me huye
duro es el coraçon
que tal soffrir me conssiente.

¶ Vilãçete por q̃ despois de casada sua dama o con fortaua huũa amygua di zendo que aynda deuia ð ter esperança.

¶ Quem em vida macabou
nam deue ninguem de crer
que morro maa de valer.

¶ A cousa questaa incerta
bem se pode duuidar
mas aquesta he tam çerta
que sse nam deue cuydar.
Pera mais males me dar
vontade sse deue crer
mas nã pera me valer.

¶ Quesperança tã perdida
he aque vem nesta parte
pois oja he minha vida
aousadas quanto farte.
E quem acabou destarte
ssem lho nunca mereçer
como lha de ssocorrer.

¶ Cabo.

¶ Nam tenho mays çerto bẽ
que buscar a sepoltura
nem espere ja ninguem
de me ver outra ventura.
Que meus males nã tẽ cura
nam diguo pola nam ter
mas por mingoa de querer.

¶ Cantigua.

¶ Quebrastes mynhesperãça
falsastes vossa verdade
e pusestes em balança
mudarsse minha vontade
e querer tomar vinguança.

¶ Mas nã conssente meu bẽ
que vᵒˢ troque mal por mal
soffrer vᵒˢ ey como quem
ja nam pode fazer al
nem outro rremedeo tem.
Porẽ morro na lembrança
do desterro da vontade
chorarey vossa mudança
viuerey em ssaudade
fora de todesperança.

¶ Outra cantigua.

¶ Minha vida ssam tristezas
meu descansso he sospirar
vossas obras sam cruezas
que juram de macabar.

¶ A passar esta paixam
ja estou offereçido
mas nam no ter mereçido
me magoa o coraçam.
Assy viuo em tristezas
meu descansso he sospirar
e vos com vossas cruezas
conssentys em macabar.

¶ Cantigua.

¶ Senhora pois me matays
por vᵒˢ dar meu coraçam
peço vos que me digays
de que maneira tratays
aos que vossos nam ssam.

¶ E quiça que nesta conta
leuarey contentamento
se vyr que tanto me monta
na pagua de meu tormento.
E se vos a todos days
tam crua satisffaçam
peçouos que me digays
que tormentos enuentays
aos que vossos nam ssam.

¶ Esparça.

¶ Que triste vida me days
que cuidado tam creçido
que penas tam desygoays
sem volo ter mereçido.
a vey ora piadade
pois que minha liberdade
estaa em vosso poder
nam folgueys de me perder
que fazeys gram crueldade.

¶ Outra esparça.

¶ Nam tenho ja esperança
meu prazer perdido he
e com toda mal andança
nam poode fazer mudança
da dorar vᵒˢ minha fee.
E vos que esta firmeza
vedes e minha tristeza
quereys meus males dobrar
ja deuia de quebrar
senhora tanta crueza.

¶ Vilãçete ð jorge ð rresende

¶ Que sse perca minha vida
no que desejo cobrar
mais sse deue auenturar.

¶ Sogyguey meu coraçam
a cousa de tanto preço
qua hyrida lhe nam mereço
darme tal satisffaçam.
Em tam justa perdiçam
quisera por me saluar
mil vidas qua venturar.

¶ Outro vilançete seu.

¶ Poys tanta parte vᵒˢ cabe
da perda de mynha vida
nam conssintays ser perdida.

¶ Vos perdeis em sse perder
o poder dela e de mym
eu nam perco mais em fym
que leyxar de padeçer.
Querey jsto conheçer
pois he vossa minha vida
nã conssintays ser perdida.

¶ Outro vilançete.

Pois meu bẽ tã verdadeyro
ante vos tam pouco val
a vida sera meu mal.

Seram cheos de tristeza
os dias que viuerey
sacabar acabarey
de sentyr vossa crueza.
Fara fim minha firmeza
poys ela me tem ja tal
que viuer ey por moor mal.

Outro vilançete seu.

Esta door ma dacabar
meus olhos se assy he
que em vos aa pouca fe.

Mas rrezã nã me conssente
poder me nisso a firmar
que quẽ he tam eycelente
nam aa tam craro derrarẽ
nisto me vou confortar
vos meu bem oulhay q̃ he
grande erro nam ter fe.

Cantigua sua.

Nam pode meu coraçam
libertasse de catiuo
porque e grande affogeyçam
em que viue ⁊ em que viuo.

Que salgũa liberdade
em mym ⁊ nele tyuera
que moor vitoria quisera
que fazer vos a vontade.
Mas he tal affogeyçam
de vᵒ querer em que viuo
que nam pode o coraçam
libertarsse de catiuo.

Vilãçete desa vindosse de hũa molher que seruia.

Vos me quisestes perder
eu ssenhora me guanhey
poys de vosso me liurey.

Eu cõprey quãto abastasse
como quem vᵒ muyto amaua
vos quisestes que cuidasse
quanto contra mym erraua.
Com tudo nam me pesaua
mas agora ca cordey
conheço que me ssaluey.

Outro vilançete.

Por mays mal q̃ me façays
nunca mudar me fareys
ate que nam macabeys

Minha fee mynha firmeza
em vosso poder estaa
soffrerey minha tristeza
poys vossa merçe ma daa.
E meu bem nunca faraa
mudança nem na vereys
ate q̃ nam macabeys.

Pergunta sua.

Pois ẽ vos senhor se acha
toda duuida que temos
nos amores descuberta.
Nã vᵒ perguntar he tacha
por vermᵒ do que queremos
a carreyra sser aberta.
E porq̃ em meu cuydado
sento muyta toruaçam
em cuydar naqueste caso.
Seja por vos decrarado
pois que vossa descricam
faz o asparo sser rraso.

Desssenhor o que perguñto
q̃de vos quero ssaber
por descanssar meu ssentido.
Qual he cousa q̃ traz junto
com pesar door gram prazer
sendo damores ferido.
Porq̃ ysto ma conteçe
sem ssaber donde me vem
mas ssey q̃ naçe damores.
E pois em meu saber faleçe
socorrer ma vos comvem
q̃ ssoes primor dos primores.

Grosa sua a este moto.

Secreto dolor de my.

Yo gane por os myrar
mys dias puestos em fim
las noches mal ssospirar
y nunca puedo quitar
secreto dolor de my.

Hũa passion q̃ no diguo
aflige my vida triste
guerreo ssyempre comiguo
y la ventura que syguo
em mal y mas mal conssyste.
Todo me causa pesar
plazer ya lo despedy
my descansso es sospirar
y no se puede quitar
secreto dolor de my.

Grosa sua a este moto.

Meus olhos a minha vida
sam contrayros.

Querer vᵒ tam sem medida
me faz viuer em desuayros
rrezam da fee he vencida
meus olhos a minha vida
sam contrayros.

Sã cõtrairᵒ poys forçarão
minha vida a vᵒ querer
com tal fee que catiuarão
meus sentidos ⁊ caussarão
nam sser vida meu viuer.
A moor rrezam fee creçida
sempre me põe em desuayros
minha door he sem medida
meus olhos a minha vida
sam contrayros.

Cantigua sua.

¶ Lẽbrayuos meu bẽ de mym
por que ssoo em vossa mão
estaa minha saluação
e minha fym.

¶ Se de vos nã for lẽbrado
que rremedio posso ter
quereyme meu bem valer
nam moria desesperado.
Que ssem vos nã aa em mym
se nam toda perdiçã
e tomar por ssaluaçã
ver minha fim.

¶ Outra cãtigua sua.

¶ Pois vivo desesperado
bem sseria
que me leyxasseys hũ dia
meu cuidado.

¶ Gualardam nã no espero
nem aa em meu mal mais bẽ
que ssoo querer por que quero
mais q̃ nunca quis ninguẽ.
Porem ssam desesperado
dalegria
leixayme ja hũ sso dia
meu cuidado.

¶ Outra sua:

¶ Meꝰ olhos quãdo partystes
me fizestes conheçer
cuidados lẽbranças tristes
sospiros e padeçer.

Todo prazer me rroubastes
nam ssey quando vꝰ verey
nam quando descanssarey
desejos que me leyxastes.
Fezestes meus dias tristes
dobrastes meu padeçer
meus olhos poys q̃ partistes
nam me queirays esqueçer.

¶ Cantigua a huũa amigua de q̃ muyto confiaua e ssoube que o vẽdia e falaua por outro.

¶ Eu cuydey que me ssaluaua
e fuy ssenhora ssaber
que dũ arte menguanaua
que me lançaua a perder.

¶ Atentay nisto que diguo
e nam queirays q̃ mais digua
que quẽ he tã grande amyguo
deuera de ter amigua.
Nam creays que descuydaua
pois que tudo fuy ssaber
e de quem mais confiança
achey querer me vender.

¶ Cãtigua finandosse huũa molher que sseruia.

¶ Mys ojos pues ya poistes
esperança de tener
algũ descansso
vuestros dias seran tristes
y vuestro gram padeçer
nunca mansso.

¶ Beuireys muy lastimados
deseosos dalgũ dia
poder ver
com quien ereys conssolados
quien vuestra passion azia
menor sser.
Desdichados ojos tristes
pues que no podeys tener
ningũ descansso
lhorad el bien que perdistes
que ya vuestro padeçer
no vereys mansso.

De joam da sylueira a pero moniz e a dom garçia dalboquerq̃ quãdo forã com dom joam de sousa a castela que foy por embaixador: do que lhe auia da cõteçer ende rençadas aas damas.

¶ Senhoras.

¶ De dous quã dacompãhar
dom joam atee castela
quero eu adeuinhar
o modo que am de leuar
atee se tornarem dela.
E confyo em seu saber
que se nam escandalizem
posto q̃ lhe profetizem
a maneira que am de ter.

¶ Eles ja polo caminho
am dyr ambos sempre ssoos
e na quisto vereys vos
ca de sser o ca deuinho:
Hũ deles pareçer lhaa
que leyra feito alyçerçe
e o outro sospiraraa
por que as vezes cuidaraa
que quẽ nam pareçe esqueçe.

¶ Sã gentys homẽs q̃ farte
brandos de conuerssaçam
sam dous amiguos dũa arte
galantes quẽ qualquer parte
que estiuerem valeram.
Nam se podem enfadar
pessoas tam conçertadas
mas antes pera falar
folguaram de caminhar
mais jornadas.

¶ Am destar muyto frautados
aa mesa quando çearem
e se algũs a perfyarem
am destar eles dobrados.

E com ssospiro calado
dira hũ per ante alguem
por decos estes estam bem
fora de nosso cuidado.

¶ O outro mais cortesão
eu apostarey que colha
hũ rramo seco sem folha
que leue sempre na mão.
am tam bem de caminhar
Algum ora sem se ver
por quas vezes hũ cuidar
val mais que quanto falar
num caminho pode sser.

¶ Se andarem por luar
por ssy esta adeuinhado
cada hũ ssa dapartar
e em tam o contemprar
perdey cuidado
E na primeyra jornada
aa hũ de dizer assy
quem ja estiuesse aqui
da tornada.

¶ E se laa os conuidarem
aa primeyra rrogar ssam
o que vyrem andaram
muyto cheos de notarem.
Pareçerlham grandes anos
todolos dias passados
far ssam muyto namorados
per geytos a castelhanos.

Ambos soos polo caminho
hyram assy ssaudosos
apartados do sobrinho
por hyr mays sustançiosos.
Yram assy cordiays
as vezes a tuar ssam
am de leuar presunçam
de rrepresentarem mays
que dom joam.

¶ Leuam motos rresponsos
pedidos peraa despesa
trabalharam por empresa
mas nam ande sser ouuidos.

D queste tempo fizeram
am que fica em balança
e tam bem ssey que disseram
o duuidosa lembrança.

¶ A hũ deles am douuyr
el secrero es descuberto
oo que rresponder tam çerto
e nom sse pode encobrir
e sorrir.
Se quereys que mays alcançe
nõ digays muyto sestendem
mais am de cantar rromance
em que cuidem que sentendẽ.

¶ Troua por parte deles.

¶ Dizey tudo o que puderdes
quem fim eles partiram
e systo por mal ouuerdes
rride vos quanto quiserdes
que eles ssabem como vam.
Nã sse pode grosar hyda
em dias tantos sem festa
que ssoo polo de tal vida
antes nunca vy partida
a proposito mais que esta.

¶ Vilançete de joam da silueyra.

¶ Nã synto o que me fazeys
se nam o mays
que ssey que me desejays.

¶ Os trabalhos cy por bem
que sejam camanhos ssam
queu nam chamo mal se nam
aa verdade com que vem.
Nem deles nam me deueys
se nam o mays
que ssey que me desejays.

¶ Que nisto cassy me trata
a que nada me nam val
o que vejo faz me mal
mas o que mtendo me mata.

Porq̃ com quanto fazeys
co que mostrays
o que fica me doy mais.

De dom rrodriguo lobo a huũ desenguano quẽ lhe dauam.

¶ Querem me desenguanar
que farey desenguanado
descansso fora cuydar
sy nam ouuera cuidado.

¶ Grãde tẽpo grãde ẽguano
trouxe eu mesmo comiguo
leuoumo hũ desenguano
fiquey eu ssoo no periguo.
Todo o tempo de folguar
para mym he escusado
canssado ssou de cuidar
da parte do meu cuidado.

¶ Outra cantigua sua.

¶ Hũ nouo mal que me veo
donde o bem esperey
me tem assy que nam ssey
que desejo ou que rreçeo.

Por seguir hũs vãos ẽganos
me leixey mesmo a mym
com tudo me desauim
conçerteyme cõ meus danos
Mas pois q̃ meu fiz alheo
de quem me nam goardarey
e que fim esperarey
dantre desejo e rreçeo.

Daluaro frr̃z dalmeida a hũ fũdamẽto.

¶ Quando faço fundamento
daquilo que mays ma praz
a fortuna me desfaz
tudo em castelos de vento.

Quisto assy sseja ordenado
ja me nam podem tyrar
morrer bem auenturado
pois meles am dacabar.

¶ Assy passo esta vida
julguay que jando seraa
poys o mor bem que nelaa
he lembrar me como estaa
para tudo offereçida.
Minha dor tam esqueçida
oo minha fim z começo
quem vº visse conheçida
de quẽ eu tam bem conheço.

¶ Cabo.

¶ Os desastres quẽ lhes deu
ssobre mym tanto poder
ou como podisto sser
pois a vos ssoo me dey eu.
Nã me de os mais vitoria
poys o mal assi malcança
se nam perder a memoria
quando perde lesperança.

¶ Esparça sua.

¶ Pois os males quãtº ssam
nã mudã meus fundamentos
mal podem outros tormẽtos
enlhcar minha tençam.
E poys ysto esta assentado
medido por este peso
oo cuidado mal despeso
oo mal despeso cuidado.

¶ Outras daluaro frz dal meyda a hũa molher q̃ falaua nele mal.

¶ Se podesseys ter maneira
de mudar a sseruentia
gram proueyto vº faria
senhora quanto a primeyra.
E por mais craro o dizer
fee de vosa boca tanto
que mespanto
como vº podem soffrer.

Por ysso de meu consselho
vos deueleys descusar
de todo ponto o falar
se nã for por hũ juelho.
E seja loguo çerrada
a boca de ssobre mao
de feyçam
que dela nam ssaya nada.

¶ As genginas z os dentes
nũca os tays vy a ninguem
vos pareçeys me tam bem
como tende los parentes.
em tudo ssoys acabada
jam cotrim
porem vos falays em mym
coma molher magoada.

¶ Se bem ou mal pareçeys
que vº posso eu fazer
pere deuereys de sser
poys pola boca morreys.
Nunca ysto confessey
mas eu dela me finara
se de vos nam ma rredara
assy como ma rredey.

¶ Fym.

¶ As trouas ssam acabadas
por que as quero acabar
malas magoas oluidadas
malas vº ssam doluidar.
Leyxay cada hũ viuer
day odemo tam ma manha
queu nam posso mays dizer
por que tenho que fazer
na gram bretanha.

¶ Cantigua daluaro frz dalmeyda.

¶ A pressões de cada dia
que as eu possa soffrer
elas dam bem que fazer
aa fantesya.

¶ Por que sse cuido que vou
no meyo de minhas dores
vejo quem mas ordenou
sem culpa doutras mayores
em questou.
Roguo a virgem maria
que me nam queyra valer
se traguo na fantesya
cousa que possa entender.

¶ Outra sua a hũa senhora que tynha hũs synays no rrosto.

¶ Meus olhos vyrã synaes
começando meus amores
senhora que nam creaes
que podiam sser piores.

¶ Mas eu nã quis tomar deles
se nam enguano dobrado
sendo çerto que por eles
fora bem desenguanado.
Mas pois vos assy leyxays
quem vº deu tantos amores
nam menguanarey jamays
mas cuidarey que ssinays
sam proficyas mayores.

¶ Outra sua.

¶ Eu vya sempre creçer
de contino este cuidado
quando tynha mais prazer
me sentya mais canssado.
pois nam cryestes synays
nem outros que vy peores
bem mereçem meus amores
o descansso que lhe days.

¶ Cantigua sua.

¶ Muyto mais mal mereçera
do que passo cada dia
se me por vos nam perdera
pois que vº ja conheçida.

¶ E neste conheçimento
vejo o bem que me ds fez
poys que naçy hũa vez
para morrer por vos çento.
Se eu jsto nam quisera
bem vejo que mereçia
perder mil almas nũ dia
so corpo tantas tiuera.

¶ Cãtigua daluaro frrz dalmeyda sobre hũ caso de que ele nam dauacon ta a ninguem.

¶ Ja dera gritos hũ mudo
comeo dũa paixam
queu tenho mas soffro tudo
por consseruar a tençam

¶ Soffro muyta dor secreta
do que he ꝛ a de sser
sendo a causa manifesta
he em mym tam encuberta
cando pera enssandeçer.
A meus males nam lha cudo
por que quer meu coraçam
que lhe consserue a tençam
ꝛ que leyxe perder tudo.

¶ Sua ao mesmo caso.

¶ Tãtos males tem meu mal
que sse nam podem dizer
ꝛ tam mãos sam de calar
como sse podem soffrer.

¶ O tempo vaysse passando
ꝛ faleçe o soffrimento
meus olhos vam amostrãdo
os ssinays do penssamento.
Carecido he este mal
de descansso ꝛ de prazer
pois nam posso mais dizer
tendo tanto que falar.

¶ Outra sua aeste mesmo caso.

¶ Que ma proueita ssaber
o que me pode matar
pois se nam pode escusar
o ca de sser.

¶ As cousas ssam lemitadas
ꝛ fados de cada hum
vidas mal auenturadas
hũas por outras mudadas
muytos cuidados por hum.
Trabalhey por alcançar
ysto que vym a ssaber
para me desenguanar
ꝛ acabey de conheçer
que pois auia de sser
nam sse podia escusar.

¶ Daluaro frrz dalmeyda a hũa dama gorda: como louuor.

¶ Lenays donas ꝛ donzelas
todo mundo preçedeys
no sserão ꝛ nas janelas
odre quer que pareçeys.

¶ E mays soys bem desuiada
das damas ca guora ssam
por que ssois muy carreguada
que e ssynal de presunçam.
Loguo pareçeys antrelas
daqueles a que rreçendeys
nas pousadas nas janelas
odre quer que pareçeys.

¶ Outras suas aeste vilançete que dyz.

¶ Tango vº yo my pandero
tango vº y pensso en al.

¶ Sy tu pandero supiesses
my dolor y lo sentiesses
el ssonido que hiziesses
sseria lhorar my mal.

¶ Quãdo tãbo este estromẽto
es com fuerça de tormento
por questa nel penssamento
la memoria deste mal.

¶ Y sy pensso en my dolor
hazese mucho mayor
no se qual es lo mejor
ny se como suffro tal.

¶ Em my coraçon senhores
son continos los dolores
los cantares son cramores
de quel jesto daa senhal.

¶ Y la causa destenguanho
ha mas que dura dũ anho
no oso dezyr my danho
por que no muera su mal.

¶ Cabo.

¶ Desta pena es la groria
assentalha enla memoria
por questa es la vitoria
del triste que quiso tal.

¶ Cantigua daluaro frrz dalmeyda.

¶ Para me poder valer
tyro do cando cuidando
co qua de ser aa de sser
para quee andar canssando.

¶ E mais ssey que tãto mõta,
verdade como enguano
por quem guano ꝛ dẽsenguano
tudo vem a hũa conta.
Quando as cousas am de sser
nã ha hy hyrlha talhando
por quee mao de desfazer
o que o tempo vay fundando.

De joam gomez da breu a dõ duarte d meneses estãdo cõ el rrey nosso señor ẽ aragã ẽ q̃ lhe daa nouas de lixboa.

¶ Adeu senhor por vº paguar
os em ssynos que me days
nouas vº quero mandar
com quee çerto que folguays.
Temº qua muy gétys damas
e muy bem acompanhadas
e vos la paguays as camas
e pousadas.

¶ Nã prometē caa pācadas
as damas por lhes falar
mas dā dores muy dobradas
a qué nam sse quer calar.
Dam dinheyro por ouuyr
as vezes toda pessoa
andam gordas ja de rryr
nesta lixboa.

¶ Ja nã tomã qua espadas
em as calhes desonestas
mas muy açerca das frestas
das nossas damas prezadas.
Com bisarma bras correa
quer o paço vyr rroldar
boós fidalguos aa cadea
quer leuar.

¶ Quē nam tē rroçim ligeiro
mais que quantos aa em fez
nam a goarde no terreyro
que sse dem as oras dez.
Andam loguo beleguyns
pola costa passeando
se vº acham hy falando
eys vº hys.

¶ A senhora que casaua
ela a nosso pareçer
estaa disso escusada
segundo ouuy dizer.
hũ dos quatro do conselho
a rrequere para ssy
rrissé mays do conde velho
que de my.

¶ Prima vossa sseruidores
acha mays do caa mester
fazlhe tam poucos fauores
que nam ha hy que screuer.
ouue palauras coutinhas
algum ora por des dem
e com nouas mao synhas
folgua bem.

¶ Cordelo vejo andar
sempre tam triste com eu
dizendo qaa de casar
com hũ dabreu.
culpariés vos miranda
hyr buscar vida viçosa
se ssoubesseys como anda
tam fermosa.

¶ Em anrriquez guyomar
vº nã falo ao presente
por quē estando ela doente
me quisera desonrrar.
diz que disse dela mal
estaa de mym descontente
e sser disso ynoçente
nam me val.

¶ Prima vossa tem cuidado
de gualantes assentar
tem me ja desenguanado
de no conto nam entrar.
E em parte ha gram prazer
sahyr eu mal despachado
por yrmão aqui trazer
escusado.

¶ O noronha do rruam
he da ssilua namorado
a candea daragam
foy por ela apodado.
E chamou caa rrespondinos
dos guantes e aqui stam
faz mandar em desatinos
sem rrezam.

¶ Tem que passa dos oytenta
seruidor nesta çidade
e tem outros de corenta
na verdade.
Tynoco anda escondido
quer com musycas vençela
he de boubas mais perdido
que por ela.

¶ Estaa cō castro dō rrodrigo
muy açerca de casar
sancho quer sser sseu amiguo
nã quer ja ninguem matar.
Atee quy esteuem çerrado
fez manguas de chamalote
presumimos co pelote
he frisado.

¶ Trouxaquy o sseu pecado
hũ domingo joam falcam
vylhe loguo o coraçam
hyr de todo trastornado:
Pergũteylhe que buscays
nam vº lembra o mal passado
rrespondeome ssam ssinays
de namorado.

¶ Se visseys a trauessar
aas janelas o coutinho
e com damas praticar
em ralhadas de rouçinho.
Folguaryés de o ver
de partir cũa senhora
nam quisesseys mais viuer
hũa soo ora.

¶ He por melo tam ssandeu
vosso amiguo o de toar
que me pesa polo sseu
de o ver assy penar.
He dela pior tratado
do que çerto lhe mereçe
cada vez mais namorado
me pareçe.

¶ Seria muyta cultura
pera toda esta ssomana
contar vº da fermosura
da ssenhora dona joana.
Sabey certo que meneses
todas juntas quantas ssam
matam quantos portugueses
qua estam.

¶ Donque tem gauiães
dama nenhũa nã mata
tem galantes bastiães
e nam de prata
Em sayousse no terreyro
antas janelas da jfante
fez do seu paje fonueyro
ja galante.

¶ Do senhor q̃ qua rrepousa.
no bayrro por escolar
nã aa hy que diser cousa
que sseja pera contar.
Seu sam payo seruidor
traz muy loura cabeleyra
anda caa no saluador
com hũa freyra

¶ Fylhos dous penamacor
da condessa de liçeyra
o pequeno quee mayor
tem maçedo por terçeyra.
Andam ambos derredor
seus amores mal dizendo
o que he comendador
rremetendo.

Aa tam bem damas lyngelas
questá sempre a passar
no eyrado e nas janelas
pola seesta as vy estar.
Creçe a erua derredor
andam hy bestas paçendo
a contaru⁹ mays senhor
nam em tẽdo.

¶ O ssousynha em a rrefem
se vestio de louçaynha
de gangorra e bedem
foy aassala da rraynha.
Serue mal sua donzela
vaylhe bem come rrezam
assentousse ja com ela
no sserão.

¶ Fym.

¶ Sam dabreu gomez joam
que com muy grande mesura
me conheço sser feytura
mestre meu de vossa mão.
Encomendas os jrmãos
daylhe minhas por nobreza
e beyjay por mym as mañaos
a sualteza

¶ Cantigua de francisco dalmada.

¶ O gozo de my alegria
quieres que n⁹ despidamos
que la des ventura mya
manda que no nos veamos
em quantos dias byuamos

¶ Pues a fraco tu deseo
a vn que graue tessea
que la coyta em que me veo
manda que nũca te vea.
Dela gloria que solia
conuiene que n⁹ partamos
que la desuentura mya
manda que no nos veamos.
em quantos dias byuamos.

De francysco lopez pereyra a hũa molher que seruya.

¶ O vosso amor q̃ ma queyra
anda em voltas comyguo
fogeme quando o ssyguo
se lhe fujo nã me leyxa.
Nam me leyxa sossegnar
quãdo o creio em tã me negua
no bem q̃ faz sse me entregua
pera ma vyda tyrar.

¶ Onde estou aly nam ssam
e ssam donde nam estou
por muy longe que me vou
fyca com meu coraçam
naquilo que mays me praz
sento loguo desprazer
sem poder triste saber
meu descansso em que jaz

¶ Traz me assy enganado
que nam ssey o que desejo
matame sse v⁹ nam vejo
vendo v⁹ falo dobrado.
Fazme tanto mal em ssoma
que nam ssey onde me vaa
se malgũa groria daa
nesse momento ma toma.

¶ Tam bẽ mãda q̃ nã goarde
as cousas que me defende
aquelas em que mofende
que as nam fale nem brade
Compreme ver e soffrelo
calarme nam lhe falar
por q̃ mays quero paguar
com jsto que mereçelo.

¶ Enaquesta deferença
donde v⁹ ssou tam conforme
cu nam ssey a quem me tornej
nem que busque com q̃ o vẽça
Se nã a vos minha senhora
que tendes tanto poder
que me podestes fazer
delyure vosso nũa ora

¶ Fym.

¶ E poys vosso amor he
o que me causa este dano
nam queyrays q̃ deste engano
se magoe minha fe.
Mas pois que a mal tamãho
rresystyr com al nam posso
mandaylhe que como a vosso
me trate nã com a estranho.

¶ Cantigua sua.

¶ Vã sseguindo seus estremos
meus males cada vez mays
e vejo que v⁹ lembrays
cada vez ja de mym menos.

Seo fazeys com rrezam
nam moucays nũca desculpa
e sse vᵒ nam tenho culpa
do ya vᵒ minha payxam.
Nã queyrays q̃ ssyga estre mᵒ
que mostrem que me matays
que com a vyda que me days
nam no posso fazer menos

Esparça sua.

Dizeynos que mereçemos
senhoras poys nos matays
que sse nysso culpa temos
he bem q̃ nos vᵒ vynguemos
de nos em que vᵒ vingays
E sse nam ssomos culpados
queyram vossas fremosuras
por nᵒ nã ver acabados
que mingoem nossos cuidadᵒ
e creçam nossas venturas.

Cantigua sua.

Senhora en vᵒ mereço
desconheçerdes massy
que tam bem desque vᵒ vy
mesmo eu me desconheço.

Aquisto nã vᵒ desculpa
mas poys ventura ordena
ser eu ssoo naquesta pena
minha sseja todaa culpa.
Queroa que eu amereço
e nam quero mays de my
que lembrarme que vᵒ vy
pera quanto mal padeço.

Esparça sua.

Ja muytos dias pudemos
sem nos ouuirdes vyuer
mas hũ dia ssem vᵒ ver
senhoras nos nã sabemos
como sse possa soffrer.
Pedimos que nᵒ queyrays
dar olhos com que vejamos
e vydas com q̃ possamos
sofrela que desejas
poys pera mays
nam quereys q̃ as queyramos

Cantigua sua.

Nã façays quanto podeys
por que pera me matar
senhora pode abastar
menos do que me fazeys.

Mostresse vosso poder
a quem dele inda dovida
q̃ amym nam me fyca vyda
pera oja desconheçer.
E sse com tudo quereys
senhora que em mym sse veja
dayme vyda em quysto sseja
e crerssaa quanto podeys.

Trouas suas.

Desque entrey nesta pousada
vy cos olhos a fygura
da ssem rremedio çylada
que me tinha a quy armada
minha boa ou maa ventura.
Vy gentes postas em guerra
vy çidades ssem abriguo
vy çerco de mar e terra
mas ja agora ssey que era
pressagyo del rrey rrodriguo.

A lyberdade he perdida
por terra todo sseu muro
e vejo comstytuyda
oo corpo mal de por vyda
e aalma pena de juro
mas poys foram destinados
meus dias para esta pena
syguanssos curssos fadados
cumpranse nestes cuydados
os que tem quẽ mos ordena

Cabo.

O amor pois me comprẽde
a força de teu poder
em meu rremedio entende
nam queyras que quẽ mofẽde
te possa desconheçer.
Açende em framas vyuas
de furor ssuas entranhas
com dores mortays esquyuas
por que ssenta aque mobrigas
nestas que eu sofro tamanhas.

Cantigua sua.

Veo ya como puede sser
vyuyr yo que ssy vᵒ veo
my vyda veo perder
y ssy no os puedo ver
matame vuestro deseo

Matame que condiçion
non alho pera lybrarme
en my mal no aa rredeçion
pues que dobla la passyon
lo que penso descanssarme.
Anssy que no puede sser
veuyr yo segũ que veo
vendo os yrma perder
y no os podiendo ver
matarme vuestro deseo

Outra cantigua sua.

Mundo triste que vingãça
me daraa de ty ninguem
poys que com tua mudança
quiseste ficar ssem bem
por me ver ssem esperança

Modos buscaste anouados
que per rrezam nam rrecolho
em myl cruezas fundados
poys quebraste aty hũ olho
por mos ver ãbos q̃brados.
Assy que nã ssey vingança
que de ty me de ninguem
poys que com tua mudança
quyseste fycar ssem bem
por me ver ssem esperança.

¶ Outra cantigua sua.

¶ Poys q̃ doutrẽ vᵒˢ lẽbrays
& de mym ssoys esqueçida
seraa bem q̃ poys folgays
façamos fym doje a mays
pera toda nossa vyda.

¶ Seja o passado esqueçydo
& deytado da memoria
& por hũ sonho a vydo
nossas cousas que oo ssentido
nũca'dem pena nẽ groria.
Peçouos que o façays
poys que disso soys seruida
& que fim desoje a mays
façamos poys que folgays
pera toda nossa vyda

¶ Outra cantigua sua.

¶ A flaca vuestro deseo
y creçe my voluntad
com lo q̃ morir me veo
y vos del mal que posseo
agenays la piedad.

¶ Ay os mueue compassyon
a tener de my nenbrança
sabiendo com que rrazon
sufro y calho my passyon
tan agena desperança.
Mirad myrad lo q̃ syento
con ojos de piedad
no olnideys my tormiento
nenbre os my perdimiento
firmeza fee y verdad.

¶ Cantigua sua.

¶ Por saber que vyda sygua
sem ingoa mեu mal ou dobra
manday senhora que digua
com as palaurasa obra.

¶ Confessays que me quereys
nenhũ rremedio me days
ou falay como obrays
ou obray como dyzeys

Que nam ssey vyda que sygua
nem em que meu bẽ sse cobra
sem vos mãdardes que digua
com as palauras a obra.

¶ Prẽde me vossa mostrãça
solta me vosso obrar
hũ com me desesperar
outro com darme esperança.
nam queirays darme fadigua
poys por hy nada se cobra
sede amygua ou jmygua
no falar como na obra

De frãcisco lopez as prysam de joana de farya.

¶ Estabat como soya
em ssuas contemplaçõ es
esta senhora faria
que de noyte & de dia
daa gram pena oos coraçõ es
Repousado sseu sentido
de dentro da casa sua
ouuyo hũ grande a rroydo
& como rreçeo perdido
sayo aa porta da rrua.

¶ Com todos seus fariseus
erat autẽ joam da noua
que pareçiam judeus
que prendiam cristus deus
no oito segum se proua.
Foram tam ssem piedade
aquestes que aprenderam
que vᵒˢ juro de verdade
que tamanha crueldade
a ninguem nũca fizeram.

¶ Interrogauit aguya
ssua may a quem buscays
bradando a voz dezya
a joana de faria
& a vos que nos falays.
Foram loguo muy cortadas
a mãy & tam bem a filha
com jsto tam trespassadas
& da cor tam de mudadas
que era gram marauilha

¶ E dixit que mal tem feyto
a coytada ynoçente
a ty deos peço direyto
deste tamanho despeyto
que nos faz aquesta gente.
Nam curarão de rrezões
os lobos & a tomarão
com tã grandes empuxoẽs
que nõ ssento coraçõẽs
que de uer tal nõ quebrarão

¶ Fogirão os sseruidores
nulus nũquam pareçeo
foram tantos sseus tremores
que a fee de seus amores
naquela ora sse perdeo.
Nam ouua hy quem cortasse
orelha a beleguym
nem quem espada tirasse
que naquilo sse mostrasse
sua fee nã fazer fym.

¶ Dacta est segũ se ssoa
a faria por mordano
a esse pero de lirboa
que por sser gentil pessoa
era pontifyx esse ano.
E ele pela fazer
de hũ em outro andar
disse sseu juyz nam sser
& mandou ha rremeter
oo botelho ssem tardar.

¶ Fym.

¶ Tanquam latrones cõ ela
vy beleguyns apegados
ouue tamanha mazela
que por nũca conheçela
dera eu muytos cruzados
Triste coytada de vos
menyna com tanto mal
amaros tristes de nos
que ficamos qua tam ssoos
& com dor tam desygoal

¶ Cantigua sua.

¶ Olhay bẽ como nos tratã
e vereis como nos correm
que ſſe goardam donde morrẽ
as que viuem donde matam

¶ Quem aquiſto bẽ olhar
vede ſſe poderaa crer
que aa medo de morrer
quem folgua de nos matar.
O quantas maneyras catam
com q̃ nossos males dobrem
que ſſe goardã donde morrem
as que vyuem donde matam

¶ Esparça sua.

Cheguamos dous ſeruidores
deſſa caſa bem canſſados
do caminho tam tornados
como ſſomos dos amores
que nos trazem tays tornados
Se vyuos nos deſejays
vinde loguo e eſta bandeyra
por que em dor de tal maneira
e penas tam deſygoays
nũca viuer vᵒ vejays.

De bernaldim rryberro a hũa molher que seruia e vã todas sobre memẽto.

¶ Lembreuᵒ quã ſſem mudãça
ſenhora he meu querer
perdida toda eſperança
e de mym voſſa lembrança
nũca ſſe pode perder.
Lembreuᵒ quam ſſem por que
deſconhecido me veſo
e com tudo minha fee
ſempre com voſſa merçe
com mays crecido deſejo

¶ Lembreuᵒ que ſe paſſaram
muytos tempos muytos dias
todos meus beẽs ſacabaram
com tudo nunca mudaram
quereruᵒ minhas porfyas.
Lembreuᵒ quanta rrezam
tyue pera eſqueçeruᵒ
e ſempre meu coraçam
quanto meños galardam
tãto mays firmẽm quereruᵒ

¶ Lembreuᵒ que ſſem mudar
o querer deſta vontade
maneys ſempre de lembrar
tee de todo macabar
vos e voſſa ſaudade.
Lẽbre vos como paguays
o tempo que me deueis
olhay quam mal me tratays
ſam o q̃ vᵒ quero mays
o que menos vos quereys.

¶ Lembre vᵒ tempo paſſado
nam por que de lembrar ſſeja
mas vereys cam magoado
deuo deſſer co cuydado
do q̃ ne minhalma deſeja.
Lembre vᵒ minha fyrmeza
de vos tam deſconheçyda
lembreuᵒ voſſa crueza
junta com minha triſteza
que nũca foy mereçyda

¶ Lembreuᵒ que ſſe quiſereys
aſſy como conſentiſtes
neſtes meus males fyzereys
com o menᵒ que podereys
nã ſſer em meus dias triſtes.
Lembre vᵒ quam mal tratado
lembranças voſſas me trazẽ
eu ſempre menos mudado
quando mays deſeperado
voſſas moſtranças me fazem

¶ Lembreuᵒ a quã maa vyda
tenho por bem vᵒ querer
eſta dor faz mays creçyda
nam vᵒ ver arrependida
de mo aſſy deſconhecer

Lembreuᵒ minha ſenhora
que por ja me verdes voſſo
moſtrays que vᵒ deſnamora
procurar veruᵒ ca dora
o que eu eſcuſar nam poſſo.

¶ Lembreuᵒ que nem por iſſo
minha fee vereys mudada
o que eſtaa craro e bem viſto
poys couſas mores naquiſto
tiueram forças de nada.
Lembreuᵒ contra merçe
de mym nũca foy pedida
ſenam ſſoo que minha fee
poys tinha cauſa por que
foſſe de vos conheçyda

¶ Neſtes dias dezymados
lembreuᵒ com quanta pena
am de vyuer meus cuydados
ſendo ja deſeſperados
vendo que nada os condena.
Lembreuᵒ que vyda tal
nũca vos a mereçy
olhay bem em quanto mal
me paguays o ſſer leal
co tempo que vᵒ ſeruy.

¶ Fim.

¶ Lembreuᵒ que voſſo amor
maa ſenhora dacabar
poys com tanto desfauor
nunca ora minha dor
de vos me pode apartar.
Lembreuᵒ poys nyſto eſpero
dacabar ca quando aquy
que com quanto deſeſpero
nam menos aſſy vᵒ quero
que no dia em que vᵒ vy

¶ Cantigua sua.

¶ Nũca foy mal nẽhũ moor
nem no a hy nos amores
caa lembrança do fauor
no tempo dos deſfauores.

¶ Eu por minha maa' vêtura
nam aaja mal q̃ nam visse
mas nunca tanta tristura
me lembra quinda sentisse.
fuy ꝛ ssam grande amador
ꝛ vayme bem mal damores
ꝛ muytos vy de grã o dor
mas este ssuma das dores.

De pero de sousa rrybeyro ao baram porque lhe fazya cabanas hũa capa borlada de mal mequereys.

Que mal me queres cabanas
que senrreyra teẽs comiguo
que tanto pano me danas
sendo sempre teu amyguo.

¶ Menuençã de mal mequeres
esta veu bem descuydado
mas tu perro arreneguado
pagaras o que fyzeres.
Sempre este foste cabanas
juguetas muy mal comiguo
pois estas obras que danas
trazem no rryso consyguo.

¶ Frãçisco da sylueyra por
parte da cabanas.

¶ Senhor por q̃ vº queyraes
para que sam tais oufanas
se vº mal entretalhais
para quee culpar cabanas.
Tendes condiçam estranha
ꝛ rraces a gualantaria
entam quereis que nam rrya
a de mendanha.

¶ Cantigua de pero de
sousa rrybeyro.

¶ A perfya meu cuydado
comyguo sem me deyxar
tanto que seraa forçado
se oura de me matar.

¶ Nunca me deyxa tristeza
de a ter tenho rrezam
poys vejo meu coraçam
contra mym em tal fyrmeza.
Fazme ser desesperado
tal vyda sem esperar
tanto que seraa forçado
se oura de me matar.

¶ De pero sousa a dona
maria deça.

¶ A que meu descãsso empeça
tempo he de a nomear
oo minha senhora deça
partyme sem vº falar.

¶ Se neste paco andaua
senhora sem vº seruyr
andaua por que cuydaua
quera seruyr vº mentir.
mas nũca aa nenguẽ aqueça
com vosco dessymular
oo minha senhora deça
partyme sem vº falar.

¶ De pero de sousa a dõ fernando pereyra andãdo ambos com hũa dama ꝛ nũ caminho foram achar hũa sua azemela com hũ rreposteyro darmas alheas.

¶ Achamos tum rreposteiro
com cruz de cristos no meo
que te nam custou dinheyro
mas tam çerto como es feo
he alheo.

¶ Se o mandaras fazer
fora verde ꝛ lyonado
ou tu mentes no cuydado
em que meu vejo morrer
Compro outro do teu dinheiro
das cores de quem rreçeo
queu ja bem creo ques feo
mas descreo
de ser teu o rreposteyro.

¶ Vilãçete q̃ fez pero de sousa quãdo el rrey nosso señor veo de santyaguo que fez o sengular momo em santoso qual vilançete hyam cantando diante do entremes ꝛ carro em q̃ hya santiaguo

¶ Alta rraynha senhora
santyaguo por nos ora.

¶ Partymos de portugual
catar cura'a nosso mal
se nº ele ꝛ vos nam val
tudo he perdido agora.

Poys q̃ somº seus rromeyrº
ꝛ das damas tam enteyros
çessem jaa nossos marteyros
que nunca çessam hũ ora.

¶ Pedimos a vossa alteza
em questaa nossa firmeza
que nam consyenta crueza
neste seram oos de fora.

¶ Aquy nº tem ja presentes
de nossos males contentes
poys nom valem aderentes
oje nos valey senhora.

O barã a frãçysco da sylueyra por q̃ dũa loba casada mandou fazer hũa capa de grada.

¶ Senhor vingança me day
ou apedyrey a el rrey
daqueste perro dissay
que fez quanto lheu mandey

¶ Por q̃ lhe disse em desdem
ca lobera jaa casada
leuouha para pousada
fez dela capa de grada
que nam agradaa ninguem.

tal alfayate deyxay
& seruyuos do del rrey
poys este perro dyssay
me fez quanto lheu mandey.

De symam de sousa aa senhora dona caterina de fyguey/roo.

¶ O vida que ssenam sente
de quem nadaa e a tem
por pyor fym
o meu mal questas presente
o meu bem que nam es bem
nem no aa em mym.
Mas vyuo em me lembrar
q̃ ssoes vos por quẽ sostenho
nam vyuer
& que nam posso leyxar
dauer quantos males tenho
por prazer

¶ Por ysso nam façays vos
errada que ambos vemos
conheçyda
sem fazer nenhũ de nos
o que cada hũ deuemos
e esta vyda.
Vos por me mãdardes mal
& eu quem volo comprir
assy me fundo
vos por fazerdes jgoal
o mandado do ssentyr
que ssiou o mundo.

Que mays descansso nã tenha
ja vº dey quanto bem tinha
que ja nam tenho
mas nam ssey quẽ se sostenha
se nam eu na vyda minha
que sostenho.
Sobristo mal me fazeys
& nam vedes co queu faço
he fengido
assy que quanto quereys
senhora eu contra faço
& sam perdido.

¶ Em meus males descãssaua
antes que mos defendesse
quem mos deu
& co eles malegraua
mas nã quys que os soffresse
polo sseu.
Olhay bem cã pouco sser
days a vyda que sostenho
de que vyuo
que me lançays a perder
& perco quanto bem tenho
& quanto diguo.

¶ Donde me vyraa descãsso
sa rrezam quera perdida
me tyrarão
se eu cuydo nysso cansso
quem me darẽ estoutra vyda
me matarão.
E troue ma este fym
esta dor que massy trata
que nam canssa
que nam ssey parte de mym
mas tanto quanto me mata
me descanssa.

¶ Neftes males aa hũ mal
que ninguem nam pode ter
se nam eu
a que nam acho jgoal
queu folguo bem de soffrer
polo sseu
Mataymaa vossa vontade
com vossos males estranhos
sem rrezam
que ssee a minha verdade
posto que sejão tamanhos
como ssam.

¶ Fym.

¶ De quanto vedes q̃ diguo
nam cuydeys q̃ me a queyro
mas descansso.
Que he o mayor abriguo
de quantos busquey & deyxo
e mays mansso.

¶ Outras suas a esta senhora

¶ De tanto o mal que ssento
que nam posso escusar
senhora de vº lembrar
que moyro de sofrimento.
E poys estou neste fym
a que me determinastes
quer ouos lembrar de mym
poys vº vos nũca lembrastes

¶ Muytas vezes vou cuidado
como posso descanssar
a cabo sempre canssando
de cuydar.
E maneyra nũca vejo
pera jsto poder sser
sem acabar de vyuer
que agora mays desejo.

¶ Assy nam ssey desejar
de sser bem a venturado
por que nam posso cuydar
no que ssam desenganaado.
Fazey o com que folguays
queu ysto ey de fazer
sempre em quanto vyuer
posto q̃ vos nam queyrays.

¶ Consas que daa presunção
tem muyto boa desculpa
fuso sempre desta culpa
& vos da minha rrezão.
Nem se podem goardar tãto
hũs olhos que algũ ora
nam olhẽ ssua senhora
detras dalguẽ ou dũ quanto.

¶ Queste mal que e o meu bẽ
de todos o goardo eu
mas qua de fazer quem tem
tantos medos polo sseu.
Assy nam ssey que me valha
se tolhem o que nam dam
& dam muyto maa rrezam
por nemyga lha.

¶ Fym.

¶ Solhardes o fym q̃ ssyguo
veres bem craro meu mal
queyxome em quanto dyguo
mas nada porem me val
Esta ora vay peroyda
e eu me vou aperder
nam me mata minha vyda
nem me quer leyxar vyuer.

¶ De ssymão de sousa a do
na cateryna de fyguero:

¶ Para me tyrar a vyda
muytas cousas sa juntarão
duas delas abastarão.

¶ Abastara nam vos ver
ouuer que me nam olhays
poys que ssam males mortais
qual quer destes de soffrer.
E co estes a minha vyda
tantos outros sajuntarão
que de todo ma tyrarão.

¶ De symão de sousa a do-
na caterina de fyguero.

¶ Ja muytos dias a vya
queste tempo rreçeaua
e me trouxe a fantesya
que de cura
saber de mym comandaua
Quãdo as cousas tem tal fym
aa nelas grandes ssynays
comecey dolhar por mym
e almeyrym
me descobrio hynda mays.

¶ O vyuer tam atreuydo
ondee tam desordenado
o prazer he ja perdido
e mal soffrido
bem perdido e mal gãhado.
Desta vyda toda he tal
nam na ter mylhor me vem
assy nysto nem no al
nam synto mal
nem desejo nenhũ bem.

¶ Trabalho de sse nam ver
o que vou dessymulando
fynjo que tenho prazer
e por sse crer
lhorando ando cantando.
Desejo de macabar
este mal quẽ mym nam cabe
e queria mendinar
por me vinguar
mas sseu posso ds o ssabe

¶ Esperança de prazer
nam vos vendo he perdida
se trabalho por vos ver
vou saber
quem ambas nam tẽho] vida
Assy nam ssey o que faço
todalas cousas rrecço
o fundamento dessaço
em que jaço
poys eu nem ele tem meo.]

¶ O meu mal foy ordenado
a queu sso ssey o rrespeyto
leyxa ma ssaz magoado
e vynguado
mas porem nam satisfeyto.
E poys he por tam mao fym
deue de ter mayor culpa
a tam mao estado vym
que a dou a mym
por dar a outrem desculpa.

¶ Vos me fyzestes perder
o guosto do desejar
em fadome de vyuer
por vos ver
em outras cousas folgar.
Do trabalhoso cuydado
eu ssoo vos ey de ssentyr
oo tempo tam bem gastado
ja passado
tam mao o questaa por vyr

¶ A grorja he perdida
do mal da questa demando
ey medo de minha vyda
mal sostida
polo luguar em que anda

Je estaa mal determinado
quysto nam fosse mays cedo
nũca meu vy tam ousado
denganado
nem ouue tamanho medo
¶ Fym.
¶ Hũ conforto posso ter
que outro me nam ficasse
he ouuyr sempre dizer
que nam quys fazer
ds aquem desemparasse.
Ja dessiz meu fundamento
por dar a meus males fym
oo meus castelos de vento
quanto ssento
veruos ja fora de mym.

¶ Cantigua sua.

¶ Tudo se pode sofrer
pera tudo hya a rrezão
mas nam jaa omem vyuer
sem coração.

¶ No luguar comeu estaa
pus por mays seguro sseu
mas como vyuyrey eu
se o nam consentem laa
Nam sse vyo nem a deuer
tal modo de perdição
todos folgão de vyuer
e eu nam.

¶ De ssymão de ssousa
a huũ sseu amyguo por
quem falaua

¶ O trato he assentado
muyto a minha vontade
mas na verdade
eu achey o mar pycado.
Na primeyra altercamos
dessy zlhas suas rrezões
e nas minhas concrusões
asentamos.

¶ De ssymão de ssousa a sen
hora dona joana de mẽdoça

¶ Nam sey de mym o q̃ fora
nem que fyzera
se meu bem volo nam dera

¶ Sa tee gora nam souberã
quem sempre teueste bem
foy medo que me poserão
os males de quem mo tem.
Que se este medo nam fora
eu dissera
minha dor a quem ma dera

¶ E vendo que mee pior
nam quero se nam dizelo
& escolho por mylhor
fazerme mal & sofrelo
quyça o dyguo em ora
que quysera
nam ter vyda que perder a.

¶ Se me mata saberam
por quem moiro & são vẽcido
quee muyto boa rrezão
pera tudo sser perdido.
Sempre o fuy & agora
por quem era
rrezão que tudo perdera.

¶ Da senhora rara dona joana
de mendoça me chamo eu
por esta ssam ja sandeu
que com ninguẽ nã sengana
se dela doutrem nam fora
nem quysera
nenhũ bem que me fyzera

¶ E ajnda que tiuesse
o bem doutrem mã no quero
por mays pena que me desse
nam daria so mal quespero
Porque sse ele nã fora
nam tyuera
descansso nem no quisera.

¶ Esse jaa dessymuley
o mal deste penssamento
foy muyto grande tormento
queu bem synto & sentyrey;

Mas nã ssey dentão tee gora
que fyzera
systo em mym nã conhecera?

¶ Conheço quee grã rrezão
que me mate sse quyser
mas quem tal causa tyuer
tem boa satisfação.
Tela ey sempre & agora
mas quysera
ter mays vidas que perdera

¶ Pola que tenho perdida
desejo mays que perder
sem esperar de auer
deste meu bem conheçyda
com tudo diguo senhora
quem tyuera
mor poder quem sy vos dera

¶ Fym.

¶ Nã quero mais qua rrezão
fazeo peor que souberdes
& de vossa condição
vsay quanto vos queserdes
Que se de vos liure fora
nam ouuera
por bem nẽhũ que tyuera.

¶ Cantigua destas trouas

¶ Atee quy dessymuley
quanta dor tenho & me days
ja gora nam posso mays

¶ Poderey sempre sofrer
quanto mal por bẽ ouuerdes
mas nam leyxar de dizer
que folguo de me perder
vos folguay no q̃ quiserdes.
esta dor dessimuley
atee quy mas nam creays
que a pude encubrir mays

¶ De ssymão de soussa a dona
joana de mendoça

¶ Males que nã ssão de fora
& que vem do coração
estes matão coutros não.

¶ Destes q̃ do meu me vem
corro eu rryso mortal
mas como posy eu ter bem
se nam tyuera este mal.
com quanto he desygoal
a dor do meu coração
dem naa myn & outrẽ nam

¶ Por ssegurar minha vyda
adey eeste mal presente
o vyda quees tam perdida
comeu dela ssam contente.
Este mal por bem sse ssente
posto que a perdyção
este bem çerta na mão.

¶ Descansso do meu vyuer
trabalho que nunca canssa
vyda tomada por manssa
mays forte que pode sser.
Que desuyado prazer
de quantas cousas o dam
he o desta perdyção

¶ Cãtigua sua a esta senhora.

¶ Por ter em vos esperãça
seja poys nam quero al
dalgũ bem onde mays mal

¶ E ssera com condiçam
poys hy nam a bem semela
se ma tyrardes entam
leue ssa vyda coela.
Que dela pera perdela
he muyto çerto syn al
de sse perder tudo o al

¶ De ssymão de sousa a este
vylançete alheo.

Pois deixaste ẽ mi memorea
cuydado pena y dolor,
loado sseas amor

¶ Sy te do graçias my dios
no sson por las que me azes
antes nelhas me desplazes
que dum mal me azes dos.
Sy tu por bien das a nos
vida de tanto dolor
loado seas amor.

¶ Quanto bien tuue te oy
tu a my quanto mal veo
acreçentas my deseo
por vida mengoar amy.
Pues veo morir en ty
my vida ques my dolor
loado sseas amor.

¶ De ssymão de ssousa estãdo dona joana p̃sa por mãdado da rraiha.

¶ Senhora pois q̃ soys presa
& ja nam pode sser al
seja por cousa defesa
que vᵒ nam pode estar mal.
Assy que tal prisoneyro
nesta prisam o to passe
sendo eu o caçireyro
& senhor quẽ sse paguasse.

¶ De ssymão de ssousa que lhe disseram que ca saua dona joana de mendoça.

¶ Diz q̃ quem cala conssente
ysto nam sentendo em vos
por q̃ nam paguemos nos
tudo em vida descontente.
Se o fazeys he rrezam
que digua meu pareçer
& saybays minha tençam
por tudo se vᵒ dizer.

¶ O costume deste rreyno
dilo ey que nam ssam mudo
de fidalgo tes cudeiro
aas molheres pende tudo
Andam bradando por casa
com paixam dor & cuidado
justando em ssela rrasa
rrefertando o mal gastado.

¶ Azeite vinho & pão'
a ssuas merçes ssem comenda
he bem que se nam entenda
o que a entender lhes dão.
Tam bem lhes pedem rrezão
do que disto he guastado
dizendo ca prouisão
he de molher de rrecado:

¶ As vezes vam acozinha
sem a ver nela que ver
que condiçam tanto minha
ou para minha molher.
Leyxando o que tendes caa
& que doutros soferçe
por tomardes o de laa
que e pyor do que pareçe.

¶ Outra cousa mesqueçia
que nam vay nesta rreçeyta
que e paixam de cada dia
de que a conta esta feita.
He cachaue do dinheiro
se nam fia de ss padre
senhora dũa gram verdade
que e condiçam descudeiro.

¶ Ja dy a dous outres anos
quisto vem a rrefeçer
começão os desenguanos
a creçer he vorreçer.
Sy nam aa conformidade
quando as cousas assy vão
pouca proueyta rrezão
onde faleçe vontade.

¶ Isto a meu pareçer
senhora qua quy a ponto
aynda nam vem a conto
parou caues la de ter.
Eu ssoo me ssey desuiar
de todos polo que ssey
são todo de dexafar
nise a domine dey.

¶ Todo meu feyto he praser
com ya contentamento
folguar rryr cantar tanjer
a ver tudo o al por vento.
Sa ssenhora que vyer
nam for muyto desorada
fara tudo o que quiser
se o for nam fara nada.

¶ E tera bem negros dias
queu tam bem posso morrer
çerto nam podia sser
da doença de manqias.
Se for a minha vontade
dina do meu penssamento
darlhey minha liberdade
busque loo contentamento.

¶ Se vᵒ vyr tam enguanada
& nos leyxardes tam ssos
quando preguntar por vos
sera pola enforcada.
Polo entender milhor
vyra negro a dizer
mandar fazer de comer
senhora pera meu senhor.

¶ Fym.

¶ Este auiso quereo
ele podes engeytar
que ninguem nã tem rreçeo
se nam do rrecuchilhar.
Tam bem vos doe de vos
que ssem vida nos leixays
em na tyrardes de vos
pola dar a quem vᵒ days.

¶ De ssymão de sousa a dona joana de mẽdoça.

¶ Nam me podeys agrauar
com cousa que me fizerdes
por que nam ssey desejar
se nam o que vos quiserdes.
no que ssey que vos folgays
nisso folgo eu tam bem
se me nam fizerdes bem
mas que nunca mo façays

¶ Que coesta condiçam
quis vida pera perder
que me deu a presunçam
de vᵒ saber entender.
Comisto ssoube açertar
que me mil vezes mateys
nisso ssoo ey de folguar
nam ssey no que folguareys.

¶ De ssymão de ssousa
a hũa moça da camara
da rraynha que nũ pa/
sso se lhe fez dama.

¶ Exemplo bem verdadeyro
que a todos ey de dalo
dyz que queda de ssyndeiro
he mayor que de cavalo

¶ Ja sseo ssyndeiro he
dalbarda
he milhor andar a pee
hũa valente jornada.
Tiveras cornos ssyndeiro
pois que ja nam es cavalo
que dar couce hũ chincheiro
ja quem xequer ssabe dalo.

¶ De ssymão de ssousa a
dõa joana de mẽdoça.

¶ Senhora quem vᵒ nam vio
he fora dum gram cuidado
quem vᵒ vyo bẽ lha custado.

¶ Custa bem ⁊ custa dor
custa vida ⁊ dayla tal
que deve de sser milhor
o que ssa por mayor mal:
se quero cuidar em al
ou fengyr outro cuidado
he trabalho escusado.

¶ E poys hy nam ha descãsso
menos piadade vossa
seja o tormento mays manso
com que a vida milhor possa.
Ca dor disto sseja vossa
eu por meu ey o cuidado
que me tanto tem custado.

¶ Outra sua a esta senhora

¶ Se vedes polo que faço
que o posso bem fazer
he por tal nam pode sser.

¶ Neste tempo que passou
que nunca pode passar
na vida que me deyxou
vy vida pera deixar.
E por moutrem nam matar
o quis eu a mym fazer
por tal culpa ninguem ter:

¶ Outra sua a dõa joana.

¶ Quẽ souber minha võtade
⁊ culpar minha tençam
ou tera rrezam ou nam

¶ Hũa vontade que tinha
que me dava mil vontades
por hũa mintira minha
me mõstrou muytas vdades
vaydade das vaydades
errada contempraçam
das calgũ descansso dam.

¶ De ssymão de sousa.

¶ Descansso de minha pena
rremedio desta paixam
o ssenhora
por quem tanto mal ssordena
onde as cousas assy vão
quem nam fora:
Por rremedio vᵒ busquey
de quando eu nam venia
sem vᵒ ver.
Em luguar disto achey
tanta dor que nam queria
ja viver.

¶ O vida de minha vida
cuidado que me nam deixa
cuidar em al
que vᵒ vejo tam perdida
ca tee minhalma sse queyxa
deste mal.
Que farey ou que fazeys
onde vᵒ hys que deixays
tudo caa.
Vedes o quem vos perdeys
que la onde vos levays
nam aa laa.

¶ Leixays o mundo perdido
vos ssenhora mal guanhada
sem desejo.
Fica o mũdo destroydo
vos çedo desenguanada
tam bem vᵒ vejo.
Quãdo vᵒ despoys achardes
neste enguano qua de dar
prazer a nos
Por mais q̃ em tã chorardes
eu ssam o quey de chorar
mais ca vos.

¶ Se estas magoas sentisseys
que no coraçam me dam
ssenhora.
Nam pode sser q̃ nam visseys
que de minha perdiçam
he vinda a ora.
Tirastes mo meu prazer
destes me tanta tristeza
por tanto bem.
Que nam quero ja viver
por nam ver tanta crueza
em ninguem.

¶ O que tristeza tam triste
que desconssolada vida
⁊ que cuidado.
Que sse tu fortuna viste
golpe em vida perdida
a mym he dado.
Fizeste me muyto mal
⁊ a vida nam ssesforça
paro soffrer.
Eu nam posso fazer al
mas ysto sseraa forsa
de nam viver.

¶Remedio nam no espero
que quem mo podia dar
nam no tem.
Antes dele desespero
que todo desesperar
a mym conuem.
Senhora pois vos leuays
leixa no minha verdade
por hy perdida.
Lembrevos que me leyxays
sem nenhũa piadade
e ssem vida.

¶O cruel tormento meu
que doutrem nam pode sser
nem he bem que sseja.
Que tanto trabalho deu
a mym a quem o viuer
me ssobeja.
A tormentado de mym
desconssolado perdido
vida perdida.
Que despiadoso fim
do quem nam fora nacido
nesta vida.

¶Quem ajaa de querer nada
deste mundo nem de vos
nem daquy.
Ca cousa vay ja danada
em ver mao pesar de vos
feyto por hy.
Podera ora bem sser
algũ ora ssoydade
desta fee
vos possa em tristyçer
senhora que gram verdade
esta hee.

¶Fym.

¶Estas palauras perdidas
nam nas diguo por guanhar
nada coelas.
Mas sse nos tyrays as vidas
leixayme desabafar
por elas.
E leixayme fartar bem
queu desta ora vos deixo
por diante.
Nam me defenda ninguem
ja que me eu nam aqueyxo
que mespante.

¶Cantigua ssua.

Bẽ perdido e mal guãhado
nam sse ssente e eu o ssento
oo fundamento enguanado
tomado ssem fundamento.

¶Onde rrezam he perdida
no que ssentam offereçe
ficaa tençam conheçida
dũa que sse nam conheçe.
Sentido tam acupado
esprito que foste ysento
quem te fez tam enguanado
que te nam deu fundamento.

De francisco o/mem estrybey/ro moor ãl rrey nosso senhor.

¶O quien viesse plazo çierto
y fuesse venida ssuerte
del muy querido conçierto
de ssu deseada muerte.
De my mal quiero encobrir
e comiguo padeçer
por me nom dar gram prazer
al tiempo de my morir.

¶Por que no quiso ventura
que fuessedes piadosa
pues que vos fizo fermosa
sobre toda fremosura.
Mas estaua ya ordenado
del começo de mys dias
las grandes angustias myas
firmadas de my cuidado.

¶Yo de passiones ferido
y de dolores passado
de veros amorteçido
y del deseo finado.
Do que grande estremo ssigo
ay começo mas no medio
o fim de todel rremedio
senhora como ssoy viuo.

¶Y con tormiento mortal
dolor y pena y oluido
distes las armas al mal
con que me tiene vençido.
De my estoy muy dudoso
todo el plazer sse des via
o my cuidado lhoroso
perdida esperança mya.

Los vuestros graçiosos ojos
fermosos e deseados
los myos con ssus enojos
muy tristes y muy canssados.
Querelham ssielhos de mym
yo querome delhos çierto
mas aqueste desconçierto
es conçierto de my fim.

¶Vos senhora lo quereys
y crueza lo conssiente
mas elhalma triste ssiente
el mal que vos me fazeys.
Mas yo çierto sere suyo
que la fee pide y quiere
queste fueguo de que fuyo
yo lo pido y el me fiere.

¶Dezir vos la my gram pena
nolo sufren mys querelhas
que my mala ssuerte ordena
el mal que me viene delhas.
Y no oso descobrir
mys lhantos y dissabores
çercado ya de dolores
me parto pera el morir.

¶Soy catiuo del enguanho
sogeito de la sogeita
desta ventura ymperfeita
que sse queixa de su danho.
Y çierto dudosa groria
leuays deste my tormento
ques grande el vençimento
y pequenha la vitoria.

¶ Fym.

¶ No me quero ya quexar
que my mal y my porfia
no sse puede ymaginar
ny lo daa la fantesya.
Por que crece cada ora
tam grande mortal y fuerte
que vos por me dar la muerte
ya me la quitays senhora.

¶ Outras suas ssobre
hũ rregimẽto de hũas
cõtas em q̃ sse guanha/
uam muytos perdoẽs.

¶ Este he o rregimento
e rrezasse desta sorte
começasse em meu tormento
e acabasse em minha morte.
Oulhay ssenhora por ele
e nam por mym
al de menos vereys nele
minha fim:

¶ Jtem ssenhora rrezando
este rrosayro tres vezes
confessada e confessando
que meus males nũca vedes.
Vos ficaryeys ssem culpa
e eu na pena
por que a culpa me desculpa
sabendo de quem ssordena.

¶ Que sseu enguanado viuo
desenguanado padeço
nam me days o que mereço
nem me quereys por catiuo.
Mas dizeyme vos agora
que farey
que ssem vᵒ lembrar senhora
morrerey.

¶ E por que busco os estremᵒ
me buscam eles a mym
mas triste de mym que vym
aa conta quanbos fazemos.
E eu a faço de perdido
sem ventura
vencido que he ja vencido
da vossa gram fremosura.

¶ Mas he muy certo q̃ a vida
que entays perigos sse ve
nam pode sser nem sse cre
se nam que he ja rreperdida.
Tomay as contas na mão
com tal fee
que este vosso coração
vosso hee.

¶ Anda o espirito em pena
nesta vida que nom tem
este foguo donde vem
que tantos males mordena.
Por queste mal q̃ ma queyxa
nam tem meyo
mas pois q̃ mele nom deixa
de vos veyo.

¶ O coytado desperança
que tomou nome de minha
por q̃ em verᵘ adeuinha
que mudada days mudança.
Que vᵒ fiz que vᵒ mereço
que me days
dores e dor que padeço
desygoays.

¶ Fym.

¶ Vyrdes vos ssenhora a ter
perdam de tantos enguanos
nom ouso nem ssey dizer
que ssois liure de mil anos.
Que segundo o vos fazeys
sem nos terdes
ey medo que nos mateys
como o ssouberdes.

¶ Cantigua sua.

¶ Senhora laa vᵒ daram
hũas contas que pedistes
por q̃ as mihas nã nas vistes
nem ouuistes
nem vᵒ pareçeo rrezam:
¶ Eu cõ minha conta feyta
rrompestes ma ssem na ver
mas tam pouco ma proueita
calalo como u dizer.
Os estremos vossos ssam
contas de lonye pedistes
meus males nã nos ssentistes
nem me vedes nem me vistes
sendo comiguo a rrezam.

¶ Outra sua.

¶ O tempo fara o sseu
que dos ssinays da ventura
esperança nam ssegura.

¶ O ventura que ordenays
sem esperança vencidos
quem começo tam perdido
perdidos ssam nos ssinays.
Por que de periguo sseu
a mudança me ssegura
muyto gram desauentura.

¶ Mas a causa deste mal
nom he mal pois de vos vem
que quanto mais desigoal
mais merecimento tem.
Seguro que o tempo deu
com ssinays de fremosura
nam ssam de vida segura.

¶ Troua ssua a hũ
omem que se queyxa
ua do tempo.

Como o tẽpo he de mudãças
busca ssempre meyos tays
que no que mays desejays
daa muy longas esperanças.
nam quer sse nam q̃ guasteys
somanas meses e anos
e ele com sseus enguanos
trazem cubertos os danos
de males que nom ssabeys.

¶ Outra sua.

¶ Que nouidade oo rreuez
daa este meu coraçam
que ssemea hũa paixam
ꝛ naçem dez.

¶ Laurey cos olhos enguan⁹
a rrezam ssemeou pena
ꝛ meu cuidado mordena
nouidade de mil danos,
Senhora vay atraues
com males meu coraçam
que ssemea hũa paixam
ꝛ colhe dez.

¶ Outra sua que man/
dou a ssua dama de no/
ssa ssenhora da pena.

¶ Naquesta pena muy alta
meus olhos vedes tal dano
quaueys por vido enguano

¶ Por que periguo tã grãde
tam grande como meu he
ey medo que sse desmande
a vida mas nam jaa fee.
Que por mais males que de
a pena do desenguano
folguo por que e moꝛ meu dão

¶ Outra sua q̃ mãdou
a sua dama por que sse
ferio num dedo.

¶ Do vosso feryr ey medo
por que a culpada tençam
deu ssynal ao vosso dedo
do mal do meu coraçam.

¶ A vinguança que a de vyr
agora sse descobrio
que quem cos olhos ferio
com ferro sse a de ferir.
A culpa nam he da mão
nem foy ssenhora do dedo
mas do vosso coraçáo
ousado ꝛ ssem nenhũ medo.

¶ Outra sua.

¶ Poys q̃ minha vida he tal
ja queria ssaber çerto
se vem vosso bem tam perto
como o mal.

Por q̃ o mal tẽho comyguo
ꝛ ele anda ja ssem mym
mas com a mayor jmiguo
o bem me poem em periguo
periguo que nam tem fim
Mas a fee que he immortal
teraa esperança çerto
de ver o bem muy inçerto
ꝛ çerto o mal.

¶ Outra sua.

¶ Tudo vejo contra mym
vos ꝛ eu ꝛ a rrazam
coytado dum coraçam
que ssam tres a darlhe fim.

¶ Cercado ꝛ combatido
querendosse defender
a vontade o tem vendido
ꝛ a rrezam o fez perder.
Descobriosse contra mym
cuidado dor ꝛ paixam
coytado dum coraçam
que mil modos tem de fim.

E frãçisco mẽ/
dez de vas con
çelos hyndosse
meter frade a
hũ seu amiguo
que lhe mandou preguntar
onde hya.

¶ Meu senhor vos desejays
minha partida ssaber
peçouos que nam ssintays
a perda de me perder.
Que onde quer que machar
ꝛ estiuer
seruiru⁹ ey de folguar
no que poder.

¶ De sser vosso obriguado
sam çerto que o ssabeys
por que culpa me nam deys
rrespondo oo preguntado.
O qual ssempre quis calar
por que ssabia
a veru⁹ pena de dar
a que ssentia.

¶ Trazer ysto tam calado
me conuinha pera sser
a ninguem nam no dizer
me forçaua sseu cuidado.
do que culpa me nam deys
que sse olhardes
vereys craro que errareys
em ma dardes.

¶ Que sselaa tal v⁹ dissera
o perlaruos mestoruara
sem quererdes nam fizera
aquilo que desejara.
E destarte nam v⁹ vendo
nam dareys
a mym pena da que entendo
que tereys.

¶ Por menos males ssentyr
de v⁹ ver fogy partyndo
per outrarte tal partir
sem ver v⁹ fuy mais ssentindo.
Mataime a ssaudade
que tereys
a que leuo na vontade
ja ssabeys.

¶ Ha dor que leuo conheço
a que vos por mym tereys
ꝛ nela ssenhor mereço
a que mais padeçereys.
E por de mym v⁹ vinguar
quero dizer
a vida que vou buscar
pera viuer.

¶ Pardo abyto cordam
do meu nome nomeado
com manto da condiçam
da mynha bem desulado.

Com alforge ⁊ cajado
mendigando
a mym mesmo do passado
castiguando.

¶ Escolhy aquesta cor
pola meu coraçam ter
o qual de cheo de dor
em trabalho quer morrer.
Nunca pude al fazer
pola rrazam
e a quem mal pareçer
peço perdam

¶ Aqueste triste vestido
⁊ maneyra de viuer
por ter menos que perder
escolhy ja de perdido.
E nele sem mais querer
vyuirey:
a vida que ey de ter
nomearey.

¶ Vyuirey de ssentimento
de quem mal tenho venido
terey vida com tormento
que bem tenho mereçido.
E sserey a rrependido
do passado
o qual tenho conheçido
ser errado.
¶ Vyuirey de ssaudade
sem dizer de que seraa
vyuirey sem liberdade
que mais liure me faraa.
A mym outrem mandaraa
⁊ eu farey
se errar castiguaraa
⁊ sofrerey.

¶ Vyuirey ledo contente
nos tormentos desta vida
minha dor nam conheçida
outras moores me conssente.
toda cousa ca tormente
buscarey
de sofrer sempre doente
andarey.

¶ Meu descansso aa de sser
canssar em outros seruir
quanto moor pena sentir
mais ledo mey de fazer
Seraa todo meu prazer
ser desprezado
de ninguem nam me querer
muy consolado.

¶ Terey meu contentamento
muy firme neste desejo
das cousas em q̃ me vejo
terey bom conheçimento.
Por ter mais mereçimento
auerey
por descansso o tormento
que terey.

¶ Nestas cousas meu viuer
seraa ssem o desejar
⁊ sseraa meu descanssar
esperança de morrer.
Triste vida ey de ter
dessimulada
de ninguem a conheçer
magoada.

¶ Os custumes mudarey
a condiçam ficaraa
com ela consolarey
a dor que al me faraa.
meu viuer contentaraa
os quem tenderem
dos outros nam me daraa
mal dizerem.
¶ Nam ey muyto de curar
de falar em capuchado
a me bem pouco de dar
ser de pecos mal julguado:
deos me mate auisado
que he ley
de que nunca condenado
veuirey.

¶ As cousas como mereçem
am de sser de mym tratadas
as pessoas auisadas
no pouco tudo conheçem.

Nam ssam frade pera sser
santeficado
nem por dos outros me ver
ser adorado.

¶ Meu desejo he saluar
minhalma muy simprezmẽte
disto ssoo sserey contente
que deos pode ordenar.
Nam mey muyto de matar
por meterem
por ssanto nem por causar
de o dizerem.

¶ Em ter pena mynha groria
soo terey que a mereço
⁊ leixar viua memoria
desta morte que padeço.
Dessa culpa me conheço
muy errada
ser daquy me offereço
castiguada.

¶ Viuendo desta maneira
serey alem de contente
porque ssey como se ssente
tudo o al aa derradeira.
E em fim pois a morrer
ssomos forçados
pera quee ssenhor sofrer
tantos cuidados.

¶ Em quanto sempre viuemos
por prazeres alcançar
oo quantos males sofremos
quando nos ssoe a leyxar.
E pois vemos o prazer
quam pouco dura
pera que queremos mereçer
mayor tristura.
¶ Deste mal bem conheçer
ey por bem o que escolhy
⁊ sse nam o conheçy
assy quero qua viuer.
⁊ laa viua quem quiser
em fauores
laa goarde quem os tiuer
suas dores.

¶ Laa gostay vossos sseruos
laa goarday vossos amores
que bem ssey como ssam vãos
seu fauor e dessfauores.
E ja ssey quam pouco dura
seu prazer
e senty quanta tristura
soem fazer.

¶ Laa goarday vyr enfadados
da goardar a quem sseruis
laa goarday sser namorados
pois tantos males sentys.
E trabalhay por andardes
com as damas
laa vos onrray de danardes
suas famas.

Laa goarday muy bẽ el rrey
laa trabalhay por viuer
que em fim tudo bem ssey
que vos aa dauorreçer.
Mas tal he nossa ventura
que conssente
que vida de tal tristura
nos contente.

¶ Laa goarday vossa rriqza
laa trabalhay pola ter
que eu rrico na prouesa
por outrarte ey mais de sser.
Laa trabalhay por leixar
quando morrerdes
a quem ouuer de lograr
o que tiuerdes.

¶ E fazey como fizeram
algũs que vistes morrer
que quãto mor rrenda ouuerã
mais morriã por auer.
Nam contentes dã que tinhã
mas canssando
e mil trabalhos sostinham
desejando.

¶ O quanto fora milhor
nam terem caa que leixar
e acharam mais fauor
na conta que am de dar
De como foram gastadas
se fizeram
obras bem auenturadas
pois tiueram.

¶ Vede bem abreuidade
da vida em que viuemos
e vede a vaydade
do prazer q̃ nela temos.
Olhay bem cam pouco dura
nela bem
e vede quanta tristura
sempre tem.

¶ Lembre vos que nam ssabeis
o que tendes de viuer
e que pode muy bem sser
que muy çedo morrereys.
e por ysso trabalhay
por corregerdes
vossa vida que sse vay
sem lhe valerdes.

¶ O que cada dia vemos
nos deuia denssynar
e de quanto mal fazemos
nos deuia ca vidar.
Mas por prazeres seguir
mundanays
queremos penas sentir
desygoays.

¶ Asseelo por concrusam
do que disse e direy
que ssam frade e serey
pera sempre com rrezam.
Nam fiz isto de payxam
nem vaydade
mas de limpa deuaçam
e vontade

¶ Fym.

¶ Sejam como forem lydas
por me mais merçe fazer
cõ quantas tendes rrompidas
que laa nam pude rromper.
Por q̃ culpa me nam de
a que entendo
senhor em vossa merçe
me encomendo.

D Ayres telez a huũa molher q̃ seruya por que lhe deu huũa boleta.

¶ Nam espere ninguem jaa
por seruir contentamento
pois o meu mereçimento
tam pequeno fruyto daa.

¶ Dispus minha vida bem
mas rrendeome muyto mal
e nam posso colher al
se nam mal que dela vem.
Bom seruiço he jaa vento
pois em tal luguar estaa
que grande mereçimento
tam pequeno fruyto daa.

¶ Cãtigua sua a huũa molher com que andaua que mandou dizer que estaua mal ssentida e nam ssabya de q̃.

¶ Vossa doença he ssabida
senhora que nam he al
se nam sserdes mal sentida
do meu mal.

¶ Estee o mal verdadeiro
senhora sse o curays
hũ rremedio a dous days
e ynda que nam queyrays
o meu a de ser primeiro.
Nã me lembra minha vida
nem synto ja daqui al
se nam de sser omecida
senhora no vosso mal.

¶ Cantigua ssua a hũa molher cõ que andaua a que pedio hũa cousa ⁊ ela rrespondeo que lha nam queria fazer por q̃ tynha duas leys.

¶ Em que me vysseis viuer
em outra ley ate quy
senhora como vº vy
conheçy
que na vossa ey de morrer

¶ E poys que ja tenho a fee
senhora day vos a graça
quas obras forçado lhee
quem vosso nome as faça.
Pois que nam quero viuer
na ley que tiue ate quy
consenty
senhora que des daquy
na vossa possa morrer

¶ Cantigua sua.

¶ Ao mal auenturado
se lhe vem hum nouo mal
rrenouasse todo o al
que cuida quee ja passado.

¶ E tem moor padeçimento
do que e o prazer que tem
se lhe lembra algũ bem
que lhe deu contentamento.
Pois nã viua descanssado
quem cuida que passou mal
que se vyer outro tal
ser lha presento passado

¶ Outra ssua.

¶ Sendo meº males mortays
pera nunca descanssar
açertaram de sser tays
que me nam podem matar.

¶ E nam posso ter a vida
mais quem quanto os tiuer
⁊ eles podem me ter
despois da vida perdida.
Por quem quanto me durar
a cousa que me doy mays
seram meus males mortais
sem me poderem matar

¶ Cãtigua sua que fez hum dia q̃ de todo ssedes aveo

¶ Desejando sempre vida
foy gram dita nam na ter
pola agora nam perder.

¶ E coesta vida tal
tenho o q̃ nam tem ninguem
cos desastres que me vem
nam me fazẽ bem nem mal.
Isto he culpa de quem
me nunca deixou aver
a vida pera perder.

¶ Por meu mal q̃ nã tẽ cura
tenho eu isto prouado
co mais mal auenturado
mais seguro he da ventura.
⁊ o mais desenguanado
de ter bem ⁊ ter prazer
he o mais de o perder.

¶ Ajuda do conde do vimioso.

¶ Quando vida desejey
nam entendia viuer
quera cousa de perder
o quem perder me guanhey.
Mas agora que o ssey
a vida que ey de ter
tela ey ssem na querer.

¶ Troua ssua que mandou ao cõde do vimioso hũ dia que falou a senhora dõa joana manuel nõ sserão da coresma.

¶ Do que dito so falar
foy o vosso no sserão
do que boa confissam
pera ssa moça ssaluar
mas vos nam.
Do alma de dom joam
laa onde quer que estas
quanta pena que teras.

¶ Reposta do conde do vimioso.

¶ Se tiuera que dizer
faleçe coma fantesia
queu ssoo tenho ousadia
pera meus males sofrer.
Dos mortos podem ssaber
dos viuos o sseu viuer
dom joam laa ondestaas
que doo de mym aueraas.

¶ Dayres tellez a hũa molher com que andaua ssobre huũs crauos que lhe mandou.

¶ Que mil cousas vº mereça
senhora nam pode sser
que sse me possam meter
estes crauos na cabeça.

¶ Muyto ha que he rrezam
desperar por algum fruyto
mas a vossa condiçam
faz sser este tem poram
⁊ ynda a velo por muyto.
E comeu isto conheça
senhora nam posso crer
que vos me queirays meter
nenhum crauo na cabeça.

¶ Cãtigua sua que fez a hũa molher com que andaua por q̃ lhe disse hũ dia que lhe nã queria mal nem bem.

¶ Quem em sseu poder me tẽ
poys nam pode querer al
o menos queyra me mal
por nam sser nẽ mal nẽ bem

¶ Se mo quiser de verdade
como sey que mo deseja
ajnda que bem nam seja
o menos sera vontade.
Mas ou bos quem na tem
poys nam pode ja ter al
ey que e muyto menos mal
que nam ter nem mal nẽ bem.

¶ Cantigua sua a senhora
dona joana de mendoça.

¶ Poys com al q̃ me causais
senhora tendes prazer
nam sey por que nã olhays
que pera o eu ssentyr mays
deuya menos desser

¶ E quem he sua verdade
desejar de vº seruir
como podeys presumyr
que pode nada sentyr
fazendo vº a vontade
Poys em quanto nã tyrays
do meu mal vosso prazer
he rrezam que me creyays
que quanto o fyzerdes mays
tanto menº aa de sser.

Duarte de rresende a huũa molher que seruya

¶ Nel tiempo q̃ cancro tiene
febo dentro en ssu polada
declynante
quando ya menos detiene
enlos dias su pasada
que decante
en aquel que proserpina
tiene la primera ora
su rreynar
yo propuse muy ayna
s[e]ruirte syempre senhora
syn errar.

¶ En este tiempo my vyda
enpeço de camynar
en ssu porfya
por fiando dar salyda
al dolor que fue ganar
en aquel dia
y como pues en aqueste
el padre ya rretroçede
de feton
my plazer rrotroçedeste
tanto que de ty proçede
my passyon

Y lugo tu bien busque
halhelo my enemyguo
capital
por que como temyre
alheme qual aquy diguo
de tu mal
que por solo yo myrar
tu lindeza muy vfana
ala ssazon
quyeres tu comygo vsar
como la casta diana
con anteon

¶ Como quando se a pone
o gcyto rresplandeçiente
a nuestro vyso
su conus luegno traspone
la ssu perfaz del yyoente
en pron[...]so
byen assy tu claridad
pos puso de my ypirame
la ssaluo
rrobando my lybertad
por q̃ ssyempre ja mas lhame
tu virtud

Procurã syẽpre mys danhos
disfauores com rreueses
de tu vysta
no veo cobrar los anhos
lo que sse pierde em los meses
my conquista

O qu[...] ta senhora enojos
y sea tu merçed dudosa
a my rremedio
solo por verem mys ojos
sy eres em todo rrauiosa
tan syn medyo.

¶ Oy me senhora que culpa
mys contynuados sseruiçios
te mereçem
y tanto que te desculpa
por que los tus benefyçios
me careçem
sy por my atreuimento
rrequestar tu gran valer
con mys gemydos
muchos syn mereçimiento
soo porlo de su querer
son queridos.

¶ Sy por my dicha alcãçasse
que quisesses ya myrar
my semblante
por que piedad forçasse
tu coraçon amudar
su talante
No creo que tu crueza
contyguo beuyr quysyesse
byen myrando
my grandissyma graueza
mas piensso luego huysse
desumando.

¶ Que por çierto yo no creo
combre aya tal soffrido
a ninguna
mas creo pues que lo veo
que pior me as ferido I
que fortuna
cassus byenes de conffund
bueluensse como la faya
con los vyentos
y aty no boluyo ninguno
que algũ descansso traya
a mys tormentos

¶ Y con este danho tal
es la my passyon gyguante
ya por çierto

que ando muerto jnmortal
y echo vna boz clamante
en tu disyerto
desyerto de compassyon
y de bienes prouechosos
para my
poblado con my passyon
y mys males trabajosos
hasta quy

¶ Fym.

¶ Al çitarides potente
rremedio dor damadores
desdichados
pydote aga presente
mys anssyas y mys dolores
tan sobrados
y el que ssabe la rrazon
de querelhas mys tormientos
mas que muerte
a el pydo el galardon
segun mys mereçimientos
enquererte.

¶ Esparça sua.

¶ Jo triste mesto y myrando
y esperando
quel tiempo ques por venyr
me consuele
quel presiente no se quando
hara mejor my beuyr
delo que suele
Que alos males y temor
dessamar
sy quyero ter sofrimento
del tormiento
my dolor
descubre my sentymyento.

¶ Cantigua.

¶ No puedo triste dezir
la passyon de my partida
ny partiendo my beuir
no se deue lhamar vyda.

¶ Partyda mata plazer
partyda causa mudança
partyda pone nembrança
qua creçienta esperança
ques el mysmo feneçer.
Assy que causam morrir
los danhos de tal partida
pues byuendo com partir
me parto dela my vyda.

¶ Grosa sua a este moto

¶ Desespera mesperança

¶ Esperey mas a mudança
faz o rreues do que quero
e sse rremedio espero
desespera mesperança.

¶ Esperança de ter vyda
me fez muyto confiado
mas poys a tenho perdyda
sam ja bem desenganado.
Por que vejo que mudança
he contrayra do que quero
e quando a mylhor espero,
desespera mesperança.

¶ Cantigua.

¶ Sobedeçera a rrezam
e rresestyra a vontade
eu vyuera em lyberdade
e nam tyuera payxam.

¶ Mas quando ja quis olhar
sem algũ erro cayra
achey sser tudo mentyra
sajsto chaman errar
que sseguyr sempre rrazam
e nam myl veses vontade
he neguar ssem sualydade
cujo he o coraçam.

¶ Vilançete.

¶ Mays vyda podera ter
donde nenhũa falcança
mas matou ma confiança

¶ De confyey no presente
fezmo o tempo passado
do por vyr nam fuy lẽbrado
coytado de quem no sente.
A verdade nam me mẽte
mas enganou ma esperança
por que quys a confiança.

¶ Cantigua.

¶ O bem cassy sse dessaz
nom lhe deuem chamar bem
poys tam pouco satisfaz
a quem no tem

¶ Por que dele vem ꝑ al
com que todo outro faz fim
e o fim he sempre tal
que jnda mal
por que o acho eu em mym
Por que vejo que des faz
tudo o que pode sser bem
e sento o dano que faz
e donde vem

¶ Outra cantigua.

¶ Nam posso ter o que quero
o que tenho nam queria
ca nam no tendo teria
huũ bem de que neu desespero

¶ Nan tenho poder ẽ mym
mas tem no em mym o desejo
desespero poys nam vejo
o efeyto do ssen fym.
Assy tenho o que nam quero
e nam tenho o que queria
ca sseo teuessereria
este bem que nam espero

De Antoneo mẽdez de portalegre lhãto em modo de lamentaçion.

¶ Recordad ya mys sentidos
del desmayo leuantados
cõ muy profundos gemidos

de mys entranhas tirados
hazē lhantos doloridos.
Lagrimas tam mal sofridas
com mortal rrezon lhoradas
turbias de sangre mezcladas
veniodo de dentro salydas
de mys lhagas lastimadas

¶ Levanten boz dolorosa
mys clamores delyguales
y mys sospiros mortales
cantē em muy triste prosa
los mys dolorosos males
Vengā mys grandes pesares
lhorando del coraçon
los grytos de my passyon
em muy amargos cantares
planhyendo my perdiçyon.

De mys lastimas rraviosas
salga grandes alaridos
los abysinos esconoidos
em sus sombras espantosas
seam mys males oydos.
Venga la triste ventura
a my angustioso pranto
por que el dolorido canto
dela grande desventura
que me diole ponga espanto

¶ Comiença la lamentaçyon.

¶ Como esta desanparada
quam sola lhora su pena
my vyda de males lhena
triste muy desconsolada
de todo plazer agena
de gram dolor trepassada
esta soo assy planhendo
dentro del halma gymyendo
de mortal rrauya çercada
sus mismas carnes rrōpiēdo

¶ De sy sola se querelha
esta la muerte lhamando
noches y dyas lhorando
lagrimas que corre delha
las sus myrylhas banhando.
y no ay quien la consuele
em su gram tribulaçion
todos sus sentidos son
del mal que tanto le duele
muy lhenos de turbaçion

¶ Como la veo desyerta
de todo el byen que tenia
sy gloria su compania
de luto toda cubierta
de descansso muy vazia
y deverse triste tal
que nyngum plazer consyente
la muerte tiene presente
acordandose del mal
de que tantos malles syente

¶ Ducōplidos son los dias
que ndynarō los mys fados
pera questauam guardados
em mys tristes profeçias
pesares desordenados
Los anhos de my dolor
a mys males prometidos
presentes som ya venidos
a lhorar el mal mayor
para que fuerō naçydos

¶ La my suerte desastrada
com sus ondas demudanças
a buelto las esperanças
dela my edad passada
em muy amargas lembrāças
Mys rrauyosas: desventuras
nel mejor tiempo que vierō
todo my byen convertyerō
em lhoros y em amarguras
del pesar cō que vynyeron.

Bueltas son em grā tristura
mys alegrias passadas
mys pasyones tam lhoradas
lhorando la sepultura
donde fueron hordenadas
Ahorā mys males creçydos
y mys bienes acabados
mys pesares començados
mys plazeres convertidos
em lhantos desesperados.

¶ Y com tal lamentaçion
mys sentydos contēplando
rrepresentā suspirando
la triste rrecordaçion
com que muero deseando.
O byuir desesperado
de mys glorias a tado
como mas desemparado
tam lexos de my saluo
my descansso sepultado.

¶ Muerta es toda my gloria
todo my bien pereçyo
la triste vyda quedo
lamētando la memorea.
del mal que byuiendo vyo.
Y cō la gram crueldad
del dolor que nelha mora
la muerte syente cadora
lhorando la soledad
cō que my anyma lhora

¶ I con este desconsuelo
mys dolores son tamanhos
qua mys pesares estranhos
syllos procuro consuelo
acreçientā mas mys danhos.
No sufrē consolaçion
tam penados sentymientos
que mys tristes penssamientos
no falhā comparaçion
al dolor de mys tormētos.

¶ Mas deverme triste yo
nel estremo ē que me veo
cō my fortuna guerreo
por que byuo me dexo
muerto todo my deseo.
O muerte desordenada
rraviosa lhaga syn cura
e tierra hambrienta dura
a donde tyenes rrobada
my deseada folgura

¶ Fym.

¶ Donde tyenes my querer
ques de my plazer perdydo
o my penado sentydo
quando le podera poner
tantos males em olvydo

y pues ya queda my suerte
de rremedeo despedida
cõ la gram pena sentyda
lhorara tanto la muerte
quanto durare la vyda

¶ Cogitaui dies antiquos
et annos eternos in mente
habui.

¶ Dantoneo mendez
sobre estas palauras.

¶ Sospirando meus cuydadꝯ
chorando minha lembrãça
cuydey na triste mudança
dos dias que sam passados
perdidos sem esperança.
Cuydey ẽ todos meus danos
lembroume todo meu mal
cuydey nos tempos ꝛ anos
de que me nã fycou al
se nam tristes desenganos

¶ Chorey mortal saudade
qua dentro no coraçam
questa so consolaçam
fycou a minha verdade
em minha gram perdyçam.
Cuydey nos dias que vy
nos males em que me vejo
ꝛ da gram dor que senty
he tam triste meu deseio
que choro por que naçy

¶ Cuydey nos antigos dias
do tempo que he ja mudado
vy meu bẽ todo tornado
em chorar como manẽyas
a memorea do passado.
Chorey ho mal q̃ padeçeo
chorey ho bem que passou
vy meu tempo qua cabou
ꝛ deyxoume no começo
dos males que mordenou

¶ Cuydey na passada vida
contente cõ seus amores
vy de todo destruyda
ꝛ em muy estranhas dores
minha grorea conuertyda.
Cuydey no tempo presente
lembroume como passaram
os anos que me deyxaram
da uyda mays descontente
q̃ da morte quordenaram

¶ Cuydey na triste ventura
suas mudanças chorey
cõ que chorando farey
a meus dias sepultura
dos males cõ que fyquey.
Vy mortaes desconfyanças
em meu triste pensamento
chorey ho gram perdimẽto
que mordenã as lembranças
passadas quagora sento.

¶ Fym.

¶ Cuydey nos grãdes cuidadꝯ
que sempre vyuo cuidando
disse com sospiros quando
poderey ver acabados
tantos males em que ando:
desenganoume a lembrança
do tempo em que cuidey
poys descansso nom achey
na vyda nẽ segurança
que tã morrer descansarey.

¶ Vylançete seu.

¶ Tristezas nam me deyxeys
poys he pera me dobrardes
mayor mal quãdo tornardes

¶ Por meu descanso vꝯ sygo
q̃ ja outro nam espero
prazer nã busquo nem quero
poys tã mal se quer comigo.
vermey em grande periguo
quando me depoys tornardes
ho mal quagora tyrardes

¶ Ja deyxey as esperanças
do prazer que vy passar
que nam ouso desperar
outra vez suas mudanças
Nã sofrem minhas lẽbrãças
tristezas sem macabardes
deyxaruos nem me deixardes

¶ Cantigua sua.

¶ Lembranças aque vyestes
saudades q̃ busquaes
se verme viuo tardays
se morto volo fyzestes.

Vos folgays cõ minha vyda
eu folgo de uer perdela
poys q̃ nam tẽho mays dela
que tela sempre perdida.
Mas no tempo que viestes
nã tenho deuyuo mays
qua ter viuos os synays
dos males que me fyzestes

¶ Vylançete de pero vaz.

¶ Ninguem da o q̃ nam tem
ꝛ os meus males sem fym
poderã nadar amym.

¶ Folgaua cõ meus cuidados
por segurar minha vida
ꝛ eu vejo a perdida
eles tenhoos dobrados.
jnda vos veja acabados
males q̃ nam tendes fym
poys a vos destes a mym.

¶ Ajuda dantoneo
mendez.

¶ Acabey meus dias eu
eles nũqua sacabaram
mas por macabar buscaram
outro mal mayor quoseu
deram mo quelhe nã deu
quem mos da tanto sem fym
que madam eles a mym

¶ Cantygua danto-
neo mendez.

¶ Deyxayme triste vyuer
cõ minha dor tã creçyda
cuydados que quero ver
se podem males fazer
mays que tyrarem ma vyda

¶ Por q̃ quãdo maquabarẽ
cõ sua mayor crueza
desque morto me deyxarem
deyxaram minha fyrmeza
mays vyua em me matarem.
Poys sejaa nom tem poder
de mudar sse tam creçyda
meus males bem podem crer
q̃ nom podem mays fazer
q̃ dar fym a triste vyda.

¶ Esparça sua.

¶ O mayor bem de meu mal
descansso de meu desejo
meu cuydado tam mortal
q̃ mays que morto me vejo.
Remedeo de meu tormento
tormento de meu sentydo
anteuos meu perdymento
nã deue ser esqueçydo
poys por vos nele consento.

¶ Cantigua sua.

¶ De quãtos males me days
dayme aqueste so conforto
senhora poys me matays
que nã vos arrependays
de meu mal depoys de morto.

¶ Por q̃ no tempo quonuyr
que tendes por mym tristeza
ey medo de rresurgyr
pera tornar asentyr
outra vez vossa crueza.
Deyxayme poys me matays
acabar quee grã comforto
q̃ mays crua vº mostrays
em querer q̃ vyua mays
quẽ folgar de me ver morto.

De diogo velho da chãçelaria. dã caça. Que se caça em portugual feita no ano de crysto de mil quinhentos .xvi.

¶ Ryfam.

¶ O que caça tam rreal
que sse caça em portugual

¶ Ryca caça. Muy rreal
que nunca deue morrer
pera folguar delhe correr
toda jente natural.

¶ Linda caça muy sobida
se descobre em nossa vyda
a qual nunqua foy sabydà
nem seu preço quanto val.

¶ O da gram mata lixboa
onde toda caça voa
arabya. Persya e goa
tudo cabe em seu curral.

¶ Calequd e cananor
Mellaqua. Tauriz menor
Adem Jafo interior
todos veem per huũ portal

¶ Talha mar da grã rriqueza
damasquo com forteleza
troyano. Cayro cõ sa grãdezã
nom domarom nunqua tal

¶ Vo muy sabyo salamom
que fez o grande montom
teue parte e quynhom
mas nom todo ho cabedal

¶ Myda anglya com norte
e alexandre tam forte
nom conseruou esta sorte
nem ho seu vidro cristal

¶ Priamo. Juba. Assueyro
membrot pompeo guerreyro
nenhũ foy tam sobrançeyro
nem tam pouco anybal

¶ Caryna nauegador
nauegou com muyta dor
nunqua foy descobridor
deste tam rryquo canal

¶ Ercoles Cesar. Corredores
tam bem foram caçadores
e nom foram achadores
deste çetro tam rreal

¶ Cyro porsena fronteyro
Afrons. Jupiter e dcyro
nenhũ foy tam verdadeiro
nem saturno paternal

¶ Eneas. Ulixes caminheiro
tolomeu prinyo mesejeyro
nyno rremulo primeyro
jemerom. Sabendo tal.

¶ Macabeu cos doze pares
com seus deoses e altares
nom teverom tays lugares
nem tal graça especial

¶ Ouro. Aljofar pedraria
gomas e especearya
toda outra drogarya
se rrecolhe em portugual

¶ Onças lioõs alifantes
moonstros e aves falantes
porçelanas. Diamantes
he ja tudo. Muy jeral.

¶ Jentes nouas. Escondidas
que nunqua foram sabidas
sam anos tam conheçydas
como qual quer natural.

¶ Jacobytas. Abassynos
catayos. Ultra marinos
buscam godos e latinos
esta porta principal

¶ No avangelho de cristo
çinquo mil legoas vysto
⁊ se cre ja la por jsto
ho mysteryo diuinal.

¶ Os das grandes carapuças
longas pernas grãdes chuças
fariseus. Suas aguças
nem ho chinches austerial;

¶ Amaro ⁊ ho ermitam
Em sua contemplaçom
leyxarom rreuellaçom
deste orto terreal.

¶ Em ho ano de quinhentos
⁊ com mil primeyro tentos
descobrirom os elementos
esta caça tam rreal

¶ Em este segre çintel
rreyna el rrey dom manuel
que rrecolhe em seu anel
sua devisa ⁊ sseu synal

¶ Porque he muy virtuoso
exçelente ⁊ justiçoso
deos ho fez tam poderoso
rrey de çetro imperial.

¶ Sua santa parçarya
rraynha dona marya
estas marauylhas lya
per espirito diuinal.

¶ Esta he jentil a andina
pera cantar com amyna
çafym zamor almedina
tam bem he de portugual

¶ Rezam he que nom nos fyque
a alma do jfante anrrique
⁊ que por ela se soprique
ao nosso deos çelestrial

¶ Porque foy desejador
⁊ o primeyro achador
douro seruos ⁊ hodor
⁊ da parte oriental.

¶ O poderoso rrey segundo
joham perfeyto. Jocundo
que seguyo este profundo
caminho tam dyuinal.

¶ O cabo de boa esperança
descobrio com temperança
por synal ⁊ de mostrança
deste bem que tanto val

¶ A madre consolador
de muyto bem sostedor
em virtudes fundador
sua parte tem jgoal.

¶ Del rrey dõ johã parçeyra
dona lyanor erdeyra
natural ⁊ verdadeyra
rraynha de portugual

¶ Emanuel sobre pojante
rrey perfeyto rroboante
sojugou mays por diante
toda a parte oriental

¶ Nunqua sejam esqueçydos
seus nomes sempre sabydos
⁊ de gloria compridos
pera sempre eternal.

¶ Aquele grande prudente
profetizou do ponente
⁊ de toda sua jente
caçar caça tam rreal

¶ O gram rrey dõ manuel
ajebulleu ⁊ ysmael
tomaraa ⁊ fara fyel
a ley toda vnyuersal

¶ Ja os rreys do oriente
ha este rrey tam exelente
pagam parias ⁊ presente
ha sseu estado trihumfal

¶ Polla grande confyança
q̃ em deos tem ⁊ esperança
he lhe dada gram possança
de memorya jnmortal

¶ O dos muy lindos buscãtes
rrasteyros ⁊ tam voantes
caçadores rrastejantes
que caçam caça rreal.

¶ Sam conheçidos de cujos.
sam estes lyndos sabujos
he bem cryarlhe os andujos
pera casta natural.

¶ He o tempo acheguado
pera cristo seer louuado
cada huũ tome cuydado
deste bem que tanto val.

¶ As nouas cousas presentes
sam hanos tam evydentes
como nunqua outras jentes
ja mays vyrom mundo tal.

¶ Fym.

¶ He ja tudo descuberto
ho muy lonje nos he perto
os vyndoyros tem ja çerto
ho tesouro terreal.

Anrryque da mota a hũa molher que lhe mãdou dyzer que a cada letra do seu nome lhe fyzesse hũa trovaua ⁊ chamauasse antonia vyeyra.

¶ Se vossa merçe quysera
eu nam passar este vaso
grande merçe me fezera
por que se nam conheçera
quam pouco sey neste caso
Mas poys ja meu coraçam
em tudo vos obedeçe
sem temor de rreprenssam
dyr vos ey minha tençam
daquylo que me pareçe

¶ No. A. senhora sentende
ho. Amor muyto sobejo
que me mata ⁊ que me ençende
que me manda ⁊ me defende
que nam cumpra meu desejo
E o M. vº decrara
a. Morte. Que me causays
da qual eu nam ma queyxara
se das dores vº matara
que me vos a mym matays

¶ Eo. T. he a tristeza
que me days porq̃ ssam vosso
mas nam tem poder crueza
de vençer minha fyrmeza
nem eu muyto menos posso.
Do. O. sam os. Olhº. Tristes
com que triste vº vy eu
⁊ os com que me vos vystes
sam setas com que ferystes
meu coraçam ssendo meu.

¶ Do. N. nam quer dizer
se nam. Nam. que me dizeys
sem quererdes conçeder
em dizer ssy nem querer
o que quero que sabeys.
Do. Y. diz que sos ymigua
do descanso queu quisera
aos vossos days fadigua
⁊ quē mays por vos obrigua
menos gualardam espera

¶ Do. A. senhora vº chama
Auarenta. De fauores
desamays a quem vº ama
tendes de crua tal fama
quanta tendes de primores.
Polo. V. sse manifesta
minha sojeyta. Vontade.
que ssendo lyure nam presta
⁊ faz catyua moor festa
do que faz com lyberdade

¶ E diz o ssegundo Y.
que tenho fee. Ynmortal
⁊ creo que nam naçy
senam desque conheçy
ser moor bem o vosso mal

Pello. E. tenho ssabydo
a. Enueja. Que me tem
algũs que tem conheçydo
quanto ssam por vos perdido
ganhado por querer bem.

¶ No Y. terçeyro conheço
senhora que soes. Ysenta.
poys q̃ quanto vº mereço
tendes entam pouco preço
que tudo nam vº contenta:
Do. R. he a. Rezam
que vos tendes de querer
tanto minha saluaçam
quanto vossa perfeyçam
foy causa de meu perder

¶ Eo. A. por derradeyro
diz que diguo sempre. ay.
este he o pregoeyro
que diz do meu prysoneyro
coraçam como lhe vay
Este brada noyte ⁊ dia
por saber quem no ouuyr
vossa crua fantilya
⁊ minha grande alegria
morrendo por vos seruyr

¶ Grosa sua a este moto que
fezem que nam estam mays
nem menos letras que as do
nome dantonya vyeyra.

¶ Ja vytorya nam. e

¶ Matar huũ homē vēçido
preso sobre sua fee
ja vytorea nam he

¶ Matardesme vos senhora
pello meu nam me da nada
mas por vos q̃ soes culpada
em matar quem vº adora.
E que me matays agora
poys nam matays minha fee
ja vytorea nam he.

¶ Que vytorea leuareys
matar hũ vosso catyuo
poys confesso que nam vyuo
senam quanto vos quereys.
E posto que me mateys
sem vº lembrar minha fee
ja vytorea nam. e

¶ Grosa sua a este moto.

¶ Gram trabalho he vyuer

¶ Poys nam sescusa perder
a vyda com grande afronta
lançando bem esta conta
gram trabalho he vyuer

¶ Es vyda tam estymada
quanto ssam breues teus dias
que sendo por sempre dada
quanto es agora amada
tam desamada serias.
E poys nunca das prazer
que nam venha com afronta
lançando bem esta conta
gram trabalho he vyuer

¶ Outra grosa em vylançete.

¶ Quem nesta vyda cuydar
pode bem çerto saber
quee gram trabalho vyuer.

¶ Quem cuidar nesta mudāça
queste triste mundo faz
achara que nele jaz
a mayor desconfyança.
E poys nunca da bonança
sem temor de sse perder
gran trabalho he vyuer

¶ Cada hũ em sseu estado
meta bem a mão no sseo
achara ssegundo creo
muyta dor muyto cuydado.
E poys ante de ganhado
este bem ssa de perder
gram trabalho he vyuer

¶ Estes bees de tanta brigua
com fadigua sam avydos
com fadigua possuydos
e leyxados com fadigua
E poys este mal sogygua
no ganhar e no poder
gram trabalho he vyuer

¶ Loguo meu contentarya
se nesta vyda presente
alguem vyuesse contente
ou descanssado huũ ssoo dia
Mas por quysto queu querya
nunca foy nem ha de sser
gram trabalho he vyuer

¶ Danrrique da mota a joã rroiz de ssaa para que falasse por ele ao conde seu sogro e a jorge de vascõçelos seu cunhado sobre dinheyro q̃ lhe nã paguauã de vynhos q̃ lhe vendeo pa hũa armada.

¶ Senhor a quem febo deu
lyngoa virgyliana
de que corre de que mana
quanta fama ouço eu.
E alem deste primor
o muy alto deos damor
triumfante
vᵒ fez huũ gentil galante
de damas gram seruidor

¶ De nobreza e fydalguya
escuso de vᵒ louuar
poys vosso claro solar
como sol rresplandecia.
E das artes liberays
e vertudes cardeays
nam vᵒ guabo
por que nysto nam tem cabo
a gram fama que cadays.

¶ Eu senhor por que conheço
vosso alto naçimento
quys tomar atreuymento
pedir vᵒ jsto que peço
E que seja desygual
pedir esta merçe tal
sem sseruyr
fazeo por consseguyr
vosso lyndo natural

¶ Eu fiz ssenhor huũ partido
co senhor vosso cunhado
no qual perdy o ganhado
e nam ganhey o perdido.
Compryl com ele, ssem brigua
por me tirar de fadigua
e agora
fazme na pagua tal mora
que nam ssey ja que lhe digua

¶ E por mays me agrauar
rremeteme a dom martinho
que mandou gastalo vinho
que ele mo mande paguar
Dom martinho nam me cre
se lhe falo nam ve
nem me ouue
vede senhor quem trouue
a pedilo meu por merçe.

¶ Faley tres vezes a el rrey
neste tam mao paguamẽto
sua alteza com bõm tento
ouuyo quanto lhe faley.
Mas porem sempre me disse
que dom martinho ouuysse
meu agrauo
nam ssey. Vijas este crauo
nem menos ssey quẽ no vysse

¶ Eu andando ssem ssaber
quem posesse nysto meo
em sonhos senhor me veo
que vos me podeys valer.
Vasconçelos mo comprou
castel branco mo gastou
em zamor
mas eu nam acho senhor
quem digua que mo pagou.

¶ E poys vos ssoes huũ teseo
em esforço e bõm destinto
lyurayme do laberynto
de que ssayr nunca creo.
Por que acho desta vez
que o que dedalo fez
nam foy tal
poys que fedra nam me val
nem o gram pelouro de pez

¶ Mas vos q̃ tendes na mão
o cordel per. V. Sayr
se me quyserdes ouuyr
podes me dar rredençam.
E poys ssoys bom lyurador
e podeys lyurar senhor
per dous erros
lyurayme destes desterros
e ganhays huũ sseruydor

¶ Fym em vylançete.

¶ Destas jdas destas vindas
destas paguas dos amores
por huũ prazer çem dolores.

¶ No tempo do contratar
andã tam bem assombrados
que nam venham namorados
que mays saybam lysonjar
Mas este negro paguar
nos causa com dessauores
por huũ prazer çem dolores

¶ E poys que vossa merçe
naçeo pera bem fazer
folguay de me socorrer
poys magrauã ssem por que.
E por vosso me ave
por q̃ quãte mil louuores
de vossos grandes primores

¶ Outro vylançete ao cõde de vyla noua sobre este caso.

¶ Quanto gãho nos partidos
tanto gasto em çapatos.
de rrodes pera pylatos

¶ Er me vou e er me venho
como barca de carreyra
quanto guanho quanto tẽho
tudo leua a tauerneyra.
¶ E assy desta maneyra
guasto todos meus çapatos
derodes pera pilatos.

¶ Quãdo cuido questou bem
emtam acho questou mal
quando cuido sser alem
sam aquem de portugual.
E per este modo tal
guasto todos meus çapatos
derodes pera pilatos.

¶ Ando muyto mays bolido
do que he ssaco de malha
tenho gram monte de palha
mas o gram nam he auido.
Sem cheguar a sser ouuido
rrompo todos meus çapatos
derodes pera pilatos.

¶ E poys que senhor ho meu
fiz de vossa jurdiçam
daymo daymo que e rrezam
daymo poys que ds mo deu.
Nam queirays q̃ guaste eu
o q̃ nam guanhey nos tratos
derodes pera pilatos.

Danrrique da mo/
ta a hũ creligo sobre
huũa pypa de vynho
q̃ selhe foy polo chã.
e lemẽtauao desta ma
neyra.

¶ Ay. ay. ay. ay que farey
ay que dores me çercaram
ay que nouas me cheguaram
ay de mym onde me yrey.
Que farey triste mesquinho
com payram
tudo leua mao caminho
poys q̃ vay todo meu vynho
pelo cham.

¶ O vinho quem te perdera
primeyro que te comprara
oo quem nunca te prouara
ou prouando te morrera.
O quem nunca fora nado
neste mundo
pois vejo tam mal logrado
huin tal bem tam estimado
tam profundo.

¶ O meu bem tã escolhido
que farey em vossa aussençia
nam posso ter paçiençia
por vᵒ ver assy perdido.
O pipa tam mal fundada
desditosa
de foguo ssejas queymada
por teres tam mal goardada
esta rrosa

¶ O arcos por que ssurastes
oo vimeẽs de maldiçam
por que nam tiuestes mão
assy como me ficastes
O mao vilão tanoeyro
desalmado
tu teẽs a culpa primeyro
pois leuaste o meu dinheyro
mal leuado.

¶ Fala com a ssua
negra.

¶ O perra de manicongua
tu emtornaste este vynho
hũa posta de touçinho
tey de guastar nesse lombo.
a mym nunca nũca mym
entornar
mym andar augoa jardim
a mym nunca ssar rroym
por que bradar.

¶ Se nam fosse por alguem
perra eu te çertefico
bradar com almexerico
aluaro lopo tam bem.

Vos logno todos chamar
vos beber
vos pipo nunca tapar
vos a mym quero pinguar
mym morrer.

¶ Ora perra calte ja
se nam matartey agora
aquyssar juyz no fora
a mym loguo vay te laa.
Mym tã bẽ falar mourinho
ssacriuam
mym nã medo no toussinho
guardar nã sser mais q̃ vinho
creliguam.

¶ Ora te dou oo diabo
rroguote ja que te cales
que bẽ mabastã meus males
que me vem de cada cabo.
Olhay a perra que diz
que fara
jra dizer oo juyz
o que fiz e que nam fiz
e crelaa.

¶ E poys ela he tam rroym
bem ssera que me perçeba
diraa que e minha mançeba
pera sse vinguar de mym.
em tam em prouas nã prouas
guastarey
yram dar de mim mas nouas
e faram ssobre mym trouas
que farey.

¶ O ssyso ssera calar
pera nam buscar desculpa
poys a negra nam tem culpa
pera que lha quero dar.
Eu ssam aquy o culpado
e outrem nam
eu ssam o denificado
e eu ssam o magoado
e ssoo ssam.

Que negra entrada de março
ſſe todo vay por eſtarte
⁊ as terças doutra parte
am me de dar hum camarço.
O vos outros que paſſays
pelas vinhas
rreſpondey aſſy viuays
ſe viſtes dores ygoays
coas minhas.

¶ Fym em vilançete.

¶ Pois nã tẽho aqui parẽtes
ſaltem vos amici mei
chorareys como chorey.

¶ Chorareys a minha pipa
chorareys o ãno caro
chorareys o deſemparo
do meu bem de caparica.
E poys tanta dor me fica
ſaltem vos amici mei
chorareys como chorey.

¶ Fala como o viguayro.

¶ O guordo padre viguayro
vos que ſſabeys que dor he
ajuday por voſſa fee
a chorar eſte fadayro.
Se perdera o breuiayro
nem a capa que comprey
nam chorara o que chorey!

¶ Responde o vigayro.

¶ O yrmão muyto perdeſte
⁊ ſſegundo em mym ſſento
nam teuera atreuimento
de ſſofrer o que ſofreſte.
he hum tam grande mal eſte
que com doo que de ty ey
pera ſſempre chorarey.

¶ Fala cõ aluaro lopez.

¶ O aluaro yrmão amiguo
vedo jaz aqui no chão
pois perdeſte teu quinham
vem ⁊ chorarás comyguo.
Certamente eu te diguo
que quando morreo el rrey
pardeos tanto nam chorey.

¶ Reposta daluaro lopez.

¶ Milhor me fora perder
dez mil vezes meu officio
ou hũ grande beneficio
que tanta pena ſofrer.
Poys nam temos que beber
o yrmão onde mirey
poys que choras chorarey.

¶ Fala cõ o almoxarife.

¶ O almoxarife yrmão
leuantemos eſta pipa
⁊ veremos ſſe lhe fica
aynda algum nembro ſſão
Mas eu tenho tal paytão
do triſte que nam logrey
que por ſſempre chorarey.

¶ Reſpõde o almoxarife.

¶ Pois q̃ nam tem alma jaa
pera que e aleuantada
mas muyto pior ſſeraa
que dizem que ficaraa
eſta caſa vyolada
a confraria he danada
O jrmão que te farey
ſe chorares chorarey.

¶ Fala cõ o juiz dꝰ orfãos.

¶ Vos que tendes jurdiçam
naqueles que nam tem pay
vynde vinde aquy choray
que eu tam bem orfão ſſão.
⁊ que voſſa condiçam
ſeja dagua como ſſey
chorareys como chorey.

¶ Reposta do juiz dꝰ orfãos.

¶ Esforçay nam vꝰ mateys
perto he daquy a agoſto
a negra fica com voſco
com que vꝰ confortareys.
Do perdido nam cureys
nem chameys a que del rrey
⁊ eu vꝰ conſolarey.

¶ Fym da lamentaçam
do creliguo.

¶ Todo genero honrrado
em que vertude conſiſte
ajuday chorar o triſte
que jaz aquy emtornado.
E poys eu por meu pecado
pera tanto mal fiquey
pera ſſempre chorarey.

¶ Danrrique da mota
a huũ alfayate de dom
dioguo ſobre hũ cruzado
que lhe furtarã no
bombarral.

¶ Goayas q̃ ſam deſtroçado
ay adonay que farey
poys que quys o meu pecado
que perdy o meu cruzado
que por maas noytes guãhey.
Goay de mym onde mirey
que rreçeba algum conforto
ſe o calo abafarey
jurem deu nam calarey
por que neſſora ſſam morto.

¶ Mas yr mey por eſſa terra
como homem ſſem ventura
porqua dor que me deſterra
me fara tam crua guerra
que moyra ſſem ſepultura.
Guyzeras que gram triſtura
o quem ante nam naçera
com tam gram deſauentura
poys ſeys meſes de coſtura
todos juntos os perdera.

¶ Ay que quero abafar
ay que me quero perder
quero myr lançar no mar
milhor he de me matar
que ssempre proue viuer.
O quem me desse ssaber
onde hum toyro estiuesse
hylo hya cometer
juremdeu em me comer
grande graça me fizesse.

¶ Doutra parte nam he ssyso
buscar minha perdiçam
que quando culpam narçyso
que morreo por mao auiso
pois de mym ja que diram.
Mas porem espantar ssam
os que ssouberem tal lodo
como viuo com paytam
o sse viesse hum lyam
que mesbandalhasse todo.

¶ Certo eu naçy maa ora
em pior fuy bautizado
pois des em tam ategora
sempre ẽ mym mofina mora
semprandey atreuessado.
Que farey triste coytado
que nam ssey ja que me faça
tudo he bem empreguado
em mim pois tomey de grado
esta ley noua de graça.

¶ Eu que me queyra casar
com perda tam conhecida
nam posso dessymular
por que por meu sospirar
sera minha dor ssabida.
Do cruzado minha vida
pera que te conheçy
poys tua triste partida
me causa dor tam creçida
qual eu nunca padeçy.

¶ Eu nam ssey que mal eu fiz
que tal perda me conuenha
o coraçam qua me diz
que va buscar o juiz
e creo que bem me venha.

¶ Elrey que me mantenha
em justiça com ssa vara
oo quem me dera ter grenha
pois nam tenho quẽ me tẽha
eu por my ma rrepelara.

¶ Partir mey nam partirey
hyr me ey onde me for
tornarey nam tornarey
se morrer nam viuirey
ou terey prazer ou dor.
Mas porem sse o ssenhor
dom dioguo ysto ssabe
segundo me tem amor
por que ssam sseu seruidor
juremdeu que nam me guabe

¶ Pergunta dom joam o alfayate.

¶ Como vees espauorido
manuel que ds te valha
como nam tendes ssabido
senhor como ssam perdido
nam ssey disso nemigalha.
com quem ouueste baralha
nam me negues isto mays
orala fora baralha
nã me fica grao nem palha
quero myr nam me tenhays.

¶ A goarda a goarda diabo
dizemesta puridade
que bem ssabes por meu cabo
que ssempre muyto te guabo
por te ter boa vontade.
Nam me negues a verdade
que quiçaa te vyra bem
tenho te tal amizade
ey de ty tal piadade
que nam no crera ninguem.

¶ Senhor vou desamarrado
coa perda que mantenho
leuo meu colo alçado
e vou tam desatinado
que nam ssey sse vou se venho.

¶ O que tinha nam no tenho
nem he ja em meu poder
estas barbas vos empenho
que valia dhum çeitenho
me nam fica por perder.

¶ Com tudo nam acabaste
de descobrir teu pesar
mil rrodeos me buscaste
e porem agora vaste
sem nada me decrarar.
Nam as assy de passar
nem te ey de leyxar yr
as oje da rrebentar
se nam aqui as destar
ora començay doouyr.

¶ Hum cruzado que poypey
em que tanto me rreuia
tantas vezes o olhey
ate que nam no achey
nem he ja onde ssoya.
Eu nam ssey sse caytia
da bolssa se mo furtaram
ou quiçaa tesqueeceria
em jugando algum dia
dar toam sseo acharam.

¶ E poys hum pesar tã rraso
me fez sser de dor ssogeito
poys passey ja este vaso
consselhayme neste caso
o que he mays meu proueito.
ysto dizes he ja feyto
a ssamtespirito hyras
batendo rryso no peyto
e contarlhas teu despeyto
e quiçaa o cobraras.

¶ Oraçam de manuel em ssam tespirito.

¶ O tu ssenhor ssantespirito
posto que teu nam conheça
de ty ssenhor me he dito
que es hum ds infinito
e mo metem em cabeça.

E dizem que mo fereça
a ty em mynha paixam
e posto que me nam creça
devaçam quanta mereça
nam me ponhas culpa nam.

¶ Adeuinha madeuinha
tu senhor quem me leuou
hum cruzado que eu tinha
pera dar a molher minha
que nam sey quē mo furtou.
Dom joam ma conssélhou
que me viesse eu a ty
ves maqui onde meftou
nam me falas ja me vou
que nam posso estar aqui.

¶ Aleuantey minhas velas
como nao com grā fadigua
carreguado de querelas
e fuy achar joam de belas
o qual manda que o ssygua.
E diz que tu es que te digua
manuel hũa gram noua
o senhor dōs vº bem digua
ja este demo ssa trigua
e nam quer ouuir a proua.

¶ Nouas bem çertas
q̄ joā de belas da a ma
nuel do sseu cruzado.

¶ Tu saberas queu ouuy
dizer qum homem dissera
o qual eu nam conheçi
que passara por aqui
outromem nam ssey dōdera.
E aquele homem ssoubera
dhum sseu amiguo cheguado
que hũ dia desta era
hum sseu filho lhe tronuera
esse he o meu cruzado.

¶ Nam quero mais escuitar
senhor meu muytas merçes
o iuiz me vou buscar
que mande loguo çitar
esse homem que dizes.

Nam majays por descortes
por que vº leixo aqui ssoo
tanta merçe me fareys
que naquisto ma judeys
por des darmos este noo.

¶ Fala manuel co juyz q̄
era gonçalo da mota.

¶ Senhor juiz venho caa
com muyto grande paixam
estou qua nam estou laa
joam de belas vº diraa
toda minha concrusam.
Eu nā ssey quem nem quē nā
hum cruzado me furtou
ou sse me cahyo no cham
porem tenho presunçam
que hum homem o achou

¶ O juiz.

¶ Esse homem donde he
bem ssera que mo diguays
por que ssem mais bolyr pee
vº juro por minha fee
que vosso cruzado ajays.
Senhor juyz bem viuays
ysso he o queu espero
ora ssus nam tarde mais
esse homem ca cusays
o nome ssaber lhe quero.

¶ Sinays que manuel da
do homem que lhe achou
o cruzado.

¶ Eu nam ssey onde le viue
porem he donde le for
a par dele nam estiue
nem menos nam no rrerlue
nem ssey onde e morador.
Mas ponho que e laurador
e foy filho de alguem
e mays tem na ssua cor
e tam bem tem mor amor
assy mesmo quaa ninguem.

¶ E he filho de molher
trazo rrosto por diante
ssabera quanto ssouber
e teraa o que teuer
ou he feo ou he galante.
He mays bayxo que gyguāte
e he mayor que pineu
ou he fraco ou he possante
nam he rrey nem he yfante
ou he cristão ou judeu.

Se mays ssinays de mā dardes
darnolos ey sse quereys
mas porē sse bem julguardes
em estomem condenardes
grande merçe me fareys.
Bem ssera ja ca cabeys
nam cureys mays de falar
e poys vos tanto ssabeys
esperay e ouuireys
a ssentença quey de dar.

¶ Sentença do juyz.

¶ Visto bem por my juiz
este feyto e maa auçam
e o queu ssobristo fiz
e o queste homem diz
em ssua maa concrusam.
Diguo por boa rrezam
que ssele perdeo cruzado
as epistolas de catam
que quarenta e oyto ssam
am culpa neste pecado.

¶ Fym.

¶ Mas porē por quale guays
ssynays com que mē baçastes
por esses mesmos ssinays
eu julguo que vos percays
o cruzado que furtastes
Por cassy como o guāhastes
sem temor de ds nem medo
a bo fee bem no lograstes
e nā ssey como o goardastes
que sse nā perdeo mais çedo.

¶ Danrrique da mota ao ortelam q̃ a rrainha tẽ nas caldas q̃ he hũ omẽ muyto pequeno ⁊ chamase joã grãde ⁊ passou estas palauras cõ ele por trazer a carreto de dizer q̃ o pue dor das caldas q̃ chamã jerony mo dayres era muyto seco ẽ suas cousas ⁊ começa abater a porta da orta. ⁊ falam ambos hũ com o outro.

¶ Ou laa ou laa ou de laa
quem esta hy
cheguay peçonos aqui
que queria entrar laa.
Quem ssoys vos abryr vº ey
abry vos ⁊ velo eys
que quereys
abry ⁊ dyr volo ey.

¶ Em abrindo a porta.

¶ Amiguo deos vº ajude
⁊ a vos faça
dizeyme por vossa graça
assy deos vº dey saude.
Se estaa aqui joam grande
hum muy grande ortelam
eu o ssam
em quanto a rrainha mande.

¶ Ysso seraa zombaria
bem por que
por que soys hũ qu tilque
pouco moor que coro via.
E jam grande deue ser
hum omem grande crecido
muy comprido
de descriçam ⁊ saber.

¶ E vos parceçeis bogio
com capelo
rredondo como nouelo
ou pymeu em desafio.
Se vos vindes azombar
nam vº quero mais ouuir
quero myr
que nam posso aqui estar.

¶ Agoarday nam vº partais
escuitayme
estarey ⁊ sseguraime
que nã zõbeis de mim mais.
Deixaime passala porta
que queria la entrar
a falar
co ortelão desta orta.

¶ Pois ou grãde ou peq̃no
erma aqui
o que dizeys he assi
assi he por ssamtilleno.
Vede vos o que quereis
pareçes a rratalinho
folforinho
nam disse que nam zombeis.

¶ Ora juos loguo fora
da minha orta
que quero carrala porta
eylo demo vem aguora.
Nam vº ploirey perdam
por qual quer cousa querrasse
ou passasse
mais de vossa condiçam.

¶ Por hy me podeis leuar
que per bem
nam me vençera ninguem
ora podeis vos entrar.
Benzas deos as larangeiras
pareçe ca olho creçem
⁊ jaceçem
por aqui estas limeiras.

¶ O que cousa tam rreal
começada
entray que nam vedes nada
o que fremoso cioral
E estas larangeirinhas
de laranjas carreguadas
sam prantadas
por estas santas mãos minhas

¶ Quanto vos aqui prantais
tudo prende
por q̃ tanto se mentende
que ninguem nã ssabe mais.
Hũ pao sseco aqui metido
co ssaber que me dẽs deu
farey eu
ficar verde ⁊ muy frolido.

¶ O que cousa de louuor
esta hee
metey ca por vossa fee
este vosso prouedor.
Hy correndo muy asynha
que vº valha dẽs trazeo
⁊ fazeo
quee seruiço da rrainha.

¶ O jesu nam mꝫ faleis
nesta cousa
por q̃ meu saber nam ousa
fazer ysso que quereis:
Por q̃ toda a natureza
nem o ssaber de medea
nem cumea
nam faram tal ardideza

¶ Por q̃ ssua ssequidade
he de ssorte
que nunca se nam per morte
mudara sa calidade.
E pera sse rregnar bem
primeiro despenderey
⁊ ssecarey
toda quãta aagoa aqui vem.

¶ E aynda nam mꝫ atreuo
a rregualo
⁊ se quiser bem agoalo
nam farey ca o que deuo.
Antes ele fique seco
que dar maa conta de mym
⁊ em fim
serey julgado por peco.

¶ Por q̃ ssempre ouuy falar
ca elaa
que o que natura daa
ninguem o pode neguar.
Ele tem sseca naçam
de sseu sseco natural
pelo qual
nam a hy ja rredençam.

¶ Assy que vᵒ despedis
de trazelo
doutra parte eu ponho sselo
a ysso que concrudois.
Por que depoys que naçy
outra tam sseca pessoa
ssendo booa
nunca nesta terra vy.

¶ Fym ⁊ concrusam.

¶ E assy que concrudindo
nunca pude achar maneyra
pera que ssua sse queyra
se fosse deminuindo.
Porem dizem qua hũ dito
bem me deueys dentender
que sse acha em escrito
que quando vyrmos ssolsito
quesperemos por chouer.

¶ Danrrique da mota
a huũ sseu amiguo em
rreposta dhũa carta q̃
lhe mãdou em q̃ lhe cõ/
taua hũa visam q̃ vyra
⁊ pedia consselho ⁊ de
craraçã da dita visam.

¶ Descriçam do tẽpo.

¶ A madre q̃ começaua
de rramar sseus lauradores
a filha de nouas frores
o mundo ja visitaua.
⁊ neptuno derramaua
seus tesouros
sobre cristãos ssobre mouros
febo sseus cabelos louros
rreseruaua
⁊ ssem graça sse mostraua.

¶ O qual hya rrepousando
na casa do animal
que co rrabo fere mal
⁊ da boca he muy brando.
Neste tempo era quando
me foy dado
hũ escrito muy çarrado
que me deu muyto cuidado
em cuidando
no que nele vou achando.

¶ E depoys de o ter lido
fiquey todo ssem prazer
por nam poder entender
seu estilo muy ssobido.
E assy entrestecido
me party
na qual hyda me temy
de ma conteçer assy
como ey lido
que omero foy perdido.

¶ E com tam gram desatino
prosseguy por minha vya
rramosya tomey por guya
como fez el rrey ca dino.
E acheime tam mofino
caminhante
que quãto mays vou auante
me acho tam ynorante
de contino
muyto mays q̃ hum menino.

¶ E hya tam trespostado
que nam vya çeo nem terra
a mym mesmo daua guerra
co este nouo cuidado.
Porque ya tam emleuado
em cuydar
que ssem caminho achar
me foy furtuna leuar
a hum prado
dhumanos desabitado.

¶ O qual todo sse çerraua
dũa sserra per tal arte
tam alta de cada parte
que as nuuẽs traspassaua.
Na qual sserra vy camdaua
montesyna
muyta fera ssaluagina
⁊ toda a ve de rrapina
se criaua
naquesta sselua tam braua.

¶ E eu vendo que errey
o caminho da pousada
começey buscar entrada
por ssayr per hu entrey.
E depois que trabalhey
em buscalo
sem poder jamais achalo
de ter aas como dedalo
desejey
quando çercado machey.

¶ E desque nam achey meyo
pera ssayr da montanha
bradaua com grande ssanha
mesturada com rreçeo.
Porem o carro febeo
caminhando
me foy toda luz tirando
em tais treuas me leixando
como orfeo
quando do jnferno veo.

¶ E depois que me çercou
a ssombra de tesifone
fiquey mais triste que prone
quando sseu filho matou.
Por que desque ssapartou
a luz do dia
fogio de mim alegria
⁊ por minha companhia
me ficou
temor q̃ macompanhou.

¶ E com quãto mal dobrado
ate qui passey tam duro
com rreçeo do futuro
mesqueçia do passado.

Por q̃ me vy muy çercado
de bestiguos
de minha vida jmiguos
z eu por fogyr periguos
foy forçado
em hũa aruor sser trepado.

¶ E depois daly passar
gram parte da noyte escura
mal disse minha ventura
que maly veo portar.
E comecey de rroguar
a cupido
qual o mie meu ssentido
z pera que fuy trazido
a tal luguar
me quisesse decrarar

¶ E eu que nam acabaua
meu rroguo tam paçiente
quando vy supitamente
hum craror que me çercaua:
E no meyo dele estaua
poderoso
hum moço çeguo fremoso
ora ledo ora cuidoso
se mostraua
z tinha aas com que voaua;

¶ E trazia por synal
de suas obras secretas
hum color e cõ muytas ssetas
z hum arco muy rreal.
z a quem lhe mays leal
a sseu mandado
esse viue mays penado
esse tem tanto cuidado
que mays val
fogyr do sseu a rrayal

¶ E aqueles que feria
com sseus furiosos tiros
fazia lhe dar ssospiros
sem canssar noyte nem dia.
E vy que tanto podia
seu poder
que nam presta defender
nem o humano ssaber
nam ssabia
rresestir ssua perfia.

¶ E eu com alteraçam
que tinha do grande medo
faley hum pouco mais çedo
do que mandaua rrezam.
E disse com toruaçam
oo ssenhor
se tu es o deos damor
liura liura de tal dor
meu coraçam
que nam moyra de payxam

¶ O qual loguo rrespondeo
eu ssam o grande cupido
eu fuy amado z temido
de quanta gente naçeo.
E quem me nam conheçeo
nem amou
poucas cousas acabou
nunca gualanteandou
nem vinceo
quem ssem amores morreo.

¶ E eu posso dar cuidados
eu dou pena z eu groria
por mym alcançam vitoria
os constantes namorados.
E os q̃ ssam mais honrrados
z seruidos
se quero ssam abatidos
z por contrayro queridos
z amados
os tristes desesperados.

¶ E assy que em meu poder
he a chaue dos amores
z por tanto os amadores
me deuem obedeçer.
Deuem me rreconheçer
obediençia
poys mynha grande exçelẽçia
por mays alta priminençia
tem poder
pera dar dor z prazer.

¶ E por que tu jnnocaste
minha grande magestade
com taın vmilde vontade
grande graça percalçaste.
Mas nam cuides quescapaste
da gram pena
que te meu ssaber ordena
mas daquesta mais peqũena
te liuraste
quãdo meu nome chamaste.

¶ E diras a teu amiguo
que nam cure de cuidar
na visam que vyo passar
que o pos em gram periguo.
Por que aquele bestiguo
quele via
que as carnes lhe comia
sera grande alegria
que conssiguo
lograra como te diguo.

¶ E tanto quisto falou
hũa nuuem o cobrio
z assy sse transluzio
que os olhos me çegou.
E desque sse apartou
sem no ver
trabalhey por me deçer
z acheyme ssem ssaber
quem me leuou
nesta terra onde estou.

¶ Fym.

¶ Aguora ssenhor olhay
esta outra vysam que vy
z entenderes aquy
vosso feyto como vay.
Mas de mym vos affirmay
que ssoo a vista
me da tam forte conquista
que nam ssey quem lhe rresista
nem sse ssay
minha dor por dizer ay.

¶ Danrrique da mota a dom joam de norõha e a dom Ssancho seu yrmão porque se forã cõfessar a Ssam Bernal/ di na metade do verão leuando comssyguo o vigayro douidos que he muyto gordo. e vieram jãtar a hũ luguar que chamam os gyral/ dos. e nom acharam vynho pera beber.

¶ No verão hyr confessar
na força dos dias grandes
nam a hy bancos de frandes
pera tanto arreçear.
O frade muy deuaguar
assentado a seu prazer
a çegua rregua a cantar
em tam estar e ssuar
ysto he mais que morrer

¶ Por tanto foy ordenado
o confessar no inuerno
por quo mor mal do jnferno
he sser muyto emcalmado.
ante sser escomungado
que hyr confessar por calma
que açaz he gram peccado
ser o corpo maltratado
com pouco proueito dalma.

¶ Ora ponhamos que jaa
seja feyta confissam
com muy grande contriçam
como creo que sseraa.
vejamos quem poderaa
comprir aguora pendença
a qual he cousa tam maa
que se nalma vida daa
no corpo causa doença.

¶ De hũa cousa muy ssaã
pera os corrutos aares
nos dias caniculares
o beber pela menhaã
a touguya ou lourinhaã.
Quem nam tiuer caparica
ssobre pera ou maçaã
o al he cousa vaã
em ssaluo esta quem rreplica.

¶ Esse disser o contrayro
esse frade por ventura
dizeylhe cassy sse cura
o padre do campanayro.
Por que tem hum bibyayro
em que rreza ssem periguo
muyto mays q̃ no rrosayro
nam diguays que eo viguairo
por que eu senhor nã no diguo.

¶ Nem eu çerto nam diria
do senhor vigayro nada
nem da ssua imbiguada
por que mescomunguaria.
Mas porem eu juraria
na ssaya de ssam bernaldo
que ja ele rrezaria
hum rresponsso que dizia
libera me do giraldo.

¶ In die illa tremenda
quando for o çeo mouido
e o vinho faleçido
que nam achem quẽ no vẽda
nem fiado nem aa tenda
Nẽ per força nẽ per rroguo
domine michi defenda
de tam aspera emmenda
ante me julgue per foguo.

¶ Açaz gram pendença era
a que fez vossa merçe
querer beber ssem ter que
Do que pendença tam fera
ssempre ouuy que nesta era
he periguo ter barrigua
e eu vy na prima vera
e no curso da espera
ca vyẽs de ter fadigua.

¶ Vierom do oriente
tres rreys magos q̃ ssabeys
e vos fostes todos tres
muyto guordos em ponente.
O frade muyto contente
na ssua çela muy fria
e vos per calma muy quente
eu mespanto çertamente
ssayrdes daquele dia.

¶ Fym.

¶ Ora ja vᵒˢ confessastes
goarday vᵒˢ de jejũar
caçaz vᵒˢ deue abastar
o ssuor que laa ssuastes.
Por que doulhe que cõtastes
mays pecados do q̃ eram
eu mafirmo que paguastes
na fronta que la passastes
a pendença que vᵒˢ deram

¶ Trouas danrriq̃ da mota a hũa mula muyto magra. e velha que vyo estar no bonbarral ha porta de dom dio/ guo filho do marques e era de dom anrrique seu yrmão que hya em rromaria a nossa sen/ hora d nazarete e leua ua nela hum seu amo.

¶ Donde ssoys senhora mula
quassy stays desmazalada
vos no pecado da gula
nam deues de ser culpada.
Segundo estays dilicada
juraria
que sereys acustumada
a comer pouca çeuada
cada dya.

¶ Vos por vossa grã magreyra
nam deues ter dor de baço
ja deues deyxar o paço
pois vᵒ dã tã ma cõteira.
¶ Queu nã synto quẽ vᵒ queira
porem ssey
quãdo foy dalfarroubeyra
quãdaueys na dianteyra
cos del rrey.

¶ Dessa vossa guarniçam
bem ssey q̃ vᵒ contentays
doutra parte he rrazam
pois q̃ tem tantos metays.
Ouro prata estanho ⁊ mays
tem verniz
sa tam cobre nam deixays
pareçes hy onde stays
hũa boiz.

¶ Se fordes a nazaree
aly he vosso fartar
ho q̃ gram doçura he
area ⁊ agoa do mar.
Se vᵒ ós bem ajudar.
nesta jornada
quero vos profetizar
que aues la de ficar
estirada.

¶ Vos pareçes hum diabo
se nã quanto soys mays fea
por mays q̃ bulays co rrabo
aues de ter bem maa çea.
Tendes feyçam de lampꝛea
na longura
da barrigua pouco chea
ho jesu q̃ ma estrea.
que trestura.

¶ A mula.

¶ A bo fee bem vᵒ meteys
sem saber com quẽ falays
⁊ de mays se vos cuidays
que falays com quem ssoeys.
Vos de mym zõbar queres
assaz de mal
q̃ fuy do senhor marques
⁊ ja rreys vy morrer tres
em portugual.

¶ O q̃ dizeys he assy
dizey assy vᵒ ós farte
no tempo del rrey duarte
vᵒ afyrmo q̃ naçy
⁊ ja quatro rreys seruy
portugueses
⁊ com quanto mal soffry
nunca de casa sahy
dos marqueses

¶ Poys cõ quẽ vyueis agora
q̃ vᵒ tem tam mal tratada
traz mũ homẽ emprestada
de quem sse ja çedo fora.
nam me dyreys onde mora
se ousasse
mas traz hũa tal espora
querya la na maa ora
sse falasse.

¶ No tempo dos caramelos
q̃ comẽs q̃ deos vᵒ valha
hũa quarta de farelos
hũa jueyra de palha.
Nam comes outra bytalha
assy gozedes
nam como mays nymygalha
daruos ha fome batalha
jora vedes.

¶ Ora bem ⁊ no beber
assy vᵒ poẽ prouyssam
quanta disso fartassam
nam ha hy al que dyzer.
Se me dessem de comer
dessa maneyra
bem podya gordasser
nam me vyrya morrer
de lazeyra.

¶ Tendes los ossos muy altos
⁊ a carne muy ssomyda
andays bem fora dos saltos
soys de quadrys bẽ fornyda.
Por hy veres vos a vyda
q̃ eu passo
⁊ por sser mays destroyda
vou cõ hũ homẽ nesta hyda
muy escasso.

¶ Ora bem esse vosso amo
nam dyreis como se chama
he o amo queu desamo
q̃ amym bem pouco ama.
Nam ey de casar ssa fama
que messole
mas ssagora ouuesse lama
se lheu nam fezesse a cama
na mays mole

¶ Gomez anrriquez

¶ O jesu q̃ ma vysonha
o q̃ cousa tam disforme
tem no pescoço comforme
com garganta de çegonha.
Donde he tal carantonha
de tays geytos
sam da casa de noronha
⁊ nam ey dauer vergonha
de meus feytos

¶ Por q̃ vedes me aquy
eu vos juro de verdade
q̃ por mety vyrgyndade
⁊ estou tal qual naçy.
Em meu bom tẽpo sseruy
quanto pude
⁊ depoys q̃ em velheçy
nũca mays bem rreçeby
nem saude.

¶ O amo q̃ hy ya nela

¶ Que diabo lhe quereys
a esta triste coytada
diz q̃ nam come çeuada
⁊ q̃ vos q̃ lha tolheys.
Quero poys quysso dyzeys
q̃ ssaybays
q̃ a come cada mes
cada mes ha vynta tres
que ma nam days.

¶ Anrrique da mo
ta.

¶ Por q̄ partydo ouuestes
a mula q̄ foy das boas
aforada em tres pessoas
o cara maa ca vyestes.
nūca foro me dissestes
de tal sorte.
mas poys vos jsso fezestes
eu me faço logo prestes
pera morte.

¶ O amo.

¶ Estays ora muy em fynta
e estays trocendo ho rrosto
mas bradam todos co vosco
por meterdes tam famynta.
Deueys lançar hūa fynta
em alcoentre
pera lhe encher a çynta
fycouos q̄ mays nã synta
dor de ventre

¶ Fala o amo com anrri
que da mota

¶ Se soubessenys como anda
fycaryes espantado
sey que anda mal pecado
nam muy farta de vyanda.
Pareçe longua-varanda
de taverna
traue longa muyto panda
zambuco q̄ sse nam manda
nem gouerna

¶ Fala o amo com
a mula quando sse
ja queriam yr.

¶ Todaa jente sse vay jaa
vamonos da quy em boora
mas q̄ vamos na maora
q̄ comyguo andara.
Anday rryjo e ver vos haa
esta jente
nunca ós tal quereraa
quē me da vyda tã maa
q̄ ho contente

¶ Quãto mays q̄ eu nã posso
fazer jsso q̄ quereys
por co meu mal e vosso
tode meu como sabeys.
O que ando he q̄ me pes
e com payxam
des que em mym vᵒˢ colhes
cuydays que sam hū arnes
de mylam.

¶ O amo.

¶ Anday ãday nã vᵒˢ torçais
quolham todos pera nos
ora la rrysem de vos
tanto ata q̄ vᵒˢ deçais.
Aguarday poys q̄ palrrays
coçar vos ey
e vos dona rrespyngays
sse me vos assouclais
q̄ farey.

¶ Despydimento da mula
em sse partindo.

¶ Senhores do bom barral
voume com vossa merçe
tanta merçe me faze
que vᵒˢ lembres de meu mal
E a cousa pryncipal
que a deos peçays
questa fome tam jeral
q̄ anda em portugual
nam dure mays.

¶ Que se eu ssam mal pronlos
quando a terra he abastada
q̄ farey quando a çeuada
a corenta he vendida:
Se eu escapo desta hyda
com tal cura
Ey de buscar hūa ermyda
onde faça outra vyda
mays segura

¶ Daly a dias jndo anrryq̄
da mota ter alcoentre bonde
dom anrryque estaua achou
a mula q̄ lhe deu conta de to/
do o que passara na jornada
da rromarya onde fora de q̄
já era tornada.

¶ Folgo bem de vᵒˢ achar
senhor meu naquesta terra
pera vᵒˢ contar a guerra
q̄ me da nam mastigar.
Se quyserdes escuytar
contaruos ey
meu jntrinsyco penar
minha gram dor e pesar
q̄ passey.

¶ Partymos naquele dya
q̄ nos vos vystes partyr
todos vya muyto rryr
se nam eu q̄ nam podya.
Que nam pousa alegrya
nem prazer
na trypa muyto vazya
por q̄ todo bem sse crya
do comer

¶ E ffomos ter no arelho
onde la esses senhores
e todos seus seruydores
todos eram duū consselho.
Lyngoado per diz coelho
e em fym
muyto branco e vermelho
e eu em hū palheyro velho
por rroym.

¶ Poys la em selyr do porto
q̄ terra de fyde puta
de çeuada muy enxuta
careçyda de conforto.
Suey sangue aly no orto
com payxam
meu esforço aly foy morto
porem foy o grande torto
sem rrazam:.

¶ Que vos juro de verdade
q̃ como fomos cheguados
todos foram apousentados
senam eu que gram maldade.
nam averem pyadade;
de meu mal
& de minha etyguydade
se nam sso lopo danorade
q̃ me val

¶ O qual me deu por pousada
hũa casa muyto frya.
de vyanda muy vazya
muy varryda & muy agoada.
E sselada & em freada
me deyxaram
& a porta bem ffechada
sem me dar de comer nada
sse tornaram.

¶ Fyquey assy paseando
chorando minhas fadyguas
em minhas obras antyguas
como ja case ssonhando.
muytas vezes sospirando
por comer
os galos todos cantando
& eu triste arrenegando
sem prazer.

¶ Se nam quando eylo vem
cũa quarta dũa quarta
de farelos q̃ mal farta
quem taam grande fome tem.
Mas eu disse nam com bem
dengeytar
este tam pequeno bem
por q̃ nam fyque aquem
de çear.

¶ Fomonos all feyzyram
onde ha jnfyndo sal
nam leuey eu daly al
se nam dor de coraçam.
Daly a famalycam
nam tardam?
q̃ nome de maloyçam
q̃ nem çeuada nem pam
nam acham?

¶ E daly a pederneyra
leuey hũ, bom suadoyro
mas eu nam leuaua çoyro
no lombo nem na cylheyra.
Leuaua muy gram peteyra
na barrygua;
muyta fome gram lazeyra
& cheguey desta maneyra
com fadyga.

¶ Bem disse o ssabedor
oje mal & pyor craas
sse eu mal passey atras
aly foy muyto pyor.
Parea la meu senhor
fartar me manda
ela tem muy gentyl cor
mas da yo demo o sabor
da vyanda

¶ Tomamos outra jornada
la caminho dalcobaça
eu lauaua pouca graça
por quya muy essaymada.
Aly fuy atormentada
nesta vya
& na cr us muy marteyrada
com a ssela bem lograda,
que corrya.

¶ Fyquey muyto descanssada
quando me vy no moesteyro
em poder do estrybeyro
de poder deste tyrada.
E fyquey muy espantada
quando vy
çeuada ja de bulhada
ante mym a presentada
que comy

¶ Tyue muytas alegryas
os dias qualy passey
nam ssey quãdo taes tres dias
em meus dias passarey.
Gram saudade tomey
na partyda
& partyndo comecey
ho quam pouco q̃ logrey
esta vyda

¶ Assy triste lamentando
me party & ssem prazer
outros myl males passando
q̃ nam ssam pera dyzer
As caldas vyemos ter
sem tardar
perguntey por mays saber
estas agoas tem poder
de men gordar.

¶ E dyseranme sy tem
porem logo sem detença
quem nelas entrar cõ vem
q̃ faça muy grã pendença
Bem me praz desta convẽsa
poys he tal
mas esta minha doença
he faminta pestenença
muy mortal

¶ He hũa dor de trysteza
q̃ faz aos mays honrrados
dar sospiros muy dobrados
se os toca per ventura.
Que nam ha hy dor tã dura
de soffrer
a vyuente cryatura
tomo verse em apertura
de comer.

¶ Esta faz muytas vylezas
onde nam valem castigos
esta faz myl fortalezas
dar em poder dos jnmygos;
esta faz muytos amygos
se perderem
os presentes & antygos
sse posseram em myl perigos
por comerem.

¶ Assy qua dor q̃ ma ffeyta
ypocras & ga leano
dam em contra desseu dano
hũa muy gentyl rreceyta.
& dyzem qua de sser feyta
per estarte
de farelos satisfeyta
çeuada bem escolheyta
que me farte.

¶ Se aveys por confyssam
a caz ssam de comffessada
eu nam como ja çeuada
jsto por que ma nom dam
E tomo por deuaçam
jejũar
poys quanta por contriçam;
assaz demffadada ssam
de chorar.

¶ Eu estando conçertada
pera entrar ja nos banhos
foram meus males tamãhos
que fuy loguo emfreada.
E aly foy apartada
a companhya
cada parte foy tornada
com seu senhor apousada
que soya.

¶ A mula a dom dioguo
quando hya.

¶ Vossa senhorya vay
caminho do bom barral
rresesty senhor meu mal
poys que fuy de vosso pay.
E com vosco me leuay
que eu myrey
ou senhor meu comenday
a vosso jrmão se nam cuyday
que morrerey.

¶ E dyzelhe com rrygor
q̃ mande curar de mym
nam deseje minha fym
poys q̃ fuy tal seruydor
Olhay bem o grande amor
que me tinha
vosso padre meu senhor,
q̃ somente sseu fauor
me mantinha.

¶ Olhay bem quãto seruyço
fyz na idade passada
nam queyra tomar por vyço
ver me morrer esfaymada
Hũ alqueyre de çeuada
que he hũ vento
com farelos mesturada
com pouco mays desenada
me contento

¶ Dom dioguo.

¶ Bem he jsso q̃ pedys
meu jrmão o ssabera
seruy vos como seruys
q̃ tudo se bem fara.
No senhor quesqueçera
loguo ssedigua
ante q̃ daquy sse vaa
que depoys nam lembrara
minha fadygua.

¶ Todos teuerã folgança
senhor meu neste caminho
çeuada pam carne vynho
tudo foy em abastança
Todos andam em bonãça
sem tromenta
se nam eu sem esperança
questa fome por erança
matormenta

¶ Dom dioguo.

¶ Nam dignays jsso madora
poys q̃ eu ssey o contrayro
sse eu todos bẽ rrepayro
como fycays vos de fora.
nam dyguo mays por agora
por quee feyo
mas poys jsto sse jnora
manday vos faser de mora
e sabeyo.

¶ Dom dioguo.

¶ Nam ssey como sser podya
nam comerdes vos çeuada
poys vos era ordenada
bem tres quartas cada dia.
çerto eu bem folguarya
e conuem
ssaber vossa senhorya
o çerrto desta porfya
mas he bem.

¶ Dom dioguo ao
seu veador

¶ Dyzey bastiam os costa
vos q̃ sabeys a verdade
day aquy vossa rreposta
quem farya tal maldade.
No senhor he vaydade
nam vº menta
nam lhe des autoridade
q̃ ja passa da jdade
dos setenta.

¶ Vos quereys atabucarme
que nam ousse de falar
vos bem me podeys matar
mas eu nam ey de calar.
E vos cuydays denganarme
neste vale
mas vos queres deffamarme
nã queyrays vos asanharme
que eu fale

¶ Porem vos tomays solaz
e em mym nã entra rryso
ho senhor q̃ nam tem syso
diz aquysso q̃ lhe praz
ora isso nam me faz
nenhũ agrauo
preguntay aquẽ me traz
e sabey bem onde jaz
este crauo

¶ Dom dioguo ao amo

¶ Dyzey amo poys lograys
esta triste descarnada
nam lhe vystes dar çeuada
o senhor nam na creays.
Que depoys que ca andays
nam ha fome
tres quartas lhe dam e mays
bem e vos força machays
dequem come

¶ Dom dioguo ao veador

¶ Dyzey aquem entregays
a rraçam ⁊ ſſaber ſaa
a çeuada q̃ lhe days
ao amo q̃ hy eſtaa
Dyzey amo vyndeo a
he aſſy
aſſy foy he ⁊ ſera
⁊ ela nam o negara
q̃ eu lha vy

¶ Dyzey vyſtes me goſtar
a çeuada q̃ dizeys
nam mas ſſey ⁊ vos ſabeys
que vola mandaua dar.
Senhor ſe de mym ſachar
que foy comyda
fazeyme vos deſelar
manday ma ſela quebrar
⁊ abryda.

¶ Dom dioguo.

¶ Ora eu nam tenho culpa
na ma vyda que paſaſtes
a verdade me deſculpa
a qual vos eſpermentaſtes:
Señor vos bẽ vꝰ moſtraſtes
verdadeyro
⁊ aquem mencomendaſtes
bem comprio o q̃ mandaſtes
per jnteyro.

¶ Porem toda a culpa tem
eſte moço q̃ me cura
a çeuada bem precura
mas ele guarda a muy bem:
ſſabe ds q aam mal me vem
eſta lazeyra
mas fazelo me com vem
por q̃ nam acho ninguem
que me queyra.

¶ Senhor ey de conheçer
poys a verdade ſe cre
a muyto grande merçe
q̃ me folgaſtes fazer.

Porem eu poſſo dyzer
que paſſey
oyto dias ſſem comer
mantendome no prazer
que leuey

¶ Acaba a mula de cõ-
tar anrryque da mota
todo o que paſſou ⁊ da
ffym ⁊ concruſam.

¶ E depoys deſtas rrazoes
todos ſomos apartados
ſe nam eu que de paytões
nam no fuy por meus pecadoꝰ.
Aquy ando com cuydados
ſſem de porte
hu meus dias mal logrados
ſeram ſempre laſtymados
ate morte.

¶ Anrrique da mota a
vaſco abul por que an-
dando hũa moça baylã-
do em alanquer deulhe
zombando hũa cadea
douro ⁊ depois a moça
nam lha quys tornar ⁊
andaram ſobre jſſo em
demanda. ⁊ veo vaſco
abul falar ſobre jſſo ha
rraynha eſtando em al
mada ⁊ ha hy lhe fez
eſtas trouas

¶ Que buſcays ca neſta terra
com tal ſul
meu ſenhor vaſco abul
qua mordé nam hũa guerra.
Seram jſſo mexericos
nam ſejays vos tal comeu
mas ſam hũs ſenhores rrycos
que per bycos
me querem leuar ho meu

¶ Trazeys algũa demanda
ou que he
nam no ſſey por minha fee
mal vyua quẽ me ca manda:
Vos andays eſmoreçydo
eu nam ſſey que vos aueys
he hũu caſo tam ſobydo
que dorydo
ſeo vos entendereys

¶ Nam cureys de duuydar
⁊ dyzeemo
nam no dyguo por que temo
que am de mym dezombar
Que caſo podeſſe ſſer
em q̃ tanto ſopeſays
eu volo quero dyzer
pera ver
o conſſelho que me days

¶ Fuy la muyto na ma ora
neſta era
em ora q̃ nam deuera
vy baylar hũa ſenhora.
Sey q̃ foram jſſo brigas
mas cuydo q̃ ſſam pecados
bem mereço eu myl fygas
⁊ fadyguas
poys q̃ perco meus cruzados

¶ Furtaram vos la dinheyro
mas tomaram
⁊ pergeyto ma ſſacaram
q̃ fiz outrem meu erdeyro:
Quanta jſſo folgarya
de ſaber como paſſou
he a mays alta perfya
⁊ zombarya
q̃ nunca ninguem cuydou

¶ Hũa gentyl bayladeyra
dalanquer
fremoſa gentil molher
me chofrou deſta maneyra
Por me nam pareçer fea
vendoa baylar hũ dia
lhe mandey por bóa eſtrea
hũa cadea
que eu no peſcoço trazya.

¶ Depoys quando aquysera
rrecolher
quyseram me fazer crer
q̃ eu por sua lha dera
E vos fycays dy honrrado
nam deueys dizer hy al
que o homẽ bem cryado
namorado
o bom he ser lyberal

¶ Baylaua balho vylam
ou mourysca
mas chamo lheu carraquisca
mays vyna que taroyam.
Eu nam ssey quem me venceo
pera tomar tal trabalho
calaynos q̃ mays perdeo
poys moireo
ssam joham per hũ soo balho

¶ E q̃ percays çyncoenta
boos cruzados
hũu homẽ dos mais hõrrad⁹
nestas cousas sespermenta
Vos falaes bem do arnes
⁊ nam curays de vestylo
fazey vos o q̃ fazes
⁊ fycares
autor de nouo estylo.

¶ E vos la no bom barral
assy days
nos nom somos lyberays
somos jente bestyal.
Mas vos deueys de folguar
de serdes nysto deuasso
por de vos fama fycar
⁊ em lhcar
quem diz q̃ vos soes escasso:

¶ Nã quero vosso conselho
nem mo deys
poys q̃ ssey ⁊ vos sabeys
q̃ sey mais por sser mais velho
No calaynos ganhay fama
husay lyberalydade
⁊ quyça se v⁹ nom ama
essa dama
amar vos ha de verdade.

¶ E tambem fazeys seruyço
em fynyro
ao senhor santi spryto
q̃ he cousa de gram vyço.
E ganhays o parayso
Poys he orfaã a senhora
tomay senhor esta vyso
poys he syso
⁊ jr vos eys muyto em boora

¶ E hy leuar boa vyda
a vossa casa
quysto he vergonha rrasa
a vareza conheçyda.
poys q̃ ssoes bom caualeyro
⁊ vindes de nobre jente
nam v⁹ façays tysoureyro
do dinheyro
⁊ day sempre nobremente.

¶ Uestynos de gentyleza
que dos vos valha
⁊ rrapaynos aa naualha
q̃ v⁹ veja sua alteza.
Fazey muy alegre rrosto
guarneçeynos de rretros
⁊ poys soes tam bẽ desposto
leuay gosto
em falarem ca de vos

¶ A taes me por tal maneyra
que me pesa
⁊ nam posso achar defesa
q̃ preste posto que queyra.
A verdade nam me val
por escasso ma pregoo
⁊ quem me faz lyberal
por meu mal
certo nũca lho perdoo

¶ Fym em vylançete

¶ Poys destes tam leuemẽte
este colar
nam v⁹ deue de lembrar

¶ Do colar q̃ ja foy vosso
q̃ he de quẽ nam he vossa
buscay quem v⁹ nysso possa
conselhar poys eu nam posso

E poys o tam bem fyzestes
em dar
nam v⁹ deue de lembrar.

¶ Todos vos outr⁹ senhores
q̃ sabeys aqueste feyto
se de meus ajudadores
rreçeba de vos fauores
com q̃ sapra meu de feyto.

¶ Ajuda de mestre gil.

¶ Do tempo tem poder tal
q̃ faz do sseruo jsento
faz lyberal a varento
do a varento lyberal
⁊ poys vosso natural
de goardar mudou em dar
nam v⁹ deue de lembrar.

¶ Agostinho gyram.

¶ Com o colar q̃ cuydastes
de prender fycastes presso
⁊ comprastelo per peso
⁊ ssem peso o entregastes
⁊ poys q̃ tam bem obrastes
em dar
nam v⁹ deue de lembrar

Affõsso fernãdez mõtarroyo.

¶ O galante q̃ ssem carna
em amores ⁊ em dar
nam se deue mays coçar
nem menos deue ter sarna
poys fycays desta encarna
descarnado sem colar
nam v⁹ deue de lembrar

¶ Joam aluarez secretareo

¶ Todo homẽ que e escasso
selhe vem aa fantesya
dara mays em hũ soo dya,
que eu çentan⁹ hũ de vasso
⁊ poys destes sem compasso
este colar
nam v⁹ deue de lembrar.

¶ Dioguo de lemos.

¶ Alexandre foy louuado
por q̃ foy muy lyberal
⁊ vos se fyzerdes al
podereys ser muy rachado
E poys ja o tendes dado
day o demo este colar
nam vᵒ deue de lembrar.

¶ Dyoguo gonçaluez.

¶ Muy galante vᵒ mostrais
bem rrapado sem carepa
⁊ crede senhor que peca
quem vᵒ diz que vos arraes
⁊ poys vossa alma gaanhays
em o dar
nam vᵒ deue de lembrar

¶ Tome toscano.

¶ O dynheyro da igreja
naquysto sa de gastar
cryar orfaãs ⁊ casar
por q̃ deos seruydo seja
⁊ poys q̃ os vᵒ deseja
de saluar
nam vᵒ deue de lembrar.

¶ Bastiam da costa cantor.

¶ Andays ledo em grã guysa
como quem veo da myna
galante cheo de frysa
com vossa gentyl deuysa
De cruz vermelha muy fyna
⁊ poys ja sse determyna
q̃ percays este colar
nam vᵒ deue de lembrar.

¶ Fernam diaz.

¶ Destas nouas q̃ vam quaa
folguo por ser vossamyguo
⁊ quem diz q̃ soes mi ndyguo
ja nũca mays o oyra
⁊ por tanto senhor ja
nam cuydeys neste colar
nem vᵒ deue de lembrar.

¶ Por brancaluarez crystaleyra.

¶ Por q̃ ssey q̃ soys dureyro
em sayr de vos merçes
deueys andar prazenteyro
por terdes o mealheyro
pregado como sabeys
⁊ poys mester mena aueys
quero vᵒ aconselhar
nam vᵒ lembre este colar

¶ Embargos danrriq̃ da mota pera se nõ entreguar o colar a vasco abul ffeitos a rraynha dona lyanor.

¶ Senhora:

¶ Bem posso en cõ rrazam
por sser dos orfaãos juyz
aceytar a tal aucam
o dyreyto assy o dyz
nas sergas desprandiam.
E tam bem por nã cuydar
nos meus bẽes q̃ se me perde
poys ando tam deuaguar
quero senhora ordenar
questa orfaã nam deserdem

¶ E diz ⁊ prouar entende
esta orfaã ou menor
q̃ ela bem sse defende
⁊ queste seu seruidor
o sseu nunca mal despende.
E he homẽ muy sesudo
⁊ posto q̃ seja seco
esteue ja no estudo
⁊ entende assy em tudo
q̃ nam perde o sseu de peco

¶ Item entende prouar
sse nom for anoly byletto
que quem tem bem pode dar
assy o diz outro texto
na conquista doultramar.
E no parrafo segundo
doutra caronyca noua
diz q̃ el rrey sagilmundo
q̃ he ja no outro mundo
q̃ faz muyto a nossa proua

¶ E assy quer prouar mays
q̃ el rrey de fez he mouro
⁊ que antre os metaes
val mays este colar douro
q̃ de ferro dous quyntays.
E tam bem senhora quer
per testemunhas prouar
q̃ he foral dalanquer
q̃ quem colar douro der
nam no possa mays tomar

¶ Item quer prouar tam bem
que ela quer a cadea
⁊ que contra ela vem
o doutor pero correa
primo de martu a lem.
mas vossa alteza lhe mande
poys q̃ parece paul
q̃ algũs dyas ca ande
⁊ o dyreyto dema de
por parte de vasca bul

¶ E assy mays quer prouar
per muytos omẽs onrrados
que le lhe deu o colar
por cynquoenta cruzados
sem hũ ssoo graão lhe miguar
E loguo ao entreguar
mingou hũ cruzado ⁊ meo
o qual lhe deue paguar
poys q̃ logo ao pesar
o peso certo nom veyo

¶ E por menos sospeyçam
por testemunhas lhe dou
hũ paic do gram soldam
qua esta terra chegou
em tempo del rrey yspam.

⁊ tam bem hũ borycayro
q̃ se chama janes breca
que ora vyue no cayro
⁊ hũ mouro quee vygayro
dentro na casa de meca:

¶ Item o dal fym de frança
⁊ el rrey de tremeçem
⁊ joham piz de bragança
janes pera deos tam bem
sabe muyto desta dança.
E damos tam bem elyas
que sabe bem deste feyto
⁊ o profeta jeremyas
⁊ aquele que huryas
fez matar damor sojeyto.

¶ E pera mays breuydades
hũ homẽ nos preguntay
questanas se tecydades
⁊ tã bem damos dous frades
questam em montesynay.
Por questes conheçer tem
dos lyberays ⁊ avaros
⁊ nomeamos tam bem
hũs dous parentes de sem
que vyuem nos mõtes craros

¶ E por esta jnquyryçam
do que queremos prouar
aver mester dylaçam
vossa alteza a mande dar
segundo q̃ for rrazam.
E por nam auer enganos
no q̃ esta tam prouado
⁊ ninguẽ rreçeber danos
mandaynos dar sesentanꝰ
q̃ he termo rrazoado

¶ E por quisto sse nauegue
por hũ caminho muy santo
a cadea se entregue
a estorfaã entre tanto
⁊ o seu nõ selhe negue.
E pera mayor fyrmeza
nomeamos afyança
sseo manda vosalteza
o tesouro de veneza
quee açaz em abastança

¶ Fym.

¶ E por isto sse seguyr
⁊ aver fym por meu azo
vossalteza mande myr
⁊ acabado este prazo
podcrey ca acudyr.
E podersam concrudyr
estas demandas jnjustas
⁊ protestamos das custas
⁊ rrepryçarsse comprir

¶ O pareçer de gil vyçente neste proçesso de vasco a bul a rraynha dona lianor.

¶ Senhora.

¶ Vossalteza me perdoe
eu acho muyto danado
este feyto proçessado
em q̃ manda que rrazoe.
Vay a cura tam errada
vay o feyto tam perdido
vay tam fora da estrada
q̃ a moça condenada
vascabul fyca vençydo

¶ O prinçipio do çymento
a segura a fortaleza
sseo cume tem fraqueza
geronsse no fundamento.
De errada a calydade
deste caso na primeyra
vem a tanta varyedade
q̃ na fym ⁊ na metade
tem os pes por cabeçeyra

¶ Este dar moveo amor
por quamor gera frãqueza
no ventre da escaçeza
por mostrar quãto he senhor
Poys o caso he namorado
fundado todo em amores
o autor foy enframado
⁊ o q̃ deu dado ou nom dado
conuem outros julgadores

¶ Quem mete bartolo aquy
nem os doutores legistas
nem os quatro avangelistas
mas os namorados ssy.
mande mande vossalteza
este proçesso a arelhano
vereys com quanta graueza
busca leys de gentyleza
no lyndo estylo rromano.

¶ Ele deue ser juyz
⁊ sea pelaçam queres
apelem para o marques
procure pero monyz.
pera quee quy rresponder
pera quera proçessar
pera quee quy proçeder
poys nam he nẽ pode sser
q̃ se possa aquy julguar

¶ Vejo tanta deferença
vay a causa tam rremota
q̃ os embargos do mota
vam primeyro qua sentença
⁊ mestre antonyo tam bem
vem com texto que topou
teytos vam ⁊ textos vem
⁊ este caso mays conuem
aquem menos estudou.

¶ Assy quee meu pareçer
⁊ estou çertefycado
q̃ o feyto vay errado
⁊ nam deue proçeder.
porque comee dyto ja
Isto he caso damor
rrompasso q̃ feyto esta
se quer q̃ nam dygam la
q̃ nom sabem cadaçor

¶ Fym.

¶ Leue o caso dom dioguo
coutinho por rrelator
porque el rrey nosso senhor
ho fara despachar logo.
E vyra dela senhora
hũ proçesso tam fermoso
vasca bul jrssa em boora
soffrase poys se namora
⁊ logo quer sser esposo.

¶ Reepryca darrique da mota a estas rrazoẽs de gil vicente.

¶ A quem vos tem ordenado
algũ bem ou por merido
em tam lhe he outorguado
quando mays desesperado
por ser mays aguardeçido.
E por tanto estaa sabido
por vos vyr esta rreposta
por que çerto nam duuido
segundo o mar he erguydo
este colar yr a costa.

¶ Em tomardes arelhano
por juiz daqueste feito
procurastes vosso dano
porem eu vos desenguano
que vos he muyto sospeyto.
Que por comprir o preçeyto
desta ley dos amadores
de quem ele he sogeyto
se nam teuermos direyto
aa nos de fazer fauores.

Poi ja muyto mais errastes
em pedrodes o marques
per vos mesmo vos matastes
o colar nos confirmastes
poys que tal juyz queres.
E como vos nom sabes
poys passou em vossos dias
queste senhor que dizes
he mançias portugues
e ynda mays que mançias.

Nõ sabeys quãtos milhares
tem despesos de cruzados
quantas joyas e colares
quantos rricos alamares
por amores tem guastados.
Sem mays serẽ demandados
nẽhũs destes despendidos
por q̃ antre os namorados
nam he erro serem dados
e he erro ser pididos.

¶ Poys tam bẽ se procurar
esse galante moniz
co decimo vay o colar
por que sam de conçertar
o precurador co juiz.
Em tam veres o que diz
a ma del rrey sobre nos
eu direy que nam no fyz
vos dires que sam bilis
eu direy que o soiés vos.

¶ Vos falaes por nossa parte
e contra vos eituoaes
olhay por quam sotil arte
sua graça vos rreparte
pera q̃ nam vos percaes.
Esta nao que nauegaes
por parte de vascabul
medo ey que a percaes
poys a agulha que leuaes
vos faz ja do norte sul.

¶ Tendes vento por dauante
e ahy grande bayria
e nam ha nẽhũ galante
que de vos se nom espante
nauegardes por tal via.
tomay tomay outra vya
acorday ja deste sono
por que toda esta porfya
por rrazam sacabarya
em dar o seu a seu dono.

¶ Hũa gram defesa sento
que vascabul pode dar
por queu farey juramento
que nunca seu pensamento
foy de dar este colar.
E assy nam deue gozar
dos priuilegios damor
e poys ysto foy zombar
o seu lhe deuem tornar
sem lhe dar outro fauor.

¶ Fym.

¶ E tanto que lhe for dado
nam seja aquy mays ouuido
seja daquy degradado
nam se chame namorado
poys damor nã foy vençido.
Mas eu çerto nam duuido
por isto que se ca fez
que le nam seja atreuido
em praça nem escondido
a emprestalo outra vez.

De bernardi rribeiro a hũa senhora q̃ se vistio damarello.

¶ Tequy me pude enganar
mas agora que podeys
trazela cor do pesar
pera mym soo a trazeys.
Qua dor do desesperar
he tanto mal de sofrer
que nam he pera passar
quanto mays pera trazer.

¶ Mas ysto vay daquel arte
quando santre montes brada
ho home he em hũa parte
em outro he a pancada.
Assy foy qua minha dor
mostrou em vos o synal
por qua o menos na cor
vos lembraseys do meu mal.

¶ Cantygua sua a senhora maria coresma.

¶ Hũs esperam a coresma
pera se nela saluar
eu perdoyme nela mesma
pera nunca me cobrar.

¶ Mas cõ esta perda tal
eu mey por muy bẽ guanhado
por que o milhor de meu mal
estaa todo no cuidado.

Os que cuidam qua coresma
nam he pera condenar
se a vyrem della mesma
mal se poderam saluar.

¶ Outra sua.

¶ Antre tamanhas mudanças
que cousa terey segura
duuidosas esperanças
tam certa desauentura.

¶ Acham estes desenguanos
do meu longuo enguano e vam
que ja o tẽpo e os anos
outros cuidados me dam.
Ja nã sou pera mudanças
mays quero hũa dor segura
va crellas vaãs esperanças
quẽ nam sabe o que auentura.

¶ Esparça sua a hũas sospeytas.

¶ Sospeytas veedes maquy
leuaymon de desejays
quanto pude vos sofry
jagora nam posso mays:
Sabe deos bẽ como eu vou
mas nam pod aqui ser al
que ja de triste nam sou
por mym nem polo meu mal.

¶ Outra esparça sua.

¶ Desperança em esperança
pouco a pouco me leuou
grand enguano ou confiança
que me tam longe leyxou.
Se misto tomara outrora
cuidara de ver lhe fym
mas quey de cuidar jagora
sem esperança e sem mym.

¶ Outra esparça sua.

¶ Chegou a tanto meu mal
que nam sey estar sem ele
e fugo donde hy al
como se fugisse dele.
Mas vẽdo me em tal estado
que me vou craro matar
nam quero mays que cuidar
por ver sem fado hũ cuydado
que me nam podem fadar.

¶ Vilançete seu.

¶ Antre mim mesmo e mym
nam sey que se aleuantou
que tam meu ymiguo sou.

¶ Hũs tẽpos cõ grã dẽguano
viuy eu mesmo comiguo
agora no mor periguo
se me descobre o mor dano.
Caro custa hũ desenguano
e poys me este nam matou
quam caro que me custou.

De mym me sou feyto alheo
antro cuydado e cuidado
estaa hũ mal derramado
que por mal grande me veo.
Noua dor nouo rreceo
foy este que me tomou
assy me tem assy estou.

¶ Outro seu.

¶ Cõ quantas cousas perdy
aynda me consolara
se mẽsperança fiquara

¶ Mas parece que sabya
desauentura ou mudança
se me fyqua esperança
o bem q̃ me fyquaria.
Tornouseme noyte ho dia
quẽ tanto bẽ moutro guara
quo menos eu menguanara.

¶ Tudo me desemparou
desemparado de mym
cuidado que nam tem fym
este soo me nã leyxou.
De mym nada me fiquou
avida ynda me leyxara
se me la assy nam fiquara.

¶ Fuy tanto tẽpo enguanado
quãto compria a meus danos
agora vãssos enguanos
que compria a meu cuidado.
Tudo o que era he mudado
se meu tam bem soo mudara
quantas magoas quatalhara

¶ Outro seu.

¶ Esperança minha hys vos
nã sey se vos verey mays
poys tã triste me leixays

¶ Noutro tẽpo hũa partida
queu nã quisera fazer
me magoou minha vida
quanto eu nela viuer.
Desta ja que posso crer
que poys quassy me leixays
he pera nã tornar mays.

¶ Apos tamanha mudança
ou desauentura minha
onde vos mys esperança
va se todo o mais queu tynha.
Percas assy tam asynha
tudo poys que nam olhays
quã tarde e mal me leixays.

¶ Outro seu.

¶ Cuidado tã mal cuidado
quãdo ma veys de leyxar
pera tanto nam cuidar.

¶ Cõ meu mal vᵒ sofreria
ffantes da vida perder
cuydays aynda de ver
algũa ora dũ dia.
Mas tudo o queu mays q̃ria
ja se foy pera hũ luguar
donde nã pode tornar

¶ Forã bem auenturados
nam conheceram mudança
os que na mor esperança
forã da vida leuados.
Nam tiuerã os cuydados
que se nam podẽ cuydar
e muyto menos leytar.

¶ Esta a vida q̃ foy minha
tal que vella he crueldade
hũ modo de piedade
seria matarmasynha.
de quãtesperança eu tynha
nam pude hũa soo saluar
e viuo e ey de cuydar.

De manuel d goyos ao cõde do vimioso em que lhe da conta do q̃ passou cõ seus amores despoys que o leyxou de ver.

¶ Em vᵒ dar conta de mym
nam erro mas faço bem
poys nam deue auer ninguem
que vola nam de de ssy.
ora ouuy
que mil cousas achareys
com que e de que rrireys.

¶ E sera cousa primeyra
de que quero que se rrya
achar ninguem que a queyra
nem sirua dona maria.
que seria
se achou ynda tam bem
a quem nam fizesse bem.

¶ E poys que ja comecey
quererᵒ senhor dizer
tudo quanto ca passey
desque vᵒ leixey de uer.
E escreuer
quero tam bem nestas nouas
minhas cantiguas e trouas.

¶ Loguo como fuy cheguado
troue massy rrefeçido
nas palauras delatado
nas mostranças rrecolhido.
Esqueçido
me vy dela o outro dia
que soube que a seruia

¶ Nam passou cousa q̃ digua
despoys que me deerarey
se nam soo esta cantigua
que lhe fyz e lhe mandey.
Em que mostrey
quam triste vida me daua
e quam pouco lhe lembraua.

¶ Cantigua.

¶ Salguũora vᵒ lembrasse
o que faz vossa lembrança
teryeys mays temperança
com quem nade vos tomasse

¶ Nam vᵒ desejo moor parte
deste mal que me fazeys
se nam soo que vᵒ lembreys
que de mym nunca se parte.
E se de vos alcançasse
esta bem auenturança
podia ter esperança
qualguũora vᵒ pesasse.

¶ Nã cuideys q̃ me prestaua
bem seruir nem mal trouar
que tudo me desprezaua
por me mays desesperar
Quis lhe mostrar
nesta cantigua mudança
e fyquey em mays bonança.

¶ Cantigua.

¶ Nam sey por que conheçy
quem massy desconheçeo
que despoys que me vençeo
nam se lembra se nasçy.

¶ Nam vᵒ soube conhecer
poys me tam mal cõheçestes
soube me milhor perder
do que vos a mym perdestes.
Eu sam o que me vençy
e vos quem me conheçeo
poys em fym nam me perdeo
e eu perdy me a mym.

¶ Cessou sua maa vontade
de quem era desprezado
mas tomou hũa amizade
que me deu nouo cuidado.
Hum pinchado
que se quys nela saluar
como em tauoa no mar.

Em quãto ma mym rrenderã
os ceumes deste amiguo
daua queyxas sem castiguo
dos males que me fizeram.
Desque puseram
a vergonha a hũa parte
vingueyme senhor destarte.

¶ O seu comer aguardey
e a mesa aleuantada
esta troua lhe lancey
a todas enderençada.
Tam guabada
foy a troua que fycaram
que nunca se mays falaram.

¶ Senhoras.

¶ Antre vos ha hũa dama
que faz secretos fauores
a quem he doudo damores
por outra que o desama
por outros competidores.

E com tudo ysto cuida
que o tem çerto na mam
e ele trala mais cornuda
do queu sam.

¶ Despois dũ grã mes pasar
em muy crua desauença
tornamᵒˢ trauar pendença
nᵒˢ modos e a tratar.
E acabar
eu lhe fyz satisfaçam
ela a mym outrossy ou nam.

¶ Foy de mym bẽ rrefysada
nũa tarde que a vy
sem eu quedar na pousada
de que gram prazer senty.
Foyse daly
e fyquey com tanta dor
como aquy diguo senhor.

¶ Vilançete.

¶ Quãdo rreçebem folguãça
meus olhos culpados sam
no mal de meu coraçam

¶ Vejo soo em vᵒˢ olhar
minha vida descanssada
como acaba de pasar
fyco em pena dobrada.
Porq̃ fyca na lembrança
de vᵒˢ ver tal empresam
que me doy o coraçam.

¶ Nam dia me desprezou
hũa muy grande mesura
nunqua vistes tal estura
qual comiguo em tam fycou.
Mas tornou
como vyo esta cantigua
dygo a por mal que digua.

¶ Cantigua.

¶ Por mais mal q̃ me façais
nunca leyxar me fareys
desperar te qua quabeys.

¶ Nam creays q̃ he em mym
leyxar o mal que tomey
que me mostre minha fym
partyrme dele nam ssey.
Isto nam mo aguradeçays
por que ynda que me pes
senhora vos o fareys.

¶ Por cousas q̃ nã tẽ nomẽ
nᵒˢ vyemos a rromper
vossa merçe daqui tome
o quisto podia sser:
foy dizer
mal de mym a hũa amiga
fyz lhem tam esta cantigua.

¶ Cantigua.

¶ Por q̃ nam tẽdes desculpa
no mal q̃ me tendes feyto
andays buscando rrespeyto
pera me dar vossa culpa.

¶ Eu a tenho e sam culpado
mas sabeys senhora em que
em seruir vossa merçe
sobre tam desenganado.
Em mym nam a outra culpa
no mal q̃ me tendes feyto
seruᵒˢ ya mais proueyto
buscardes outra desculpa.

¶ Pelo caquy nam direy
por me dar mais disso quela
esta senhor lhe mandey
carrada de mym chançela.
Fez burrela
de tudo o quelhe screuy
e muyto mayor de mym.

¶ Vilançete.

¶ Ja quisestes que quisesse
por meu bem todo meu mal
e agora quereys al.

¶ Ja vᵒˢ vy nam vᵒˢ pesar
co que mostrays que vᵒˢ pesa
no que me pondes defesa
me destes muyto luguar.
Se quereys que soubesse
que fazyeys de vos al
he muy mal mas menᵒˢ mal.

¶ Pusme loguo a screuer
esta pera lhe mandar
se nam ssoo por lhe mostrar
que me queria perder.
Nam me quys crer
e fez grande zombaria
de ou dizer o que dezia.

¶ Vilançete.

¶ Quẽ ma mym desta vida
se a nam quer pera sy
porque a tyra de my.

¶ Faça dela o que quiser
que em fym ha de perdela
como a eu nam tyuer
nam teraa mays parte nela
quem me tyra desta vida
e a mym fora de my
nam estaa muyto em sy.

¶ Mandeylhe sta da pousada
ou nam say nem sayra
ate que lhe nam ouuira
sua culpa desculpada.
Emçarrada
esteue sem se vestir
te elho eu mandar pedyr.

¶ Cantigua e fym.

¶ Trabalhays por me perder
folgays de me destroyr
nam vᵒˢ posso mays sofrer
nem vᵒˢ quero mays seruir.

¶ Muyto ha ja que leyrey
de leyxar este cuydado
myl cousas vos perdoey
como omem namorado.
Nam nas posso mays sofrer
nem vos quero mays seruyr
escusarey de vos ver
polas tanto nam sentyr.

E manuel de goyos ssendo desauyndo. e querendose tornar a yr.

¶ Ya me sigue la porfya
quien my porfyo deseo
con que yo dantes seguya
el dolor en que me veo.
Lo que scogy por mejor
ma syoo mas aduersaryo
quien tome por valedor
ma salido por contrario.

¶ Y por quel beuir danhoso
que dase con mas enganho
salyome mas peligroso
el rremedio q my danho.
Temy vuestra crueldad
quise foyr al morir
mas quié vyo vuestra beldad
jamas le puede fuyr.

¶ En dexar de vos seruir
no dexe vuestro seruiçio
mas dexe el benefiçio
que deuiera rreçebyr.
Ny dexe my gran tristura
conel tal apartamiento
ny jamas vuestra figura
sa parto del pensamiento.

¶ El que perdio elhesperança
y queda con su dolor
no puede fazer mudança
syno de mal en pior.
Pues tal fizo la primera
segũ my pena ,creçida
veres en esta postrera
ser postrera dela vida.

¶ Fym.

¶ Sy ouiere differençia
de quien es el mas culpado
juzgue sen vuestra presençya
que dando yo condenado.
Mas sa vos no vos desculpa
echar sobre my el cargo
quered por vuestro descargo
rrdeuarme desta culpa.

¶ Sobrescrito q vinha nestas trouas.

¶ Estas copras vos dyram
quanto ja fuy namorado
e de muyto desamado
quys neguar minha payxam
por me ver desesperado.
E fengy que desamaua
quem me sempre desamou
por verdes se me prestou
o rremedio que tomaua
a conta disso vos dou.

¶ Outras suas ssendo desauyndo.

¶ Cantigua.

¶ De ssy mesma me vingou
quem por mays perda me dar
ordenou de lhe ficar
quanta comigo ficou.

¶ Eu perdy nam me perder
quee gram perda pera mym
muyto mays perdeo em fim
quem tal perda me quys ver.
Por que ja desesperou
de me mays desesperar
e em luguar de me matar
da morte me segurou.

¶ Mas ter a morte perdida
nam me tyra de periguo
poys quẽ he de ssy imiguo
mays sse rreçea da vida.
A quem com ela ficou
quando da morte gostar
se pode bem preguntar
qual delas mays o matou.

¶ Nam ssey quẽ vida deseja
se rreçea de perdela
pera quem nam gosta dela
nam ha cousa mays sobeja.
Nuncaa ninguem desejou
que a nam visse mingoar
eu a quys de mym tyrar
e em tam me sobejou

¶ Fym.

Quãdo meu mal começaua
eu me vy tam acabado
que fuy bem desenguanado
que com vosco menguanaua.
E sabes que menguanou
querer vos desenguanar
que vos nam pode leyxar
quem por vos tudo leyxou.

¶ Trouas suas dajuda.

¶ Nam sey quẽ vida deseja
se rreçea de perdela
pera quem nam gosta dela
nam ha cousa tam sobeja.
nũcaa ninguem desejou
que a nam visse mingoar
eu a quys de mym tyrar
e em tam me sobejou.

¶ Fym.

¶ Quãdo meu mal começaua
eu me vy tam acabado
que fuy bem desenguanado
que com vosco menguana ua
e ssabeys q̃ menguanou
querer vos desenguanar
que vos nam pode leyxar
quem tudo por vos leyxou

¶ Outra sua estando
desa vyndo.

¶ Dizeyme se me perdy
sabarey se me perdestes
por que nam no sey de my
cõ quanto mal me fizestes.

¶ Se sou em vossa vontade
perdido como mostrays
percase minha verdade
que nam posso perder mays.
Ja nam tenho mays em my
tudo al vos mo perdestes
sem saber se me perdy
com quanto mal me fizeste.

¶ Cãtigua sua a hũas
damas que lhe pregun
tarã porque trabalha/
ua ninguem porenga/
nos.

¶ Trabalho por mẽnganar
por que sam desenganado
quey primeyro dacabar
que sa cabe meu cuydado

¶ Escolho por menos dano
o que me faz mayor mal
quanto mays me desengano
menos posso fazer al.
culpeme quem me culpar
ajam me por enganado
que eu sam mays obriguado
a vos ver quaa me saluar.

¶ Vylançete seu.

¶ Poys vos nã posso acabar
meus males acabarmeys
e acabareys

¶ Nam vos desejo dar fym
mas consento em ma dardes
por que quando macabardes
acabeys tam bem em mym
Nam quero sem vos fycar
nẽ que vos sem mym fyqueys
que nam posso nem podeys.

¶ Troua de manuel de go/
yos da juda a huũa cãtigua
de luis da sylueyra.

¶ Senhora que magraueys
descansso nesse cuydado
por que sam desenganado
que a quem mays mal fazeys
he mylhor auenturado
e que vos a outro fym
me tyreys de meu sentydo
ho ca outros traz perdido
he rremedyo pera mym.

De francisco de
ssousa aquey /
xam do sse da
rrezam e von/
tade.

¶ A vontade e a rrezam
ambas vejo contra mym
a vontade he em fim
a que ssegue openiam.
A rrezam nam me abasta
posto que sseja sobeja
onda vontade deseja
em chegando tudo gasta.

¶ Nã tẽho a mi por amiguo
tenho ambos por contrayros
e ssantre eles aa desuayros
eu sam o moor meu imiguo.
De todas suas querelas
sam sseu juiz e vogado
e do que he por mym julgado
fico eu com todas elas.

¶ Quisera tudo deyxar
e achey que nam podia
por que de mym me deuia
primeyramente goardar.
E ficoumassy dobrado
o desejo contra mym
que desejo minha fim
por ser fora de cuydado.

¶ Mil vezes quero cuydar
se darey culpa a ventura
e acho que he grande cura
ja nam se poder curar.
Tays nouidades acodem
de nouidades tam nouas
que descansso por quẽ trouas
escritas ja sser nam podem

¶ Estou nũa fantesya
sse mo alguem nã desolsesse
descansso sse me viesse
para mym nam no queria.
Ando tam emuolto em mal
aa tantos dias e ãnos
que seriam no vos danos
o querer cuidar em al.

¶ Assy que poys tanto mõta
nesta me deyxem viuer
por que viuer e morrer
tudo tenho nũa conta.
Nũa segurança tem
esta vida de milhor
que nam pode sser pior
que e pera mym grande bem

¶ Se quero cuydar na vida
achome tam alcançado
dontro cuidado passado
que o deixo por perdida.

E ssemela aquy deyxasse
nas voltas desta mudança
darmya mays esperança
do quela de mym leuasse.

¶ Que salgum morto queria
tornar qua oulhe conuem
eu çerto mafirmo bem
que ja qua nam tornaria.
Que mal posso la passar
por muyto mays mal q̃ veja
que muyto pior nam sseja
achando o quey de deyxar.

¶ Fym.

¶ E porem nisto concrudo
que ssam tam afeyçoado
ceste meu triste cuydado
que deyxo por ele tudo.
E que mele faça mal
nisto ssoo ma firmarey
que jamays o deyxarey
nem quero cuidar em al.

¶ Cantigua de françisco de ssousa.

¶ Tirayuos fora sospiros
day luguar o coraçam
que chore ssua paixam.

¶ Day tempo daylhe poder
por que juntos nam moyrays
que da maneyra questays
he impossiuel viuer.
Por que me deueys de crer
quee grande consolaçam
lagrimas do coraçam.

¶ Outra ssua.

¶ Acho que me deu ꝺ̃s tudo
para mais meu padeçer
os olhos pera vᵒˢ ver
coraçam para sofrer
e lingoa para sser mudo.

¶ Olhos com que vᵒˢ olhasse
coraçam que conssentisse
lingoa que me condenasse
mas nam ja que me saluasse
de quantos males ssentisse.
assy que me deu ꝺ̃s tudo
para mays meu padeçer
os olhos para vᵒˢ ver
coraçam para sofrer
e lingoa para sser mudo.

¶ Outra sua.

¶ Ja os dias que viuer
nam terey mays que pedir
por que ssoo com vᵒˢ seruir
me soube satisfazer.

¶ Satisfyz minha vontade
para toda minha vida
poys vela por vos perdida
nam ey dela saudade.
Nem jamays ssey al querer
nem desejar nem pedir
porque ssoo com vᵒˢ seruir
me soube satisfazer.

¶ Trouas suas aeste vilançete.

¶ Abayxeste sserra
verey mynha terra

¶ O montes erguidos
deyxay vᵒˢ cahyr
deyxay vᵒˢ somyr
e ser destroydos.
Poys males sentidos
me dam tanta guerra
por ver minha terra.

¶ Ribeyras do mar
que tendes mudanças
as minhas lembranças
deyxayas passar:
Deyxaymas tornar
dar nouas da terra
que daa tanta guerra.

¶ Cabo.

¶ O ssol escurece
a noyte sse vem
meus olhos meu bem
ja nam apareçe.
Mays çedo a noyteçe
aaquem desta sserra
que na minha terra.

¶ Troua ssua afonsso dalboquerque em goa por que lhe mandou pedir hũa escraua por hũ judeu muyto feo.

¶ Senhor eu estou corrado
de nam ssaber rresponder
por que fiquey embaçado
do rrosto e do rrecado
de quem mo veo trazer.
porem laa mandoo em fim
essa que me nam magoa
deos vᵒˢ dey poder em goa
e a mym leue a lixboa
polo nam terdes em myma

¶ Outra ssua a hũa freyra que ssem na cõ/heçer lhe mandou hũ escryto por hum moço sseu e ela nam sse assynou.

¶ Senhora hum moço meu
me deu hum escrito tal
sem lembrança nem synal
do nome de quem lho deu.
Eu o vy muyto bem visto
mas nam ly dele rrezam
por quando mao cortesão
das damas de jesu xp̃o.

¶ Pregunta de pero da ssylua.

¶ Quem deseja dacabar
vida triste tam coytada
que vya deue tomar
ou qual outra desejar
com questa desesperada
nam lhe possa mays lembrar.
O rremedio que teraa
quẽ sse ve ssem nenhum ter
vossa merçe mo daraa
⁊ creendo que me faraa
nisto a mor que pode sser
o negarmo escusaraa.

¶ Reposta de francisco de ssousa polos cõssoantes.

¶ Seruy quẽ ma de matar
se quereys ver acabada
vida tam maa de deyxar
por quela pode mudar
todalas outras em nada
a quem sse dela acordar.
Por q̃ quem na vyr veraa
tam grande sseu mereçer
que de ssy ssesqueçeraa
⁊ de myin sse lembraraa
quando me vyr padeçer
por que ssey que me creraa.

¶ Françisco de ssousa a pero da sylua por hũ moço que lhe deu pera lhe emsinar hum caminho.

¶ O vosso gram guyador
que comiguo veyo quaa
ser tefico vꝰ ssenhor
quera o moor desuiador
que podera vyr delaa.
Caminho muyto ssabido
he a ele tam estranho
que par deos eu fiquey manho
em ver que moço tamanho
era tam mal entendido.

¶ Cantigua de francisco de ssousa.

¶ Senhora ja nam entendo
que vida possa viuer
poys q̃ neguo nã vꝰ vendo
quanto descubro em vꝰ ver.

¶ Encobry quam desygoal
sobejo bem vꝰ queria
por me nam quererdes mal
me calaua ⁊ conssentia.
Pois que ja çerto vou crẽdo
que me nam posso valer
quero mais dizer morrendo
que calando padeçer.

¶ Trouas de francisco de ssousa.

¶ Meꝰ males vã sse acabãdo
por muyto craros ssinays
quanto mays ando atalhãdo
pera me matarem mays
atalhos andam buscando.
Sem por que ⁊ ssem rrazam
se leuantam contra myin
çeguos desta openiam
quem me dar tam triste fim
estaa ssua saluaçam.

¶ Conformey tanto a võtade
coeste segundo desejo
que se peço piedade
outra ja dele nam vejo
se nam neguarma verdade.
Deixo mandar a guardando
o tempo que tudo cura
comiguo dessimulando
⁊ minha desauentura
vem no loguo prouincando
por q̃ neste çerto que ssento
mal sse podera dizer.

¶ Assy viuo nesta vida
tã morto que nam ssam viuo
o minha vida perdida
por q̃ ssam eu tam catiuo
de quem ma tem destroyda.
Mas q̃ me presta queixar
poys assy quero viuer
com quẽ me nam quer matar
nem me quer deyxar morrer
para mays matormentar.

¶ Em tal estremo estou
que tudo perdoaria
sse nesta volta que vou
podesse viuer hum dia
liure de quem me deyxou.
E torno loguo a cuidar
qua ynda quisto quisesse
se o podia acabar
comiguo mas que podesse
nam no quero maginar.

¶ Doyme tanto o coraçam
cuydar que podisto sser
que tomo por saluaçam
saber que mo faz dizer
verme com tanta afriçam.
Por qua muyto grande dor
a quem he atormentado
falo fazer mal feytor
de ssem culpa condenado
de fiel que e rroubador.

¶ Bustã çem mil nouidades
fingidas du ũa feyçam
que ssendo todas maldades
trazem tal cor ⁊ rrazam
que sse julguã por verdades.
Isto ey de padeçer
com tamanho sofrimento
qual nunca sse vyo sofrer

¶ Assy por minha ventura
ssam eu no mal que padeço
que com sobeja tristura
vendo que nam no mereço
busco rremedio ssem cura.
Ando coma quem he çeguo
pregunto por donde jrey
o que synto nam no neguo
para ver ssa çertarey
onda fortuna poem preguo.

¶ Fym.

¶ Se nã vysse mays mudãças
nestas me satisfaria
sem outras vaãs esperanças
por que sse y que soo hũ dia
nam dam sseguras fyanças.
Neste mal me deyxem jaa
mynhas fortunas vyuer
por que le sacabara
ou me deyxara morrer
quee omor bem que le das

¶ Outras suas em
hũ caminho.

¶ Os lugares em candey
com volto ledo ⁊ oufano
nesta trilteza os busquey
mas o que neles achey
foy a meu dano moor dano.
Comeceylhas preguntar
que fora daquela groria
qualy me vyram passar
rresponderam ssem falar
questarya na memorya.

¶ Em qual memorya pregũto
pode tal lembrança sser
rresponderam tudo junto
o propio ⁊ o transunto
na vossa podereys ver
Na rreposta que senty
vy meu mal camanho era
vy o que loguo me vy
partyr deles ⁊ de my
para donde nam quysera.

¶ Comecey de caminhar
hũ caminho pouoado
por hũ muy craro lumar
que me fazya parar
a cada passo pasmado.
Pus os olhos nas estrelas
por nã ver por donde jandaua
olhando por todas elas
lagrimas tristes querelas
escuro tudo tornaua

¶ Cõ lẽbrãças ledas tristes
vym assy fantesyando
fantesyas que nam vystes
sentydos que nam sentystes
como nos vynham matando
Mas quem soubera morrer
a tal tempo ⁊ tal ora
para nam tornar a ver
vyda tam maa de soffrer
comesta triste daguora.

¶ Oo vyda de minha vyda
oo triste grorya passada
oo memorla entrestecyda
poys soys tam desconhecyda
para que me lembrays nada
Esquecey vossas lembrãças
deyxayme vyuer assy
ssem vossas vaãs esperanças
por que com vossas mudãças
vyuo ssem vos ⁊ ssem mym

¶ Cantigua ⁊ fym.

¶ Lembranças nã persyguais
a quem ja nam tem poder
mays que quãto vos lhe days
para sospiros ⁊ ays
para chorar ⁊ gemer.

¶ Oo minha triste memorla
oo minha dor nam fengida
se lembrar fosse vytorla
a quem daryes mays grorya
ca quem days tam triste vyda
Mas estas lembranças tays
deuyes ja desquecer
que sse lembram a cordays
os meus sospiros ⁊ ays
⁊ meu chorar ⁊ gemer

¶ Cantygua sua.

¶ Lembranças nã me deyxeys
com quanto mal me atormentays
confesso que me matays
⁊ quero que me mateys.

¶ Quero vossa companhya
quero mays vossos enganos
que y por vyda de myl anos
vyuer com vosco soo hũ dia.
Por isso nam me culpeys
que antes sser quero mays
morto do que me lembrãys
qua vyuo do ques queceys

¶ Cantygua sua.

¶ Meus males q̃ me quereys
meu coraçam que cuydays
sentydos que desejays
olhos por que nam olhays
o dano que me fazeys.

¶ A triste vyda que vyuo
de que nũca sam jsento
cuydado grande tormento
nam vᵒˢ de contentamento
nem ver me sempre catyuo
Deyxayme nam me mateys
com quantos nojos me days
nam folgueys co que folguais
olhos por que nunca mays
nenhũ descansso tereys.

¶ De frãcisco de sousa a garcia de rresende com estas trouas atras escrytas.

¶ Laa vᵒˢ mando treladadas
as que me podem lembrar
as quaes podeys emmẽdar
poys as mando por erradas
Fycame deste cuydado
contentamento
que tenho rrependimento
de tempo tam mal gastado

De dom rrodryguo lobo aas damas por q̃ fyzeram hũ rrol dos omẽs que avya para casar cortesaãos ⁊ acharã sesenta ⁊ antre eles hyam algũs que passauam dos sessenta.

¶ Temos ja ſabydo qua
que pondes laa em ementa
os que paſſam de ſeſenta.

¶ Tomaſtes cuydado çerto
poys nam he de muyta oura
que les tem a morte perto
⁊ vos vydas mais ſeguro.
Quem teuera tal ventura
que ntrara la na ementa
ſ fora jaa de ſetenta

E garçia de rre/ſende eſtando el rrey ẽ almeyrym a manuel de go/yos q̃ ſtaua por capitam na myna ⁊ lhe man dou pedir q̃ lhe eſcreueſſe no nas da corte as quaes lhe manda.

¶ Mandays me dela pedyr
que de qua vꝰ mande nouas
⁊ eu ſoo por vꝰ ſeruyr
vꝰ quys fazer eſtas trouas
que vꝰ mataram de rryr.
⁊ nyſto vereys ſenhor
ſe he voſſo ſeruydor
quem foy tomar tal cuydado
eſtando tam deſuſado
de cuydar que e trouador

¶ E poys que tenho perdydo
a vergonha ⁊ o ſaber
ſoo por voos ſerdes ſeruydo
deueys me dagradeçer
acupar nyſto o ſentido.
Que çerto nam me lembrey
quando eſtas começey
ſe fazya mal nem bem
nem oulhe nelas nynguem
poys eu nelas nam oulhey.

¶ Por nam cayr em çerteza
nam ey ſenhor de dyzer
couſa que toque em veneza
mas nouas de ſualeeza
que folguareys de ſaber.

Que eſtaa ſam a vos louuores
tem conſyguo myl ſenhores
os quaes eſtam acortados
a noã muy pouco agoardados
⁊ grandes agoardadores.

¶ Vay myl vezes montear
⁊ caçar com pouca gente
⁊ andam nyſto tam quente
algũs que badalejar
vemos myl vezes o dente.
Nam de fryo natural
mas du nyo o rrecoleal
que jaa neles he guaſtado
por muyto tempo paſſado
que paſſaram bem ou mal.

¶ Eſtaa jaa çerto na mão
o dya que vay caçar
a ver a noyte ſerão
⁊ nam podeys laa cuydar
os galantes que e leuão.
Sa çerta de nam aver
ſerão he por entender
em deſpachos ⁊ conſelho
que meſpanto nam ſer velho
quem tanto tem que fazer

¶ E eſta vyda que tem
teraa tee abril paſſado
⁊ no outr o mes que vem
dizem que e determynado
o veram em ſantarem.
Nam tomeys diſto penhor
poys que bem ſabeys ſenhor
o que poſſo alcançar
nem quero mays declarar
a tam bom entendedor.

¶ Eſtaa tam bem de ſaude
a rraynha noſſa ſenhora
em quem creçe a meude
cada dya ⁊ cada ora
muyta emfynda vertude.

Por eſte caminho vão
ſeus fylhos ⁊ aſſy ſtam
ſobre tudo tam galantes
que tal principe ⁊ jfantes
nunca foram nem ſeram

¶ As nouas de grande peſo
nam eſperareys de mym
poys ſabeys q̃ he defeſo
quem eſtaa em almeyrym
dizer com que ſeja preſo.
eſtou fora de falar
nelas ⁊ quero contar
as com que ſey que folguays
⁊ ſaquy nam toco mays
ponda culpa a nam ouſar

¶ As damas que qua fycaram
quando daquy vꝰ partiſtes
algũas delas caſaram
⁊ vyuem por jſſo triſtes
⁊ outras ſe contentaram
Das caſadas vꝰ darey
eſta noua porque ſey
que o aveys laa douuyr
por que e couſa para rryr
o que vꝰ dahũa dyrey.

¶ A que ſabeys que caſou
que diz que e mal maridada
o dya que ſençarrou
hũa grande bofetada
a ſeu eſpoſo pegou.
Vede bem o que faria
ou ſe lhe rreſponderia
o marydo a conſſoante
dizem que o dyem diante
lhe gaſtou a corteſya.

¶ Dona camyla caſou
com joam rroiz de ſaa
no outro dia alevou
nyſto muytas couſas haa
de que vꝰ conta não dou.

conuydou as damas todas
hũ dia ante das vodas
dom martinho agentar
ouua hy tal que caſar
deſejou mais caues gordas

¶ Tem por couſa muy ſabida
muytos queſtaa conçertado
caſar dona margaryda
de mendoça cum priuado
de quaa muyto quee ſeruyda
Dona guyomar de meneſes
eſtaa fora ha oyto meſes
do paço nũ moeſteyro
nũca mays ouue terreyro.
nem no baylar antre meſes
¶ Hũa de ſangue rreal
que ſe cryou em caſtela
ſendo noſſa natural
nam anda ninguem coela
nem caſa em portugual.
Faz meſuras de cabeça
nam acha quem lhe mereça
meſura dourra feyçam
ſe nam prymo com irmão
ou outrem que o pareça

¶ Fylhas do conde pryor
ſam duas aquy entradas
nam tem hynda ſeruydor
⁊ hũa delas ouſadas
quee diſſo mereçedor.
Gentil molher deſpejada
da outra nã diguo nada
vaa no conto das que calo
que de muytas vꝰ nam falo
que nã quedam na pouſada

¶ Manrriquez dona marya
bem deueys laa de ſaber
que nam he jaa quem ſoya
nam diguo no pareçer
por que creçe cada dia.
Nam traz nenhũ ſeruydor
por quee de tanto primor
que ninguem a nam contenta
nem he de todo yſenta
que o nam conſenta mor.

¶ Dona joana de mendoça
que deixaſtes ha partyda
hũa muyto gentyl moça
nam he couſa deſta vyda
que matoos omẽs perforça.
Creçeo tanto em fermoſura
em manhas deſenvoltura
graça ſaber diſcriçam
que nam ſynto coraçam
a que nam de maa ventura.
¶ A outra ſſua ygoal,
no nome ⁊ na ydade
ſabey que em portugual
gentileza de verdade
nunca ſe vyo outra tal.
Poys a nam poſſo louuar
quero vola nomear
dona joana manuel
mays que o anjo guabriel
tem tudo para guabar.

¶ As duas fauoreçydas
calatayud fygueyroo
de ſerem qua mal ſeruydas
perdey diſſo bem o doo
queſtam longe deſqueçidas.
Fygueyroo he no ſeram
de cantiguas de tençam
mays ſeruyda que ninguem
de tres que cantam muy bem
nyſto ſabereys quem ſam

¶ Ha poucos dias quentrou
hũa gram dona meçya
da ſylueyra capanhou
loguo neſſe meſmo dya
eſſes galantes cachou
E conto loguo primeyro
a françiſco de byueyro
quanda forçando as paredes
⁊ leytou baldo ⁊ rredes
por paſear no terreyro.

¶ A outra dona marya
de meneſes que qua vyſtes
tem tanta gualantaria
que daa myl cuydados triſtes
a quem nos dar nam deuya.

E aqueſta meſma vya
fauora dona meçya
leua com ſeus ſeruydores
aos quaes faz ſem fauores
myl deſpreços cada dya

¶ Doutra fermoſa molher
que laa naçeo nũa ylha
nam dyguo mais ſe nam ſer
muyto grande marauylha
quem na vyr nam ſe perder
Neſta quero acabar
⁊ começay deſcuytar
nouas dontra calidade
nas quaes çerto na verdade
vꝰ nam quyſera tocar.

¶ El rrey de fez ajuntou
mais jente q̃ da primeira
⁊ ſobrarzyla tornou
mas achouſſe de maneyra
que loguo dy apildou.
E vay tam rryjo coçado
que creo queſcarmentado
fycara daqueſta vez
nũca mays entrou em fez
anda fora degradado.

¶ Dom françiſco no luguar
era entam ⁊ bem no quente
por iſto quero paſſar
mas de quam honrrada gẽte
leuou vꝰ quero contar.
Eſta ſoo couſa nam calo
çyncoenta de cauallo
te doyto meſes conſſyguo
⁊ o al qua quy nã diguo
he muyto mays q̃ o que falo

¶ Nuno fernandez daquy
vay çedo por capitam
por dous anos a çafy
⁊ quinhentas lanças vam
coele ſegundo ouuy.
ou vyſto com aderentes
algũs ficam deſcontentes

¶ Por nam seré escolhydos
para jsso nem ouuydos
cuydando candauam quetes.

¶ Os senhores de castela
candauam qua desterrados
por hũa justa querela
sam de todo perdoados
tornam ssaguora parela.
Vyeransse despedyr
fez lhe el rrey ao partyr
honrra merçe ꝛ fauor
os quaes diz que vam senhor
bem prestes para o seruyr.

¶ Hũ homem chegou aquy
que vyo do mũdo gram parte
ꝛ as nouas que lhouuy
contaas ꝛ dylas dũ arte
que pareçem ser assy
E por muy çerto contou
que o vysorrey tomou
hũa muyto grossa armada
em coyto myl ha espada
trouxe ꝛ dous rreys catyuou:

¶ Destes senhores priuados
de que nouas desejais
qua quy nam vam nomeados
bẽ sabeis quaes sam os mays
escolhydos ꝛ chamados.
Esta todos muy honrrados
nas rrendas avantejados
nas merçes ꝛ nos fauores
algũs deles tem amores
ꝛ outros outros cuydados

¶ Fala em geral

¶ As damas nũca pareçem
os galantes poucos sam
cousas de prazer esqueçem
os negoçeos vem ꝛ vam
nũca mingoam sempre creçẽ.
Nam ha ja nenhũ folguar
nem manhas eyxerçytar
he tanto o rrequerimento
que ninguem nã traz o tento
senam em querer medrar.

¶ Myl pessoas acharcys
menos oas que qua leixastes
doutras vos espantarcys
porque velas nam cuydastes
da maneyra que vereys.
Hũs acabam outros vem
ꝛ hũs tem outros nã tem
ꝛ os mais polo geeral
folguam muyto douuyr mal,
ꝛ pouco de dizer bem

¶ Se qua soes bem ensynado
cada feyra valeis menos
ꝛ se mal soys estranhado
dous dias ꝛ loguo vemos
fycardes mais estimado.
E vay jsto de maneyra
que na capela cadeyra
despaldas tem escudeyros
ꝛ consentenlhos porteyros
estarem na dianteyra.

¶ Anda tudo tam danado
que o que menos mereçe
se mostra mais agrauado
ꝛ domẽs que nam conheçe
he el rrey emportunado
E estes que deos padeça
ham de cobrir a cabeça
perante ele no seram
ꝛ soo por jsso laauam
sem aver quem os conheça.

Boõs ꝛ maos todos ja trazẽ
os rrabos alevantados
em lobas frysadas jazem
capuzes apestanados
pola ponta do pee trazem
Contas ꝛ lenços laurados
ꝛ da sala namorados
ꝛ nũca dyzem de quem
ꝛ pousando em santarem
sam assy afydalguados

¶ Quem for muito comedido
ꝛ quem for joste fycado
nã sera muyto valydo
quem for desavergonhado
seras com todos quabydo.

Nam ha homẽs de primor
nem quem lyrua por amor
se nam por ter ꝛ mandar
nem a quem queyra lembrar
o proueyto do senhor.

¶ Quẽ tẽ rrẽda quer poupar
ꝛ quem gasta bem o sseu
nam no podem compoortar
ham no loguo por sandeu
ꝛ quce syso entesourar
Os velhos sam namorados
os mançebos acupados
os casados sam solteyros
os fracos sã muy guerreyros
ꝛ os clerigos casados.

¶ Ha qua poucas amyzades
ꝛ grandes competymentos
custumam pouco verdades
seruensse muyto de ventos
ꝛ cousas de vaydades.
Nam lembraa ninguẽ rrezã
senam soo encher amam
ꝛ passe por hu poder
nem creais que bem fazer
faz nynguem se el rrey nam

¶ Esse quer hyr ter veram
algũ cabo ou ynvernar
ꝛ dalgũs toma a tençam
cada huũ o quer leuar
para honde tem seu pam.
Poys nisto nam tẽ rrespeito
senam soo a seu proueyto
vede bem ca conssellhar
faram num bom pelejar
ou em outro grande feyto.

¶ Cabo.

¶ Por que sey quesperareys
que vos de nouas de mym
vos dou estas cou vyreis
questou sam em almeyrym
da sorte qua quy vereis.

Nunca mays sahy daquy
hũa ora nem party
de seruyr & da goardar
& a çerqua do meorar
tal mestou qual me naçy.

℄ Rymançe.

℄ Tyẽpo bueno tyẽpo bueno
quyen teme lheuo de my.
Que na coroar me de ty
todo plazer mes ajeno.

℄ Fue tyenpo y oras vfanas
em que mys dias gozaron.
Mas enelhas se sembraron
la symyente de mys canas.

℄ Quyen no lhora lo passado
vyendo qual va lo presente.
Quyen busca mas açydente
delo quel tiempo la dado;

℄ Yo me vy ser byen amado
my desseo em alta çyma.
Contemplar em tal estado
la memorea me lastyma.

℄ Y pues todo mes aufente
no se qual estremo escoja.
Byen y mal todo manoja
mezquyno de quyen lo syente.

℄ Grosa de garçia de rresende a este rrymãçe

℄ Los tiempos atras passados
que fuessen mal despendidos
syempre seran deseados
y por muy buenos contados
los da ora por perdidos.
Yo de myl nenbranças lheno
duna ora que te vy
sospiro syempre por ty
tiẽpo bueno tiẽpo bueno
quiente me lheuo de my.

Quyen ma partido del plazer
y descansso que tenya
quien causa my padeçer
syno verte feneçer!
cada ora & cada dya.
Corres muy suelto syn freno
tan rrezio passas por my
por te ver hyr tanto peno
que na coroarme de ty
todo plazer mes ajeno.

℄ Nembrança no da loguar
a poder beuyr contento
aze my pena doblar
quando piensso quel holguar
passo mas presto que vento!
Dos mil esperanças vanas
que mys ojos desquanssaron
ya como sombra passaron
fue teimpo y oras vfanas
em que mys dias gozaron.

℄ Que se yzo my tristura
que me solia alegrar
quando maas me vy penar
que fue daquelha ventura
quel byen solya doblar.
Ya todas em my moraron
y me fueron muy vmanas
buenas en quanto duraron
mas enelhas se sembraron
la symiente de mys canas.

℄ No quedo syno memoria
para maas me lastimar
todo my plazer y gloria
es anssy como istoria
que a outrem vy contar.
Quien puede ser consolado
syendo desto tan aussente
quien byuo syno penado
quyen no lhora lo passado
vyendo qual va lo presente.

℄ No sse quyen pueda beuyr
con tantos modos de males
que menos es el moryr
que de contyno soffryr
passyones tan desygoales.

Pues es tan conuenyente
declynar qual quyer estado
mereçe dolor doblado
quyen busca maas açydente
delo quel tiempo la dado

℄ Por que yo todo passee
todo se quan poco dura
byen y mal esprimentee
y lo maas çyerto que halhee
fue la fym ser de tristura.
yo me vy com gran cuydado
duna passyon muy soblyma
yo me vy desesperado
yo me vy ser bien amado
my desseo en alta çyma.

℄ Esto muy poco duro
y quedome mal que harte
el descansso que me dyo
tan ayna se perdio?
que del no supo mas parte
Es dolor contynuado
passyon que no tyene çyma
quando nẽbra el biẽ passado
contemplar em tal estado
la memoria me lastima.

℄ Ca no es maas la nẽbrança
nel triste que tiene amor
del tiempo de byen andança
que matar elhesperança
y a byuar el dolor
El pareçer exçelente
la bondad que sobre posa
ante mys ojos se antoja
y pues todo mes aussente
no sse qual estremo escoja.

℄ Cabo.

℄ La muerte no la desseo
por tal desquansso no ver
ny la vyda que posseo
no la queria ny creo
que na dya quyera tener.

Todo de my se despoja
de todo soy desplazente
⁊ com nada paçiente
byen y mal todo manoja
myzquyno de quien lo syente

¶ De garçia de rresende a rruy de fygueredo o po tas q̃ lhe mãdou preguntar se poderya pousar cõ ele em almeyrym em que lhe manda dyzer como a pousada esta ⁊ da maneyra q̃ ele ha de vyr

¶ Tẽho as casas despejadas
podeis vyr quando quiserdes
de rreposteyros harmadas
⁊ camas muy conçertadas
para vos ⁊ quem trouxerdes.
Sotãaos frios no veram
no jnverno temperados
se nam vyndes cortelam
a vejs de ser apodados
vos ⁊ o vosso vylam.

¶ Por serdes bem rreçebydo
trazey no alforje pato
com pescoço muy comprido
que faça mais aparato
que hũ papa rrevestydo.
Trareys chocas em tabardo
hynda que seja em agosto
vylão vestydo de pardo
por vyrdes mais alpauardo
nam trareys touca no rrosto

¶ Sacha rodes çydra çydram
peras ou fyguos orjaeis
marmelos huuas melam
tanto que nam possa mais
correguarcys o vylam.
Destarte vyreis sem pejo
⁊ sereys bem rrecolhydo
mas hynda bem nam deçydo
me parece que vº vejo
dante mão serdes corrido.

¶ Trareis em çyma da see la
hũ manto mal rryatado
bedem velho enprestado
⁊ nos alforjes paneela
acupada com pescado.
Aynde abryda sem rretrãcas
quee bom trajo de caminho
⁊ que tenhas pernas mancas
trareis menyno nas ancas
a que chamareys sobrinho

¶ Trazey mais diante voos
trouxa com vestido feyto
por nam fazerdes qua moos
seraa todo deste jeyto
⁊ andareys como noos.
Loba dipre pespontada
mangas dusteda ou solia
beeca curta ⁊ engraxada
barba dũ dia rrapada
⁊ de dous meses trosquya.

¶ Brozeguy largo amerelo
com çapatos de veado
⁊ barretinho syngelo
pola borda ja çafado
de feyçam de enguinelo.
negro velho com traçado
⁊ menyno com sombreyro
rramal de contas lançado
ho pescoço ⁊ mal calçado
que saybam quee descudeyro

¶ Hũ par de luuas de lam
trazey por amor de mym
por quee cousa muyto sam
para os frios dalmeirym
a noyte ⁊ pola menham
Se vyndes desta maneira
folgaram qua de vº ver
mandarme ls loguo dizer
em chegando ha bandeyra
para vº hyr rreçeber.

¶ Sa goarda quyser saber
quem soes dizey que rrendeiro
se pousada ofereçer
vos ofereçey dinheyro
por vº deyxarem deçer.

Dyzey que vem de tras arca
⁊ besta com pam ⁊ vinho
⁊ panos de lam ⁊ lynho
so rroçym nam he de marca
goardar vºeis do meyrinho

¶ Os que vº vyrem diram
vendo loguo vosso jeyto
que parçeys fradeguam
fora dauyto em mey jam
co topete jaa desfeyto.
Pareçeys leçençeado
que foy ouuydor nas ylhas
ou fysyco namorado
⁊ cristam nouo engraxado
que tem quintam em caçilhas

¶ Marrano alcouyteyro
gram conheçedor de vinhos
ambrador manco carreyro
⁊ cleriguo feytiçeyro
q̃ vende boõs purgaminhos.
Tam bem fostes ja liureyro
rroym encadernador
⁊ nalfandegua syseyro
⁊ soes fora escudeyro
⁊ em casa borlador.

¶ Estu dante sem saber
bacharel de boa casta
quensyna moços a ler
cleriguo que por comer
espancou sua madrasta.
Mordomo de confraria
que tem chocalho ha porta
⁊ sempre gualinhas crya
ou charamelam dongria
casado com puta torta

¶ Por nã estranhardes nada
⁊ ser tudo com a o vosso
com pertenças a pousada
se nam seu nada nã posso
vº terey aparelhada.
Por que senhor como fora
⁊ no paço tenho a cama
para vos farey agora
cama tal quee cada ora
desejeys nela hũa dama.

¶ Para acreçentar deseio
tereys almadraque velho
manta noua dalem tejo
que vos de polo artelho
por que o mais seraa sobejo.
Chumaço desenfronhado
⁊ com seu lençol enbeerto
nouo grosso mal lauado
de pulguas acompanhado
para estardes mais esperto

Mantẽes curtos mal curados
mesa de tres pees rredonda
pychel baçios vydrados
brancos ⁊ verdes quebrados
para vos jsto avonda.
E estareys esentado
hũ tanho de santarem
por vos tudo saber bem
o coopo seraa quebrado
⁊ albarrada tam bem

¶ E por vos nam apalpar
a terra com o comer
eyuos tam bem ordenar
que nam vos ham mais de dar
que o que laa soeis de ter.
Que mudança de lugares
muda muyto a compreysam
⁊ se mudam os manjares
vem as doenças apares
⁊ tarde ou nunca se vam.

Perdizes capões gualinhas
frangaãos rrolas ⁊ vytelas
pasarinhos desparrelas
pasteis tortas escudelas
sam viandas muy daninhas.
Laparos paros çeuados
cabrytos ⁊ escahydas
lombos de porcos veados
panos faisães bõs pescados
em curtam muyto as vydas.

¶ Tereys senhor ho jentar
vaca magra sem toucynho
com seu coartilho de vinho
com que possais jarrear
⁊ nã me chamar mezquinho
Na çea da vaca frya
rrabam queyjo ⁊ salada
he comer que o corpo crya
o mais he velha carya
⁊ fazenda mal gastada.

¶ Cabo.

¶ E poys jsto tendes çerto
vynde muyto descanssado
⁊ destarte atabiado
por q̃ quem vos vyr o perto
caya loguo dabalado.
Tudo jsto que vos diguo
⁊ muyto mays achareys
⁊ nestas me nam obriguo
pois sabeys que sam amyguo
o moor que nũca tereys.

¶ Vylançete de garçia de
rresende a que tã bem fez
o som.

¶ Minha vyda
poys esperança nam tem
nam na deseje ninguem

¶ Se souberam
meus olhos quando vos vyrã
o mal cauya desser
nam poderam
consentyr nem conssentyram
ver massy loguo perder.
Padeçer
he meu ⁊ nam de ninguem
sem desejar nenhũ bem

¶ Quem quiser
nam ser mal aventurado
nem ter sempre triste vyda
ha mester
como se vyr com cuydado
que lhe de loguo sahyda
que perdida
he a vyda que o tem
sem esperar nenhũ bem.

¶ Dyguo jsto
por que loguo nũ momẽto
perdy toda a esperança
tenho vysto
perder muyto em pouco tẽpo
⁊ ganhar desconfiança.
Hoo lembrança
nam me vos tyre ninguem
que jaa nom quero outro bem.

¶ Cabo.

¶ Por que sey
que tudo ha dacabar
contrayro do que sespera
bradarey
que se goardem desperar
por quesperar desespera.
Se me dera
este conselho alguem
quyçaa me goardara bem

¶ Garçia de rresende a este
moto dũa senhora.

¶ Nesta vyda ⁊ depois dela.

¶ Poys massy soube perder
⁊ por tam justa querela
veoe como pode ser
que leyxe de vos querer
nesta vyda ⁊ depois dela.

¶ Terey onde quer que for
a fee com que vos seruy ;
lembrarmaa soo que vos vy
⁊ nam vosso desamor.
que mysto lançe a perder
tenho tam justa querela
que ja ley sempre de ser
vosso em quanto vyuer
nesta vyda ⁊ depois dela.

¶ Preguñta dũa molher
a garçia de rresende com
que lhe foy bem ⁊ estaua
delauindos.

¶ Preguntonos por amor
honde estaa & faz del vyo
se amor ou desamor
em balança he ourefyo.
Porq̃ ambos ey passado
cada hũ tem sua vena
por vos seja decrarado
qual daa moor prazer ou pena

¶ Reposta de garçya de rresende pollos consoantes.

¶ Eu me vy jaa com fauor
& depois triste perdio
fyquey com gram desfauor
& do bem passado fryo.
Nam pode ser comparado
o desquansso coa pena
por quo bem vem cõ cuydado
& o mal mais mal ordena.

¶ Outra sua.

¶ Quãdo homem tem prazer
entam lhe vay a lembrar
que o poderaa perder
por sa vontade mudar
de quem no tem em poder.
E o mal he sempre mais
& daa sepre mayor dor
do obra sospiros mortais
a quem ve o de lamor
senhora que lhe mostrays.

¶ Cantigua sua.

¶ Senhora poys minha vida
tendes em vosso poder
por serdes dela seruyda
nam queyrays que destruyda
possa sser.

¶ Isto nam por me pesar
de morrer se vos quereys
que mylhor me ee acabar
que soportar
quantos males me fazeys:
Mas soo por serdes seruyda
de mym em quanto vyuer
vos peço que minha vyda
nam queyrais que destruyda
possa sser.

¶ De garçia de rresende estando em euora ao conde do vymyso que se partyo dy para a corte sobre negoçeos do pay.

¶ Ryfam

Meu senhor desque partistes
nam vyuo nẽ vyuem quaa
nem creo que vyueis laa.

¶ Nos com vossa saudade
temos vyda sem prazer
& vos laa com rrequerer
mil negoçeos da trindade
nam podeys ledo vyuer.
Assy andamos muy tristes
nos por nã vos vermos quaa
& vos por andardes laa

¶ Qua nã ha andar na praça
nem curral ha sesta feyra
nem queremos ter maneyra
de fazermos fazer graça
ho mendez da cabeleyra.
Olhay bem sse nunca vystes
tanta mingoa fazer quaa
nenhũ homem quande laa

¶ Nem haver & desejar
nem prazer hũa soo ora
nem menos com quem falar
nem nouas para contar
nem diguo mais por aguora.
Soomente quandamos tristes
todos quantos somos quaa
por vos senhor serdes laa.

¶ Auey dod de nossa vyda
manda y nos senhor dizer
se esta vossa partyda
com nos vyrdes çedo ver
ha de ser rresteruyda.
Se nam todos quantos vistes
tristes por hyrdes de quaa
nos vereis muy çedo laa.

¶ Garçya de rresende a este moto dũa senhora

¶ Desquansaron mys ojos
y nunca my coraçon.

¶ Dy plazer a mys enojos
em veros y a my pasyon
y desquansaron mys ojos.
y nũca my coraçon.

¶ En veros senhora mya
los ojos toman plazer
por no ser como queria
el coraçon alegria
nũca yo le vy tener.
Assy quytoo mys enojos
vuestra vista de passion
y desquasaron mys ojos
y nunca my coraçon.

¶ Vylançete.

¶ Que are yo sym ventura
pues perdy
em veros a vos amy.

¶ Trouas del garçia de rresende a este vilançete.

¶ Los sospiros y cuydados
que my vyda por vos syente
me deran arto contente
en seren por vos causados.
Y no quyero mas holgura
pues perdy
em veros a vos amy.

¶ Cabo.

¶ No queria mas vitoria
que poder yo mereceros
llegnaros ala memoria
que perdy amy por veros.
seria buena ventura
para my
lembraros que me perdy.

¶ Pergũta de garçia de rre
sende a joam da silueyra.

¶ Pois q̃ soys damor ferido
ꝛ sabeys sua paixam
nom deueis ser esqueçido
de mym q̃ mais que perdido
ando com muyta rrezam.
Querey me senhor dizer
o rremedio que terey
a poderme defender
que me nam façam perder
estas cousas que direy.

¶ Pergunta.

¶ Sam muy veçido damores
onde me nam aproueyta
nunca rreçebo fauores
mas antes mil desfauores
meu querer de ssy engeyta.
Eu se a quero esqueeçer
sento meu mal ser dobrado
se faço pola nam ver
heeme pyor que morrer
sofrer tam grande cuydado.

¶ Reposta de joam da syl-
ueyra polos consoantes.

¶ Nõ podeis ser bem seruido
no cuidado que me dam
estas vossas queu envido
que por ser nelas metido,
me faleçe o coraçam.
Mas que nam tenha saber
eu senhor rresponderey
soo por v⁹ obedeçer
mas nam jaa por eu querer
meterme no que nam sey.

¶ Reposta.

¶ Por rremedio dstas dores
contempray comee sojeyta
deyxay modos damadores
pois que com penas mayores
do q̃ vos tendes v⁹ deyta.
Nom na vejays por fazer
ꝛ comprir o seu mandado
nem cureys de a cometer
mas ante deyxay de ser
de todo seu namorado.

¶ Pregunta de joam
da sylueira a garçia
de rresende.

¶ Eu senhor quando en videy
nom neguo ser com grã medo
mas como determiney
loguo he fora protestey
de v⁹ preguntar muy çedo.
Acr de ssupito molher
fora damores ꝛ quedo
em questaa seu loguo ser
me manday senhor dizer
se quereys que seja ledo.

¶ Resposta de garçia
de rresende polos con
soantes.

¶ Medoy laa se nam fiquey
de rrauidar nam marredo
poys seruir v⁹ começey
a mão toda tomarey
se me derdes hũ soo dedo.
Nam souba mores rreger
alexandre o de maçedo
nem outros de moor poder
por quas cousas de querer
nam sam per leys nẽ degredo.

¶ Outra de garçya de
rresende a joam da syl
ueyra.

¶ Meu senhor para saber
a cousa que duuidamos
he neçessario que ajamos
de quem mays sabe aprender.
A vos que soys acabado
por merçe quero pedir
q̃ como bom namorado
o que tenho duuidado
queyrais senhor descobrir.

¶ Pergunta.

¶ Vemos homeẽs namorad⁹
muy gualantes ꝛ perfeytos
serẽ damores sogeytos
das damas pouco prezados.
E outros q̃ sabem menos
ꝛ de menos mereçer
por esperiençia temos
que lhe vay melhor sabemos
em questaa ysto assy ser.

¶ Repòsta de joã da syluey
ra polos consoantes.

¶ Nom tem nenhum entẽder
de todos cantos cuydamos
qualgũa cousa trouamos
para guabar v⁹ poder.
Por ysso deste cuidado
senhor meu quero fogyr
que quanto mais apartado
soys de ser de my louuado
tanto he mais v⁹ seruyr.

¶ Reposta.

¶ Os tays homeẽs desamad⁹
podem ser por mil rrespeytos
por nõ seguyr tays proueytos
somos os menos confyados.
Os quaes çerto todos cremos
elas muyto mays querer
qua dos mayores q̃ vemos
ho que todos entendemos
querem mays secretas ser.

¶ De garçia de rresende a hũ seu amiguo em que lhe daa conta de sua vida.

¶ Ajnda que me nam peçays a conta de minha vida quero senhor que saibays see bem ou mal despendida. Diguo questou de saude a deos louuores e que tenho a meude dessauores.

¶ Hũa soo molher que tem minha vida em seu poder e por quisto sabe bem nenhũ bem me quer fazer. E trazme tam enleado que nam sey se me dura este cuidado que farey.

¶ E por vos dar verdadeyra conta e desenguanada sabey que nam he casada nem veuua nem he freyra. E por ela tam perdido ando eu que nam he meu meu sentido mas he seu.

¶ Ando sempre acupado a lhe fazer a vontade e nam tenhoutro cuidado mayor queste na verdade. E quando cuydo ca certo a meu ver entam estou mais yncerto do que quer.

¶ Se em janela ou a porta apareçe per terçeyra olhame de tal maneyra ca vista loguo me corta. Para ia nam poder ver nem desejar outra cousa que prazer me possa dar.

¶ Certefico vos senhor que mil vezes maconteçe darme nam na ver tal dor que a vida ma avorreçe. E salgũ ora desejo de viuer he na ora que a vejo apareçer.

¶ Mil vezes com dessauores que me faz quero prouar se poderey ter amores em algum outro luguar. E quanto mais apartado estou dela tanto he mais meu cuidado sempre nela.

¶ Por que tem bẽ conheçido o grande bem que lhe quero me daa cuydado creçido para ver se desespero. Por me nam satisfazer o que mereço deseja de me perder e lha vorreço.

¶ Salgũ ora me escuyta e lhe falo ja de fazer que se leuo paixam muyta muyta mais torno a trazer. Nam me daa contentamento sen cuidado nisto traz o pensamento acupado.

¶ Nam tẽhoutro passa tẽpo melhor que hyr passear polo campo e ordenar sem mil cuydados de vento. Em quanto la ando espero algũ prazer como venho desespero de o ter.

¶ Nem tenho conuersaçam com parente nem amiguo ando na minha paixam falando sempre comiguo. Desejo nam ver ninguẽm poys nam vejo quem he meu mal e meu bem e meu desejo.

¶ Ja me mil vezes quiseram amiguos aconselhar mas de quanto me disseram nam lhes quys nada tomar. Nem lhe dauoutra rrezam nem mays desculpa se nam quem me daa paixam me tyraa culpa.

¶ De por quem ysto padeço de tanto mereçimento que sentyr o mal que sento he o mays q̃ lhe mereço. Nem queria mays prazer a minha vida que folguar ela de ser disso seruida.

¶ Por estas cousas q̃ disse deueys vos senhor cuydar se poderia contar outras moores se vos visse. Quem tem tanto que sofreuer e que falar muyto mays deue sofrer que quer calar.

¶ Cabo.

Por saberdes minhas dores vos quys esta conta dar como a quem ja mal damores tem feyto desesperar. E por ver se podereys rremedear minha vida que vereys pouco durar.

¶ Cantigua sua.

¶ Minha vida he de tal sorte co moor rremedio que sento he saber que coa morte darey fym ho pensamento.

¶ Com sospirar e gemer
tristezas nojos paixam
juntos em meu coraçam
viuo soo polos sofrer.
Jaa nam ha quem me cõforte
meu mal e grande tormento
se nam lembrança da morte
que daa fym ho penssamento.

¶ Grosa sua aeste moto q̃
lhe mãdou hũa molher estã
to muyto mal cõela.

¶ Moto.

¶ Tanto mal que desespero.

¶ Esperey jaa nam espero
de mais vos seruir senhora
pois me fazeys cada ora
tanto mal que desespero.

¶ Pois sey certo q̃ folguays
quando mais mal me fazeys
e que nunca descanssais
se nam quando me mostrais
quã pouco bem me quereis.
Seruir vos mais nã espero
pois meu viuer empeora
com me fazerdes senhora
tanto mal que desespero.

¶ Grosa sua aeste moto,

¶ Meus olhos lẽbrevos eu:

¶ Pois he mais vosso q̃ meu
senhora meu coraçam
pois vosso catiuo sam
meus olhos lembrevos eu.

¶ Lembreuos minha tristeza
que jaa mais nunca me deyxa
lembreuos com quãta queyxa
se queixa minha firmeza.
Lembreuos que nam he meu
o meu triste coraçam
pois tendes tanta rrezam
meus olhos lembreuos eu.

¶ De garçia de rresende a
hũa molher que confessa-
ua que lhe queria bem sem
fazer por ele nada.

¶ Senhora pois confessais
que grande bem me quereys
e que de mym vos lembrais
e que com meu bem folgays
e de meu mal vos doeys.
Quereyme meu bem dizer
poys que obras nunca vejo
para ysto de vos crer
como poderey viuer
pois meu mal he tam sobejo:

¶ Sobejo com muytas dores
que por vos sempre padeço
e continos desfauores
sem nunca dardes fauores
a mym que tanto mereço.
Nam diguo que me fizesseys
quanto bem era rrezam
se nam soo que vos doeseys
de meus males e me deseis
dalgũ delles gualardam.

¶ Por gualardam queria
se soubesse quespera veis
de me fazer algũ dia
tam leedo que fantesya
tomasse que vos lembraueys.
De mym quem ter esperãça
ma veria por ditoso
se teuesse confiança
que meu seruir sem mudança
me seria proueytoso.

¶ Mas viuer sempre tã fora
desperar daquisto ser
me faz que cuydo senhora
cada dia e cada ora
que folguays de me perder:
E com este tal cuydar
sacrecenta minha pena
e nam posso rrepousar
quando me vay alembrar
que por vos meu mal sordena

¶ Que se triste sordenara
por outrem meu padeçer
a quem tanto nam amara
como a vos nam me penara
verme mil vezes morrer.
Mas de quem tem tal rrezam
para me rremedear
como vos meu coraçam
e me deyta em perdiçam
rrezam he de magrauar.

¶ De quem me posso doer
de quem me posso agrauar
se ninguem nam tem poder
para leedo me fazer
nem para meu mal dobrar.
Se nam vos de quem conheço
nam ser bem o vosso bem
para mym pois que padeço
hũ mal que nũca o começo
nem o cabo vyo ninguem.

¶ Que se fosse de verdade
vosso bem como dizeys
mudarieys a vontade
para a verdes piadade
de quanto mal me fazeys.
Mas cuyday q̃ quem bẽ quer
nam no pode encobrir
por muyto mais que souber
que nas obras que fizer
saa loguo de descobrir.

¶ Assy vos mynha senhora
nam tendes rrezam que dar
para ser de culpa fora
pois vos soo soys causadora
de meu mal sempre dobrar:
e tendo vos soo poder
de descanssar meu desejo
nam quereis nunca fazer
como possa leedo ser
e fazeis me o mal que vejo.

¶ Cabo.

¶ E poys que tendo sabido
aquestas cousas que diguo
folguo ser por vos perdido
se fosse favorecido
quem poderia comiguo.
Senhora de minha vida
doa vos meu padecer
poys que jaa sempre querida
aveys de ser e servida
de mym em quanto viuir.

Garçia derresende a
este moto que lhe mã
dou hũa molher.

¶ Milhor fee q̃ gualardam.

¶ Que causeys meu padecer
que dobreys minha paixam
que me lanceys a perder
com tudo sempre ey de ter
milhor fee que gualardam.

¶ Que viua cõ grã cuidado
mais triste que a tristeza
que seja mais desamado
nam ey de ser apartado
de sofrer vossa crueza.
Que nunca tenha prazer
que sempre tenha paixam
que folgueys de me perder
nam ey de deixar de ter
melhor fee que gualardam.

¶ Garçia derresende a
hũa molher que veo
estar hũs dias com hũ
doente por quem fazia
myl devoções. e disse
lhe ele q̃ ao outro dia
se auya dyr.

¶ Senhora.

¶ Ouui vos ontem dizer
questaueys para vᵒ hyr
quero vos fazer saber
que fazeys em o fazer
cousa que saa de sentyr.
Muyto de nos os enfermos
que saude rrecebemos
com vossa conuersaçam
e se aquisto nam temos
tristes de nos que faremos
se nam morrer de paixam.

¶ Se verdade he tal noua
dobrar sseam nossas dores
mandaynos fazer a coua
pois vᵒ hys da porta noua
ha rrua dos mercadores.
Do que gram mal na verdade
nom quererdes piadade
auer de quem he rrezam
se nam mudays a vontade
crede que com saudade
nos lançais em perdiçam.

¶ Para que quereis rrezar
nem fazerdes deuações
que obra podeys obrar
que seja mais de louuar
que tirardes mil paixões.
A quem nunca noyte e dia
hũa ora dalegria
poderaa ter sem vᵒ ver
a quem enssandeceria
e com nojo morreria
fora de vosso poder.

¶ Cabo.

¶ Se loguo nam rreuoguays
a sentença nũ momento
ouuireys fazer synays
que fazem polos mortais
e depois o sahymento.
Rezareis mil orações
polos nossos corações
que vos fizestes morrer
com muytas trebulações
e grandissimas paixões
que nam poderam sofrer.

¶ Cantigua sua.

¶ Folguo bẽ poys q̃ conheço
que folguays de dar paixam
a mym que nam vᵒ mereço
por quantos males padeço
dardes me ste gualardam.

¶ Que sempre viua penado
deste conhecimento
ficame contentamento
em saber que tal tormento
me days sem ser eu culpado.
Por que soo o que padeço
he tanto que com rrezam
me deueys e vᵒ mereço
dardes a meu bem começo
e fym a tanta paixam.

¶ Cantigua sua desauyndo
se dũa molher.

¶ Pois tanto prazer leuays
em me fazer sempre mal
errarey se fizer al
se nam o que desejays.

¶ Desejays nam vᵒ seruir
e folguays de me perder
desejais nunca me ver
e muyto mais nã mouuyr
se nam cantar e tanger.
E pois ysto confessais
hynda que me venha mal
errarey se fizer al
se nam o que desejays.

¶ Cantigua sua em hũa
partida.

¶ Los mys ojos toda ora
nunca cessaran lhorando
hasta que torne senhora
donde parto sospirando.

¶ No çessaran de lhorar
partida tan syn plazer
dolor que no tiene par
seren lexos de myrar
vuestro gentil pareçer.
No quanto mejor les fuera
quando party sospirando
perder la vida nũ ora
por no biuieren lhorando.

¶ Grosa sua a este moto. dũa senhora.

¶ Ja nũca seraa mudado.

¶ Mil vezes meu coraçam
me tem dito e afyrmado
quynda que lhe deys pairam
ja nunca seraa mudado.

¶ Por que e tãto sem medida
o grande bem que vos quer
que por vos serdes seruida
mil vezes perderaa vida
sem se nunca arrepender.
Quem disto nam tem pairã
que lhe deis sempre cuydado
que o mateys sem rrezam
ja nunca seraa mudado.

¶ Grosa sua a este moto.

¶ Cada dia e cada ora.

¶ Vossa pouca fee senhora
e vossa gram crueldade
me matam sem piadade
cada dia e cada ora.

¶ Por que salgũa firmeza
tiuesseis no coraçam
nam me darieys pairam
nem sempre mal e tristeza.
Mas o nam crerdes senhora
que vos quero de verdade
vos faz mudar a vontade
cada dia e cada ora.

Trouas que garçia de rresende fez a morte de dõa ynes de castro que el rrey dõ Afonso o quarto de portugual matou ẽ coimbra por o prinçipe dom Pedro seu filho a ter como mulher e polo bem que lhe queria nam queria casar enderençadas has damas.

¶ Senhoras salgum senhor
vos quiser bem ou seruir
quem tomar tal seruidor
eu lhe quero descobrir
o gualardam do amor.
Por sua merçe saber
o que deue de fazer
vejo que fez esta dama
que dessy vos daraa fama
sestas trouas quereis ler.

¶ Fala dona ynes.

¶ Qual seraa o coraçam
tam cru e sem piadade
que lhe nam cause pairam
hũa tam gram crueldade
e morte tam sem rrezam.
Triste de mym ynoçente
que por ter muyto feruente
lealdade fee amor
ho prinçepe meu senhor
me mataram cruamente.

¶ A mynha desauentura
nam contente dacabar me
por me dar mayor tristura
me foy por em tantaltura
para dalto derribarme.
Que se me matara alguem
antes de ter tanto bem
em tays chamas nam ardera
pay filhos nam conheçera
nem me chorara ninguem.

¶ Eu era moça menina
per nome dona ynes
de crasto e de tal doutrina
e vertudes quera dina
de meu mal ser ho rreues.
Viuia sem me lembrar
que pairam podia dar
nem dala ninguem a mym
foy mo prinçepe olhar
por seu nojo e mynha fym.

¶ Começou ma desejar
trabalhou por me seruir
fortuna foy ordenar
dous coraçõees conformar
a hũa vontade vyr.
Conheçeome conheçio
quys me bem e eu a ele
perdeome tam bem perdio
nunca tee morte foy frio
o bem que triste pus nele.

¶ Deylhe minha liberdade
nam senty perda de fama
pus nele minha verdade
quys fazer sua vontade
sendo muy fremosa dama.
Por mestas obras paguar
nunca jamais quys casar
polo qual aconselhado
foy el rrey quera forçado
polo seu de me matar.

¶ Estaua muy acatada
como prinçesa seruida
em meus paços muy honrrada
de tudo muy abastada
de meu senhor muy querida.
Estando muy de vaguar
bem fora de tal cuidar
em coymbra da sesseguo
polos campos de mondeguo
caualeyros vy somar.

¶ Como as cousas quã de ser
loguo dam no coraçam
comecey entresteçer
e comiguo soo dizer
estes omẽes donde yram.

E tanto que pregunteу
soube loguo queera el rrey
quando o vy tam apressado
meu coraçam trespassado
foy que nunca mays faley.

¶ E quando vy que deçia
sahy ha porta da sala
deuinhando o que queria
com gram choro ⁊ cortesya
lhe fiz hũa triste fala.
Meus filhos pus derredor
de mym cõ gram omildade
muy cortada de temor
lhe disse avey senhor
desta triste piadade.

¶ Nã possa mais a pairam
que o que deueys fazer
metey nisso bem a mam
quee de fraco coraçam
sem por que matar molher.
Quanto mays a mym q̃ dam
culpa nam sendo rrezam
por ser mãy dos ynoçentes
quante vos estam presentes
os quaes vossos netos sam.

¶ E tem tam pouca ydade
que se nam forem criados
de mym soo com saudade
⁊ sua gram orfyndade
morreram desemparados.
Olhe bem quanta crueza
faraa nisto vossalteza
⁊ tam bem senhor olhay
pois do prinçepe sois pay
nam lhe deis tanta tristeza:

¶ Lembreuos o grand amor
que me vosso filho tem
⁊ que sentiraa gram dor
morrer lhe tal sei uidor
por lhe querer grande bem.
Que salgũ erro fizera
fora bem que padeçera
⁊ questes filhos ficaram
orfaãos tristes ⁊ buscaram
quẽ deles pairam ouuera.

¶ Mas poys eu nunca errey
⁊ sempre mereçy mais
deueys poderoso rrey
nam quebrantar vossa ley
que se moyro quebrantays.
Usay mays de piadade
que de rrigor nem vontade
avey doo senhor de mym
nam me deys tam triste fim
pois q̃ nunca fiz maldade.

¶ El rrey vendo como estaua
ouue de mym compairam
⁊ vyo o que nam oulhaua
queu a ele nam erraua
nem fizera traiçam.
E vendo quam de verdade
tiue amor ⁊ lealdade
hoo prinçepe cuja sam
pode mais a piadade
que a determinaçam.

¶ Que se mele defendera
casseu filho nam a masse
⁊ lheu nam obedeçera
entam com rrezam podera
darma moorte cordenasse.
Mas vendo que nenhũ ora
des que naçy ategora
nunca nisso me falou
quando sse disto lembrou
foyse pola porta fora.

¶ Com seu rrosto lagrimoso
co proposito mudado
muyto triste muy cuidoso
como rrey muy piadoso
muy cristam ⁊ esforçado.
Hũ daqueles que trazia
consiguo na companhya
caualeyro desalmado
detras dele muy yrado
estas palauras dezia.

¶ Senhor vossa piadade
he dina de rreprender
pois que sem neçessidade
mudaram vossa vontade
lagrimas dũa molher.

E quereys cabarreguado
com filhos como casado
este senhor vosso filho
de vos mais me marauilho
que dele quee namorado.

¶ Se aloguo nam matais
nam sereis nunca temido
nem faram o que mandays
poys tam çedo vᵒ mudays
do conselho queraa vido.
Olhay quam justa querela
tendes pois por amor dela
vosso filho quer estar
sem casar ⁊ nos quer dar
muyta guerra com castela

¶ Com [illegible]a morte escusareis
muytas mortes muytos danᵒ
vos senhor descansareis
⁊ a vos ⁊ a nos dareis
paz para duzentos anos.
O prinçepe casaraa
filhos de bençam teraa
seraa fora de pecado
caguora sejaa nojado
amenhã lhesqueeçeraa.

¶ E ouuyndo seu dizer
el rrey ficou muy toruado
por se em tais estremos ver
⁊ que a vya de fazer
ou hũ ou outro forçado.
Desejaua dar me vida
por lhe nam ter mereçida
a morte nem nenhũ mal
sentya pena mortal
por ter feyto tal partida.

¶ E vendo que se lhe daua
a ele todeesta culpa
⁊ que tanto o apertaua
disse aaquele que bradaua
mynha tençam me desculpa.
Se o vos quereis fazer
fazeyo sem mo dizer
queu nisso nam mando nada
nem vejo heessa coytada
por que deua de morrer.

¶ Fim.

¶ Dous caualeyros yrosos
que tais palauras lhou vyrã
muy crus & nam piadosos
per verssos desamorosos
contra mym rrijo se vyram.
Com as espadas na mam
matrauessam o coraçam
a confissam me tolheram
este he o gualardam
que meus amores me deram.

¶ Garçia de rresende
bas damas.

¶ Senhoras nã ajais medo
nam rreçceys fazer bem
tende o coraçam muy quedo
& vossas merçes verã çedo
quam grandes bẽs do bẽ vẽ
Nam toruem vosso sentido
as cousas qua veis ouuydo
por que e ley de deos da amor
bem vertude nem prymor
nunca jamays ser perdido.

¶ Por verdes o gualardam
que do amor rreçebeo
porque por ele morreo
nestas trovas saberam
o que guanhou ou perdeo
Nam perdeo senam a vyda
que podeera ser perdida
sem na nyngué conheçer
& guanhou por bem querer
ser sua morte tam sentida.

Guãhou mays q̃ sendo dãtes
nõ mays que fermosa dama
serem seus filhos yfantes
seus amores abastantes
de deyxarem tanta fama.
Outra moor honrra direy
como o prinçepe foy rrey
sem tardar mas muy asynha
a fez alçar por rraynha
sendo morta o fez por ley.

Os prinçipais rreys despãha
de portugual & castela
& emperador dalemanha
olhay que honrra tamanha
que todos deçendem dela.
Rey de napoles tam bem
duque de bregonha a quem
todo frança medo auia
& em campo el rrey vençia
todos estes dela vem.

¶ Por verdes como vingou
a morte que lhordenaram
como foy rrey trabalhou
& fez tanto que tomou
aqueles que a mataram.
A hũ fez espedaçar
& ho outro fez tyrar
por de tras o coraçam
poys amor daa gualardam
nam deyxe ninguem da mar.

¶ Cabo.

¶ Em todos seus testamẽtos
a decrarou por molher
& por sisto melhor crer
fez dous rricos moymentos
em quambos vereys jazer.
Rey rraynha coroados
muy juntos nam apartados
no cruzeyro dalcobaça
quem poder fazer bem faça
poys por bẽ se dã tays grados.

¶ Garçia de rreesende
hindo para rroma veo
a malborca cõ grandes
tormentas / & vyo hũa
gentyll dama que cha/
mauam dona Esperã
ça: & andaua vestida de
doo & fezlhe este vilan/
cete & mãdoulho entoa
do tambem per ele.

¶ Que me quieres esperança
aquy me vienes buscar
por me mas desesperar

¶ Penssaua que me tenyas
del todo ya oluidado
y aqui diste a mys dias
sobre males mal dobrado.
Seraa triste my nembrança
pues te alhe syn te buscar
para mas desesperar.

¶ De my vida descontento
de mys tierras apartado
por la mar del penssamiento
em las hondas del cuydado.
Com tormentas doluidança
me fizyste aquy portar
por mas me desesperar.

¶ Las velas de my querer
rrotas por te no mirar
contra rrazon fuy dobrar
el cabo de padeçer.
Payrando mucha dudança
em las agoas de lhorar
te halhe por mas penar.

¶ Cabo.

¶ Luegho vy que my tristura
auia mas de creçer
pues vy tu lynda fegura
por my mal luto traer.
Como te vy esperança
vy que ma vias de dar
sobre pesares pesar.

¶ Garçia de rreesende
ao secretario q̃ lhe dise
porque tãgeo & cãtou
muito bẽ q̃ lhe daria dõs
pares de poizes pao pa
po & pa as mãos dous
pares de luuas & que
mãdasse a sua casa por
tudo & mandou com
esta copra.

¶A voz he para pedir
e as mãos para tomar
vos senhor soys para dar
mil cousas a fora rryr.
O rriso nam mo mandeys
por que jaa qua tenho muyto
o al manday e dareys
de boa vōte bom fruyto.

¶De pedralvarez marreca. a garçia de rresende sobre esta troua.

¶A voz he para ouuyr
as mãos sam para tocar
o ventre para esperar
pola ora do paryr.
O rrostro para estar
ha porta de boticayro
em panela ou alguidar
com sabam azul do cayro.

¶Reposta de garçia de rresende polos consoantes.

¶Gualgua magra de guanir
fisyco que quer preeguar
cabra morta despyrrar
judeu dalcaçer quebyr.
Corretor sem caualguar
clériguo gram lapidayro
e comfrade do rrosayro
preso por adeuinhar.

¶De joam rroiz de ssaa a garçia de rresende.

¶Vos nesse vosso buraco
de questais muyto contente
pareceys o ladram caco
ou giofre do gram dente.
Pareceys visso empalado
touro çeuado em lameyro
ou payo muy rrecheado
de pendurado em fumeyro.

¶Garçia de rresende a joã rroiz de ssaa polos cōssoantes

¶Galante trazido em saco
mandado qua em presente
pareçeys carelam fraco
que foy damores doente.
Valençeano molhado
e cabrito com sombreyro
ou cristos desenssoado
que dança a som de pandeyro.

¶Outra de joam rroiz de ssaa polos cōssoantes

¶Embaixador do valaco
del rrey dongria parente
arabaque de deos baco
almofreyre de semente.
Charamelam alporcado
gram palheyro todo ynteyro
e o çerto sol rendeyro
a que fostes apodado.

¶Reposta de garçia de rresende polos cōssoantes.

¶Pareçeis franguã velhaco
e bacharel dorjente
e çerua com olho zarco
ou gualgua com dor de dente.
Aragoes rrefinado
doçe gualante sergueyro
castelhano perfumeyro
musico a cayre lado.

¶Aluaro de sousa paje da lāça del rrey. E rruy de melo alcayde moor de luas. E aluaro barreto. E frãcisco da cunha. E frãcisco omē estribeyro moor del rrey. E manuel correa. Estādo jūt⁹ nūa posa da ēalmerym mandarā estes motos a guarçia d rresende.

¶Senhor pedimos a vossa merçe que veja estes mot⁹. e por aqui vereis quã pipa sois

¶Da senhora dona bādouua peço por merçe q̃ me rrespōda

¶Pareçeys me almofreyre prima mudado no har.

¶Ao senhor arco das velhas que sam os feyres dalagar d⁹ braços peço por merçe que me rresponda.

¶Pareçeys arabaq̃ felpudo que vay polo virote.

¶Ao senhor viso rrey das en tunda peço por merçe que me rresponda.

¶Pareçeys bufo enbaçado que luytou em eyra.

¶Ao senhor trylhoada dembigos peço por merçe que me rresponda.

¶Pereçeis tonel passareyro

¶Reposta de garçia de rresende a tod⁹ estes senhores por comprir seu mandado.

¶A aluaro de sousa paje da lança.

¶Cristam nouo paje velho
filho dabade ou doutor
doçe mays que hũ cantor
morto o paao como coelho.
Gualante de moesteyro
douda andorina dandaours
castelhano sem fressura
cristos molhado ē rribeyro.

¶ A rruy de melo alcayde moor.

¶ Meu senhor alcayde moor
dyzeyme see isto graça
com vosco nam sey que faça
por que macho sen ssabor.
Eu dissera algũa cousa
por vᵒ nam hyrdes em vam
e porem deytay a mãão
desta dalvaro de sousa
vosso primo com jrmaão

¶ A alvaro barreto.

¶ Gualan te go do mecy
e doutra parte badana
pareçeys madril manguana
quenssyna a bailar aquy.
Nessa vossa fremosura
quem acharaa que dizer
poys soes doçe para ver
e todo al he pintura.

¶ A francisco da cunha.

¶ A meu senhor bacharel
com jrmãa ama no paço
pulga doente do baço
capelam zynho danel.
Pareçeis guozo a dayam
com dous dedos de latym
e podengo escryuam
que vende tynta rro ym
em almeyrym.

¶ A manuel correa

¶ Senhor gualante lystrado
como manta dalemtejo
dourrem doente vᵒ vejo
de quandais barby alçado.
Fostes qua trazydo dylha
como lybree que nã fylha
e em nouo foy ardido
pareçeis gualan valydo
del rynyente de seuylha.

¶ A francisco mem estrybeiro moor.

¶ Syndeyram valençeano
a quas tripas rrugem muyto
pareçeys judeu sem fuyto
grande enxerto deste ano.
Fostes naçydo em paul
e cryado em lezyra
calçado de toda vyra
com gram balandraam azul.

¶ De garçia de rresende a joam fogaça que lhe nã querya mandar trouas suas

¶ Se cuydays que defender
acreçenta mais desejo
nam laa nysso dentender
que ha de ser
no que jaa fazeys com pejo.
Por isso sem mays tardar
mandeis senhor de mandar
vossas trouas quantas sam
e se nam
goarday vos do meu trouar
que daa cos omẽẽs no cham

¶ Reposta de joam foguaça.

¶ Senhor nam tenho lẽbrãça
de cousa que ja fyzesse
mais do que se fazem françe
por que sse o eu lonbesse
dylo hya sem tardança.
Do gram comendador moor
me lembra hũa que fiz
a qual diz.

¶ De garcia de rresende ao cõde prior mordomo moor cõ hũa certydã de rruy de fygueyredo do ordenado que ouue quando foy a rroma pera lhe darem a moradya do tẽpo que laa mais andou.

¶ Fylhos do enbayxador
garçia de ssaa e eu
e rrey darmas portugual
a todos el rrey nos deu
hũ ordenado senhor
e hynda mal.
nem mais nem menos hũ dia
do que a eles fostes dar
me ha vossa senhoria
de despachar

¶ Reposta do conde polos consoantes.

Vos soys muy grã trouador
senhor e amyguo meu
e gualante natural
e porem querya eu
ver del rrey nosso senhor
hũ synal.
Paraa verdes moradia
por queu nam posso mandar
por esta soo portarya
sem errar.

¶ De garçia de rresende a jorge de vasconçelos por que nam querya escreuer hũas trouas suas.

Neste mundo amoor vytoria
que sse daa nem pode ter
qual quer pessoa
he fycar dela memoria
hora deytay descreuer
cousa boa.
E olhay que os antyguos
dauam ho deemo as vydas
soo por que falassem deles.
E nos por sermos ymygos
de nos temos esquecydas
myl cousas moores cas deles.

¶ De garçya de rresende a bras da costa com hũ justo polo acreçentamẽto de caualeyro.

¶ Polo que eu fiz pecador
padeça aguora esse justo
jaa volo mando senhor
se lhe nam tendes amor
farnꝰ ha parte do custo.
E em paguo do marteyro
ca minha bolsa sentyo
mas sentay por caualeyro
pois o ssam muy verdadeyro
de cristos que nꝰ rremyo.

¶ Reposta de bras da costa.

¶ Eu vꝰ mando hũa noua
que seja domẽ rrebusto
e tam bem por ter bom custo
que folguey mais cõ o justo
que co a trroua.
e hũa cousa vꝰ digno
poys q̃ tanto a corte sygno
compre ter pessoa leda
e quer damyguo q̃r dinmygo
eu folguo com a moeda.

¶ Garçya de rresende a huũa molher que lhe dana hũa culpa

¶ Senhora deueys cuydar
poys vꝰ deos fez tam fermosa
que nam foy por nꝰ matar
mas por culpas perdoar
e ser muyto piadosa.

¶ Olhay bem que vꝰ mereço
por tamanho bem vꝰ quero
mays desquansso do que espero
menꝰ mal do que padeço.
E sse vꝰ isto lembrar
nam sereys despiadosa
para quem podeis matar
mas sereis no perdoar
como soes em ser fermosa,

¶ Troua sua a dioguo de melo que partya pera alcobaça e avyalhe de trazer delaa hũ cançioneyro dũ abade que chamam frey martynho.

¶ Decoray polo caminho
te cheguardes ho moesteyro
qua de vyr o cançioneyro
do abade frey martinho
E sesperardes de vyr
sem mo mandardes trazer
podeis crer
que quem tinheys em poder
para sempre vꝰ seruyr
olhos que o vyram hyr

¶ Garçia de rresende a hũa molher que dysse que ele rrya muyto.

¶ Temme tã morto o cuydado
que me faz jaa nã sentyr
e de muyto trasportado
em vez de chorar vou rryr

¶ Que se meu mal me lẽbrar
como me lembrays meu bem
meu prazer sera chorar
poys tam fora de cuydar
estaa em mym quem me tem.
E pois sam tam trasportado
que jaa nam tenho sentyr
quem me vyr folguar ou rryr
crea que e de mor cuydado

¶ Outra sua decrarando se com hũa molher.

¶ Nã hey por vydas passadas
poys passou sem vꝰ seruyr
ey por boa a qua de vyr
poys vola jaa tenho dada.

E nam cuydeys que e daguora
este mudar de vyuer
que foy sempre e ha de ser
ledes vos minha senhora
Mas andou assy calada
minha vyda em vꝰ seruyr
em quanto pode fengyr
ja gora nam pode nada.

¶ Trouas suas a este vylãçete

¶ Mira gentil dama
el tu seruydor
como esta tam triste
com tanto dolor

¶ Myra que mereço
no ser desamado
ny tan oluydado
pues tanto padeço
y pues con dolor
my vyda te llama
myra gentil dama
el tu seruydor

¶ Pues tu hermosura
causo my dolor
myra my tristura
y tu disfauor.
No trates peor
el que mas te ama
myra gentil dama
el tu seruidor.

¶ Cantigua sua.

¶ Ayuo jaa desesperado
de vyuer nũca contente
por q̃ quem me daa cuydado
nam no sente

¶ De mym nã tem sentymẽto
nem daa que tenha paixam
antes tem contentamento
em magrauar sem rrezam
Assy triste afortunado
da vyda sam descontente
por q̃ quem me daa cuydado
nam no sente

¶ Garçya de rresende a hũa molher a que disserã que ele querya bem a outra.

¶ Senhora nam he rrezam que por dito de ninguem nam queyrays quẽ vᵒˢ quer bẽ.

¶ Mas he bẽ que conheçais quẽ por vos he mais perdido e se vᵒˢ tem bem seruido nam no desfauoreçais.
E tam bem que nam creais se nam que quem vᵒˢ vyr bem nũca mays veraa ninguem

¶ Trouas suas a este vylançete.

¶ Say alguna neste mundo que yo ame mas que a vos mal melo demande dios

¶ E poys que tendes sabydo quem mym nã cabe mudança senhora day mesperança e seja de mais perdydo Que se nũca arrependido fuy de me perder por vos mal melo demande dios

¶ Outra sua.

¶ Tenho jaa esta fyrmeza tam fyrme no coraçam que me nam daa jaa paixam ter por vos sempre tristeza. Se desfauor nem crueza me podapartar de vos mal melo demande dios.

¶ De garçya de rresende a rruy de fygueyredo poras estando determynado pera se meter frade.

¶ Pois trocays a lyberdade por vyuer sempre sojeyto sem a verdes saudade dos amyguos de verdade vossos sem nenhũ rrespeyto. Se stais senhor de partyda para entrar em noua vyda tomay jsto que vᵒˢ diguo como dum vosso amyguo grande fora de medida

¶ Se determinays vestyr a vyto com seu cordam nam aveis nũca de rryr no moesteyro nẽ bolyr que e synal de deuaçam. Dyornal e breuyayro contas pretas e rrosayro trazey de cote na mam sem rrezar des oraçam a santo po calandayro

¶ Sy ouuer desceprinar hy com grande deuaçam e depoys da casa estar has escuras açoutar rryjo mas seja no cham. Ameude sospirar que todos possam cuydar que e de muyto marteyrado assy estareis poupado sem vᵒˢ da rregra tyrar

¶ Aueys sempre de mostrar que andais muy mal desposto por do coro escapar que e gram trabalho rrezar a quem nysso nam tem gosto E ha mesa gejumhar que façays todos pasmar mas tereys em vossa çela mantymento sempre nela com que possais jarrear.

¶ Tereys nela putarram que seja do vosso geyto se bater o goardyam ha porta dar lhe de mam para debaixo do leyto. se vᵒˢ achar suarento dizey que vosso elamento he estar dessa maneyra esta rregra he verdadeyra e o al tudo he vento.

¶ Tereys desso o colcham jybam e calças de malha casco luuas burquelam punhal e espadarram. chuça e hũa naualha. Escada de corda boa. que suba e deçaa pessoa segura de nam quebrar cabeleyra nam errar para cobrir a coroa.

¶ Como salũa poser sahyreis dese fadairo vestido como faz mester por que entam aveis de ler polo vosso calandayro. Por segurar o caminho se de amyguo do meirinho e do alcayde tam bem que nam queyram por ninguẽ tomar vᵒˢ no vosso nynho

¶ Pobreza e castidade e tam bem obedyençia dareys ha comonydade mas nam tereys caridade verdade nem paçiençia. Trabalhay muyto por hyr de casem casa pedyr cos olhos postos por terra por que assy se faz a guerra melhor que com bom seruyr

¶ Para melhor vᵒˢ saluar se de muy meter yqueyro dũs e doutros mormurar e o goardiam louuar em tudo muy por ynteyro.

Falay manffo ⁊ de vaguar
⁊ souuerdes de rrezar
seja alto ⁊ de maa mente
⁊ fazey vos muy çyente
por molheres confessar

Se vos mandarem cauar
agoar aruores ou varrer
ser forneyro ou cozinhar
ou os auytos lauar
começay loguo gemer.
E dyzey padre eu saim
de taim fraca compreyssam
que nam diguo trabalhar
mas sum pouco mabaixar
cahyrey morto no cham

Cabo.

Jsto poderceys fazer
mas o bom que a vyda tem
nam no aueys vos de sofrer
por jsso antes de ser
frade consselhay vos bem.
Por que quanto bem merece
pola vyda que padece
o bom frade vertuoso
tanto ó mao rrelegioso
torna a tras ⁊ desmerece.

Trouas que afonso valē te fezem tomar a garçia de rresende sem lhas mādar.

Pareçeys me lūa crys
primo com jrmão de bruto
pareçeis rroto bauto
doente de priorys
Sacabura jrmão de jaques
muyto farto de bordoēs
⁊ tanjendo com traques
homē que faz almadraques
ou feyroēs.

Albergue de frozentyns
que se paguam de çydram
homem farto de coryns
rrechcados de coram
Pareçeys deuinhaçam
pareçeis hūa façanha
tapeçeyro do soldam
quer gygante rrebordam
como castanha.

Dyzem que tangeis laud
⁊ tocays bem os bemoles
⁊ poulays em rretrapoles
a baixo de gamaud.
Se tangeys por becoadrado
em flamado como chama
pareçeys odre apojado
como mama.

Tēdes cousas muy aguoas
anrrique ontem por tal vya
⁊ cays ambos num dia
como lam symam ⁊ judas.
Fostes feyto em borzeyma
⁊ criado em trapssonda
soes tremelegua na onda
composto todo de freyma.

Pareçeys de ful sospiro
bandouua de toda vyra
pareçeys quartao que tyra
⁊ por fundo faz o tyro.
Pareçeys alam que ladra
sobre farto sonorento
pareçeys cabo descoadra
de tres myl odres de vento

Ou soes vaso ou atambor
nalguas bochechas do sul
ou tanho comendador
nado feyto no paul.
Pareçeys grande meloa
de parto no mes dagosto
a rreboles de sol posto
gram larada de boroa.

Pareçeys canycolar
de todo ano bysesto
⁊ soes o mesmo teysto
do plurar
⁊ tam bem soes sengular
na masa feyçam de cuba
ou gram bebada destuba
nua posta ao luar

Pareçeis muy grande ro
de grifos muy esfaymados
albarda molher de prol
muyto chea de bordados.
Guya de dança despadas
gram mal assada destopas
guya de dança de copas
todas cheas a rrasadas.

Nā diguo mais por agora
por que sagraua o tynteyro
por vos morrer o praçeyro
que era pior crasteyro
de sam viçente de fora.
Se nā que soes enfenyto
para dar prazer ⁊ rryr
⁊ proresto se compyr
trepricar ⁊ dar no fyto.

Pareçeys hū pouco o frato
preguador da vyda eterna
grega bebada de parto
antre cubas em tauerna.
Bentas sejam de balam
as fadas que vos fadaram
as tetas que vos cryaram
cassy vos empetrynaram
para momo no seram.

Honde todos bem veram
vossa groria vossa fama
⁊ caber vos ha por dama
hūa saqua dalgodam
⁊ por tocha hū gram tyçam
Pareçeys segum mesforça
esta em que vos en forço
farmengna que tanje em çorça
laude com pee de porco

¶ Soes alteroso da banha
mais que hurqua dos castelos
hurqua diguo dalemanha
ou fazeys proua daranha
sobre farto de farelos.
por nam dar polos cabelos
quero loguo dizer tudo
pareçeis reçelam mudo
em choco sobre no velos

¶ E por que melhor vº loue
de louuor muy souerano
pareçeys homē morçiano
como coue.
E por dar melhor dagudo
⁊ vº nam maçar do coto
agudo todo no boto
tam bē tocays de tronchudo.

¶ Pareçeisme segũ maço
nas esporas muy sofrydo
pareçeis muy gram ynchaço
que naçeo a esse paço
desso braço
de que handa mal sentydo.
Pareçeis de lombardia
posto que sejays de greçia
pareçeys lioa neyçya
criada na vcharya.

¶ Pareçeys mais de setenta
cousas posto em gybam
e cays no horyzam
dũ gram fardo de pimēta
monje çujo dalcobaça
patriarca de veneza
pareçeys de sualteza
ancho porteyro de maça.

¶ Gram lauoyra se vº perde
porque vay em tal enseio
vosso eu de verde a verde
como o tejo.
Mys cobrindo todas ponte
as lezyras nõ desfaço
os lombos de monte a monte
sem pareçer espinhaço:

¶ Pareçeys moura alfenada
ca deuinha pola mão
pareçeys bufa calada
do leuante no verão.
De tras de sam nycolao
em alto graao
vº vy eu nũa alta dança
com essa pança muy atento
⁊ o som era de vento
⁊ a mudança.

¶ Vyuos na feyra denues
a tanger muy grandes trõbas
⁊ vyuos lerdũ conues
de cadeyra aduas bombas.
Gram sam joã barba douro
barrata senhor da serra
pareçeys fylho de touro
⁊ de faca dingra terra.

¶ Nē soes carne nē soes pexe
menos proueyto nē dano
se nam mala ou almofreyxe
de sobrano.
Soes o numero de çento
sem mingoar hũ soo çeytil
soes b greguo tamboril
da crasta deste conuento.

¶ Todas estas cousas sam
nam queyrays al entender
se nam quaperteys a mam
ao comer
porque vº hys aperder.
Tyrayuº de tanto vyçyo
hy lhargnas banhas datum
fazendo algũ exerçyçio
pola menham em jejum

¶ E quando fordes gentar
carrilhos frescos denpada
sera vosso começar
em vara dirlanda assada.
E depoys no acabar
por vacuar
a freyma toda no fundo
hũa posperna do mundo
comereys para a testar

¶ E por çear leeuemente
pera entrardes em feyçam
hũ verneo cozydo quente
comereys alto seram.
E deueys vº de goardar
de saltar ⁊ andar cõtento
porque vº pode quebrar
a lynha do franzymento.

¶ E depoys de bem cõprida
esta rreçeyta que dyguo
fycarey tam vosso amyguo
como sam de minha vyda.
Mas nam ja para calar
o que synto dessa graça
que tendes de fateyraça
com questou parestalar

¶ Cabo.

Quanto mais contēpro cuido
em vossa feyçam ⁊ talho
pareçeisme santo entruydo
de parto dũ gram chocalho
Pareçeys por aravya
grande couaão de velugos
⁊ tam bem por algemya
a saado de confrarya
posto em saya de verdugos

Reposta de garçia dᵉ rresēde polos cõsoantes a todas estas trouas da fõso valēte que foy achar sē lhes elle mandar. E vam fora do ordē por conseguyr as suas.

¶ Monrrado gozo petys
rredondo podengo curto
fyzestes trouas a furto
aas quaes rresponder vº quis
Guato pintado em paarques
antre vssos ⁊ lyoões
pyam muy folam em taques
bebedinho que daa baques
⁊ rrezoões.

¶ Pusestes vꝰ nos polyns
para vꝰ erguer do cham
barryl que veo dos chyns
coco bala, ou malatam.
Soberbo bena façam
bacharelzynho dydanha
que caça com perdiguam
muyto longe dalemam
⁊ dalemanha.

¶ O que soube o talamud
vꝰ leuantarya os foles
soes feytor de caguaroles
caynbador de calecud
Mulato desorelhado
que traz para forno rrama
⁊ de muyto carreguado
jaz na lama.

¶ Tabaliam de tres mudas
tregeytador de rrotya
bombardeyrinho dungria
sotyl em cousas mendas.
Muy rrebynchado çoleyma
que foy çoqueyro de rronda
cousynha muyto rredonda
que per ssy mesmo se queyma

¶ Quysestes dar vosso gyro
em trouas por meter vyra
juyz de por de mentyra
guayteyro de tyro lyro
Quem vꝰ bẽ oulhar ẽ quadra
veraa baixo fundamento
tereys certo negra ladra
sologiam do convento

¶ Pareçeys precurador
que vyueo com vasco abul
⁊ doudo te ambrador
com lobeta aberta azul.
Doutor çur o sem pessoa
como bacoro desposto
de que eu nam tenho gosto
para dizer cousa boa.

¶ Homemzynho de folar
anti e passar os mal feyto
pereçeys malhaão no geyto
⁊ rrebolar.
Almoraçce de tomar
vossa fantesya adubа
⁊ he rrezam quassy suba
quem trabalha por medrar.

¶ Sobre rrolda dalmourol
cos pees gotosos hynchados
fazeys de noyte forol
hos coelhos ⁊ veados.
E days em tancos pousadas
rremays os bates das popas
⁊ ha hy vꝰ tornays sopas
vos ⁊ outros com canadas.

¶ Brigoso juyz de fora
em saber gram malhadeyro
fysyco alcouyteyro
pareçeys honrrado odreyro
homem de cabo de nora.
Vos trazeys algũ espirito
que vꝰ faz tanto bolyr
marrano que quer pedir
com maas trouas per escrito

¶ Pareçeys curto laguarto
pintor manco dũa perna
⁊ piparote ou quarto.
tynteyro frasco ou lanterna.
Desessegado trotam
em que nũca caualguaram
frade que de noyte acharam
⁊ com putam amalharam
em trajos de rrefyam

¶ Crelegnete guorryam
que com dia busca a cama
⁊ com furia derrama
pychel de vynho no cham
por sse fazer rrebolam.
Guajeyro que vay ha horça
que en com couçes emborco
tereys latada de norça
bcocos de velho orquo

¶ Gram ouriço de castanha
moordomo de cogumelos
pareçeys pero despanha
homenzynho de patranha
de maa feyçam ⁊ maos pelos.
Dyseyro dos cotos e dos
presumys de muy aguдо
confeyteyro rrebuludo
sotyl mestre dabrir selos.

¶ Por muy espãtado me ouue
do trouar palençcano
mas por ser de moucho oufão
me aprouue.
preguador muy sedudo
calegua sempre escoto
⁊ feytyçeyro coloto
ou porteyro do estudo.

¶ Malhadeyrinho madraço
como cachorro ardido
vendeyrinho gram tarraço
prior que faz o rrechaço
sobre chumaço
cristam nouo antre meyodo.
Pucarinha de judya
em que tem rroym espeçia
leelo que chamam lucreçya
odrete de mal vasya.

¶ Gozo morto em tormenta
ou rredondo brebeguam
mal desposto foliam
em que todo pouo atenta:
Em trouar nam tendes graça
quereys tocar agudeza
mas a vossa sotyleza
he na tauerna ou na praça.

¶ Todo esta vossobra fee de,
ha leela segundo vejo
syseyro tomado em rrede
bucarejo.
Se vꝰ oulho por de fronte
pareçeis muy curto maço
ou gram caldeyram de fonte
⁊ pyloto do adarço.

¶ Cangrejo q̃ nam val nada
⁊ quer ſoſter preſunçam
pichel de mea canada
bilharda. bola. ou bulham.
Jogral canda em eſtaao
com berymbaao
frade doudinho de frança
por gram velhaco yſento
ca tauerna he ſeu conuento
per erança.

¶ Rebolo quando o rreves
criareys em caſa pombas
odre volto do enues
com peguamaços ⁊ rronbas.
Eſcarauelho ou biſouro
quem couſas cujas aferra
pareçeys ſirgueyro mouro
que ſabe pouco da guerra.

¶ Pareçeys pequeno feyre
ou rroym troura de pano
⁊ teçelam de condeyre
marrano.
Recenſeado ſem tento
que preſume de ſotil
ſabereys pulhas çem mil
trouays cujo ⁊ caçurrento.

¶ Rabicurto ſam criſtam
quem ſyña moços a ler
⁊ ouriuez beberram
que quer ſer
alquemiſta ſem ſaber.
Eu vꝰ acho maao endiçio
em cuydardes que ſoys hum
em trouar ⁊ noutro officio
⁊ em tudo ſoys nenhum

¶ Homemzinho polegar
que com mas graças enfada
judeu quenſſynaa dançar
pardal com capa ⁊ eſpada.
Marremedar ⁊ trouar
ſoys em tomar
outro rroupeyro ſegundo
⁊ cuydays que ſoys profundo
nam tendo mays q̃ palrrar.

¶ Pareçeis guanſſo y potente
ou çerçeado toſtam
vereador de benauente
⁊ rrendeyro do carnam.
Bem vꝰ podereu matar
ſoo de puro corrimento
ſe nam fora por eſtar
em moores couſas atento.

¶ Homem de curta medida
rrecheado como figuo
porquinho que tem triguo
caaguado toſam habida.
Tronbeta do lumiar
tam rredondo como chaça
⁊ pyneu com grande maça
que ſequer cũgrou matar.

¶ Cabo.

¶ Aljubeyro quartaludo
mais rredondo que hũ alho
falays trouays fazeys tudo
⁊ em fym ſoys hũ bugualho.
Juyz da caldeyraria
quenſynaa baylar tarugos
maçam que foy dagomya
⁊ meſtre de geometria
ou batifolha de burgos.

¶ Troua ſua afonſſo valen
te no cabo deſtas.

¶ Como gozo forrateyro
cuydaſtes que por rraſteyro
vꝰ nam podia açertar
hora olhay eſſa podar
⁊ vereys ſe ſſam çerteyro.
E quem fez tam mao peſar
de vos eſtando em tomar
ſem errar hũ conſſoante
ſe vꝰ teuera diante
nunca poderaa cabar
e goardar de mais trouar
doje auante.

Estas corenta ⁊ oyto trouas fez Garçia de rreſende por mandado del rrey noſſo ſenhor. para hũ joguo de cartas ſe jugar no ſeram deſta maneira. Em cada carta ſua troua eſcrita ⁊ ſam vynte ⁊ quatro d damas. ⁊ vynte ⁊ quatro domeẽs. ſ. doze de louuor ⁊ doze de deſlouuor. E baralhadas todas hã de tyrar hũa carta em nome de foaã ou foão ⁊ em tam le la alto ⁊ quem açertar o louuor hyraa bem ⁊ quẽ tomar a de mall rryram dele. começam loguo os louuores das damas os quaes fez todos haa ſenhora dona Joana de mendoça.

¶ Nam ſey que poſſa dizer
por vos que ſeja louuor
que ſe tam ouſado for
perderey o entender.
Quando quero começar
he couſa que nam tem cabo
antes me quero calar
que cuydarem que vꝰ guabo.

¶ Fermoſura tã ſſobeja
vꝰ deu deos qua antre nos
que nam ſey quem vꝰ bẽ veja
que ſſe nam perca por vos.
Que nꝰ deys ſempre cuydado
que nꝰ mateys cada ora
antes de vos deſamado
ca amado doutra ſenhora.

¶ Poys ſoys ſem cõparaçã
de todas quantas naçeram
os que por vos ſſe perderam
bem ſſe perdem com rrezam.

E poys nunca vimos tal
nem creo que vyo ninguem
que façays a todos mal
eu diguo que fazeys bem

Tendes tanta gentileza
tanto haar na fala ⁊ rryr
que quem vꝰ senhora vyr
nunca sentyra a tristeza.
Fostes no mundo naçida
com graças tam escolhidas
que soo por vꝰ ter seruida
daria duas mil vidas.

Vossas grãdes perfeyções
manhas ⁊ desenvolturas
tyram todalas tristuras
que acham nꝰ corações.
Vossas penas sam prazer
vossos cuydados vitoria
vosso mal he bem fazer
⁊ vosso esqueçer memoria.

Quẽ vꝰ nam vyo nã tẽ vida
quẽ vꝰ nam seruio senhora
pode contar por perdida
toda sa vida tee gora.
E quem vyr tal fermosura
seja çerto qua de ter
em quanto viuer tristura
juntos pesar ⁊ prazer.

Do q̃ vos tendes de mays
podeys dar a todas parte
⁊ em vos ficar que farte
ssem faleçer o que days.
Que todas queiram tomar
manhas graça ⁊ pareçer
de vos nam pode mingoar
quanto nelas mays creçer.

Dama de tal fermosura
dama de tal mereçer
o que viue sem vꝰ ver
nam teue boa ventura.
Para que e vida ssem vos
nem sse poode chamar vida
⁊ sse nam foreys naçida
por que naçeramos nos.

Quẽ vyo nunca tal senhora
quem vyo nunca tal molher
que poode dar sse quiser
a morte ⁊ vida num ora.
Certo nam byra ninguem
que sse vyo tal criatura
nem que tal desenvoltura
donzela teue nem tem.

Soys tam lynda tã ayrosa
que muytos matais por fama
ante vos nenhũa dama
nam sse chamara fermosa.
Por q̃ quantas damas ssam
juntas ssoo nũa fegura
nam teraa comparaçam
ante vossa fermosura.

Se no mundo sse perdesse
quanto sse pode cuydar
tudo vos podereys dar
sem que nada faleçesse.
Por que o quẽ vos ssobeja
he tanto cabastaria
a mil mundos ⁊ teria
cada hũa o que deseja.

Cabo.

Em ssaber ⁊ descriçam
em vertudes ⁊ bondade
⁊ em toda perfeyçam
tendes primor na verdade.
Soys tam bẽ muy pyadosa
amiga de todo bem
sobre tudo a mays fermosa
do çou vyo nem vyo ninguẽ.

De desllouuor das damas.

Vos nã soys muyto mãhosa
nẽ matays ninguem damores
soys mays fea que fermosa
tendes poucos seruidores.
E o que tam enguanado
foy que lhe pareçays bem
a mester desenguanado
de vos mesma ou dalguem.

Na dança ssoys muy atada
no baylo pouco geytosa
em passear desayrosa
em falar desengraçada.
Soys hũ pouco ja taluda
de tempo pera casar
⁊ nam ssoys muyto aguda
em escreuer nem falar.

Poys q̃ por gualantaria
nunca aa veys de sser condessa
o meu consselho seria
trabalhar por abadessa.
Seruireys nosso senhor
tereys çerto de comer
se quiserdes seruidor
nam aa las de faleçer.

Pareçeys mal em janela
em sserão muyto pior
soys mays fria ⁊ ssem ssabor
do que nunca vy donzela.
Vos fareys bem denssynar
as damas moças a ler
nam a vestir nem falar
poys o nam ssabeys fazer.

Vos nã ssoys para senhora
nem menos para terçeyra
se me crerdes des dagora
pareçeys ja a mal ssolteyra.
E pois manhas para dama
nam tendes nem pareçer
casay vꝰ ⁊ pode sser
que aynda ssereys ama.

Se dalguem por amizade
vos fosseys desenguanada
⁊ vꝰ falasse a verdade
estaryeys na pousada.
Para vos nam he sseraão
dança nem baylo mourisco
em fea pondes o risco
mays alto que quantas são.

¶ Em falar ssoys emtabida
⁊ em rryr desengraçada
ssois muy pouco antremetida
em rresponder muy pejada.
Soys tam bem desenssoada
para dançar toroiam
quiça sse foreys vezada
baylareys baylo vilam.

¶ Nam vº acho nenhũ jeyto
para nos matar damores
o corpo nam he bem feyto
ás manhas ssam senssabores.
Nã sois das mays estimadas
nẽ menos das mays ssabidas
q̃ muytas ssam as chamadas
⁊ poucas as escolhidas.

¶ Nos senhora perdoay
se mal diguo sse mal faço
em dizer que vosso pay
fez mal trazer vºo o paço
Antes fora bom conssclho
meter vº no ssaluador
ou casar vº cuũ doutor
aynda que fora velho.

¶ Falays cõ pedras na mão
como que fosseys fermosa
⁊ soys muy presuntuosa
sobreter maa condiçam.
Nã ssoys muyto bẽ despostа
nem pareceys muyto bem
se com vosco fala alguem
a todos days maa rreposta.

¶ Senhora de meu consselho
por vincrdes descanssada
goarday vº de ter espelho
nem vº entre na pousada.
Que se virdes o que vemos
direys que temos rrezam
de rryrmos ⁊ de dizermos
que tendes muy maa feyçam.

¶ Cabo.

¶ Soys muyto maa de seruir
⁊ soys sempre rrauinhosa
nam quereys ver nem ouuir
tam bem tocays de rrayuosa:
Soys ssoberba ssoys infinta
soys muyto forte molher
seu tomar papel ⁊ tinta
muyto mays ey desereuer.

¶ Louuor dos homẽs.

¶ Sam tã gentil cortesaão
que sas caãs me nã vieram
as damas todas ssouberam
que dou mate a quãtos ssaão.
Nam curo de vaydade
picome de gracioso
tam bem de falar verdade
as vezes ssam comichoso.

¶ Sam muy negoceador
falo sempre aa porfiadade
tenho muyta grauidade
loguo pareço ssenhor.
Sam sesudo ⁊ auisado
⁊ sam gram vesitador
doffiçiaes ou priuado
tam bẽ de qual quer doutor.

¶ Sã muy brãvo ⁊ tẽperado
⁊ por meus amiguos faço
ando muy acompanhado
da pousada te o paço.
A todos rrespondo bem
sam grande morejador
⁊ estaame bem bedem
nam ssendo caualguador.

¶ Antre todos cortesaãos
manoem terçar ⁊ ouuir
sey bem as damas seruir
bulo sempre coas maãos.
Sam ssotil brando ⁊ delgado
mays huniuerssal que todos
⁊ ssobrysso tam honrrado
que doutres figas os godos.

¶ Sam muy solto no falar
falo tudo quanto quero
nam me daa nada de dar
mas rrepostas ⁊ sser fero.
Sou na dança muy ayroso
⁊ bom musico tam bem
⁊ tam bem ssam gracioso
mas he a custa dalguem

¶ Que me vos vejays calar
eu traguo muyto boõ jogo
ando tam perto do foguo
que mey nele de queymar.
E por sser muyto desercto
me fazem tantos fauores
vayme sempre bem damores
por que me tem por secreto.

¶ Eu ssam muy antremetido
com as damas ⁊ senhores
⁊ com todos muy valido
⁊ ando sempre damores.
Trago as damas em rreuolta
nam me ssabem entender
⁊ aa quee mays desem volta
hcessa dou mays que fazer.

¶ Eu ssam muy gentil galante
dida de paro consselho
⁊ que sseja hum pouco velho
sam nos amores costante.
E ssam muy bom caçador
de toda sorte de caça
sey bem rrir a hũa graça
sobrysso bom dançador.

¶ Sã bẽ desposto ⁊ fremoso
⁊ que sseja hũ pouco fryo
sam ẽ tudo muy manhoso
⁊ ẽ mym muyto confio.
Sam das damas seruidor
em muytas cousas ssabido
danço bẽ ssam trouador
⁊ mays ssam muyto prouido.

¶ Eu prezome de screuer
⁊ dar consselho nuũs motos
sey bem cantar ⁊ tanjer
alguũs ssam em mim deuotos.

E ssam przado pas damas
estimado dos ssenhores
⁊ com todos meus fauores
nam lhe tyro ssuas famas.

¶ Eu ssam muyto destimar
⁊ assy ssam estimado
por que ssey bem apodar
⁊ tam bem ssser apodado.
Eu ssam muyto graçioso
despejado no terreyro
quero me fazer pomposo
nunca falo cescudeyro.

¶ Cabo:

¶ Eu ssey bem falar trocado
⁊ dar dolho oos derredor
presumo dandar dobrado
falo cousas de primor.
Sam destarte zombador
⁊ nam maco de ninguem
sam lonje de ssem ssabor
folguo de pareçer bem.

¶ Peedes louuor.

¶ Vos nã no tomeys por vos
mas vos soys tam desayroso
que fareys qual quer de nos
de ssem ssabor graçioso.
De mula ⁊ de cauallo
no terreyro ⁊ no sseraão
soys tam fora de feiçaão
queu ja nam posso calalo

¶ Vos mentendeys bẽ senhor
quando vestis alobera
que pareçeys prouisor
caualguador da gyneta.
Soys hum pouco desazado
⁊ nam muyto descm volto
em manhas nã muyto solto
em dar q̃ rryr avezado.

¶ Vossos dias jaa passaram
loguo pareçeys passado
soys das damas emieytado
⁊ nunca vꝰ em jeytaram.

Soys mais pay que seruidor
soys mais a vo que gualante
por ysso desoje a vante
deytay as damas senhor.

¶ Vos andays arrapiado
nam ssabemos ssee de frio
e ssoys jaa tam emgelhado
caas damas fazeys fastio.
Se o causa almeyrim
ou estes frios dagora
por merçe crede ma mym
nam em fadeys a senhora:

¶ Que mostreys ser confiado
nos outros sabemos bem
o qua de ter ou que tem
o gualante namorado.
Soys hũ pouco rrepinchado
bom para ver em jubam
⁊ pareçeys fradeguam
sestays desatabyado.

¶ Gualante brassamador
tendes feyçam de varrão
tam lonje de ssem ssabor
coma perto de malhaão:
Quem ysto tomar por ssy
ha de sser homẽ de paço
⁊ jaa eu vejo daquy
alguem posto ẽ embaraço.

¶ Por q̃ vyndes oo sseraão
por que vꝰ meteys na dança
pois que pera cortesaão
andays muy lonje de França.
Soys muy frio ⁊ ssem ssabor
⁊ sabeys vꝰ mal vestir
em tam quereys presumir
de gualante ⁊ dançador.
Vos soys lõguo ⁊ desfrripado
bem pera folguar de ver
pareçeys grou espantado
bode morto por comer.
Se vꝰ vier teraa mão
esta carta por açerto
quer esteys longe quer perto
todos vꝰ conheçeraão.

¶ Gualante ssem sse vestir
namorado ssem ter dama
desauyr tornar aa vyr
ele ssc ama ⁊ desama.
Sem ninguem luyta cõ ssyguo
ele caae ele ssc aalça
quem olhar ysto que diguo
veraa de que pee sse calça.

¶ Que vꝰ eu pareça assy
nã vou laa nem faço myngoa
que nam solte muyto a lingoa
outros piores aaquy.
Eu nam ssey por q̃ nam ssam
no paço muyto valydo
poys q̃ ssam curto ⁊ corrido
⁊ tenho gram presunçam.

¶ Vos sois muyto emfadõho
⁊ falays sempre de ssyso
⁊ amostrays vꝰ medonho
por nos tolherdes o rriso.
Mando vꝰ eu meter medo
mando vꝰ arenguear
caueys dauer tardouçedo
que cousecdes grauyzar.

¶ Cabo.

¶ Vos andays amarlotado
que ssejais muyto sabido
⁊ andeys arabiado
andays sempre enranguido.
Aveys mester enruguado
ao ssol ⁊ muyto quente
ou muyto bem apodado
por dar desprazer aa gente:

¶ Deo gracias.

Acabousse de empremyr o cançyoneyro geerall. Com preuilegio do muyto alto ⁊ muyto poderoso Rey dom Manuell nosso senhor. Que nenhũa pessoa o possa empremir nẽ troua que nelle vaa. sob pena de dozentos cruzad° ⁊ mais perder todollos volumes que fizer. Nem menos o poderam trazer de fora do reyno a vender ahynda q̃ la fosse fejto so a mesma pena atras escrita. Foy ordenado ⁊ emẽdado por Garçia de Reesende fidalguo da casa del Rey nosso senhor ⁊ escriuam da fazenda do principe. Começouse em almeyrym ⁊ acabousena muyto nobre ⁊ sempre leall çidade de Lixboa. Per Hermã de cãpos alemã bõbardeyro delrey nosso senhor ⁊ empremidor. Aos xxviij. dias de setẽbro da era de nosso senhor Jesu cristo de mil ⁊ quynhent° ⁊ xvi anos.